

LOA VERMELHA

BENJAMIN
PERCY



LOA
VERMELHA



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

BENJAMIN PERCY

LOA
VERMELHA



Título original: *Red Moon*

Copyright © 2013 por Benjamin Percy

Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado mediante acordo com Grand Central Publishing, Nova York, NY.

“Furr”, escrita por E. Earley © 2008 Wild Mountain Nation Music (ASCAP).

Todas as marcas citadas neste livro pertencem aos respectivos detentores de direitos.

tradução

Fernanda Abreu

preparo de originais

Gabriel Machado

revisão

Diogo Henriques e Rebeca Bolite

diagramação

DTPPhoenix Editorial

capa

Andrew Smith

adaptação de capa

Miriam Lerner

imagem de capa

Natursports / Shutterstock

produção digital

SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Percy, Benjamin

Lua vermelha [recurso eletrônico] / Benjamin Percy [tradução de Fernanda Abreu]; São Paulo: Arqueiro, 2013.

recurso digital

P484L

Tradução de: Red moon

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-222-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

13-
05662

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

*Para Lisa, a chefe,
e
para minha mãe*

Percebi que estamos todos com a peste, e minha paz se foi.

– ALBERT CAMUS, *A peste*

E não quero mais saber o que é certo e o que é errado

Porque minha pele virou pelo.

É, e meus pensamentos com certeza

Viraram instinto e obediência a Deus.

– BLITZEN TRAPPER, ‘Furi’



CAPÍTULO 1

Ele não consegue dormir. Durante a noite inteira, mesmo de olhos fechados, Patrick Gamble fica vendo os números vermelhos do relógio avançarem – 2:00, 3:30, 4:10, 4:30 – e levanta-se antes de o despertador tocar. Acende a luz e veste a calça jeans e a camiseta preta dobradas uma por cima da outra, prontas para aquele instante, o instante que ele passou os últimos dois meses temendo. A mala está aberta no chão. Ele joga a nécessaire lá dentro depois de cambalear pelo corredor até o banheiro para esfregar um desodorante em bastão nas axilas e escovar os dentes, enchendo a boca com espuma de creme dental sabor hortelã.

Fica em pé junto à mala e aguarda, como se desejar com força suficiente pudesse fazer suas esperanças virarem realidade, aguarda até sua esperança inflada murchar, até sentir a presença do pai na soleira do quarto e se virar para olhá-lo quando ele diz:

– Está na hora.

Não vai chorar. Foi o pai quem lhe ensinou isso, a não chorar, e se o pranto for inevitável, ele terá que disfarçar. Fecha o zíper da mala, coloca-a de pé e se olha no espelho do armário – maxilar escurecido pelas costeletas de alguns dias, os olhos tão roxos de insônia que parecem flores já murchas – antes de atravessar o corredor até a sala onde o pai o espera.

A picape já está ligada em frente à casa. O ar recende a pinheiro e cano de descarga. A luz do sol já começou a despontar no céu noturno, mas não passa de um brilho débil, uma falsa aurora. As rodinhas da mala escavam sulcos no chão de cascalho e seu peso obriga Patrick a usar as duas mãos para arrastá-la. O pai tenta ajudá-lo e ele afirma:

– Não precisa. – Ergue a mala até a caçamba do carro.

– Desculpa – fala o pai, e a palavra fica suspensa no ar até Patrick fechar a traseira com força.

Ambos sobem na picape e, sobre o banco do carona, Patrick encontra um sanduíche de pão torrado com manteiga de amendoim envolto em papel-toalha, mas seu estômago está sensível e ele não consegue dar mais do que uma mordida.

Os dois seguem pela longa trilha de cascalho, com os faróis lançando sombras sinuosas pelo túnel de árvores. A princípio, se encontram sozinhos em uma estrada rural de condado, porém são logo cercados pelo tráfego da Interestadual 580 e seguem rumo ao sul, na direção de São Francisco. Metade do céu está repleta de estrelas, o resto obscurecido por nuvens pretas feito fuligem nas quais às vezes pulsa o fio dourado de um relâmpago.

– Tomara que o tempo abra e o avião decole sem problemas – diz o pai.

- É, tomara.
- Está com o telefone do Neal?
- Estou.
- Se as coisas com a sua mãe ficarem esquisitas...
- Sim.
- Não acho que vão ficar, mas, se ficarem, ele mora a três horas de carro.
- Eu sei.

O céu clareia até adquirir um tom de ameixa e, ao ver o sol, as estrelas e as nuvens se digladiarem no céu, Patrick pensa que é assim que as coisas são por ali, divididas igual à paisagem – oceano e floresta, deserto e cidade, nuvens, sol e névoa – como se fossem vários mundos esmagados em um só.

O sol ainda leva mais uma hora para surgir no horizonte, e seus olhos doem ao fitá-lo. O pai segura o volante como se fosse necessária muita força para controlá-lo. Nenhum dos dois diz nada, pois não há nada a dizer. Tudo já foi dito. Patrick não quer ir, mas isso é irrelevante considerando que deve ir. O mesmo vale para o pai. Ambos são obrigados.



O céu está congestionado de nuvens. Chuvisca. Gaivotas grasnam. A neblina oculta a baía. Não muito longe, os morros castanhos são apenas uma presença enevoadada e o barulho do tráfego não passa de um vago rosnar dos carros que saem da rodovia para adentrar ruas de acesso mais estreitas que conduzem a rampas de estacionamento, centros de locação de automóveis, terminais do aeroporto. Um deles, um sedã preto com uma grade prata na dianteira, mergulha no subsolo em direção à área de desembarque do Aeroporto Internacional de São Francisco, mas não para onde os outros param, não encosta no meio-fio, não abre o porta-malas nem acende o pisca-alerta. O carro passa pelos outros, dobra a esquina e vai até uma curva na rua margeada por muros de concreto, onde diminui a velocidade o suficiente para a porta se abrir e um homem saltar e se afastar sem se despedir nem olhar para trás.

Um minuto depois, o homem passa sob a placa que informa TERMINAL com um leve sorriso nos lábios. Parece um executivo a caminho de fechar um negócio. Carrega a típica pasta de couro preta com fechos prateados. Seus sapatos oxford da Nunn Bush foram encerados até ficarem com um brilho cor de opala. Usa terno grafite bem-passado, camisa branca engomada e uma gravata vermelha. Alguns fios grisalhos aparecem nos cabelos repartidos com esmero para um dos lados e escurecidos por gel até ficarem da cor do carvão. Ele é como centenas de outros homens no aeroporto naquela manhã. Seu rosto não tem nada de destacado.

Quem olhar com mais atenção, porém, talvez repare nas bochechas pálidas, no

pescoço irritado e coberto de casquinhas de ferida onde antes havia uma barba, raspada na noite anterior. Quem sabe note os nós dos dedos esbranquiçados tamanha a força com que ele segura a pasta? Ou a vermelhidão nos cantos dos olhos após uma noite insone. Talvez perceba também o maxilar contraído, os músculos tesos a latejar.

Essa é a hora mais movimentada do dia, quando os seguranças, comissários de bordo e outros passageiros menos reparam no que acontece à sua volta e o aeroporto é um borrão de corpos, um carnaval de sons. O sensor de movimento acima da entrada pisca, a porta dupla automática se abre e o homem adentra a área de restituição de bagagens. Há um grupo de turistas japoneses vestidos com conjuntos esportivos verde-néon. Um homem obeso que mal cabe na cadeira de rodas. Um casal de ar exaurido arrastando atrás de si crianças de rosto avermelhado e mochilas abarrotadas. Um velho de blusão cinza e sapatos com fecho de velcro que pergunta “Como foi que esse bicho entrou aqui?” com a cabeça inclinada para trás e os olhos apertados, encarando as vigas metálicas do teto sobre as quais está pousado um corvo.

O homem passa por toda essa gente, sobe uma escada rolante, passa pelos guichês de passagens e vai até o controle de segurança. Seu corpo permanece tenso, levando-a à frente, e os olhos não se fixam em nada nem por um instante, com aflição. Ele leva a mão ao bolso da frente do paletó, do qual o cartão de embarque impresso na noite anterior desponta como um lenço bem dobrado, como para se assegurar de que o papel de fato está ali.

O segurança, de cabelos cortados à escovinha e corpo robusto, mal ergue os olhos ao examinar a carteira de habilitação do homem com uma lanterninha de luz halógena e em seguida rubricar o cartão de embarque. Então lhe devolve os dois.

– Tudo certo – aprova.

– Obrigado.

A fila está grande, mas avança depressa pelo labirinto de cordões pretos. Ao passar pelo detector de metais, o homem fecha os olhos e prende a respiração. O segurança acena para ele prosseguir.

– Pode ir.

Instantes depois, o aparelho de raios X cospe sua bandeja e ele recolhe os sapatos, a pasta, a carteira e o relógio de prata, que confere de relance enquanto prende ao pulso: o embarque é dali a quarenta minutos.

Ele não comeu nada ainda e sente o estômago contraído devido à acidez. Porém, o cheiro de fast-food, de salsicha e de ovo é demais para ele. A fome lhe toma o corpo. Ele pede um sanduíche e fica andando de um lado para o outro, esperando ficar pronto. O garçom chama seu nome e ele apanha o saquinho, abre-o com um rasgão e mal consegue respirar antes de enfiar o sanduíche na boca e devorá-lo.

Lambe a gordura do papel e o amassa, formando uma bolinha que joga no lixo. Chupa os dedos. Limpa a mão na coxa sem se preocupar por estar sujando a calça e olha em volta, pensando se terá chamado a atenção de alguém. Ali perto, uma velha senhora – rosto de maçã ressequida, cabelos felpudos como um dente-de-leão – o observa sentada em uma cadeira de rodas, e sua boca aberta revela uma fileira de dentes amarelados.

– Que fome – comenta ela.

Ele acha seu portão de embarque e se posta junto à janela salpicada de chuva. Seu reflexo lembra um fantasma, e através dessa imagem ele observa a aeronave estacionada lá fora. Atrás dela, caminhões de abastecimento e carrinhos com bagagens passam chispando por cima de poças pretas que espirram água e tremulam o mundo ali refletido. Homens de colete laranja e verde fosforescentes por cima das capas de chuva jogam malas sobre uma esteira que sobe para as entranhas de um avião. Mais longe, um Boeing 747 dispara pela pista como uma bala gigante, ganhando cada vez mais velocidade, erguendo o nariz e em seguida o corpo inteiro até começar a subir e se descolar do asfalto. Então se perde em meio às nuvens e desaparece.

Ele olha várias vezes para o relógio. A gravata está apertada demais. O terno o deixa com calor. Ele quer tirar o paletó, mas pode sentir a camisa grudada na pele e sabe que o tecido estará manchado em alguns pontos e quase translúcido na base das costas, onde o suor parece se acumular. Usa o cartão de embarque para enxugar o suor da testa, borrando a tinta.

A funcionária da companhia aérea começa a falar no alto-falante e anuncia o número e o destino de seu voo: 373 para Portland, Oregon. A voz é metálica, ensaiada. Os passageiros da primeira classe podem embarcar, avisa ela, bem como os portadores de cartões fidelidade categoria ouro e prata. Ele confere as horas e o cartão de embarque pelo que parece ser a centésima vez naquela manhã. A decolagem está prevista para dali a vinte minutos e ele irá embarcar no Grupo 2. Sente vontade de andar de um lado para o outro. Precisa se concentrar para continuar parado.

Mais alguns minutos transcorrem. Ele cogita se juntar ao aglomerado de pessoas em pé junto ao balcão da companhia esperando para embarcar, mas pensar em todos aqueles corpos, em seu calor e em seu cheiro o leva a permanecer sozinho junto ao vidro.

Passageiros com crianças pequenas e aqueles que necessitam de ajuda especial são convidados a embarcar. Em seguida chamam o Grupo 1. E, finalmente, o Grupo 2. Ele se encaminha depressa para o portão, mas no início não sabe direito aonde ir nem diferenciar quem está embarcando e quem está aguardando, ali em meio à massa confusa de pessoas e bagagens com rodinhas. Ninguém se mexe, como um

muro de carne, e ele sente o ímpeto de empurrá-las, de jogar alguma coisa, mas consegue se conter, regularizar a respiração e contornar o grupo até encontrar os passageiros avançando lentamente em direção à funcionária, que passa os cartões de embarque em uma leitora com um sorriso vazio e repete obrigada, obrigada, obrigada.

Não reparou até então no pessoal de segurança extra junto ao *finger* do avião. Um homem e uma mulher, ambos de ombros largos e barrigas volumosas que transbordam dos uniformes. Estão examinando a fila. Esperando por ele, tem certeza. E dali a pouco, a qualquer instante, irão se precipitar para jogá-lo no chão e algemá-lo. Ele já está a poucos metros quando eles removem da fila uma mulher de chapéu molenga e vestido solto de estampa havaiana e se desculpam, alegando ser uma revista aleatória.

– Para sua segurança – afirmam.

Ele sorri para a funcionária no momento em que ela pega seu cartão.

– Obrigada – diz ela.

– Eu que agradeço.

Vai seguindo a fila irregular de passageiros, todos inclinados para um dos lados, sustentando nos ombros o peso de laptops, conforme avançam devagar para a goela do *finger*. Um vento frio e úmido sopra pelas frestas do túnel. Encharcado de suor, ele se arrepia.

– Tem medo de avião?

Uma voz de homem atrás dele. O sujeito é baixo e quadrado, tem cavanhaque e usa um boné e um blusão, ambos com o logo preto e laranja da Universidade Estadual de Oklahoma.

– Um pouco.

O *finger* dobra à esquerda e termina na porta aberta do avião. Uma das comissárias está em pé na área da cozinha logo depois da porta. Sorri para ele com os lábios bastante pintados.

– Bem-vindo a bordo.

Ele passa por ela, adentra o silêncio da cabine da primeira classe e, como todo mundo, caminha a passos sincopados pelo corredor. Os que já estão sentados viram as páginas de seus jornais com um farfalhar brusco. Os compartimentos de bagagem, todos abertos, parecem bocas escancaradas, prontas para engolir as bolsas de bebê e malas que os passageiros suspendem antes de se espremer até os assentos.

Ele não vai precisar da pasta. Não há nada lá dentro exceto canetas e um jornal do dia anterior. Guarda-a no compartimento e se acomoda em seu assento, o 13A. Mal tem tempo para erguer a proteção da janela e espiar lá fora quando o assento ao lado balança com o peso de um corpo que desaba.

– Olha eu aqui outra vez – anuncia o homem do cavanhaque.

Ele responde afivelando o cinto e o puxando para apertá-lo. Olha pela janela para o asfalto cheio de poças, para as pessoas que colocam as últimas bagagens na esteira, e torce para que o outro homem não diga mais nada.

Mas ele diz.

– Para onde você está indo?

– Portland.

– Ah, claro. Como todo mundo. É que eu não sabia se lá era seu destino final ou não.

– O destino final. – Ele tem dificuldade para formar as palavras, para travar qualquer tipo de conversa. Isso lhe parece irrelevante e dispersivo, pois sua cabeça parece estar em outro lugar, vinte minutos à frente do avião, já no céu. – É.

– A Cidade das Rosas. – O homem alonga a palavra *Rosas*. – Você é de lá?

– Não.

– Nem eu. Sou de Salém. – Ele assobia uma canção que se extingue instantes depois. Folheia a revista de bordo e o catálogo de vendas da SkyMall no bolso da poltrona à sua frente. – A propósito, meu nome é Troy.

Passageiros seguem cambaleando pelo corredor e, lá fora, jatos sobem e descem pela abóbada cinzenta, desaparecendo para surgir no minuto seguinte qual pássaros marinhos mergulhando à caça de alimento, com os rabos coloridos de vermelho, roxo e azul e os freios chiando na pista.

A porta dianteira do avião é fechada e trancada. A pressão do ar se intensifica. Seus ouvidos entopem. A comissária lhes dá as boas-vindas pelo sistema de som e fornece algumas informações sobre o voo antes de iniciar um discurso ensaiado sobre cintos e a segurança dos passageiros. O homem faz força para ignorar o zumbido alegre de sua voz. Os dutos de ventilação sibilam. O motor ronca. A aeronave recua para longe do portão de embarque e em seguida avança, fazendo uma série de curvas a 45 graus até assumirem sua posição na pista e a voz do piloto bradar nos alto-falantes:

– Tripulação, preparar para a decolagem.

Quando o avião dispara e começa a ganhar velocidade, as gotas de chuva na janela põem-se a descer na diagonal e se transformam em rastros finos e tremeluzentes. Eles rugem pela pista até decolarem e, nesse primeiro instante de voo, apesar da gravidade que o gruda à poltrona, o homem se sente sem peso algum. Contempla a cidade enevoada que se espalha lá embaixo. Nesse exato momento, em seus carros, pelas calçadas, pessoas olham para cima e observam aquele avião, pensa ele. Decerto se perguntam para onde ele está indo, quem está a bordo, que aventuras o futuro lhes reserva – e o fato de conhecer a resposta lhe dá uma sensação de poder tão grande que ele chega a ficar inebriado.

Troy se inclina para perto até seus ombros se tocarem.

– Não fique nervoso. Andar de avião é moleza. Eu ando sempre.

O homem se dá conta de que tem a boca aberta, a respiração acelerada. Trinca os dentes com um estalo. Pisca depressa.

– Está tudo bem.

– O negócio é o seguinte. Quase todos os acidentes de avião... Eu li isso, parece que é verdade, ou talvez tenha visto na TV... Bom, quase todos os acidentes acontecem quando o avião está decolando ou aterrissando. A decolagem, acho que se pode dizer, dura até a hora em que chegamos à altitude de cruzeiro. No momento em que isso acontecer, a comissária vai avisar que podemos usar os computadores. E vamos ouvir um bipe. – Ele faz a mão se abrir como uma flor ao falar *bipe*. – Aí você vai saber que está seguro. Estatisticamente, quero dizer.

Nos minutos que se seguem, o homem fita as nuvens que se enroscam ao redor do avião. Então, uma sineta suave soa acima.

– Pronto! – exclama Troy. – Estamos safos.

A comissária torna a falar no sistema de som e avisa que a utilização de aparelhos eletrônicos portáteis aprovados já é permitida. Mas haverá turbulência pelos próximos trinta minutos e, portanto, ela pede a todos a gentileza de manterem os cintos afivelados e de só se levantarem em caso de absoluta necessidade.

O avião chacoalha. Ou talvez seja ele quem esteja tremendo. Parece se projetar para a frente, como se fosse arrancado do próprio corpo. O coração martela no peito. O homem arqueja seguidamente. Troy está dizendo alguma coisa – sua boca se mexe – mas nada lhe é audível agora.

Seu cinto de segurança se desafivela com o mesmo ruído de um canivete de mola.



Patrick não deveria ter pedido a Coca grande. Porém, estava cansado, não bebe café porque tem gosto de terra, e a Coca grande custava só dez *cents* a mais do que a média... Então ele pensou “ah, que se dane”. A manhã merecia. Uma manhã *daquelas*. Seu pai o está abandonando, largando o emprego na cervejaria e indo embora para lutar em uma guerra, pois sua unidade foi ativada. E Patrick está abandonando o pai, a Califórnia, os amigos, o colégio, deixando para trás tudo o que definia sua vida, tudo o que o fazia ser *ele*. Embora sua vontade seja socar janelas, botar fogo em algum prédio ou bater com o carro em um muro de tijolos, precisa se manter relativamente tranquilo. Precisa dizer *que se dane*. Porque seu pai lhe pediu. “Eu não quero ir. E você também não quer ir. Mas nós dois temos que ir. E é só por doze meses”, explicou ele. “Considere isso umas férias. Uma oportunidade para conhecer sua mãe um pouco melhor.” Doze meses. É esse o tempo que vai durar a missão do pai. Patrick tem que entubar aquilo e aguentar firme até o fim.

Só que agora ele precisa mijar. E está sentado na janela. E não há jeito de passar

discretamente pelas duas mulheres ao lado sem obrigá-las a fechar os computadores, se levantar, sem provocar um escarcéu danado e fazer todo mundo no avião erguer os olhos para ele, encará-lo e pensar “ah, aquele menino precisa fazer xixi”. E elas o imaginarão mijando quando ele se trancar no armário com cheiro de produto químico que faz as vezes de banheiro e lutar com o zíper da braguilha e tentar manter o equilíbrio e não se mijar todo enquanto a turbulência sacode o avião. Talvez dê para segurar. Ou talvez não: ainda faltam duas horas até Portland e a pressão é tão forte que a bexiga começa a latejar. Ele já está prestes a tocar o pulso da vizinha de assento, a lhe pedir licença, dizer que sente muito mas precisa se levantar, porém, duas fileiras à frente, um homem de terno grafite levanta-se da poltrona.

Está pálido, com o rosto coberto de suor. Seu corpo parece latejar, quase como se ele estivesse vibrando. Os cabelos meticulosamente penteados começam a se soltar em fios grisalhos que lhe caem pela testa. Patrick se pergunta se a turbulência o estará enjoando, se ele vai vomitar. O homem cambaleia pelo corredor, abre a porta do banheiro com um safanão, entra e se fecha lá dentro com um baque.

Patrick solta um palavrão entre os dentes. Não apenas precisa esperar, mas justo um vomitão que vai deixar o espelho, a privada e a maçaneta todos emporcalhados. Ele se vira no assento a cada minuto para verificar o banheiro, torcendo para a porta abrir. Sempre que olha para lá, vê mais uma pessoa em pé no corredor, todas de braços cruzados e expressão pensativa, aguardando. Talvez devesse ir para lá também.

Ele desafivela o cinto de segurança e abre a boca, pronto para pedir licença e se levantar, quando um rosnado rascante vem dos fundos do avião. Com o estrondo das turbinas e o burburinho de tantas vozes, é difícil identificar o som. Será que o avião está com algum problema? Lembra-se de ter visto uma reportagem sobre quantas aeronaves estão com a manutenção atrasada e não deveriam sequer estar voando. Vai ver a turbulência soltou os parafusos que prendem a cauda do avião.

Um rosnado ecoa pela aeronave, um longo rugido gutural, e embora seja difícil identificá-lo, parece mais animal do que mecânico. Na cabine, tudo agora é silêncio, com exceção dos rangidos das poltronas quando as pessoas se viram para trás com uma expressão aflita.

Então a porta do banheiro se abre com um estrondo.

Um careca de casaco de moletom é o primeiro na fila do banheiro – e, portanto, o primeiro a morrer. A porta o empurra para trás. Ele teria caído não fosse o corredor estreito em que está. A parede o apara e o impede de recuar mais no momento em que a coisa sai do banheiro e se precipita como um espectro cinza, uma massa borrada de pelos, músculos e garras. Ela golpeia com um braço. O grito do careca se interrompe; sua garganta se rasga e é substituída por uma segunda boca vermelha. Ele leva as mãos ao pescoço, como se pudesse conter o sangue, que esguicha entre

seus dedos. Como para compensar o súbito silêncio, os outros passageiros começam a gritar e todas as vozes se unem como uma sirene vacilante.

A criatura começa a avançar pelo corredor.

Patrick pensa em um gambá que seu pai capturou certa vez. Eles moravam em uma pequena fazenda ao norte de São Francisco, perto de Dogtown, 2 mil metros quadrados de pés de cenoura, tomate e amora, três cabras, colmeias, um galinheiro. Um dia, as galinhas começaram a cacarejar apavoradas. Seu pai chegou correndo e, ao varar a escuridão e o redemoinho de penas com a luz da lanterna, encontrou o chão coalhado de ovos quebrados e, no canto, uma galinha agonizante à qual faltava uma asa e um naco do pescoço. Assim, eles resolveram armar uma arapuca, uma gaiola com a porta acionada por uma mola que se fechava sozinha. Como isca, usaram ovos cozidos e bananas passadas. Na noite seguinte pegaram o gambá. O bicho sibilava, andava de um lado para o outro e se atirava nas grades, mordendo-a com os dentinhos afiados e esticando uma das patas para riscar o ar com as garras. Patrick certa vez ouvira o professor de ciências dizer que os animais não sentiam como os seres humanos, mas tinha certeza de que ele estava errado. Aquele gambá sentia muita coisa. Sentia raiva e ódio. Queria matá-los pelo que tinham feito com ele. E mesmo sabendo que estava seguro, que a gaiola não iria ceder, que o pai logo enfiaria uma pistola por entre as grades e daria um tiro, Patrick manteve distância e se encolhia a cada vez que o gambá projetava o corpo contra as barras.

É claro que ele sabe o que a coisa é. Um licano. Passou a vida inteira ouvindo falar neles, leu sobre eles em romances, livros de história, jornais, viu-os em filmes e programas de TV. Mas nunca tinha visto um, não ao vivo. A transformação é proibida.

O licano se move tão depressa que Patrick quase não consegue distingui-lo ou gravar uma imagem; sabe apenas que se parece com um homem, só que coberto por uma penugem cinza parecida com o pelo do gambá. Seus dentes cintilam. A espuma de um assento rasgado transborda para fora como uma tripa de banha. O sangue espirra e tinge as janelas do avião, pinga do teto. Às vezes a coisa está de quatro, outras vezes equilibrada nas patas traseiras. É corcunda. Tem a cara dominada por um focinho achatado e dentes compridos e afiados como dedos magros, o sorriso ossudo de uma caveira. E as patas, imensas, ornadas por longas unhas, estão avidamente esticadas e rasgam o ar. O rosto de uma mulher é arrancado feito uma máscara. O intestino é removido de um ventre. Um pescoço é devorado até o osso em um beijo apavorante. Um menininho é puxado e arremessado contra a parede, fazendo silenciar seus gritos.

O avião balança. O piloto berra algo no sistema de som, mas sua voz se perde em meio aos gritos que enchem a cabine. Algumas pessoas choram. Outras rezam. Algumas sobem nas poltronas e abrem caminho aos empurrões corredor acima, onde

se põem a bater na porta do cockpit com punhos, pés e ombros, desesperadas para entrar, para fugir do horror que avança em sua direção.

Patrick se lembra de um talk show a que assistira por acaso poucos dias antes. O entrevistador era um homem bonachão com cara de criança que discorria sobre os licanos, os protestos na capital e a situação na República. “Igualdade uma ova”, dizia, encarando a câmera com um olhar febril. “Não vá me dizer que meu cachorro tem os mesmos direitos que eu. Quem tomou essas decisões foi a biologia, não eu.”

Seu pai pegou o controle remoto e desligou a televisão. “Esse cara me faz perder o apetite”, falou. Ele deu uma garfada no espagete, mas, em vez de comê-lo, ficou girando-o até formar uma gororoba vermelha. Tinha o rosto pálido e inchado por causa de todas as injeções, vacinas temporárias que poderiam ajudar a evitar o contágio caso ele fosse mordido. Iria embora dali a poucos dias com sua unidade da região da baía de São Francisco, a 235ª Companhia de Engenheiros, primeiro ao Arsenal de Petaluma para uma semana de treinamento intensivo e depois ao exterior, para a República, onde o principal objetivo era liberar as estradas, remover e desativar as bombas dos acostamentos. As bombas caseiras haviam aumentado nos últimos tempos, assim como as emboscadas e os tiroteios. Os licanos lutavam tanto com armas quanto com as próprias garras; queriam que as forças americanas fossem embora, queriam seu país de volta. Já pronta, a mochila de seu pai aguardava junto à porta dos fundos, abarrotada e verde, fazendo Patrick pensar em um imenso intestino retirado da carcaça de um cervo.

A guerra era o motivo pelo qual aquilo estava acontecendo. Era por causa dela que ele se achava naquele avião e o licano destruía a aeronave. Patrick amaldiçoa a guerra, o licano e o próprio pai; deseja que ele estivesse ali naquele momento. O pai iria cerrar os punhos para lutar. Não iria se mijar de medo como Patrick, que sente o jeans quente e encharcado quando a Coca enfim sai, banhando as pernas e inundando os sapatos.

Os fundos do avião estão cobertos de sangue, que escorre de estranhos desenhos pintados nas paredes como pinturas rupestres. Há corpos caídos por toda parte em diversas posições, como um jardim de estátuas em ruínas. Até agora, a mulher ao lado de Patrick não se mexeu nem disse nada, congelada no próprio medo. Seu laptop continua aberto e uma das mãos ainda está sobre o teclado, pressionando com tanta força que uma palavra interminável, que ninguém jamais lerá, preenche o arquivo, fazendo a barra de rolagem descer continuamente. Quando o licano se aproxima de sua fileira, ela tenta se levantar, mas não consegue, presa pelo cinto. Choramanga enquanto o desafivela com gestos atabalhoados, levanta-se da poltrona e hesita no corredor, virando-se para arrancar o laptop de cima da mesinha. Nesse instante, a criatura se estica para a frente, agarra o computador e o usa para esmagar a cabeça da mulher, produzindo um *ploft* abafado e uma centelha fumegante.

Pedaços de plástico chovem pelo chão. Fios ficam pendurados qual veias em volta do pescoço dela, onde ainda está presa uma parte do monitor. O licano a puxa mais para perto como se fosse lhe dar um abraço e mergulha a cara triangular em seu pescoço.

Nesse instante, ouve-se um grito mais alto do que todos os outros. Um asiático – um dos comissários de bordo – vem subindo depressa o corredor; o massacre ao redor torna seus passos lentos e cambaleantes. Ele veio da cozinha dos fundos e segura em uma das mãos uma garrafa térmica fumegante e, na outra, um abridor de latas com um dente curvo e prateado.

O monstro joga a mulher para o lado na mesma hora em que o homem atira o café, formando um arco de líquido marrom. O corpo da mulher cai por cima de Patrick antes de ele conseguir ver o que está acontecendo, mas ele ouve o licano soltar um grito muito agudo e inconfundível de dor.

É arremessado contra a parede. Não empurra a mulher para longe. Deixa que ela caia por cima dele entre as poltronas, que o proteja como um escudo. O cheiro do perfume dela se mistura com o de seu sangue. É difícil ter certeza por causa da turbulência, mas seu corpo parece estremecer, e Patrick pensa que ela talvez ainda esteja viva. Dá-lhe um abraço apertado. Fecha os olhos e, nessa sua escuridão particular, tenta se imaginar de volta à própria cama, de volta à Califórnia, esperando o pai acordá-lo para lhe dizer que está na hora de ir. Queria poder tapar os ouvidos também, para não ouvir os gritos que prosseguem pela meia hora seguinte, a mais longa de toda sua vida.

CAPÍTULO 2

É agosto e já neva. Flocos grossos roçam sua janela pelo lado de fora. Ela está sentada diante da escrivaninha que o pai fabricou com uma velha cerejeira, os pés em forma de patas de animal gravados com uma pelagem ondulada e com garras na parte rente ao chão. O móvel não combina com o resto do quarto. A cama branca de baldaquino coberta por uma procissão de bichos de pelúcia, a penteadeira no mesmo feitio com trepadeiras desenhadas a estêncil nas gavetas e o tampo coberto por uma confusão de produtos de maquiagem e frascos de perfume. A estante bamba que afunda sob o peso de romances de fantasia e coleções de fábulas e contos de fadas. As pilhas de roupas malcheirosas, a manta laranja, as paredes roxas decoradas com cartazes do musical *Cats*, da banda Wilco e de *O mágico de Oz*. A cortiça decorada com fotos de reuniões de ex-alunos, um descanso de copo, um chaveiro de carinha amarela sorridente, tiras de quadrinhos desbotadas, medalhas de atletismo e um velho enfeite de pulso em forma de rosa, presente de algum menino para quem ela não dava a mínima e que agora parece um coração ressequido.

Claire abre um catálogo universitário, um entre os mais de vinte empilhados em uma torre inclinada. Sua sensação é de já ter disparado centenas de e-mails para os departamentos de matrícula pedindo informações. Cursa o último ano do ensino médio e planeja sua fuga, atrás de algo que não seja o frio interminável, o peixe com batatas fritas da sexta-feira, a polca e as tabernas de paredes revestidas com painéis de pinho e telhados de aço que o norte do Wisconsin tem a oferecer.

Em um bloco vai anotando custos de anuidade, tamanhos de turmas, taxas de admissão, número de alunos, programas bem-avaliados e informações turísticas sobre cidades grandes e pequenas. Além, é claro, da distância que as separa de sua casa, um dos elementos mais importantes. Pouco lhe importa a avaliação do departamento de língua inglesa do Macalester College – se a instituição estava a 800 quilômetros de casa, não lhe interessava.

Não que ela venha de um lar desfeito ou de uma família sem amor. A mãe vive lhe dando bronca. O pai já lhe bateu – uma vez, pouco depois de ela aprender a andar – por ter saído de casa, atravessado o quintal e ido até a rua. Os dois vivem batendo boca por causa de política e raramente vão a outro lugar nas férias que não seja o complexo turístico de Wisconsin Dells. Tirando isso, ela é uma menina de sorte, mimada até. Sabe disso. Mas sabe também – desde que era criança, com a cara enterrada em um livro – que anseia por algo mais, quase como um gosto que lhe enche a boca e se espalha pelo corpo até a medula, até os espaços mais recônditos da alma. Aventura. Do tipo que não se encontra ali, naquela aldeia cercada de árvores onde os pinheiros são grossos, os lagos, cristalinos, e o queijo está sempre

ao alcance da mão.

Palmeiras eram uma boa ideia. Ela se imagina lendo um livro de faculdade em uma praia de areia branquinha com um mar tão azul quanto as garrafas antigas que a mãe tem enfileiradas no peitoril do banheiro.

A luz do abajur imprime aos catálogos um tom dourado. Ela os folheia uma primeira vez por causa das fotos e então uma segunda para anotar informações, do mesmo jeito que algumas de suas amigas percorrem revistas de moda. Adora as fotografias. Os campanários, os caminhos de pedestre calçados de tijolo, os gramados banhados de sol. Celebidades falando para auditórios lotados. Bibliotecas de madeira escura com vitrais, por onde se filtra a luz. Meninos sem camisa com colares de cânhamo no pescoço jogando frisbee. Meninas enlameadas de pescoço grosso correndo umas atrás das outras em campos de rúgbi. Alunos sentados à sombra de olmos com laptops e blocos abertos, e um professor de roupa esquisita e cabelos desgrehados à frente. A visão daquelas fotos aquece seu ventre com uma sensação muito semelhante à fome.

Algumas instituições, observa, informam a porcentagem de licanos e mencionam grupos de apoio, alojamentos e grêmios masculinos e femininos, outras não. Em algum lugar de sua pilha há um catálogo da William Archer. Seus pais estudaram lá, e embora o pai não houvesse insistido para ela se candidatar, mencionara o assunto várias vezes ao falar da experiência incrível que tivera naquela faculdade, do programa de bolsas e da sensação de segurança e conforto quando se está cercado por semelhantes. “Especialmente nestes tempos tão difíceis”, concluiu ele.

Ela não está interessada. Já convive com licanos demais. Seus pais sempre organizam reuniões e festas, e a maioria das pessoas que participa delas é igual a eles: obcecadas, sempre batendo com o punho na palma da mão e falando com uma voz enfática, quase um lamento, sobre a forma injusta como os licanos são tratados, sobre como as tropas americanas continuam ocupando a República Lupina só para manter o controle das reservas de urânio. Sobre como as coisas *precisam* mudar. Ela entende. Entende mesmo. Mas eles são sempre de um esquerdismo tão virulento que ela às vezes sente vontade de objetar, de assinalar que a liderança da República na realidade *apoia* a participação americana na exploração de combustível e na manutenção da ordem e que apenas um grupo isolado de licanos extremistas parece incomodado com a ocupação – mas nunca se acha instruída o suficiente para abrir a boca e não quer deixá-los ainda mais exaltados.

Além disso, não se importaria em falar sobre outros assuntos também, como seu episódio favorito de *Buffy, a caça-vampiros*, o bafo de onça de Mike Romm ou como dá para ver a protuberância bem definida na frente da calça social do professor Bronson durante a aula de cálculo. Ou sobre qualquer outra coisa. Ela não gosta de ser o que é. Seus pais detestariam ouvi-la dizer isso, mas é verdade. A

dualidade de sua condição às vezes a faz se sentir cindida ao meio, como se estivesse em guerra contra si mesma. A vida é mais fácil quando essa sua parte permanece adormecida, negligenciada.

E embora William Archer fique em Montana, perto de Missoula, e preencha o seu requisito dos 800 quilômetros, o campus fica no alto de um vale em forma de cuia cercado por montanhas e, pelo menos nos próximos quatro anos, ela não quer mais saber de frio. Lá fora, a neve delicada cai em flocos dançantes e seu olhar se fixa na imagem refletida na janela.

O vidro lhe dá um aspecto pálido, e ela sabe que o tom corado do rosto, o bronzeado que tanto se esforçou para pegar no verão – besuntando a pele com óleo de bebê enquanto cortava a grama, fazia esqui aquático em Loon Lake ou tomava sol nas pedras que circundam suas margens –, logo irá se desvanecer à medida que as nuvens se adensarem no céu e ela se transformar em uma múmia coberta de gorros, cachecóis e sobretudos para afugentar o vento que desce assobiando lá do Canadá.

Torna a pensar na praia, uma praia de areia branquinha. Está estendida sobre uma toalha vermelha que combina com o esmalte do pé e com as listras que riscam o biquíni verde. Sua barriga está queimada e lisa feito uma panqueca, o nariz salpicado com as sardas que o sol faz surgir. Ela deixou o livro de estudos de lado porque um homem – esbelto e musculoso, sem camisa, com uma farta cabeleira negra – vem em sua direção trazendo uma cesta de piquenique cheia de vinho, morangos e chocolate. É Raúl, seu namorado. Eles vão se conhecer na aula inaugural e transar pela primeira vez em uma rede amarrada em duas palmeiras. A pele dele terá sabor de sal e o seu sorriso será tão branco quanto a polpa de um coco.

Seu pai grita do andar de baixo para a televisão a que passou a maior parte do dia assistindo, e a areia branca do sonho se ergue em um redemoinho cintilante até ser substituída pela neve branca que passa roçando a vidraça.

Mais cedo nesse dia, ela encontrou a amiga Stacey na Starbucks, e depois as duas foram a pé até o parque, onde tomaram seus cafés favoritos sentadas nos balanços, sacudindo as pernas sem convicção e raspando o cascalho do chão com a sola dos tênis. A frente fria começava a chegar, o céu de um cinza revoltado escondia o sol e os balanços à sua volta começavam a estalar como se estivessem vivos ou habitados por fantasmas.

– Não é justo – reclamou ela. – Nossos últimos dias de verão... Estão nos passando a perna.

Quando voltou para casa, com o nariz vermelho e escorrendo por causa do frio, encontrou a mãe sentada no sofá e o pai andando de um lado para o outro em frente à lareira onde o fogo crepitava e cuspiam fagulhas. Pôde ver que havia interrompido uma conversa. Ambos olharam para ela, o pai com a boca aberta e a mão erguida no

meio de um gesto. As chamas estalaram e se inclinaram por causa do vento, depois se endireitaram, sinuosas, no momento em que ela fechou a porta.

– O que houve? – perguntou ela.

Sua mãe é ossuda e tem um rosto retangular emoldurado por cabelos curtos que já estão ficando grisalhos. Nessa manhã, vestia jeans e um moletom vermelho de capuz. Suas pernas cruzadas se moviam como uma tesoura.

– Aconteceu uma coisa – disse ela, e olhou para o marido, esperando que ele explicasse.

O pai de Claire às vezes não parecia combinar muito com a esposa: grandalhão, sempre em movimento e aos gritos, às vezes em tom de raiva, em geral com um entusiasmo pontuado por uma risada rouca. É um homem de constituição robusta, ombros largos e barriga proeminente, mas com um rosto bondoso que parece o de uma criança, só que vincado nas bordas como uma foto perdida no fundo de uma gaveta. Carpinteiro, trabalha por conta própria: sua oficina fica nos fundos da garagem; vive com as unhas machucadas e os cabelos cheios de serragem, como se fosse caspa.

Com uma voz roufenha e falhada, ele lhe contou sobre os atentados. Três aviões. Um deles caíra nos arredores de Denver, deixando uma mancha de fogo em um trigal. Os outros dois haviam conseguido aterrissar, em Portland e Boston, respectivamente, com os pilotos trancados e seguros no cockpit, mas apenas um passageiro ainda vivo, no voo 373, um adolescente ainda não identificado. Ninguém sabia muito além disso.

Seus pais a levaram para a cozinha, onde a televisão estava ligada sem som com as mesmas imagens se repetindo vezes sem conta: o plano distante de um avião estacionado na pista e cercado por veículos de emergência com as luzes piscando. A faixa vermelha na parte inferior da tela informava que todos os voos do país tinham sido suspensos, que uma célula terrorista de licanos era considerada responsável pelos atentados e que o presidente havia prometido uma reação rápida e severa.

Os pais a ladeavam, examinando-a à espera de uma reação.

Ela entendia o quanto aquilo era horrível, porém os fatos lhe pareciam muito distantes, irreais, como um filme ou o pesadelo alheio, e ela achou difícil processá-los. Tudo o que conseguiu dizer foi “Que horror”, como um ator que ensaia uma fala. O semblante do pai se endureceu. Ele já lhe dissera – quando ela comentara que não queria visitar o avô em um asilo – que ela não sabia o que era empatia. “Típica adolescente”, falara, e Claire o detestara por isso.

Pôde ver que o pai pensava o mesmo agora. Um rubor subiu pelo pescoço dele feito uma alergia.

– Por que vocês estão tão abalados? – indagou ela. – Quer dizer, eu entendo... É um horror essas pessoas terem morrido... mas vocês estão agindo como se as

tivessem matado, sei lá.

Os pais trocaram um olhar que ela não soube interpretar.

Ela se recolheu ao quarto pelo resto da tarde e gritou lá para baixo apenas uma vez, debruçada no corrimão da escada, perguntando à mãe se ela afinal de contas ia fazer o jantar. A mãe respondeu tão baixinho que Claire mal escutou a resposta:

– Estou sem fome.

Ouviu o barulho da televisão algumas vezes e, quando ela silenciava, a voz do pai falando ao telefone em sussurros ásperos.

Pouco antes, o pai fora até seu quarto. Em geral, ele simplesmente entrava direto e dizia “Oi, oi”, mas nessa noite bateu e aguardou.

Ela abriu apenas uma fresta da porta e questionou, com a mão na maçaneta:

– Que foi?

Seu pai deu um passo à frente, em seguida pensou melhor e recuou, pigarreou e perguntou se podia entrar. Queria conversar com ela sobre um assunto.

Ela suspirou e caiu sentada na cama, e ele andou pelo quarto como quem tenta decidir onde sentar antes de se acomodar a seu lado, fazendo o colchão afundar mais alguns centímetros com o peso e levando-a a se inclinar na sua direção. Estava com uma expressão pensativa e segurava com dois dedos um envelope branco que lhe estendeu.

– O que é isso?

– Eu não sei o que vai acontecer. Talvez nada. Mas, se alguma coisa acontecer, eu quero que você abra isto.

Ela deixou escapar um suspiro.

– Deixa de ser dramático.

Pegou o envelope e o atirou longe, e o papel rodopiou até sua escrivaninha como um pássaro com a asa partida. O pai não desgrudou os olhos do objeto. Não conseguia encarar a filha. Ela reparou em uma lasca de madeira emaranhada em seus cabelos acima da orelha e a removeu, e ele tocou distraidamente o local remexido.

– Pai – chamou ela.

– Ahn?

Ela não conseguia acreditar que alguém fosse lhes dar importância. Eles eram uma família chata. Moravam num fim de mundo. Não tinham feito mal a ninguém.

– Você acha que eles vão pôr todos os licanos do país na cadeia? Isso não tem nada a ver com a gente.

O pai abriu as mãos e as fitou como se a resposta pudesse estar nas linhas grosseiras das palmas.

– Tem coisas que você não sabe.

– Que papo é esse?

Ele sorriu com tristeza, passou um braço à sua volta e a puxou mais para perto. O

nariz dela se encheu com cheiro de seiva e loção pós-barba.

– Eu provavelmente estou me preocupando sem motivo. Mas é melhor prevenir do que remediar.

A mãe chamou do andar de baixo:

– Howard? Seu celular está vibrando.

– Tá bom! – gritou ele. – Já vou!

Levantou-se, e a cama retomou o formato original com um rangido aliviado do colchão de molas. Ele foi até a escrivaninha, pousou um dos dedos de ponta quadrada sobre o envelope e deu duas batidas.

– Faz o que eu pedi, tá?

– Tá.

Claire empurra os catálogos universitários de lado, franze os lábios e pega o envelope, vira-o e testa seu peso com a ponta dos dedos. Não sabe se ele contém dinheiro. Ou uma carta. Ou as duas coisas. Não sabe quando deve abri-lo, agora mesmo ou não. Como irá saber?

Tampouco sabe o que está acontecendo lá fora nesse mesmo instante, quando furgões blindados e sedãs pretos com placas do governo surgem no final do quarteirão com os faróis apagados. Ela mora em um bairro com muito verde e todas as casas ficam recuadas, em um terreno de 2 mil metros quadrados. Não há postes nem calçadas. Os veículos param com um ronronar. As portas se abrem mas não se fecham. Qualquer barulho que pudesse ter atraído Claire até a janela – os passos das botas no asfalto, o retinir metálico dos fuzis de assalto e dos pentes de munição – é abafado pela neve que não para de cair, um sudário branco a recobrir a noite.

Ela não conhece o Homem Alto, de terno e gravata pretos, crânio calvo feito uma pedra, em pé junto a uma limusine preta. Não sabe que ele está com as mãos enfiadas nos bolsos, nem que a neve derrete em seu couro cabeludo e pinga por seu rosto, nem que ele exibe um pequeno sorriso.

Não sabe que o pai e a mãe estão sentados à mesa da cozinha diante de uma garrafa de Merlot já pela metade, não propriamente segurando mas espremendo a mão um do outro para se reconfortar ao assistirem na CNN à cobertura do que o presidente qualificou de “atentado terrorista orquestrado cujo alvo era o coração dos Estados Unidos”.

Portanto, ela não sabe que, quando a porta da frente é aberta com um chute, arrebatando as dobradiças, seu pai está segurando o controle remoto, comprido e preto, que poderia ser confundido com uma arma.

Não sabe que ele se levanta tão depressa que a cadeira cai para trás e desaba no chão com estardalhaço, que ele grita “Não” e estende a mão que ainda segura o controle remoto, e o aponta para os homens que entram correndo pela porta, pelo

retângulo escuro da noite, com a neve a esvoaçar à sua volta feito confete molhado.

Tudo o que ela sabe – ao ouvir o barulho da porta sendo derrubada, os gritos e os tiros – é que deve fugir.

Ela se transformou poucas vezes. Não por ser proibido, não porque poderia ser presa, mas porque não gosta de como isso a faz se sentir. Tão grotescamente *alterada*. E depois dolorida por vários dias, com a súbita transformação do corpo parecendo as dores de crescimento que fazem as crianças se remexerem sob os lençóis e chorarem durante a noite. Mas os pais algumas vezes insistiram para que ela o fizesse, nas ocasiões em que a levaram ao Canadá. Retiros da lua cheia, era como chamavam.

Agora pode sentir o cheiro dos homens: desodorante e loção pós-barba, cigarros e chiclete. Lubrificante de armas. A pólvora dos tiros. Pode ouvir sua respiração rascante, as vozes que gritam “Liberado!” de vários cantos da casa. Pode sentir seus passos ribombarem escada acima, em sua direção.

Sente uma coceira terrível na pele, como se nela estivessem se abrindo as crateras de uma colmeia, e então os pelos brotam de uma vez só. Suas gengivas recuam e os dentes crescem e se amontoam em uma boca que ainda não é grande o suficiente para eles. Seus ossos se alongam, curvam-se e estalam, e ela uiva de dor como se estivesse parindo, um corpo saindo de outro. Ela sempre chora. Lágrimas de sangue. Dessa vez, as lágrimas e os lamentos são causados pela dor, mas também pela consciência cada vez mais nítida de que tudo, em um só instante, mudou.

Mas são pensamentos passageiros. O lobo que existe dentro dela não tem tempo para eles. Sua mente se concentra em um único foco. O mais importante é sobreviver. Nada mais existe, nem amor nem tristeza, nem medo nem preocupação, apenas a adrenalina que percorre seu corpo e a faz saltar em direção à janela, em direção ao reflexo que mal consegue reconhecer, corcunda e deformado, maior a cada segundo. Ela rompe os limites da janela e de si mesma.

O vidro se espatifa e os cacos a ferem. Não há telhado por cima do qual correr, nem treliça ou calha pelos quais descer. Tudo que existe é o breu da noite, o vazio do ar pelo qual ela despenca, virando-se e revirando-se enquanto o vento guincha nos ouvidos e o chão se aproxima depressa em sua direção. Cacos misturados com neve cintilam à toda sua volta.

Há 5 centímetros de neve acumulada no chão, mas isso não basta para apagar a queda do primeiro andar. Ela aterrissa de quatro, rola e cai para a frente, escorregando pelo curto gramado e fazendo na neve um sulco irregular que revela a grama verde mais abaixo. Uma árvore esmurra seu peito feito um martelo. Ela fica sem ar. O pulso arde como se tivesse sido transpassado por um maçarico aceso. O vidro a corta. Por um segundo, a noite parece se fechar ao redor – e então ela

inspira, arquejando.

Sua janela projeta um quadrado de luz entrecortado por triângulos e hexágonos de amarelo e laranja que ilumina seu corpo, mas a fonte de luz escurece no instante seguinte quando os homens adentram seu quarto para persegui-la.

Ela tenta ignorar a dor, levanta-se com um pulo e vê o Homem Alto de terno preto. A uns 20 metros de distância, ele a observa com a cabeça inclinada de um jeito curioso e depois começa a andar e em seguida a correr, rasgando o ar com os braços compridos, na sua direção.

Ela abandona aquele local, o seu lar, e salta para o meio das árvores. A neve rodopia. É como se ela estivesse entrando em uma nuvem de bordas vaporosas que se adensa até se transformar em um emaranhado de algodão no qual às vezes surgem janelas que reluzem feito raios globulares e florestas de pinheiros altos escuros como nuvens de tempestade. É para esse abrigo que ela corre.

CAPÍTULO 3

Miriam acorda cedo, veste a calça jeans e uma blusa térmica e vai até a janela da sala. Seus cabelos são pretos e cortados no mesmo formato irregular das asas de um corvo. O rosto tem ângulos tão agudos quanto o corpo, como se houvesse sido afiado para cortar coisas. Seus 40 anos só são evidentes na dureza da expressão. À meia-luz, os altos e grossos abetos-de-douglas ondulam, vergam-se e rangem com o vento. As frestas em volta das janelas e da porta da frente emitem os ruídos ocos que se emite ao soprar no gargalo de uma garrafa.

Ao lado do chalé, há uma pequena clareira em forma de meia-lua: arbustos de flores roxas e vermelhas, musgo e pedra. Sua caminhonete, uma velha Ramcharger preta e prata, está parada no acesso de cimento que atravessa a clareira e entra na floresta. Uma pessoa levaria menos de um minuto para correr das árvores até sua varanda da frente, e ela mantém os olhos atentos às sombras que os separam.

Há algo lá fora. Miriam sente isso da mesma forma que as minhocas e os sapos sentem a aproximação de uma tempestade, quando a mudança na pressão do ar os faz rastejar até a superfície das tocas enlameadas. Não estaria viva hoje não fossem seus sentidos aguçados, sua capacidade de *saber*. Tem os olhos estreitados, e suas orelhas parecem inclinadas para a frente.

Dez minutos transcorrem assim, e então a manhã começa a se insinuar. Miriam se afasta da janela e vai até a cozinha para fazer um café. Se algo for mesmo aparecer, é melhor ela estar acordada para recebê-lo.

Não acende a luz ao entrar na cozinha. Já é suficiente a única janela, que se abre para a floresta, ali bem mais próxima da casa, com os troncos brancos dos choupos-do-canadá qual dentes a sorrir do outro lado da vidraça. Uma bancada em L margeia o cômodo; a fórmica cinza sarapintada imita granito. A superfície é interrompida por um fogão de quatro bocas e uma pia funda ao lado da qual está posicionada a cafeteira. Miriam mói os grãos e mede a água e, enquanto a cafeteira gorgoleja e estala, abre a gaveta de talheres e, atrás das facas e garfos, pega uma Glock 21, uma das várias armas escondidas pelo chalé, pistola calibre 45 com treze balas de ponta oca carregadas no pente.

Enfia a pistola no cós da calça junto à base das costas. O sol está nascendo e as sombras se afastam do chalé e recuam para os cantos no momento em que ela enche a caneca e volta para a sala. Estaca tão subitamente que o café transborda e lhe queima os dedos. A porta da frente tem uma janela oval de vidro fosco agora escurecida pela forma do que poderia ser um menino ou um homem, tão pequena é a sombra.

O vento sopra. O café fumeja. Miriam pousa a caneca sobre uma mesinha lateral

e atravessa a sala em direção à porta, pisando devagar para não fazer ranger o piso de tábuas largas. Estende a mão para a maçaneta e uma faísca azul de estática a atinge ao tocá-la. Ela não abre o trinco nem gira a maçaneta, mas permanece com a mão apoiada ali e se encosta na porta como para bloqueá-la.

– Me deixa em paz, Puck – diz com uma voz alta o suficiente para atravessar o vidro.

A sombra não responde.

– Eu não quero participar disso.

– A gente precisa de você. – Miriam sempre odiou sua voz, irregular e aguda como a de uma flauta malfeita. – Abre a porta.

– Vai embora. Me deixa em paz, porra.

– A gente precisa de você. – O vento ganha força. Ela o sente respirar em volta da porta, talvez já com um sabor de neve, pois o inverno chega bem mais cedo a 1.500 metros de altura. – A gente quer você.

Miriam articula em silêncio a expressão *puta que pariu*. Bate com a testa de leve na parede, abre o trinco e escancara a porta. Um vento frio a rodeia. Seus cabelos se erguem dos ombros e atrás dela as páginas de um jornal sobre a mesa de centro esvoaçam.

Um homem está de pé na varanda, baixo e musculoso, pés bem separados e mãos caídas junto ao corpo. Usa uma camiseta preta justa para dentro de um jeans escuro. Os cabelos oxigenados, quase brancos de tão louros, estão penteados com gel para parecerem desarrumados. Seu nome é Jonathan Puck. Sorri para ela, mascarando um chiclete. Ergue a mão direita para cumprimentá-la; faltam o mindinho e o anular, substituídos por cotos de queloide cor creme que Miriam sabe serem iguais às das marcas de garras escondidas debaixo das roupas, sobretudo nas costas e no peito, como se ele estivesse coberto de vermes. Sabe disso porque foi ela quem as deixou.

– Se chegar mais perto, vai perder os outros dedos.

A mão dele se abaixa. Seu sorriso treme um pouco antes de se abrir mais.

– Que cheirinho de café. – Ele infla as narinas. – Não vai me oferecer uma xícara?

– Não.

– Eu adoraria um café. – Ele estoura uma bola de chiclete. – Por que não me deixa entrar, meu bem?

– Não. Já falei para me deixar em paz.

Ele dá de ombros.

– Como quiser. Sou que nem o advogado que aparece sem ser convidado. Vamos conversar aqui mesmo.

– Não sei o que você tem para dizer, mas eu não quero ouvir.

– Você tem assistido ao noticiário, não tem? Sabe o que a gente fez, não sabe?

Como se estivesse respondendo, o jornal na mesa da sala estala e voa, e uma das

páginas é soprada de cima da mesa para o chão.

– Eu sei o que vocês fizeram – confirma Miriam.

A varanda coberta de sua casa se abre entre duas colunas de pinho para uma escadinha de pedra que desce até um caminho de seixos que termina no acesso de carros. Nesse caminho – ela não se espanta ao constatar, pois os dois quase nunca se separam – está um homem grande feito um animal, Morris Magog, de cerca de 2,10 metros e aparentemente metade disso de largura. Sob o emaranhado de cabelos ruivos compridos, longa barba ruiva e sobretudo de couro preto que o vento faz estalar à sua volta, veem-se apenas os olhos azuis vazios e as mãos imensas e curvas. Miriam só o ouviu falar em poucas ocasiões – em uma delas para pedir a Puck um pedaço de chiclete – e sua voz tem o som de uma rocha sendo arrastada.

– Você já teve seu tempo de luto e ficamos felizes por isso – diz Puck. – Com certeza ficamos felizes por você ter tido esse tempo. – Embora ele continue a sorrir, sua voz carrega uma ponta de severidade. – Mas esse tempo acabou. Porque nós temos planos. E viemos buscar você. Você agora precisa vir conosco. É isso e ponto final.

Ela sabia que esse dia iria chegar. Quando deixou o marido, foi embora das cavernas e abandonou a Resistência, sabia que eles só iriam lhe dar um tempo limitado. Naqueles últimos meses, vinha sentindo sua presença, espiando sempre a floresta e as janelas que, à noite, não lhe permitiam ver nada a não ser o próprio reflexo. Em várias ocasiões, havia encontrado sinais: uma pegada na lama sob a janela, um cheiro de cigarro na cabine da caminhonete destrancada. Eles queriam que Miriam soubesse que estava sendo vigiada.

– Eu não vou – afirma ela.

Os dois se entreolham e Puck faz uma bola cor-de-rosa que estoura com um silvo.

– Na verdade, você não tem escolha, sabia?

Ele lança um olhar atrás de si e, como se houvesse emitido um comando silencioso, Magog dá um passo à frente e inclina o corpanzil em direção ao chalé como quem se prepara para correr. Miriam ouve um bufo que poderia ser a respiração dele ou o vento.

– Não pode mais ficar escondida. Não em uma época como esta. A gente precisa de toda a ajuda possível. É o que diz o seu querido marido. Por isso eu estou aqui. Vim buscar você.

Ela escolhe esse instante para levar a mão às costas e pegar a Glock. Não para apontá-la. Só para mostrá-la.

Pela primeira vez desde que Miriam abriu a porta, Puck para de sorrir. Relanceia os olhos para a pistola e avisa:

– A gente vai voltar.

– Não precisam perder seu tempo.

A luz que atravessa as árvores desenha na varanda uma série de riscos amarelos. Puck está usando um relógio de ouro que a reflete no chão como um minúsculo besouro fosforescente.

– Ei, olha só – diz ele.

Gira o pulso e faz o besouro deslizar pelas tábuas da varanda e se imobilizar por um instante sobre o pé de Miriam antes de começar a subir pelo corpo até se fixar em seu olho. A pupila se contrai.

Ela ergue a Glock e olha cano abaixo com o outro olho.

– Para com isso.

Sabe como ele se move depressa, já viu seu corpo se movimentar como um borrão.

A luz refletida se afasta de seu corpo e deixa atrás de si uma imagem residual; por alguns instantes, Miriam vê Puck rodeado por uma aura vermelha. Ele masca o chiclete devagar, estudando-a.

– Tudo bem. Tá bom. Você precisa de um tempo para pensar? Eu compreendo.

Talvez seu marido os tenha mandado até lá. Talvez eles tenham ido por iniciativa própria. Puck sempre a quis, sempre tentou torná-la sua – por isso tem o corpo coberto de cicatrizes. Seja qual for o motivo que os faz estar ali, sua base é o desejo masculino, não a obrigação dela para com a Resistência ou sua importância dentro do movimento.

– Isso para mim acabou, Puck. Acabou. E se você pisar nesta varanda outra vez eu vou dar um tiro na sua boca.

Ele recua, fazendo os pés deslizarem pela varanda e arranharem a madeira, e no alto dos degraus para e revira o chiclete na boca algumas vezes com a língua.

– Só vai acabar quando você estiver morta.

Mais tarde, Miriam amarra duas tornozeleiras nas pernas e enfia nelas um par de facas de combate idênticas, de lâmina serrilhada. Para cobri-las, puxa para baixo as pernas do jeans e calça botas de caubói com ponteiros de aço. Afivela e aperta o coldre de ombro da Glock e veste uma jaqueta jeans preta. Sai de casa e passa cinco minutos esperando na varanda, à escuta; já não há mais vento e o silêncio sussurrante da floresta é interrompido pelo chamado ocasional de um pássaro ou por um graveto se partindo.

Ela desce os degraus, percorre o caminho fazendo estalar os seixos e dá a volta no carro, espiando pelas janelas e dando uma rápida conferida debaixo do capô antes de entrar na cabine, trancar as portas e girar a chave na ignição.

Seus olhos chispam entre os espelhos e a estrada durante o trajeto de meio quilômetro até um trecho esburacado de estrada rural de duas pistas que serpenteia montanha abaixo antes de ir dar em uma rodovia que conduz a La Pine, no Oregon.

Durante o caminho, Miriam mantém o pé suspenso acima do pedal do freio e corre os olhos de um lado para o outro como se algo pudesse irromper da floresta para encurralá-la.

No mercado, enche o carrinho com legumes em conserva, frutas secas, charque, caixas e barrinhas de cereal; na farmácia, compra um pouco de gaze e antisséptico, agulha e linha e um exemplar da *Us Weekly*; na loja de ferragens, adquire uma furadeira elétrica, uma serra de mão elétrica, uma porta de aço, dez folhas de compensado, três tábuas de madeira, quatro luzes com sensor de presença, quatro lanternas, cinco pacotes de pilhas grandes, três caixas de parafusos de 10 centímetros e dois garrafões d'água com capacidade para 20 litros. Antes de sair da cidade, faz uma última parada no posto para comprar dois galões de 20 litros que enche de gasolina sem chumbo.

São necessárias várias viagens para descarregar a caminhonete, e ela para a fim de observar a floresta toda vez que deixa a casa. Um pouco afastado do acesso de carros, há um galpão aberto abarrotado com latões de lixo, ferramentas de jardim, um carrinho de mão e rolos enferrujados de arame. Miriam vai até lá e pega uma escada. O chalé tem o formato de uma caixa de sapatos, com a varanda e a porta situadas na lateral mais curta. Ela sobe a escada para instalar dois sensores de presença sob os beirais e centraliza os outros dois nas duas laterais mais compridas.

Abre a porta da frente e usa um martelo e uma chave de fenda para retirar os parafusos das dobradiças. É forte o suficiente para cambalear só de leve ao pegar a porta de madeira e deitá-la no chão da varanda para retirar a maçaneta, o trinco e as dobradiças, que aparafusa na porta de aço ainda com a etiqueta de preço. Meia hora depois, a nova porta está instalada; Miriam sabe que não é resistente o bastante para impedir Magog de entrar, mas ao menos vai atrapalhá-lo.

Dentro de casa, ela mede as janelas e anota as dimensões em um pedaço de papel que guarda no bolso. O chalé tem dez janelas, todas do mesmo tamanho, menos as do banheiro, da cozinha e da sala. Miriam deita todas as folhas de compensado no quintal e usa a fita métrica e um marcador para esboçar o formato das janelas. Pega no barracão dois cavaletes cobertos de líquen que instala no quintal e apoia neles os compensados para aparar as bordas e depois abrir no meio de cada um deles uma fenda de 30 centímetros, grande o suficiente para permitir a visão ou para passar o cano de uma arma através dele.

Tudo isso leva muito tempo, pois ela só deixa a serra elétrica girar uns trinta segundos de cada vez, fazendo a lâmina cuspir serragem feito neve, e então tira o dedo do gatilho e fica ouvindo o gemido do aparelho diminuir enquanto perscruta a floresta.

Na lateral do chalé protegida do vento, há uma pilha alta de lenha, e é lá que Miriam descarta os restos de compensado antes de levar as folhas cortadas para

dentro de casa. O crepúsculo já caiu e ela isola o que resta de luz pendurando-as em frente à janela, sustentando-as com um joelho erguido e aparafusando os quatro cantos ao caixilho. Na porta da frente, que é a única da casa, prega três tábuas de madeira atravessadas.

Enche os armários com as compras. Guarda os galões de gasolina no fundo do armário de vassouras. Põe pilhas nas lanternas e com elas percorre o interior do chalé. Não consegue colocar os garrafões d'água dentro da pia, então desatarraxa a mangueira da máquina de lavar roupa e a enfia nos gargalos, enchendo até a boca.

Mal sente o gosto do jantar – um frango ao molho pesto que sobrou da véspera – e quase não se lembra de ter comido, espantando-se ao ver que o garfo já arranha o prato vazio.

Forra a banheira com vários cobertores e um travesseiro, e ao lado pousa um facão de prata de 25 centímetros e cabo texturizado, duas Glockes, seis pentes carregados com balas dundum de prata, uma escopeta com a bandoleira decorada por cartuchos vermelhos recheados de chumbo grosso de prata, e por fim a imagem que mantém sempre ao lado da cama: a foto da filha, cujo rosto ela toca antes de apagar a luz, se deitar na banheira e encarar a escuridão, esperando o sono chegar.

CAPÍTULO 4

Chase não consegue se acostumar com aquilo. Já faz oito meses que iniciou seu primeiro mandato e, sempre que alguém lhe acena a cabeça e o chama de governador Williams, ele tem a sensação de que deve se virar para ver se algum sangue-azul formado em Yale está de pé a seu lado. Gosta de pensar em si mesmo como um homem do campo. Sabe que foi isso que o fez ser eleito. “Ele é gente como a gente”, gostam de dizer seus aliados.

Até hoje usa roupas estilo caubói, mas em geral com um blazer da Calvin Klein. Ainda fala com sotaque, em especial ao microfone, em alguma coletiva de imprensa ou reunião da prefeitura. Apesar disso, já faz muito tempo que não limpa um estábulo, instala dutos de irrigação, conserta uma cerca ou dispara um tiro em qualquer coisa que não seja um alvo de papel. E Salém fica bem longe da fazenda no leste do Oregon onde foi criado, dos 1.200 hectares de alfafa, das seis mil cabeças de gado.

Bem longe, de fato. Nesse exato momento, Chase está sentado de pernas cruzadas no chão segurando hashis que bate um no outro com avidez acima de uma japonesa deitada sobre um tatame de palha, com o corpo nu decorado por um colorido mosaico de sushis dispostos sobre folhas de chá. Janta diretamente no seu corpo. Ela não se mexe – mal respira –, nem mesmo quando ele desliza os pauzinhos por sua clavícula até a base do pescoço onde está disposto um *gunkanzushi* – um ouriço-do-mar envolto em alga –, que ele pega e devora.

Ali é a Casa de Chá Kazumi, onde Chase com frequência almoça ou janta e que fica a apenas vinte minutos de carro do prédio do capitólio no sudeste de Salém, perto de Lancaster Drive. Luminárias de papel e velas iluminam suavemente o salão principal. Rolos com caracteres japoneses pendem das paredes, espaçados com regularidade e separados por vaso contendo bambus. Um laguinho *koi* retangular corre pelo centro do restaurante, reluzente de nenúfares, ladeado por dois homens que jantam sobre o corpo de uma mulher, desvendando aos poucos sua nudez.

– Governador Williams? – A voz vem de trás dele.

– O que foi?

Chase se vira e vê a garçonete, uma mulher de quimono preto com rosas cor-de-rosa bordadas na barra, fazendo-lhe uma medida e segurando uma bandeja sobre a qual está disposta a bomba de saquê que ele pediu, um incensador e um copo de Rogue Amber. A garçonete serve o saquê dentro da cerveja e entrega o recipiente a Chase, que faz um gesto de quem brinda, toma um grande gole e estala os lábios.

– Ah, que delícia. Está uma delícia, mesmo. Obrigado.

Ali perto, sobre um palco circular iluminado, uma japonesa grisalha de quimono

azul-escuro está ajoelhada diante de um *koto* que tem a forma de um dragão agachado. Quando dedilhadas, as treze cordas trançadas esticadas sobre cavaletes de marfim fazem o ar vibrar.

Ela observa Chase e, depois de algum tempo, o olhar dos dois se cruza. Os olhos da mulher são como buracos negros. Em seu rosto, ele parece ver uma reprovação muda, algum lembrete proibido de uma das ex-mulheres ou de Augustus, seu chefe de gabinete, que vive lhe dizendo para não frequentar aquele lugar.

Os jornalistas gostam de publicar fotos suas saindo de boates de striptease, xingando o juiz e atirando pipoca nas partidas de basquete do Trail Blazers, andando depressa demais em seu barco no rio Columbia acompanhado por duas moças com metade da sua idade usando biquínis com a estampa da bandeira americana. Ele não liga.

Mas Augustus liga. Augustus, com sua cabeça de búfalo e seu vocabulário pomposo, vive implorando – a frase foi assim mesmo: *estou implorando* – para ele pensar na eleição seguinte e na munição que está dando aos adversários. Mas a eleição seguinte parece muito distante. Além do mais, Chase concorreu como candidato independente e é isso que é, independente, e o que ele é foi justamente o que lhe valeu a vitória, sim, senhor.

– Prefiro ser um livro aberto – comentou ele com Augustus. – Não fico escondendo meus podres que nem o resto desses crápulas. E as pessoas gostam disso. Porque os meus podres nem são tão podres assim. Está tudo aí, às claras. Ninguém vai me pegar aceitando propina ou traindo minha mulher.

– Você não é casado.

– Justamente. Era isso mesmo que eu estava dizendo: sou independente.

Faz só uns poucos anos que descobriu a culinária japonesa e ainda tem dificuldade para manejar os hashis, mas com um pouco de concentração acaba conseguindo segurá-los com firmeza para levar à boca o *temaki*, o *gunkan* e o *norimaki*, saboreando não apenas as curiosas texturas esponjosas e os temperos picantes mas também a linda mulher deitada abaixo dele – uma pele muito pura e lisa, muito diferente das mãos que se agitam acima dela, bronzeadas e calosas, com pelos escuros a subir pelos nós dos dedos.

– Que beleza você é – elogia ele, esmagando um rolinho com os dentes.

A velha segue tocando o *koto* e o restaurante parece se mover ao ritmo lento e regular da música; hashis e xícaras de chá sobem e descem como se cordas interligassem todos eles, longas cordas vermelhas pendentes que a velha não para de puxar.

Seu BlackBerry vibra dentro do bolso. Ele cogita deixar a ligação cair na caixa postal. Essa é a pior parte daquele trabalho: as perguntas que nunca terminam, a aporrinhação, todo mundo querendo sua atenção ou solicitando alguma coisa, um

voto, uma lei, uma promessa, um veto, um discurso. Quando pega o celular, porém, o nome Augustus Remington está escrito no identificador de chamadas e ele sabe que, se não atender, o chefe de gabinete irá ligar várias vezes até ter sucesso.

Chase leva o aparelho à orelha e diz:

– Fala, Búfalo! Adivinha onde estou?

– Fica quieto. Só um instantinho, por favor. Acabou de acontecer uma coisa.

CAPÍTULO 5

O sono costumava se abater sobre ele feito uma guilhotina. Patrick deitava na cama, puxava os lençóis até o pescoço e, em menos de um minuto, a escuridão desabava. Essa era sempre a impressão: as trevas desciam subitamente sobre ele.

Agora, acordado na cama, quando as sombras que avançam pelo teto começam a se juntar e cair na sua direção, ele se sobressalta, abre os olhos de supetão, sacode a cabeça. Não que não queira dormir; Patrick vive exausto, e o que mais deseja é se sentir descansado outra vez. São os sonhos que tenta evitar.

Ele está no avião. Do outro lado de sua janela, raios fazem cintilar as nuvens opalescentes. Sente a mão de alguém no pulso. Vira-se para a mulher ao lado e sua boca se abre como se fosse lhe dizer alguma coisa. Em vez disso, uma língua sai ali de dentro, uma língua comprida demais que vai se desenrolando ao ritmo de seus arquejos. O hálito dela cheira a carniça. Suas gengivas sangram, seus dentes ficam pontudos. Os olhos amarelam como se tivessem sido iluminados por uma lâmpada de enxofre. Patrick olha para trás dela à procura de ajuda, mas descobre que todos a bordo o encaram. Até mesmo os comissários e os pilotos postados junto à porta aberta do cockpit. Todo mundo se põe a gemer e arrancar as roupas, avançando em sua direção com as garras estendidas, famintos.

Não fossem esses sonhos, ele não iria querer acordar nunca. Não iria querer afastar as cobertas, cambalear pelo corredor, comer uma tigela de cereal e esfregar as axilas sob o jato quente do chuveiro, nem vestir a calça jeans e a camisa polo novas que a mãe lhe comprara no shopping especialmente para aquele dia, seu primeiro dia na Old Mountain High School.

Sua mãe já saiu; foi mostrar uma casa. Mas, em cima da bancada, debaixo de suas chaves, deixou-lhe um bilhete. *Boa sorte lá*, diz o papel. *Te amo!* A caligrafia o faz pensar em arame farpado. Ele embola o papel e o joga no lixo a caminho da porta.

Seu jipe Wrangler preto está parado em frente à casa. É seu primeiro carro, um presente de terceira mão dado pela mãe para ajudá-lo na transição.

– Sei que nada nesta situação é fácil – comentou ela ao depositar a chave em sua mão. – E quero que você seja feliz. Espero que isso ajude um pouco.

Ela está tentando. Está tentando de verdade. Sempre que tem chance, diz “eu te amo”. Vive perguntando se Patrick quer conversar, se não com ela, talvez com outra pessoa? Conhece um terapeuta que poderia ajudá-lo. “Não, obrigado”, responde ele. “Não curto esse tipo de coisa.” Quando ela lhe pergunta a que *tipo de coisa* o filho se refere, ele responde: “Conversar.”

O farol dianteiro do lado do carona está rachado e emite uma luz fraca e falhada. Partes da cobertura estão presas com fita adesiva e, nas velocidades mais altas, a

lona estala e assobia feito um bando de aves apavoradas. Toda vez que ele estaciona, deixa atrás de si poças de óleo e líquido anticongelamento salpicadas de ferrugem. Apesar do mau estado, ele adora aquele jipe.

Pedacinhos de quartzo refletem a luz do sol e cintilam no acesso de cascalho quando ele o percorre até alcançar a rua asfaltada que o levará até a escola, a 8 quilômetros de distância. Foi ali, no acostamento, que os furgões dos noticiários estacionaram um mês antes, os repórteres se aglomeraram junto à caixa de correio, com as câmeras direcionadas para a casa feito lança-mísseis. Esperavam Patrick sair e, como isso não aconteceu, acabaram indo embora. Ele deu apenas uma entrevista – e foi o suficiente. Não tinha nada a dizer. Todo mundo havia morrido, menos ele. Não porque ele tivesse feito algo especial. Mas porque se escondera debaixo de um cadáver e se fingira de morto. Isso não era algo para ser narrado e revivido. Era algo para esquecer.

O pior momento, em que ele sentiu o corpo varrido por um medo debilitante, foi depois do pouso, depois de o avião derrapar e frear na pista e de o rio de sangue escorrer pelo corredor. A aeronave taxiou por uma curta distância e, naqueles instantes finais, Patrick teve certeza de que o licano iria encontrá-lo, de que os policiais ou os militares iriam jogar uma granada no avião, de que não sairia vivo dali – não havia a menor possibilidade. Houvera mortes demais, coisas demais das quais fugir. De certa forma, ele mesmo já se sentia um cadáver: imóvel, praticamente sem respirar, encharcado de sangue e vísceras.

Não conseguiu vê-los, mas pôde senti-los: a profusão de viaturas, carros de bombeiros, ambulâncias, todos com as luzes piscando. Então a voz do piloto ecoou no sistema de som:

– Você vai morrer, seu cachorro filho da puta.

A resposta do licano foi um barulho que se assemelhava a folhas de metal sendo rasgadas ao meio.

Como o corpo da mulher estava sobre o dele, envolvendo-o em um abraço flácido, com o queixo pousado bem em cima de seu cocuruto, Patrick não conseguia ver nada a não ser sua blusa salpicada de sangue e o tecido estampado da poltrona do avião. Não se atreveu a reposicioná-la nem um centímetro, por medo do ruído que pudesse causar.

Ouviu a coisa se mover de um lado para o outro do corredor, com os pés – ou patas, ou o que quer que fossem – chutando os corpos e chapinhando no sangue, tanto sangue, entranhado no carpete fino, nas poltronas de espuma, em suas roupas; tudo em volta de Patrick estava pegajoso e molhado de sangue. Quando o avião finalmente parou com um tranco, pôde ouvir as garras da criatura arranharem o plástico para tentar abrir a porta de emergência algumas fileiras mais à frente. Houve

um vento repentino e um clarão no momento em que o licano a arrancou.

Na mesma hora, uma chuva de balas varou a abertura e se cravou na coisa. Isso Patrick também escutou. O impacto do metal na carne. Os uivos gorgolejantes por causa do sangue. O baque do corpo caindo. Os tiros prosseguiram por mais alguns segundos. Patrick ficou tão espantado com o barulho que afastou do próprio rosto o peso morto da mulher. A cabeça dela bateu na coxa dele e uma das mãos relutou em soltar seu ombro. De onde estava encolhido, ele pôde ver as centelhas brancas e um arco de luz alaranjada quando as balas voaram pelo interior da aeronave, ricocheteando em descansos de braço de metal, furando espuma e plástico, partindo fios. O cheiro de fumaça sobressaiu ao cheiro de sangue.

Seguiu-se um silêncio longo o bastante para lhe dar a sensação de estar fora do próprio corpo e fazê-lo esquecer que haviam aterrissado, que o licano fora abatido a tiros e que ele iria ficar bem. Então, soou uma voz masculina cheia de medo e raiva:

– Tem alguém vivo aí dentro? Tem alguém aí?

Patrick quis responder que sim. Mas não foi capaz. Tampouco conseguiu se mexer. Não pôde chutar para longe o cadáver agora deitado em seu colo; estava com a mão enrolada nos cabelos da mulher. Nem teve energia para erguer o braço e sinalizar que estava vivo. Só muito depois de os homens de colete preto à prova de bala portando fuzis de assalto irromperem no corredor e gritarem “Liberado!”, de os pilotos fugirem pela saída de emergência do cockpit, foi que os agentes subiram a bordo.

Usavam óculos de proteção de plástico, máscaras, macacões alvos, luvas de látex e protetores de sapatos. Dois deles carregavam pranchetas e um trazia uma câmera de nariz comprido. Depois de o homem com a câmera tirar várias fotos do licano estatelado no chão, a carcaça foi posta dentro de um saco e arrastada para fora dali. Ele então foi galgando a confusão de cadáveres a caminho da cabine da primeira classe, onde muitos se reuniram para tentar escapar e encontraram seu fim. Passou algum tempo lá, os flashes espocando e reluzindo pelo interior da aeronave, antes de voltar para a cabine principal e percorrer as fileiras uma a uma, tirando fotos primeiro do número da poltrona, em seguida dos passageiros em seu repouso final.

Ao chegar à fila 15, olhou para Patrick sem vê-lo de fato. No instante do disparo do flash, o garoto se retraiu e o homem deu um pinote.

– Puta que pariu! – praguejou, batendo mais uma foto.

O flash ofuscou a visão de Patrick e sua lembrança dos minutos seguintes, quando foi arrastado para fora de seu esconderijo. “Você está ferido?”, indagavam as vozes. “O que aconteceu?”, “Qual é o seu nome?”, “Por que você está vivo?”.

“Não”, repetia ele. “Não”, várias e várias vezes, como se fosse a única palavra que soubesse dizer.

Com as articulações doloridas, dormentes, e uma névoa branca que lembrava

catarata, ele agora só se recorda de ter se sentido mais velho, quase morto, sendo arrastado para fora do túmulo.

A Old Mountain fica na encosta de um morro. Seus muros são feitos com tijolos de basalto grosseiramente cortados e o telhado é de metal, vermelho e inclinado. O estacionamento tem o mesmo tamanho de um campo de futebol americano e todas as vagas parecem ocupadas quando Patrick percorre as muitas filas à procura de um lugar, sempre com o pé acima do freio e pisando no pedal com frequência para deixar passar os alunos que caminham na direção da escola, rindo e chamando uns aos outros, digitando mensagens no celular, vergados com o peso das mochilas. O ar ecoa com suas vozes e a música country que berra pelas janelas abertas das picapes turbinadas. O sol reluz no capô do jipe e ele pisca para não ser ofuscado no instante em que duas garotas excessivamente bronzeadas – vestidas com shorts diminutos e blusas com decote em V, cabelos louros alisados e lustrosos como se fossem de ouro – surgem na sua frente. Patrick pisa com força no freio e o jipe estremece e para com um rangido. As duas interrompem a conversa e olham com um ar de aversão, primeiro para o carro, depois para ele.

Bem no fim do estacionamento, Patrick encontra uma vaga, pega a mochila no banco de trás e abre a porta do carro. Quando começa a andar, o jipe parece andar junto, e ele percebe apavorado que o carro está se movendo. Solta um palavrão e tenta detê-lo com as mãos, em seguida pula dentro da cabine e puxa o freio de mão, único jeito de fazê-lo parar.

Olha por cima do ombro duas vezes ao cruzar o estacionamento, em parte para ter certeza de que o jipe não se mexeu nem perdeu um pneu nem explodiu, mas também cheio de nostalgia. Considera a possibilidade de se sentar ao volante, acelerar o motor, dirigir até atravessar as montanhas e depois seguir pelo litoral rumo ao sul sem olhar pelo retrovisor nenhuma vez sequer.

Dois mil alunos, e Patrick não conhece ninguém. Leva os dedos ao alto do nariz e aperta. Desde que se mudou para lá, vem sentindo uma vaga dor parecida com enxaqueca bem atrás dos olhos. Sua mãe culpa a tensão e a altitude. Ele culpa a cama em que tem dormido. A mãe comprara o móvel de uma vizinha, uma mulher cujo filho tinha emprego e noiva em Portland, portanto a mãe dele estava transformando seu quarto num cômodo para hóspedes e trocando a cama de solteiro por outra de casal. Sempre que Patrick se deitava, achava aquela cama estranha e tinha a impressão de que ainda havia outra pessoa em cima daquele colchão, uma depressão na qual outro corpo acabara de estar, apenas mais um lembrete de que ali não era seu lugar.

Ele não presta atenção na paisagem. Geleiras escarpadas reluzem nos montes Cascades. Os sopés dos morros são cobertos por densas florestas, com trilhas de

caminhada, clareiras gramadas e rios de águas espumosas. E mais ao longe, no oeste, há os vastos chapadões de artemísia interrompidos por ocasionais cânions rajados ou pela protuberância de um cone de cimento. Por fim, pendurado acima de tudo isso, um céu muito claro, de um azul vívido.

Só que sua mãe é uma estranha para ele, sua cama o faz pensar em um caixão e ele acorda no meio da noite para mijar e sempre dá de cara com a parede ou com a estante, porque aquele quarto não é seu. Onze meses, pensa ao empurrar a porta de vidro da escola, abrindo caminho aos trancos pelas hordas de alunos. Dali a onze meses, seu pai voltará para casa, o que significa que ele também retornará, e tudo será como antes, como se nunca houvesse embarcado no voo 373.

Nem percebe a manhã passar. Esquece o segredo do cadeado de seu escaninho. Tenta se localizar nos vários corredores lotados sem querer pedir ajuda e acaba chegando atrasado a todas as aulas e tendo de encarar o olhar sério dos outros alunos. Professores de óculos e calças mal-ajustadas lambem os dedos enquanto percorrem as filas de carteiras distribuindo tópicos de estudo ou lendo ementas de curso em vozes que já parecem meio atordoadas de tédio.

Patrick acha difícil prestar atenção. Sente-se acelerado, irrequieto. Tem a impressão de que não consegue absorver oxigênio suficiente. As luzes estão fortes demais. As cadeiras, excessivamente frias e duras. Ele morde a bochecha por dentro até cavar um buraco e sair sangue. O relógio prossegue seu tique-taque em direção ao meio-dia e o barulho o faz pensar em um detonador.

Lembra-se de quando estava no ensino fundamental e dos livros de ilusão de ótica que tanto sucesso faziam na época. A brincadeira era fixar o olhar em um desenho até a visão perder o foco – e então uma imagem se erguia da página e o surpreendia. Lembrava-se de uma em especial com a ilustração da lua, da paisagem de crateras cinzentas, de onde emergia uma caveira. Havia fechado o livro com força e passara algum tempo evitando olhar a lua muito de perto; à noite, sempre descia as persianas por medo de que ela passasse em frente à sua janela e sorrisse para ele.

E assim seu dia avança e as coisas normais se aguçam até se transformar em coisas perigosas. A porta de um escaninho batendo é uma bomba. Um lápis quebrado é um osso partido. Uma menina de cabelos tingidos de preto e rosto coberto de pó branco é um cadáver.

Patrick vira a cabeça de um lado para o outro ao ouvir o próprio nome sussurrado por toda parte, mas nunca diretamente para ele. “Patrick”, dizem todos entre os dentes. “Patrick.” No bebedouro, depois de jogar água no rosto, se vira e dá de cara com uma menina de franja comprida que o encara por entre os cabelos. Quando pergunta “O que foi?”, ela ri, arquejando, e se afasta depressa.

Ele pensa se estará ouvindo coisas, imaginando, ou se alguém de fato o reconheceu. Torce para que isso não tenha acontecido. Sabe que sua foto apareceu em jornais, revistas e reportagens de TV, inclusive no *Oregonian* e no *Old Mountain Tribune*. “Menino-Milagre”, era como o chamavam. Mas isso fora um mês antes. E Patrick sempre se considerara um garoto bastante comum: cabelos castanhos, estatura mediana, magro e um pouco musculoso, sempre com um boné enterrado na cabeça. Sua única característica particular era o sinal vermelho em formato de meia-lua junto ao olho direito.

Mas os olhos o observam – ele agora tem certeza – e todos os rostos no corredor se viram para encará-lo, todos os professores se demoram ao pronunciar seu nome durante a chamada e piscam com força quando ele levanta a mão. Patrick tenta ignorar essa atenção toda. Quase todos aqueles alunos, afinal, assistem às aulas e praticam esportes juntos desde o fundamental. As pessoas sempre prestam atenção nos recém-chegados. É só isso que ele é para aquela gente: um recém-chegado. Eles o estão avaliando, tentando descobrir quem ele é, onde irá se encaixar.

Mas um grupo de skinheads o deixa preocupado – pelo menos é isso que acha que são, aqueles garotos de olhar duro e cabelos tão raspados que se tornaram uma sombra áspera. Já viu uns dez pela escola. Ou talvez sejam os mesmos três ou cinco que não param de passar por ele e encará-lo. Usam coturnos e camisetas brancas para dentro de calças cargo. Repara que têm nas costas da mão uma tatuagem que ele não consegue identificar, alguma espécie de símbolo semelhante a uma bala.

Mas não são eles quem derrubam seu boné no corredor. A mão de alguém dá um tapa na sua cabeça por trás e ele vê o boné voar para a frente, a pala batendo no chão de lajotas, e rodopiar um pouco antes de se imobilizar. Bem devagar, Patrick suspira fundo e se vira.

– E aí, Menino-Milagre? – O garoto usa botas de caubói e um jeans bem justo com uma fivela de peão brilhando no cinto. É bem mais alto que Patrick, tem os ombros largos e as bochechas caídas como um buldogue. – A gente não foi apresentado.

Patrick solta a mochila, que cai no chão com um leve ruído ao lado do boné.

– Eu passei o dia inteiro ouvindo falar em você. Todo mundo dizendo o Menino-Milagre isso, o Menino-Milagre aquilo. – Ele dá um sorriso sério. – Você é famoso. Nunca conheci ninguém famoso antes. Quer me dar um autógrafo?

Na multidão de alunos que passa, alguns começam a diminuir o passo para observar, trocando sussurros. Alguma coisa está para acontecer, eles sabem, e Patrick tem noção de que esse momento poderá determinar o lugar que irá ocupar naquela escola.

– Vai se foder – xinga ele, e sua voz é mais desdenhosa do que ameaçadora.

– Não é assim que se trata um fã.

O rapaz faz um beicinho para simular tristeza. Em um movimento rápido, seu corpo se projeta para a frente e sua mão imensa dá um tapão na lateral da cabeça de Patrick, fazendo-o perder o equilíbrio e bagunçando seus cabelos.

– Queria perguntar uma coisa, Menino-Milagre.

Ele tenta dar mais um tapa, dessa vez com a outra mão, mas Patrick se esquivava e só sente o ar se deslocando.

– Você não deveria estar morto? Por que não morreu junto com todos os outros?

Suas sobrancelhas se erguem e adquirem o formato de um pé de cabra. Ele rodeia Patrick, que gira o corpo para acompanhá-lo.

– Nem um arranhãozinho, Menino-Milagre. Isso não é justo.

Ele volta a atingir Patrick na lateral da cabeça, deixando-o momentaneamente surdo de um ouvido, e o que o garoto diz parece agora vir de muito longe.

– Será que isso faz de você um cara de sorte, um herói ou um fantasma?

Pessoas se juntam em torno como em um rodeio. Alguns sorriem. Patrick se vira em direção a eles para pedir ajuda e, ao ver que não conseguirá nada, os rostos saem de foco. Sua cabeça zumba como um marimbondo. Ele respira em golfadas como se estivesse sufocando. Já pensou inúmeras vezes no que poderia ter feito a bordo do avião, em como poderia ter tirado o cinto e o usado para estrangular o licano, ou arrancado o extintor de incêndio dos fundos da cabine para esmagar seu crânio. Agora, com o corpo inteiro tremendo, é como se esses pensamentos enfim tivessem encontrado uma válvula de escape. Sente uma escuridão lhe tomar o corpo e afogá-lo, uma sensação maravilhosa e terrível.

Patrick não chega a mirar. Não posiciona as pernas em postura de boxeador. Simplesmente larga o punho na cara do rapaz, impulsionando-o para trás com um chafariz de sangue a esguichar do nariz e da boca. A dor o atinge um segundo depois, um choque forte que sobe queimando dos dedos até o pulso. Ele sacode a mão, depois a encara e vê a pele machucada e vermelha; parece-lhe uma ferramenta desconhecida.

O garoto se inclina para a frente e estremece, o rosto e o peito cobertos por um avental de sangue. Não para de tocar o próprio nariz e parece espantado com o líquido vermelho que mancha as pontas de seus dedos. Alguém ri, um *rá-rá-rá* que soa como o crocitar de um corvo. Ao ouvir isso, o garoto se endireita e se precipita na direção de Patrick com os braços estendidos.

No último segundo, Patrick dá um pulo de lado com a perna esticada para fazê-lo tropeçar. Nunca se moveu com tanta agilidade na vida. O rapaz cai com força: seu corpo bate nas lajetas com um baque. Ele rola e solta um grito abafado pelas mãos que leva à frente da boca. Seus olhos se marejam e encaram Patrick com uma tristeza mesclada de fúria, não entendendo como aquilo lhe aconteceu mas querendo encontrar um jeito de se vingar.

O bigode do diretor Wetmore parece uma vassoura de piaçaba. Ele usa um terno castanho folgado com gravata do Pernalonga. Sua sala é escura e meio sinistra, a penumbra rompida apenas por uma luminária de pé com a cúpula pesada que tinge o recinto inteiro de amarelo-mostarda. A lâmpada faz reluzir sua cabeça calva e seus olhos quadrados quando ele se encurva e pousa os cotovelos na mesa.

– Seu primeiro dia de aula e já estamos conversando, é isso mesmo?

– Pois é – responde Patrick. Não para de abrir e fechar a mão direita, as juntas feridas e latejantes, parecendo percorridas por uma corrente elétrica.

As paredes estão repletas de estantes, diplomas e uma fotografia de família na qual o diretor sorri, orgulhoso, atrás da esposa com cabelos frisados por uma permanente e do par de filhos gêmeos. Sobre a mesa há uma tigela de amendoins já pela metade. Ao lado, uma placa na qual se pode ler O XERIFE em letras douradas em relevo. A porta está fechada, mas há janelas ao redor, uma das quais dá para o corredor e para a vitrine de troféus. Alunos passam e arregalam os olhos para Patrick. Ele tenta imaginar que está olhando por um portal no fundo do mar e que os estudantes são estranhos peixes com dentes pontiagudos e pele translúcida.

– Foi ele que começou, não foi? – indaga Wetmore. – Seth?

De início, Patrick não sabe dizer se existe algum sarcasmo ali, então se mantém em silêncio, com um olhar atento.

– É claro que foi ele. E eu sinto muito por isso. Sinto muito que essa vá ser sua lembrança do primeiro dia aqui na escola.

– Obrigado.

– Na verdade, para falar francamente, estou feliz que tenha feito o que fez. Nunca mais repita isso! Mas é melhor você ter dado uns sopapos nele do que o contrário. Só que isso fica entre nós. Entendido, parceiro?

Patrick aquiesce e fita a porta, desejando não estar ali.

– Agora vamos torcer para o pessoal deixar você em paz. Mas eu não vou tolerar brigas! – Ele ergue o dedo no ar e o agita. – Sob hipótese alguma.

Patrick balança as pernas e mordisca a pele seca do lábio inferior.

– Da próxima vez, pode me fazer um favor? Virar as costas e ir embora?

Patrick olha pela janela. Na multidão de alunos lá fora, distingue dois dos skinheads. Estão recostados na vitrine de troféus, tão imóveis quanto os objetos atrás deles, com os braços cruzados e os olhos cravados nele. Ele meneia a cabeça. Nenhum dos dois esboça qualquer reação.

– Patrick?

– Sim, diretor. Vou tentar.

– Olhe aqui. – Wetmore une as mãos. – Você passou por muita coisa. Publicamente. Pensei em chamar você aqui... sabia? Ficou com as orelhas quentes? Pensei mesmo em chamar você aqui à minha sala algumas semanas atrás, quando

soube que tinha se matriculado. Só para dar um oi. Queria lhe dizer com toda a sinceridade que não sabia como os alunos iriam tratá-lo. Se iriam odiá-lo ou amá-lo. Talvez um pouco dos dois. Eu não sabia. O que eu *sei* é que chegar a um lugar novo é sempre complicado. Talvez não para você, mas, provavelmente, sim. E, se for o caso, queremos que você nos diga o que podemos fazer para ajudar. Certo? Certo, então.

Ambos se levantam e Patrick torna a olhar para a janela. Os skinheads sumiram. Ao se virar para o diretor, vê Wetmore com a mão estendida para um cumprimento.

– Foi mal – diz Patrick, e ergue também a sua, ensanguentada e trêmula, para um aceno de desculpas.

CAPÍTULO 6

Claire não gosta de espaços abertos. Eles a fazem se sentir exposta e sem amarras, como se qualquer rajada de vento pudesse soprá-la para longe. De onde está agora – o estacionamento infestado de ervas daninhas de um posto de gasolina em Frazee, Minnesota –, pode ver ao mesmo tempo três formações meteorológicas distintas: um grupo de nuvens de temporal que se assemelhava a um cogumelo cheio de manchas e é ocasionalmente riscado pela luz de um raio; uma nuvem imensa que a faz pensar em uma água-viva cinza arrastando atrás de si seus tentáculos venenosos; e um cúmulo-nimbo em formato de bigorna que absorve a luz do sol feito uma esponja. Conhece esse termo, cúmulo-nimbo, porque o pai lhe ensinou o nome de todas as nuvens, além de diferentes tipos de árvores, nós, cantos de pássaro e constelações.

Lembra-se de ficar deitada no acesso de carros de casa junto com o pai, com todas as luzes apagadas e as estrelas salpicadas na amplidão negra; era assim que os dois passavam muitas noites de verão. Conforme as constelações atravessavam o céu, ele a ia testando, e os olhos de Claire acompanhavam seu dedo quando ele apontava para ali, para lá e acolá. As estrelas se uniam para formar desenhos que pareciam mais brilhantes do que o resto. “Carna”, dizia ela ao distinguir a quilha de um barco boiando no céu da meia-noite. “Leão. Gêmeos. As Hidras.”

Agora pensa na mão erguida do pai ficando translúcida, com estrelas luzindo através, antes de sumir por completo. Afasta o pensamento e tenta se concentrar em algo pequeno e bom. A noite que não tem fim lhe ensinou isso. Se não se concentrar em outra coisa, não se mexer, logo será encontrada. Não entende por quê, mas estão atrás dela. Os homens que subiram correndo a escada e o Homem Alto de sobretudo preto à sua espera na calçada. Acima dela há um largo trecho de céu azul – por ora, pelo menos; ela sabe que não pode contar com mais nada. É algo por que se sentir grata.

O vento não parou de soprar desde Twin Cities, como uma corrente de ar que passa por uma porta aberta. Uma rajada forma um redemoinho de lixo e sujeira que se extingue um segundo depois. Ela fecha melhor em volta de si o casaco impermeável, presente de um caminhoneiro, dois números maior do que o seu e da mesma cor da terra batida e da grama marrom que se estende até o horizonte. Em um dos bolsos há uma barrinha de chocolate e um pacote de Cheetos já pela metade; no outro, um maço de dinheiro e a carta do pai. Ela usa tênis, calças jeans e uma camiseta de manga comprida respingada de sangue. Tirando isso, não carrega mais nada – e quase nenhuma lembrança da noite anterior, boa parte da qual lhe parece um borrão.

Recorda-se da transformação, da fúria e da adrenalina a se contorcer dentro de si

como um enorme cão preto. De varar o vidro da janela, cambalear pela noite e sair correndo para o meio da floresta. Lembra-se do Homem Alto.

Cães ladravam ao longe. Fachos de lanterna rasgavam a neve que caía. Ela torceu para o vento levar embora seu cheiro, para a neve cobrir suas pegadas. Sua amiga Stacey morava a menos de 2 quilômetros de sua casa, e Claire correu para lá com a intenção de esmurrar a janela e implorar ajuda. Em pânico, quase fez isso. Parou de correr, escorregou um pouco na neve e se apoiou em uma árvore quando reparou, no último instante, nos carros pretos parados em frente à casa. Todas as janelas estavam iluminadas e de vez em quando passavam sombras. Eles tinham ido buscar a família de sua amiga também. Ela os viu escoltar Stacey e a mãe pela porta da frente e trancá-las no banco traseiro de um carro. Viu-os arrastar o corpo do pai escada abaixo e jogá-lo dentro de um porta-malas aberto. E então viu a casa se incendiar com um fogo que alcançou as janelas e fez a neve soltar vapor.

Claire saiu correndo sem pensar, pelo meio da noite e dos redemoinhos de neve, rangendo os dentes e tentando ignorar a dor no pulso e no coração. Pular para dentro do trem não estava nos seus planos – ela não tinha plano algum exceto um único impulso: fugir –, até ouvir o silvo agudo de seu apito.

Os trilhos cruzavam o centro da cidade e ela viu os vagões de carga avançando devagar por entre as árvores. O chão tremia, o ar parecia tremer, quando ela irrompeu da floresta e subiu na diagonal a berma de cascalho. O trem era comprido e ela não viu a locomotiva, mas ouviu o chamado distante do apito e calculou que ele estivesse quase dentro dos limites da cidade. Os vagões diminuíram a velocidade. O vento tentou empurrá-la para trás. As rodas cuspiam neve. O rugido cheio de estalos abafava todos os outros ruídos do mundo. Claire correu até perigosamente perto, esticou a mão que não estava machucada – ossos cobertos de pelos, dedos curvados em pontas afiadas – e conseguiu agarrar uma escada de aço curta. Seus pés se arrastaram pelo chão, escorregando na neve e no cascalho, até ela conseguir se segurar com o outro braço e apoiar o cotovelo em um dos degraus. Usou o que lhe restava de energia para se içar e rastejar até a plataforma de um vagão, onde se encolheu para tentar criar um bolsão de calor, e só então, ao recuperar a forma humana, foi que ela chorou.

No meio da noite, o trem entrou devagar em Minneapolis e parou com um guinchar das rodas diante de um elevador de cereais. Exausta, Claire se levantou do vagão e se afastou, tonta, com os ouvidos doloridos e o corpo latejando. Estava em uma área industrial. Fábricas. Centros de armazenamento. Grandes galpões metálicos manchados por afrescos de ferrugem. Máquinas zumbiam. O vapor subia em colunas em arco. Se ali havia neve, já derreteria, mas ainda assim fazia frio e ela cruzou os braços para se proteger do vento e da dor que sentia no pulso. Achou uma rua sem

calçada e caminhou pelo acostamento coberto de grama. Não tinha plano nenhum. Queria apenas se mover, aumentar a distância entre si e quem quer que a estivesse perseguindo.

Uma procissão de carretas passou a seu lado e ela sentiu o olhar dos caminhoneiros sobre si. Uns 20 metros adiante, um dos veículos parou com um silvo dos freios pneumáticos e ligou o pisca-alerta. A porta do passageiro se abriu com um chute e, quando ela passou, viu um homem debruçado para fora, de rosto magro e cavanhaque grisalho, que lhe perguntou se queria uma carona.

– Não – respondeu ela automaticamente.

Olhou para mais à frente na rua como se alguém estivesse vindo buscá-la e fosse surgir pela curva a qualquer momento, depois tornou a encarar o caminhoneiro. A boleia bem mais alta do que a rua era muito iluminada e parecia grande feito uma casa. Imaginou que também fosse quentinha.

– Não sei – emendou.

O caminhoneiro a encarou e mordeu o lábio inferior.

– Olha, eu tenho uma filha mais ou menos da sua idade e, se a visse andando por um lugar como este, no meio da noite e tal, iria querer que ela voltasse para casa.

Quando ele disse isso, Claire se sentiu ao mesmo tempo terrivelmente deprimida e reconfortada. Quis contar tudo, deixar tudo sair em um jorro cheio de soluços. Em vez disso, falou com uma vozinha que o homem mal conseguiu escutar por causa do barulho do motor:

– Eu não posso voltar para casa.

Ele abaixou a cabeça, pensativo, e então a fitou com tristeza.

– Bom, eu iria querer que ela chegasse a algum lugar seguro. – Ele pôs a mão na maçaneta da porta e a puxou um pouco. – Você é quem sabe.

Claire sabia que poderia ganhar do homem em uma briga, contanto que ele não estivesse armado, embora não conseguisse imaginar seu corpo passando por mais uma transformação. Resolveu confiar nele. Precisava confiar em alguém naquele momento. Inspirou fundo para se acalmar e subiu na boleia.

O compartimento recendia a fumo de mascar e batata frita velha. O caminhoneiro a fitou com um olhar demorado que no início a deixou perturbada, até que perguntou:

– Está tudo bem com você?

Ele bateu na própria testa enquanto encarava a sua. Ela baixou o para-sol e arquejou ao ver o próprio reflexo. Estava com o rosto todo roxo e cheio de hematomas por causa da transformação; já imaginava isso, mas não o sangue nem as várias cascas de ferida que lhe recobriam as bochechas ou o lanho na testa que parecia uma minhoca.

– Eu caí – explicou, e cuspiu no polegar para limpar o que podia.

O motorista engatou a marcha no veículo, que avançou com um grunhido. A rádio dos caminhoneiros emitia conversas entrecortadas e ele a substituiu por uma música country que começou a tocar baixinho. Aumentou a calefação.

– Toma – disse, jogando a jaqueta em seu colo.

Quando o homem perguntou para onde ela estava indo, Claire respondeu que não sabia. Ele balançou a cabeça, mas ficou em silêncio, e os dois seguiram por uma série de ruas estreitas e um labirinto de armazéns, passaram sob uma ponte toda pichada e por fim subiram uma rampa e aumentaram a velocidade ao entrarem na interestadual surpreendentemente movimentada para aquele horário. O relógio do painel informava 3:03. O pulso de Claire latejava. O peso da exaustão parecia esmagá-la. Sentia-se segura dentro do caminhão, cercada por todo aquele aço. Gostava de estar bem acima do chão. Dali, se estreitasse os olhos, as luzes da cidade cintilavam feito estrelas e os pequenos centros comerciais e bairros pareciam galáxias distantes; seus olhos logo se fecharam por completo e ela pegou no sono.

O caminhoneiro passou o resto da madrugada fazendo várias paradas em mercearias, drogarias e postos de gasolina, deixando-a dentro da boleia com o motor ligado, erguendo a porta traseira e puxando a plataforma para descarregar caixotes de leite. Em determinado momento, Claire examinou o próprio pulso – estava inchado, muito vermelho, riscado por uma listra enegrecida –, espiou pela janela com os olhos congestionados e tornou a mergulhar em seus sonhos vazios. Depois de algum tempo, o sol nasceu pintando o céu de vermelho, eles estacionaram atrás de um supermercado e, quando o caminhoneiro desceu e bateu a porta, ela acordou sobressaltada e se lembrou do envelope.

O papel estava todo amassado e quente por causa do tempo passado no bolso. Ela o abriu com um rasgão e viu que continha dez notas de 20. E uma carta. Se é que se podia chamar aquilo de carta. Um pedaço de papel pautado coberto de marcações a lápis, centenas delas, em um padrão aparentemente aleatório. Seu pai adorava quebra-cabeças e jogos e ela entendeu na hora que aquilo ali era um deles. Não por brincadeira, mas porque ele achava que outra pessoa talvez fosse encontrar o bilhete. Os homens dos carros pretos. A pele de Claire se retesou e seus cabelos se eriçaram. Podia senti-los lá fora, caçando-a. Perguntou-se por quanto tempo.

Estudou o pedaço de papel e moveu os lábios como se tentasse articular alguma palavra. Mas sua mente estava embotada demais, devido ao pânico e à exaustão, e nos poucos minutos antes de o caminhoneiro voltar ela não conseguiu decifrar o código.

O homem enfim lhe disse seu nome: Elwood.

– O meu é Tenaya – falou ela, e os dois se apertaram as mãos, algo que pareceu bem bobo depois de todas as horas que já haviam passado juntos.

Claire não sabia por que mentira, mas lhe pareceu a atitude correta, e ela certa vez

lera um livro escrito por uma autora chamada Tenaya e gostara.

Pararam no McDonald's, o motorista comprou dois cafés da manhã e ela devorou tão depressa o sanduíche de ovo e as batatas fritas que ele lhe ofereceu os seus também. Claire pensava que a tristeza deveria arruinar o apetite, mas sentia uma fome louca e tudo o que queria era se empanturrar, como para preencher um abismo qualquer dentro de si. Tentou deixar o choro para quando estivesse sozinha na boleia, mas por algum motivo não conseguiu conter as lágrimas e virou o rosto para a janela. Elwood não chegou a comentar nada, porém ela notou uma caixa de lenços de papel sobre o console ao lado que antes não estava ali.

Ao meio-dia, já não tinha mais lágrimas para chorar e seus pensamentos se organizaram em perguntas. Por que seus pais? E a família de Stacey? E quantos outros licanos? Eles não haviam feito nada. Não estavam ligados de forma alguma com os atentados nos aviões. Pertenciam a uma cooperativa. É verdade que não tinham papas na língua. Detestavam o governo, a ocupação da República pelos Estados Unidos, mas nunca tomaram qualquer outra atitude exceto a de fazer circular abaixo-assinados ou segurar cartazes de protesto em esquinas do centro. Foi então que ela se lembrou das palavras do pai: “Tem coisas que você não sabe.”

Talvez a resposta estivesse na carta.

Quando eles estacionaram o caminhão na área de serviços de Frazee, no Minnesota, Elwood manteve a mão na alavanca de marchas e anunciou:

– Fim da linha. – Arqueou as sobrancelhas com um ar indagador. – A menos que você queira voltar para Twin Cities.

Ela não queria.

– Pensei mesmo que não fosse querer.

Claire vinha usando a jaqueta dele como cobertor e, ao tentar devolvê-la, ele negou.

– Tem alguém procurando você? – perguntou. Como ela não respondeu, Elwood suspirou e arrematou: – Tome cuidado. E se não quiser ser encontrada, fique longe da interestadual.

É só quando o homem se afasta – uma fumaça cinza saindo pelos canos de descarga verticais do caminhão – que ela se dá conta de que esqueceu de dizer obrigada. Ergue a mão à medida que o veículo vai ficando cada vez menor e torce para o motorista ver seu gesto pelo retrovisor. Então se vira, sentindo-se perdida e totalmente só; percebe que não tem ninguém em quem confiar nem lugar nenhum para onde ir.

O posto de gasolina faz parte de uma grande área de serviços na beira da estrada. Há um Subway anexo a uma lan house cujas luzes Claire vê piscarem através da vitrine. O estacionamento está cheio de carros e caminhões, pessoas abastecendo,

abrindo latas de refrigerante, bebendo café em canecas fumegantes. Um utilitário buzina e ela percebe que está no caminho, no meio do estacionamento, de todo aquele tráfego.

Começa a andar em direção à loja de conveniência e o pulso lateja a cada passo. Ela empurra a porta e uma sineta toca. Uma coisa de cada vez, sua mãe sempre dizia. Claire tenta organizar um plano na cabeça. Precisa de um banheiro, de um mapa, de comprimidos de ibuprofeno e de comida. Isso pelo menos ela é capaz de providenciar. O resto pode esperar.

Atrás da caixa registradora está uma mulher gorda com raízes pretas já aparecendo nos cabelos oxigenados. Ela a encara por alguns segundos além do normal e Claire sente uma onda de pânico e pensa se o seu rosto terá aparecido na TV, se a mulher a reconhece. Parece impossível, mas todas as outras coisas que lhe aconteceram também parecem.

Uma vez dentro do banheiro, sente-se encorajada pelo próprio reflexo no espelho. Está um lixo. Os cabelos – sempre um problema, um ninho de rato louro e ondulado que ela trata com condicionador e chapinha todo dia de manhã – estão espetados em todas as direções. Seu rosto parece um pedaço de fruta velho e escurecido. E há também o corte em sua testa, uma segunda boca. Quem não iria encará-la?

O linóleo estampado de margaridas e solto nos cantos está todo coberto de guimbas de cigarro e pedacinhos de papel higiênico que parecem confete. O banheiro tem quatro cubículos, e enquanto as mulheres entram e saem deles, conversando com suas vozes animadas e olhando-a demoradamente, Claire tenta não lhes dar atenção. Pendura a jaqueta no *dispenser* de papel-toalha, rasga uma folha comprida, umedece-a na torneira e a embebe de sabonete líquido. Então se limpa da melhor forma que consegue.

O mercadinho do posto tem caixas com DVDs a 5 dólares, coolers cheios de queijo e salsicha, araras de camisetas estampadas com águias e lobos em silk-screen, vitrines repletas de relógios feitos com seções de toras de madeira laqueadas, e várias gôndolas de comida quase todas repletas de batatas chips, pretzels, cookies e balas. Claire escolhe uma mochila sem marca em uma das prateleiras, abre o zíper, passa o braço pela alça e começa a fazer seu estoque. Um guia rodoviário, ibuprofeno, absorventes, um pacote de canetas, um caderno com o desenho de uma bola de futebol americano na capa, duas camisetas de lobo, fita adesiva, um pacote de charque, uma caixa de barrinhas de cereal, uma garrafa de refrigerante. E um jornal cujas manchetes falam sobre os atentados terroristas.

Tenta sorrir para a mulher atrás da caixa, não fazer uma careta quando esbarra no pulso com a mochila ao erguê-la até em cima da bancada. Gasta um terço do dinheiro e agradece com uma voz áspera.

Segue na direção da cidade, da aglomeração de prédios e árvores pouco menos de um quilômetro de estrada adiante. Seu pai costumava dizer que aquele era o tipo de região descampada em que você podia ficar vendo seu cachorro fugir por três dias. Costumava dizer. Porque não diria mais. Nunca mais diria nada. Nem sua mãe. Os mortos não falam. Ela sabe que nunca mais tornará a vê-los.

O dia está ficando mais quente e ela se sente aliviada ao pisar na sombra lançada pelos carvalhos cheios de nós que margeiam a rua principal e pelas residências vitorianas e coloniais mais antigas, recuadas, atrás de gramados já meio marrons. De vez em quando, um carro passa e causa um deslocamento de ar, mas, tirando isso, ali parece um lugar tranquilo, onde nada de horrível jamais poderia acontecer. As casas logo são substituídas por pequenos estabelecimentos comerciais. Ao lado de uma igreja de telhado íngreme, há um pequeno parque entrecortado por trilhas, com um playground no centro. As árvores ali são grandes e alguns de seus galhos retorcidos têm a mesma largura do tronco de um homem adulto. Claire as rodeia e recolhe vários galhos menores derrubados pelo vento. Duas menininhas usando vestidos floridos de cores vivas brincam nos balanços sob o olhar atento da mãe. Em cima de uma mesa de piquenique ali perto, uma mulher mais velha vestida com trapos pretos se balança para a frente e para trás: a maluca da cidade. Claire encontra um banco e afugenta um esquilo antes de se sentar. Tira o ibuprofeno da mochila. Segura o frasco entre as coxas e remove a tampa com gestos canhestros, depois faz um furo no lacre e engole três comprimidos com um pouco de refrigerante.

Em seguida pega na mochila a fita adesiva e uma camiseta infantil tamanho P. Tira a jaqueta e arregança até o cotovelo a manga da camiseta que está usando. Veste a camiseta no braço, passando o polegar por uma das mangas e os dedos pelo buraco do pescoço e enrolando o pano várias vezes para deixar o tecido bem apertado em volta do braço.

Posiciona os gravetos sobre o antebraço, dois deles bem juntos, na esperança de conseguir fabricar uma tala. Ao estender a mão, contudo, seu braço balança e os gravetos saem do lugar. Quando ela tenta descolar a fita, usando primeiro os dedos e depois os dentes para puxar um pedaço bem comprido, tudo que consegue fazer é rasgá-la e deixá-la toda embolada.

– Merda – pragueja, e quase joga o rolo longe para acertar um esquilo ou um passarinho.

A fita pesa em sua mão como se fosse de metal e Claire aposta que causaria um belo estrago. Vai ver isso a faria se sentir melhor.

Em vez de atirar o rolo, ela olha em volta em busca de ajuda. A mãe com as crianças já foi embora e as meninas saltitam por uma calçada distante. A única alternativa é a velha sentada a 10 metros de distância, com um olhar perdido, balançando-se para a frente e para trás como se estivesse orando.

– Com licença – diz Claire. Como a mulher não responde, da segunda vez ela grita: – Com licença!

A mulher para de se balançar e olha na direção de Claire. Poderia ter 50 ou 70 anos, é difícil dizer. Os cabelos são de um cinza que lembra água suja e estão cortados toscamente em volta das orelhas; a pele é muito enrugada de tanto tomar sol.

– Preciso de ajuda – explica Claire. – A senhora pode me ajudar?

A mulher aquiesce e resmunga algo entre os dentes, em seguida se levanta com alguma dificuldade e caminha a passos curtos, parecendo um abutre, até onde Claire está sentada. Por seu cheiro, deve estar sem tomar banho. Os olhos parecem completamente encobertos pela catarata. E o sorriso, se é que aquilo é mesmo um sorriso, está cheio de buracos.

– Precisa de ajuda – repete ela; sua voz parece uma dobradiça enferrujada. – Eu posso ajudar. De que ajuda você precisa? Pode dizer. Pode dizer.

– Qual é o nome da senhora?

A mulher diz se chamar Srta. Strawhacker e Claire a trata assim, pelo sobrenome, e explica-lhe o que fazer: como enrolar a fita devagar ao redor da tala, começando pelo cotovelo, avançando até o pulso e, por fim, prendendo-a entre o polegar e o indicador.

– Por que não arruma um médico? – Strawhacker toca o joelho de Claire. – Você precisa é de um médico, meu bem. De um gesso de verdade. Não gravetos e fita adesiva.

– Não vai dar – responde Claire com uma voz sem timbre que faz a mulher se calar, olhar em volta, passar a língua pelos lábios e dizer tudo bem, tudo bem.

Claire não entende como ela consegue enxergar: as cataratas parecem poças de leite velho. Apesar dos dedos inchados, a mulher os move com razoável destreza e dá várias voltas com a fita ao redor do braço de Claire, transformando-a em uma múmia.

– Assim? – indaga, falando consigo mesma. – Isso. Isso. Muito bem.

Claire a instrui a repetir a operação duas vezes, até o braço lhe parecer suficientemente imobilizado.

No fim do processo, Claire abaixa a manga da camiseta. Agora, a única parte visível da tala improvisada é uma luva prateada sem dedos com um pouco de recheio branco despontando por baixo.

– Pronto – diz Strawhacker. – Nada mal.

Claire lhe agradece e imagina que a mulher vá se afastar, que vá voltar para sua mesa de piquenique e retomar o balanço cadenciado, mas não. Ela continua sentada no banco, encarando a garota com os olhos leitosos e um leve sorriso nos lábios. Então estende uma das mãos e a pousa sobre a da jovem; tem a pele seca feito

papel. A princípio, Claire pensa que ela quer apertar sua mão para lhe desejar boa sorte. Porém, ela indaga:

– Seu futuro?

– Como é que é?

– Eu sei ler. Sei ler o futuro. Em cartas, folhas de chá, na palma da mão. Você gostaria? Que eu lesse seu futuro? Para passar o tempo.

– Tudo bem.

– Sim, porque todo mundo gosta de ouvir o futuro. Todo mundo. – Ela começa a correr uma das unhas pela palma de Claire, seguindo as linhas. – Mas depois que o seu futuro é dito em voz alta você não pode mais impedir que aconteça.

Nesse caso, não, resolve Claire, arrancando a mão com um tranco e enfiando-a debaixo da axila como se tivesse se queimado. Prefere não saber. Obrigada.

É mais fácil não pensar no futuro, mais fácil pensar que não há nada escrito na palma de sua mão. O futuro é uma emboscada. É ausência. Ela só consegue suportar olhar para os lugares próximos e pensar nos minutos seguintes em vez de nos anos. O que vou comer, onde vou dormir, como vou me abrigar da chuva? No momento, esse é o único futuro que lhe interessa.

A mulher se inclina mais para perto, e seus cabelos parecem um ninho em volta do rosto encarquilhado.

– Pelo menos você pode me dizer qual é seu signo?

– Áries.

O rosto da mulher se franze com um sorriso. Ela dá uns tapinhas na coxa de Claire e se levanta cambaleando um pouco até se aprumar.

– Que ótimo – sentencia. – Este mês vai ser bom para os arianos. Seu planeta está em um lugar bom.

É então que Claire entende. Reza com fervor para estar certa. As linhas de sua palma parecem as linhas do céu, de uma constelação. Tira depressa a carta do bolso da jaqueta e a desdobra, alisando os vincos. Qual uma aranha, sua mente vai tecendo os pontinhos do papel com fios diáfanos, unindo-os como uma constelação. Sim. Não sabe como não as reconheceu antes. Decerto porque não estava pensando direito de tanta dor, medo, tristeza e exaustão, mas também porque as constelações parecem muito fora de contexto em um papel pautado, pretas em vez de brilhantes, e pequeninas em vez de muito distantes na noite.

Claire arranca uma caneta do pacote e começa a ligar os pontos, traçando o contorno das constelações. Grou. Oitante, Touro. Não sabe o que significam. Mas pelo menos um alçapão se abriu no céu e ela teve a sorte de cair por ele.

De tão animada, a garota se esqueceu da velha, que se aproxima mancando e faz um gesto com a mão torta.

– O que está desenhando aí, meu bem?

– Meu futuro – responde Claire.

CAPÍTULO 7

Walt afasta a cortina, coloca as duas mãos em volta dos olhos, como um binóculo, e se inclina em direção à janela escura. Algo espantou o gado. Devem estar fazendo uma algazarra e tanto, pois ele consegue distinguir seus gemidos e lamentos apesar do barulho da televisão e de sua audição ruim. Sua respiração embaça o vidro e ele o limpa com a mão, borrando a imagem da noite lá fora. Não consegue ver nada, não dali, mas além do estábulo e dos currais uma poeira se ergue feito fumaça em meio ao cone de luz azul emitida pela lâmpada de vapor de sódio. Walt imagina poder sentir um tremor no ar, cascos batendo no pasto.

Pronto. Três latidos curtos. Seguidos por um ganido. Coiotes. Esse tipo de coisa acontece o bastante para fazê-lo ficar mais irritado do que preocupado – na região central do Oregon, parece haver mais coiotes do que pessoas. Depois do estábulo, há um galinheiro caiado rodeado por uma tela de arame enterrada um metro no chão para impedir os coiotes de cavar buracos para entrar lá depois de se aproximarem para uma farejada. Ele imagina os animais feito fantasmas cinzentos a rodear o local e as galinhas apavoradas cacarejando e batendo as asas de medo, enchendo o espaço com uma nuvem de penas soltas.

Poderia sair para a varanda com a escopeta e disparar três tiros para o alto. Ou descer os degraus e sair para a noite atrás de algum coiote que ainda esteja perto do galinheiro ou do estábulo. Mas seu dia foi longo – teve que conduzir o gado até o tronco e espetar cada rês com uma pistola de vacinação – e até poucos segundos antes já estava meio dormindo enrolado em sua manta, bebericando um copinho de bourbon e assistindo ao noticiário.

A última coisa que deseja é calçar as botas, fechar o zíper do casaco e sair para o frio que faz o nariz escorrer e deixa as mãos dormentes o dia inteiro. Contratou um grupo de mexicanos para ajudá-lo. Para tocar o gado do curral, apertar as barras horizontais do tronco, aplicar a vacina nos quartos das vacas: Scourguard 3KC para aumentar a imunidade antes de darem cria, Ivomec Plus para parasitas do fígado e vermes do intestino. Com os rostos vermelhos por causa do frio, os homens agitavam os braços, batiam palmas e direcionavam as vacas com pistolas elétricas, fazendo os animais bufarem e se afastarem trotando, levantando nacos de terra do chão e indo se amontoar no fundo do curral.

Hoje em dia essa é a única ajuda que se encontra: mexicanos. Antigamente, ele tinha um funcionário que morava em um trailer na fazenda. Dez anos antes, ao completar 60 anos e decidir se candidatar ao conselho municipal, vendera 160 hectares e umas quatrocentas cabeças de gado. O acesso de carros de sua casa ainda é margeado por colunas de pinho, mas ele agora só mantém um pequeno rebanho em

seus 8 hectares, por hobby. Quando precisa de ajuda – para vacinar, ajudar as crias a nascerem ou enfardar a alfafa –, publica anúncios nos classificados, e os únicos que ligam falam com aquelas vogais alongadas e frases cantadas que ele acha difícil decifrar. “Não entendi. Repete mais devagar”, pega-se dizendo muitas vezes.

A janela tornou a embaçar. Walt solta a cortina e deixa que se feche. Acende um abajur sobre uma mesinha lateral e depois um segundo; não gosta da escuridão que de repente toma conta da sala, cujas paredes revestidas de pinho parecem absorver a luz. Torna a se acomodar na poltrona reclinada e puxa para o colo um cobertor com a estampa da bandeira americana. Vai dando golinhos no bourbon até sentir os cubos de gelo baterem nos dentes e ficar com o rosto corado. Na televisão, assiste sem prestar muita atenção às já conhecidas imagens dos aviões e depois do maldito presidente dando outro maldito discurso em vez de *fazer* alguma coisa.

Walt sabe o que faria. Logo em seguida aos atentados, apresentou ao conselho municipal uma proposta de emergência que levaria a público a identidade de todos os licanos registrados. Publicaria seus nomes no jornal, dissera. Colocaria as informações na internet. Poria isso escrito nas suas carteiras de identidade, caramba. Essa era a solução evidente, algo que vinha sendo discutido havia muitos anos sem sucesso, uma informação na carteira de motorista: licano.

Nós precisamos saber o que estamos enfrentando, alegara ele. Era tudo um blefe; a proposta era completamente ilegal. Sabia que o prefeito covardão tentaria fazê-lo passar vergonha. Mas sentira a necessidade de dizer o que ninguém mais tinha coragem de admitir: seres humanos e animais não se misturam e já estava na hora de construir algumas cercas entre os dois, de voltar aos antigos costumes. O *Oregonian* publicara uma matéria condenando Walt junto com a pior fotografia da história: uma imagem sua de boca aberta, um buraco negro combinando com os olhos cercados de olheiras e bolsas.

Um berro agudo de animal ecoa lá fora. É o mesmo barulho que uma vaca faz quando tem os chifres serrados ou é marcada a ferro, quando ergue o focinho escuro em direção ao céu e seus olhos se esbugalham e reviram nas órbitas. Walt fica totalmente imóvel, como quem espera a dor que causou a chegada daquele som.

Então o som se cala. Walt dispara uma longa fieira de palavras e, com algum esforço, abaixa o descanso para as pernas da poltrona e se levanta, quase tropeçando no cobertor. Chuta-o longe e tateia em busca do controle remoto na mesinha lateral. Pressiona o botão de desligar. Ele vê a própria imagem refletida na tela, em pé, com o controle remoto esticado feito uma pistola em riste. Seus olhos são fundos, com rugas nos cantos. O nariz parece a cabeça de um martelo. Os cabelos cortados à máquina formam um capacete de cerdas prateadas. Ele pode ser velho, mas ainda é capaz de fazer um estrago. Podem apostar.

Larga o controle sobre a poltrona e vai até a cozinha. Nunca conheceu ninguém

com quem valesse a pena se casar – era isso que respondia sempre que lhe perguntavam por que ficara solteiro todos aqueles anos –, mas na sua casa não há montes de roupa suja, garrafas de cerveja vazias enfileiradas sobre a bancada ou pilhas de louça criando mofo na pia. O mundo já é confuso demais; a sua vida ele quer que seja limpa. Um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar: essa era outra de suas máximas.

Portanto, sabe exatamente onde encontrar um revólver. Tem armas espalhadas pela casa toda – uma espingarda calibre 22, três revólveres, até mesmo a baioneta da Segunda Guerra do pai – e a mais próxima está escondida atrás da caixa de cereais dentro do armário: um S&W .357 carregado. Ele solta a trava de segurança do revólver, abre o trinco da porta e a escancara. O barulho o recebe como um vento soprado pela noite. Latidos de coiotes. Cacarejar de galinhas. Lamentos de cavalos e vacas.

De tão surpreso, leva o revólver à orelha. Hesita um instante com um pé para fora da porta e outro ainda a prendê-lo à cozinha. Desvencilha-se do espanto e junta-se ao alarido soltando não um palavrão, mas um grito distorcido de raiva. Desce os degraus com passos firmes e avança pelo caminho que conduz até o celeiro, sentindo o chão machucar os pés descalços. Na pressa, esqueceu as botas e o casaco. A respiração se condensa ao sair de sua boca, mas, fora isso, ele parece não sentir o frio. Com as duas doses de bourbon a se agitar em seu estômago, sente até calor.

A lua pendurada no céu parece uma caveira. À luz débil que ela projeta, Walt dá a volta no celeiro. As paredes de madeira se sacodem como se a construção estivesse ganhando vida; são os cavalos dando coices nas baias. O barulho é como o de um verdadeiro zoológico, tão alto que ele não consegue nem pensar; apenas se concentra em arrastar os pés para a frente e manter a pegada firme no revólver. O ar recende a alfafa, almíscar e alguma outra coisa mais pungente: cobre.

Ao lado do curral, um quadrado de 12 por 12 rodeado por uma cerca de madeira, a lâmpada de vapor de sódio pende contra o céu feito uma segunda lua. Ele ergue a barra da porteira e a empurra para entrar, tropeçando no chão irregular marcado pelos cascos. Mais cedo nesse dia, deixou ali uma vaca vermelha de cara branca, velha demais para dar cria, e que no dia seguinte seria levada para o abatedouro. Não mais. Agora, na lateral oposta do curral, ela jaz deitada de lado, com as costas largas viradas para ele. O chão está macio e fumegante com seu sangue. Os pés de Walt chapinham pela lama para ir examiná-la. Sete arrobas e meia de carne empacotada... perdidas.

Walt sempre foi sensível a sons agudos. Os uivos dos coiotes se fundem em uma única nota incômoda que estremece no ar e o leva à loucura. Ele se abaixa sobre um dos joelhos para observar o tronco rasgado da vaca e as costelas paralelas que lhe sorriem feito os longos dentes de uma bocarra ensanguentada. Lembra-se de uma

tarde em que, depois de erguer seu rabo e enfiar a mão enluvada dentro dela, de tatear o vazio quente e concluir que ela não iria mais conceber, de a ter soltado, aquela vaca chutara as barras do tronco com força suficiente para vergar o metal. Por mais velha que fosse, ainda tinha energia para lutar. Um grupo de coiotes não teria conseguido fazer aquilo.

Para se equilibrar, Walt apoia uma das mãos na cabeça em forma de marreta do animal. O calor que já se esvai o faz perceber pela primeira vez como está frio. Talvez seja isso que faça o revólver tremer na sua mão ao apontá-lo para a escuridão. A respiração sai de seu corpo em golfadas que parecem lenços brancos. E ele se dá conta de que a noite silenciou, exceto pelo zumbido da lâmpada acima de sua cabeça.

Não ouve o ruído sussurrante de passos na grama alta nem o rangido da madeira que reclama quando algo grande escala a cerca do curral, mas repara na mudança da luz e, ao se virar, a última coisa que vai ver é a criatura encarapitada no poste feito um gárgula, escondendo a lua mais atrás com sua silhueta.

CAPÍTULO 8

Às vezes Patrick faz esse jogo nos momentos de tédio. Rabisca um desenho. Uma mão, por exemplo. Depois o transforma para ver o que mais pode sair: um peru, ou quem sabe os estilhaços de uma janela atingida por um tiro. Agora, nas margens de seu caderno durante a aula de inglês do terceiro tempo, ele desenha um círculo. Que se transmuta na lua – toda esburacada por crateras escuras. E, em seguida, em um rosto de olhos ensandecidos. Patrick, então, enche a boca de presas e desenha rabiscos pretos em cima dos olhos.

Um corredor corta a sala no meio, com carteiras de ambos os lados. Ele está escondido no canto direito, lá no fundo. Ao lado, há uma menina – reparou quando ela se sentou e exalou um cheiro de framboesa – e Patrick percebe que ela está inclinada em sua direção, espiando seu caderno. Desliza a mão até tapar o desenho, deixando óbvio que a página não contém qualquer anotação, a não ser o título da peça, *Otelo*, também rabiscado no quadro-negro com uma caligrafia rebuscada.

A professora O’Neil tem olhos semicerrados, um sorriso encabulado e um capacete de cabelos grisalhos. Com as mãos bem apertadas uma contra a outra, caminha de um lado para o outro em frente ao quadro e, sempre que diz algo – sobre traição e sobre “o Outro” –, todo mundo rabisca ao mesmo tempo nos cadernos. Ela usa os dedos para desenhar aspas no ar sempre que diz “o Outro”.

Patrick tenta prestar atenção, mas fita a menina e volta a perder o fio da meada. Os cabelos dela são curtos e terminam rente às orelhas em pega-rapazes que emolduram seu rosto como um par de asas vermelhas. Não mexe a cabeça, mas seus olhos chispam para o lado e reparam nele. Ela lhe dá um sorrisinho que não some dos lábios mesmo quando torna a voltar sua atenção para a frente da sala.

A professora O’Neil segue falando sobre o filme a que eles irão assistir na semana seguinte, o longa dirigido e estrelado por Kenneth Branagh, que faz o papel do mouro como licano.

– Não vai ser interessante? – indaga ela.

O celular de alguém toca e silencia no mesmo instante. A professora sorri de um jeito que faz várias outras rugas surgirem no rosto.

– Todo mundo, por favor, vá para o ato dois, cena um.

Quando a sala é tomada pelo farfalhar e pelos estalos de páginas se virando, a menina aproxima a cadeira da de Patrick, fazendo-a arranhar o chão. Ele sente outra vez o cheiro do xampu de framboesa – um cheiro vermelho, da mesma cor de seus cabelos – e o sorve profundamente. A mão dela toca sua coxa por baixo da mesa e Patrick perde o fôlego.

O peso daquilo é tremendo. Ele não se mexe. Todo seu sangue parece afluir para

o centro de seu corpo. Não consegue olhar para ela nem para a professora, então encara as janelas da sala de aula que estão viradas para o leste, muito iluminadas.

Os dedos dela se movem. Uma pressão delicada, exploratória, como se tentasse achar o ponto mais mole do corpo para perfurar. Sua boca está cheia de saliva que ele engole de uma vez só. O giz arranha o quadro-negro quando a professora escreve em maiúsculas a palavra *DESEJO*.

As janelas. Patrick tenta se concentrar nas janelas. Elas reluzem alaranjadas como se feitas de fogo, como se o sol apontasse para a sala através de uma lente de aumento. Faz calor lá dentro, muito calor. E a mão dela, muito ágil, agora desabotoa sua calça jeans, abre o zíper e o empunha com firmeza; ele nunca se sentiu tão duro e tem a impressão de que a pele vai arrebentar no momento em que ela o aperta de leve como quem avalia o material, em seguida o acaricia com um movimento que percorre toda a extensão.

Os alunos ao redor correm as canetas pelos cadernos, a professora O'Neil arranha o quadro com seu giz e faz a própria sombra saltitar pela parede qual um corvo dançante, os carneirinhos de poeira rodopiam nos fachos de luz que entram pela janela, e a menina começa a mexer a mão mais depressa, depois mais depressa ainda, com os olhos cravados à frente e o braço aparentemente imóvel, movimentando apenas os dedos e o pulso – e Patrick sente a pressão aumentar, sente que está perdendo o controle, sente a quentura do sol dentro de si, um calor maravilhoso, e a súbita pressão que dá lugar a uma liberação, um jato.

No fim, ele tosse dentro da própria mão. Não consegue não fazer barulho.

Patrick continua sentado – meio afundado na cadeira, expirando depressa pelo nariz com um assobio – e a menina limpa a palma da mão na sua calça, torna a pegar a caneta e começa a tomar notas. Ele passa talvez uns cinco minutos olhando para aquela mão, para as unhas brilhantes e as veias verde-claras. O sinal toca e ela se levanta da carteira sem dizer nada nem olhar para trás e vai embora.

Patrick leva o lanche que trouxe de casa para a sala de ginástica, o recinto com espelhos nas paredes e piso emborrachado anexo às quadras de basquete. Seu pai tinha um banco de supino e alguns pesos na garagem de casa e, à tarde, os dois malhavam juntos sem conversar muito a não ser para gritar palavras de incentivo nas últimas e sofridas repetições de cada série, simplesmente saboreando a companhia um do outro. Enfim, pelo menos era isso que costumavam fazer. Nos meses que antecederam a partida para o combate, o pai começara a passar cada vez mais tempo em seu laboratório caseiro e ao telefone com o amigo Neal, um ex-colega de faculdade que era pesquisador na Universidade do Oregon. Os dois estavam trabalhando juntos em alguma coisa, era tudo o que o pai lhe dizia; um problema de bioquímica. Para melhorar a qualidade da cerveja, supunha Patrick.

Patrick se vê refletido infinitas vezes nos espelhos da sala e imagina que uma daquelas silhuetas distantes é seu pai. Ele faz barra fixa, supino, mergulhos, remadas, flexões militares, roscas, o máximo de que é capaz em meia hora, com pausas entre as séries para dar mordidas em uma maçã.

Ele não pergunta a ninguém se tem problema estar ali. Na primeira vez em que sente outra presença na sala, quando está no supino, ouve os passos apressados e percebe um movimento com a parte inferior do olho, prevê que vai levar um esporro. *Você não pode ficar aqui sem um acompanhante*, dirá o professor com as mãos na cintura. Ou então: *Você nunca vai se enturmar se ficar se isolando desse jeito*.

Patrick repousa o haltere nos suportes, levanta-se até ficar sentado e vê não um professor, mas um aluno. Um garoto alto e gorducho, com rosto de bebê, o que torna difícil calcular quantos anos terá: 15, 19? Tem a cabeça raspada coberta por cerdas castanhas. Usa coturnos e camiseta branca para dentro de uma calça cargo. Nas costas de sua mão está a tatuagem em forma de bala.

O garoto o encara com uns olhos arregalados, úmidos e cinzentos, mas não diz nada. Segundos antes, Patrick estava pensando na menina: no que a levaria a tocá-lo, em como nada daquele tipo jamais lhe acontecera. E se teria de fato acontecido, se ele não imaginara tudo e o que deveria dizer na próxima vez em que a encontrasse – e agora aquilo ali, todos aqueles pensamentos nervosos interrompidos por um skinhead de olhar fixo.

Patrick não sabe o que esperar; talvez outra briga? Mas brigas precisam de plateia. Brigas se alimentam da energia do público. E, a não ser pelas centenas de reflexos deles mesmos, os dois estão sozinhos. O que vai acontecer, então? Patrick se cansa daquele embate de olhares, fica em pé, põe mais 10 quilos de peso no haltere e pergunta:

– Vocês têm algum problema comigo?

– Não, Patrick, a gente não tem nenhum problema com você. – A voz do menino tem a mesma clareza e alcance surpreendentes de um locutor de rádio. Uma voz de adulto.

– Então qual é?

Seu nome é Max, diz o garoto, e ele tem alguns amigos que gostaria que Patrick conhecesse.

– Deixa eu perguntar uma coisa – começa Max, enfiando as mãos nos bolsos como quem guarda uma arma e propõe uma trégua. – O que vai fazer nesta sexta?

Nada. Não tem nada programado, mas não quer responder isso. Aquilo tanto pode ser um gesto de amizade quanto algum tipo de armadilha na qual ele entra por uma porta e depara com uma sala cheia de caras empunhando canos de chumbo e tacos de beisebol.

– Sexta – repete Patrick.

Sexta-feira não haverá aula por causa do descanso da lua cheia. A lei está em vigor há tanto tempo que ninguém mais conhece sua origem: ninguém deve trabalhar nem ir a lugar nenhum a não ser em caso de emergência. Ele diz isso ao garoto.

– Você não é licano – responde Max. – Então isso não importa.

– É, não importa.

Falar com garotas nunca foi fácil para Patrick. Às vezes, no shopping, no boliche ou em algum restaurante, ele inventa uma cantada ruim – “Eu já vi você por aqui, não é?” ou “Se eu ouvir essa música outra vez sou capaz de arrancar minhas próprias orelhas” –, boa o bastante para fazê-las olhar na sua direção e começar a conversar, mas depois disso vira um débil mental que só consegue sorrir, menear a cabeça e baixar os olhos para os próprios sapatos. Por isso, em geral ele nem tenta.

Ela facilita as coisas: surpreende-o naquela tarde ao surgir em meio ao fluxo de alunos que avança pelo corredor, roçando o ombro no dele.

– Você ouviu alguma coisa do que a professora O’Neil disse hoje? – pergunta.

No início, ele não sabe o que dizer. Tudo em que consegue pensar é na mão dela, em seu calor e sua pressão.

– Não, na verdade, não.

– Foi o que pensei.

Ele tenta controlar o sorriso atarantado. Tenta inventar algo para dizer, mas está ocupado demais observando-a: suéter amarelo com decote em V, jeans escuros de cintura tão baixa que dá para ver o osso do quadril.

– Já leu a peça? – indaga ela.

– Não. – Ele fecha os olhos. Isso ajuda. – Eu quero ler. Só ainda não consegui me concentrar.

– Por causa do que aconteceu. – Não é uma pergunta.

– É.

Patrick espera o meneio de cabeça compreensivo, o toque em seu ombro, o milhão de perguntas sobre como foi ouvir todas aquelas pessoas morrerem escondido debaixo de um corpo como se fosse um cobertor. Mas ela não faz nada disso. Ele supõe que isso seja um bom sinal.

– Quer dizer que você sabe quem eu sou?

– Todo mundo sabe quem você é, mesmo fingindo que não.

Portas de armário batem. Vozes ecoam à sua volta. Corpos os empurram mais para perto um do outro. Metade dos alunos segura um celular. Patrick nem sabe ao certo para onde está indo; simplesmente sai andando.

Ela diz algo, mas ele não escuta.

– Ahn?

Ela se inclina até junto de sua orelha, fazendo-o sentir seu hálito.

– Você é famoso. – Ela pronuncia a última palavra com exagero, dando-lhe bastante destaque.

Ele quase retruca “Preferiria não ser”, mas não quer soar como alguém que vive se lamuriando.

– Você sabe quem eu sou – fala por fim –, mas eu não sei quem você é.

Ela diz seu nome e estende uma das mãos, a mesma, para cumprimentá-lo.

– Malerie? – indaga Patrick.

– Malerie.

– Malerie.

– É.

Ele repete o nome três vezes, transformando-o em canção.

– Algum problema?

– É que eu nunca conheci ninguém chamado Malerie.

Os dois passam mais um minuto conversando; ele não sabe muito bem sobre o quê, decerto a escola, ou talvez a cidade. Sua boca se move e emite palavras. Então o sinal toca.

Patrick nunca gostou de despedidas. Ao telefone, depois de alguém falar “Vou ter que desligar”, sempre faz alguma pergunta para continuar a conversa. E pessoalmente, depois de erguer a mão para acenar um até logo, nunca consegue dar mais de alguns passos sem olhar para trás. Sempre fica espantado com a facilidade com que os outros vão embora depressa, já com uma expressão diferente no rosto, isolados e ocupados com o próximo lugar para o qual estão indo, a próxima pessoa que irão encontrar.

Mas ela é diferente. Depois de dar cinco passos, Patrick gira nos calcanhares – não para olhar a bunda dela, só para olhá-la, gosta de fazer isso – e, nesse mesmo instante, como se pudesse senti-lo, a menina diminui o ritmo, vira-se e sorri, mas baixa os olhos como se ele a tivesse pegado fazendo algo proibido.

– É francês, sabia? – grita para ele. – Meu nome. Quer dizer má sorte!

CAPÍTULO 9

Claire se sentiu muito inteligente ao entender que o recado revelava uma sequência de constelações. E sente-se muito burra agora, quinze dias depois, pois não entendeu ainda o que elas significam, o que o pai estava tentando lhe dizer. Sabe que não podem ser direções, um mapa escrito no céu noturno, pois se fosse segui-las não chegaria a lugar algum e ficaria se virando cada hora em uma direção, girando junto com as estrelas. Tenta pronunciar os nomes bem depressa – “Grou, Oitante, Touro, Órion” –, pensando que o seu som talvez contenha algum segredo. Põe o papel bem em frente aos olhos e o afasta lentamente, como se alguma imagem pudesse se revelar. Pensa na mitologia de cada constelação e as analisa à exaustão como as linhas de um soneto que tivesse de estudar na aula de inglês. Rabisca páginas e mais páginas de teoria em seu caderno, até os dedos doerem de tanto segurar a caneta.

Isso basta para fazê-la querer rasgar o bilhete ao meio uma vez, depois outra, e deixar o vento levar embora os pedaços como a neve que caía na noite em que tudo aquilo começara. Então, com as mãos e a cabeça vazia, iria rastejar para debaixo de alguma varanda, encolher-se em posição fetal, fechar os olhos – que parecem tão doloridos quanto o pulso de tanto olhar para o bilhete – e esperar a morte. Seria mais fácil.

A paisagem ali é plana, dividida em quadrados marrons e amarelos contornados por arame farpado, o que lhe dá a sensação de atravessar um imenso tabuleiro de jogo. O vento ondula os campos de trigo e soja que se estendem até o horizonte. Árvores aparecem apenas reunidas em volta das casas para protegê-las das rajadas. A distância entre as cidades aumenta. Marmotas de barriga amarela erguem as cabeças de dentro das tocas e guincham para ela como quem diz *Aonde você acha que está indo?* e *De que vai adiantar?*.

Em especial nos últimos anos, Claire se sentia o centro das atenções. Seus sapatos tinham importância. Seus jeans, seus casacos. As notas que tirava na escola. Seus amigos. Seus torpedos. Suas opiniões sobre filmes, músicas e programas de TV. Seu amor e seu ódio por determinados meninos. Tudo isso agora desapareceu. Principalmente naquelas planícies setentrionais onde o vento nunca para de soprar e o céu parece maior do que o chão que ela pisa, Claire se sente menor e mais insignificante do que nunca. Uma coisinha minúscula e inofensiva que poderia ser engolida sem ninguém perceber.

Pede carona em frente a uma mercearia para uma mulher grisalha e caolha que empurra um carrinho cheio de refeições congeladas. Pergunta se pode dormir na varanda coberta de uma casa branca atarracada, onde quatro crianças correm pelo quintal da frente capturando gafanhotos para jogar na teia de uma aranha gorda.

Solicita orientação no fim de uma campina em que dois homens de boné e pesadas luvas de couro carregam rolos de feno na caçamba de uma picape. Na maioria das vezes, mantém-se discreta, com medo de alguém estreitar os olhos para ela e perguntar: *Você não é aquela menina sobre quem ouvi falar na TV?*

Sabe, porém, que é improvável. Tem lido os jornais e parado em lojas de conveniência para dar uma olhada nas manchetes. “Terror no céu”, “Complô terrorista licano”, “O terror entre nós”, dizem elas. Fotos dos destroços do acidente nos arredores de Denver: metal carbonizado, uma cicatriz aberta em um trigal. Imagens dos aviões em Portland e Boston parados no meio da pista, com as luzes vermelhas e azuis de dezenas de veículos de emergência se refletindo na fuselagem. Fotos dos sacos de cadáveres dispostos em uma longa fila preta sobre o asfalto. Imagens de parentes aglomerados junto ao alambrado, agarrando o metal, segurando com força uns aos outros, com os rostos amarfanhados feito lenços de papel. Fotos do garoto – “o Menino-Milagre” – de expressão pixelada, com um cobertor em volta dos ombros e escoltado pela polícia. Imagens dos mortos, um caderno especial no *USA Today* em homenagem a eles, os nomes, as idades, cidades natais, profissões, os hobbies, os parentes que deixavam. Três Boeings 737, 553 cadáveres.

E nada sobre ela.

Bandeiras americanas tremulam em todas as varandas. Adesivos com estrelas e listras decoram todos os para-choques. E nessa manhã, em frente a um McDonald’s, um homem limpa a fachada de tijolos com um escovão cheio de espuma. Nela, alguém pichou *Olho por olho, morte aos licanos*.

É o tipo de coisa sobre o qual Claire leu em livros, viu em filmes e ouviu seus pais contarem, mas que nunca vivenciou. Hesita em entrar, pois o prédio lhe parece envenenado, mas o cheiro que sai lá de dentro é bom demais. A gordura das frituras lhe dá água na boca e o dia muito frio acaba por atraí-la para dentro da lanchonete quentinha e bem-iluminada. Ela compra um café grande – duas doses de creme, dois torrões de açúcar – e um Big Mac com batata grande. Nunca comeu refeição melhor em toda a vida.

Tira da mochila um exemplar do *Bismarck Tribune* encontrado em uma lata de lixo na rua. O jornal transfere para seus dedos o frio que reteve lá de fora. Ela encontra uma reportagem na primeira página que a faz se debruçar. “Retaliação” é o título, e a matéria é ilustrada por uma foto do presidente, diante de um buquê negro de microfones, falando sobre a “reação rápida, severa e imediata que está ocorrendo neste exato instante”. Ele não pode entrar em detalhes por medo de alertar os que são perseguidos, mas o povo americano deve ficar tranquilo e saber que várias prisões já foram feitas e dezenas de outras vão ocorrer nas próximas semanas. “Não é hora de entrar em pânico”, declarou o presidente. “Não é hora de descontar em nossos vizinhos licanos, que vivem em paz entre nós e são registrados, monitorados

e, com o auxílio de medicamentos com receita controlada, abriram mão de sua capacidade de se transformar. Lembrem-se: ser licano não é ser extremista, e eu incentivo o povo a ter paciência enquanto o governo faz o trabalho e persegue os responsáveis por essa terrível e imperdoável tragédia.” Seguiu-se uma pequena declaração de um grupo de defesa dos direitos dos licanos reclamando de assédio e perseguições generalizadas nos dias seguintes aos atentados.

E só. Nada sobre uma casa invadida, os latidos dos fuzis semiautomáticos, seus pais abatidos a tiros. Os homens dos carros pretos e armaduras pretas também tinham tido à casa de Stacey, ou seja, decerto estavam indo a outras casas, talvez no país inteiro. Claire imagina uma centena de portas derrubadas por chutes, um barulho feito centenas de ossos quebrados, e visualiza o Homem Alto andando por cima de todos eles. Por que isso não saíra no jornal?

Como não sabe para onde ir, não vai a lugar nenhum, e passa dez dias enfiada dentro de um motel abandonado nos arredores de Fargo. O lugar se chama Seaford Inn e está pintado com uma tinta verde-água desbotada e descascando. Mato cresce no estacionamento repleto de rachaduras. As janelas estão fechadas por folhas de compensado. Há doze quartos, todos fechados, mas, ao dar a volta até os fundos, encontra uma janela aberta onde o compensado foi removido com um pé de cabra e jogado no meio da grama alta. “Olá?”, chama ela, e não ouve resposta. Passa um tempão olhando pela janela, vendo a cortina puída se agitar com o vento que lhe lambe o rosto, até os olhos se acostumarem com a penumbra. Arrasta-se lá para dentro, pisando em um bloco de cimento e passando o braço bom por cima do peitoril. Seus pés fazem chacoalhar as muitas latinhas de cerveja amassadas que tomam o chão. Keystone Light. Imagina que alguns adolescentes tenham arrombado aquele quarto para se divertir. O papel de parede é estampado com veleiros e estrelas-do-mar. Quadrados mais claros indicam o lugar de antigos quadros. A parede de gesso exibe um buraco. Uma cadeira está derrubada. O colchão sem lençóis tem manchas de algo que ela torce para ser cerveja. Sabe que o sono não virá depressa em um lugar como aquele, mas é melhor do que as noites que passou até agora debaixo de varandas ou dentro de galpões, em caçambas de caminhão ou velhos trailers.

Sente o cheiro da sujeira no banheiro antes mesmo de adentrar a caverna escura e mal consegue distinguir as fezes secas que entopem a privada. Alguém destruiu o espelho e milhares de cacos cintilam débeis pelo chão. Ela fecha a porta, torna a percorrer o quarto, larga a mochila e decide fazer daquele lugar a sua casa, pelo menos por algum tempo.

Está com cheiro de gente. Era isso que o pai costumava dizer depois de um longo

dia de trabalho, erguendo o braço para cheirar o próprio sovaco: “Estou com cheiro de gente.” Lavou-se diariamente em rios, banheiros de beira de estrada e lojas de conveniência, mas sente as roupas tão sebosas quanto uma segunda pele. Sem falar no pulso. A tala improvisada fede como gordura solidificada no fundo de uma frigideira usada para fritar bacon. Ela continua enrolando mais e mais fita em volta do braço para fechar os rasgos, formando uma gorda luva prateada. Já engoliu o frasco inteiro de ibuprofeno e, embora a dor tenha diminuído, às vezes ainda leva um choque ao bater com o braço em algo.

Aprendeu a fazer tudo com uma só mão – comer, amarrar os sapatos, desabotoar a calça – enquanto a outra fica enfiada no bolso do casaco, inútil. Tenta se concentrar na carta, decifrar o código, mas depois de tanto tempo sem sucesso é fácil a mente se distrair. Claire se pega vidrada, encarando a parede e pensando na saudade que sente de seu telefone, em como uma vez construiu uma casa de passarinhos com uma cuia seca e vazia, como em setembro de algum ano uma frente fria varreu o norte do Wisconsin e fez a temperatura cair abaixo de zero, e quando ela e os pais foram de carro até Loon Lake, andaram por cima do gelo, fizeram buracos e montaram suas varas no gelo tão transparente que dava para ver os peixes rodopiarem sob as botas.

Sabe que o frio está chegando. Um frio intenso que deixa os dedos pretos e faz os dentes baterem com tanta violência a ponto de quebrarem. Os meteorologistas adoram falar sobre Fargo, um lugar onde se pode lançar um copo d’água no ar e vê-la se transformar instantaneamente em neve, ou deixar uma banana ao ar livre de um dia para o outro e depois usá-la para martelar um prego em uma tábua de madeira.

Não pode ficar ali por muito tempo. Diariamente, sai pela janela do Seahorse Inn e vaga pela cidade, e a cada dia a grama fica mais marrom, os galhos das árvores, mais nus, até parecerem quase esfolados, e as folhas formam um ruidoso tapete nas ruas. Para lutar contra o frio cada vez mais forte, comprou um gorro de lã preta no supermercado. Ela não para de pensar na carta enquanto seu corpo vai passando por lojas e bairros, e em mais de uma ocasião seus passos se desaceleram e quase param, como se um vento estivesse tentando soprá-la de volta para o lugar de onde veio.

E se ela voltar para casa? O que a estará aguardando lá? Imagina-se atravessando a casa escura, tateando os buracos de bala nas paredes, esquivando-se das poças de sangue já secas no piso de linóleo. Imagina-se abrindo armários cheios de roupas que ninguém nunca mais vai usar, levando ao nariz os travesseiros dos pais para sentir o cheiro deles, encontrando cabelos seus emaranhados em uma escova.

Ou não. Talvez eles não estejam mortos. Talvez tenham sido apenas feridos. Talvez os fuzis tenham sido disparados para o teto como um aviso, fazendo chover pedaços de gesso. Talvez, se ela encontrasse um orelhão, ligasse para a emergência

e se entregasse, pudesse vê-los logo no dia seguinte. Os três se abraçariam em uma sala de detenção toda ladrilhada de branco com luzes frias e ririam e chorariam de alívio daquele mal-entendido – pois eles não haviam feito nada. Ela não havia feito nada. Certo?

Ou poderia visitar a avó. Na Casa de Repouso Sleepy Hollow. O Homem Alto não devia ter incomodado sua avó, que tinha um dos lados do rosto aparentemente derretido e falava com uma voz pastosa e confusa. Embora as duas nunca houvessem se dado muito bem, ela era da família – havia um certo conforto nisso – e talvez soubesse algo. Claire imagina um dedo se curvando para chamá-la e a velha senhora se inclinando para a frente na cadeira de rodas para sussurrar um segredo.

Ou talvez deva ir para o sul, como os gansos que vê cruzando o céu em formação, para um lugar onde possa andar descalça pela praia e trabalhar como garçomete em um restaurante com tochas acesas a iluminar uma varanda cheia de mesas. Ou talvez deva consultar o horóscopo, tirar cara ou coroa, sentar-se na fileira dos fundos de alguma igreja e rezar. Não consegue se decidir, não consegue confiar em si mesma; sua mente parece o céu, um borrão cinza e viscoso de nuvens que faz chover pensamentos contraditórios.

Leva um bom tempo para largar a moeda de 25 *cents* dentro do orelhão e discar o número fixo de casa, mas basta um toque do outro lado para uma voz eletrônica lhe informar que aquele número está fora de serviço. Claire desliga, fica encarando o orelhão, enfia outra moeda na fenda e disca o celular do pai. Após dois toques, alguém atende mas não diz nada. Ela ouve a respiração do outro lado.

– Alô? – diz. – Mãe? Pai?

A respiração continua. Ouve-se o leve estalo de saliva de uma boca a se abrir em um sorriso, como um chiado de estática. Ela não reconhece a voz que lhe fala – um barítono bem marcado –, mas a voz a reconhece.

– Onde você está, Claire?

O Homem Alto. Quem mais poderia ser?

– Me fala onde você está – insiste ele.

Ela bate o telefone com tanta força que o eco parece o de um martelo golpeando uma bigorna.

Quando volta para o Seahorse Inn, seu nariz arde e escorre, os pés doem e os dedos estão dormentes. Não entende o que ele quer com ela. Não sabe se ele agora vai conseguir encontrá-la, se o orelhão apareceu como número não identificado ou se ele pode rastreá-lo. Só sabe que deve ir embora dali imediatamente.

Entra pela janela e se imobiliza meio agachada no chão. De algum lugar dentro do quarto ouve um farfalhar. Depois silêncio. Seus olhos se acostumam e distinguem à luz cinzenta os contornos escuros da escrivaninha, da cadeira e da cama. As latas de

cerveja sumiram há muito tempo, jogadas no meio do mato. Seu primeiro instinto é dar meia-volta, mas ela está cansada demais para tornar a pular de uma janela para dentro do quadrado negro da noite. E se pulasse, o que iria acontecer? Para onde correria dessa vez?

Avança devagar, com cuidado e tentando distribuir o peso, torcendo para não fazer o piso ranger. Leva um minuto para dar a volta na cama onde as sombras se acumulam, negras e impenetráveis.

Carrega sempre consigo uma lanterna vagabunda de plástico de 2 dólares, do tamanho de uma caneta. Retira-a do bolso e a acende para espantar as sombras. Nada.

É então que escuta: uma série de arranhões e estalos. O banheiro. A porta está aberta. Talvez tenha sido o vento que nunca para de soprar dentro do quarto e de agitar as cortinas.

Na sua infância, com 5, 6 ou 7 anos, uma vez sentiu tanto medo do escuro, teve tanta certeza de que uma criatura de rosto pálido e longos dedos ossudos estava escondida em seu armário, que preferiu fazer xixi na cama a ir até o banheiro. Sente algo parecido – uma pressão de fazer estourar a bexiga – ao fitar a porta aberta do banheiro e imaginar as possibilidades talvez escondidas nos desvãos daquele escuro. O Homem Alto de terno preto. Um sem-teto com os dentes cobertos de limo e um quebra-cabeça de tatuagens na cara. Os fantasmas dos pais, com os braços a envolvê-la qual uma bruma fria.

Sua voz sai enferrujada:

– Saia daí.

Como se lhe respondesse, o vento para de soprar e, no silêncio que se segue, ela pode ouvir um débil tique-taque. Não tem consigo arma nenhuma, apenas a capacidade de fazer o lobo surgir dentro de si, algo que lhe parece impossível para alguém em sua condição, morta-viva de tristeza e de exaustão.

Um grito soa, seguido pelo farfalhar de algo que talvez seja tecido.

Chega. Ela avança depressa e ergue a lanterna. A fraca luz amarela clareia o banheiro, mas não consegue penetrar uma sombra mais escura do que o resto. Os olhos da sombra reluzem, vermelhos. Um corvo, percebe Claire na mesma hora em que a ave solta um crocito e pula de cima do vaso onde estava pousada. Bate as asas e tenta arranhá-la com as garras; ela faz um gesto com o braço e a lanterna rodopia para longe, e por alguns instantes não sabe ao certo que lado é para cima e que lado é para baixo, onde fica a esquerda ou a direita, enquanto o corvo continua a grasnar, bater as asas e trombar contra as paredes até enfim conseguir fugir pela janela aberta.

Claire está encolhida no chão. Começa a rir, e a risada se transforma em soluço.

Ela e o pai costumavam contar corvos. Nas vezes em que tinham visto os

pássaros em uma árvore, ou surgindo e sumindo no meio de nuvens baixas, ele lhe ensinara uma velha cantiga irlandesa. Um é de tristeza, dois de alegria, três para menina, quatro para menino, cinco de prata, seis de ouro, sete é uma história que ninguém nunca contou. “Sete. É esse o número que eu quero”, ele costumava dizer, apertando os olhos na direção do céu. “Quero ouvir essa história.”

Todos os números valiam, menos o um. Caso eles vissem um corvo sozinho, olhavam para os lados depressa em busca de outro. Ela faz o mesmo agora, mas só encontra sombras ao redor.

Empacota seus poucos pertences e vai embora da cidade a pé. A chuva começa a cair e vai aumentando à medida que Claire segue depressa até a construção mais próxima, um posto de gasolina, para aguardar o fim do que espera ser um temporal passageiro.

Gira o display de cartões e escolhe um ao acaso. Na frente, há o desenho de um bebê com a fralda cheia e pesada, uma menina pequena de joelhos esfolados tirando meleca do nariz, um adolescente de óculos escuros segurando um sanduíche, um cachorro desganhado e um casal de avós de óculos, e no meio de tudo isso um homem careca de meia-idade usando uma camiseta sem mangas que mal consegue conter sua barriga. Dentro, está escrita a palavra MOM – “mãe” em inglês e também acrônimo da expressão Mother of Multiples, “mãe de muitos” – e um recado do remetente, provavelmente um marido: *Obrigado por cuidar tão bem de nós*.

Claire lê todos os cartões imaginando para quem os mandaria, depois vai até o mostruário de revistas e folheia um exemplar da *People*. Vê a foto de uma candidata a celebridade saindo do mar com o biquíni arrancado por uma onda e uma faixa preta de censura tapando os seios. *Opa!*, diz a legenda. Claire quer se interessar por aquilo, se deliciar, mas uma parte de si sabe que seus dias de fofocas sobre as baboseiras dos famosos acabaram.

A chuva fustiga a vitrine. Da névoa castigada pelo vento surge uma viatura que sai da rodovia e adentra o estacionamento com os pneus fazendo espirrar em grandes leques a água das poças.

Claire tenta recolocar atabalhoadamente a revista no mostruário, mas a deixa cair e não a recolhe do chão de lajotas. Com certeza isso é um sinal, pensa, no momento em que a sineta da porta toca e o policial adentra a loja. Tem um bigode e uma barriga incipientes. Traz uma pistola no coldre do cinto. O braço pende frouxo em volta da arma, e em sua mão está pendurada uma caneca de plástico gigante munida de um canudo dobrável. Ele enche a caneca com refrigerante, atarraxa a tampa e se encaminha para o balcão assobiando, mas emudece quando Claire sai de trás do display de cartões e diz:

– Com licença?

Os pés do policial cessam de se arrastar no chão e param.

– Pois não?

Seu rádio chia. Ele leva a mão até o aparelho e abaixa o volume enquanto vozes metálicas seguem falando umas com as outras em meio a ruídos de estática.

Claire lhe conta tudo. Mas só na sua cabeça. Na realidade, tudo o que faz é erguer os olhos para o policial, aquele homem com algemas presas ao cinto, sabendo que ele poderia derrubá-la, pressionar um dos joelhos nas suas costas, algemá-la e jogar spray de pimenta na sua cara em menos de um minuto. Acha muito estranho pensar que é nessa situação que se encontra, sendo que, um mês antes, mais ou menos a essa mesma hora do dia, almoçava com os pais – queijo e presunto na chapa, além de pequenas tigelas de sopa de tomate –, escutando a estação pública no rádio de imitação vintage sobre a bancada da cozinha. A coisa mais normal do mundo de repente transformada em algo extraordinário pelo simples fato de que ela jamais tornaria a vivenciá-la.

– Sim? – O policial leva a caneca à boca e o canudo escurece feito uma veia quando ele suga o refrigerante. – O que você quer?

Claire se sente nua diante do olhar dele, sob as luzes frias que nada escondem e fazem todo mundo parecer à beira da morte. Imagina o que ele deve achar de sua aparência: casaco grande demais, cabelos emaranhados, pele oleosa, um hematoma já desbotado e um corte vermelho-vivo no meio da testa. Uma garota que fugiu de casa. É isso que ele vai pensar. E então fará a ligação: entenderá que ela é *a* garota, aquela do aviso que pode muito bem estar circulando por todas as delegacias de polícia do Meio-Oeste setentrional.

Claire dá um passo para trás, o display estremece atrás dela, e por um instante ela não consegue evitar pensar naquele cartão bobo com o desenho da família. Em sua mente, ele se desdobra ao mesmo tempo que sua boca se abre e ela fala:

– Um amigo me disse que dá para ultrapassar o limite de velocidade em 10 quilômetros sem ser parado. – A cada palavra, imagina que sua voz vá falhar, mas isso não acontece. – Que vocês têm tipo uma margem de 10 quilômetros para os motoristas. É verdade?

– Não ultrapasse o limite.

– Tudo bem. Não vou ultrapassar. Mas é verdade?

– Eu não ultrapasso o limite.

O interior do cartão. *MOM*. Mãe de Muitos. *M-O-M*. Um acrônimo. Com alguns segundos de atraso, Claire torna a perguntar:

– Mas vocês param a pessoa se ela estiver só 10 quilômetros acima do limite?

O policial toma outro gole do refrigerante, em seguida pousa a caneca sobre o balcão para o funcionário registrar a compra.

– Cada caso é um caso. Talvez seja seu dia de ser parada, talvez não. Talvez eu

esteja simpático nesse dia, talvez esteja em um dia ruim. – Ele leva a mão ao bolso e pega algumas moedas que faz tilintar. Atrás dele, há uma parede com cigarros, isqueiros e comprimidos energéticos. – Da próxima vez que pensar em fazer alguma bobagem, pense em mim em um dia ruim.

– Vou pensar – garante ela, mas o policial já saiu pela porta e Claire já o esqueceu.

Ela deixa cair a mochila no chão e a vasculha em busca de caneta e papel. Seus olhos piscam depressa e seu maxilar está tão contraído que chega a estalar. Ela vai enumerando mentalmente as constelações.

– Grou. Oitante – fala. – Touro. Órion. Mesa. Índio. Retículo. – Segue falando com a loja vazia, e sua voz é solene como a de alguém que executa um ritual muito antigo. – Índio. Áries. Mosca.

CAPÍTULO 10

Miriam está cansada de esperar. Faz duas semanas que não sai do chalé, andando de um lado para o outro pelo piso de tábuas corridas enquanto espera a energia falhar e se extinguir, a água gorgolejar até parar de sair das torneiras. Seu pescoço dói de tanto dormir dentro da banheira. Seus dentes doem de tanto trincar. Seus olhos doem de tanto espiar pelas fendas cortadas no compensado pregado em frente às janelas.

Às vezes ela tem a impressão de ouvir risos na floresta. Às vezes os sensores de presença disparam e tingem a noite com uma palidez espectral. Certa manhã, ela acordou com um *tum* na porta da frente e pensou, sonhadora, “é o jornal”, mas depois descobriu um coelho sangrando em cima do capacho. Tirando isso, foram quinze dias sem qualquer acontecimento anormal.

Nunca passou tanto tempo sem se transformar. Ultimamente, não confia nessa parte de si, como um alcoólatra que olha para o uísque e sabe que a promessa de um gole o fará enxugar a garrafa e que a noite irá terminar com louça espatifada, hematomas e sirenes. Ela destruiria o chalé ou usaria as garras para sair.

Tenta se manter ocupada. Pula corda até sentir as pernas doloridas. Faz flexões e abdominais sobre o tapete oval no meio da sala. Joga xadrez, girando o tabuleiro a cada jogada para fingir que é o próprio adversário. Lê todos os livros da estante, entre os quais *O médico e o monstro*. A prateleira de baixo está repleta de histórias infantis e, em mais de uma ocasião, ela as abre como para se certificar de que as palavras e ilustrações não desapareceram. Os olhos pousam por um breve instante na obra do marido – um manifesto publicado por conta própria do tamanho de um tijolo chamado *A Revolução*. A capa mostra a imagem de um homem com a sombra de um lobo, mas esse é um volume que ela jamais irá ler, por mais entediada que fique.

Devora um saco de Doritos e lambe os dedos para acabar com as migalhas e o sal. Come amendoins, biscoitos recheados, barrinhas de cereal. Abre meia dúzia de ovos, rala queijo e pica pimentões para preparar uma omelete fumegante. Tem sempre um café na mão e a caneca vive batendo em seus dentes. Sente muita fome.

Essa noite está particularmente difícil. A lua quase cheia parece fazer seu sangue ferver. A boca está inundada de saliva. Os músculos parecem molas muito tesas que nenhum alongamento consegue soltar. Ela trinca os dentes e ofega como se tivesse acabado de correr. Qualquer barulho a faz ir até a janela de arma em riste. Qualquer sombra a faz estreitar os olhos. Ela anda de cômodo em cômodo e percorre as janelas do chalé no sentido horário, espiando a clareira murada pelas árvores.

Mantém o chalé sempre escuro para não prejudicar sua visão noturna e as fendas

nas janelas reluzem qual olhos azuis puxados. Na sala, ela se joga no chão e faz depressa uma série de 25 flexões. Depois da última, para com o peito e a bochecha encostados no tapete. Não respira. Algo mudou. Sente isso como uma porta que foi aberta, uma mudança de som e pressão.

Levanta-se do chão devagar, aproxima-se da janela da frente e solta a trava de segurança. A fenda é estreita e Miriam precisa encostar os olhos na madeira para ver qualquer coisa. Farpas lhe espetam o nariz e a testa. Um minuto inteiro transcorre antes de ela ver, na orla da floresta, uma sombra ganhar vida e se destacar do resto, avançando para dentro da clareira a galhada erguida no ar como um monte de ramos, a faixa branca sob o focinho clara e brilhante como a lua que desponta acima da linha das árvores. Um cervo.

Miriam fecha os olhos e, quando torna a abri-los, o mundo desapareceu, com exceção do cervo, como se o animal estivesse iluminado por um holofote. Ele abaixa a cabeça para pastar e Miriam também abre a boca e passa a língua nos dentes. Sente uma onda de sangue correr pelo corpo até se alojar no peito e provocar ali uma pressão pulsante. Imagina a própria caixa torácica como uma cela que não conseguirá conter por muito mais tempo os dedos pretos que a seguram e sacodem.

Se ela não se apressar, o cervo entrará no raio do sensor de presença e a explosão de luz irá espantá-lo. A porta está bloqueada por três tábuas de madeira. Miriam baixa a arma, pega a furadeira e hesita, sabendo que o animal escutará o barulho. Em vez disso, remexe dentro de uma gaveta de cacarecos em busca de uma chave de fenda. Mal nota as cãibras nas mãos ao girar os oito parafusos tão compridos quanto seus dedos.

A voz que a repreende, que lhe implora para se conter e lhe diz para aguentar firme não passa de um choramingo; é fácil ignorá-la. Ela tira a roupa como uma pele de que não precisa mais. Ao abrir a porta arrancando as tábuas e inspirar ar fresco, trêmula, pela primeira vez em duas semanas, ao cruzar o limiar e emergir da bolha escura do chalé para a vasta noite iluminada de luar, já está se transformando. O processo é para ela tão simples e fluido quanto mergulhar em um lago.

O cervo ergue a cabeça para observá-la. Tem os olhos negros. Suas orelhas se movem. Ele ergue um dos cascos, já pronto para se mover, e quando Miriam irrompe da varanda na velocidade máxima, vira-lhe as costas e dá um salto em direção ao abrigo das árvores. O sensor de presença se acende – de repente é dia – e projeta diante dela sua sombra, uma costura negra e comprida que ela começa a perseguir.

O vento sopra em seus ouvidos, faz esvoaçar seus cabelos e lhe dá a sensação de estar deslizando, serpeando por entre árvores, varando arbustos e passando por cima de troncos caídos sem nunca perder o cervo de vista. Apesar de mais veloz do que ela, o animal é prejudicado pelo tamanho. Seu corpo esbarra nos troncos; a galhada bate nos ramos mais baixos e por fim se emaranha em um deles, obrigando o cervo a

parar.

O animal sacode a cabeça com fúria para tentar se desvencilhar. A madeira estala, mas não cede. Chovem agulhas de pinheiro. O peso do corpo dela faz o cervo se desprender e os dois viram um só emaranhado de membros agitados, e já é tarde demais: ela corta seu pescoço com as garras. Os ossos do cervo têm um branco perolado. Seu sangue é quente e fumega feito um espectro que acabou de se libertar. Miriam passa um longo tempo saciando a fome.

Então seus músculos se contraem. Pela primeira vez, ela sente o frio do ar. Tem consciência de si mesma como loba e como mulher, e a mulher é tão minúscula que parece quase imperceptível, um incômodo que a faz erguer a cabeça da carcaça e reconhecer o perigo da noite.

Uma nuvem recobre a lua e faz a floresta escurecer por um instante. Miriam sente uma pontada de apreensão e se levanta de onde está agachada. Seu olfato está comprometido pelo sangue que lhe cobre os braços, esconde o rosto e embaraça os pelos que brotaram da pele. Um barulho de algo correndo a faz se virar. A lua sai de trás das nuvens e ilumina o que de início parece uma rocha coberta de musgo.

Seus olhos cintilam como lascas de quartzo e seus dentes reluzem quando a rocha se levanta e se transforma no portentoso vulto de Morris Magog. Miriam pode ver o hálito dele e imagina-o quente como o ar que sai de um forno.

Ela não gane. Não fica paralisada com aquela terrível visão. Uma rajada de vento basta para tirá-la de sua imobilidade. Começa a correr de quatro, deixando que a loba dentro de si a guie. Galhos arranham seu corpo. O sangue do cervo seca na pele feito uma pátina pegajosa. A emoção da primeira caçada sumiu e foi substituída por uma necessidade fria e insensível de fugir. O medo pode vir depois.

Ela não olha por cima do ombro nem uma vez, mas pode ouvir os passos dele logo atrás – madeira se partindo, um grunhido gutural que parece uma pedra se movendo –, assim como imaginá-lo: mais urso do que lobo, uma enorme massa de pelos e músculos com a boca preta feito piche.

A floresta se abre em uma clareira cortada por um acesso de carros. O galpão. A caminhonete. A forma atarracada do chalé. Miriam se sente mais vulnerável naquele espaço aberto e pela primeira vez lhe ocorre pensar se Magog estará sozinho. Uma explosão de luz a ofusca. O sensor de presença. Em meio à névoa amarela, ela consegue divisar os degraus e sobe até a varanda aos tropeços – a porta aberta a aguarda, uma fenda negra e retangular na qual Miriam mergulha. Não pode perder tempo olhando para trás, tentando ver se ele está muito perto. Passa o trinco e recua para longe da porta, certa de que ela será arrombada a qualquer momento.

Já está retomando a forma humana e, como sempre, sente-se pequena, atordoada e dolorida, como alguém que acorda de um sonho e percebe que está de ressaca. Sem olhar, tasteia a superfície da mesa de centro e encontra a Glock.

Sabe que deveria pegar a escopeta, o fãção e o pente extra de munição. Nesse momento, porém, tudo que seu corpo quer é se encolher no canto e sentir a madeira da parede pressionar as costas nuas. Ouve algo arranhar as tábuas da varanda. Instantes depois, ouve algo roçar de leve a porta, uma unha arrastada pela superfície externa. A maçaneta gira devagar, prende-se no trinco, depois volta com um estalo à posição inicial.

Um minuto se passa. O sensor de presença desarma. A luz branca ofuscante é substituída por uma fraca claridade azulada que entra pelas fendas nas janelas. Uma delas obscurece de repente. Ela respira pelo nariz com um silvo agudo. Deseja que seu corpo se funda à parede, que pareça apenas mais um móvel naquela sala. Aponta a Glock. Seu dedo se contrai no gatilho. Basta uma leve pressão.

A escuridão desaparece e a fenda torna a ficar azul e, depois, branca: o sensor de presença voltou a ser ativado.

Miriam não sente alívio. Sabe que está com a corda em volta do pescoço e que é só uma questão de tempo para o alçapão se abrir sob seus pés. Aguarda durante um dos mais longos silêncios de toda a vida, quase sem conseguir respirar, tamanho o esforço de escutar com atenção. Então, o chalé se sacode quando algo aterrissa no telhado. Ela não grita, mas leva uma das mãos à boca e morde com força.

O telhado pontiagudo é formado por tábuas de pinho encaixadas umas nas outras. Os passos ecoam, lentos e pesados, e cinquenta anos de poeira caem lá de cima. Ela pisca para remover os ciscos dos olhos e aperta a pistola com tanta força que a pressão escava um sulco em sua palma. Concentra-se no impacto de cada pisada e nos rangidos da madeira até sentir que seria capaz de desenhar no telhado um círculo ao redor de Magog.

Ele está brincando com ela. Miriam não aguenta mais. Levanta a pistola e dispara.

Dá cinco tiros e as cápsulas caem em seu colo e a queimam, mas ela mal percebe. O chalé se balança como se tivesse sido atingido por um carro. Miriam acertou o alvo. O corpo caído rola e começa a despencar do telhado com grande estrondo. Faz-se um breve silêncio seguido por um pesado baque.

CAPÍTULO 11

Chase se lembra da primeira vez em que falou com Augustus. Sétimo ano, Obsidian Junior High School, depois da aula de educação física, no vestiário. Os chuveiros chiam. O ar está tomado pelo vapor. Meninos esfregam as axilas com sabão ou se secam em frente aos escaninhos abertos. Ele abre o cadeado e espera alguns segundos antes de removê-lo por causa das vozes zombeteiras que escuta, dos risos que lembram chacais.

Três meninos, ainda de short e camiseta sem manga, estão em pé na frente de uma cabine chutando a porta com força suficiente para deixar marcas na fina folha de metal.

– Ah, vai – dizem eles. – Sai daí e mostra pra gente a sua xoxota. – Mais um chute e a porta se abre.

Chase reconhece o menino que está lá dentro. Eles fazem aula de matemática juntos e outro dia, na fila do refeitório, uma menina de calça boca de sino e rabo de cavalo virou-se para o menino que esbarrara nela sem querer e disse:

– Não toque em mim; você ainda nem entrou na puberdade.

Ele usa óculos pequenos e tem a cabeça demasiado grande para o corpo, com cabelos cor de palha. Os braços e as pernas são atarracados, o tronco, arredondado. Tudo isso lhe dá o aspecto de um imenso bebê.

O mesmo não se pode dizer em relação a Chase, que se sente muito mais jovem do que o corpo que habita. Alguns anos antes, seus ossos começaram a doer e ele desenvolveu uma fome insaciável: devorava seis ovos no café da manhã e uma pizza inteira no jantar e bebia 20 litros de leite por semana. Examinava a si mesmo no espelho e via as pernas e os braços se esticarem até ficarem proporcionais aos imensos pés e mãos. Começou a bater punheta no quinto ano e a se barbear no sexto com a gilete e o creme do pai. É mais alto do que a maioria de seus professores e joga como ala no time de basquete do colégio.

Chase não é um cara bom – sabe que isso não tem nada a ver com o que vai acontecer depois dali. Detesta a igreja metodista à qual os pais o arrastam todo domingo, fuma cigarros debaixo das arquibancadas do campo de futebol americano, leva colas para a sala nos dias de prova e, sempre que a oportunidade se apresenta, tenta enfiar a mão debaixo da saia de alguma menina. Mas a maioria de suas ofensas se relaciona com o prazer: a leve tontura provocada por uma cerveja, o jeito como um boquete faz seu corpo inteiro ficar hipersensível.

Também não é um cara mau – tem um senso de certo e errado que nesse momento é despertado por aqueles três covardes de aparelho nos dentes e cheios de espinhas nas costas, divertindo-se ao importunar alguém mais fraco.

Pelo que Chase consegue entender à medida que se aproxima deles, o menino se escondeu na cabine depois da aula, deixando de tomar banho, para poder se trocar sem ninguém ver. Ele é arrastado pelo chão de ladrilhos molhado, meio vestido com uma camisa de botão de manga curta e uma cueca tão branca quanto sua pele. Ele se debate, mas não grita quando os outros tentam segurar sua cueca e arrancá-la.

Chase chega por trás. Sem pensar duas vezes, chuta um dos garotos na bunda e o arremessa contra a parede, onde ele bate, caindo encolhido no chão, gemendo de dor. Chase choca o crânio dos demais um contra o outro e os empurra para cima dos mictórios ali perto. Segura-os com a cara ali por uns cinco segundos, pressionando suas bocas nas pastilhas antidodor. Então aciona a descarga e os deixa engasgar.

O menino juntou suas roupas. Tem um semblante impassível e os óculos embaçados lhe escondem os olhos. Nenhum dos dois diz nada. Eles só se falam no dia seguinte, depois da aula de matemática, quando o menino se apresenta como Augustus e pergunta o que pode fazer por Chase.

– Você não me deve nada.

Enquanto sai da sala, o resto dos alunos olha de relance para aquela estranha dupla: Augustus de braços cruzados e Chase sentado com as pernas esparramadas, ambos mais ou menos da mesma altura.

– Discordo – retruca o garoto. – E talvez você também discorde ao ouvir minha proposta.

A precisão das palavras, o esgar confiante da boca, a camisa branca de mangas curtas que parece o traje de verão de um contador: Chase poderia muito bem estar conversando com um extraterrestre. Não faz ideia de como responder e descobre que não precisa, pois o menino preenche o silêncio e explica que, se Chase o proteger, fará qualquer dever de casa que ele considerar chato.

– Eu não sou burro. Nem estou procurando ajuda. – Mais do que sentir raiva, Chase acha graça. – Minhas notas são boas.

– Você tem obrigações que eu não tenho: esportes, vida social. O dever de casa atrapalha essas coisas, não é? Se quiser fazer seus deveres sozinho, ótimo. Mas se algum dia tiver um jogo ou um encontro com alguma gata... pode me passar o trabalho e eu farei com prazer.

– E em troca disso eu dou porrada em quem o incomodar?

Um breve meneio de cabeça.

– Uma mão lava a outra.

Chase se levanta, erguendo-se sobre Augustus. Se quisesse, poderia atochá-lo dentro da mochila.

– A gente não tem que andar junto nem nada, certo?

– Só se você quiser.

– Eu não quero.

Um contrato que os dois vêm mais ou menos honrando nos últimos trinta anos.

Chase nunca chamou Augustus pelo nome, pois o acha pomposo e absurdo, como o de um velho poeta que gosta de escrever sobre os amores-perfeitos que crescem no jardim. O garoto. Era assim que Chase o chamava até ambos se matricularem na Universidade do Oregon. O garoto chamou Chase de lado durante as boas-vindas aos calouros e pediu que ele parasse.

- Por quê?
- Denota falta de força.
- Então como vou chamar você?
- Pelo meu nome.
- Nem pensar.

Acabou optando por Búfalo. Por causa da cabeça enorme, maior do que qualquer chapéu, que parecia brotar direto dos ombros caídos. Chase dá apelidos a todo mundo que encontra. Sua assistente administrativa é Moneypenny, em referência à secretária das histórias de James Bond. Seu advogado, Sem Graça. Seu segurança-chefe é Shrek por causa da careca, da testa saliente e do tronco largo equilibrado sobre perninhas finas. Ele dá um jeito de apelidar até mesmo quem não conhece – uma barwoman vira *meu bem* ou *docinho*; um manobrista ou zelador, *amigão* ou *camarada*. É a sua maneira de fazer as pessoas chegarem um pouco mais perto, olharem no seu olho e sorrir.

Querida. É assim que ele chama a mulher que o atende no balcão de recepção do Spa Urbano Kazumi. Reconhece-a da casa de chá. Rosto inteiramente enrugado, corpo quadrado e cabelos cor de prata enrolados em um coque e presos por pauzinhos. No canto há um vaso com um bambu. Pendurado atrás dela, um pergaminho com uma sequência de caracteres japoneses. A mulher não lhe sorri, mas ergue o braço, acena em direção a um corredor escuro e diz, com forte sotaque:

- Última porta à esquerda.

O spa fica no sudoeste de Salém, não muito longe da casa de chá. É um prédio de tijolos discreto, sem janelas, imprensado entre uma casa de penhores e um agiota, situado em uma rua movimentada por carros enferrujados sem silenciador.

Em uma sala dos fundos, a luz indireta emite uma débil claridade alaranjada. Uma música é irradiada por alto-falantes posicionados no alto das paredes, alguma coisa acústica. Chase reconhece o mesmo instrumento que foi tocado na casa de chá, o *koto*, e as cordas sendo puxadas o fazem pensar nas patas de uma aranha dançando pela teia. A mesa de massagem fica no meio da sala, e na parede está encostada uma cômoda baixa com porta de vidro e tampo de mármore cheia de toalhas brancas felpudas e frascos de óleo e loção. Em cima do móvel, há um chafariz de tomada no qual a água gorgoleja por cima de pedras coloridas.

Búfalo vivia lhe dizendo para não ir àquele lugar. Durante muito tempo, sua principal incumbência como chefe de gabinete parecia ser dizer a Chase o que não fazer. Não fale mal da Weyerhaeuser. Não tire sarro com o Trail Blazers. Não diga palavrões durante coletivas de imprensa ao vivo. Não beba demais em eventos beneficentes de traje a rigor. Não dê um soco na cara de Ron Wyden. Não diga ao *Oregonian* que acha Nancy Pelosi uma velhota muito da gostosa.

Os atentados haviam mudado tudo. “Você entende que isso é a melhor coisa que poderia ter acontecido?”, perguntara Búfalo mais de um mês antes, na época em que os aviões caíram. Na ocasião, os dois estavam em Mahonia Hall, residência do governador, lugar que Chase nunca apreciara muito. Era muito pretensioso: decoração em estilo Tudor, salão de baile, adega, rodeado por roseirais cheios de espinhos. Sem falar que quase 930 metros quadrados podiam fazer uma pessoa se sentir bem solitária no meio da noite, quando os sonhos chegavam. Ele às vezes acordava aos arquejos acreditando ainda estar na República, onde serviu por dois turnos, com o nariz tomado por um cheiro de carne cozinhando, e seus olhos imaginavam mãos com garras a emergir de baixo da cama feito um par de aranhas cinzentas. Mais de uma vez comprou uma cerveja para dividir com o segurança nos degraus da frente às três da manhã.

Na tarde dos atentados, Chase e Búfalo estavam sentados em duas poltronas de couro bordô com abas no encosto assistindo à TV de tela plana e alternando entre a CNN e a Fox News. Mesmas imagens, apresentadores diferentes. Na periferia de Denver, os destroços do avião fumegavam no meio de um trigal. Em Portland e Logan, as aeronaves estacionadas na pista como gigantescos caixões brancos.

Um repórter entrevistava uma mulher de suéter de moletom dos Looney Tunes e leggings roxa. Os dizeres na parte inferior da tela a identificavam como parente de um dos passageiros. “É a coisa mais horrível do mundo”, dissera ela, enxugando as lágrimas com os restos de um lenço de papel. “E está acontecendo bem aqui.”

A imagem passou então para Jeremy Saber, líder do movimento da Resistência, que havia assumido responsabilidade pelos atentados. Em um vídeo publicado na internet, ele aparecia sentado em frente a uma escrivaninha usando uma camisa de colarinho com os punhos arregaçados. Seus cabelos eram uma profusão de cachos, o rosto quadrado escurecido por suíças e braços cobertos de tatuagens. Parecia mais um barista ou um estiloso instrutor esportivo universitário do que o porta-voz de um grupo extremista. “Alguns irão dizer que não damos valor à vida humana. Mas nós damos, e muito. Foi por isso que a tiramos. Fazemos isso com uma intenção cheia de remorso. Vocês agora estão prestando atenção. É isso que precisamos que façam. Prestar atenção. Nossas exigências não foram atendidas.” E prosseguiu enumerando suas principais reclamações: remédios e exames de sangue compulsórios, oportunidades de emprego limitadas, a ocupação da República pelos Estados Unidos

e a proposta de construção de uma base de dados de licanos. “Se o governo não responder a essas solicitações muito razoáveis, seremos forçados a ser pouco razoáveis outra vez. O terror vai continuar.”

Nessa hora, Búfalo se levantou, enfiou as mãos nos bolsos do blazer e foi até a janela; a luz cinza que entrava pelo vidro salpicado de chuva fez Chase pensar na padronagem de suas roupas camufladas do Corpo de Fuzileiros Navais.

– Essa é uma das formas de ver o que aconteceu – disse Búfalo. – Como uma tragédia. – Virando-se para Chase, tirou uma das mãos do bolso e a apontou como se fosse uma arma. – A outra é a seguinte: isso é um divisor de águas. É oportuno. É vantajoso. Você é o único político do país que lutou na República. Precisamos fazes as pessoas se lembrarem disso. – Ele tinha um jeito peculiar de falar, enunciando cada palavra com muito cuidado, como se fosse uma minúscula pedra preciosa saindo por entre os dentes.

Búfalo trabalhara dez anos como advogado antes de entrar para uma firma de consultoria administrativa que aconselhava as empresas sobre que equipamentos comprar, quem demitir e que filiais fechar. Desenvolvera plataformas de marketing estratégico para turbinar ou reinventar empresas. Fora ele quem havia abordado Chase com a ideia de se candidatar a governador. E agora, pela primeira vez – Chase pode ver isso na sua boca trêmula –, Búfalo parece acreditar na possibilidade de uma reeleição.

– Precisamos pôr você atrás de um microfone hoje à noite mesmo, se for possível com aquele avião ao fundo.

– Vamos inventar um discurso no caminho?

Ele reflete sobre isso por um instante.

– Não. Fale de coração. Só preste atenção para o seu coração estar mais furioso do que triste. – Outra imagem dos destroços em chamas surge na televisão. Os óculos de Búfalo capturam a luz laranja tremeluzente, e as lentes reluzem como dois sóis. – As pessoas estão prontinhas para a fúria.

E fúria foi o que Chase lhes deu duas horas depois, em frente ao hangar que abrigava a aeronave, com a chuva molhando seu rosto e um grupo de jornalistas ao redor.

– Eu acho que está na hora de encurtar a guia, enrolar um jornal e dizer para o cachorro: *não pode*.

Desde então, ele falou com todas as redes nacionais de televisão mais importantes, com todas as revistas e todos os jornais, e foi transformado em vilão e em herói. Pela primeira vez na vida, ganhou apelidos. Soldado-Cão é um deles. Guardião de Caça é outro. Vê o próprio rosto ao se logar na AOL, abrir a *Newsweek* para ler os quadrinhos, passar pelos canais com uma cerveja bem gelada aninhada entre as pernas. Defende a continuidade da ocupação da República e um uso mais

amplo da energia nuclear, e cita pesquisas que indicam uma predominância dessa opinião também no seio da República, cujos cidadãos dependem dos empregos, da infraestrutura e da segurança proporcionados pelos Estados Unidos. Apoia o registro público – uma lista de vigilância, como o chama –, a pesquisa de vacinas, a segregação e a suspensão dos direitos. “Extremismo em resposta ao extremismo”, afirma.

Essa falação o deixa exausto. Carrega sempre um pequeno estoque de pastilhas para a garganta no bolso e sua válvula de escape é o sexo e a esteira: corre 8 quilômetros diariamente, até encharcar as roupas de suor. Às vezes seduz mulheres – a repórter loura do canal KOIN 6, a garçonete ruiva do pub irlandês Book of Kells –, outras vezes paga por elas.

Nesse dia está pagando. Na sala dos fundos do spa, um termostato indica a temperatura de 24 graus, quente o bastante para fazê-lo querer tirar logo as botas, despir as roupas e deixá-las jogadas em uma pilha no canto. Calça jeans, camisa de brim. Blazer de veludo cotelê. Cinto com um canivete preso a um pequeno coldre. Lâmina de prata de 15 centímetros, presente de aniversário do pai para os seus 16 anos. Ele o levara para a República, e agora era carregado a todos os lugares. Aposentara-se como coronel e, no ombro nu, qual um hematoma, há uma tatuagem desbotada com uma âncora e uma águia.

Chase pega um preservativo no bolso. Amarra uma toalha branca na cintura. A luz é tão tênue que sua sombra mal parece existir e se espalha indistinta pelo chão e pela mesa de massagem. Ele sobe na mesa e acomoda o rosto no suporte acolchoado.

Ouve o barulho da maçaneta, o clique da porta se fechando e passos sussurrarem pelo carpete. O nome dela é Choko. Eles passam uma hora juntos a cada poucas semanas. Às vezes Chase a deixa passar óleo em suas costas e massagear os músculos até retirar o cansaço. De vez em quando, ele lhe pede para virá-lo de frente. Às vezes ela o acaricia com a boca ou com a mão. Ou sobe na mesa junto com ele.

– Olá – diz Chase, levantando a cabeça para espiar a mulher em pé a poucos metros de distância.

Choko está usando um quimono vermelho com um dragão preto bordado. Seus cabelos descem até os cotovelos. Ela sorri. O chafariz gorgoleja. Ele deixa a cabeça cair no suporte outra vez.

– Me faz uma massagenzinha? Estou todo duro. Depois a gente pode partir para o que interessa.

Sente uma expectativa ávida. O sangue acorre para o centro de seu corpo. Sua ereção fica imprensada contra a mesa de forma desconfortável. Ele ouve as roupas dela caírem no chão e sua respiração pesada, quase ofegante.

– Ei, que festinha é essa aí começando sem mim?

Chase se apoia no ombro, sorrindo. A pressão da mesa de massagem deixou sua visão turva. No início, ele acha que é por isso que a silhueta nua dela parece mudar de forma, inchar e se curvar, como um reflexo na lataria de um carro que passa. Então, pisca com força e observa a postura contorcida, os dentes que se alongam, os pelos pretos que brotam como penas de sua pele. Sente um rombo no estômago como costumava sentir quando tiros estouravam não muito longe e balas traçantes riscavam a noite feito cometas vermelho-sangue.

A voz dela sai gutural:

– Eu trouxe um recado da Resistência.

Antes de Chase conseguir deslizar para fora da mesa, ela pega sua perna e a puxa para cima, cravando primeiro as garras e depois os dentes em sua panturrilha. Ele lhe dá um chute e a criatura cai com a boca cheia de sangue. O seu sangue. Ele não se demora examinando a ferida e pensando no que aquilo significa: infecção.

A toalha cai de sua cintura quando Chase despenca da mesa. O primeiro impulso estúpido é tentar recuperá-la para cobrir a própria nudez e correr em direção à porta e pedir socorro. Percebe, porém, no meio do grito, que aquele foi um ataque planejado, que raramente é posto em prática só por uma pessoa.

Ela rosna. É um som animalesco. Ele pode senti-lo nos ossos como o baixo que sai de um alto-falante grave demais. Nunca esteve mais vulnerável, nu e desarmado, sangrando. Não sente dor, não ainda. Só o sangue morno a escorrer pela perna e sua textura pegajosa sob os pés ao cambalear para trás à procura de uma arma, de algo com que possa golpear.

Chase bate com as costas na cômoda, impossibilitado de continuar recuando. A bruma do chafariz lhe molha as costas. Ele o arranca da tomada, segura-o e o joga em cima da licana. As pedrinhas cascadeiam pelo chão como um granizo de cores vivas. A grande bacia traça um arco e o monstro estende os braços para pegá-lo. O chafariz bate em seu peito e a água molha seus pelos até lhes dar o aspecto de uma sombra encrespada.

Cada um está de um lado da mesa de massagem, cujo acolchoado se rasgou em fendas amarelas. Ele precisa chegar à pilha de roupas, onde está o canivete, do outro lado da sala. Pode sentir o cheiro dela. Seria capaz de reconhecê-lo em qualquer lugar: o cheiro de um licano. Parece uma virilha mal-lavada. Supostamente exalado pela superestimulação das glândulas pituitárias.

Corcunda, com os seios pendendo e se balançando, a criatura golpeia o ar, e é quase impossível decifrar sua expressão por baixo de todos aqueles pelos. Ela emite um som que parece uma fieira de palavras guturais. A pele de Chase se retesa. Ela começa a subir na mesa em sua direção, primeiro um braço, depois o outro. Ele tenta fugir e quase tropeça, escorregando nas pedrinhas caídas no chão.

Avança até as roupas, mas o monstro dá um pulo e o derruba no chão. Por alguns instantes, os dois se assemelham a um casal de amantes, um emaranhado de pernas e braços, respiração ofegante. Ela é mais rápida, só que ele é mais forte e passa um braço em volta de seu pescoço e a arrasta para trás até a parede. Ela arqueia o corpo para tentar se soltar, mas Chase a mantém imobilizada. Enquanto ele a estrangula, a criatura o arranha, arrancando tiras de pele de seu antebraço, das coxas, das costelas, de onde consegue alcançar. Chase contrai o maxilar para tentar ignorar a dor e usa o braço livre para pegar o canivete, arrancando o cinto da pilha de roupas e tateando às cegas para abrir o pequeno coldre de couro.

Consegue por fim extrair a arma e abrir a lâmina. Em seu clarão prateado, tem um vislumbre momentâneo dos próprios olhos arregalados de medo. Arremete a lâmina e a mulher – aliás, a licana, a *coisa* – tenta bloqueá-la, sacudindo os braços e arranhando-o, mas sua força começa a se esvaír. Depois de alguns golpes a esmo, Chase consegue lhe atingir o peito, batendo em uma costela antes de afundar em seu corpo.

O que deveria ter sido um rosnado sai como um ganido choroso por causa da pressão do braço no pescoço dela. Ele a apunhala muitas vezes – *tchá, tchá, tchá* –, muitas mais do que o necessário, e o corpo da criatura fica flácido. Ela não retoma a forma humana. Não como nos contos de fadas. Morre como fera, e assim permanece.

Chase se sente fraco. A sala parece muito fria e o corpo dela, muito quente. Poderia adormecer com aquele corpo jogado sobre o seu. Porém, joga-o para o lado, levanta-se com grande dificuldade e luta contra as asas cinzentas que vê bater na periferia do campo de visão. Tenta não olhar o braço em frangalhos ao pegar a toalha do chão e usá-la para fazer um torniquete. Rosas de sangue brotam na mesma hora através do algodão.

Não há janelas. Só existe um jeito de sair dali. E de entrar. Ele leva algum tempo, mas consegue arrastar a cômoda até junto da porta. Lembra-se do olhar severo que a velha lhe lançou e sabe que Choko não agiu sozinha. Ele precisa de ajuda. Sua mão está trêmula e escorregadia de sangue, porém, de alguma forma, reúne forças para pegar o celular no bolso do blazer, ligar para Búfalo e lhe contar o que aconteceu.

CAPÍTULO 12

Patrick passa vários dias planejando sua fuga – vendo que degraus rangem, borrifando as dobradiças da porta com lubrificante, entrando de ré com o jipe em sua vaga e testando com que facilidade o carro avança em ponto morto –, e então sua mãe lhe avisa que precisa sair da cidade. Um congresso da Associação Nacional dos Agentes Imobiliários em Portland nesse fim de semana.

Ele fica tão animado que não suspira nem revira os olhos quando ela lhe pede para ajudá-la na faxina de um imóvel.

– Vai ser divertido – garante.

Patrick está deitado no sofá lendo o jornal; uma matéria sobre o caso ainda sem solução da morte de um fazendeiro da região, membro do conselho municipal. O chão em volta do corpo estava crivado de pegadas de coiote, mas o guarda florestal afirma que era muito raro – e até mesmo impossível – que coiotes se comportassem daquele jeito.

O sofá e a poltrona ao lado são de couro. A sala de estar parece saída de um catálogo de decoração de interiores. Tapete de lã. Luminárias de ferro batido. Mesinhas de madeira escura. Sua mãe não está nada mal de vida.

Ela termina de colocar um dos brincos e doma os cabelos com um pente. Uma faixa grisalha começa na têmpora esquerda e desce formando um cacho até a base do pescoço, mas o resto de seus cabelos é grosso e preto. Ela esconde bem a idade, e as rugas que formam leques em volta dos olhos estão disfarçadas sob uma camada de base.

– Você vem, então? – pergunta ela.

– Acho que sim.

Ela sorri, formando covinhas. Igual a ele. Nas últimas semanas, Patrick gastou muito tempo a examiná-la, procurando imaginar como os dois iriam se entender. Ele se parece bastante com o pai, é o que dizem: mesmo nariz adunco e testa larga, mesmos dedos de pontas quadradas e mãos imensas que pendem dos pulsos finos como pás. Mas ele puxou aos dois.

Ela o cutuca com o pente, encostando-o de leve em sua bochecha, e Patrick repele o objeto.

– Para com isso.

Ela está tentando deixá-lo confortável, isso ele reconhece. E Patrick busca retribuir, estar disponível, responder a suas perguntas incessantes, sentar-se à mesa da cozinha para fazer o dever de casa, permanecer ao lado enquanto ela assiste àquele programa idiota sobre os médicos tarados.

Não está atrás de drama. Precisa diminuir o frenesi da sua vida, não aumentá-lo.

Sabe que muitos choramingões em sua situação provavelmente iriam se trancar no quarto e acabar aos prantos dando um piti porque a mãezinha os abandonou. Sempre que fica tenso, com vontade de espatifar um prato na parede, ele se lembra do pai, que o mandou não sentir pena de si mesmo.

Mesmo assim, há coisas que o incomodam. O jeito como ela usa as mãos quando fala, sempre apontando, beliscando, gesticulando e acenando. O fato de toda hora ela perder tampas – da embalagem de leite, da mostarda, do pote de aveia – e deixar tudo pela casa destampado. O modo como ela programa o termostato. Durante todo o mês de agosto, manteve o ar-condicionado em 23 graus, e agora que o tempo esfriou deixa a calefação em 19. “Caramba”, diz ele. “Não faria mais sentido uniformizar as estações e deixar a temperatura em 21 o ano inteiro?”

E ela é meio obcecada em relação a bagunça. Se Patrick estiver usando uma camisa amarrotada, obriga-o a tirá-la. Recolhe qualquer prato no mesmo instante em que ele o pousa sobre a bancada, enxagua e põe dentro do lava-louça. Patrick percebeu como a mãe ficou contrariada por pagar pelo jipe usado. “Tem certeza?”, indagou um número exagerado de vezes, apontando para os outros carros na concessionária, todos sedãs, e só aceitou o Wrangler surrado porque naquele momento seria capaz de fazer qualquer coisa para deixá-lo feliz.

Ela mesma dirige um Camry branco tão imaculado que o céu escorre pelo capô feito água. Apesar de o carro já ser um pouco velho, ainda tem cheiro de novo, muito diferente da picape do pai, que soltava poeira pelos dutos de ventilação e tinha batatas fritas mofadas debaixo dos bancos. Antes de os dois saírem, ela pegou uma caixa de transporte para animais na garagem e a instalou no banco de trás. Dentro, há um gato malhado que arranha e morde a grade e chia quando Patrick se vira para trás.

– Que gato é esse? – pergunta.

– É para um amigo. Estavam doando lá no posto de gasolina.

Eles passam por Old Mountain, uma antiga cidade industrial que se tornou posto avançado de luxo para californianos em busca de uma residência secundária ou de um lugar para se aposentar. Segundo sua mãe, as pessoas foram para lá esquiar, pescar, praticar mountain bike e andar a cavalo.

– Quinze anos atrás, eu me mudei para cá e só havia quinze mil habitantes – falou ela. – Mas hoje a região metropolitana tem 250 mil pessoas. – Isso queria dizer que se tratava de uma das comunidades que mais crescia no país, criando um intenso atrito entre o velho e o novo.

A fábrica fechou há muito tempo, e o bairro industrial foi substituído por condomínios fechados, cafés orgânicos, lojas de roupa chique e um caminho de tijolos à beira do rio. Há poucos cruzamentos e inúmeras rotatórias que deixam Patrick tonto e desorientado.

Ela aponta para a parte da cidade onde moravam os licanos – antes da Luta, quando a segregação deles era obrigatória em residências, escolas, banheiros e restaurantes: uma sucessão de curiosos bangalôs de um andar que hoje em dia, de acordo com a mãe, são vendidos por 300 mil dólares.

A rua sobe a encosta de um morrinho e adentra um bairro que parece uma cópia do da mãe. Pelo que Patrick pôde constatar, esses empreendimentos em estilo falsamente rústico estão por toda a cidade, muitos deles entremeados por verdes campos de golfe, com nomes como Crista do Alce ou Cova do Urso. Todas as casas parecem já vir com uma chaminé de seixos de rio e colunas de pinho a ladear a varanda frontal.

O céu exhibe um azul claro e infinito. Um vento forte de setembro faz as folhas correrem pelos gramados. Uma delas – uma redonda, dourada feito uma moeda, como se ali de fato o dinheiro crescesse em árvores – fica presa no sapato de Patrick quando ele desce do carro ao lado da placa da agência imobiliária Century 21 espetada no quintal da frente.

Sua mãe pega no porta-malas uma vassoura, um aspirador de pó e um saco de papel cheio de produtos de limpeza. Eles deixam as janelas abertas por causa do gato.

A família se mudou na semana anterior. A mãe passa o aspirador no carpete para remover as marcas de pegadas e o alisa para fazer desaparecer as depressões onde antes ficavam mesas e sofás. Passa limpa-vidros para retirar as marcas de dedos da porta e espalha velas perfumadas pela casa para acender antes de apresentá-la. Corta algumas flores no jardim e as arruma dentro de um vaso baixo sobre a ilha da cozinha. Patrick arranca as ervas daninhas que despontam entre os quatro quadrados de cimento do acesso de carros. Varre a entrada de pedra, os banheiros de azulejo e a garagem suja com respingos de óleo. Abre uma janela, sobe no telhado e remove as agulhas de pinheiro que obstruem a calha.

Uma hora depois, terminam o trabalho. Patrick pergunta se a mãe cuida disso em todas as casas e ela diz que sim, mais ou menos.

– Faz muita diferença ter uma vela acesa no banheiro?

– Com certeza – responde ela. – Porque a aparência é importante. – Ela afivela o cinto de segurança, torna a ajeitar o retrovisor e arruma os cabelos. – É esse o mundo em que a gente vive.



Desde o dia em que prestou juramento ao tomar posse, Chase se recusou a ter uma escolta policial. O custo era alto demais para os contribuintes: 38 milhões na Califórnia no ano anterior. Além disso, dizia, era capaz de se proteger sozinho. No mês anterior, desde que ele começou a aparecer regularmente no circuito de

palestras e talk shows, Augustus o forçara a aceitar um meio-termo e contratara uma equipe de seguranças particulares, a maioria ex-combatentes de guerra de pescoço grosso e cintura fina. Chase se refere a eles como babás e costuma dispensá-los, a não ser durante compromissos nos quais deve falar em público. O chefe de gabinete tenta fazê-lo mudar de ideia alegando que o pior pode acontecer quando menos se espera.

E o pior aconteceu. Quatro homens, todos de calça e casaco esportivo, buscam Augustus em um carro preto e seguem a uma velocidade alucinante em direção ao spa, buzinando para passar por sinais vermelhos e cantando pneus. O endereço não consta no catálogo, mas Augustus sabe o caminho e dá instruções do banco de trás – ordenando que andem rápido, cacete, *rápido* – ao mesmo tempo que se inclina por causa de uma curva e apoia um braço na janela para se equilibrar.

Encontram a porta da frente trancada e usam uma espécie de aríete de metal para arrancá-la das dobradiças. Um dos homens fica postado na entrada e os outros, Glock em punho, invadem o local. Eles dão o sinal verde e Augustus adentra o hall mal-iluminado. As luzes estão apagadas e a casa parece vazia. Uma das portas está bloqueada e, quando eles a empurram, uma fresta de luz alaranjada aparece.

– *Parem* – manda Augustus.

Os seguranças se afastam da porta e esperam suas orientações.

– Fiquem aqui – ordena Augustus

Ele passa pelos homens e arremete todo o peso contra a porta até a cômoda ceder e permitir sua entrada. Fecha a porta depressa antes de os homens poderem ver Chase encolhido no chão, atordoado, nu e trêmulo por causa da hemorragia, mas vivo.

Há sangue espalhado pela parede e os pés de Augustus chapinham no carpete empapado.

– Estou aqui – avisa ele sem se atrever a tocar no amigo, sem saber quanto tempo a doença pode resistir, uma vez exposta ao ar.

Cutuca com o pé o corpo inerte da licana. Os cabelos grudentos de sangue têm o mesmo aspecto de algas espalhadas pela praia na maré vazante.

– Sua piranha – xinga ele. – Você fodeu tudo.

O governador atacado em um puteiro. Semimorto e provavelmente infectado. Com a carreira política arruinada. Augustus recua o pé e cogita chutar a cara dela, mas muda de ideia: não quer sujar o sapato.

O que faz é cobrir o corpo com toalhas para os outros não verem. Na mesma hora, o pano fica encharcado, com manchas vermelhas. Ele pega um roupão em um gancho e o enrola em Chase. Ninguém pode saber sobre aquilo, senão tudo estará perdido. Só há uma escolha possível. Augustus abre a porta, manda os seguranças improvisarem uma maca para Chase. Depois que eles o levam para o carro, ordena:

– Toquem fogo nisto aqui. Não deixem sobrar nada.



A mãe de Patrick precisa fazer uma parada a caminho de casa. Só um instante. Para deixar uma coisa.

– O gato – explica ela. – Espero que não tenha problema.

Eles passam por várias concessionárias, nas quais dezenas de bandeiras americanas estalam à brisa, e pelo aterro sanitário, onde corvos e gaivotas escurecem o céu, e aquela ali, a mãe aponta um prédio de cimento caiado de branco agora abandonado, é a velha escola onde as crianças licanas estudavam. As janelas têm as vidraças quebradas, a porta da frente está escancarada e um pinheiro cresce retorcido através do telhado.

Mais um quilômetro e meio e eles viram em direção a Juniper Creek, bairro arborizado na periferia da cidade onde todos os acessos que conduzem às casas se afastam da rua principal rumo a um terreno de meio hectare. Agulhas de pinheiro marrons chovem sobre o para-brisa. Uns 20 metros à frente, Patrick vê a casa de fazenda com um exterior de pedra vulcânica que a faz parecer brotar diretamente do chão.

Sua atenção é atraída por movimentos à toda sua volta. Do meio dos arbustos, de trás das árvores e de baixo da varanda em frente à casa surgem cachorros. Mais de dez. Eles levantam poeira ao correr na direção do carro. Em meio a diversos viralatas, Patrick distingue um pastor-alemão, um rottweiler e um dachshund. Todos latem com fúria e rodeiam o automóvel, seguindo-o à medida que ele sobe devagar rumo à casa.

Sua mãe não parece notar os cães e cantarola a música do rádio. Puxa o freio de mão, desliga o motor e abre a porta antes de Patrick tentar impedi-la.

Os latidos cessam e são substituídos por ganidos e gritinhos pedindo atenção. A mãe fala com os animais como se conversasse com bebês e acaricia suas orelhas e costas.

– Quem mora aqui? – indaga Patrick.

– Um amigo.

Ela não o convida para acompanhá-la nem pede ajuda para retirar a caixa de transporte do banco de trás.

– Volto já.

Ela começa a andar em direção à casa sem se dar o trabalho de fechar a porta do motorista. Alguns dos cães a seguem, correndo na sua frente e implorando atenção, línguas e rabos frenéticos, excitados com a presença do gato, e outros ficam junto ao carro, entre eles o rottweiler, que observa Patrick pela porta aberta, ofegando e lambendo os dentes.

– Você é manso? – indaga ele ao cachorro depois de um minuto.

O rottweiler considera isso incentivo suficiente para pular no banco da frente e aproximar o focinho a poucos centímetros de seu rosto. Tudo que Patrick consegue fazer é encarar aquela bocarra. O hálito do cachorro recende a hambúrguer velho. As gengivas são manchadas de preto e os dentes têm o mesmo tamanho de seus polegares.

Prendendo a respiração, ele ergue a mão bem devagar para acariciar o cão, que a cheira, lhe dá uma lambida, depois a empurra para cima com o nariz frio e úmido, pedindo uma coçada atrás das orelhas.

Em pouco tempo, Patrick está fora do carro com o braço dobrado acima da cabeça e um graveto na mão. Os cães os rodeiam, todos com os olhos pregados no graveto.

– Preparados? – pergunta, e os animais latem e batem com as patas no chão.

Ele arremessa o ramo, que sai voando e rodopia na direção da floresta, e os animais disparam atrás, fazendo tremer o chão e o peito de Patrick, como um coração a bater furioso. Instantes depois, o pastor-alemão aparece contente com o graveto, o resto da matilha em seu encalço.

Patrick joga umas vinte vezes o galho, agora todo babado e cheio de marcas de dentes. O dachshund se cansa depois do último lançamento e fica para trás, e ele o levanta do chão e o aninha nos braços. Não consegue acreditar que teve medo ao chegar de carro com a mãe minutos antes. O cachorro o lambe, a língua parecendo um verme a se projetar do focinho coberto de pelos brancos. Inofensivo. Quando Patrick puxa a pele para trás, porém, aparece a fileira serrilhada de dentes escondida dentro daquele cãozinho velho.

Nesse instante, a porta da casa se abre e sua mãe começa a descer os degraus da varanda ainda no meio de uma conversa.

– Vai ser bom, eu acho – diz ela. – Nos vemos em breve, então.

Um homem os observa da soleira da porta. Está usando calça e camisa social. É alto, muito magro e calvo, com apenas uns cabelos grisalhos em forma de ferradura. Ele dá um meneio de cabeça quase imperceptível, um leve abaixar do queixo que Patrick não retribui.



Percorrido por calafrios, Chase perde e recobra a consciência. Tem a pele tão pálida quanto o osso que desponta do braço estraçalhado. Cada batida do coração traz um novo choque elétrico de dor. Percebe que está deitado em cima de um oleado azul dentro de um quarto branco. Aquilo não é um hospital: eles não podem correr o risco de ir para um. Sua cabeça rola de lado, o oleado estala e ele reconhece o sofá encostado na parede: de couro branco, cafona, pertencente a Búfalo. É a sala dele.

Búfalo. Chase pode ouvi-lo, mas indistintamente. Um som reconfortante. Como em sua infância, nas longas viagens de carro, quando acordava com o murmúrio dos pais conversando no banco da frente. Estica o pescoço para observar o amigo andando de um lado para o outro com o celular grudado na orelha. Sua voz denota pânico e pressa. Chase quer lhe dizer para ficar calmo, mas a escuridão do sono o domina mais uma vez.

CAPÍTULO 13

O menino de olhos cinzentos chamado Max vive na parte antiga da cidade. Esse bairro de Old Mountain não foi atingido pelos novos empreendimentos: todas as casas na rua de Max são construções quadradas de um andar só, com uma varanda de cimento na frente e um bordo adulto plantado à esquerda de um acesso de carros rachado. Há três automóveis e uma picape parados em frente à casa, todos da Chevrolet. Os postes zumbem e linhas telefônicas riscam o céu enluarado. Antes de Patrick ter tempo de bater, uma fresta se abre na porta e surge o rosto sulcado de um homem – pai de Max, supõe ele – que acena para o garoto entrar, avisando que os meninos estão lá embaixo.

O porão da casa tem paredes revestidas de pinho e recende vagamente a naftalina. Penduradas na parede, três galhadas de cervo, uma truta-arco-íris laqueada e uma prateleira repleta de canecas de cerveja e troféus de softball escurecidos pelo tempo. Há também um armário de armas cheio de fuzis e espingardas. Um laptop toca Minor Threat de cima de um frigobar antiquíssimo. Quando Patrick desce a escada e seus passos ecoam nos degraus, uma meia dúzia de rostos se vira em sua direção, alguns se balançando ao ritmo da música, outros imóveis e inexpressivos. Como todos têm a cabeça raspada, no início é difícil distinguir quem é quem, mas então um deles dá um passo à frente e entra em foco: Max.

– Que bom que você veio – fala ele.

Pela primeira vez, Patrick repara na cicatriz de traqueostomia que parece uma minhoca vermelho-viva na concavidade de seu pescoço. O ar seco e o carpete grosso provocam uma centelha no momento em que eles unem as mãos em um cumprimento, um choque que faz Patrick piscar depressa e gaguejar um obrigado. Os garotos presentes vão se apresentando um a um: um não tem queixo, outro, o rosto coberto de acne, aquele é incrivelmente musculoso e os tendões saltam do pescoço feito as cordas de um piano. As meias deles estalam no carpete e suas mãos emitem centelhas azuis.

Eles voltam ao que faziam antes: dardos, totó, alguma coisa no computador. Uma televisão revestida de madeira está posicionada no canto com a imagem de um soldado de dentes cerrados congelada na tela. Um videogame repousa em meio a um emaranhado de fios. Dois dos garotos pressionam um botão nos respectivos controles e a tela ganha vida. Patrick reconhece *Call of Duty: Guerras Licanas*, um jogo de guerra ambientado na República Lupina. Havia várias missões para matar o máximo de insurgentes licanos possível e acumular estoques de energia e armas: uma serra elétrica de prata, uma Gatling que cospe munição com um ratatá que parece um jogo de cartas sendo embaralhado.

Algumas vezes por mês, eles fazem um esforço para se reunir, diz Max. Nada formal. Só uma oportunidade para estarem juntos. Para se sentirem conectados. Patrick não sabe o que falar nem se deveria perguntar o que exatamente os conecta, de modo que diz apenas “Legal”. Eles começam a conversar sobre o colégio, se Patrick está gostando, e Max comenta que acha um professor inútil e outro inteligente, mas com o pensamento embotado por ideias liberais. Não desgruda os olhos dos de Patrick. Cada frase sua é pontuada por um cutucão do dedo médio na palma da outra mão.

– Quer beber alguma coisa? – indaga Max.

Patrick responde “Claro” e se pergunta por um instante se ele quis dizer uma cerveja. Porém, repara que todo mundo ali toma refrigerante. O frigobar está abarrotado e Patrick abre uma Coca ao mesmo tempo que Max estala os dedos e diz:

– Antes que eu me esqueça. – Ele eleva a voz para se dirigir a todos: – Galera. Prestem atenção. Escutem. – O volume da música diminui, o videogame é pausado e cabeças se viram em sua direção. – Quarta-feira que vem, às quatro da tarde, lembrem que a gente vai no Desert Flower, o asilo de idosos na O.B. Riley. Primeiro vamos cuidar da manutenção. Depois, jogar cartas. E, Dan, você vai tocar piano durante o jantar.

Todos aquiescem, e então a mesa de totó chacoalha e o game e as conversas recomeçam. Max arqueia as sobrancelhas, baixa a voz e indaga a Patrick:

– Não é o que você imaginava, né?

Ele não sabe muito bem o que imaginava. Gritos, talvez. Uma bandeira com a suástica.

– Vocês por acaso são *straight edge*?

– Não exatamente.

– Então são o quê?

– A gente se autodenomina Americanos.

Eles conversam sobre imigração. Armas. A possibilidade de que Chase Williams seja candidato à presidência. Max conclui todas as frases com um tom de incentivo e correção, como para confirmar que todos compartilham as mesmas opiniões.

Falam sobre os atentados e Patrick comenta que não entende por que *agora*, por que de repente houve todo aquele aumento da força da Resistência. Max faz uma cara de ofendido.

– Não foi de repente. Isso está acontecendo há anos. Desde que nossos pais tinham nossa idade, desde a Luta.

Ele conta nos dedos: o bombardeio frustrado da Times Square, a ameaça de antraz, as bombas enviadas pelo correio, o tiroteio no shopping, o vazamento de gás

no metrô.

– Todos foram relativos fracassos. Poucas manchetes de jornal, poucos cadáveres, e todo mundo segue para a próxima tragédia jornalística de terremoto ou tsunami. Esta agora foi só a primeira vez que os vira-latas de fato conseguiram fazer algo grande. E você, meu amigo, foi pego no meio da coisa toda e deu um jeito de sair vivo. E isso é incrível. Você faz parte da história. É um emblema ambulante do fracasso deles, e a nossa esperança. – A voz de Max parece ficar mais alta a cada frase e sua cabeça se balança frouxamente.

Patrick odeia quando as pessoas se referem a ele como se fosse uma ideia. Foi por isso que parou de falar com a imprensa. Tenta mudar de assunto e pergunta para Max se ele acha que qualquer licano comum é perigoso, se é justo generalizar, rotulando todos como integrantes da Resistência.

– Não conheço muitos licanos, mas me parece que eles levam vidas bastante normais. Não têm muito do que reclamar. Parecem bastante felizes, seguros.

Decepcionado, Max balança a cabeça. Põe as mãos nos ombros de Patrick.

– Escuta. Eles são um risco de saúde pública e uma aberração biológica. Não esquece isso nunca, ok?

– Ok.

Max o solta e Patrick bebe o último gole de refrigerante e sacode a latinha para dar a entender que vai pegar outro. Max o acompanha até o frigobar.

– Agora eu quero que você me fale sobre seu pai.

Patrick abre a lata e sorve a espuma.

– O que você quer saber?

– Tudo.

Patrick não sabe o que dizer. O pai usa jeans da Levi's, botas de motoqueiro e camisetas brancas. Vive com as unhas cheias de hematomas e sujeira. De tantas em tantas semanas, corta os próprios cabelos no espelho com uma tesoura até ficarem bem rentes à cabeça. Estudou bioquímica na faculdade, onde era bom aluno, mas não levava tão a sério. Foi lá que conheceu Neal, no campus de Davis da Universidade da Califórnia, onde os dois eram conhecidos pelo apelido de Kirk e Spock. Keith pilotava motos, carregava um canivete no cinto e achava o laboratório um saco; animava-se mais com as ideias grandiosas do que com sua execução. Já Neal usava calça social e sandálias com meia e era um aluno atento aos detalhes que acabara ganhando renome como pesquisador na área de zoonoses.

O pai de Patrick, por sua vez, acabara usando as más notas e a vocação para a química para conseguir um emprego na cervejaria. Dirige uma picape Dodge Ram e uma moto Indian. Tem uma cicatriz em forma de diamante na testa que ganhou ao bater a cabeça em um armário aberto durante uma comemoração de Natal e se estatelar no piso de linóleo com uma expressão chocada no rosto e sangue a escorrer

por entre os dedos. Foi um dos momentos mais aterrorizantes da vida de Patrick, quando ele viu pela primeira vez o pai ferido e constrangido pelo grupo de pessoas que aconteceu à sua volta.

Mais ou menos na metade da graduação – ele levou seis anos para se formar –, Keith ficou sem dinheiro e se alistou para pagar o resto das anuidades. Hoje, serve como primeiro-sargento na Guarda Nacional da Califórnia, lotado no Posto Avançado de Combate de Tuonela, na região oeste da República. Supervisiona um pelotão de soldados, 25 homens entre os sete mil enviados pelo estado da Califórnia. Anos antes, quando os avós de Patrick ainda eram vivos, já havia servido por um período. Mas isso fora antes de o conflito se intensificar, antes das passeatas e das pedras atiradas nas revoltas contra a ocupação feita pelos Estados Unidos, antes de as manchetes dos jornais serem manchadas com o sangue dos soldados mortos em explosões de bombas caseiras e batalhas com dentes e garras no meio da rua.

Por Skype, e-mail e mensagens instantâneas, seu pai brinca que não tinha nenhum fio grisalho antes de sua unidade ser ativada, mas que agora os cabelos estão embranquecendo a olhos vistos. Escreve que se sente um ancião no meio de todos aqueles garotos, a maioria não muito mais velha do que Patrick. Escreve sobre as sensações conflitantes, sobre como preferiria estar em casa, mas sabe que estão fazendo a coisa certa. “Só existem uns poucos ovos podres por aqui. São eles quem aparecem na imprensa. O resto dos cidadãos, que constituem de longe a maioria, está feliz com nossa presença. Lembre-se de que o fato de você ser licano não quer dizer que seja um monstro. Nunca se esqueça disso.”

Ele escreve que ouve tiros de armas durante as patrulhas e licanos uivando em frente ao complexo da base durante a noite. Que uma bomba explodiu perto do carro que estava dirigindo. A caminhonete capotou duas vezes ao fazer uma curva abrupta para a direita e despencou por uma encosta; não se sabia como eles conseguiram se safar com uns poucos arranhões e os ouvidos zumbindo. “Meu coração quase saiu pela boca. Muitas vezes, os meninos pelos quais estou responsável escapam por um triz. Te cuida, parceiro. Eu te amo.”

Para servir, ele tirou licença do emprego de mestre-serveiro assistente na Anchor Steam, onde passa a maior parte dos dias de guarda-pó branco andando entre bojudos tonéis de cobre e nuvens de vapor com cheiro de levedo, verificando repetidamente a fermentação, enxaguando tanques com mangueiras, movendo barris, anotando temperaturas e concentrações de levedura em um caderninho e, de vez em quando, servindo de guia a grupos de turistas de poquete e tênis branco. Seus cabelos têm cheiro de malte. Ele vive falando sobre grãos integrais e barris de carvalho, e nas conversas de todo dia usa palavras como *hidrômetro*, *glicol* e *pá de aspergir*.

Há muito a dizer sobre o pai, mas, antes de Patrick conseguir concatenar algumas

frases, a porta no começo da escada se abre com um rangido e passos ecoam lá no alto. Sua voz se extingue quando ele vê quem é: a garota ruiva chamada Malerie.

Sente um buraco se abrir no estômago pelo qual todo seu sangue parece se esvair.

Ela não olha para Patrick e caminha bem na direção de Max, passa um braço em volta do seu pescoço e lhe dá um beijo estalado na bochecha. O rosto dele se contrai e enrubesce. Ele se desvencilha do braço dela e olha em volta como se estivesse constrangido com aquela demonstração de afeto. Uma guitarra elétrica guincha e esse é o único som que se ouve no recinto até Max dizer a Patrick:

– Esta é Malerie, minha namorada.

É só nessa hora que ela o encara com uma expressão vazia.

– Prazer – fala e ergue a mão para um meio aceno, com as unhas vermelho-sangue.

CAPÍTULO 14

Claire chegou. Parece quase impossível depois de tanto tempo, mas a placa no acostamento da estrada informa LA PINE, 5.799 HABITANTES. As letras e os números cintilam sob a luz prateada da lua cheia.

Está ali por causa do bilhete do pai, porque o acrônimo de um cartão ridículo finalmente a ajudara a ler o que ele escrevera. Examinara as constelações desenhadas por ele e anotara a primeira letra de cada uma. A partir dessas letras havia formado as palavras: *Procure Miriam Mil e Vinte Battle Creek Road La Pine Oregon.*

Nenhuma explicação além disso. Nenhuma pista sobre por que, dentre todas as pessoas do mundo, ele tinha escolhido a própria irmã, mulher que era mais um mistério sem rosto do que propriamente uma tia, que dez anos antes fora excluída da família por motivos não muito claros, que talvez nem esteja no endereço informado e, mesmo estando, talvez não queira ter envolvimento algum com Claire.

Ela seguiu para o oeste, sempre estudando o mapa todo amassado, e certa tarde percebeu com tristeza que alcançara seu sonho: estava agora a mais de 800 quilômetros de casa. Pegou carona com duas lésbicas em uma minivan em que três pugs latiam e bufavam no banco de trás; com um fazendeiro cheio de feno nos cabelos, grossas luvas nas mãos e uma lata de fumo de mascar no painel do carro. Dormiu em varandas, celeiros, barracões e trailers e debaixo de galhos de pinheiro. Um dia acordou com o barulho de uma chuva de granizo, em outro, com o que parecia granizo mas era apenas um bando de crianças batendo gravetos que fingiam ser espadas. “Você morreu, monstro licano!”, gritou uma delas ao golpear a barriga do amigo.

Se não conseguia arrumar carona, seguia a pé, às vezes de dia, às vezes durante a noite monstruosamente escura das Grandes Planícies, o breu coalhado de estrelas de vez em quando rompido pelo halo vermelho irradiado das cidades. E sempre com o vento soprando e fazendo tremular sua calça, agitando as mechas sebatas de cabelo que pendiam por sob o gorro de lã.

Dentro de um celeiro de madeira, ela encontrou uma mesa de carpintaria com uma placa cheia de furinhos pendurada na parede mais atrás. Chaves inglesas, chaves de fenda, martelos e alicates rodeavam duas caixas de ferramentas, uma vermelha e outra preta, ambas com as tampas abertas. Um jogo de chaves de cachimbo. Uma chave de boca. Pegou alguns dos martelos para testar o peso e acabou escolhendo um de bola com cabo de borracha que guardou dentro da mochila – e então seus olhos se detiveram em um pesado corta-fios.

Flexionou os dedos da mão esquerda. Sentiu os tendões rígidos e os músculos

sensíveis e estranhos, mas fora isso tudo parecia bem. Passou os minutos seguintes cortando desajeitadamente a tala improvisada. Quando ela enfim se soltou, a pele por baixo estava úmida e pálida como algo saído de uma concha.

Claire sopra a mão para tentar aquecê-la e a respiração escapa por entre os dedos formando nuvens que logo se dissipam. A lua lança uma luz mortíça. Ela tenta não olhar para lá. Odeia a lua. Sabe como é ridículo odiar uma bola de pedra que gira, mas de fato a odeia como alguém é capaz de odiar uma bandeira pregada na parede ou o logotipo de uma empresa gravado em uma chaminé. Feito uma caveira sorridente, a lua lhe recorda o que ela é.

Claire nunca tomou Volpexx nem nunca precisou, pois seu médico era um amigo da família e simpatizante da causa que falsificava seus exames de sangue mensais antes de apresentá-los. Mas tinha visto os efeitos do remédio na amiga Stacey, que às vezes parecia entorpecida, sobretudo em época de lua cheia, quando a dosagem chegava à potência máxima. A fala ficava arrastada. A postura se curvava. A pele adquiria um aspecto amarelado, a não ser pelas olheiras arroxeadas. Ela adormecia em sala de aula, esquecia de fazer o dever.

Mesmo sem medicação, Claire não sente desejo de se transformar. E é essa a questão: desejo. Deixar fluir, é como chamam. Permitir que o animal assuma as rédeas como um id libertado de repente. A maioria consegue controlar a mudança, do mesmo jeito que se faz com a raiva ou o desejo sexual, optando por não socar ou bolinar alguém. Porém, quando se está estressado ou exausto, se é excessivamente pressionado ou se sente subjugado pelo peso do mundo, nem todo mundo consegue se conter, e o animal surge sem controle e invade o corpo e a mente. A lua piora a situação. O efeito lunar é como se costuma chamar o aumento de roubos, suicídios, assassinatos, nascimentos, acidentes de carro, transformações.

A estrada é ladeada por pinheiros. O único barulho são seus passos seguindo a linha branca que margeia o asfalto. No limite da cidade, ela passa em frente a uma lanchonete com o letreiro aceso e as janelas escuras. Os restaurantes fecham durante o descanso da lua cheia; só os serviços essenciais permanecem abertos: hotéis, hospitais, polícia. Postos de gasolina. A estrela vermelha de um posto Texaco surge à frente e, alguns minutos depois, ao alcançar as bombas, as luzes fluorescentes zumbiam acima de sua cabeça como cigarras.

Com exceção do sujeito atrás do balcão, a loja está vazia. Ele tem 30 e poucos anos. Olhos encovados. Um cavanhaque desgrenhado que vai até a altura do crucifixo que cintila em seu pescoço. Claire pergunta se ele sabe onde fica Battle Creek Road. O homem responde que nunca ouviu falar. Ela indaga se ele tem um smartphone para lhe emprestar. O homem retruca que, se tivesse dinheiro para comprar um celular desses, não estaria trabalhando no turno da noite em um posto de gasolina.

Lá fora, uma carreta está parada com o motor ligado junto às bombas de diesel. Claire mal consegue distinguir a silhueta do motorista, uma sombra mais escura do que as outras dentro da boleia, mas sabe que ele a observa. Ela pode sentir. Sua pele se retesa. A ponta rubra de um cigarro brilha dentro do caminhão e o cavalo mecânico parece expelir sua fumaça pelo cano de descarga vertical. O baú de aço atrás da boleia tem vários furos de ventilação. Ovelhas a caminho do matadouro. Ela ouve seus balidos apavorados e consegue ver aqui e ali um olho esbugalhado, um focinho preto e úmido.

Mais uns 400 metros e surgem postes. Claire anda depressa até os cones de luz que eles lançam. Há três carros parados diante de um hotel e ela calcula que o Datsun roxo pertença à recepcionista da noite, uma mulher de brincões de penas e cabelo bem preto tingido que não combina com seu rosto enrugado. Claire tenta manter a voz calma mesmo quando a mulher olha em volta como quem procura outro cliente e indaga se Claire pretende alugar um quarto, em seguida suspira fundo ao ouvir a resposta negativa. Só que Claire não se mexe e a recepcionista enfim desiste, busca o endereço na internet e pergunta:

– Battle Creek?

– Isso.

– Não seria Battle River?

– O bilhete diz Battle Creek.

– Não achei nada com o nome Battle Creek, mas achei Battle River. Battle River Road, número 1.020. – A voz é rouca e seu hálito tem cheiro de quem já fumou bastante na vida. – Fica um pouco ao sul da cidade. Depois a oeste. Vai ter que andar um pouco. Oito quilômetros, no mínimo. – Ela clica com o mouse, a impressora zumba e cospe uma folha de papel com um mapa impresso em escala de cinza. – Espero que ache o que está procurando.

Ela segue a Rodovia 97 e sai da cidade pelo sul. Os postes desaparecem. Há cada vez menos casas, ilhas de luz recuadas no meio da floresta. Às vezes, as árvores se espaçam e Claire distingue o contorno serrilhado e brilhante dos montes Cascades. Sempre que passa por uma estrada, muitas delas de cascalho, consulta o mapa com a lanterna como se pudesse ter mudado enquanto ela não olhava.

Caminha muito depressa, não por estar animada, mas porque está preocupada. Seu pai se enganou. Talvez o nome da rua esteja errado, talvez o da cidade, ou quem sabe os dois. Quem sabe esteja tudo errado, até mesmo o número da casa. Afinal de contas, ele estava aflito, com pressa, no momento em que escreveu aquele bilhete que sabia ser o seu último. Claire não consegue se conter e o xinga. Do mesmo jeito que não consegue se impedir de seguir em frente.

Tem a mente tão ocupada que só repara na carreta quando ela já está quase em

cima dela. Os faróis acendem a noite até deixá-la da mesma cor de um antigo hematoma. O caminhão passa por Claire, veloz, e no ar que desloca ela sente o cheiro das ovelhas dentro do baú, de seu calor encharcado de cocô. Cerca de 90 metros adiante, as luzes traseiras começam a piscar, vermelhas. O caminhão para e freia com um barulho que parece o pigarro de um animal gigantesco.

Claire diminui o passo. Lembra-se do caminhoneiro de Minneapolis, de como ficara preocupada e ele se revelara gentil. Tateia o zíper do casaco dele, agora seu, e o puxa até o pescoço. Olha para trás rapidamente, para o trecho de rodovia deserta que se assemelha a uma cobra preta e comprida listrada de preto e amarelo, e tenta se lembrar da última vez que viu um carro.

Tira o martelo da mochila e o segura junto à perna. A distância entre ela e o caminhão diminui, e a menina logo começa a ouvir cascos batendo em aço e uma cascata de mijo escorrendo pelo piso gradeado até o asfalto. Percorre a extensão do baú e, uns 10 metros à frente, a porta do carona da boleia se abre devagar e emite a débil luz alaranjada de uma fornalha. Ela para e grita, torcendo para se fazer ouvir, apesar do barulho do motor:

– Eu não estava pedindo carona!

Ninguém responde. O motor continua ligado. Ela começa a sentir medo. Não sabe se sai correndo para longe dali ou em direção à porta aberta para implorar por uma carona. Sabe que 8 quilômetros deveriam lhe parecer nada depois de 3 mil, mas a noite está fria, ela está cansada e sua tia – será possível? – talvez esteja à sua espera. Não consegue visualizar um rosto, já faz muito tempo, mas imagina uma mulher de costas muito eretas dentro de uma cozinha, tirando canecas do armário, pondo uma chaleira no fogo e olhando com um ar de expectativa para a porta da frente, aguardando sua batida.

Segura o martelo com mais força. Enquanto avança pelo acostamento bem devagar, seus pés produzem ruídos como os de uma pedra de gelo sendo mastigada. Ela tem a esperança de reconhecer o motorista, o mesmo homem de Minneapolis ressurgido ali para resgatá-la outra vez, com um sorriso bondoso no rosto e a mão estendida. Mas claro que não é ele.

O homem entra no campo de visão de Claire e a primeira coisa que ela pensa é: por que cargas-d'água ele usa uma máscara de palhaço? Ele está agachado em cima do banco do carona e a luz do teto da cabine o ilumina por trás. Os olhos da máscara são dois buracos negros e os cabelos desgrehados têm um vermelho de fogo que combina com os lábios de tamanho exagerado esticados em um sorriso largo demais.

As ovelhas balem, o motor zumbe.

– Entra. Entra aqui agora.

Ele fala com o mesmo tom de um homem que comenta o preço da gasolina, baixo e tenso, e é isso que mais a assusta: a calma dele. Antes de Claire conseguir dar

meia-volta, ele pula em cima dela.

Os dois desabam no chão. A mochila de Claire é pressionada dolorosamente contra sua coluna. Ele põe um braço atravessado sobre seu peito e a imobiliza no chão. Ela deve estar sonhando. Não é isso que as pessoas sempre pensam ao se verem diante de algo inimaginável? E o que poderia ser mais inimaginável do que aquilo? Seus pais estão mortos, sua casa está crivada de balas e, depois de percorrer metade do país, ela vai ser estuprada por um desconhecido de máscara de palhaço que a esmaga com seu peso e cuja silhueta esconde as estrelas no céu, apagando as constelações que a levaram até ali.

Só que nos sonhos a pessoa acorda quando o pior acontece. Nos sonhos, a pessoa não sente o que Claire sente agora: o frio do cimento na base das costas, o calor do hálito rançoso do caminhoneiro na sua cara, o toque aflito de seus dedos ossudos que avançam por baixo de sua camiseta. As ovelhas balem e batem os cascos.

Ela deveria se transformar. Sabe que deveria. Por alguns segundos pensa que talvez consiga – na hora em que um tremor elétrico percorre seu corpo, retesando-o – e desfere um golpe com o martelo, que resvala no ombro do homem.

– Você vai me pagar por isso – ameaça ele, e lhe dá um soco na têmpora.

Ela ouve um barulho semelhante ao de uma bola de bilhar caindo em um chão de madeira. Então se vê à deriva, nadando entre dois mundos, e perde a vontade de fazer qualquer outra coisa que não seja fechar os olhos e tentar encontrar algum armário escuro na própria mente onde possa se esconder e trancar a porta.



Patrick precisa dirigir: janelas abertas, o ar frio da noite tão incisivo quanto um tapa na cara, para clarear os pensamentos. Deixa para trás Old Mountain e o brilho dos bairros da periferia, preferindo a companhia da escuridão, sem saber para onde está indo, querendo apenas se afastar. O importante é se manter em movimento. E ficar sozinho dentro do único espaço que sente ser de fato seu: aquele jipe caindo aos pedaços.

As estradas estão vazias. Durante um minuto, ele pisa fundo no acelerador até o motor rugir e o velocímetro tremer em torno de 130 – então solta o pedal, pois sabe que o jipe vai se desmantelar se correr demais.

Apesar de ser quase meia-noite, não está nem um pouco cansado, mas ligado com a adrenalina só de pensar no momento em que Malerie se inclinou para dar um beijo em Max e depois se dirigiu a ele como se não o conhecesse, lhe estendendo a mão – a mesma mão com a qual o empunhou, agora desconhecida. Os Americanos já lhe davam medo antes mesmo de ela entrar pela porta, e eles agora têm motivos para lhe fazer mal caso Max algum dia descubra o que aconteceu.

– Que jogo é esse que você está fazendo? – pergunta Patrick.

Apenas o vento responde, assobiando pelas frestas da carroceria de fibra de vidro. Ele está com o braço para fora da janela, dedos bem abertos, rasgando com a mão o ar frio que a pressiona e a faz parecer um peixe pálido a lutar contra uma corrente escura.

Algun movimento atrai sua atenção e ele olha à frente, tendo um sobressalto. No início, pensa que são dez ou mais coiotes que saem da floresta e avançam em bando pelo acostamento da rodovia. Diminui a velocidade e, durante algum tempo, os animais seguem no mesmo ritmo que ele, uma onda cinza em movimento. Patrick acelera até fazê-los desaparecer no retrovisor com os olhos brilhando, vermelhos, por causa do reflexo dos faróis traseiros.

Mais tarde, irá se perguntar se os coiotes foram atraídos pelo cheiro das ovelhas e se ele mesmo ficou louco por causa da lua cheia, mas, na hora, ao fazer uma curva e deparar com o caminhão parado e as duas silhuetas engalfinhadas sob o clarão anêmico dos faróis, sua mente está vazia e seu corpo, aparentemente desconectado, age com um impulso próprio, mete o pé no freio, salta do jipe e corre na direção das duas pessoas: um homem lutando para segurar uma mulher no chão.

– Ei! – grita Patrick, e no último segundo o homem levanta a cabeça e revela o rosto branco e o sorriso vermelho e cheio de dentes de um palhaço.

A essa altura já é tarde para Patrick recuar: ele já está se projetando no ar. Alguém dá um grito, talvez ele mesmo, quando os dois corpos se chocam dolorosamente. Ambos rolam pelo acostamento até o fundo coberto de mato da vala, onde se imobilizam com Patrick por cima. Ele segura a máscara e a arranca com um ruído de sucção.

Surge um rosto afogueado e imberbe. Um homem. Seja qual for o monstro que pareceu ser no início, não passa de um homem. E um homem pode sangrar. Patrick começa a socá-lo e o acerta duas vezes, esmagando seus lábios contra os dentes, e então percebe, tarde demais, por que o homem não levanta os braços para se defender: ele está pegando algo, uma pedra do tamanho de um punho fechado que desce assobiando em direção à lateral da cabeça de Patrick, um golpe que ele ouve mais do que sente. Sua visão escurece por alguns instantes.

Ele está no chão, disso tem consciência, engasgado com a poeira levantada pela briga. Sua visão titubeia até entrar em foco a tempo de ele ver o homem subir atabalhoadamente na boleia e fechar a porta. Um silvo e um estrilo ecoam quando os freios do caminhão se soltam.

Patrick tenta ignorar a dor e se esforça para se levantar, mas o chão parece se mover sob seus pés. Pega uma pedra e a lança na direção do caminhão, mas ela não chega nem perto de acertá-lo, passando a mais de 5 metros e acertando o asfalto. Antes de ele conseguir encontrar outra, o motor já ruge e o caminhão estremece para sair do acostamento e entrar na rodovia, os faróis traseiros parecendo os olhos de um

animal. Patrick fica observando até vê-lo desaparecer em uma curva; a única prova de que esteve ali é o odor quente e úmido das ovelhas.

Ele leva os dedos à testa: sente sangue e um pedaço solto de pele e torce para não ser nada sério. Encontra a máscara a seus pés. Os cabelos vermelhos se frizam em volta da cabeça, os lábios vermelhos se esticam ao redor do sorriso. No lugar em que deveriam estar os olhos há apenas escuridão, o tipo de escuridão que existe em um poço profundo demais para ser alcançado com um balde. Ele chuta a máscara para longe com repulsa.

A garota continua no chão. Patrick a olha, ela o olha, e o ar parece ao mesmo tempo estático e carregado, como tomado por uma espécie de som subjacente que sua orelha não consegue muito bem discernir. Como depois que um sino toca. Há algo de celestial naquela garota: sua pele é clara, mas tem o tom mais suave de branco-acinzentado que se possa imaginar, como se ela houvesse passado muitos anos mergulhada em um banho de luar.

– Eu tenho um martelo – avisa ela, erguendo a ferramenta para provar.

– Não precisa ter medo de mim.

– É, achei que não precisava. Mas só quero que você saiba que eu tenho um martelo.

Ele quase pergunta se a menina está bem, mas depois se detém. É claro que ela não está bem. Está ferida? É isso que ele quer saber.

– Eu vou ficar bem – garante ela.

Suas roupas estão intactas. Ela não sangra. A história poderia ser diferente se ele tivesse chegado apenas um minuto mais tarde, pensa Patrick. O homem talvez a tivesse levado para dentro da boleia feito uma aranha que rasteja para sua teia.

A menina segura na mão estendida de Patrick e ele a ajuda a se levantar. Por alguns instantes, os dois ficam perto demais um do outro.

– Tem algum lugar para onde ir? – indaga ele.

Ela dá um passo para trás.

– Tenho.

– Quer que eu a leve até lá?

– Quero – responde depressa.

Qualquer que fosse a pergunta dele, ela provavelmente teria respondido o mesmo. Caminha devagar, seguindo até o jipe, como se tentasse se lembrar de como andar.

Ela estende a mão para a maçaneta da porta, mas erra. Patrick abre, ela se arrasta para dentro, e ele pergunta se quer que chame a polícia. Não viu a placa do caminhão, diz, mas, se ligarem agora, o cara não vai poder ir muito longe.

– Não – responde ela, com os dentes à mostra. Patrick pula de lado quando ela faz menção de bater a porta. – Sem polícia.

Patrick se acomoda no banco do motorista e dá a partida. O rádio berra no volume

máximo – alguma canção pop melosa que, naquele contexto, soa zombeteira. Ele o desliga depressa. Verifica o próprio reflexo no retrovisor. Seus cabelos escondem o machucado. A pele está inchada e aberta; o sangue, já viscoso. Os olhos parecem normais, sem dilatação. Ele vai viver.

É só então que a garota diz, tão baixinho que ele quase não escuta:

– Obrigada.

– Não há de quê. – Os dedos de Patrick se fecham ao redor do volante, anestesiados, e ele vê que as juntas estão feridas. – Para onde a gente vai?

Ela lhe entrega um pedaço de papel todo amassado que ele estuda por alguns instantes.

– Eu não sei nem onde a gente está, portanto isto aqui não quer dizer muita coisa.

Patrick pega o celular, digita o endereço e, na tela, surge um mapa com um alfinete vermelho espetado no meio e uma rota a partir do ponto onde estão. Ele lhe estende o aparelho, e o brilho da tela afasta as sombras de um rosto que contrasta com as roupas que ela está usando. A garota tem a mesma idade que ele, talvez um pouco mais, e é bonita, não do tipo que ele identificaria como uma fugida de casa, uma sem-teto ou qualquer outra condição que levasse uma pessoa a estar em um acostamento no meio da noite com um martelo na mão.

– Não é longe – afirma Patrick.

Eles seguem adiante. As árvores têm as copas prateadas pelo luar, mas seus troncos permanecem mergulhados em uma escuridão impenetrável. Patrick dá várias olhadas na direção da menina; não sabe seu nome e está com medo de perguntar. Lágrimas brotam de seus olhos, mas ela não parece chorar de fato. Totalmente imóvel, com as costas eretas, segura a mochila no colo e nem pisca.

Qual é a reação adequada em uma situação desse tipo? Será que deveria reconfortá-la pousando sua mão sobre ela, dizendo alguma palavra de consolo? Ou xingar o caminhoneiro? Fazer uma piada para aliviar a tensão?

– Ei – fala por fim, tocando o pulso dela.

Não consegue encontrar as palavras, que nunca foram seu forte. Mas torce para aquele toque lhe dizer tudo bem, vai ficar tudo bem.



Claire não aguenta mais aquele pesadelo. E agora está quase no fim. O rapaz a leva de carro até Battle River, olhando alternadamente para o celular e para a estrada e diminuindo a velocidade para espiar as caixas de correio fincadas no final de cada acesso. Por pouco não passa direto pela entrada: não há caixa de correio, só números refletores pregados em uma árvore: 1.020.

– É ali – avisa ele, e gira o volante até o fim.

O cascalho chia e estala à medida que o carro percorre centenas de metros por um

túnel de árvores que se abre em uma clareira.

Os faróis iluminam um modesto chalé e, junto dele, há uma Ramcharger preta. Patrick para o automóvel. Uma forte luz branca explode, vinda da casa, e Claire sente uma esperança queimar no peito, pois pensa que é uma luz na varanda, que alguém está lhes dando as boas-vindas. Então percebe que é um sensor de presença e tem a impressão de ser uma intrusa.

– Esta casa não é sua – constata o rapaz.

– Não.

– Mas você sabe quem mora aqui?

– Sei – responde ela, mas em seguida emenda: – Não.

A calefação do carro sibila. A garota tira o cinto de segurança.

– Quer que eu vá com você? – pergunta o garoto, e ela nega. – Vou esperar para ter certeza de que alguém vai atender.

– Não se preocupe. Tem gente em casa.

De fato, Claire sente algo, como se houvesse chegado ao lugar no meio da mata onde os cervos dormem e encontrado a grama amassada e ainda morna. Há alguém ali, se não dentro do chalé, ao menos por perto.

Ela abre a porta e põe a mochila no ombro. Precisa que aquele rapaz vá embora, que a esqueça. Imagina que não deveria ter compartilhado com ele o endereço sem saber em que tipo de encrenca a tia poderia estar metida, do mesmo jeito que não deveria ter chegado perto da porta aberta da carreta. Precisa tomar mais cuidado. Ela perdeu a confiança no mundo. Há monstros demais.

– Pode ir agora.

– Vai lá bater e...

– *Vai embora.* – As palavras saem com mais agressividade do que Claire pretendia e o rosto do garoto se contrai de preocupação. Ocorre-lhe que ele é gentil, bonito, e que ela antes valorizava esse tipo de coisa. – Obrigada – agradece. – Mas estou bem.

Ele ainda passa mais um tempo a encará-la, depois aquiesce, mas em vez de sair com o carro pega um caderno que está sobre o banco de trás e tira uma caneta do bolso. Rabisca seu nome e número de telefone, arranca uma página e lhe entrega.

– Só para garantir.

Claire põe o papel no bolso, amassando-o, e quando a mão dele se ergue na direção da alavanca de marchas, ela fecha a porta do carona. O jipe dá meia-volta e se afasta resfolegando pelo acesso de carros, logo sumindo de vista, a não ser por uma fantasmagórica esfera de luz a flutuar por entre as árvores.

Claire está perturbadoramente alerta. É a lua, desconfia: a lua, o ataque do caminhoneiro e a chance de enfim ter conseguido, de que em breve terá segurança. Ela estremece, não por causa do frio, mas de nervoso. Pensa que qualquer outra

pessoa estaria em choque nesse momento. Ela está imune ao choque.

Um caminho de cascalho é a única coisa que a separa do chalé. Quanto mais ela olha para a construção, mais comprida lhe parece, provocando-a, desafiando-a a avançar. A luz forte do sensor de presença instalado na cumeeira do telhado a faz estreitar os olhos. Se a varanda mais abaixo estivesse acesa, ela teria uma sensação mais aguda de urgência, porém as janelas escuras indicam que não há ninguém em casa ou que a pessoa está dormindo, a pessoa que talvez seja sua tia, talvez não... E se não for? Claire não terá ninguém; será como voltar à estaca zero. Não consegue se defender desses pensamentos que voejam por sua mente como mariposas de asas rasgadas.

Tenta obrigar os pés a se moverem, acabar logo com aquilo, e no início seu corpo hesita, sem obedecer. Claire se inclina para a frente e pronto, dá certo: o peso a impele adiante, primeiro um passo, depois outro. Sua sombra avança junto, uma pequena bola preta, talvez tudo o que resta de seu antigo eu acorrentado a ela. Claire caminha fazendo estalar o cascalho, sobe na varanda da frente e bate na porta. Então aguarda. Não ouve nenhum passo lá dentro, nenhum grilo na floresta, apenas o murmúrio de uma brisa que traz das montanhas o cheiro da neve.

Torna a bater com o nó dos dedos, dessa vez mais insistente, até sentir que os ossos estão prestes a se partir. Há alguém lá dentro, tem que haver. Ela sente isso.

– Olá – chama.

Atrás dela, uma voz diz:

– Estou bem aqui, Claire.

CAPÍTULO 15

Augustus passa as semanas seguintes cuidando de Chase. Sua sala vira um hospital improvisado. Um colchão inflável substitui o oleado sujo de sangue. Augustus passa antisséptico e troca curativos. Prepara um banho morno de banheira que incrementa com álcool e tintura de iodo. Compra OxyContin de um dos vizinhos, médico e doador de campanha, e combate a dor com doses de 160 miligramas do analgésico. Faz Chase tomar Gatorade para aumentar seus eletrólitos, serve-lhe bandejas de ovos com torradas quando ele tem apetite. Durante todo o tempo, Augustus usa máscara, óculos de segurança e luvas de látex. Diariamente, joga fora o saco de lixo preto cheio de curativos sujos, toalhinhas de banho e luvas que ele remove com cuidado, como se fossem uma camisinha infectada.

Diz à equipe e à imprensa que Chase está fazendo um retiro para definir sua estratégia. Os repórteres perguntam se os boatos são verdade, se ele ficou doente, e Augustus ri e responde: “Ele está com uma saúde de ferro, como sempre.”

Durante o sono de Chase – ele dorme bastante, às vezes dezesseis horas por dia –, Augustus fica sentado na cozinha com o laptop aberto, ao lado uma caneta e um bloco de anotações. Busca na internet diferentes combinações de palavras com os termos licanos, lobos, príons. Tem consciência de que deveria saber mais; no entanto, como no caso da aids, a doença lhe parece tão *alienígena* que ele só aprendeu a temê-la de forma abstrata. Eis algumas das coisas que ele descobre:

Os primeiros documentos que fazem referência a um licano foram encontrados no sistema de cavernas de Revsvika, na ilha de Moskenesøy, no arquipélago de Lofoten. É preciso se arrastar por um túnel com poucos metros de largura até chegar a uma ampla gruta cheia de pictogramas xamânicos, um dos quais retrata um homem com cabeça de lobo. As mãos, que exibem longas garras no lugar dos dedos, estão erguidas acima da cabeça como em uma bênção. E a seus pés jaz a carcaça de um animal que parece uma ovelha. A datação de carbono situa o desenho no século VII.

O último censo americano revela que 5,2 por cento da população estão infectados com lobos.

O lobo não é uma bactéria nem um vírus, apesar de muitas vezes ser chamado assim. Na verdade, é um *príon* – termo derivado das palavras *protein* e *infection* que denota agentes infecciosos formados não por ácidos nucleicos, mas por proteínas defeituosas. Assim como os vírus, os príons existem em várias cepas capazes de causar sintomas diferentes em hospedeiros distintos. A doença da vaca louca é outro exemplo corriqueiro. Todas as moléstias conhecidas causadas por príons afetam o cérebro e os tecidos neurais, criando vacúolos nas fibras nervosas que acabam se lesionando e se transformando em uma encefalopatia espongiforme.

O patógeno não tem tratamento, mas o processo degenerativo é lento o bastante para que os seres humanos em geral não vivam por tempo suficiente para o agente se mostrar fatal.

Em uma reportagem assinada por Amant J. Dewan, professor de história da Universidade de Harvard, Augustus aprende que a infecção generalizada começou na Escandinávia, quando os habitantes das ilhas Faroe comiam cérebros de lobos em rituais na noite do solstício de inverno. Acredita-se – com base no cruzamento de dezenas de documentos rúnicos em norueguês antigo – que o primeiro surto de lobos entre a população lupina eclodiu no início do século VII; há relatos de perda de equilíbrio, tremores e deterioração física. Uma coceira aparentemente incessante acometia os animais e os levava a esfregar os quartos traseiros em qualquer coisa que houvesse por perto, mesmo depois de esfolar o pelo e a pele. Os habitantes das aldeias sempre acreditaram que estivessem consumindo a força e astúcia do lobo – nessa ocasião, porém, banquetearam-se com príons altamente infecciosos que, uma vez dentro de seus hospedeiros humanos, sofreram uma mutação.

Cada pessoa reage de forma diferente a um determinado patógeno. Para alguns, o período de incubação é de várias semanas. Para outros, dez anos ou mais. A glândula suprarrenal estimula os príons do lobos. As partes do cérebro mais afetadas são a amígdala, que controla a raiva, e o hipotálamo, que controla a fome. Como um vírus, seu objetivo é se reproduzir. Isso acontece quando o hospedeiro ataca. As gengivas sangram durante a transformação, por isso os príons se propagam pela mordida, que muitas vezes é dada na nuca, de modo a buscar o caminho mais curto para os tecidos neurais.

O suor, a tosse e o espirro não transmitem a doença. Não se pega lobos apertando a mão de alguém, dividindo um refrigerante ou sendo arranhado. Assim como a aids, ela pode passar de mãe para filho e só se fixa em um novo hospedeiro se é transmitida por via sanguínea ou contato sexual. Não importa se o hospedeiro estiver em estado latente ou ativo (geralmente conhecido como “transformado”): o sangue contém a doença e é sempre contagioso.

A palavra *lobos* também está incutida em *lobotomia*, uma operação que faz a pessoa enlouquecer – não é essa a própria natureza da infecção?

A maioria das pessoas afetadas tem vidas saudáveis e felizes. Segundo os grupos defensores dos direitos dos licanos, o Volpexx é só uma garantia. Na realidade, ataques de licanos são tão raros quanto de tubarões; em ambos os casos, porém, a mídia os faz parecer mais frequentes. Segundo um site, a probabilidade de um licano atacar um humano é a mesma de um caçador apontar a arma para um amigo.

A República Lupina foi criada em 1948 após quase dois séculos de diáspora e mais de cinquenta anos de tentativas para criar uma pátria licana. Fica entre a Finlândia e a Rússia, um território setentrional praticamente desabitado na época e

hoje ocupado por vários milhões de licanos e funcionários do governo dos Estados Unidos. A descoberta de jazidas de urânio fez o país prosperar, mas os últimos quinze anos foram conflituosos por causa dos atentados terroristas de forças extremistas contrárias à ocupação americana e a favor da autonomia do país. Porém, oitenta por cento dos licanos apoiam a extração de urânio e a participação dos Estados Unidos para garantir a estabilidade econômica e a segurança da população.

Augustus cria uma pasta de favoritos com dezenas de sites e, então, fica parado um bom tempo, segurando a caneta e com a luz do laptop a passear pelas lentes dos óculos, quando descobre que existem cinco centros de pesquisas em prions nos Estados Unidos, um deles na Universidade do Oregon.



O chuveiro está incrustado com depósitos minerais. Solta uma água com cheiro de enxofre, mas Claire entra feliz debaixo dela. Há tempos não toma um banho, contentando-se em se lavar sumariamente com água e sabão em banheiros de posto de gasolina. Um redemoinho de sujeira se forma em volta do ralo e não desaparece. Nada nunca foi tão delicioso. Ela fica ali até a água esfriar e seu corpo começar a tremer. Quando afasta a cortina, o vapor se agita no ar como se uma nuvem houvesse baixado.

Apesar de ter passado condicionador nos cabelos três vezes, nem assim consegue desfazer os nós. Depois de se secar com a toalha, abre a nécessaire e encontra uma tesoura de cabeleireiro. Esfrega uma das mãos no espelho e a parte limpa torna a embaçar quase na mesma hora. Ela liga a ventilação e o vapor vai rodopiando aos poucos até se dissipar. Passa algum tempo encarando o próprio reflexo. Um hematoma inchado e preto se espalha a partir da têmpora.

Claire empunha a tesoura. Segura um pedaço de cabelo. Cada corte que dá é mais fácil do que o anterior. Ela joga grandes chumaços molhados na privada. Só para quando os cabelos estão na altura do maxilar e a pessoa no espelho parece uma desconhecida.

Sai do banheiro enrolada em uma toalha. Miriam surge na soleira do quarto e pisca com força ao vê-la.

– Quase não reconheci você.

– Acho que é essa a ideia.

Miriam acena para Claire entrar no quarto. A cama, uma queen-size com cabeceira de ferro batido, ocupa quase todo o cômodo. Sobre a mesinha de cabeceira, há um abajur e uma arma. Uma cômoda baixa de pinho está posicionada debaixo de uma das duas janelas, ambas fechadas com tábuas.

– Quanto você veste? Trinta e oito?

– Antigamente, sim.

– A gente veste mais ou menos o mesmo tamanho. – Miriam indica a cômoda e o armário. – Pode experimentar o que quiser.

Em Wisconsin, nos fins de semana, Claire costumava dormir por dez, doze horas. Por volta do meio-dia, o pai batia de leve na porta e dizia: “Claire? Não acha que já chega?” Só que nunca parecia o bastante: ela não se cansava de dormir e bocejava enquanto cambaleava pelo corredor para ir tomar uma xícara de café e comer uma tigela de cereal.

Em seus primeiros dias no chalé, mesmo estando muito cansada, não consegue pegar no sono e, quando o faz, acorda pouco tempo depois. Seus dias e suas noites são entremeados de forma difusa por sonhos e períodos de vigília: ela está folheando um romance, os olhos se fecham e só voltam a se abrir no jantar, diante de um prato frio de espaguete, a tia encarando-a. Está andando pelo acostamento e olhando para um muro de nuvens escuras que talvez tragam chuva. Está em pé no banheiro de um posto de gasolina, deixando o secador soprar nas mãos só para aquecê-las. Está lutando contra o peso do palhaço e, quando consegue revelar seu rosto, uma caveira vermelha lhe sorri. O mundo inteiro parece uma ameaça; o mundo inteiro usa máscara.

Por mais que deseje, não consegue se permitir relaxar, não consegue se sentir segura. As armas espalhadas pelo chalé e as tábuas de compensado pregadas nas janelas lhe dão a sensação de ter adentrado uma fortaleza duvidosa.

Claire pergunta por que todas aquelas defesas e Miriam responde:

- Porque tem gente me caçando.
- As mesmas pessoas que pegaram meus pais?
- Não, outras. Mas igualmente perigosas.



A cozinha americana fica colada à sala e Augustus está sentado à bancada comendo queijo cottage com uma colher, em uma tigela, enquanto Chase, ainda fraco, tenta se exercitar. Nas últimas semanas, não fez nada a não ser dormir e ir cambaleando ao banheiro. Precisa fazer o sangue circular outra vez, diz, senão vai apodrecer e ressecar.

– Imagino que você entenda como a coisa funciona – comenta Augustus.

Além das ataduras que lhe envolvem o braço e o tronco, Chase veste apenas uma calça de moletom cinza. Está fazendo agachamentos; tem o rosto vermelho e encharcado de suor.

– Se você for mordido por um cão raivoso, pega raiva... Não é mais ou menos isso?

– Não exatamente. Apenas a saliva não basta, graças a Deus, ou qualquer espirro no metrô contaminaria uma dezena de pessoas. – A colher bate na tigela e em

seguida nos seus dentes. – Temos sorte de o lobos ser mais parecido com o HIV e de o contágio ser por via sanguínea. Uma mordida não garante uma infecção, mas é bem possível. As gengivas de um licano sangram quando ele se transforma e essa é uma ótima forma de o príon se propagar.

– Me fodi.

– Se com isso você quer dizer “me infectei”, sim, acho que a gente pode dar isso por certo. Mas se estiver querendo dizer “estou acabado como político”, não necessariamente. Três pessoas sabem o que aconteceu naquela sala. Uma delas morreu.

Chase faz mais um agachamento e tenta manter a posição, mas treme e perde o equilíbrio.

– Você acha que dá para esconder o que aconteceu?

– Você vai ter que mudar um pouco seu estilo de vida. – Augustus abocanha mais uma colherada de cottage e fala de boca cheia, com uma voz arrastada e pastosa. – Vou tentar arrumar uma receita de maconha medicinal para você. E parece que dá para comprar Volpexx no Canadá e mandar entregar aqui... Talvez a gente possa experimentar com doses baixas. Mas agora o que você precisa é permanecer calmo, controlado, humano. Ou seja: nada de mulher. Nada de biritá. Nada de acessos de raiva.

Chase desiste dos agachamentos, vai até a janela e olha para o dia lá fora. Nuvens pairam no céu como um teto escuro e baixo. Um bordo jovem e sem folhas se sacode ao vento.

– Não é bem meu estilo, né?

– Não – concorda Augustus. – Não mesmo.



Mais do que propriamente bonita, Miriam é atraente. Claire pode ver o pai nas feições da tia. Mandíbula forte, ombros quadrados. Olhos azul-elétricos. Mas, enquanto o pai sempre tinha um sorriso aberto, Miriam parece desprovida de qualquer senso de humor: expressão pétrea, a boca parecendo uma fenda preta, quase sem lábios. Nunca para de se movimentar e vive com uma camiseta preta sem mangas que deixa ver braços bem delineados.

Até então, Claire não tinha muita noção do que fosse uma família. Quando reclamava de ir visitar a avó na casa de repouso ou de ir a um churrasco com os primos, a mãe sempre dizia “Eles são da família”, como se isso explicasse tudo. Agora Claire enfim entende a importância do sangue. Entende como alguém feito Miriam, sob todos os outros aspectos uma estranha, a acolheu sem fazer perguntas.

As conversas entre as duas, apressadas e cheias de questionamentos, são interrompidas por longos silêncios. Elas se sentam em cantos opostos do sofá, Claire

com as pernas encolhidas debaixo do corpo, a tia inclinada para a frente, antebraços apoiados nos joelhos. No início, Miriam só faz perguntas – “E depois o que aconteceu?” é uma de suas preferidas – sobre a invasão à casa da sobrinha, o bilhete do pai, a viagem aparentemente interminável desde Wisconsin. Claire espera uma reação mais forte quando descreve o tiroteio que irrompe no térreo, mas Miriam apenas abaixa a cabeça e diz com uma voz sumida que, desde o instante em que viu Claire diante da porta, soube que o irmão tinha morrido.

Sua voz então se faz incisiva outra vez:

– Quem era aquele menino? O do jipe?

– Ninguém.

Claire explica o que aconteceu: conta tudo sobre aquela noite e fala inclusive do caminhoneiro, que estava mantendo em segredo. Prepara-se, imaginando que Miriam vá lhe dar um abraço e dizer que sente muito. Porém, a tia se levanta do sofá e desaparece da sala. Claire pode ouvi-la no corredor, depois na cozinha, ouve um armário se fechar e copos tilintarem. Instantes depois, Miriam aparece com duas doses de uísque. Sem dizer nada, entrega um copo para Claire. As duas erguem os copos em um triste brinde e bebem de um gole só. Claire tosse na mão fechada. O peito queima como se ela tivesse engolido carvão em brasa.

Miriam pousa o copo na mesa de centro.

– Foi uma burrice trazer aquele menino aqui, você sabe. Burrice mesmo.

– Eu sei.

– Ele conhece seu rosto. Sabe onde a gente mora.

– Eu sei – repete Claire, e baixa os olhos para o chão

Na verdade, apesar de as palavras de Miriam a ferirem, tudo em que Claire consegue se concentrar é uma única expressão: *a gente*. Onde *a gente* mora. Sente vontade de chorar de tanto alívio.

Claire tenta se manter ocupada. Varre o chão. Vira o rolo de papel higiênico para fazer o papel sair pela frente. Arruma os livros por ordem alfabética. Lava a louça, demorando-se com o pano sobre o prato antes de colocá-lo para escorrer. Abre a geladeira e fica encarando o zumbido frio e branco. Pequenas tarefas, rituais cotidianos a reconfortam depois da queda livre.

Encontra moscas nas pias. Moscas nos parapeitos das janelas. Moscas em cima das cobertas e até mesmo debaixo dos lençóis, ainda vivas. Faz tempo que o chalé não é ventilado e o ar está parado e rançoso. Ela desejava um teto, mas percebe estar tão acostumada com o ar livre que as janelas fechadas por tábuas a fazem se sentir presa.

Diz isso para a tia no momento em que ela olha por uma das fendas nas janelas. Quando se vira para Claire, tem o rosto dividido ao meio por uma risca de luz.

- Quer cortar lenha?
- Qualquer coisa. Contanto que seja lá fora.

Miriam torna a olhar para fora e arranca um pedacinho de pele seca do lábio inferior com os dentes.

- Acho que é seguro. Contanto que a gente vá armada. E fique perto da casa.
 - Você acha que pode ter alguém lá fora?
 - Não sei. Acho que não. Agora não. Mas alguém veio atrás de mim umas semanas atrás.
 - O que houve com ele?
- Miriam imita uma arma com a mão e a aponta para a sobrinha.
- Pá.



Chase aparece no saguão circular da sede do governo vestido com o uniforme de gala: quepe pontudo, casaco azul-marinho com debruns em vermelho e colarinho em pé. Ao descer os degraus de mármore, é seguido por integrantes da Guarda Nacional do Oregon. Aproxima-se do púlpito, que tem a frente decorada com o símbolo do estado, e fica parado ali enquanto os soldados executam uma marcha tradicional. Suas espadas golpeiam o ar e suas botas batem com força no chão de pedra, fazendo o ar tremer. Eles param debaixo de uma gigantesca bandeira americana pendurada entre duas colunas.

Chase bate uma continência e tira o quepe, que coloca sobre o pódio.

– Obrigado – agradece, primeiro aos soldados, em seguida aos jornalistas sentados em mais de vinte filas de cadeiras dobráveis.

Os flashes das câmeras estouram criando um efeito estroboscópico que o deixa cego. Há três semanas ele não aparece em público. Depois de estar por toda parte, subitamente não estava mais em lugar nenhum, e a mídia reparou. O pronunciamento oficial foi que se recolhera para uma temporada de estratégia e repouso, mas muitos acreditavam que ele tivesse adoecido. A coletiva de imprensa fora ideia de Búfalo: uma demonstração de força e uma declaração inequívoca que irá dissipar as fofocas sobre a ausência repentina.

Apesar da postura rígida e do pequeno sorriso, Chase sente-se bem. Talvez uma descrição mais exata seja: não se sente ele mesmo. É um homem dividido, hospedeiro de um patógeno capaz de assumir o controle a qualquer momento. Às vezes seu coração dispara e a respiração se acelera, arquejante. Os músculos doem. A escova de dentes sai da boca suja de sangue. Ele passa a mão pelos cabelos e vê que estão molhados de suor. Pode sentir o próprio odor, as axilas e virilhas úmidas e malcheirosas. A consciência às vezes parece ter sofrido um curto-circuito e virado um turbilhão de luzes no qual se alternam a silhueta de um homem e a de um lobo.

Búfalo lhe avisou que isso iria acontecer. Ele vai demorar para se acostumar com a nova condição física e emocional, como se estivesse gestando um alienígena capaz de lhe rasgar o ventre e estrangulá-lo com o cordão umbilical. *Simbiótico*, foi a palavra que Búfalo usou. Amaldiçoada, é como Chase pensa. Quando chegar o carregamento de Volpexx, tudo vai ser mais fácil. Búfalo prometeu que o remédio será o equivalente de uma coleira.

Isso é bom. A infecção tem o mesmo efeito de um tumor nas glândulas suprarrenais, fazendo-as dobrar de tamanho. A região do cérebro conhecida como amígdala – que controla as emoções – faz parte do sistema límbico e se comunica com o hipotálamo, que é onde agem os hormônios. Raiva, medo ou excitação produzem uma descarga hormonal, que por sua vez causa uma inundação da suprarrenal. O efeito da transformação no corpo equivale a uma dose cavalgar de PCP.

Os jornalistas baixam as câmeras e a névoa branca de sua visão se solidifica.

– Estou aqui, um orgulhoso e humilde rapaz do Oregon.

Ele faz uma pausa e inclina a cabeça, sem saber que som é aquele que está ouvindo. Então percebe que são as canetas dos jornalistas riscando o papel, como centenas de insetos. Todos os seus sentidos se aguçaram, sobretudo nos últimos dias. Ele agora sente as etiquetas de suas camisas e as costuras das meias. Nenhum gosto lhe agrada – até mesmo a água da torneira tem estranhos sabores de flúor e metal. Consegue sentir o cheiro de um esquilo morto apodrecendo sob um arbusto a três quarteirões de distância.

Além da multidão de jornalistas, está ali Búfalo, que faz com a mão um gesto de ande-logo-com-isso. Chase pigarreia.

– Minha família mora neste estado há três gerações. Meu bisavô trabalhou nas construções das rodovias no leste do Oregon. Meu avô projetou a serraria que durante tantos anos foi o coração industrial de Old Mountain. Meu pai administrava uma fazenda de gado com seis mil cabeças. Minhas raízes aqui são profundas.

Ele quase nunca discursa com base em roteiros escritos, mas, segundo Búfalo, isso tem que mudar, não pode mais deixar nada ao acaso e correr o risco de ter um acesso de medo ou de raiva.

Em algum lugar ao longe, Chase ouve uma sirene. É uma viatura, tem certeza, embora na realidade não tenha a menor ideia de como diferenciar o barulho de um carro de polícia do de uma ambulância ou caminhão de bombeiros. Pouco importa: alguém está em apuros.

– Alguns de vocês talvez lembrem que houve um tempo em que os outdoors da nossa divisa estadual diziam BEM-VINDOS AO OREGON. AGORA PODEM IR EMBORA. – Muitos na plateia sorriem. – Era uma piada, mas, no fundo, não. O Oregon é um tesouro. Não queremos que ele seja estragado por forasteiros. E foi exatamente isso

que aconteceu. Nós nos tornamos um porto seguro para os licanos, sobretudo os enclaves liberais de Eugene e Portland. Comprometemos nossas divisas e nossa segurança. Uma das coisas que eu sei, por ter sido fazendeiro, é que é preciso construir boas cercas. Vou introduzir leis que, assim espero, serão aprovadas antes do fim do ano.

Ele faz uma pausa enquanto os flashes tornam a disparar e os jornalistas sussurram uns com os outros; o som parece o de um vento ganhando força.

– Entre essas propostas estão exames mais rígidos, penas criminais e supervisão perpétua, bem como um registro público com nomes, fotografias e endereços, acessível na internet. Também vamos reinstaurar o Comitê Consultivo Licano, desmantelado nos anos 1970, e para presidi-lo eu convidei o chefe de gabinete Augustus Remington.

Por alguns instantes, ninguém diz nada nem levanta a cabeça, todos curvados sobre cadernos e laptops, escrevendo furiosamente. Um celular toca e a pessoa não atende. Ele repara no olho vermelho de uma câmera de vídeo piscando em sua direção. Encara-a de frente.

– Não deve haver nenhuma clemência para com qualquer infrator licano em nosso estado e a nossa legislação permitirá implementar os mais rígidos padrões de supervisão para garantir nossa proteção. Nosso antigo costume de nos preocupar com quem possa se ofender deve ser radicalmente alterado para garantir a manutenção da segurança coletiva. As novas políticas exigirão uma mente aberta e a vontade de fazer as coisas de modo diferente, mais estrito. O custo para alguns será em prol do benefício para muitos. Este estado pode ser o modelo para as políticas nacionais. E aos que pensarem que meus objetivos são ambiciosos e extremistas demais, eu respondo o seguinte: vocês ainda não viram nada.

Ele conclui o discurso virando-se de frente para a bandeira, levando uma das mãos ao peito e cantando uma versão soturna da canção patriótica “America the Beautiful”.

Não abre a sessão para perguntas, mas elas são feitas mesmo assim. Ao escapar escada acima, pode ouvir as vozes de cada jornalista a chamá-lo. No entanto, conforme previsto por Búfalo, nenhum deles quer saber sobre o aumento da oferta de empregos, o imposto de renda empresarial, a tributação sobre imóveis comerciais ou se é verdade que ele ficou doente.



O bloco de cortar é um toco de árvore muito velho e todo marcado. A seu lado, há uma pilha de pedaços de tronco recém-serrados que recendem a resina de pinheiro. As duas os põem em cima do bloco, um a um, para cortá-los ao meio duas vezes. Depois, carregam a braçada de pedaços mais finos até o monte de lenha que ocupa

toda a extensão da lateral do chalé.

Aquela era sua atividade outonal preferida. Seu pai comprava uma autorização e, juntos, eles percorriam as estradas do Serviço Florestal, derrubavam algumas das árvores assinaladas, tiravam fora os galhos e punham os troncos na caçamba da picape para levar até sua casa, onde passavam as semanas seguintes cortando-os.

Claire pensa no pai e a dor no coração se iguala à dor no pulso que ela tenta ignorar ao erguer o machado. Apesar do dia frio, as duas transpiram e resolvem tirar os suéteres. Seus braços ficam esfolados de tanto carregar madeira. Miriam não tira os olhos da floresta e, de vez em quando, toca a Glock no coldre do cinto, para se tranquilizar.

O cabo de madeira do machado tem um brilho encerado, devido a todas as mãos que o seguraram. Claire o desce formando um arco e ele atinge o tronco emitindo um barulho igual a um tossido; a madeira não foi adequadamente curtida e é difícil de partir, branca e úmida como uma maçã. Alguns troncos são tão densos que elas precisam usar um martelo e uma cunha. Uma dor prazerosa toma conta dos braços de Claire.

Ambas trabalham em um silêncio confortável que Miriam acaba por romper.

– O quanto você sabe sobre seus pais?

Claire esperava esse momento, aquilo que não sabe como perguntar. Seu golpe erra o alvo, a lâmina fica presa e ela a sacode para a frente e para trás e em seguida chuta o toco para soltá-la.

– Minha mãe gosta de fazer colchas. Nunca usa maquiagem. Prepara conservas de beterraba, pepino e tomate. Lê um livro por semana, em geral de história ou política. Sua cor preferida é o amarelo. – Ela percebe que está falando no presente e não se dá o trabalho de se corrigir. – Meu pai...

Miriam pega o machado da mão de Claire e o ergue acima da cabeça.

– Ou seja, você não sabe nada.

– Eles são as pessoas mais sem graça do planeta. O que tem para saber?

Miriam dá um passo à frente, parte um pedaço de madeira e a lâmina se enterra no toco.

– Porra, você não faz ideia.



O céu está se fechando, a noite caindo. É aquela hora em que o dia ainda não se foi, porém não está mais realmente ali. Augustus acompanha Chase até Keizer, onde fica sua casa, branca de venezianas pretas em estilo neocolonial. Ele não recebe visitas, de modo que as paredes estão agora tão brancas e nuas quanto no dia em que se mudou, e os cômodos quase vazios com exceção de mesa e cadeiras na cozinha americana, um conjunto de sofá diante de uma televisão de tela panorâmica na sala,

e um colchão e cama box na suíte principal do primeiro andar. O escritório, único recinto que lhe interessa, está abarrotado com arquivos, prateleiras cheias de livros e duas escrivaninhas dispostas em L.

O porão ainda está inacabado: o teto é de estrutura de metal aparente, as paredes, de blocos de cimento, e o piso de concreto tem um caimento que conduz a um ralo central. Três lâmpadas sem luminária proporcionam uma iluminação sofrível. Augustus encheu as janelas recuadas na parede com material isolante e as cobriu de compensado para abafar os sons e evitar que alguém olhasse de fora. Contratou uma empresa de segurança para instalar uma jaula de aço cujas grades de arame grosso para uso industrial são soldadas em cada ponto de junção. A porta basculante tem dobradiças feitas com parafusos reforçados e é fechada por um cadeado industrial acoplado a uma corrente de liga de alumínio temperado.

Uma mangueira de jardim sai da pia industrial e se enrola no chão. Mais tarde, ele a usará para limpar a merda, o mijo e o sangue e fazer o redemoinho espumoso descer pelo ralo central do piso.

– Eu odeio isso – comenta Chase, diante da gaiola.

– Eu sei – diz Augustus, pondo a mão em seu ombro para demonstrar apoio e incentivá-lo a avançar. – Tira a roupa. Não quero que ela estrague como da outra vez.

Não que ele fique maior. O problema é que se suja de tanta excitação, arranha a si mesmo de tão agitado. Chase despe o uniforme e o joga todo embolado para fora da jaula. Finas cicatrizes riscam seus ombros e peito, marcas de garras já saradas. O antebraço esquerdo é uma massa disforme de queloides avermelhadas.

A porta bate com um clique, o cadeado se fecha e Augustus se acomoda na cadeira de alumínio dobrável, ajeita os óculos e pousa as mãos nos joelhos como um espectador de teatro que aguarda a luz se apagar e as cortinas se abrirem.

Ele se transforma todas as noites. Augustus faz questão. Para purgar o sistema e exaurir o corpo. Para normalizá-lo, controlá-lo. A metamorfose não é uma coisa fácil, ele já explicou isso a Augustus: todos os ossos parecem se partir, a pele parece coberta por vespas raivosas. Ele grita e se joga no chão. O corpo se contorce, percorrido por descargas elétricas. Pelo que Augustus leu, isso tudo vai ficar mais fácil com o tempo, qual um nervo embrutecido por repetidos golpes.

– Isso nunca teria acontecido se você tivesse me escutado – lembra Augustus entre os dentes.

Como se lhe respondesse, Chase se lança contra as barras. Ele teria dado um belo *berserker*, pensa Augustus, aqueles licanos nórdicos que muito tempo atrás se exaltavam até alcançar o frenesi para se transformar antes das batalhas e lutar tomados por um transe selvagem.

Iria demorar um pouco, meses talvez, mas quando era menino, Augustus tivera

vários cachorros, e com disciplina e paciência todos tinham aprendido a buscar seus chinelos e cagar fora de casa. Não tem dúvidas de que o mesmo acontecerá com Chase.

– Não é, amigão?

Chase anda em círculos pela gaiola. Os braços golpeiam o ar. Os dentes batem como se quisessem comunicar alguma espécie de código. Ele pressiona o rosto nas grades, com olhos ensandecidos, deformado e rachado por um sorriso de enormes presas.

Há uma geladeira no canto e Búfalo retira de lá um pacote de hambúrguer cru. Rasga o invólucro plástico e mergulha os dedos na massa sanguinolenta. Vai formando bolinhas vermelhas que joga dentro da gaiola e, com um pequeno sorriso misterioso, observa Chase devorá-las uma após a outra.

CAPÍTULO 16

Um sapo está deitado sobre uma bandeja de dissecação, com as abas do ventre aberto presas por grampos para expor vísceras que parecem joias úmidas. Patrick as cutuca com um bisturi e uma tesoura e faz anotações em seu relatório de aula. Respira pela boca e sente de leve o gosto do formol. A mão direita que segura a tesoura ainda dói. Faz uma semana desde a lua cheia, desde que salvou a garota no acostamento, e quando ele acordou no dia seguinte não teve certeza se ela era real ou se fazia parte das sombras de um sonho que se materializara nos hematomas que lhe cobriam a mão.

Do outro lado da sala, o Sr. Niday – o professor de cavanhaque sempre com rodela de suor escuras nas axilas – comenta sobre um sapo de três patas, sobre como as mutações se tornaram corriqueiras por causa de pesticidas e parasitas, como a população de sapos está declinando a uma velocidade acelerada, como é preciso fazer algo, como...

O bolso de Patrick vibra duas vezes, atraindo sua atenção. Ele verifica para ter certeza de que o professor continua ocupado com o sapo de três patas e pega o celular. É um torpedão de Malerie: “Não almoça. Me encontra no seu jipe.”

Fica tão abalado que, alguns minutos depois, quando o Sr. Niday aparece atrás dele e pergunta como está indo a dissecação, ele responde *tudo bem* na mesma hora que corta o coração que nem sabia estar ali.

Ele a estava evitando. Mas agora está ali, andando de carro com ela por Old Mountain nesse dia claro, descorado – só Deus sabe por quê; às vezes não consegue se controlar. Malerie aumentou o volume do rádio e abaixou as janelas. Canta uma música do Stones com um cigarro aceso na boca – “Well, you’ve got your diamonds and you’ve got your pretty clothes” – e as palavras são levadas embora por nuvens de fumaça.

Patrick desliga o rádio e ela ainda passa mais alguns instantes cantando. No silêncio que se instala entre os dois, ele passa a língua pelos lábios, sem saber muito bem o que dizer.

- Não entendo o que está acontecendo.
- A gente matou aula e agora está passeando de carro.
- Você e Max. Vocês estão juntos.

A ponta do cigarro dela é vermelha como uma cereja.

- Ele é legal.
- Se ele descobrir que tem alguma coisa entre a gente...
- Está com medo?

Alguma coisa chia dentro do motor. O hodômetro do carro passa para 145.000.

– Não gosto de confusão. Já tive muita na vida.

Quando a rua faz uma curva, o sol entra pela janela e ilumina os cabelos dela, criando um halo vermelho brilhante.

– Estou com fome. – Ela torna a ligar o rádio e pergunta, mais alto do que a música: – Para onde você vai me levar?

Patrick balança a cabeça, sem saber se sorri ou se a chuta porta afora. Alguns quilômetros adiante, encosta em frente a uma lanchonete. Eles pedem milk-shakes, hambúrgueres, batata chips e mostarda e ketchup.

– Você acredita no Max? – indaga ele. – Nos Americanos, essa coisa toda?

– Essa coisa toda. – Ela dá de ombros e termina de mastigar um pedaço de hambúrguer. – É algo para fazer, pessoas com quem estar.

Malerie projeta a língua para fora da boca e prova o milk-shake, deixando a língua parada ali por um instante antes de recolhê-la lentamente.

– Nossa, como você provoca – comenta ele.

Ela quer continuar passeando. Até algum lugar afastado. Patrick sabe que não é uma boa ideia, mas não consegue se conter. Quando Malerie toca seu ombro ou sua mão, parece o choque de um fio desencapado.

– Acho que conheço um lugar – diz ele.

Dá uma olhada no celular para estudar um mapa da cidade que ainda não decorou. O aplicativo reinicia e exibe a última pesquisa: Battle River Drive. Ele hesita – por tempo demais; pode sentir os olhos de Malerie cravados nele – e, por fim, clica em *salvar*. Em seguida, olha um mapa de Old Mountain para se orientar.

Eles seguem um caminhão de lixo que se dirige para o aterro sanitário. Uma folha de jornal úmida voa lá de dentro e atinge o para-brisa do jipe, grudando-se ao vidro: os quadrinhos de domingo. Malerie solta gritinhos de prazer. Os raios de sol atingem o papel e colorem seus corpos com quadrados de luz. Patrick liga os limpadores e o jornal desaparece. Eles passam pelo aterro e dobram à esquerda em uma rua fechada que leva à escola de licanos abandonada. Patrick contorna a corrente que bloqueia o caminho, chegando a um estacionamento coberto de ervas daninhas. O asfalto rachado chia sob os pneus.

Malerie passa um hidratante nos lábios e os estala.

– Você sabe que Max é *straight edge*, não sabe?

Patrick passa com o jipe por uma velha quadra de basquete onde as redes de metal das cestas parecem lustres enferrujados e eles desaparecem atrás da escola, fora do campo de visão da rua.

– Ele disse que é mais ou menos.

– Ah, tá, mais ou menos... – É mais um muxoxo do que uma frase. – Nada de

drogas, nada de cigarro, nada de biritá. – Ele estaciona o jipe e desliga o motor. – Ele nem me deixa fazer isto aqui.

Ela desfivelá o cinto de segurança. Os olhos de Patrick chispam em direção aos de Malerie bem na hora em que ela abaixa a cabeça para seu colo.

Um carro vem vindo em sua direção quando Patrick liga a seta e se prepara para voltar à estrada: um Camry branco imaculado. Ao volante, ele vê a mãe. Está com o celular encostado na orelha, entretida na conversa, e ele tem certeza de que não o vê.

Patrick hesita um instante antes de dobrar para o lado oposto que indicou, entrar na rua atrás dela e segui-la para fora da cidade.

– O que você está fazendo? – pergunta Malerie.

– Quero checar uma coisa.

O relógio do painel do jipe marca 88:88. Depois de bater nele com a base da mão, Malerie vasculha a bolsa e saca um Motorola Razr rosa-choque para ver que horas são.

– Tenho que estar no trabalho daqui a pouco.

Três tardes por semana, ela trabalha como técnica farmacêutica e Patrick garantiu que lhe daria uma carona.

– Vai levar só um minutinho.

Ele mantém uma distância de menos de 100 metros do carro da mãe. Um quilômetro e meio adiante, como ele imaginou, a mãe entra no condomínio de Juniper Creek. Patrick pisa no freio e diminui a velocidade até quase parar.

– O que foi? – indaga Malerie.

– Nada.

CAPÍTULO 17

Miriam a chama de fraca. Sua voz não é propriamente cruel, mas, sim, fria e precisa.

– Você não tem dormido o suficiente. Não anda comendo nem se exercitando como deve. Parece ter medo da própria sombra.

Se Claire quiser viver com ela, ou melhor, se quiser *viver*, precisa ficar mais durona.

As duas começam o dia com tonificação muscular. Fazem flexão de braço equilibradas sobre a mesa de centro e o sofá. No chão da sala, executam abdominais, pranchas, levantamentos de perna e diversos tipos de flexões e outras atividades físicas. Jogam uma bola pesada uma para a outra com bastante força. Miriam levanta as mãos e Claire desfere socos, um-dois, um-dois, golpes rápidos, osso contra palma.

Elas saem para fazer compras e enchem o carrinho. Bebem *shakes* de proteína. Fritam 250 gramas de bacon e preparam ovos mexidos na gordura que sobra na frigideira de ferro. Comem feijão, grossas fatias de queijo, salame, maçãs. Em cinco dias, Claire começa a ganhar corpo. Não consegue mais ver as próprias costelas e pode sentir os músculos e a gordura começarem a revestir os ossos.

Em geral quando estão comendo ou se alongando entre sessões de exercícios, Miriam conta a Claire sobre seus pais.

Eles eram integrantes de um movimento radical, algo que Miriam chama de consciência underground. Tudo começou nos anos 1960, época em que os dois se matricularam na Universidade William Archer e a resistência política licana estava no auge.

É fácil encontrar informações sobre isso. Uma busca rápida do nome dos pais na internet teria produzido uma longa sequência de matérias, mas nunca ocorreu a Claire fazer tal pesquisa. Ela nunca pensou que os pais fossem qualquer outra coisa a não ser filósofos de sofá acostumados a ouvir a rádio pública. Eles viviam falando sobre a Luta cujo ápice ocorrera algumas décadas antes, mas ela agora entende que os dois tiveram participação direta no movimento: lideraram passeatas no Dia do Trabalho, integraram sindicatos de trabalhadores, organizaram boicotes. O objetivo era o fim da segregação nas escolas, nos locais de trabalho, restaurantes, banheiros, clubes, hotéis e comércios, e o fim da ocupação da República Lupina pelos Estados Unidos.

Os pais faziam passeatas. Jogavam pedras e ovos na polícia. Escreviam cartas para os deputados e seguravam cartazes nas esquinas. Orquestravam frenesias da lua cheia nos quais se transformavam coletivamente em algum parque ou praça da

cidade. Eram presos, pagavam fiança e voltavam a ser presos. A Décima Quarta Emenda foi aprovada com algumas concessões, mas não o suficiente. Licanos não podiam exercer cargos nas áreas de educação, medicina ou segurança pública nem servir nas Forças Armadas, a não ser em uma unidade específica destinada à frente de batalha e apelidada de Soldados-Cães. Medicação obrigatória e exames de sangue mensais continuaram em vigor.

– O principal ponto que meu irmão defendia, como tenho certeza de que você já ouviu umas dez mil vezes, é que os licanos são uma categoria distinta de pessoas – prosseguiu Miriam. – Não se trata de uma doença. Trata-se de uma identidade, uma forma de vida. – Ela explica como era difícil falar sobre a questão de um ponto de vista científico antes da descoberta dos príons no início da década de 1980. O modo como o patógeno habita o corpo tem por resultado um organismo simbiótico que é fundamentalmente parte homem e parte lobo. – Ele defendia uma nova categorização de raça da qual a maioria das pessoas não quer nem ouvir falar.

Então, diz Miriam, vieram os Dias de Fúria.



Nem Patrick nem Keith são muito de conversa e, desde que a unidade do pai foi mobilizada, nas duas vezes em que se falaram por Skype, sua conversa foi caracterizada por silêncios nervosos. Se falam algo, a conexão lenta faz as palavras embolarem e o tempo todo precisam pedir para repetir, sem entender. No computador, o rosto do pai surge pixelado e entrecortado por riscos de estática. Sua boca não se encaixa com as palavras no momento em que ele diz: “Eu me sinto mal quando penso no que aconteceu com você naquele avião.”

Por e-mail é melhor. As mensagens chegam diariamente, ou dia sim, dia não, em geral curtas: “O que você fez hoje?” ou “Te amo, garoto”. O pai lhe sugere dar uma volta de carro, visitar Neal, e Patrick sente vontade de responder que já tem desconhecidos suficientes na vida, mas não responde. O pai reclama da neve incessante, do vento que deixa a pele preta, das refeições prontas com gosto de cola. Em uma noite recente, a temperatura desceu até quase 20 graus negativos, fazendo um dos canos da base estourar e acabando com a pressão da água por dois dias. De vez em quando, ele escreve sobre a guerra, contando a Patrick sobre a explosão do foguete que o acordou ou sobre como seu pelotão conseguiu escapar de uma emboscada percorrendo 8 quilômetros de um terreno íngreme e escarpado, às vezes com neve até a coxa, e só um homem ficou ferido, atingido por uma mina terrestre. Também revela que nem todos ali são contrários à sua presença. Que na verdade a maioria parece contente ao vê-los patrulhar as ruas e proteger as minas. Eles trabalham em cooperação com a polícia local. Encontram moradores das aldeias, dão apertos de mão, tomam café e comem um prato horrível chamado *lutefisk* feito com

peixe branco imerso em soda cáustica.

Nesse dia, o celular de Patrick vibra e, ao fitar a tela, ele vê que chegou um e-mail do pai, keithgamble1@gmail.com: “Montanhas. Florestas. Lagos. Seria um lugar lindo se não tivesse todos esses escrotos querendo me matar.”

Patrick cutuca Max com o cotovelo e lhe diz para dar uma olhada. Os dois estão retirando folhas secas com um ancinho e plantando bulbos – tulipas, íris, narcisos – em frente ao abrigo para mulheres da cidade. Max tira as luvas sujas de terra, pega o celular, dá um sorriso e pergunta se Patrick sabe a sorte que tem de ter um pai como aquele.

– É a primeira coisa que vou fazer quando tiver 18 anos – fala Max, lançando a pá de pedreiro no ar e tornando a pegá-la, fazendo um raio de sol se refletir no metal. – Ir ao posto de recrutamento e me alistar para o combate. Você também, imagino.

Na verdade, Patrick tem pesquisado universidades de forma intermitente, mas não consegue evitar o impulso de tentar obter a aprovação de Max.

– Claro – concorda. – Tenho pensado no assunto.



Claire aprendeu a não fazer muitas perguntas ao mesmo tempo, pois Miriam pode se tornar monossilábica, esquiva ou parar de falar por completo. Ficou sabendo em doses homeopáticas ao longo das últimas semanas que, desde os anos 1960, os pais faziam parte de uma lista do governo de pessoas a serem observadas, que foram presos mais vezes do que Miriam consegue se lembrar, acabaram perdendo a fé na violência como estratégia para qualquer outra coisa que não problemas e começaram, na década de 1980, a dedicar sua energia a um pacifismo conjugado com ação, organizando campanhas não violentas cuja ênfase era a injustiça social.

– Aí eles desistiram totalmente.

– O que aconteceu?

– Tiveram você.

Miriam diz que sente cheiro de neve.

– Vai chegar a qualquer momento.

As duas estão em frente ao chalé, na clareira ocupada por arbustos que o circunda; o céu tem um tom cinza de concreto, e o mato sob seus pés está escuro e quebradiço. Miriam desenrola um cobertor e revela uma Glock, um revólver calibre 357 e uma escopeta. Junto às armas, Claire dispõe pentes e caixas de munição.

Miriam lhe dá uma aula rápida sobre a Glock 17. Pistola semiautomática de fabricação austríaca. Autocarregável. Estrutura de polímero. Cabo quadriculado. Usada por quase todas as agências de segurança pública. Supera qualquer outra arma de pequeno porte no que diz respeito à facilidade de manuseio, precisão e durabilidade. Pente com capacidade para duas séries de dezessete balas.

Miriam mostra a Claire como inserir o pente, soltar a trava de segurança e mirar na reta do cano, alinhando a mira dianteira com a fenda da mira traseira.

– Faz bastante barulho e o tranco é forte, então se prepare. Vai ter que corrigir o cano quando ele subir depois de cada tiro.

Claire pergunta em que deve mirar e Miriam aponta para o fim do descampado: um pinheiro, talvez com 10 anos de idade, da altura de dois homens e com o tronco da circunferência de uma perna.

Ela aperta o gatilho e dispara um tiro depois do outro e a pistola dá pinotes em sua mão como se estivesse viva. Os tiros ricocheteiam nas árvores e trovejam em seus ouvidos com tanta força que Claire chega a sentir dor. Cápsulas de cobre caem no chão feito cascas de amendoim. Um cheiro de pólvora permeia o ar. A maioria dos tiros erra o alvo, mas alguns fazem a árvore dançar e arrancam pedaços de polpa esbranquiçada de seu tronco.

Quando ela ejeta o pente e enfia outro, pensa nos pais e nos Dias de Fúria, os três dias de passeatas ocorridos também em outubro, no ano de 1969. “O poder está nas ruas” era o título do capítulo que Miriam lhe mostrou, qualificando o livro de propaganda esquerdista, como quem pede desculpas. As páginas relatavam como, no final dos anos 1960 e início dos 1970, no auge da Luta – como ficara conhecida depois –, muitos licanos haviam passado a acreditar na ação direta e na violência como estratégia política. Pichações contra o governo começaram a surgir em prédios, estátuas foram desfiguradas e panfletos distribuídos em cada escola de ensino médio e campus. Em Chicago, uma bomba estraçalhou uma estátua em homenagem a um policial morto no atentado de Haymarket. Em Milwaukee, uma bomba explodiu em frente à prefeitura e um trem de passageiros foi descarrilhado por uma placa de concreto colocada sobre os trilhos. Em Lincoln, vários caminhões dos correios e carros de polícia foram incendiados. Milhares participaram da passeata em Chicago, quando os manifestantes viraram automóveis, estilhaçaram janelas de casas e vitrines de lojas e foram espancados, dispersados com mangueiras e gás lacrimogêneo e levados por policiais fascistas e integrantes da Guarda Nacional paramentados com roupas de tropa de choque.

Havia também a fotografia em preto e branco de seu pai em frente ao prédio do fórum de Chicago, inteiramente transformado, com os braços estendidos e a cabeça jogada para trás, soltando um uivo, em pé sobre um palanque diante de centenas de pessoas com os punhos erguidos no ar. Em uma das mãos, na verdade uma pata com garras, segurava uma bandeira americana em chamas.

Aquilo era mais do que surreal; era como se um adulto erguesse os olhos e visse Papai Noel e suas renas descenderem do céu invernal. Era apavorante, e seria quase cômico não fosse a expressão severa no rosto de Miriam quando Claire largou o livro no colo e disse:

– Isso tudo é bem difícil de digerir.

O volume tinha o título *A Revolução* e trazia na capa a imagem de um homem que projetava uma sombra de lobo. Ela o virou para estudar a fotografia na contracapa. Um homem de cabelos encaracolados a encarou com um olhar ardente.

– Quem é o autor?

– Jeremy Saber. Meu marido – respondeu Miriam antes de sair do recinto e deixar Claire com a boca cheia de perguntas sem resposta.

E agora ali está Miriam corrigindo sua postura e lhe ensinando sobre o design e o temperamento de cada arma: do Smith & Wesson calibre 357, da espingarda Browning de ferrolho. Dali a mais uma hora, seu braço treme e seus ouvidos zumbem. Claire dispara o último cartucho fumegante e, ao baixar a escopeta, o pinheiro parece imitá-la: geme, estala e aderna devagar até cair de lado.

– Caramba! – exclama. – Agora sou perigosa.

– Que nada.

– Olha! Destruí aquela árvore.

– Uma árvore não se mexe. Uma árvore não revida.

Claire revira os olhos.

Miriam passa alguns instantes examinando a sobrinha e seu olhar endurece. Antes de Claire conseguir registrar o que está acontecendo, sua tia se agacha, pega a Glock, rola o corpo para a frente e arranca à bala três pinhões dos galhos de três árvores diferentes. Então, leva a pistola à boca, traga a fumaça que escapa do cano e a sopra na cara de Claire.

Claire fica parada, calada e atônita, e em seguida engole em seco com força.

– Como você consegue fazer isso?

– Isso o quê?

– Reagir desse jeito? Como se conseguisse ver as coisas antes dos outros?

– Quantas vezes você já se transformou?

– Umas dez. – Nove, para ser exata.

– Na vida inteira? – Miriam mostra os dentes ao falar isso.

– Não gosto da sensação que me dá.

– *Claire*. – Ela articula a palavra como se fosse uma maldição.

Sua boca estremece, parecendo repleta de palavras prestes a serem despejadas. Mas ela não diz mais nada. Caminha marchando até o chalé e se fecha dentro do quarto. Meia hora mais tarde, a porta se escancara, ela segura Claire pelo antebraço com força suficiente para deixar um hematoma e sentencia:

– Então vai aprender.



Patrick não consegue tirar da cabeça a garota da outra noite. A que ele salvou. Ele a

salvou. Pensar nela assim lhe dá uma sensação boa. Depois de o mundo inteiro querer chamá-lo de herói por não ter feito nada, por ter se escondido enquanto todos os outros passageiros do avião eram esfaqueados, ele acalenta com carinho a possibilidade de realmente ser capaz de uma boa ação genuína, de as palavras escritas a seu respeito em matérias e ditas por jornalistas poderem ser verdadeiras, ainda que mal direcionadas.

Sempre que pensa em Malerie ou a vê, Patrick sente-se fazendo algo errado, mas logo volta a se lembrar da garota por quem fez algo indiscutivelmente bom. E, sempre que seu telefone vibra, imagina que é ela, uma voz hesitante, porém calorosa. “Queria agradecer outra vez”, explicaria, e ele lhe perguntaria se ela quer encontrá-lo, a menina diria sim, ele a convidaria para um café e os dois se sentariam junto à janela banhada de sol. Quando seus pés se tocassem por acidente debaixo da mesa, sorririam e se entreolhariam através do vapor das xícaras que levariam à boca ao mesmo tempo para tomar um gole.

Está pensando nela agora – com Malerie em pé bem à sua frente no porão da casa de Max.

Ela diz que foi moleza. Não teve problema nenhum.

Foi trabalhar como sempre: passou pela porta de vidro da entrada, depois entre as caixas registradoras, pelo departamento fotográfico e até a porta do escritório que conduzia a um recinto iluminado por uma luz fluorescente. Digitou o código de três algarismos no relógio de ponto, jogou a bolsa dentro do armário e vestiu a roupa hospitalar azul-marinho disforme que detesta usar. As costuras lhe irritam a pele e os tamanhos são todos misturados, então nada serve direito. Enfim. Ela tem três funções principais como técnica de farmácia – *funções*, é assim que seu patrão chama. Preparar os remédios, receber as receitas e fazer as entregas.

Preparar os remédios é um saco. Arranca da impressora as etiquetas com o nome dos pacientes, verifica os horários prometidos para ter certeza de que estão em ordem, depois enche, enche, enche. Os comprimidos tilintam feito granizo dentro dos frascos, que são colocados dentro de sacolas plásticas, depositadas em cima de uma esteira rolante na qual o farmacêutico pode pegá-las para checar o conteúdo.

Max lhe pede para andar logo, pois eles não têm a noite inteira.

É noite de Halloween e, no porão, todos estão usando roupas camufladas extragrandes compradas na loja de material militar – exceto Malerie, que veste uma fantasia de diaba com chifres de plástico e um collant de lycra vermelho do qual pende um rabo pontudo. Está em pé diante deles com o quadril inclinado. Segura uma pequena folha de bloco pautado coberta com palavras escritas à mão. Patrick está sentado no sofá, impressado entre Max e um cara grandalhão chamado Cash que tem cheiro de charque.

Malerie revira os olhos para Max e segue contando a história. Passou essa semana

inteira preparando as receitas, coisa que detesta, pois não pode conversar com ninguém. Gosta dos velhinhos, e o sentimento é recíproco. Eles são um amor. Foi por isso que ficou feliz quando a colocaram no balcão de atendimento. Assim pôde falar com as pessoas – e fazer o serviço que Max lhe pedira. Serviço que, diga-se de passagem, poderia muito bem levar à demissão. Não que ela não estivesse disposta a arriscar o pescoço.

– Eu faço qualquer coisa pelo Max – diz, com os olhos grudados em Patrick.

No balcão, Malerie recebe as receitas que as pessoas vão deixar na farmácia ou que são cuspidas pelo aparelho de fax. Ela as digitaliza, insere as informações e manda para os farmacêuticos conferirem. Em geral, tem que digitar as iniciais de seu nome e uma senha alfanumérica, o que é meio problemático, pois tudo o que fizer estará identificado, mas por sorte um dos farmacêuticos esqueceu de se deslogar, portanto era improvável que alguém fosse estranhar o registro. Abriu o rol de pedidos, fez uma busca por Volpexx e criou uma lista de todos que foram buscar seus remédios nos últimos dez dias. O perfil inclui nome, endereço, telefone. Poderia ter imprimido as telas do que encontrou, mas era arriscado demais: a impressora fica bem ao lado dos farmacêuticos. Ela sempre anda com um bloquinho de anotações no bolso. Todo mundo faz isso. Para senhas e códigos corriqueiros necessários para os diversos seguros de saúde. Portanto, ninguém achou estranho ela tomar notas.

– Pronto. Está aqui – anuncia ela, estendendo a folha para Max.

Primeiro, Malerie a puxa de volta antes de ele conseguir pegar, depois lhe entrega quando ele a encara intensamente.

– Malerie, isso não é brincadeira – reclama.

Max diz que ela pode ir embora, mas a garota ainda se demora um tempo, desafiadora, antes de se virar tão depressa que o rabo chicoteia sua perna. Sobe a escada pisando firme e todo mundo a observa partir, menos Max, que passa uns trinta segundos lendo os nomes escritos no papel e em seguida ergue os olhos para o grupo.

– Vamos lá.

Eles vestem jaquetas e calças camufladas enfiadas dentro de coturnos. Cobrem a cabeça com fronhas brancas, onde foram abertos dois buracos para os olhos e uma boca torta. Enfiam as mãos em luvas de couro pretas.

– Fiquem sempre de luva, mesmo se sentirem calor – orienta Max. – Nada de impressões digitais.

Eles embarcam em três carros e seguem em comboio até a casa do primeiro nome da lista: um tal James Duncan, morador do número 312 de Terrabonne Road.

A peregrinação em busca de doces aconteceu mais cedo, antes do cair da noite, assim não há mais crianças nas calçadas e as ruas estão praticamente vazias.

Abóboras acesas iluminam varandas e as velas lá dentro tremeluzem à brisa, fazendo sombras estremecerem nos olhos triangulares e sorrisos cheios de dentes.

– Você está com a gente, não está? – pergunta Max a Patrick.

– Estou com vocês.

Estacionam a vários quarteirões do alvo. Os coturnos batucam na calçada uma canção raivosa. A noite está fria e o hálito se condensa em nuvens cinzentas. Com tacos de beisebol, eles estouram os vidros do carro estacionado em frente à casa. No cruzamento da Macintosh e da Ridgeway, picham um pentagrama em uma porta de garagem e no capô de um automóvel. Na Rua 13, jogam um morteiro aceso dentro de uma caixa de correio e correm feito loucos, dobrando a esquina a tempo de ver o clarão branco-alaranjado das chamas; o estrondo os faz recuar um passo e gargalhar de felicidade.

No pátio de trailers de Malibu Village, percorrem o labirinto de casas pré-fabricadas, galinheiros e carros enferrujados e suspensos sobre blocos de cimento, com flores de verbasco a despontar dos motores, até encontrarem o trailer que parece uma baleia morta de vinil cinzento. No quintal da frente, há uma árvore sem folhas decorada com iscas de pesca e latas vazias de Budweiser que eles encharcam com líquido inflamável, depois acendem um isqueiro e a incendeiam como se fosse uma tocha azul.

No lava-carros, escalam o alambrado e entram no estacionamento de asfalto iluminado por lâmpadas a arco voltaico de alta intensidade. Despreocupados, encaram as câmeras de segurança, escondidos pelos capuzes, enquanto picham *LICANO* na vitrine do escritório em letras maiúsculas pretas que escorrem pelo vidro.

Durante todo esse tempo, Patrick tenta pensar no avião – no licano irrompendo do banheiro, no sangue escorrendo pelo chão do corredor, nos cadáveres empilhados e esparramados à toda sua volta – e confessa que se sente bem. Machucar quem o machucou é bom. Seu coração bate descompassado, como um sapo venenoso tentando escapar do peito.

Quando eles passam a toda por um condomínio de luxo – a maioria das janelas a essa hora já está escura, mas em algumas salas ainda flutua a luz azul de uma TV –, é ele quem joga um tijolo em uma janela, fazendo cacos de vidro cintilantes choverem dentro do apartamento.

Eles saem correndo. Patrick pensa ouvir uma voz zangada gritar atrás dele: “Vou matar vocês, seus filhos da puta!” Como se aquilo fosse culpa *dele*, como se ele *quisesse* que aquilo acontecesse, como se seu objetivo na vida fosse os pais se separarem, o pai ser despachado para a guerra, um avião lotado de passageiros ser massacrado. E quando ele finalmente aproveita a oportunidade para revidar e deixar sair toda a dor amarga que ferve dentro do corpo, alguém ainda tem o topete de

ameaçá-lo? Parte dele quer voltar lá com um taco de beisebol; outra quer gritar por cima do ombro que ele sente muito, achou que as coisas fossem ter um fim diferente.

CAPÍTULO 18

No sopé dos Cascades, junto à base da montanha conhecida como Irmã do Norte, a floresta se abre em uma clareira rochosa vermelha onde o ar recende a enxofre e o vapor sobe em colunas como se fosse expelido por chaminés. É a Estância Termal Banho de Sangue, formada por bolsões de água granulosa tingida de vermelho por causa da substância ferruginosa. Em volta da fonte, há roupas emboladas e pilhas de toalhas de praia. As rochas têm a superfície quente, sem neve. E as pessoas, em sua maioria homens e mulheres de idade avançada, flutuam submersas até o queixo na água rubra.

Muitos acreditam que ela tem efeito medicinal. É por isso que Alice foi lá com o marido, Craig, que está resfriado. Ele agora está nu, as roupas empilhadas sobre as pedras a seu lado: a jaqueta e a camisa social de mangas curtas, o jeans claro e os tênis brancos. Usa óculos bifocais de armação redonda que lhe dão um ar de coruja. Tem cabelos grisalhos. Embora seja magro, suas bochechas são meio flácidas, o que faz sua boca parecer virada para baixo, amargurada. Craig gosta de assobiar cantigas natalinas o ano inteiro. As pessoas podem até achar que ele é o homem mais normal do mundo, mas Alice sabe que não é. O hálito do marido cheira à água tônica que ele passa o dia inteiro tomando. Ele tem um testículo só e um pênis pequeno, fino e não circuncidado. Ela uma vez o viu matar, com um pisão, um cachorrinho que Alice levava para casa do abrigo e sujara o tapete. Craig busca pessoas na internet e a obriga a fazer sexo com elas enquanto assiste. Diz que é bom para ela.

Assim como disse que seria bom para eles visitar a estância termal e lá tomar banho, nus, junto com aquela estranha mistura de hippies e turistas europeus que flutua nas piscinas ao redor. Ela não saberia dizer se Craig está com os olhos abertos ou fechados, pois os óculos estão embaçados quando ele dá um fundo suspiro e diz:

– Assim está melhor. Assim, ótimo.

Alice sabe que aquele contentamento não vai durar. Ele logo irá retomar os maus-tratos com aquela voz agressiva e lembrar-lhe o quanto é gorda, burra e chata. Ela tenta saborear o instante: recosta a cabeça na borda de pedra da fonte e admira a vista. A Irmã do Norte assoma qual a presa de um animal. Neva bastante, mas os flocos não chegam a cair sobre as rochas, pois são derretidos pelo ar quente que sobe; é como se eles estivessem cercados por um domo invisível.

O suor escorre pelo rosto de Alice. Seu coração bate devagar dentro do peito. Ela sente a pele queimada pelo calor da água. Subindo pela encosta próxima, pode ver um regato alimentado pelas geleiras correndo por um vale estreito margeado por samambaias secas que dão lugar a abetos-nobres em densa formação. Seus olhos se detêm em um tronco ou rocha a menos de 200 metros; é difícil saber o que é por

causa da neve que borra o ar. O calor a deixa tonta e suas pálpebras se fecham – e então se abrem de supetão quando a coisa no vale da encosta, seja lá o que for, um cervo ou um urso, se levanta e desaparece correndo no meio da floresta.

– Craig – chama Alice, levantando-se depressa e provocando uma onda que estoura no rosto do marido. – Craig, eu vi uma coisa.

Ele passa a língua pelos lábios e sente o gosto da água que molhou sua boca. Os óculos estão cobertos de respingos. Ele os tira, passa um dos polegares pelas lentes e os deposita em cima da pilha de roupas.

– Você me molhou.

– Lá em cima. Tipo um animal selvagem. Era...

– Cala a boca. Cala essa boca. Pode ser? Estou de saco cheio de você. Da sua voz. Parece um passarinho sendo esganado. *Meu Deus*.

Alice percebe que está nua e afunda na água escaldante.

Imagina que o marido vá dizer algo mais, porém os olhos dele já estão fechados. É um alívio estar livre do seu olhar. No canto de seu quarto de dormir, ele posicionou uma cadeira de madeira comprada no mercado de sábado, grosseira e retorcida, e é ali que ele se senta quando a observa em cima da cama de casal e vê um desconhecido abrindo um pacotinho de papel plastificado ou passando óleo nas suas costas. Craig nunca se masturba. Apenas fica sentado na cadeira, imóvel, com o queixo apoiado na mão, contemplando.

Alice perscruta a floresta, depois aquele meio hectare de rocha vermelha saliente e irregular, e pensa se alguém mais terá visto o que ela viu. Um animal. A região central do Oregon é conhecida por seus locais de lazer ao ar livre, mas ela pode contar nos dedos de uma só mão o número de caminhadas que já fez. Passa o tempo inteiro no trabalho – é gerente na Companhia de Seguros Grayson – ou em casa, preparando hambúrgueres ou dobrando as cuecas de Craig em pequenos triângulos brancos. O mais perto que chega da vida selvagem é ver, de vez em quando, um cervo morto esparramado no acostamento da estrada.

Ouve conversas abafadas e risos que soam muito distantes. Então, um barulho de água chapinhando. Um velho emerge de uma das piscinas. Tem a pele flácida, o ventre branco feito casca de ovo.

– Ah, meus ossos – diz ele com um suspiro satisfeito.

O homem fica ali parado por alguns instantes, espreguiçando-se, com a pele escorrendo água e soltando vapor. Quando ele estica a mão para pegar a toalha, Alice avista o primeiro licano.

Embora não o reconheça de imediato. Ele está parado no fim da clareira, visível através de uma nuvem revolta de vapor, tão imóvel que parece fazer parte da floresta. É um troll, pensa, como aqueles dos contos de fadas que costumava ler na infância, criaturas que vivem na floresta e debaixo das pontes.

O velho colocou uma toalha em cima da cabeça, como um sudário. Não vê o licano avançar pelas rochas de quatro e depois se levantar atrás dele, esticar uma das patas e lhe rasgar o pescoço. O homem cambaleia e uma barba vermelha de sangue começa a descer por seu peito. Os braços estão abertos como se ele quisesse acolher alguém. Só que não há ninguém ali para recebê-lo. Ele cai dentro da poça da qual emergiu um minuto antes, como se despencasse num alçapão. O velho some. O barulho do corpo é seguido por gritos que, de longe, quase soam como risadas.

Alice se une à barulheira e começa a gritar. A floresta ganha vida: três, quatro, cinco licanos irrompem do meio das árvores e correm por cima das pedras até cercar os banhistas. As pessoas giram em círculos, apavoradas, ou tentam sair das piscinas, correndo nuas pelas rochas, ferindo os pés nas arestas até vacilar e cair.

Ela se sobressalta ao ouvir um ruído atrás de si, de pedras se deslocando. Vira-se e vê um licano se aproximando, pequeno, com os cabelos cor de raio.

– Craig, Craig, Craig – chama Alice em rápida sequência.

O marido abre um dos olhos para fitá-la.

– Eu não mandei você calar a boca? – O olho se fecha.

Ela nunca viu um licano, só nas revistas e programas de TV, e o que mais a perturba são os dentes grandes demais para a boca, dispostos num sorriso sanguinolento. Basta uma olhada para reconhecer o mal. Ao contrário do marido, cuja feiura fica escondida do resto do mundo, à semelhança de uma máscara. Alice deseja que todo perigo fosse óbvio como aquele: uma pelagem preta, um terceiro olho, um sorriso de sangue.

Sem conseguir se conter, ela retribui o sorriso quando o licano avança mais dois passos. A criatura arreganha ainda mais os dentes e se equilibra na borda da piscina como se cogitasse entrar na água. A coisa estica os braços para baixo, agarra Craig e o arrasta para fora da piscina pela cabeça. O homem mal tem tempo de reagir, e então já é tarde demais: o licano afunda o focinho em seu pescoço, parecendo buscar dentro dele uma escuridão que é idêntica à sua aparência.

Alice não consegue evitar pensar, quando se vira para sair correndo, que gostaria de ficar. Pela primeira vez na vida, gostaria de ser aquela que olha.

CAPÍTULO 19

Uma leve camada de neve recobre a clareira. Seus passos deixam um rastro escuro no chão. Pouco antes, Miriam conduziu Claire para fora do chalé sem lhe dizer nada a não ser para tirar a roupa, e depois lhe acenou para a seguir. O sol brilha através das nuvens como um espectro nebuloso, mas não traz calor. Elas se detêm e o olhar de Miriam dá a impressão de ver sua alma. Claire começa a tremer, só de calcinha e sutiã.

– Chega de papo furado – fala a tia, por fim. – Está na hora.

– Eu não sei fazer.

– Pensa no Homem Alto. No que ele fez com seus pais.

A garganta de Claire se contrai.

– Para.

A voz de Miriam é baixa e vagarosa, quase um cântico.

– Pensa nas balas rasgando a carne deles. Pensa neles tentando gritar. Pensa nos passos perseguindo você. Pensa no depois. Depois que você foi embora. Pensa no eco áspero da respiração daqueles homens por sua casa, enchendo o ambiente. Pensa nas mãos deles escancarando gavetas, vasculhando suas coisas.

– Chega.

Ela sente algo no fundo de si, talvez medo, talvez fúria, que se abre feito um guarda-chuva negro. As lágrimas traçam riscos gelados em seu rosto.

– Volte no tempo, até aquela noite.

As nuvens pendem muito baixas, um teto cinza que parece fazer pressão para baixo como se fosse desabar com o peso do sol. Claire não sente mais calafrios, mas treme. Ela pode ouvir os próprios pés arranhando o chão.

– Volte até aquela noite. Em vez de fugir, quero que você lute. Quero que mate aqueles homens.

A nova Claire gosta bastante dessa ideia. Sabe que, se um daqueles homens com armaduras pretas estivesse na sua frente agora, ela iria, sem hesitação, arrancar a pele de seu rosto para revelar uma caveira vermelha de órbitas esbugalhadas e uma língua que estremece ao gritar. Imagina o sangue morno espirrando ao levar a boca ao ventre branco e macio e destripá-lo.

Então, como se uma chave girasse em um mecanismo enferrujado e abrisse uma tranca emperrada, ela cede. E começa a se transformar.

– Ótimo – elogia Miriam, mas sua voz soa distante.

Dessa vez é diferente. Claire não resiste à sensação, não tenta empurrá-la para longe. Em vez disso, a acolhe e deixa que ela a domine por completo. A onda de adrenalina faz seus batimentos cardíacos se acelerarem. A pele arde e dela brotam

pelos. Os ossos emitem ruídos que parecem uma série de arquejos úmidos. As gengivas recuam e ela sente o gosto metálico do sangue que inunda a boca. Por um breve instante, o sol aparece entre as nuvens e sua própria sombra surge de repente diante de si, conectada aos pés e modificando-se qual uma árvore debaixo de um vento forte.

Claire sente mais energia percorrendo o corpo do que ele é capaz de conter. Além disso, é como se uma porta tivesse sido aberta em sua mente para deixar entrar tudo ao mesmo tempo. Um rato-do-mato passa correndo por entre os arbustos. Uma coruja parte um osso com o bico. Arbustos de artemísia farfalham na brisa. Ela ouve, cheira, vê tudo. É como se, até esse momento, o cérebro estivesse embotado e tudo lhe chegasse através de um filtro de lã molhada, e agora os sentidos saíssem do estágio de torpor. Ela se transformou: abriu-se e se sintonizou em uma frequência que de repente ganhou vida e permitiu a assimilação de toda a riqueza do mundo.

É então que ela ouve o motor do carro.

Não muito longe, a uns 500 metros talvez, um ronco débil. Um veículo dobra no acesso que conduz ao chalé, fazendo o cascalho chacoalhar contra a carroceria. Claire se vira com um tranco e sai correndo em sua direção, impelida por alguma espécie de impulso animal em reação àquela invasão. É o Homem Alto, tem certeza disso. Miriam queria que ela lutasse. Que ela matasse. Miriam vai ter seu desejo realizado.

Claire não escuta, ou apenas não dá ouvidos, quando a tia grita atrás dela:

– Não!



Patrick percorre a estrada que sai de La Pine e segue na direção dos Cascades, tomado por um doce abandono, o melhor tipo de risco que há. Ele a salvou. Não para de voltar a esse fato. Ele a salvou, e quando se salva alguém isso significa que sua vida e a dessa pessoa estão ligadas de forma irrevogável. A sensação dentro dele deve ser semelhante à de um pai ou uma mãe, um sentimento orgulhoso de criação, de posse.

Ele freia, liga a seta e vai descendo pela estradinha de acesso toda esburacada, sacolejando pela superfície ondulada e seguindo a fila de pinheiros ponderosa. Cerca de 50 metros adiante, um cervo pula na frente do jipe tão depressa que seu pé não tem nem tempo de encostar no freio antes de o animal mergulhar na mata. Patrick faz o carro parar com uma leve derrapada bem a tempo de dois outros cervos seguirem o primeiro um pouco mais devagar, trotando, de cabeça baixa, os cascos fazendo *tac-tac* no chão. Aliviado, solta uma risada.

Porém, ele percebe um movimento de relance do lado de fora da janela do carona e o jipe se inclina. Imagina que, no final das contas, não teve tanta sorte: outro cervo

pulou para fora da floresta e se chocou contra o carro.

Então a carroceria de fibra de vidro se rasga. A névoa criada por sua respiração é sugada pela brisa que entra no automóvel. Ele ergue os olhos e a vê. Apesar da aparência transformada, reconhece-a na hora, do mesmo jeito que se reconhece alguém por trás de uma máscara de Halloween. Olhos vermelhos, boca sangrando. Uma licana.

Quando ela lhe estende a mão e segura seu ombro, Patrick sente uma descarga de medo, como se o corpo tivesse sido varado por uma corrente elétrica. Mal sente as garras lhe ferirem a pele de tão abismado que está com aquela visão, como se de algum modo houvesse voltado no tempo e estivesse outra vez no esconderijo dentro do avião, só que dessa vez um licano o encontrou. Dessa vez ele vai morrer como os outros.

Não consegue respirar. Não consegue se mexer. Ela pode fazer o que quiser com ele. Seus braços se afastam, para golpeá-lo, supõe Patrick, mas não: ela recua, desce do jipe e se afasta aos tropeços, com a respiração ofegante, observando-o com um olhar aceso que indica que o reconheceu. Está chorando. Patrick não sabe muito bem por quê, talvez seja um efeito colateral da transformação; lágrimas vermelhas escorrem por seu rosto.

Ela vira as costas para Patrick, se precipita mata adentro e desaparece.

Ele sorve o que deve ser sua primeira inspiração arquejante em um minuto inteiro. O sangue zumba por seu crânio e ele tem a mão no coração e o pé pressionado no freio com tanta força que sente uma câibra na perna.

Antes que Patrick consiga decidir se deve colocar em ponto morto ou dar ré, a porta do jipe se abre. Ele depara com o cano de uma pistola. Seus olhos têm dificuldade para focalizar a mulher atrás da arma, cujo rosto é estreito como uma lâmina.

– Desliga o carro e desce – ordena ela.

Mais cedo nesse dia, ele estava em pé no quarto com a porta do armário entreaberta. Na mão segurava a camiseta. A mesma que usava naquele dia no avião. O tecido estava incrustado com uma quantidade imensa de sangue seco. Eles a haviam cortado e posto dentro de um saco protetor contra risco biológico que Patrick depois surrupiara por impulso e escondera. Não sabe dizer por quê. Talvez pelo mesmo motivo que leva as pessoas a guardarem um dente caído dentro de um envelope ou um apêndice dentro de um vidro. Parecia importante. Ergueu a roupa no ar, toda dura e cor de ferrugem, parecendo uma segunda pele que já não lhe servia mais. O pano tinha um cheiro metálico que fez sua respiração se acelerar e lhe provocou uma pontada de vergonha. Ele embolou a camiseta, fazendo pedacinhos de sangue se soltarem, depois a enfiou no fundo do armário e cobriu com uma revista.

Agora tem outra camiseta para acrescentar à coleção, com o pano rasgado e sujo de vermelho no ombro direito. Há uma mancha de terra na altura da barriga de quando a mulher o empurrou e ele tropeçou, caiu e aparou o tombo com uma das mãos esticadas.

– Por que você voltou? O que está fazendo aqui? – pergunta ela, dando-lhe um chute no quadril. – Fala.

Patrick sente pontadas de dor no ombro ao se levantar e sentar. A mulher está em pé ao lado com a pistola a poucos centímetros de seu olho, e então chega ainda mais perto, fazendo seus olhos lacrimejarem e ele sentir o cheiro do óleo que lubrificou a arma. Sua voz sai engasgada no momento em que ele explica o desejo de ver como ela estava, só isso, ver se estava tudo bem.

A mulher inclina a cabeça e perscruta o rosto dele.

– Má escolha.

Ela acena com a pistola e o manda se erguer e caminhar na sua frente. Com o motor do jipe estalando atrás deles, os dois partem rumo ao chalé. Patrick enfia as mãos nos bolsos e ela diz não, para mantê-las do lado de fora e continuar andando. Sopra um vento frio, e um redemoinho se ergue do cascalho, vem girando em sua direção e o fustiga com suas pedrinhas.

O chalé é menor do que na sua lembrança, um pouco elevado em relação ao chão e tem uma varanda com um guarda-corpo. A mulher o manda abrir a porta e ele obedece. A mulher vem por trás dele e o empurra para a frente com o cano da pistola, cutucando-o na base das costas.

A garota está à sua espera. Não mais transformada. Com as luzes apagadas, toda encolhida no sofá. Veste roupas de moletom: um suéter cinza com capuz e uma calça preta. Tem agora os cabelos castanho-claros cortados curtos e, embora ele não goste desse visual em todo mundo, nela fica bem. As sardas salpicadas no nariz e nas bochechas estão escondidas por hematomas recentes que lhe escurecem o rosto – efeitos da transformação. Ela morde os lábios e corre a língua pelos dentes. Um pequeno círculo de sangue secou abaixo da boca e ela o limpa com as costas da mão.

– Está doendo – diz à mulher.

– Pode ir se acostumando.

O ar tem um cheiro rançoso. Poeira, gordura, odores corporais. A mulher acende uma luminária e inunda o recinto de luz, e é então que ele repara nas janelas lacradas que fazem a pequena sala parecer ainda menor: um sofá, uma cadeira, uma mesa de centro, uma cômoda e um espaço que mal comporta eles três. A mulher entra, fecha a porta e passa o trinco. O pé-direito alto com vigas aparentes é a única coisa que ameniza a claustrofobia.

A garota olha para Patrick pela primeira vez desde que ele entrou no chalé; seus olhos são duas poças vermelhas.

– Por que você voltou?

– Eu queria ver você.

Um pequeno sorriso morre no mesmo instante em que se forma.

– Não deveria ter vindo.

Ainda atrás dele, a mulher fala:

– Eu disse que tinha sido burrice trazer ele aqui.

– Agora é tarde.

Ele sente a pistola na orelha. A arma parece emitir um ruído, um som subjacente, como o reverberar de um diapasão.

– Mas não para pôr uma bala na cabeça dele.

Alguma comunicação silenciosa parece ocorrer entre a garota e a mulher. As duas o deixam na sala – depois de a mulher lhe apalpar o corpo e lhe avisar que ele não consegue correr depressa o suficiente para fugir dela, portanto nem vale a pena tentar. Vão para os fundos do chalé, fechando uma porta depois de passar.

Ele ouve suas vozes conversando exaltadas, mas não distingue o que dizem. O medo que sentia no início se dissipou e foi substituído por um mal-estar confuso. Ela é licana. Ela o arranhou, mas Patrick acha, ou assim espera, que a doença só se propaga pelo sangue, pelo sexo.

Ela é aquilo contra o qual seu pai está lutando. Aquilo que Max critica com tanto fervor. Aquilo que derrubou três aviões, com passageiros e tudo. O rosto da peste, a criatura retratada como monstro em incontáveis romances, filmes, dramas policiais e revistas em quadrinhos...

Mas agora não passa de uma menina de cabelos mal-cortados vestida de moletom que passa por ele, abre a porta e chama:

– Vamos.

Patrick não se mexe. Ela para onde está, mão na maçaneta, emoldurada por um retângulo de luz do dia, e o encara.

– Anda logo.

Os dois saem do chalé e entram no espaço escuro em meio às árvores. O chão está salpicado de neve. Ela não olha para trás em sua direção – simplesmente conclui que ele vai segui-la. Patrick olha por cima do ombro logo antes de o chalé sumir e vê a mulher postada na varanda, observando-os partir.

– Você não vai me matar, vai?

Não tem certeza se a pergunta é uma brincadeira. Ninguém sabe de sua presença ali e ele imagina o próprio corpo enterrado no meio da floresta, com uma pequena pedra assinalando o local.

CAPÍTULO 20

O Homem Alto desce do Lincoln Town Car; seu cinto quase chega à altura do teto do automóvel. Ele usa uma camisa social de mangas compridas toda amarfanhada por causa da longa viagem. O paletó está dobrado com cuidado sobre o banco do carona e ele o pega e o alisa meticulosamente para tirar os fiapos antes de vesti-lo. Não há nenhum pelo na cabeça, não porque a raspe todos os dias de manhã, mas porque sofreu uma terrível queimadura. A pele tem o lustre enrugado de um chiclete já mascado. O contorno dos lábios não é bem definido. Os olhos escuros parecem não ter pálpebras. O nariz é pequeno, arrebitado, e de longe parece não existir, fendido como o de uma caveira.

Três viaturas, um Ford Bronco do Serviço Florestal e um furgão da perícia criminal estão parados ali perto, em um estacionamento limitado por uma cerca de madeira. Há uma placa pendurada em um poste, um bloco de madeira envernizada com as palavras Estância Termal Banho de Sangue entalhadas, recobertas de gelo.

Ele leva pouquíssimo tempo para percorrer a trilha de quase um quilômetro, movendo depressa as pernas compridas, e quando os pinheiros se abrem em uma clareira rochosa cheia de policiais, seus sapatos pretos *wing tip* estão cobertos de poeira vermelha. Filamentos de fumaça emanam da fonte de águas termais como se abaixo da superfície respirasse algo vivo. O cheiro de enxofre, como de ovos quase podres, é tão forte que alguns homens cobrem o nariz com a camisa.

Eles não têm fita suficiente para isolar a cena do crime, por isso um pedaço de plástico preto e amarelo cruza o início da trilha. A maioria das pessoas se agacharia para passar por baixo dela, mas o Homem Alto passa por cima. Um sujeito de cavanhaque usando um casaco preto chega perto dele; sua expressão estampa uma pergunta que ele não precisa fazer. O Homem Alto já sacou o crachá e o outro o inspeciona.

– Nunca vi o senhor antes.

– É natural que não tenha visto. – Sua voz é de barítono e cada palavra é articulada perfeitamente.

Fascinado, o policial estuda o Homem Alto. Por fim, diz se chamar Don e se apresenta como xerife assistente. Pega um pacote de chiclete e começa a mascar um deles.

– O senhor é da delegacia de Portland ou de Salém?

– Nenhuma das duas.

O policial continua a mastigar.

– Tudo bem. Seja um babaca misterioso. Avise se precisar saber alguma coisa.

Os cadáveres já têm vários dias. Estariam conservados, não fosse o calor das

águas termais, que deixou a pele preta e, em alguns pontos, vermelha e rachada de tão inchada. A cabeça cortada de um velho, com a boca escancarada, espia o Homem Alto de cima de uma rocha pontuda. Há o corpo de uma mulher estatelada no formato de um X, com o ventre esvaziado e um emaranhado marrom e amarelo de intestinos empilhado mais adiante.

Policiais de blusão azul tiram fotos. Os flashes estouram. Eles não param de topar nas pedras vermelhas do chão irregular, cambaleando. Já o Homem Alto caminha devagar e sem percalços por entre as piscinas, passando por cima de corpos, equilibrando-se nas rochas, e às vezes se virando em um círculo para fitar a floresta, pensativo.

Vê algo na poça vermelha de água termal. Um corpo nu, fervido e branco feito um ovo cozido, boiando de barriga para cima. Don está em pé falando ao celular e, ao encerrar a ligação, vê o Homem Alto fitando o cadáver.

– Licanos.

– Eu sei.

– Em que está pensando?

– Quando estava na faculdade, achava que fosse ser vulcanólogo. Não é estranho? Alguma coisa nos vulcões sempre me atraiu. Já estive na borda fumegante do Santa Helena e sobrevoei de helicóptero o Kilauea, olhei para dentro de seu terrível olho laranja. No fim das contas, não era bom o suficiente em química e física, mas assisti a aulas e li bastante para saber que erupções dependem de força e de tempo. – Ele protege os olhos com as mãos e contempla as montanhas cercadas por nuvens acima deles. – Sabia que as Três Irmãs, embora adormecidas, têm atividade magmática no interior? Sabia que sua elevação varia a cada ano, às vezes muitos centímetros? Elas vão entrar em erupção outra vez, e este mesmo lugar em que agora estamos pisando vai virar um mar vermelho-vivo. É só uma questão de tempo.

A cabeça do cadáver está submersa e quase invisível na água vermelha turva. O Homem Alto põe o pé dentro da piscina, como se para testar a água, e cutuca o corpo. Ele flutua até a superfície e o rosto o encara, de boca aberta, qual um desenho a lápis borrado por dedos úmidos.

– De força e de tempo.

CAPÍTULO 21

A filha de Neal Desai está tendo um de seus dias difíceis. É isso que a mulher lhe diz ao telefone, pedindo-lhe para chegar em casa cedo, se puder. A filha precisa do pai.

– Sim, claro – diz ele.

Mas depois se distrai com o trabalho no laboratório e, quando torna a olhar para o relógio, já são sete e meia da noite. Não há janelas ali. As horas muitas vezes passam sem que ele erga a cabeça do microscópio ou do computador. Mais uma refeição não feita. Mais uma noite em que vai chegar em casa e encontrar a mulher chateada, o rosto escondido atrás de um romance ou concentrada na TV alta demais.

Neal trabalha no Laboratório de Biocontenção Regional do Noroeste do Pacífico, no Centro de Pesquisas de Moléstias Infecciosas. Apesar de fazer parte da Universidade do Oregon, fica nos arredores de Eugene, um aglomerado de prédios de concreto em sua maioria sem janelas, cercado por arame farpado eletrificado e patrulhado por seguranças armados. De longe, o local de trabalho poderia facilmente ser confundido com uma prisão.

Seu título oficial é professor universitário, mas, tirando algumas palestras por ano, ele não leciona e sua principal atividade é a pesquisa. O centro abriga cinco galpões e quatro hectares de pastos e hoje Neal está supervisionando seus alunos de pós-graduação e pós-doutorado enquanto eles inoculam bezerras. Os animais são sedados com xilazina, faz-se uma incisão no meio do crânio e, abre-se um furo na calvária e a substância é injetada no cérebro médio com uma agulha descartável. A incisão é fechada com um único ponto cirúrgico e os instrumentos, incluindo as brocas, são descartados em um saco de material de risco biológico. Todo cuidado é pouco quando se infecta um animal com príons.

É essa sua especialidade, os príons, e por mais interesse que ele tenha pela doença da vaca louca ou pela encefalopatia espongiforme, a maior parte das pesquisas na última década foi sobre o lobos.

Sridavi, sua filha, é uma menina perdida. É assim que Neal pensa nela, embora, na verdade, aos 22 anos, já não seja mais tão menina assim. As pupilas vivem dilatadas por causa das drogas e, sob os olhos, manchas pretas escurecem a tez naturalmente amarelada. A pele está sempre coberta por uma pátina de suor. Os ossos pressionam a pele com tanta força que ele teme que possam rasgá-la. Ao encarar a filha, Neal tem a sensação de ser arranhado por algo afiado, uma ferida que nenhuma sutura pode ajudar a curar.

Há quase dez anos, ele ouviu um estrondo no quarto da filha seguido por um grito

animalesco. A porta estava trancada e Sridavi não respondeu nem às batidas nem aos chamados, assim Neal partiu as dobradiças com seu peso. Sempre foi um homem grande, embora não tanto naquela época quanto agora, graças aos litros de café com açúcar e aos constantes chocolates ingeridos para mantê-lo alerta durante as longas horas.

Ele invadiu o quarto e encontrou a estante de livros derrubada e uma calça despontando lá de baixo. No início, pensou que ela tivesse sido esmagada. Um rosnado ecoou do canto do cômodo. Foi então que Neal a viu, junto à cabeceira da cama, toda encolhida e quase escondida pela cortina dos cabelos pretos compridos. Seu alívio durou pouco. Quando ele tornou a chamá-la, os cabelos se abriram e a cara de um demônio surgiu no meio deles, os olhos e a boca injetados de sangue.

Ainda que não quisesse acreditar, soube na hora o que acontecera. Deveria ter saído daquele quarto e fechado a porta quebrada, mas em vez disso correu até lá, tropeçando na confusão de livros e dizendo *não, não, não* como se quisesse espantar o demônio de dentro dela.

A filha pulou da cama e ele estendeu os braços para recebê-la. O impacto derrubou ambos no chão e ela o unhou, arrebentou os botões de sua camisa e esfolou a pele de seu peito, parecendo querer lhe arrancar o coração.

Embora Neal fosse pelo menos 50 quilos mais pesado do que Sridavi, mal conseguiu contê-la. Seu corpo estava rígido e elétrico, e ele se sentiu lutando contra um trampolim em movimento. A mulher estava em pé na soleira da porta, a mão cobrindo a boca, e Neal lhe disse para andar logo, caramba, e ligar para a emergência.

Enquanto esperava o barulho das sirenes e a chegada da polícia com estardalhaço pelo corredor trazendo uma injeção de tranquilizante, enquanto sua filha se debatia em seu abraço e ele a segurava pelo pescoço para desviar a mandíbula que tentava mordê-lo, seu peito doeu de um jeito que nada tinha a ver com a pele lanhada e o sangue que escorria da ferida.

Neal tira os protetores de sapato e a roupa de risco biológico e os joga dentro de um cesto de lixo. Digita seu código pessoal no teclado, uma luz verde pisca e a porta se destranca com o *tlec* do trinco automático. Ele adentra uma sala toda ladrilhada de branco, tira os sapatos, meias, roupas íntimas e camiseta e os lança em outro cesto antes de ir até debaixo de um chuveiro escaldante, esfregar-se e se secar com uma toalha. Depois, vai ao vestiário, onde abre o cadeado do armário, pega a bolsa de ginástica e veste a calça jeans e uma camisa de golfe de mangas compridas, presente de aniversário da mulher – não que ainda tenha tempo ou vontade de jogar. Pendura o casaco no braço.

Assina o registro de saída com a secretária da noite, Beatrice, cujo couro

cabeludo rosado reluz por entre cabelos ruivos ralos. Ela aciona a porta automática que lhe permite sair do laboratório para um corredor curto e cinzento, sem decoração alguma a não ser um ficus de plástico com as folhas cobertas de poeira. No fim da passagem, há um detector de metais e um aparelho de raios X. Ele cumprimenta o segurança, um dos vários que trabalham em cada prédio do complexo, em seguida esvazia os bolsos, põe a bolsa em cima da esteira rolante, torna a pegá-la do outro lado e diz até logo. Outra porta automática é acionada e, em vez de chegar a uma área de recepção – quase nunca há visitantes ali –, sai diretamente para o frio da noite.

Sabe que o vale de Willamette é temperado em comparação com a outra ponta do estado, onde ouviu dizer que nessa noite vai ter uma grande nevasca, mas, mesmo depois de trinta anos morando ali, não consegue se acostumar com a temperatura abaixo de 10 graus. O ar começa a ser tomado pela bruma e cai uma chuva hesitante. Neal fecha o zíper do casaco tão depressa que o metal belisca o pescoço – sua mulher o chama de segundo queixo para provocá-lo. Ele toca o local e examina os dedos para ver se saiu sangue, percorrendo um caminho de concreto sinuoso que o leva até o portão.

Pode ouvir o zumbido da cerca elétrica ao se aproximar. O segurança está sentado atrás de um vidro de correr e o abre para entregar a Neal uma prancheta e uma caneta. O homem masca um chiclete de nicotina e fala sobre a nova derrota do Trail Blazers enquanto Neal assina a prancheta. Sobre sua mesa de trabalho, há uma profusão de folhas de registro e vários monitores com imagens de câmeras olho de peixe. O portão se abre com um apito e os dois se desejam boa noite.

Neal saca um molho de chaves, separa o controle remoto e pressiona a ignição automática do Honda Accord para ligar a calefação e o aquecimento do banco. Um punhado de carros e utilitários ocupa o estacionamento à frente. O asfalto termina em uma vala coberta por um emaranhado de trepadeiras de amora silvestre nas quais sacos plásticos estão agarrados feito ovos de aranha.

Ele sente um latejamento atrás dos olhos provocado pela exaustão do dia e pela expectativa do que o aguarda em casa: a filha de olhos vidrados, catatônica e fazendo cocô nas calças devido a alguma combinação excessiva de carreiras de Volpexx com a maconha medicinal que lhe foi receitada. A última coisa que Neal quer fazer é conversar com alguém – o papo furado do segurança já foi um calvário –, então dá um suspiro audível ao ouvir o próprio nome:

– Dr. Desai?

Vira-se e vê que a voz vem do automóvel estacionado ao lado do carro, um Equinox prata, com a janela aberta e a luz interna acesa. O suave brilho amarelo ilumina um rosto redondo que parece quase infantil, não fossem as rugas que circundam a boca e os cabelos grisalhos que orlam a cabeça.

– Desculpe incomodá-lo assim tão tarde. – Ele estende a mão, que Neal sente pequena e úmida ao dar um aperto hesitante. – Mas tenho uma proposta de trabalho para o senhor.

No pub-cervejaria McMenamins, às margens do Willamette, os dois se sentam junto à janela salpicada de chuva. Uma ponte cruza o rio e as luzes ao longo dela fazem cintilar as ondulações da água. Neal recusa a cerveja artesanal marrom-escura que é o especial do dia e pede um chá.

O homem – Augustus – espalma as mãos sobre a mesa, uma por cima da outra, como se fossem dois guardanapos.

– O senhor é muçulmano?

Não, ele não é muçulmano. Ele não é nada.

– Estou exausto.

O garçom traz uma *ale* para Augustus e, para Neal, uma bandeja sobre a qual repousa um pequeno bule de louça e diversos saquinhos de chá dispostos em leque. Tem um cavanhaque em formato de forquilha e usa uma pulseira de cânhamo. Saca bloquinho e caneta do avental e pergunta:

– Alguma coisa para comer?

Neal responde não ao mesmo tempo que Augustus diz talvez.

– Talvez – repete Augustus, e o garçom fala que voltará para saber dali a um minuto.

Neal escolhe um chá preto, põe o saquinho dentro da xícara e despeja água fervente por cima.

– Dia puxado – comenta Augustus.

– É. – Neal deixa o chá infundir por mais alguns instantes, então ergue a xícara para beber.

– E noite puxada pela frente?

Neal fica em silêncio e deixa a xícara parada em frente à boca; o vapor lhe esquentava o queixo e deforma a imagem do homem diante de si. Augustus sorri com dentes pequeninos feito grãos de milho.

– Coitada da sua filha.

Neal sente o chá quente na mão.

– O que o senhor sabe sobre minha filha? Ela fez alguma coisa? – Suas palavras fazem o vapor tremer.

– Não. – Augustus ri, um pequeno latido curto. – Ela não fez nada. – Toma um gole de cerveja e usa o guardanapo para limpar o bigode de espuma do lábio superior. – Me perdoe a intrusão. Mas ela foi mordida? Foi assim que se infectou?

– Não – responde Neal, automático, embora não saiba ao certo por que está falando sobre esse assunto muito pessoal com um desconhecido. – Ela foi exposta

de outra maneira.

Não dá detalhes. A doença fora transmitida sexualmente. Quinze anos, vida sexual ativa e sem proteção. Pensar nisso ainda o faz fechar os olhos de tanta vergonha. Preferiria ter sido mordido no lugar da filha, assim talvez não a culpasse pelo que aconteceu nem atribuísse a ruína de suas vidas ao descuido da menina.

– Sinto muito.

O chá é amargo. Ele pousa a xícara com força sobre o pires e rasga dois saquinhos de açúcar lá dentro.

– Me desculpe. Eu não acompanho política. O que é mesmo que o senhor faz?

– Como eu disse, sou chefe de gabinete do governador.

– Sim, mas o senhor *faz* o quê?

– O que sempre fiz, eu acho. Sou consultor. A pressuposição do meu cargo é que a administração, os conselheiros, enfim... um político, digamos, pode não se mostrar... capaz em todas as situações. – A luz artificial faz seus óculos brilharem. – Eu sou a competência externa.

– Entendo.

Neal toma outro gole de chá, agora melhor, então se levanta para vestir o casaco e diz que sente muito, mas precisa mesmo ir andando. Precisa estar em casa com a família. Se Augustus fizer questão, a secretária pode marcar uma reunião durante o horário comercial e...

Augustus o interrompe.

– Já que seu centro, pelo que entendo, está seriamente deficitário em termos de financiamento, ainda mais agora, com os cortes de orçamento... já que posso ser útil nesse aspecto se estiver inclinado para tal... e já que sua filha sofre do mal que nós dois estamos interessados em curar, acho que o senhor não tem outra alternativa senão sentar e escutar. – Ele bebe um pouco da cerveja preta, escura como a noite. – Sente-se, por favor.

Neal obedece e se deixa cair devagar na cadeira outra vez, ainda de casaco.

O garçom torna a aparecer.

– Decidiram, cavalheiros?

– Não, não decidimos – responde Augustus. – Ainda não. – O garçom se afasta de novo.

Neal ouve o que Augustus tem a dizer. No meio da conversa, percebe que o chá esfriou. E, alguns minutos depois, silencia o celular quando ele começa a tocar, sem se dar o trabalho de verificar o identificador de chamadas, mas sabendo que é a mulher para perguntar onde ele está. Com exceção do ocasional meneio de cabeça ou sorriso triste, ele mal se mexe até Augustus parar de falar, e então os dois passam um bom tempo sentados em silêncio. Neal evita encará-lo e olha fixamente para o chá, como se pudesse haver alguma mensagem oculta naquelas folhas.

Augustus sorve um gole ruidoso de seu copo.

– Puxa, que cerveja boa.

Neal não aprecia muito aquele sujeito, mas gosta do que ele lhe falou. Olha pela janela. Barbas de musgo pendem das árvores. O rio serpenteia para longe. Ele vê o reflexo de ambos no vidro e estuda o perfil do homem que o examina. É mais fácil encará-lo assim, evitando seu olhar fixo.

– Às vezes eu acho que teria sido mais fácil se ela tivesse morrido – comenta Neal.

– Mais fácil para ela? Ou para o senhor?

– É.

CAPÍTULO 22

A temperatura cai, o vento ganha força e o sol traça um arco mais curto pelo céu. Apesar de Malerie ter lhe telefonado mais de dez vezes nos últimos dias, Patrick não atendeu. Três mensagens de voz, a primeira alegre e tagarela, a segunda um longo suspiro, a terceira perguntando que diabo estava acontecendo. “Sério, Patrick. É melhor você me ligar.” A voz dela então se fez cruel. “Ou quem sabe está na hora de Max descobrir sobre a gente?”

Ele não sabe o que vai fazer depois do fim de semana prolongado e do descanso da lua na segunda-feira, quando ela for procurá-lo na escola. Dizer a verdade? Falar que se divertiu? Mais do que se divertiu – a curva de seus seios, o vácuo de seus lábios, o frisson do segredo –, mas que agora não sente o mesmo? Que ficar pegando Malerie não é jeito de retribuir a gentileza com a qual Max o tratou?

Está sentado na cama bem ereto, com as costas apoiadas em um travesseiro e o laptop a lhe esquentar as coxas. Lá fora, o céu guarda um último resquício de roxo. A luminária do quarto emite uma luz fraca, em contraste com o brilho forte da tela do computador. Seus olhos doem. Ele sente uma leve náusea, o estômago revirado.

Corre os olhos pelos sites de notícias. Primeiro os veículos nacionais, em busca de atualizações sobre a República Lupina. Sabe que haverá baixas, como de fato há, mas cada uma delas lhe causa um alívio nauseante, porque sabe que alguns devem morrer, que há uma cota a cumprir, e a morte de outro homem significa que seu pai continua vivo. Lê um editorial chamado “Os grupos extremistas *não* representam os licanos”, sobre como uma pequena porcentagem de radicais está definindo a população de licanos pacíficos dos Estados Unidos e da República como um todo. Lê sobre uma batida na Flórida que desmantelou uma célula terrorista empenhada em construir uma bomba de fertilizante. Lê sobre a proibição de licanos voarem de avião, agora em vigor há mais de três meses e que enfrenta oposição jurídica da União Americana de Liberdades Civas, a UALC. Lê sobre como o nível de alerta baixou de vermelho para laranja, mas aeroportos e estações de trem continuarão a ter esquemas de segurança reforçados e revistas aleatórias a passageiros.

Passa aos veículos de imprensa regionais, *Oregonian*, *Old Mountain Tribune*, para ler sobre o governador a respeito do qual todos parecem ter uma opinião forte. Há um artigo sobre o fato de Chase Williams defender a energia nuclear e a criação de uma hidrelétrica no rio Columbia, e um editorial afirmando que os planos dele só farão aumentar o controle sobre a República Lupina e suas ricas reservas de urânio.

Lê um título que diz “Banho de sangue em Banho de Sangue”. Na véspera, uma mulher nua identificada como Alice Slade foi encontrada na borda do Passo de Santiam, sofrendo de hipotermia e balbuciando palavras desconexas sobre lobos na

floresta. Depois de ela ser hospitalizada e questionada, descobriu-se que o suposto ataque de licanos ocorreu na afastada Estância Termal Banho de Sangue, ao norte das Irmãs. Acredita-se que a mulher seja esposa de Craig Slade, corretor de seguros da região, cujo corpo foi encontrado na estação termal junto com outros onze, alguns tão mutilados a ponto de impossibilitar a identificação.

Patrick clica em um anúncio para um novo plano de telefonia e em um da Victoria's Secret. Vai clicando, clicando. Abre a ESPN para ver o resultado da rodada de futebol americano de sábado. Tenta falar com alguns amigos de casa para saber das novidades, pois tem andado muito relapso, mas ninguém está on-line. Assiste a um vídeo dos Fuzileiros Navais no qual um jovem soldado mata um dragão com uma espada. Baixa alguns formulários de candidatura de universidades – UCLA, Davis, Irvine – para preencher mais tarde, antes de os prazos encerrarem dali a poucos meses.

Então olha pela janela e vê as estrelas no céu ficarem mais brilhantes. O vento se intensifica e faz estremecer a vidraça. A previsão para essa noite é de neve, a primeira nevasca do inverno. Torna a se virar para o computador e busca na internet pela Estância Termal Banho de Sangue. Encontra o local no mapa e descobre que fica a menos de uma hora de carro da cidade. Pensa na garota, Claire. Na verdade, ultimamente quase não pensa em mais nada. Ela está sempre presente na periferia de seus pensamentos, como uma mariposa com um desenho sinistro nas asas.

Na mata, ela finalmente lhe disse como se chamava. De início, ele não respondeu nada, sem saber o que dizer. Prazer? Mas eles já tinham se conhecido, e as circunstâncias tanto do primeiro quanto do segundo encontro não haviam sido nada agradáveis.

– E o seu é Patrick – disse ela sem encará-lo, seguindo em frente, decidida. – Fique tranquilo, Patrick. Eu não vou matar você. Mas acho que minha tia teria matado se a gente não tivesse saído de perto dela.

No trajeto de carro até lá, ele planejava sua conversa, preparando todas as respostas fluidas. Agora, porém, tudo tinha mudado. Ela não era quem ele pensava que fosse. E, quando ele tentava recorrer a esse estoque de lembranças, todas as palavras se evaporavam. Ela era licana. Não só era licana como não tomava remédios. Era uma ilegal, uma resistente. Max os chama de praga. O governador os chama de maior ameaça a este país, ameaça que ele está trabalhando feito um condenado para neutralizar. Mesmo consciente de tudo isso, Patrick não conseguia catalogar os próprios sentimentos, da mesma forma que não sabia como encaixar aquela retórica política com a visão da bonita garota andando à frente e depois diminuindo o passo até emparelhar com ele.

– Obrigada de novo – agradeceu ela. – Vai ver foi por isso que você voltou.

Porque eu não agradeço.

– Não foi por isso.

– Bom, obrigada.

De repente, ela se inclinou em sua direção e ele se retesou e ergueu as mãos, pensando que ela fosse mordê-lo: estava de boca aberta, a poucos centímetros de seu rosto. Percebeu, então, como os próprios dedos estavam pretos, manchados com o spray que havia encharcado suas luvas poucas noites antes. Baixou as mãos e disse:

– Desculpe.

Ela não pareceu ofendida e ainda o examinou por mais alguns segundos.

– Já foi beijado por alguma licana? – Pareceu tão espantada com a própria pergunta quanto Patrick.

– Não – respondeu ele.

Os lábios dela se demoraram um instante em sua bochecha.

– Agora foi.

Ela desatou a falar; as palavras saíram velozes, como se estivessem represadas. Disse que se mudara para lá vindo do Wisconsin. Contou como, na infância, durante muito tempo, tudo o que queria era fugir, para longe da neve e do tédio, ir viver sozinha pela primeira vez. Mas que agora preferiria que seu desejo não tivesse virado realidade.

Claire se calou e ele imaginou que devesse dizer alguma coisa.

– Não é assim que sempre funciona? Nas histórias sobre gênios que realizam desejos, as pessoas acabam se estrepando com tantos pedidos.

Ela aquiesceu.

– É melhor não desejar.

Ficaram ali parados, no meio da floresta, sob um céu no qual as nuvens fervilhavam, olhando de esguelha um para o outro. Ele chutou uma pedra meio enterrada, que se soltou do chão congelado com um ruído seco. A pedra cintilou: quartzo. Seu pai sabia tudo o que havia para saber sobre pedras e minerais; os dois costumavam sair para catá-las nos finais de semana, enchendo a picape com pás e picaretas. Na varanda da frente de casa, tinham um geodo do tamanho de um crânio de criança, escavado para expor um núcleo de cristal violeta. Às vezes visitavam minas de rocha desativadas na Califórnia e, enquanto percorriam os túneis escorados por velhas vigas, o pai lhe falava sobre prata. Metal designado pelo símbolo químico Ag, de *argentum*, *brilhante* em latim. A prata tem a maior condutividade elétrica e térmica de todos os metais. Hipócrates, pai da medicina, acreditava que possuísse propriedades medicinais, o poder de curar, combater infecções e doenças, e o elemento fora amplamente usado em remédios e unguentos durante as guerras mundiais – e hoje, mais notadamente, na composição do Volpexx. Quando seu pai

apontava a lanterna para um veio de prata, o metal cintilava como um rio subterrâneo.

Patrick pensa em todos os anos durante os quais aqueles minerais foram rolados, desgastados e endurecidos pela terra, em que os veios preciosos permaneceram ocultos por uma concha dura e feia até que um dia vinha alguém com uma pilha de dinamite para explodir a encosta de um morro e expor suas entranhas reluzentes. Talvez tenha sido isso que a garota, Claire, fez. Tirou sua casca.

Não sabe muito bem por que acorda. Os sonhos se dissipam e ele vê que está sentado muito ereto na cama. Ainda totalmente vestido. Ao lado, o laptop está em modo de hibernação. A luz de um poste entra pelas venezianas e decora as paredes com grades de sombra.

É então que ele ouve. Passos leves e arranhões no corredor. A porta do quarto está fechada, mas do outro lado ele tem certeza de que consegue distinguir o ruído de algo tentando não fazer barulho. Põe as pernas para fora da cama. Faz uma careta quando o colchão range. Avança pé ante pé, pousando o peso no chão devagar. Aproxima a orelha da porta e tenta abri-la para deixar entrar todos os sons do mundo. Ao longe, um trem sacoleja rumo a algum destino noturno. Um apito longo e solitário se faz ouvir; o barulho é abafado pela neve, mas ainda assim mascara qualquer coisa que ele pudesse ter escutado no corredor. Os segundos se arrastam. O trem vai embora com um rumor cada vez mais fraco.

O silêncio carregado da casa passa a dominar. Ele escuta o barulho outra vez. *Clic-clic-clic*. Como alguém batucando com giz no quadro-negro. Perto. Logo depois da porta. A maçaneta não se move, mas a porta se balança de leve no batente, quase sem sair do lugar, como faria se uma janela fosse aberta ou alguém apoiasse a mão nela.

Patrick guarda um taco de beisebol debaixo da cama. Não consegue entender por que não o pegou antes de atravessar o quarto. Sente-se nu e pequeno. Ergue a mão trêmula e a pousa espalmada na madeira, sem empurrar, ainda não, mas preparado para o caso de a porta explodir para dentro. Cinco centímetros de madeira ou nem isso, e oca por dentro. Do outro lado, imagina uma silhueta imitando a sua, braço igualmente estendido, presas compridas na boca.

Pensa em uma sucessão de possibilidades. Poderia ser a tia de semblante duro de Claire, convencida de que ele iria denunciá-las. Poderia ser Malerie, olhos de panda por causa do rímel manchado, dando uma de *Atração fatal* com uma faca de açougueiro na mão. Poderia ser algum licano ligado à célula que derrubou os aviões para dar cabo dele. Ou poderia não ser nada. Apenas sua imaginação.

Ele espera um tempão, tanto tempo que acaba cabeceando de sono algumas vezes, tanto tempo que não consegue mais ter certeza se escutou algo, antes de levar a mão

livre até a maçaneta e abaixá-la. O barulho é um *tlec* surpreendentemente alto e o mecanismo da fechadura é acionado como o martelo de um revólver.

Seja o que for que estava do outro lado recua. Patrick escuta avançar pelo patamar e em seguida descer depressa a escada o que devem ser garras fazendo *clic-clic-clic* a caminho do hall, onde o piso de madeira vira lajota e o barulho muda de timbre, tornando-se mais alto e produzindo mais eco.

Seu celular está em cima da mesa de cabeceira e ele o agarra e quase o liga para chamar a polícia. Poderia chamar e ficar ali, seguro, com a porta trancada, de costas para a parede. Em vez disso, enfia o telefone no bolso. Chega de se esconder. Não com sua mãe dormindo no térreo. Ele pega o taco de beisebol, segura o cabo com força, abre a porta e adentra a garganta escura do corredor.

CAPÍTULO 23

Uma cobertura de nuvens de um tom negro arroxeado corre acima dos Cascades. Das nuvens cai neve. Flocos grandes. A neve gruda nos cabelos de Claire, em suas roupas, e enche sua mão aberta quando ela sai do chalé de manhã bem cedo para dar uma volta.

Miriam está dormindo, de ressaca. Às vezes a tia parece uma alienígena, fria e alheia a qualquer emoção humana, mas, em outras ocasiões, faz algo que surpreende Claire. Serve um chá e pergunta, imitando um sotaque *cockney*: “Vai um pouco de açúcar no seu chá, patrão?” Solta uma gargalhada ao folhear um romance. Ou fica calada, bebe uísque e se tranca no quarto. Detrás da porta, Claire pode discernir um ruído agudo, um lamento e, de vez em quando, um leve chiado que parece um lenço de papel sendo puxado da caixa.

Foi o que aconteceu ontem, depois que Claire enfim perguntou se tinha algum primo.

– Os livros infantis – falou. – Vivo olhando para eles na estante.

As duas estavam sentadas à mesa da cozinha e Miriam cortava um bife redondo com a faca. O sangue empoçava ao redor da carne.

– Tinha.

– Ahn?

– Uma prima. – Ela levou o garfo à boca, depois mudou de ideia e pousou o talher. – Você tinha uma prima. Eu tinha uma filha.

Claire não precisou perguntar o que ocorrera. As palavras jorraram da boca de Miriam, como se a sobrinha houvesse cortado com uma faca alguma costura em sua garganta que antes continha aquilo tudo. O nome dela era Meg. Tinha 7 anos, quase 8. Cabelos castanhos cacheados como os do pai. Inteligentíssima. Sabia recitar todas as capitais e o alfabeto de trás para a frente. Seu pai estava fabricando bombas de fertilizante. Planejava entrar em seis carros alegóricos em desfiles de Quatro de Julho por todo o estado e detoná-las todas ao mesmo tempo, estraçalhando os palhaços que atiravam com pistolas d’água, as mulheres que giravam bastões e as crianças que corriam atrás de balas.

– Em vez disso, estraçalhou a própria filha. A gente não sabe exatamente o que aconteceu. Só que a bomba explodiu. É só isso que a gente sabe e acho que é tudo o que há para saber. Aconteceu em um barracão fora da casa, com telhado de zinco. Meg estava bisbilhotando ou brincando, e um segundo depois estava morta. Lembrome de correr, olhar para o céu e pensar que estava cheio de morcegos. Mas era o zinco, pedaços fumegantes de zinco rodopiando em direção ao chão.

Ela não chora. Já secou todas as lágrimas que tinha para chorar. Empunha a faca

em cima do prato com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos.

– Seus pais tiveram razão. Tiveram razão de se afastar quando você nasceu. Eu percebi isso tarde demais.

Miriam já disse e repetiu para Claire não sair do chalé sem ela, para não baixar a guarda nem por um segundo. Mas a menina está cansada dessa paranoia toda. Já faz mais de um mês que está ali e, durante esse tempo, apesar de Miriam viver de arma na mão espiando pela janela, nada aconteceu, nenhuma sombra se esgueirou da floresta para a soleira da porta. Sobretudo com um tempo desses e os redemoinhos de neve anulando qualquer visibilidade, que perigo poderia aparecer?

Ela precisa escapar, arrumar um antídoto para o dia e as horas arrastadas. Seu pulso dói por causa do frio. Suas botas chiam ao cruzarem a neve. Usa um suéter de moletom com capuz por baixo do velho casaco que a tia queria queimar, mas que Claire quis guardar por razões sentimentais. “Parece um capelo de formatura, algo assim.” Sente um papel farfalhar contra a mão e retira do bolso um pedacinho rasgado rabiscado com o nome e o telefone de Patrick. Sorri e sente um floco de neve cair em seu lábio e derreter.

Ele é musculoso, alguns centímetros mais alto do que ela, e tem olhos verdes brilhantes que a encaravam fixamente e depois se desviavam, tímidos. Os cabelos são castanho-escuros, cortados curtos, e Claire podia ver que ficariam um pouco ondulados se ele deixasse crescer. No outro dia, quando Patrick foi procurá-la, pôde sentir seu cheiro – sentia todos os cheiros, um efeito residual da transformação – e, mesmo ele estando um pouco suado, era um aroma bom, como de terra preta. Claire gostava de como ele sabia ficar imóvel, movendo-se apenas quando necessário. E do jeito como falava, lento e cuidadoso com as palavras, certificando-se de que cada uma delas tivesse importância.

Era um alívio conversar com alguém de sua idade, com qualquer pessoa que não fosse Miriam.

Portanto, engoliu com sofreguidão tudo o que Patrick disse. Perguntou de onde ele era – a resposta foi Califórnia – e lhe pediu que contasse como era lá e ele obedeceu, falando sobre o pai e sua fazenda. Sobre como passara a infância catando ovos de galinhas e passando por cercas de arame farpado, atirando pedras em lebres com um estilingue, cortando o rabo de lagartos para guardá-los dentro de vidros, capturando gafanhotos em pleno salto para jogar em teias de aranha. Sobre a região de Big Sur. Sobre andar pela Rodovia 1 na garupa da moto Indian do pai. Sobre a névoa que vinha do mar. Sobre o retinir das boias e os ruídos dos leões-marinhos se comunicando entre si. Sobre São Francisco, pescar no cais e pular da traseira de um ônibus elétrico em movimento.

– Parece que você tem saudade.

– É.

Ele tinha, sim, mas menos do que antes. Disse que passara por muita coisa e que, quando olhava para trás, aquela vida parecia pertencer a outra pessoa.

– Eu conheço essa sensação – falou Claire.

A sensação de que ela não era a única a se conter, a única que poderia ter dito mais. Nessa hora sentiu um puxão. Como aquelas histórias que o pai costumava contar em volta da lareira, histórias de fantasmas que fisgavam você pelo pescoço durante o sono, pelo tornozelo ao nadar, e nunca mais soltavam. Patrick a fisgara.

Suas botas sussurram pela neve que bate nas canelas. Um dos lados dos pinheiros está coalhado de branco, fazendo com que a casca exposta pareça vermelho-viva. Galhos se vergam em direção ao chão, pesados, cobertos de neve. Ela caminha entre as silhuetas brancas e encolhidas dos arbustos, e dá algumas passadas correndo, só para sentir a emoção.

Na véspera, com a temperatura despencando, ela escutou, lá longe na floresta, um barulho que de início pensou ser tiros. *Estalos* que ecoavam pela mata.

– Não precisa se preocupar – assegurou Miriam. – São só as árvores.

As árvores congelando e se partindo ao meio. Uma delas explode a seu lado nesse exato momento, um velho pinheiro que racha e cujas duas metades se afastam uma da outra com um estalo seco. Ela grita de pavor, depois cobre a boca com a mão para abafar a risada que vem a seguir.

Para junto a um montinho de neve, decerto uma rocha coberta. O vento aumenta, provocando rajadas de neve que se erguem ao redor. Seus pensamentos se acalmam e Claire percebe que o único barulho é o do vento, a única cor, o branco. O montinho estremece. Ela repara em um fio vermelho de musgo, algo muito parecido com um cabelo, mas não pode ser, destacando-se no meio de todo aquele branco.

Vira-se para trás. Alguma coisa está errada. Sente isso no ar, como o eco de um grito, alguma perturbação que não chega propriamente a escutar. O montinho torna a pulsar como se respirasse e então explode para cima, gerando uma pequena nevasca. Por algum motivo, Claire não consegue se mexer, e um longo tempo – suficiente para ela sentir o ar lhe escapar dos pulmões e os olhos se arregalarem de pavor – parece transcorrer antes que braços descomunais a envolvam.



Patrick está sentado à mesa da cozinha, com a mente enevoada. Passou a maior parte da noite com as costas apoiadas na porta trancada do quarto, um taco de beisebol deitado no colo. Alguns minutos antes, acordou e desceu a escada ao ouvir os canos retinirem e o chuveiro do térreo ser aberto.

Agora enfia a colher na tigela de cereal, toma um gole de refrigerante e se vira a

tempo de ver a mãe atravessar o hall fazendo os saltos altos estalarem no piso. Ela veste um terninho preto com uma gola creme que combina com as pérolas em volta do pescoço.

– Você está bonita – comenta Patrick, e ela faz uma medida seguida por uma careta. – O que houve?

Ela esfrega o joelho.

– Minhas juntas. Acho que estou ficando velha.

Ele lhe conta que pensou ter ouvido algo na noite anterior. Não diz que percorreu a casa com o taco de beisebol erguido e pronto para ser desferido, nem que encontrou o quarto dela vazio, a porta dos fundos aberta se balançando suavemente para a frente e para trás e flocos de neve voando para dentro de casa e indo derreter no chão.

Nessa hora, Patrick destravou o celular, prestes a discar o número da emergência, e foi quando viu o torpedão que a mãe mandara e lembrou que ela não voltara para casa naquela noite, que fora dormir na casa de uma amiga que estava com “uns problemas” e o veria na manhã seguinte. Ele estava tão perdido em seus sonhos que nem se lembrara.

Sua mãe para de esfregar o joelho e seu corpo se imobiliza pelo tempo de uma respiração. Ela avança até a cozinha, abre uma gaveta cheia de talheres que chacoalham e a fecha sem pegar nada.

– Bom, é como dizem no cinema: deve ter sido só o vento.

– No cinema eles estão sempre errados.

Ela abre um sorriso rígido, tira uma caixinha de suco de laranja da geladeira, enche o copo que pega no armário e bebe em grandes goles.

– Apareceu um imprevisto. Não vou dormir em casa hoje.

De novo. Ela tem passado várias noites fora ultimamente, pelo menos duas por semana. Patrick pensa no homem magro saindo de casa e acenando para ele. Pensa em quando viu o carro da mãe seguindo em direção a sua casa no meio de um dia de trabalho.

– Que imprevisto?

– Um congresso.

– Outro? Mas hoje é dia de descanso.

– Pois é. – Ela encara as próprias mãos, não o filho, e mexe na cutícula. – Trabalho, trabalho, trabalho.

Patrick repara no hematoma escuro na bochecha da mãe que nem a maquiagem consegue disfarçar.

– Quem fez isso em você? – Ele roça o dorso da mão na própria bochecha e ela levanta a mão para tocar a pele inchada e roxa.

– Nada. Ninguém. Eu estava mostrando uma casa outro dia e dei de cara com a

porta aberta. Burrice minha. Foi uma vergonha.

Há uma televisão de 20 polegadas em cima da bancada da cozinha. Ela pega o controle remoto e liga o aparelho. O volume surge antes da imagem. “Qual é a pior parte?” Quem diz isso é a voz que sai da tela preta, de Anderson Cooper, descobrem eles depois, transmitindo uma reportagem ao vivo da República Lupina, vestido com um casaco forrado de plumas e segurando um microfone para um soldado falar. Tem as orelhas muito vermelhas e o rosto aparentemente queimado pelo vento. Atrás dos dois, a paisagem coberta de neve parece a vista da janela da cozinha de Patrick.

“O pior de tudo?” O soldado usa roupas de inverno com estampa camuflada preta, branca e cinza. O rosto escondido por óculos e capacete poderia ser o de qualquer um. “Levar os companheiros aos montes para os helicópteros. Para a evacuação médica. Isso é o pior de tudo.”

Cooper dá uma breve aula de história, falando sobre a República Lupina como um caldeirão de culturas, todas unidas pela mesma infecção. “A maior colônia de leprosos do mundo”, como chamou recentemente Chase Williams, governador do Oregon. Tirando os soldados americanos alocados no país, quase todo mundo está infectado. Algumas famílias vivem lá há várias gerações, mas outras em busca de uma pátria, que não conseguem encontrar em nenhum outro lugar, não param de chegar.

A matéria então corta para Tuonela, a maior mina de urânio da República Lupina e importante fornecedora dos Estados Unidos. Cooper veste uma roupa de proteção em preparação para uma visita ao local enquanto uma voz em off explica a codependência entre os Estados Unidos e a República, e como uma pequena milícia de licanos extremistas segue ameaçando a relação entre os dois.

A mãe de Patrick torna a acionar o controle remoto e a tela fica preta. Murmura algo sobre como hoje em dia só se ouve notícia ruim e conclui:

– Seu pai está bem, você sabe. Se existe alguém que sabe se cuidar... Seu pai está bem.

E minha mãe?, quase pergunta Patrick.

Ela tira o casaco do armário do hall e vasculha os bolsos até encontrar as chaves.

– Tchau – diz por cima do ombro ao fechar a porta para a garagem atrás de si.

Patrick não responde. Continua encarando o retângulo preto da TV. Pega o celular. Há três dias não tem notícias do pai; não entendeu seu último e-mail. “Sucesso!”, era tudo o que estava escrito. Patrick não sabe se o pai queria dizer sucesso em uma campanha militar ou outra coisa, e a mensagem que mandou de volta – “???” – ficou sem resposta.

Ele manda outro e-mail para o pai: “Tudo bem com você? Qual é desse tal sucesso?” Hesita com o polegar suspenso acima do teclado antes de digitar “Por aqui tudo na mesma”. A verdade é justamente o contrário, mas o pai já tem muito

com que se preocupar, como por exemplo permanecer vivo.



Quando Miriam descobre que o chalé está vazio, a neve já parou de cair. Sente uma azia e a mente embotada, mas consegue ter alguns pensamentos claros. A menina lhe desobedeceu, simples assim. É isso que os adolescentes fazem. Ela está testando os limites. Miriam espia pela porta da frente, apertando os olhos por causa do reflexo ofuscante da neve, e vê apenas algumas pegadas partindo da varanda e adentrando a floresta. No fim, encontrará Claire. É o que Miriam diz a si mesma enquanto veste um casaco, calça botas forradas, pega uma Glock em cima da cômoda. Antes de sair depressa pela porta, ela vomita, enjoada, e limpa a boca com a manga.

O mundo parece prender a respiração, à espera. O único barulho é a neve chiando sob suas botas, despencando de galhos e silvando rente ao chão em rajadas sinuosas. As pegadas estão cobertas por uma sombra cinzenta e cheias de neve até a metade, e Miriam se pergunta o que teria feito caso não houvesse rastros, caso a neve tivesse continuado a cair até cobri-las por completo. Afasta esse pensamento. É melhor não pensar no pior.

Mas o pior já aconteceu, como ela logo percebe ao chegar ao ponto entre as árvores no qual as pegadas desaparecem em meio a uma cratera de neve bagunçada. Passa um bom tempo parada, respirando pelo nariz, então dá a volta na depressão tomada por pegadas embaralhadas e vê outra trilha seguindo para o meio da floresta. As pegadas de Claire eram do mesmo tamanho das suas – ao segui-las, ela teve a sensação de se seguir. Mas, quando Miriam põe a bota dentro de uma daquelas outras pegadas, vê que tem o dobro do tamanho, que quase engolem o calçado.

Magog está vivo. Depois de atirar através do telhado e ouvir o baque pesado da queda, Miriam foi olhar do lado de fora e não encontrou ninguém, mas viu sangue suficiente para que a morte fosse uma possibilidade.

Agora ele veio buscar Claire. E muito embora os dois já tenham ido embora há tempos, Miriam pode senti-los: seu cheiro e sabor são como uma memória gravada no ar. Ela se ajoelha, recolhe um punhado de neve colorida por uma mancha de sangue e a esmaga na mão até fazê-la virar uma bola de gelo vermelha.

Vê algo ali perto preso em um arbusto, branco, agitando-se ao vento feito a asa de um pássaro. Um pedaço de papel. Ele emite um ruído áspero no momento em que Miriam o pega e lê, escrito em maiúsculas, o nome do garoto: Patrick.

CAPÍTULO 24

Patrick está em pé diante da casa; a lua gorda e acesa parece equilibrada sobre a chaminé. Alguns minutos antes, ele estacionou o jipe no acostamento coberto de neve da rua. Embora tenha vedado com fita adesiva o rombo que Claire fez no teto, o vento consegue entrar no jipe e, ainda tremendo, Patrick sobe o acesso irregular sulcado por pneus que conduz à residência. O vento sopra por trás. Ele torce para os cachorros se lembrarem de seu cheiro.

E lembram. Alguns latidos preliminares são seguidos por choramingos, ganidos e bufadas, e ele faz *sshh* e se ajoelha até bem perto das línguas babonas para acariciar as orelhas dos bichos. Como desconfiava, o carro da mãe está parado ali perto e reluz com o mesmo branco da floresta coberta de neve à sua volta.

Ao dar a volta na casa, o cascalho dos canteiros estala. Espia pelas janelas e os cães o seguem e lhe cutucam a mão com os focinhos gelados. Em todos os cômodos, imagina que vai encontrar a mãe encolhida no chão, a mão sobre um olho inchado ou a boca suja de sangue. Ela se divorciou de seu pai há mais de quinze anos e pode sair com quem quiser, ele sabe disso, mas, se aquele homem a estiver machucando, Patrick tem a intenção de machucá-lo também.

A casa, porém, parece vazia. Ele fica surpreso com o que vê: todos os cômodos limpos, decorados de forma parcimoniosa com móveis modernos, de cores vivas, que aparecem nos programas de TV em apartamentos elegantes de Los Angeles ou Nova York. Não é o que Patrick esperava de um cara que tem vinte cachorros e mora em um bairro de periferia cujo principal destaque é o lixão.

Nesse momento, ouve um grito. Abafado, como se por um travesseiro. Sobe correndo a varanda em frente à casa e tenta abrir a porta; a maçaneta cede. Ele entra. Velas de baunilha ardem sobre a bancada na cozinha. Sussurros e lamentos de um jazz suave saem do aparelho de som. Percorre a casa às pressas, verificando cada cômodo duas vezes sem saber se deve gritar pela mãe – e então escuta o barulho outra vez: quase um guincho, vindo de trás de uma porta na cozinha.

Escancara a porta e o chão desaparece: uma escada de madeira com material antiderrapante conduz a um porão mal-iluminado. Uma catinga horrível paira no ar, mas ele mal repara ao descer alguns degraus e se debruçar no corrimão para observar lá embaixo.

Suas entranhas congelam. A princípio, não compreende muito bem o que vê, os ossos e o sangue esparramados. Repara nos tufo de pelo branco e acha que é uma cabra. Talvez. É difícil dizer. Agachados acima daquilo, na mesma postura de abutres, há duas figuras nuas. Estão se alimentando. Ele se lembra do gato que a mãe levou para lá no outro dia e pensa se o bicho terá tido o mesmo destino.

Grita pela mãe, e então, tarde demais, leva uma das mãos à boca. Os dois se viram em sua direção ao mesmo tempo. O que a denuncia é a faixa branca dos cabelos, ainda que o rosto esteja irreconhecível, deformado e sujo de sangue. O corpo inteiro do homem está coberto por uma grossa penugem, menos a cabeça, que continua ridiculamente calva. Sua mãe se levanta e caminha até ele; os pés sujam o concreto com marcas pegajosas da mesma cor do melaço. A boca dela se move, ou abocanhando o ar ou tentando dizer algo, mas Patrick não fica para descobrir.



Claire não tem certeza de quanto tempo se passou. Um dia, dois talvez. Ela sujou a calça. Não comeu nem bebeu nada. Dormiu um pouco, mas o sono não era muito diferente da vigília: o mundo escuro e distante. Tem cada uma das mãos algemada ao tornozelo oposto, formando um X de correntes de aço que chacoalham quando ela se move. Ela enfim consegue tirar o saco de aniagem que lhe cobre a cabeça ao esfregar a cabeça na parede de pedra e lambar o tecido para fazê-lo subir. Vê que está no fim de um corredor escuro. O chão é de areia preta. De cada parede, pende uma fieira de lâmpadas de LED que emitem uma luz azul e dão a impressão de que o ambiente é subaquático.

Claire percebe que o túnel de lava se estende por uns 20 metros antes de dobrar à esquerda. Imagina que esteja em um subsolo bem profundo – o ar parado e bolorento recende a lama e enxofre – dentro de uma câmara entre as muitas que formam uma rede subterrânea.

Já gritou por socorro algumas vezes, sem sucesso. Dessa vez, no entanto, alguém aparece depois de quinze minutos. A primeira coisa que ela ouve é um assobio. Uma canção grave vinda de muito longe, que Claire demore a reconhecer. Uma música infantil. A lentidão é enlouquecedora. O assobio reverbera com um eco sinistro, dando a impressão de que mais de uma pessoa se aproxima. A cantiga prossegue. E então ele aparece aos poucos, ao mesmo tempo que assobia as últimas notas.

Seus cabelos têm um tom elétrico. É a primeira coisa que ela repara. Eles reluzem de um jeito estranho sob a luz emitida pela fieira de LEDs. Nota seu porte: ele é pequeno e musculoso como um ginasta. Usa botas, jeans e jaqueta de couro, tudo preto. Está agora dentro do recinto com ela, mãos nos bolsos, e avança chutando a areia do chão. Para a poucos metros de Claire e lança um pequeno punhado em cima dela.

– Olá, pequena senhorita – diz ele com uma voz aguda e um leve sotaque, talvez britânico.

– Pequena... Olha quem fala.

Ele dá um sorriso sério.

– Atrevida, é? Que nem a piranha da sua tia.

Ele tira a mão direita do bolso, miúda, que parece ainda menor por faltarem dois dedos, o anular e o mindinho; o lugar no qual deviam estar é coberto de queloides. No instante seguinte, ela fica maior, formando um punho e disparando em sua direção até preencher o campo de visão.

Claire ouve um baque surdo e percebe que é a própria cabeça batendo na parede da caverna.

Ao recobrar os sentidos, sente o nariz latejar, inchado, coberto por uma crosta de sangue. Não consegue respirar por ele. Está caída no chão, a cabeça apoiada na areia que se desprende da bochecha quando ela ergue a cabeça para observar os três homens em pé ali perto.

O que lhe deu um soco está ali; parece mais um duende, uma criatura saída de um conto de fadas, alguém que se poderia encontrar em um caminho escuro na floresta e que tentaria lhe passar a perna ou lhe dar uma facada. A seu lado, se encontra o homem que a raptou. O gigante. Sua largura é tão espantosa quanto a altura e a cabeça quase encosta no teto da caverna. Os cabelos são ruivos e compridos, a barba, igualmente ruiva e comprida, esconde o pouco de rosto que ela poderia ter visto e dois olhos pequenos parecem fitar nada e tudo ao mesmo tempo. Um sobretudo de couro preto se agita folgado em volta dele como um par de asas de morcego flácidas. Mãos capazes de espalmar e esmagar uma bola de basquete. Claire sabe de sua força de quando aquelas mãos a imobilizaram, enfiaram um saco em sua cabeça e a jogaram em cima do ombro dele, onde ela passou quase um dia inteiro sacolejando pela floresta.

Claire reconhece o terceiro homem, mas no início não consegue situá-lo. Ele tem um rosto largo cercado por uma profusão de cachos castanhos. As bochechas cobertas por suíças de pelo menos uma semana. Usa jeans e uma camisa de flanela com as mangas arregaçadas, os braços tatuados com lobos cujos corpos se fundem até formar uma imensa onda de pelos, garras e dentes. Anda de um lado para o outro e passa uma das mãos pelos cabelos.

– Você está fora de controle.

Cabelos Oxigenados tem os braços cruzados.

– Tem quem diga o mesmo sobre você. – Sua voz sai aguda e esganiçada.

O homem dos braços tatuados fala algo que Claire não entende, sobre uma estância de águas termais, sobre a tolice e a temeridade de suas ações, sobre como ele pôs todo mundo em risco. Então seus olhos recaem sobre ela.

– Não encosta nela.

– Nem para dar uma apertada? Uma espiada na bocetinha dela?

Claire agora identifica o terceiro: é o mesmo da foto séria na quarta capa do livro *A Revolução*. Jeremy. Marido de Miriam. Seu tio. Os olhos dele estão arregalados

com uma raiva quase incontida.

– Não encosta nela, Puck.

– E se eu encostar?

– Vou encostar em você também. – Ele ergue o braço e os lobos ali desenhados parecem se agachar, prontos para o bote.

Até então, o gigante permaneceu totalmente imóvel, como se fosse parte da caverna, uma estalagmite acumulada ao longo de milhares de anos, a partir de uma nascente envenenada. Naquele momento, ele ganha vida e se interpõe entre Puck e Jeremy – será mesmo que pode pensar nele como seu tio? –, que de repente parece muito pequeno.



Nesse mesmo instante, no meio da escada do porão e prestes a subi-la correndo, Patrick não sabia que, dezesseis anos antes, um sem-teto surgiu no meio de uma trilha de caminhada, derrubou e mordeu sua mãe quando ela andava por John Muir Woods, um homem que mais tarde se descobriu ser um licano não medicado. Um tipo de acontecimento hoje em dia muito raro, como o ataque de um urso-pardo, e que ganhava destaque na mídia. Os jornalistas apelavam para os temores mais primitivos de cada um, dando origem a dois dias de entrevistas na TV e editoriais nos veículos impressos sobre regulamentos e repressão mais rígidos.

Patrick tampouco sabia que foi esse o motivo que causou o divórcio dos pais, que a infecção dela se tornou um elemento divisor mais forte em seu casamento do que a política ou a religião, que o Volpexx a deixou deprimida, com a pele cinza e acidez estomacal. E, certa vez, derrubou a tigela de cereal do filho de cima da mesa e jogou seu copo de leite na parede porque ele não parava de chorar. E acabou decidindo que a vida seria mais fácil e segura para o menino se ela simplesmente fosse embora. Mas a mãe estava melhor agora. Continuava infectada, claro, mas melhor de cabeça, capaz de controlar os impulsos e se transformar apenas em circunstâncias controladas, então sabia que o filho estava seguro. Caso contrário, não o teria deixado ir morar com ela.

Patrick também desconhecia que o homem com quem ela namorava havia dois anos era médico, infectado com o lobos durante o tratamento de um paciente que o mordeu enquanto delirava de febre, que ela o conheceu em um site para licanos solteiros, eles se apaixonaram e ele a libertou do Volpexx falsificando os exames de sangue para os controles periódicos.

Isso tudo Patrick saberá depois.

Depois de fugir correndo da casa de Juniper Creek, de avançar pela mata chutando a neve, pular para dentro do jipe, pisar fundo no acelerador e passar horas andando a esmo, sem rumo. Dirige apenas para se afastar depressa do que

descobriu, olhando várias vezes no retrovisor como se estivesse com medo de que algo fosse surgir das sombras atrás dele, até o coração parar de bater, os músculos retesados se soltarem, os olhos se fecharem de exaustão e ele encostar em um estacionamento de caminhoneiros onde o sono enfim o domina.

Depois que acorda com o rosto apoiado no volante e volta para casa embaçando o para-brisa com o vapor da própria respiração, encontra a mãe à espera no sofá da sala. De jeans e suéter de moletom, ela tem o rosto estranhamente desprovido de maquiagem, inchado e desconhecido, coberto de hematomas.

Patrick precisa fazer força para não tremer.

– Você não está com uma cara boa – diz ele por fim.

– Essa é a minha cara de sempre. – Sem maquiagem, ela quer dizer. Sem a máscara. – Você não parece bem. – A mãe tenta sorrir e ele também.

– Não dormi direito.

– Imagino que não.

Seu rosto se enrugando e empalidece. Ela dá alguns tapinhas na almofada a seu lado e fala para o filho se sentar, que vai explicar tudo.

Patrick falta ao colégio. Seria impossível se concentrar. Impossível encarar qualquer um. Impossível abrir caminho entre a profusão de corpos, aturar as aulas tediosas, os testes de matemática e um papo na hora do almoço com Max quando, no intervalo de poucas horas, ele perdeu qualquer noção de quem realmente é.

Durante a manhã, fica com a mãe e, à tarde, sozinho. Sai de carro e o ronco do motor faz seu corpo inteiro tremer, enchendo-lhe a boca com um gosto amargo feito café da semana anterior. O sol se põe cedo nessa estação. Em uma Old Mountain cada vez mais escura, ele passa pela obra de mais um condomínio. Caminhões com geradores e guindastes hidráulicos iluminam o contorno de casas semiconstruídas e lançam sombras que parecem esqueletos. Todos fazem hora extra nesses últimos dias de novembro.

No meio da cidade, ergue-se um cone de cimento chamado Lava Butte. No último segundo, ele dá um tranco no volante e começa a subir a rua que dá voltas e mais voltas na construção até o topo, porque, caramba, quando se precisa de uma visão distanciada, a melhor coisa é olhar de cima, não é? Ninguém ainda retirou a neve do asfalto, logo as rodas derrapam no gelo.

Patrick para o jipe, senta no capô e fica olhando o sol morrer, a lua surgir e as estrelas começarem a brilhar. Lá embaixo, a cidade cintila como um lago que reflete o céu, transformando o promontório onde ele está em uma ilha da qual se vê os afogados.

Ele perguntou como era se transformar e sua mãe lhe deu um sorriso, tendo um estremecimento perturbador. É uma sensação boa, respondeu. Não nas primeiras

vezes, em que você acorda com falta de ar, nua, a boca toda azul, encolhida em posição fetal, coberta de hematomas e arranhões e piscando para o sol da manhã sem entender nada. Como se fosse tomado por uma ressaca, sem saber muito bem o que aconteceu nem onde esteve ou o que fez. E então, *plim*, surge uma lembrança da noite anterior.

Mais tarde, porém, depois de recuperar o controle, a sensação é de ter virado criança outra vez, a única época em que você se sente verdadeiramente vivo, sem amarras, movido apenas pela fome.

Lá embaixo, não muito longe, Patrick pode ver o canteiro de obras e seu brilho azul como o de uma cidade submersa. Pode ouvir o ronco distante dos tratores e escavadeiras, o chiado das serras circulares e as batidas dos martelos, os gritos dos mestres de obras e os bipes dos alarmes de emergência. Mais uma subdivisão. A cada dia que passa, a cidade parece perder a personalidade. A cidade na qual Max cresceu – e seu pai também cresceu, e antes deles o avô – é uma nova criatura, com condomínios no lugar das fábricas, rotatórias em vez de cruzamentos, brancos, mexicanos, asiáticos, negros e licanos. Tudo está sendo devorado e cuspidor diferente. Pela primeira vez, Patrick se dá conta da pequenez de Max e vê como é impossível sua resistência à mudança.

Não gosta muito de ler, ainda mais as peças de teatro que o professor de inglês vive lhes empurrando goela abaixo, mas encontrou uma exceção no último autor que leu, cujo nome não lembra. Nada de simbolismo chato ou mensagem óbvia e forçada, só um bando de espertalhões dizendo coisas que o deixaram siderado, como: “É a melhor época possível para se estar vivo, quando quase tudo o que você pensava saber está errado.” Ele realçou essa frase com marca-texto.

O celular vibra e Patrick se apressa em pegá-lo, torcendo para ser uma mensagem do pai, de quem ainda não teve notícias. Mas não. É Max.

Seu polegar hesita acima do teclado. O vento é frio e forte naquela altura e, por alguns instantes, ele se pergunta se sairá voando, leve feito uma folha. Abre o torpedo. “Temporada de caça”, está escrito. “Esteja pronto quando o dia raiar. A gente vai buscar você.”

CAPÍTULO 25

A filha de Neal afundou na meia-idade de forma cruel. Parece tão velha quanto a mãe, senão mais. O rosto de Sridavi, que antigamente mais parecia uma lua cheia, tornou-se muito anguloso. Os cabelos começam a ficar grisalhos e os fios claros se sobressaem muito na cabeleira que tem o mesmo negro lustroso do cano de um revólver. Ele repara nisso quase todos os fins de semana, únicos dias em que está em casa para vê-la se levantar da cama, em geral no início da tarde, e se arrastar até a cozinha para fazer café. Seus olhos são duas crateras negras. As costas estão vergadas. Ela se movimenta como um morto-vivo.

De vez em quando, em geral instado pela mulher, Neal lhe dá uma dura. “Estamos ajudando você e você precisa nos ajudar. Tem que contribuir para as despesas da casa.” A filha chora e, em meio às lágrimas, lhe diz como é difícil, como se sente mal. Ele afaga os cabelos dela e a conforta: “Pronto, pronto.” Ela enxuga os olhos, assoa o nariz com a manga da roupa e promete se esforçar mais. E de fato se esforça.

Neal vive no trabalho, sua mulher vive no trabalho e, enquanto os dois estão fora, Sridavi arruma as camas, passa aspirador nos carpetes, limpa das bancadas os restos de pó de café e manchas de vinho tinto – e então, depois de uma ou duas semanas, seu quarto e o resto da casa tornam a mergulhar no estado de desleixo que é o padrão. A mesa de centro cheia de rodela clara, como gotas de chuva em uma poça de lama. Roupa lavada sem dobrar empilhada no cesto. O carpete cheio de migalhas. Mofo a se espalhar pelos cantos do boxe. A menina deixa a grama aparada pela metade, uma pilha de galhos podados mas não amarrados em feixes, tudo inacabado, entra em casa para beber um copo d’água e esquece.

Às vezes, ao conversar pelo telefone com Keith sobre príons, sobre a possibilidade de uma vacina, Neal fica cansado, se distrai e interrompe a conversa para pedir notícias do filho do amigo. “Ele está igual? Como Sridavi? Preguiçoso, impossível de controlar, sempre saindo da cama à noite e dormindo o dia inteiro?” Mas Keith sempre responde não, não, seu filho é um bom menino. E Neal fica feliz por ele, de verdade, mas outra parte de si deseja que o garoto fosse um problema. Assim, poderia atribuir os problemas da filha à idade, e não à doença. A algo que ela pudesse superar.

Às vezes, ao chegar em casa do trabalho, não tem energia para nada a não ser assistir à televisão com uma bandeja de comida fria no colo. Em geral, sintoniza no History Channel ou no Discovery e fica vendo programas sobre ditadores cruéis, o Pé Grande e o monstro do lago Ness, as previsões de Nostradamus, como o mundo vai ficar quando a raça humana for dizimada por uma doença que corrói a população

ou um asteroide despencar em chamas do céu. Gosta especialmente dos programas sobre castelos, casas, cavernas e catacumbas mal-assombrados.

Lembra-se de um episódio sobre uma casa de subúrbio na Pensilvânia. Uma família se mudou para o imóvel e, pouco tempo depois, coisas estranhas começaram a acontecer. As luzes falhavam e ficavam fracas. As janelas abriam e fechavam. Um copo d'água se arrastava pela mesa até se espatifar no chão. Certa noite, quando o casal lia na sala, o sofá virou, as janelas se escancararam e ouviu-se um lamento, como de criaturas sobrenaturais. Em outra ocasião, o pai reparou que estavam aparecendo bolhas na parede do banheiro e, ao tocá-las com o dedo, a tinta estourou e verteu sangue. Logo após, eles chamaram uma médium, uma negra gorda de vestido roxo chamada Madame Serena, pensando que ela talvez conseguisse identificar algum demônio ou cemitério indígena.

Mas não: a mulher afirmou que quem assombrava a casa era a filha, uma adolescente de cabelos pretos e unhas pintadas de preto, entorpecida de remédios para tratar uma depressão. A garota estava possuída por uma escuridão que se apoderara da casa. “Ela está devorando vocês”, sentenciou Madame Serena.

Sentado na sala iluminada pela luz bruxuleante da televisão, Neal vê a privada respingada de vômito, ouve os gemidos vindos do quarto da filha e encara o silêncio rígido e frio da mulher na cama, e também tem a sensação de que a filha os devora lentamente.

Não sabe ao certo a quem atribuir a culpa, se aos remédios ou à doença. Às vezes os remédios parecem a doença. Lembra-se de uma história que sua *amah*, a babá asiática, lhe contou na infância. Ele costumava ajudá-la na cozinha, em pé sobre uma cadeira para poder alcançar a bancada e misturar temperos, amassar ervilhas e batatas, moldar chamuças, e ela falava sobre tigres e rupias, asnos e elefantes, flautas mágicas, jarros quebrados, o menino com a luz na testa e uma estrela no queixo.

Um desses contos era sobre uma aldeia que contratou uma cobra para matar um chacal que vinha criando problemas, devorando bebês e roubando tesouros, e que mantinha todo mundo acordado à noite com seus latidos. O réptil abriu bem a boca e devorou o chacal inteiro e, durante vários minutos, ainda era possível distinguir a forma do cão se contorcendo e passando pelo corpo do predador até inchar seu ventre, onde enfim se imobilizou. A cobra então se enroscou para dormir na praça da aldeia e fazer a digestão. Ao redor, os aldeões dançaram por muitos dias em comemoração e as batidas de seus pés no chão e suas músicas animadas acabaram acordado o ofídio, que se voltou contra eles para saciar a fome novamente despertada. Assim, uma fera substituíra outra. Neal sentia o mesmo em relação à filha.

Os licanos costumavam tomar altas doses de metaqualona, comercializada com o

nome de Wolfsbane. Nos anos 1980, chegou ao mercado o Volpexx, coquetel químico de antipsicóticos e sedativos hipnóticos, constituídos de benzodiazepinas. Ao longo dos anos, a fórmula sofreu várias modificações, mas, em sua composição atual, os comprimidos – ingeridos duas vezes ao dia no formato de luas redondas e brancas em miniatura – consistem em uma forte combinação de 20 miligramas de haloperidol e 4 de diazepam associados à prata. O remédio é obrigatório e está disponível gratuitamente para todos os licanos registrados. Não há limite para quantas vezes a mesma receita pode ser reapresentada na farmácia; a única exigência é um resultado positivo no exame de sangue mensal, sob o risco de se ir preso. Basta uma desculpa qualquer – um frasco de comprimidos perdido – para comprar mais remédios com a mesma receita.

A maioria das pessoas não quer tomar mais comprimidos, acha o remédio uma prisão, um entorpecimento, uma negação de si mesmos. Mas sua filha não é como a maioria. Ela mistura o Volpexx com xarope para tosse, maconha, energético, descongestionante e anti-histamínico. Engole e cheira. Às vezes sua pele parece tão fina, transparente como celofane, que ele consegue ver as veias pulsarem do outro lado da sala. E às vezes ela chora sem motivo algum, por horas a fio, e suas lágrimas parecem rios escuros.

Neal não comenta sobre isso no Clube de Golfe Deerstalker, nos arredores de Eugene, nem mesmo quando Augustus pergunta como vai sua filha.

– Vai bem – responde ele.

– Que bom. Muito bom.

O dia está úmido, cinza, e a grama ainda pesada por causa da chuva da noite anterior encharca os sapatos, diminui a velocidade de suas bolas e dá aos homens uma boa desculpa para fazer rebatidas sem sofrer punições. Chase veste jeans e um blusão; Neal e Augustus, calça social e suéter. Movimentam-se em um carrinho de golfe pelo caminho de asfalto lustroso – os pneus cospem água, os tacos se entrechocam nas curvas – seguidos por outro carrinho com dois seguranças.

No oitavo buraco, que ficava após uma curva para a esquerda, Augustus e Chase acabam zunindo a bola longe e mandando-a para o meio do mato com seus drivers de cabeça avantajada. Neal, por sua vez, escolhe um taco de ferro, número cinco, ensaia algumas jogadas só para testá-lo, e então acerta sua bola e a faz traçar um arco curvo e comprido, rolar e parar bem no ponto em que o fairway se inclinava.

Chase solta um assobio de admiração.

– Um golfista de verdade.

– É, antigamente eu era.

– Qual é seu handicap?

– Meu handicap é o golfe. – Ele dá uns tapinhas na barriga. – E sorvete.

Uma discreta piada. A resposta de Chase é uma risada um tanto exagerada. Deve ser por causa do Volpexx, desconfia Neal. Mais de uma hora antes, os três se encontraram no estacionamento e Neal tirou do porta-malas uma caixa de papelão com cem frascos, cada qual com cem comprimidos. Havia mandado entregá-los em sua sala no campus em vez de no laboratório e pagara a conta com seus recursos de pesquisa pessoais.

Na mesma hora, Chase sacou um canivete do bolso, abriu a caixa, tirou a tampa de um dos frascos e rasgou o lacre de alumínio.

– Na minha infância, meu primo começou a ter umas dores de cabeça – contou Chase. – No início, elas iam e vinham. Depois, a aspirina parou de fazer efeito. Quando começaram as hemorragias nasais, os pais dele o levaram ao médico. Câncer no cérebro. Inoperável. Treze anos. O tumor era do tamanho de uma estrela-do-mar. No fim, ele começou a dizer e fazer coisas horríveis. Ninguém queria ficar perto porque ninguém o reconhecia.

Com a manga da roupa, Chase secou o aerofólio molhado de chuva de um carro. Ali esmagou três comprimidos com a tampa do frasco até reduzi-los a um montinho de pó branco. Tirou a carteira do bolso e esticou o pó em duas carreiras com um cartão de crédito.

– É assim que eu ando me sentindo ultimamente. Com um *troço* dentro de mim. Quero que o senhor mate esse troço, doutor.

Ele enrolou uma nota de um dólar para formar um canudo que enfiou em uma narina enquanto tampava a outra. Cambaleou para trás com os olhos lacrimejando, esfregando o nariz feito um louco. Espirrou no braço, deu um sorriso entorpecido, bateu com as mãos uma em cada joelho e exclamou:

– Uau! Isso é que é dose.

Agora, Neal se junta aos dois homens no meio da mata. Eles avançam abrindo caminho pela úmida cortina de folhas de carvalho, fazendo chiar e chapinhar as folhas caídas no chão. Com o rosto virado para baixo, procuram as bolas que sabem que não vão encontrar. E, à medida que avançam pelas árvores grossas, a 3 metros um do outro, Augustus fala sobre o plano. Um bom plano, segundo ele. Vão começar com um telefonema para os senadores Wyden e Merkley.

Chase chuta uma pilha de folhas e diz:

– Eu já soquei a cara de Wyden. Duas vezes.

– Ele vai perdoar você. Porque a gente vai prometer aos nossos queridos senadores o seguinte: importantes doações de campanha da Nike, Intel, Lithia, Harry and David e Alliance Energy. A mais importante é a Alliance Energy, já que um de nossos principais temas nos próximos meses vai ser a energia nuclear. Por sua vez, o Senado separa uma parte do orçamento federal para o Centro de Estudos em Lobos, que continuará vinculado ao Centro de Pesquisas de Moléstias Infecciosas e dirigido

por nosso amigo aqui, o distinto Dr. Desai. Com sorte, vamos ter uma vacina nos próximos dois anos. É completamente possível. O senhor disse que é possível.

Neal espia o fairway ali da mata, avalia o ângulo das tacadas e torna a tentar adivinhar a localização das bolas.

– O problema não é criar a vacina – retruca, sem encarar Augustus. – O problema é a implementação. A União Americana de Liberdades Civas vem cuidando das pesquisas sobre vacinas nas duas últimas décadas.

– Estamos vivendo um período especial. Os Estados Unidos estão sendo atacados.

Quando Neal era criança – o pai havia emigrado para Los Angeles e era professor universitário de estudos psiquiátricos –, passava os fins de semana caçando bolas de golfe. Percorria as matas, peneirava areia, chapinhava pelos lagos. Os campos de golfe lhe pagavam um *cent* por bola. O zelador pensava que ele fosse mexicano e o chamava de José. Neal dizia que era indiano, o cara entendia índio e perguntava onde estava o cocar e o tacape e ele respondia: “Índio não. *Indiano*. Da Índia.” Carregava uma mochila que, no final do dia, estava sempre cheia de bolas. Levava os óculos de natação, vestia a sunga e mergulhava nas águas turvas cinza-esverdeadas das lagoas e lagos do campo, prendendo a respiração até os pulmões doerem e começar a ver pontinhos, tudo para recolher bolas dos fundos lamacentos como se fossem pérolas.

Agora, chega perto de um rododendro, espia debaixo dele, vê a bola branca toda furadinha e sente aquela antiga emoção que lhe acomete sempre que descobre algo que ninguém mais consegue descobrir. Prende a respiração ao se curvar para pegar a bola.

– Então é simples assim?

– Não tem nada de simples. Mas vai dar certo. – Augustus tira os óculos, limpa as lentes com a camisa e examina Neal como se o professor também precisasse de uma boa limpeza. – A gente vai garantir que o senhor receba o apoio que merece.

– Vão mesmo?

– Vamos. – Dois riscos vermelho-vivos vão das orelhas aos olhos, onde a pele foi pressionada pelas hastes dos óculos. – Porque quando o senhor desenvolver a vacina, vai se tornar ao mesmo tempo o benfeitor e o beneficiário do governador.

Chase desistiu de procurar sua bola. Na orla da mata, recosta-se em uma árvore com os olhos vítreos e fuma um cigarro. Neal vai até ele e ergue a bola.

– Achei o que o senhor estava procurando.

Chase traga o cigarro, pisca por entre a fumaça sem parecer compreender, e então estende as mãos com as palmas viradas para cima, como se chamasse Neal para rezar junto com ele.

CAPÍTULO 26

O tempo passa. Claire não sabe quanto, se são minutos, horas ou dias, pois não há luz alguma a não ser o brilho da fieira de LEDs. Nenhuma companhia, exceto a pedra e a areia pretas, de modo que ela fica quase desacordada, em algum ponto entre o sono e a vigília. O frio lhe entorpece o corpo e a mente e, mesmo quando tenta organizar os pensamentos, eles saem voando feito os morcegos empoleirados nas rachaduras. No canto, há um balde e um rolo de papel higiênico. Seus pés continuam algemados, mas os braços estão livres.

– Não quero tornar sua vida um suplício – disse seu tio ao colocá-las. – Mas preciso saber se posso confiar em você antes de tirar isto aqui.

Ela não sente emoção nenhuma, nem pânico, nem raiva ou medo, apenas um vazio ao encarar um bloco de basalto cujos buracos porosos e protuberâncias saltadas na superfície negra parecem formar uma paisagem própria, como um mundo escondido dentro deste mundo, não muito diferente da comunidade que existe no interior daqueles túneis de lava.

Claire não sabe ao certo quantos licanos são, dezenas talvez, mas entende que aquilo é mais do que um acampamento: é uma espécie de cidade subterrânea. Percebe isso graças à eletricidade que abastece o túnel, às conversas entreouvidas e aos muitos homens diferentes que lhe trouxeram comida em uma bandeja, vejam só que chique, com prato, copo, talheres e guardanapo, linguiça de cervo, salada de beterraba ao vinagrete, arroz e frango com alecrim, pratos que não poderiam ter sido preparados sem uma cozinha em pleno funcionamento.

Ao acordar, ela vê Puck em pé ao lado.

– Você não deveria estar aqui – diz Claire.

– Por quê?

– Porque meu tio falou para você não me importunar.

– Que tio, hein? Algemas nos tornozelos. Um penico para mijar e mais nada.

– Eu nunca disse que gostava dele.

Puck estava sorrindo desde o início, mas agora o sorriso se abre ainda mais. Ele ergue a mão mutilada. Os dedos remanescentes têm as unhas amarelas.

– Presente da sua tia. Quer saber como foi? – Não espera ela responder. – Aquela piranha vive andando para lá e para cá quase sem roupa. Umas camisetinhas sem manga minúsculas, esse tipo de coisa. Querendo que todo mundo olhe para ela e deseje uma espiada, um apertão. Então foi isso que ela conseguiu. Um dia, cheguei por trás quando ela estava na cozinha cortando uns legumes e fui fazer uma massagem bem gostosa nela. Com as mãos nos ombros. Coisa de amigo. Nada de impróprio, nada mesmo. Só queria aliviar um pouco a tensão. Sua tia é uma pessoa

tensa. E como foi que ela retribuiu minha gentileza? Virando para trás sem aviso, baixando a faca e me cortando até o osso. Não sou homem de levar porrada sentado. A gente teve uma briga e tanto.

Claire repara na ereção que estica o pano da calça dele. Seus olhos se perdem em algum lugar bem longe antes de tornarem a encará-la.

– Eu poderia tirar essas algemas, sabe? Não daria trabalho nenhum.

Ele dá um passo em sua direção e a caverna de repente parece muito pequena.

Todos os homens usam walkie-talkies no cinto e o de Puck ganha vida bem nesse instante com um chiado. Uma voz chama seu nome. Ele tira o aparelho do cinto.

– Que foi? – pergunta, como se as palavras fossem uma maldição.

Houve um problema de carregamento. Um atraso. A nitroglicerina. Precisam de ajuda.

– Já vou – responde ele, e então morde a antena e crava os olhos em Claire.

– Vou contar para Jeremy – ameaça ela só para dizer algo, para deter o silêncio penetrante daquele olhar.

Puck tira os dentes da antena.

– Ah, menina. – Tem os cabelos tão brancos que poderiam estar em chamas. – Você parece pensar que é ele quem manda. Ele bem que gostaria. Gostaria muito, mesmo. Mas não é ele quem manda, de jeito nenhum. Apesar de viver esfregando na minha cara como é um sujeito importante.

– Se não é ele quem manda, quem é então?

A expressão dele fica flácida e seus olhos parecem pulsar, arregalar-se.

– Balor.



Patrick ganhou a espingarda calibre 30-06 no aniversário de 14 anos. Era do pai, uma Mossberg. Guarda-mão de nogueira, coroa quadriculada, metal azulado, bandoleira de couro gasta. Segurá-la e sentir o cheiro de óleo lubrificante o leva de volta à Califórnia. O pai acordava antes de o sol nascer, abria a porta de seu quarto e o chamava com uma voz suave; um café da manhã de ovos com bacon o aguardava em cima da mesa. Jaquetas e chapéus de um laranja bem vivo. Uma garrafa térmica de café entre os dois no banco dianteiro da picape. A rodovia deserta, as estradas secundárias de cascalho, a densa e negra floresta na qual eles caminhavam enquanto o cor-de-rosa da aurora começava a clarear o horizonte.

Ele despachou a espingarda em agosto junto com algumas caixas de livros e roupas. Era uma das coisas nas quais o pai insistira: que o Oregon era um ótimo lugar para caçar, como se Patrick estivesse indo para lá de férias.

Agora a espingarda está na caçamba de um Silverado e ele está imprensado dentro da cabine estendida. São cinco dentro da picape, todos vestidos com uma mistura de

roupas camufladas, brim e laranja berrante. Max dirige. Quando chegaram, Patrick perguntou para onde estavam indo e Max respondeu:

– Caçar lobos.

Ele diz que tem um palpite em relação à estância termal. É um local ermo demais para ser atacado assim, do nada. Por que não um shopping, um parque ou uma igreja durante a missa? Imagina que alguns licanos tenham topado com os banhistas por acidente e visto uma oportunidade. Foram até lá, saíram bem na hora em que a neve começava a cair para cobrir seus rastros e, alguns dias depois, os corpos foram encontrados e eles já estavam de volta às tocas, sumidos do mapa.

Antes de Patrick poder reagir, Max liga o rádio. Ninguém fala nada; nem poderiam, pois os alto-falantes cospem em volume máximo a música de uma banda punk chamada Slovak e a guitarra elétrica parece facas se entrechocando, as palavras emboladas em gritos que dão a Patrick a sensação de que os ouvidos vão sangrar. Em determinado momento, ele pergunta se dá para abaixar um pouco o volume.

– Max? – chama ele. – Max?

Nada. Os outros Americanos têm os olhos fixos à frente e parecem tão concentrados na música que não reconhecem sua voz. Não pela primeira vez, Patrick se pergunta o que está fazendo com aquelas pessoas.

Eles pegam estradas asfaltadas que se transformam em cimento e terra batida escorregadios por causa da neve. Passam por casas pré-fabricadas que dão lugar a plantações de árvores intercaladas com descampados de 2 hectares. Passam por caminhões para transportar madeira e as toras em suas caçambas parecem do tamanho de lápis. A estrada do Serviço Florestal que seguem sobe uma encosta íngreme, muito esburacada e toda invadida por ervas daninhas, onde as árvores crescem mais próximas, os galhos às vezes arranhando o para-brisa como garras gélidas, até enfim chegarem a um ponto em que um deslizamento cobriu a estrada e estacionarem junto à maré de pedras e lama congelada.

– Chegamos – avisa Max, e desliga o motor.



Alguns anos atrás, na casa da amiga Stacey, Claire estava tomando sol no quintal dos fundos quando foi coberta por uma sombra. Sentiu o frio cobri-la feito uma toalha molhada, abriu os olhos e viu o irmão mais novo de Stacey em pé ao lado com uma espingarda pneumática em uma das mãos e um coelho na outra. Havia matado o animal na mata junto à casa. Jogou o bicho morto em cima das meninas, que disseram “ai que nojo” e ameaçaram arrancar os cabelos dele e pintar suas unhas dos pés se ele continuasse a chateá-las. Então algo deu em Claire – ela não soube muito bem o quê –, que pegou a arma de suas mãos. Um melro cantava em

uma árvore próxima e ela andou até lá a passos largos vestida com o biquíni roxo, de espingarda no ombro. Disparou. Ouviu-se um barulho de algo se partindo. O pássaro despencou da árvore e ficou caído, imóvel. O irmão de Stacey deu vivas, mas Claire permaneceu em silêncio ao se agachar perto da ave e a recolher. O melro não pesava quase nada. Tinha os olhos vidrados e uma bolha de sangue lhe saía do bico. Ela nunca se sentiu pior em toda a vida e jurou nunca mais matar o que quer que fosse – pelo menos até mais tarde no mesmo dia, quando comeu um bife que o pai preparou na grelha. Mesmo assim, sentiu-se péssima e preferiu não pensar em matar como parte da vida.

Mas ali está ela, tentando decidir a melhor forma de matar Puck – ou quem quer que aparecer primeiro; não é uma garota exigente – e pensando em todas as maneiras diferentes de escapar. Precisa se manter alerta. Precisa estar sempre pronta, como Miriam lhe ensinou.

Portanto, faz o que a tia recomendou e se transforma. Deixa o lobo assumir o controle do corpo, no início para testar a força e ver se consegue arrebentar a corrente, depois para passar o tempo. Não sabe ao certo quanto barulho faz – nem como consegue se mover de um lado ao outro da caverna –, não sabe ao certo como suas roupas se rasgam nem como um talho surge em sua testa. Toda vez que se acalma – as batidas do coração desaceleram, a respiração se tranquiliza e o corpo retoma a forma original – as lembranças dos últimos minutos parecem um sonho enevoadado.

Seus tornozelos sangram de tanto forçar as algemas. A dor, porém, não a incomoda. Nos últimos meses, aprendeu que a familiaridade com a dor a torna mais fácil de manejar, transformando o corpo em um único grande nervo amortecido pela agonia.

Seus sentidos se aguçam. Ela percebe o farfalhar das asas de um morcego, o cheiro distante de carne sendo preparada na cozinha, as pequenas mudanças no ar quando a caverna respira. Reconhece o momento em que alguém está vindo – como uma imagem entrevista em uma janela iluminada por um abajur ou uma conversa entreouvida no burburinho de um bar –, muito antes de ouvir os passos na areia. Ele logo vai dobrar a esquina. Logo vai estar ao seu alcance. Se for Puck, e se chegar perto o suficiente, Claire vai mirar no pescoço e nos olhos. Vai matá-lo.



Patrick demora para entender o que vê. A circunferência da carcaça esparramada pelo chão – pelos, sangue, osso – chega a quase 5 metros. Então identifica, um pouco mais adiante, a cabeça de uma corça ainda presa à coluna vertebral. Um besouro rasteja para fora da boca do animal e passeia por seu focinho para ir beber na poça negra do olho.

Ele está sozinho. Dez minutos antes, separou-se dos outros e cada qual partiu para vasculhar uma parte da floresta. Não demorou muito para os passos dos outros silenciarem. Agora, o vento aumenta e uma rajada de folhas cobertas por uma camada de gelo rodopia em um pequeno ciclone antes de cair no chão com um farfalhar. Há pilhas de neve aqui e ali, mas a maior parte já derreteu e tornou a congelar. Patrick não tem certeza se deve chamar alguém, dizer aos outros para irem ver. Mas um cervo morto era prova de quê? Um puma poderia ter feito aquilo tanto quanto um licano.

Seu celular vibra e ele o tira do bolso, espantado por haver sinal ali tão longe da cidade. É um torpedo de Malerie: “Eu tava protegendo vc. Mas acho que vc não precisa da minha proteção.”

Não tem a menor ideia de como interpretar a mensagem e cogita ignorar Malerie por completo, mas fica suficientemente preocupado para responder com um ponto de interrogação. Antes de conseguir pensar em mais qualquer outra coisa, ouve uma movimentação na mata, débil e muito à frente, algo avançando pela vegetação rasteira. Solta a trava de segurança da espingarda e começa a avançar, tomando cuidado para não pisar em nenhum graveto, romper uma poça de gelo ou chutar algum arbusto. Um minuto depois, o som desaparece e Patrick para e inclina a cabeça até ouvi-lo outra vez, perseguindo a presa. Assim prossegue por uns cinco minutos, parando e tornando a caminhar.

Tenta regularizar a respiração. Poderia ser um dos Americanos, afinal. Poderia ser qualquer um, qualquer coisa. Sente as batidas do coração na ponta dos dedos. Imagina as árvores se abrindo como uma cortina e o licano do avião aparecendo, agachado em cima de um toco feito uma gárgula, com dentes demais no sorriso. Pergunta-se que chance terá dessa vez, sem cadáver com o qual se cobrir, sem lugar para se esconder. É claro que deseja ser capaz de correr o mais rápido que suas pernas aguentarem até a floresta se transformar em um borrão marrom, até voltar à picape. Mas toda vez que se sente enraizado no mesmo lugar, pronto para virar as costas e sair correndo, pensa no pai que não iria fugir.

O som não se moveu, percebe. Está vindo mais ou menos do mesmo lugar, agora uns trinta passos adiante, onde o chão desce até uma ravina. Ouve um ruído fraco de água correndo, que é interrompido por um mergulho.

Chega à borda da ravina, onde as árvores apontam para cima feito um braço dobrado. Lá embaixo, no regato alimentado pela neve derretida na primavera, vê os cervos por entre um grupo de salgueiros. Dois machos grandes lutando.

Ergue a arma e mira o visor nos animais. Tenta contar as pontas de suas galhadas, mas não consegue, pois eles lutam com os chifres embolados. O maior chora lágrimas de sangue: um galho pontudo furou seu olho. Um rastro vermelho lhe escorre da orelha e vários outros do pescoço, nos pontos em que foi ferido. Os

animais não fazem barulho algum a não ser bufadas ocasionais ou um casco batendo n'água quando redistribuem o peso para arremeter as galhadas. A água escura como vinho de amora flui sob os animais, mas eles passam a maior parte do tempo parados, parecendo descansar um contra o outro. Patrick percebe que as galhadas estão presas, tão entrelaçadas que eles não conseguem se desvencilhar.

Faz o dedo deslizar da trava de segurança e acaricia o gatilho enquanto imagina as galhadas penduradas em seu quarto. Pode vê-las muito nitidamente, como se já estivessem lá, dispostas acima da cama e lançando sombras.

Ele atira. O cervo maior desaba no chão. A água do regato corre por cima de seu corpo como se fosse uma pedra e cria um colar de espuma em volta do pescoço erguido. As galhadas continuam presas e o animal menor fica congelado no lugar, cabeça abaixada em direção ao curso d'água como se tentasse matar uma sede que água nenhuma sacia.

Seu celular vibra. Como o cervo não vai sair de onde está, ele decide checar as mensagens antes de recarregar a espingarda. É Malerie outra vez: “Eu sei da sua mãe e agora Max tb sabe.”

Patrick quase deixa cair o telefone, esquecendo-se por completo da floresta, dos cervos e de todo o resto, a atenção agora direcionada a uma única frase que faz seu peito parecer esmagado e torna quase impossível respirar enquanto sua mente faz uma série de cálculos rápidos – Malerie, a farmácia onde ela trabalha, a lista de nomes –, mas nem assim ele entende direito o que isso significa até levantar a cabeça e ver Max em pé do outro lado da ravina, espingarda na mão, encarando-o.



Claire finge estar dormindo. Ouve os passos se aproximarem, o barulho de uma respiração. Imagina Puck ali de pé, cabelos fosforescentes, olhando para ela, talvez brincando com o cinto ou o zíper da calça. Sente o sangue esquentar, aquela sensação de uma chama acendendo que antecede a transformação. Abre um pouquinho os olhos, apenas o suficiente para espiar por entre os cílios, e distingue uma sombra muito maior do que imaginava ver. Retrai o corpo, pronta para gritar, certa de que o gigante está ali ao lado e que as abas pretas de seu sobretudo de couro estão se abrindo, alargando-se como as asas de um gavião.

Mas é só seu tio. Ele ergue as duas mãos como se a ameaça fosse Claire.

– Ei, ei. Está tudo bem.

Tem um rosto largo, bondoso, emoldurado por cachos castanhos, e embora ela queira odiá-lo, é difícil sentir outra coisa que não alívio quando Jeremy põe a mão no bolso, pega uma chave e meneia a cabeça em direção às algemas.

– Pensei em levar você para dar uma volta. Contanto que prometa não tentar fazer nenhuma bobagem.

No início, Claire fica em silêncio e a mão dele se fecha ao redor da chave e a faz sumir. Só então ela aquiesce.

– Ótimo – diz ele.

Mesmo depois de soltos, seus tornozelos ainda parecem presos e cada passo que ela dá lhe parece de alguma forma errado. No começo, sente os músculos das pernas pesados, pouco reativos. Claire se estica para tocar os dedos dos pés, alonga as pernas e dá alguns saltos sem sair do lugar antes de dizer a Jeremy que está pronta.

Na areia, seus passos soam como papel sendo rasgado. Ela o segue pelo túnel que se bifurca por duas vezes. Faz um esforço para recordar o caminho caso um dia tenha alguma oportunidade de fugir: esquerda, esquerda, para começar.

– Aqui é nossa casa – comenta ele, referindo-se à rede de túneis de lava, uma aldeia subterrânea protegida por uma vasta armadura de rocha.

Em alguns pontos, as paredes brilham, pegajosas de umidade, e em outros se esfurelam em calcita e líquen. Claire acompanha o tio por uma escada feita com pedras chatas sustentadas por areia preta, e lá em cima o túnel se abre para um recinto grande, do tamanho de um salão de baile. Ela não consegue ver o teto porque as lâmpadas de LED projetam uma débil claridade depois da qual reina o mais profundo breu, mas dele pendem raízes que parecem tentáculos, centenas de raízes penduradas ao redor. Jeremy segura uma delas, projeta-se alguns metros à frente, aterrissa meio cambaleando e olha para trás com um sorriso.

– Pode tentar.

Ela recusa.

– Está chateada comigo? – pergunta ele.

– O que você acha?

– É uma pena a gente ter se conhecido desse jeito.

Claire pergunta de quem é a culpa por esse fato. Diz que ele é seu tio, mas que até um mês antes nem sabia de sua existência. Não sabe nada a seu respeito.

– Isso não é culpa minha. É culpa de seus pais. Eles não queriam envolvimento nenhum com a gente, nem a gente com eles.

– Eu não sei nada sobre você – repete ela.

– E o que você quer saber?

– Nada. De onde vem essa energia? – pergunta então. – Elétrica, quero dizer?

– É isso que você quer saber? De onde vem nossa energia?

Jeremy explica como as represas do rio Columbia produzem uma energia elétrica que é direcionada para a Califórnia. Muitas linhas de alta voltagem e outras secundárias passam pelos montes Cascades, e não, para responder a seu questionamento, não é possível acessar uma estrutura de 25 mil volts para alimentar computadores e pequenos aparelhos. A potência da energia é diminuída à medida que vai sendo encaminhada para residências por vários níveis de transformadores

que abaixam a voltagem. A menos de um quilômetro de onde eles estão, fica um barracão de manutenção da PacifiCorp com um transformador residencial que reduz a voltagem a 120.

– É lá que a gente faz o gato.

E se a empresa identificar o gato? E se eles forem pegos?

– Isso não vai acontecer – afirma ele. – Porque a gente trabalha nela. Assim como na UPS, na Capitania dos Portos, na Nosler, na Union Pacific, na American Airlines... – Ele vai citando nomes até contar dez nos dedos das mãos. – A gente está por toda parte – conclui com um sorriso.

Os dois avançam por entre as raízes, afastando-as ao passar; em alguns locais, elas são tão densas quanto uma cabeleira. Aproximam-se de um recinto fortemente iluminado. Murmúrios vêm lá de dentro, vozes que silenciam quando eles entram abaixando a cabeça para passar pela porta baixa. O ambiente tem formato de cúpula e cerca de 20 metros de circunferência. O chão é um emaranhado de fios pretos e brancos saídos de mesas ocupadas por computadores, laptops, impressoras, um scanner, um modem com luzinhas verdes piscando e um transmissor sem fio. Um mapa dos Estados Unidos está pregado na parede bem ao lado de um do Oregon e há tachinhas de cores diferentes espetadas em ambos. Pequenas lâmpadas brancas de Natal penduradas no teto criam a impressão de um céu estrelado.

Dez homens sentados diante de terminais de computador ou em pé ao redor de uma mesa coalhada de papéis os encaram. Encaram Claire. Alguns são pálidos e inchados como vermes, outros têm um aspecto rugoso e um ar ridículo por causa das roupas mal-ajambradas: uma camiseta da Gap larga demais, uma calça feita de couro de cervo e costurada com tendões.

– Novidades? – indaga Jeremy.

Um dos homens pálidos, que usa um suéter do Darth Vader e jeans, responde:

– Problema resolvido. – Olha de relance para Claire, depois de volta para Jeremy. – O frete do Canadá atrasou, mas está a caminho. Temos um caminhão aguardando no pátio ferroviário intermodal. Vamos ao encontro dele na fazenda em Sandy. Não temos muito tempo para nos preparar.

– Então é melhor começar.

Ela não presta atenção no resto da conversa, pois ali perto, despontando por baixo de uma pilha de papel, acaba de ver uma tesoura. Tenta parecer casual ao apoiar a mão espalmada sobre a mesa. Pensa em se lançar para a frente, pegá-la e enfiá-la na têmpora de Jeremy. Vê uma teia pendurada entre dois computadores com uma aranha equilibrada no meio que parece a pupila de um olho a fitá-la. Usaria a tesoura, mas e depois? O que iria fazer? Eles a imobilizariam no chão em segundos. Claire envolve a lâmina com a mão e a insere discretamente na manga da roupa. Sabe ser paciente.

Dali a um minuto, Jeremy a conduz para fora da sala e por um corredor tomado por recortes de jornal que se agitam e farfalham quando eles passam. Claire lê rapidamente os títulos. “Terror no ar”, dizem as matérias. “Centenas de mortos”. “Nação do medo”. “Revolta licana”. Diminui o passo ao ver a manchete do *USA Today*: “Menino-Milagre”. Mais abaixo, ela distingue um rosto conhecido. O garoto, Patrick.

Quase grita o nome dele, como quem chama um amigo encontrado por acaso em uma cidade estranha. A foto o mostra cercado por policiais que o conduzem até uma ambulância. Ele encara a câmera de frente, olhando diretamente para ela. Um pontinho de mofo escurece um de seus olhos.

– O que vocês estão planejando? – pergunta Claire.

Jeremy continua a andar e não olha para trás ao falar:

– Você logo vai saber. Você e todo mundo.



– Algum problema? – indaga Patrick.

Não sabe o que mais dizer. Precisa falar alguma coisa, romper o longo silêncio que se estende, Max de um lado da ravina, ele do outro.

A única resposta é um olhar fixo. Talvez suas palavras tenham se perdido, levadas pelo curso d’água ou pelo vento entre as árvores. Talvez ele esteja tirando conclusões precipitadas e Max não saiba o que Malerie disse que sabia.

– Algum problema? – retruca Max por fim. – Mentir é um problema? Trair? Foder a namorada de outro cara é um problema?

Patrick nunca o ouviu dizer um palavrão antes, que agora lhe parece afiado como uma espada.

– A gente nunca fez isso.

– Mas fizeram o suficiente! – grita Max.

Sua voz enche a floresta e faz surgir dela outras silhuetas: os Americanos. Vêm de trás das árvores, os olhos sombreados, botas se arrastando pelas agulhas de pinheiro caídas no chão.

– Seu vira-lata!

– Eu não sou licano. – No mesmo instante, percebe que isso não fará diferença, que eles já decidiram odiá-lo, mas não consegue se conter, como se quisesse afirmar a própria identidade. – Ela foi mordida depois de eu nascer.

– Mesmo assim você é filho de uma cadela.

Max aponta a espingarda para ele.

Patrick ergue a arma para se defender. Eles o levaram até lá para machucá-lo. Bem no meio da floresta. Um lugar onde ninguém vai ouvi-lo gritar. Não sabe ao certo do que os garotos são capazes, mas está prestes a descobrir.

Sem tirar os olhos de Patrick, Max fala para os demais:

– Ele não recarregou. Peguem ele antes.

Os outros atravessam o regato após o declive e sobem aos tropeços pelo outro lado da ravina, avançando regularmente em sua direção, e durante esse tempo todo Patrick fica parado ali, congelado feito os cervos ali perto, cansado demais para correr, para fazer qualquer outra coisa a não ser acionar a culatra e ejetar a cápsula, sem se dar o trabalho de recarregar.

– Sinto muito pela Malerie – diz.

– Agora é tarde para se desculpar.

Os garotos se aproximam depressa, correndo até Patrick com os braços estendidos. Ele não vai conseguir resistir – são muitos e sua punição será mais severa ainda se tentar brigar –, logo joga a espingarda para o lado e agacha-se até ficar todo encolhido. Está preparado para a dor. Para os punhos e botas que lhe golpeiam as costas e costelas, a bunda, a parte de trás da cabeça. Primeiro o impacto, depois o calor dolorido até o corpo inteiro parecer em chamas; cada latejar é uma brasa sob a pele.

No meio da confusão de corpos, não sabe como, distingue Max em cima dele. Sua voz arqueja no ouvido de Patrick.

– A gente poderia matar você, sabia? Dizer que foi um acidente. Ninguém ficaria sabendo. Talvez eu até falasse no seu funeral e passasse a mão no caixão, que estaria fechado, é claro, porque seu crânio teria se espatifado como um melão.

Alguém lhe dá um soco na orelha com a mão dura feito um martelo. Uma chuva de pontinhos pretos aparece na periferia de sua visão. Ele acaba caído de costas olhando por entre os corpos acima dele para o céu mais atrás, onde os jatos zumbem e seus rastros riscam o céu azul-claro, lembrando linhas de pesca emaranhadas na superfície de um lago.

Deseja-lhes boa viagem.



Jeremy mostra a Claire um recinto com teto abobadado. Três sofás bolorentos estão dispostos em volta de uma velha TV revestida de madeira com um videocassete e um aparelho de DVD empilhados em cima. Os dois passam por um dormitório cheio de camas de campanha e por uma despensa abarrotada de sacos, caixas e caixotes, alguns arrumados em prateleiras, outros amontoados e dispersos pelo chão. Um cheiro de lubrificante de armas paira no ar.

A cozinha é um espaço parecido com a sala de computadores. Seis luminárias, todas diferentes umas das outras, estão espalhadas pelo recinto de modo a proporcionar luz suficiente para cozinhar. Um cervo esfolado e sem cabeça gira devagar, fazendo ranger a corda onde está pendurado, amarrada em volta das patas

traseiras. A carcaça exala um cheiro de sangue e Claire resiste ao estranho desejo de passar um dedo pelo flanco do animal e lamber.

Ao lado do cervo, há um fogão cheio de mossas com um sujo botijão de gás logo atrás. Depois, um forno a lenha cuja exaustão é direcionada para uma fenda na rocha até algum outro duto que leva embora a fumaça. Várias mesas dobráveis encostadas nas paredes estão abarrotadas de tábuas de cortar, suportes para facas e potes de implementos cheios de espátulas e colheres de pau, como vasos cheios de flores. Uma velha geladeira amarela ronrona no canto cercada por armários avulsos, muitos sem porta, repletos de frigideiras, panelas, copos, pratos e temperos.

Claire repara no ruído de algo gotejando e vai até lá: é um filete d'água que brota de um buraco na parede e se acumula em uma bacia de pedra do tamanho de uma banheira. Jeremy se ajoelha, pega uma concha munida de um filtro de tela e a mergulha na bacia. Toma um gole, volta a mergulhar a concha e pergunta:

– Está com sede?

Claire está mais do que com sede – tem os lábios rachados, descascando –, então aquiesce e aproxima a boca da concha com sofreguidão. Enche-a quatro vezes antes de menear a cabeça para ele, e os dois retomam o passeio.

– Quem é Balor? – pergunta.

– Onde você ouviu esse nome?

Ela dá de ombros.

– Quem é?

– Me fala da sua tia.

– Da sua mulher.

– É.

– Por que vocês me querem aqui?

– Porque eu a quero. Ela vai vir buscar você. Pode me falar sobre ela?

– Acho que ela agora deve estar puta da vida e morta de preocupação.

– Tomara. Estou torcendo para ela aparecer logo.

Quando eles começam a subir um aclave, Claire sente uma brisa. Os dois esticam os braços para se equilibrar e vão pulando de pedra em pedra, sempre indo para cima, e o ar vai clareando.

– Ela não falou nada sobre a polícia?

– Por que falaria?

– Não disse nada sobre isso?

– Tudo que ela quer é ficar sozinha. Você deveria deixá-la em paz. O que está querendo com ela, afinal?

– Eu preciso dela. Uma mulher deve ficar com o marido. – Pisca rapidamente e acrescenta, sua voz mais alta e apressada, como se tentasse sobrepujar o que ele já disse: – Ela é uma parte importante do que a gente está fazendo aqui. Uma parte

importante da revolução.

– Você não acha isso meio dramático?

– Nós somos uma revolução. – Ele escorrega em uma pedra, se ampara com as mãos e cambaleia para se endireitar. – Somos os revolucionários de roupas de couro franjado lutando contra os militares britânicos. Somos os negros americanos boicotando os ônibus em Montgomery. Somos os primeiros manifestantes a invadir a praça Tahrir de punho em riste. Isto aqui é uma democracia como nos primeiros tempos.

Claire percebe a falta de lógica do que Jeremy diz – uma democracia de verdade deixaria Miriam em paz caso ela decidisse se afastar do grupo –, mas entende que um coração partido é capaz de criar qualquer tipo de justificativa, de dar sentido a qualquer bobagem. A filha dele morreu. A mulher o abandonou. Ele quer preencher o vazio que sente. Claire se compadece do tio.

Mas ela também é uma adolescente, por isso vê tudo com cinismo e acha irritante ele transformar o desejo de recuperar a mulher em fanatismo político. Seu tio parece um ator recitando falas que ainda não domina totalmente. Claire não consegue conter o sarcasmo.

– Democretinice, você quer dizer?

Ele franze a testa, para de subir e a encara até Claire baixar os olhos.

– Você está fazendo uma piada? – pergunta, e ela sente pela primeira vez o quanto Jeremy pode ser perigoso quando acuado.

– Vocês matam pessoas.

Ele dá um passo em sua direção, passa por cima de um vão negro até chegar à pedra em que Claire está e parar a menos de 30 centímetros, mas ela não recua. Sente seu hálito na cara.

– Pessoas morrem. É isso que acontece.

– Feito sua filha.

Jeremy a acerta com a mão espalmada. Ela não antecipa o golpe, um tapa bem forte, e sente uma ardência seguida por vermelhidão e inchaço. Imagina o contorno branco da mão dele em sua bochecha ficando vermelho-vivo.

Os olhos do tio, antes duas fendas negras, se suavizam. Ele abaixa a cabeça, vira as costas para ela e continua a subir.

– Vamos – ordena, e depois de alguns segundos Claire vai atrás, com a mão sobre a bochecha dolorida.

O ar fica mais claro. O caminho se torna plano e eles chegam a uma porta feita de náilon, repleta de trepadeiras secas, que se abre qual uma cortina. Esta é uma de nossas quatro entradas, explica ele, e náilon proporciona camuflagem e impede o vento de entrar com muita força, mas também permite que o sistema de cavernas possa respirar.

– O que é fundamental, visto o cheiro que nosso pessoal encardido exala. – Ele está bem-humorado, como se o que aconteceu instantes atrás não houvesse acontecido.

Lá fora, o sol está vermelho e as árvores são pretas. O sol nasce. Claire perdeu qualquer noção de tempo lá embaixo. Tenta assimilar o máximo possível do ambiente à sua volta. Um emaranhado de arbustos de uva-ursinas, pilhas de rochas cobertas de líquen, a crista de um vale coalhada de pedras soltas. É um lugar bem alto, perto de um cone de lava coberto de neve, e os Cascades se assomam irregulares atrás de onde os dois estão. Ela imagina que, à noite, teria conseguido distinguir ao longe alguma cidade ou os pontinhos distantes da iluminação pública. Agora, porém, com os olhos estreitados por causa da claridade do sol nascente, não consegue distinguir nada exceto centenas de quilômetros de florestas que, lá na distância, dão lugar a uma paisagem desértica.

– Onde a gente está?

Jeremy a fita com olhos da mesma cor do céu de inverno acima deles.

– Na sua nova casa.



Max pega a espingarda de Patrick e testa o peso com a mão como se fosse um taco de beisebol. Então bate com ela em um árvore, uma, duas, três vezes, arrancando a casca até expor a polpa amarela da madeira que há por baixo, e a arma se despedaça, a coronha racha ao meio.

Patrick nem levanta a cabeça para protestar, a bochecha encostada no chão da floresta, um dos olhos tão inchado que só se vê uma fenda. Tem a boca cheia de sangue e a língua parece uma enguia a se contorcer lá dentro. Tudo dói; o corpo inteiro é uma ferida pulsante. Uma dor de cabeça aperta o crânio feito um cinto em brasa.

Max chuta os restos da espingarda, sacode as mãos doloridas e, depois de um último olhar malévolo na direção de Patrick, volta pelo mesmo caminho por que veio, com os outros em seu encalço.

– E o cervo? – pergunta um deles.

– Deixa apodrecer – responde Max.

Patrick permanece ali por um bom tempo, sentindo pena de si mesmo, dominado tanto pela dor quanto pela humilhação do ocorrido. A mata parece subitamente desprovida de cor, um pinheiro próximo, cinzento e esquelético, todo furado por buracos de pica-pau.

Eles o abandonaram ali. São cerca de 15 quilômetros a pé até a estrada asfaltada mais próxima, e de lá uns 65 quilômetros ou mais para chegar a Old Mountain. Mas ele está vivo. Rola de lado, aproxima os joelhos do peito e imagina os hematomas

escurecendo sua pele. Respira em meio à dor nas costelas e fica escutando o regato correr e o pio distante de uma coruja.

Então, ouve o que no início confunde com a pulsação do sangue nos ouvidos: passos. Vindo em sua direção. Os Americanos voltando para acabar com ele. Patrick levanta a cabeça e pisca para retirar dos olhos o sangue que lhe turva a visão, mas nem assim consegue discernir o que vê. Uma mulher caminha pela borda da ravina, toda vestida com roupas camufladas: Miriam.

– Enfim, morrer você não morreu. – Ela estende uma das mãos. – Vamos. Levanta.

CAPÍTULO 27

Alguma coisa está acontecendo. Quando Jeremy a conduz de volta até sua cela – Claire não sabe muito bem do que mais poderia chamar aquilo, o nicho de areia escura no qual é obrigada a ficar –, homens passam apressados pelos corredores subterrâneos, muitos falando em walkie-talkies, um deles carregando um emaranhado de fios e equipamentos de vídeo, outro caminhando ofegante com uma caixa de papelão suja de gordura. Jeremy lhes diz coisas como “Chegou a hora” e “Vamos lá” e dá tapinhas em suas costas ou os segura pelo ombro.

Durante a descida da escada, o corredor faz uma curva e ela o vê: Puck. Ao contrário dos outros, ele não se mexe. Está encostado na parede, mãos nos bolsos, sem nada a fazer senão esperar por eles.

– Disseram que eu não vou a campo com vocês – diz o homem, com uma voz aguda como o guincho de um morcego. – Disseram que eu vou ficar.

Jeremy ainda não havia percebido a presença de Puck, pois estava de cabeça baixa, perdido em pensamentos. Ao ouvir aquilo, para de andar.

– Seu trabalho é aqui.

– Você está me punindo? Por causa da estância termal? Porque eu não pedi sua *aprovação*? – A última palavra é pronunciada com uma dose generosa de veneno.

Jeremy olha para Claire, olha para Puck e diz:

– Vamos falar sobre isso mais tarde.

Recomeça a descer a escada e Claire o segue, relutante, braços cruzados, andando bem atrás dele como se o tio fosse cego. Pode sentir a corrente elétrica, a possibilidade de violência que faz o ar crepitar.

A passagem é estreita e Puck não sai do lugar, assim Jeremy e Claire são obrigados a roçar nele. Ela tem a sensação de se arrastar em uma árvore atingida por um raio, como se a madeira carbonizada a estivesse sujando, manchando-a. Tenta manter a cabeça baixa, mas não pode evitar olhar na direção dele, vendo Puck levar a língua até entre os lábios e mordê-la.



Patrick não tem certeza do que o faz dizer isto, talvez a visão das facas em cima da bancada ou da pistola no coldre preso a seu ombro, mas não consegue reprimir a pergunta.

– Você não é má, é? – Sabe que é a pergunta mais infantil do mundo.

– Não – responde Miriam, de costas para Patrick. – E você?

Pelo tom de voz dela, Patrick acha que a mulher está sorrindo. Encontra-se no chalé de novo, sentindo-se tão prisioneiro quanto da última vez; algo mudou, porém, e sua atitude com ele agora é mais suave. Patrick está sentado diante de uma mesa

redonda na cozinha e ela, em pé em frente à pia, usando uma calça camuflada e uma camiseta preta sem mangas que deixa à mostra asas negras tatuadas nos ombros, da mesma cor de seus cabelos.

Ao lado da mesa, há um saco de lixo aberto cheio de carteiras de motorista. Umas dez estão espalhadas sobre a mesa como as cartas de um baralho, todas com fotografias de jovens muito parecidas com Claire.

Miriam enche uma tigela de água quente com sabão e a leva fumegando até a mesa. Afasta os documentos, posiciona uma cadeira em frente a Patrick, mergulha uma pequena toalha na tigela e a torce, fazendo a água espirrar.

– Não se mexa – diz, e começa a limpar seus ferimentos.

A toalha é áspera feito a língua de um gato. Ele fecha os olhos e tenta não fazer uma careta ao senti-la contra a pele inchada e rachada. Miriam cantarola o tempo todo uma canção quase inaudível, uma cantiga de ninar. A água da tigela não demora a ficar turva e rosada. Ela enxuga Patrick com um pano de prato e em seguida põe vários band-aids para proteger os lugares em que a pele se abriu.

Patrick aperta o próprio peito bem forte, abraçando as costelas.

– É melhor tirar a camisa – recomenda ela.

Patrick tenta, mas levantar os braços acima da cabeça dói demais. Miriam o ajuda a despir a roupa e revelar um tronco todo colorido com marcas muito vermelhas e um hematoma preto-arroxeadado sobre a caixa torácica.

Ele pode ver nas mãos dela as unhas grossas que denunciavam um licano. Lembra-se de Max ter lhe falado sobre isso, sobre as diferentes formas de se detectar a infecção, e as unhas eram uma delas: grossas como dentes, como ossos. As de sua mãe não aparecem tanto, pois ela as mantém pintadas e lixadas. Patrick sente as de Miriam sobre a pele quando ela corre a mão por suas costelas.

– Talvez estejam quebradas, talvez não... Seja como for, você vai viver.

Ela pega um frasco de ibuprofeno no banheiro e separa quatro comprimidos que ele ingere com um copo d'água grande.

Miriam pergunta se Patrick está pronto para escutar.

– Acho que sim.

Ela começa a falar.

– Talvez parte disso você já saiba, e parte não.

A luz vai mudando e as sombras escurecem enquanto ela lhe fala durante um longo tempo sobre a Resistência, sua ideologia e suas atividades ao longo da última década, sobre como Miriam os abandonou e eles a importunaram até por fim raptarem Claire, sobre o lugar no meio da neve em que as pegadas da sobrinha terminavam, engolidas por outras abominavelmente maiores, que ela reconheceu.

– Os caras maus – completa Patrick.

– Sem sombra de dúvida.

– Eles deixaram algum recado?

– Não, e nem precisavam. Eu sei onde encontrá-los e o recado foi claro. Ou você volta ou vai sofrer as consequências.

Miriam conta que estava percorrendo a mata perto do chalé quando ouviu o disparo e depois o encontrou coberto por um emaranhado de corpos. Diz que planeja voltar lá. Que eles a estarão esperando e que são muitos, mas que, apesar disso, apesar de sua força, ela vai trazer Claire de volta. E fala, por fim, que ele vai ajudá-la.

– E quando a gente vai fazer isso?

– Agora.

Patrick sente medo, muito medo, mas não é por isso que hesita. O motivo é não ter falado nada sobre os atentados nos aviões e pensa se deveria fazer a revelação, se ela de alguma forma estava envolvida, ainda que afastada do movimento. A surra também é uma razão, pois o deixou fraco e destruído. Tem medo de não servir para nada. Ao fechar os punhos, suas mãos tremem como ferramentas que talvez se quebrem no momento em que ele mais precisar delas.

Miriam está inclinada em sua direção, braços apoiados nas coxas. O rosto dela é tão anguloso que parece uma arma.

– Ela tem algum valor para você?

– Tem.

Patrick se espanta por responder de forma tão automática.

– Caso contrário, imagino que você não teria voltado para procurá-la, não é? Não teria ido dar um passeiozinho na mata se não sentisse alguma coisa por ela, não é?

A voz e a expressão dela são tão duras que ele não sabe dizer se a mulher está gozando de sua cara ou não.

– É.

– Eu quero que você saiba que ela não está segura. Quanto mais a gente esperar, maiores são as chances de alguma coisa acontecer.

– Tá bom – fala, tentando endurecer a expressão.

Na verdade, contudo, sente-se tão pequeno que poderia caber dentro do próprio bolso. O mundo inteiro parece subitamente seu adversário e, ao pensar nos Americanos ou nos licanos, duvida que esteja à altura daquele combate. Pelo menos a dor de cabeça não está tão forte, já se tornando apenas um zumbido, entorpecida pelo remédio.

Miriam deixa a mão cair sobre a mesa e acaricia a pistola.

– Sabe usar isto aqui?

– Mais ou menos.

Na verdade, nunca usou pistolas, só revólveres e espingardas, para caçar cervos ou estourar garrafas de refrigerante na pedreira.

Ela solta a trava de segurança, depois torna a engatar. Retira o pente e o enfia de volta.

– Dezessete tiros, pente duplo. Não perca a conta. Dedo sempre na trava de segurança, a menos que esteja pronto para matar. Nesse caso, pá, pá.

Miriam se levanta e volta com duas lanternas grandes, duas pequenas, quatro facas dobráveis com cabo de teflon, um facão de mato com capa e uma escopeta de repetição calibre 12. Coloca tudo em cima da mesa. Vai até o armário ao lado do fogão como se fosse pegar uma panela, mas o que tira de lá é meia dúzia de pentes de munição. Abre com um rangido a porta do closet do hall e remove das prateleiras vários coldres, todos com uma tira de couro de selaria, para prender no cós.

Ela manda Patrick se levantar e ele obedece, ainda sem camisa. Sem pedir ajuda, pega seu cinto e o afrouxa dois furos para acomodar os coldres, um de cada lado do quadril, com o cabo das pistolas virado para a frente, assim o garoto pode sacá-las cruzando os braços.

Passa um bom tempo olhando-o e, então, dá um suspiro, como se enfim visse a criança que ele sente ser.

– Vou fazer um café – diz Miriam. – Vai deixar a gente mais alerta.

Lá fora, o céu cada vez mais claro tem um tom de aquarela. Ela mói os grãos de café com um aparelho manual e enche uma chaleira com água para pôr no fogo enquanto ele testa as armas, tirando-as dos coldres e segurando-as na frente do corpo como fazem os pistoleiros nos filmes. Porém, por mais que tente manter os braços firmes, eles tremem. É mais do que a dor nas costelas, semelhante a uma facada; é uma fraqueza generalizada.

Pensa em Claire encolhida em algum lugar, no escuro, e imagina o rosto dela se virando aliviado para ele. Isso mascara sua dor mais do que os remédios fazendo efeito no organismo. Patrick já a salvou uma vez; irá salvá-la de novo.

O fogão faz *tlec-tlec-tlec*, tentando em vão alimentar uma das bocas. Um cheiro de gás natural empestia o ar.

– Quer dizer que eles pegaram Claire por sua causa? – pergunta Patrick.

O ruído continua, parecido com o de uma bomba, e Miriam solta um palavrão entre os dentes, abre uma gaveta e pega uma caixa de fósforos.

– Pronto.

– E por que eles querem tanto que você volte?

Ela acende um fósforo, deixa-o cair sobre a boca do fogão e uma enorme labareda azul sobe com um *flop* e os faz recuar um passo; a chama então se estabiliza.

– Porque eu sou casada com um deles.



Quando Jeremy lhe pede por favor para se sentar e algema seus pulsos, quando diz

que gostou do passeio e pergunta se ela precisa de alguma coisa, Claire quase conta sobre Puck – quase.

Então, percebe que essa é sua chance. Algo entrou em movimento, algo de que Puck não vai participar e que irá tirar vários homens da montanha, inclusive Jeremy, que de outra forma poderia impedir sua fuga.

– Não. – Ela remexe as algemas e baixa os olhos, para que eles não traiam sua animação. – Estou bem. Obrigada.

Sabe que é apenas uma questão de tempo para Puck ir procurá-la. Bastaram umas poucas conversas para Claire notar que ele a deseja, sim, porém por motivos mais complicados ainda irá puni-la como se estivesse punindo Jeremy.

O tio não lhe algema os tornozelos. A tesoura continua escondida em sua manga e ela sente a lâmina fria no antebraço. Sua pulsação lateja contra o metal e vai contando os segundos, minutos e horas até o sistema de túneis ficar silencioso e vazio. E, conforme previra, ouve os passos se aproximarem, chutando a areia do chão com um sussurro cada vez mais próximo.

Não é muito claro onde começa sua cela; não há nenhum espaço definido designado a ela, nem grades por entre as quais olhar ou nas quais bater uma caneca de metal. O túnel de lava simplesmente termina, como se, muitas eras antes, alguma minhoca gigante tivesse escavado a terra até morrer ali e toda sua carne virar areia, deixando seu formato impresso na casca rochosa da passagem. Se houvesse uma entrada, porém, um limite dentro do qual Claire se sente aprisionada, seria o ponto em que Puck está parado agora, a uns 10 metros de distância: a curva do corredor.

No início, nenhum dos dois diz nada. Ambos sabem por que ele está ali.

Claire pode ver seu maxilar se mexendo, mascando um chiclete, amassando a goma com os dentes até produzir um ruído úmido, fazendo-a estalar.

– Está nevando, sabia? – pergunta ele por fim.

– Legal. – Não sabe como interpretar o fato de ele comentar sobre o tempo. O tempo é o assunto que se escolhe quando não há nenhum outro. – Eu gosto de neve. – Nada poderia ser mais distante da verdade, mas ela tenta imprimir à voz o máximo de sinceridade e simpatia possível. Quer que Puck baixe a guarda.

Ele para de mascar o chiclete e retruca:

– Ah, é?

Então, começa a avançar: um passo lento, depois outro, e a expressão em seu rosto parece indicar que ele está tão espantado com o que Claire disse quanto com sua aparente simpatia.

– A maioria das pessoas não gosta.

– Nesta época do ano eu gosto. Por causa do Natal.

– Mas depois ela continua caindo por tempo demais.

– É.

Ele abaixa a voz.

– Os invernos por aqui podem ser muito, muito demorados – completa, com a voz mais baixa.

O branco de seus olhos reluz, mas as pupilas parecem negras feito duas covas. Ela se sente despencando lá dentro. Puck agora já diminuiu pela metade a distância que os separa. Claire está sentada em cima de uma pedra do tamanho de um crânio de búfalo, a coisa mais próxima que possui de uma cadeira, e tem o corpo curvado como se estivesse exausta. Na realidade, porém, se mantém quase agachada, pronta para atacar. Tenta parecer casual e finge se coçar para poder retirar a tesoura da manga até a metade, aninhando as pontas afiadas na palma da mão.

Ele torna a fazer estalar o chiclete e o estouro seco a faz recuar o corpo, lembrando-lhe a vez em que um menino da escola chegou por trás dela e puxou seu sutiã.

– A piranha da sua tia não vai fazer nenhuma burrice, vai? Não vai sair com o rabo entre as pernas para procurar a polícia e abrir o bico, vai?

– Ela não faria isso.

– Todo mundo tem seu limite. – Ele se agacha e estende a mão para tocar o tornozelo dela. – Bonita.

Claire estremece. Puck ainda está longe demais, é mais veloz do que ela, mais forte, e Claire não pode correr o risco de se esticar tanto assim, de lhe dar tempo para reagir. Tenta não se deixar incomodar pelo toque, mas é como ficar parada enquanto uma aranha passa correndo pelo seu rosto. Um arrepio percorre seu corpo e ela afasta o pé.

– Para com isso.

– Parar com isso? – Ele transfere o chiclete de um lado para o outro da boca. Claire agora consegue sentir o cheiro: é de alguma fruta. – Você acha que eu vou parar? Acha que as coisas aqui vão parar? A gente está só começando. Não ache que eu só vou ficar falando: “é melhor você me obedecer”, “você deveria me tratar com respeito” ou “é melhor calar essa boca”. Porque a gente aqui não acredita em palavras. A gente acredita em ações. É assim que se consegue que as pessoas ouçam de verdade. Fazendo coisas horríveis com elas. Você pode achar que está sendo mantida presa neste canto afastado e escuro, mas na verdade está sendo protegida. Esqueça o Jeremy. Seu protetor sou eu. Sou eu que protejo você. Basta eu estalar os dedos para você ser jogada aos lobos. Os lobos gostam de morder, de sodomizar. Você vai se sentir virada pelo avesso, como se tivesse sido arrombada por uma dezena de espadas. Quem sabe depois de eles acabarem ainda vão manter você por perto para mais uma ou duas rodadas, ou talvez fiquem entediados e incomodados com seus choramingos, e nesse caso talvez a gente faça uma fogueira, e das grandes. Vamos atirar você nela e sua pele vai derreter, e aí vamos rir, uivar e

dançar em volta das chamas e devorar seus ossos carbonizados. O que acha disso, Claire?

Puck estende a mão para tocá-la outra vez. Se voltar a encostar nela, Claire se imagina estilhaçando em milhares de corvos que iriam grasnar, arranhar e bicar até finalmente saírem voando daquele lugar como uma nuvem preta e subir rumo ao céu. Ele estende a mão deformada, que Miriam mutilou com uma faca, e toca de leve sua bochecha. Uma carícia. Claire fecha os olhos e sorve uma longa e trêmula inspiração permeada com o cheiro do chiclete doce de morango que ele masca, e percebe, ao respirar, que ele já se transformou. Os dedos dele de repente se enterram na sua bochecha, e ela abre os olhos bem depressa e vê seu rosto, os dentes agora pontudos, os olhos contornados de vermelho como um carvão em brasa.

– Todo mundo tem seu limite.

É então que ela arremete a tesoura para cima, para dentro dele.



A face coberta de crateras da lua pende baixa no céu, prestes a ser engolida por um aglomerado de nuvens escuras. Miriam dirige sua caminhonete com Patrick ao lado e as armas empilhadas atrás deles, sacolejando. A estrada zumbe sob os pneus e uma neve leve cai através do brilho amarelo dos faróis altos.

Ela sai da rodovia e para em um posto de gasolina com bombas antiquadas e uma vendinha feita de ripas de cedro. Não para o carro, mas dá a volta no posto, onde, segundo Miriam, o marido mantém dez vans, carros e picapes estacionados. Pela manhã, faltavam três. Agora é quase noite e ela conta sete veículos faltando, os quadrados vazios de asfalto salpicados de branco.

– Isso quer dizer o quê? – pergunta Patrick.

– Que eles estão armando alguma coisa.

Patrick pergunta se eles teriam levado Claire, mas Miriam não diz nada enquanto gira o volante para dar meia-volta e tomar outra vez a direção da rodovia.

– Duvido. Ela iria atrapalhar.

Os dois seguem por mais cinco minutos antes de fazer uma curva fechada à esquerda e entrar em uma estrada que se bifurca várias vezes e vai ficando mais estreita, ladeada por pinheiros.

A mente de Patrick está alerta por causa da cafeína e da adrenalina. Eles param junto a um barracão de energia elétrica feito de metal corrugado e protegido por um alambrado e por uma placa de metal na qual se lê PACIFICORP. As árvores ali foram abatidas para deixar passar os postes que sustentam uma rede de doze fios de alta tensão e se prolongam a perder de vista. Patrick ouve a eletricidade zumbir como se a floresta estivesse cheia de gafanhotos. Ambos descem da caminhonete, pegam as mochilas e põem as armas nos coldres. Há uma lâmpada acesa acima da porta do

barracão.

Miriam lhe manda esperar ali. Patrick pergunta aonde ela vai, mas não recebe resposta, apenas uma mochila. Ela põe a escopeta no ombro, fazendo a bandoleira de náilon preto marcar uma linha entre os seios. Rápida feito um gato, escala o alambrado, aterrissa do outro lado e dá a volta no barracão de energia elétrica até encontrar o que está procurando: um buraco furado na parede metálica pelo qual passa um fio da grossura de uma mangueira de jardim. Ela abaixa a arma, mira e atira duas vezes. Os canos duplos cospem fogo. Um trovão ecoa na noite.

Patrick diz um palavrão, se abaixa atrás do carro, tira uma das pistolas do coldre e olha em volta como se esperasse ver silhuetas escuras emergirem da floresta. Porém, nada se move, não há barulho algum, exceto o zumbido ininterrupto da eletricidade acima e o chiado das faíscas do fio cortado.

Ele ouve Miriam pular o alambrado de novo e suas botas chiarem em sua direção.

– Agora eles sabem que a gente está chegando – afirma, ao vê-la surgir pelo canto do veículo.

– Eles não conseguem ver porra nenhuma. É isso que eles sabem.

Patrick a segue para dentro da mata que, silenciosa, parece escutar cada passo seu, e os dois não demoram mais de dez minutos para chegar à entrada do sistema de cavernas. Ele só percebe que é uma entrada quando Miriam afasta a cortina coberta de gelo que a esconde.

Ela desaparece lá dentro. Por um instante, Patrick fica sozinho e tenta não pensar na necrópole que está prestes a adentrar, no risco daquela empreitada impossível. Para um pouco, como quem inspira fundo antes de mergulhar, então acende a lanterna e penetra na escuridão.

CAPÍTULO 28

Claire esperava acertar o pescoço dele com a tesoura. Porém, Puck foi mais rápido do que ela imaginava e recuou a tempo de salvar a vida, mas não se esquivou por completo. Claire cravou a tesoura no ponto carnudo abaixo de seu queixo, empurrando para cima e para dentro da boca até enfiá-las no palato. Ele tenta gritar, mas seu grito é abafado por uma boca que parece ter sido grampeada.

De olhos esbugalhados, Puck cambaleia para trás e Claire acaba arrancando um tufo de seus pelos. Ele ergue as mãos trêmulas até a tesoura e a puxa lentamente do maxilar. O sangue esguicha por seu pescoço e pinga na areia do chão. Joga longe a arma, que faz barulho ao bater na parede, e abre a boca para testá-la, exibindo dentes cada vez mais afiados de raiva e medo.

E então, em um piscar de olhos, as luzes se apagam.



Quando Patrick entra na caverna, saindo da ventania, fica surpreso com a diferença de temperatura: faz bem menos frio no interior. Seu pai às vezes o levava para expedições de espeleologia no Parque Nacional de Lava Beds e ele se lembra de pôr um capacete, tocar estalagmites, rastejar por espaços apertados e ouvir uma informação: que as cavernas mantinham uma temperatura constante ao longo do ano todo, algo entre 10 e 15 graus.

O ar tem um cheiro adocicado de fungo, mistura de mofo, fezes de morcego e a oxidação sulfúrica que mancha as paredes de laranja ou amarelo. O sibilar constante do vento e um barulho de água pingado tornam difícil escutar o que Miriam fala:

– Fica perto de mim.

Eles seguram a lanterna e a pistola, uma em cada mão. O túnel se inclina para baixo e Patrick corre o facho de luz pelo chão e pelas paredes: é tudo negro, com exceção da crosta de líquen ou sulfito em alguns pontos ou de um veio branco de quartzo que captura a luz e cintila. As estalactites que pendem do teto o fazem pensar sobretudo em dentes.

Ele carrega uma faca e pentes de munição nos bolsos. Seu cinto range, a mochila sacoleja e o hálito sai da boca em nuvens trêmulas. O barulho lhe parece muito alto. Tropeça várias vezes em detritos ou saliências de basalto e Miriam olha irritada para trás em sua direção. Patrick murmura um pedido de desculpas e sente medo, que se assemelha a vespas sob a pele: asas zumbindo, patas e ferrões se remexendo.



Em um instante, Claire está olhando para Puck. No momento seguinte, tudo fica preto. No início, ela pensa se terá morrido. Se ele de alguma forma percorreu a

distância que os separa e lhe arrancou o coração do peito. Se uma rocha se soltou do teto e esmagou seu crânio. Ou se seu corpo enfim decidiu que basta e desistiu de viver.

Então, escuta o grito longo e agonizante de Puck, um grito de animal ferido, e entende que não morreu, ainda não. Mas a morte está próxima. Nunca correu tanto risco de morrer como nessa situação, enterrada em uma escuridão de enxofre sob centenas de toneladas de rocha. Se não agir depressa, seu túmulo será ali.

Recorda a última imagem que teve da câmara e pensa se terá se movido depois, se ainda estará de frente para o túnel aberto. Dá um passo para o lado até os dedos tocarem pedra. Tateia a parede e estica as mãos à frente do corpo como se quisesse remover teias de aranha. Levanta bem os joelhos a cada passo para não tropeçar em nada, sem se preocupar com os passos ruidosos e apressados: o som não é mais alto do que a série de choramingos e uivos alternados de Puck.

Claire avança pelo túnel. Apesar dos olhos bem abertos, o que lhe permite saber o caminho são os dedos tateantes. Os lamentos atrás dela diminuem e se calam; o silêncio a preocupa. Ela tenta fazer o mínimo de barulho possível, mas a cada dois passos chuta uma pedra ou faz algo se soltar da parede.

Lembra-se do trajeto – esquerda, depois esquerda outra vez – e sente a mudança no ar, as correntes de vento frio quando o túnel se bifurca. Quase tropeça no primeiro degrau da escada. Vai subindo atabalhoadamente, desejando saber quantos degraus a escada tem e imaginando que a qualquer momento algo vai surgir da escuridão para agarrá-la e apalpá-la. Dali a um minuto, onde esperava outro degrau, sente o pé pisar um chão plano. As paredes se abrem para uma câmara. Sua respiração e seus passos ressoam mais suaves lá dentro. Ela sabe que o melhor seria seguir a parede e percorrer toda a circunferência da câmara, mas não consegue lembrar se havia outros corredores que se cruzavam ali e não pode correr o risco de se perder em algum outro túnel que a leve mais para o fundo da terra. Sabe que a sala de computadores fica logo à frente. Decide confiar em seu senso de direção e começa a avançar. Sente o cheiro terroso das raízes que pendem do teto e que lhe arrancam um grito quando dão a impressão de cercá-la e lambe seu rosto como línguas geladas.

A caverna é um breu insondável. Negro feito nanquim. A escuridão de um lugar lacrado por rocha e enterrado bem fundo na terra, um lugar aonde ninguém jamais deveria ir. Penetrante, infecciosa, se entranhando nela, sufocando-a, fazendo pesar seus músculos e surgir o desejo de se encolher em posição fetal. Espera que o pior aconteça, pois é o que parece inevitável quando se está perdido no escuro com algo cheio de dentes em seu encaixe.

Claire para e escuta. Percebe um movimento na escuridão. Um farfalhar. Passos. O barulho vai ficando mais alto e mais perto: passos suaves pisando as pedras,

arrastando-se pela areia. O escuro provoca pensamentos terríveis e, em vez de Puck se aproximando, ela imagina o homem da máscara de palhaço: duas piscinas negras no lugar dos olhos, os lábios vermelhos como carne crua. Ele iria encontrá-la, farejá-la, e sua boca se abriria do tamanho daquela câmara antes de engoli-la.

Ela sente o lobo ganhar força dentro de si, instando-a a libertá-lo, mas resiste. Não confia na própria insensatez selvagem depois de transformada e tem medo de acabar arranhando as paredes até esfolar os dedos e chegar no osso, movida pelo pânico do escuro.

Continua *tentando* ver. Como se, pela simples força de vontade, pudesse desenvolver uma visão extrassensorial. O esforço faz suas órbitas arderem, parecendo inchadas de sangue. Claire ouve Puck dar uma risada seca feito um latido, mas é difícil situá-lo, pois o som reverbera nas paredes curvas e no teto cheio de arestas e se espalha pelos muitos cômodos, buracos e corredores que penetram a escuridão ao redor.

Ela dá um grito ao escutar uma voz úmida e borbulhante de sangue bem a seu lado:

– Estou sentindo seu cheiro, belezoca.



Segundo seus cálculos, faz uma hora que estão debaixo da terra. Ouviram coisas: o sussurro da areia, morcegos batendo as asas, pedras se soltando do teto com um pequeno estalo e provocando ecos ao bater no chão. Em determinado momento, algo de olhos vermelhos atravessou depressa os facho de suas lanternas, mas eles não tornaram a ver a coisa.

Patrick toca o ombro de Miriam e ela se retrai. Pergunta quanto falta.

– Quanto falta para quê? – A irritação dela é evidente.

– Para chegar aonde eles prenderam Claire.

– Não faço a menor ideia. Ela pode estar em vinte lugares diferentes.

A lanterna de Patrick ilumina a cozinha. Ele fica surpreso com a organização deles, e não é a primeira vez. Não sabe o que esperava ver – palha e peles de animais no lugar de camas, restos de fogueira com ossos roídos e empilhados em volta –, mas com certeza não era aquilo. Copos, facas e panelas cintilam. A geladeira está coberta de ímãs com poemas. Há uma lata de refrigerante caída em cima de uma bancada com uma pequena poça marrom em volta da abertura. Um cheiro de pimenta fresca paira no ar.

Miriam abre e fecha a geladeira e sua mão se demora na maçaneta, como se ela recordasse algo.

Patrick ouve água correndo e procura a origem do ruído entre os armários. Ali, a água faz reluzir a parede da caverna. Uma concha prateada emite um clarão. Um

filete brota da parede para dentro de uma bacia grande o suficiente para ele dar um mergulho.

É ali que ele a vê pela primeira vez. Refletida na umidade da parede. Uma silhueta deformada e trêmula sai correndo de um túnel próximo e avança rapidamente em sua direção. Ele vira a lanterna e a pistola ao mesmo tempo, quase atira, e então dá um grito ao reconhecê-la: Claire.

Ela corre rumo à lanterna, como se percorresse um túnel de luz, e o olho branco do facho diminui até virar um pontinho em seu peito. A empolgação de Patrick é tamanha que ele só repara na expressão de seu rosto quando ela já está bem perto: cinza de tanto medo, respingado de sangue. Ele a segura e, por alguns segundos, Claire se debate em seus braços. Patrick fala seu nome, o rosto dela mostra o reconhecimento. “Foge”, é só que a garota diz. Ela o empurra, arrasta-o para longe dali.

Ele está prestes a perguntar por quê, quando um vulto o derruba no chão. Sente uma dor cruciante nas costelas. Quase perde os sentidos. Sua lanterna desliza para longe pelo chão e as sombras se projetam fazendo a cozinha ser invadida por fantasmas negros. Sente cheiro de sangue, talvez o seu. Há uma figura agachada ali perto, envolta em sombras, invisível a não ser pelo leve brilho do que devem ser cabelos quase fosforescentes. A coisa está ofegante, cada respiração um arquejo rouco.

Caído de costas, Patrick vai para trás feito um caranguejo quando a figura avança para cima dele. Um tiro ecoa. Amplificado pelo espaço fechado, o barulho reverbera à sua volta, ricocheteando nas paredes e transformando um só disparo em um tiroteio. Patrick fica tão atordoado que nem consegue entender quem foi baleado, se é que alguém o foi, até uma lanterna iluminar o vulto: um homem, um licano de rosto estreito e corpo quase tão pequeno quanto o de uma criança. Está encolhido de lado, golpeando o ar com uma das mãos e segurando o ventre com a outra.

Miriam tem os dois braços esticados, apontando o facho de luz e disparando a pistola no campo iluminado. Dá vários tiros, cada um trazendo consigo uma explosão de claridade que morre assim que surge. Ela continua a avançar e o círculo formado pela lanterna vai diminuindo até focar no licano. Ela volta a atirar. Os olhos do licano se reviram e o corpo se sacode como se possuído por um espírito a que tenta resistir.

CAPÍTULO 29

A cerimônia está marcada para acontecer ao cair da noite; faltam poucos minutos. O sol rasga o céu com um último risco de luz antes de sumir. As janelas da Torre da Fox e o shopping e prédios de escritórios ao redor reluzem, amarelos. A Pioneer Courthouse Square – conhecida pelo afetuoso apelido de sala de estar – se assemelha a um anfiteatro de tijolos, bem no coração de Portland. Um quarteirão inteiro decorado com chafarizes agora sem água e vasos de plantas vazios, cercado por colunas e árvores, de onde pendem guirlandas de flores e fieiras de luzes qual uma teia de aranha emaranhada. O VLT passa e sua sineta se mistura ao sino tocado pelo voluntário do Exército da Salvação parado na esquina.

Nessa noite fria de novembro, milhares de pessoas estão ali reunidas. O vapor de respiração sai de suas bocas. Elas batem os pés no chão, se remexem, para se aquecer. Usam roupas de *fleece*, gorros de lã e suéteres verdes e vermelhos com estampas natalinas. Meninas de gorro de Papai Noel estão nos ombros dos pais. Meninos tomam chocolate quente em copos de papel e perguntam dezenas de vezes se vai demorar para as luzes se acenderem e os pais respondem “já, já”. Todos os olhos estão pregados no abeto-de-douglas de 23 metros e galhos escuros montado no meio da praça.

Um homem gordo de barba branca fantasiado de Papai Noel percorre a multidão fazendo ho-ho-ho. Ele afaga as cabeças das crianças e distribui pequenos pirulitos em forma de bengala envoltos em plástico transparente, agachando-se para fitar com um olhar bondoso as tímidas que se escondem atrás das pernas dos pais.

Apesar do céu limpo, quando o vento sopra, parece estar nevando, pois os cristais de gelo se desprendem dos prédios e das árvores e fazem o ar escuro cintilar.

Jornalistas de emissoras de TV, de cachecol vermelho e japona preta, estão diante de câmeras de vídeo montadas em tripés. Dizem que, a qualquer momento, o governador vai chegar para acender a árvore de Natal, como acontece todo ano. Levam uma das mãos ao fone de ouvido, ouvem com atenção, olham por cima do ombro e anunciam: pronto, ele chegou.

Está de chapéu de caubói, blazer e calça jeans. Dá um sorriso aberto, com as bochechas vermelhas de frio. Desce um lance de degraus ladeado por uma equipe de segurança composta por sete homens. Aperta mãos, dá tapinhas em ombros. As pessoas aplaudem, mas também se ouvem alguns resmungos e vaias mais baixos.

Dali a um minuto, Chase chega à parte mais baixa e se posta diante de um púlpito equipado com microfone. A madeira escura arredondada, encerada até ficar reluzente, faz pensar em um caixão.

– Chegou a hora, amigos – diz ele, e os alto-falantes por toda a praça multiplicam

sua voz. – A época mais maravilhosa do ano.

O governador olha na direção da árvore, uma silhueta negra contra o céu roxo, e seus olhos cintilam de aparente assombro quando começa a discorrer sobre o Natal, um tempo de paz, altruísmo e bondade.

Não faz menção alguma aos licanos, à própria candidatura à presidência nem a qualquer um dos outros assuntos pelos quais anda tão conhecido ultimamente. Ele fala sobre bengalinhas doces, frutas cristalizadas, a magia do Natal e a dádiva da gentileza. Fala sobre os natais de sua infância na fazenda de gado. Cita Charles Dickens. Durante alguns minutos, todos se sentem bem e olham para ele com sorrisos bondosos e olhos franzidos. Por fim, Chase aciona o interruptor e a árvore explode com luzes coloridas que espantam as sombras dos rostos e fazem os olhos arregalados cintilarem. Todos ofegam, encantados, e aplaudem.

O coro da Igreja Episcopal do Oregon, um grupo de adolescentes trajando vermelho e preto, posiciona-se diante da árvore e entoia uma canção natalina com vozes límpidas. Crianças se balançam e sorriem, maridos beijam esposas no rosto, casais se abraçam.

Durante todo esse tempo, uma van branca fica rodeando o quarteirão. Há um decalque na carroceria com maiúsculas pretas, DEDMEN MATERIAIS PARA FESTAS E BUFÊS, abaixo de um arranjo de bolas de encher. O reflexo da árvore de Natal passeia pelo vidro escurecido das janelas. Na quinta volta, o motor da van ruge, ela ganha velocidade e dá uma guinada de lado, para fora da rua e para dentro da praça. Os pneus atravessam o meio-fio com um baque.

As primeiras pessoas não têm nem tempo de gritar antes de serem esmagadas pela grade dianteira e atropeladas pelos pneus, corpos partidos ao meio. Então, todos começam a gritar e a se atirar para os lados, tentando fugir.

O coro ainda está cantando, suas vozes ecoam, lindas, e logo se perdem em meio ao violento ruído metálico no momento em que o veículo bate no chão de tijolos e desce o anfiteatro. Os para-lamas cospem centelhas amarelas.

A van está quase na árvore quando desaparece em meio a um clarão cor de laranja. Um estrondo ensurdecedor ecoa pela praça. A carroceria é arrancada pelos explosivos no interior da van, lançando pedaços de metal carbonizado e espalhando as chamas para todos os lados. O estouro arrebenta e incendeia inúmeros corpos, arremessa pregos, parafusos e chumbinhos de aço que furam tijolo e concreto e rasgam a carne.

Por alguns segundos, um clarão espanta o escuro e dá à praça um ar infernal. Depois, resta apenas uma cratera carbonizada e fumegante. Corpos jazem empilhados, alguns ainda se mexendo, outros não, com a pele escurecida e muito ferida.

Uma mulher está sentada em um banco; a tampa do crânio foi arrancada. O

interior acinzentado do cérebro desponta da cavidade. Filetes de sangue escorrem pelo rosto e empapam o casaco. Aparentemente alheia ao ferimento, ela encara o próprio smartphone como quem tenta decidir se deve ou não fazer uma ligação.

Um homem passa cambaleando, quase nu, com as roupas esfarrapadas. Seus genitais foram arrancados e o sangue escorre pela parte interna das pernas. Outro passa sem nariz, um terceiro sem dentes, outro ainda sem o maxilar inferior, com a língua pendendo.

– Socorro – diz uma mulher usando um suéter de rena. – Alguém pode me ajudar?

Mesmo se alguém pudesse, ela não conseguiria escutar. Seus tímpanos arreventaram e deixaram a roupa ainda mais vermelha nos ombros. O nariz da rena, iluminado por uma bateria, pisca um sinal de alerta.

O corpo do Papai Noel se encontra estatelado no chão com os braços e pernas abertos. Falta-lhe a cabeça.

Chase está sentado no meio da praça. Não consegue ouvir nada, apenas o silvo nos ouvidos. Só que *silvo* é uma descrição equivocada. Aquilo mais parece o canto de mil cigarras. Ao redor, vê muitas vítimas ensanguentadas, carbonizadas, algumas rastejando, outras cambaleando, outras imóveis. Tudo está envolto em fumaça e fogo e sua cabeça traumatizada por uma concussão pensa que ele está outra vez na guerra.

Um homem corre em sua direção vestido com um blazer fumegante. Tem uma pistola na mão. Chase o reconhece vagamente. Sua boca se mexe, mas tudo o que o governador consegue escutar é o barulho dos insetos. Cada vez mais homens vão surgindo da fumaça e se aglomerando à sua volta, movendo os lábios, mas ele ouve apenas aquele som terrível e rascante que parece emanar deles. Adoraria sair correndo, mas seus membros parecem frouxos. Adoraria fechar os olhos e fingir que nenhum daqueles homens existe, mas eles estendem as mãos e tentam levantá-lo do chão. Chase reage e começa a gritar palavras ininteligíveis.

Através da fumaça, no breu cada vez mais negro do céu, vê uma lua crescente. Sente um calor aumentar dentro de si. Nas últimas 24 horas, seguindo ordens de Búfalo, não tomou Volpexx. Precisava estar *presente* para a solenidade. Contanto que se mantivesse calmo, garantiu-lhe Búfalo, tudo ficaria bem. Eles conversaram sobre respiração: visualizar o cor-de-rosa ao inspirar e o verde ao expirar, o que é bom entrando, o que é venenoso saindo. Falaram sobre como proceder caso houvesse vaias, sobre saborear o instante.

Chase sente o coração lhe esmurrar o peito, um gosto de sangue na boca, o lobo começar a surgir dentro de si. Já está respirando pela boca, se ajoelhando e arqueando as costas quando uma agulha pica sua nádega esquerda.

Vira-se soltando um grito agudo e vê Búfalo abaixado junto a ele, estreitando-o em um abraço sufocante. *Shh, shh, shh*, faz o chefe de gabinete. Está segurando um

dardo tranquilizante do tamanho de uma caneta-tinteiro. Acaba de injetar em Chase o conteúdo, que já começa a fazer efeito: uma calma entorpecida o domina, apacando todo o medo e desejo.

Búfalo. Chase perscruta o velho amigo. Sua testa imensa sangra e Chase quer perguntar se ele está bem, mas não consegue articular as palavras. O governador pode ver o próprio reflexo em uma lente dos óculos de Búfalo, que não está suja de fuligem. Apesar do ar frio, tem a pele coberta de suor e um colorido mais pálido que o faz parecer de certa forma já embalsamado.

Duas câmeras de TV ainda estão gravando. Dão closes em Chase, depois se afastam de repente. Ouve-se uma série de estouros que parecem tiros e atraem sua atenção para cima, enfim focando na árvore de Natal, que pega fogo. O incêndio devora rapidamente as pinhas e o farfalhar e os estalos ficam mais altos e superam em volume os gritos, alarmes de carros e sirenes ao longe.

As luzes de Natal – grandes lâmpadas vermelhas, verdes e azuis do tamanho de pimentões – explodem, dois estouros, seis, catorze, em rápida sequência, até encher o ar com pequeninas nuvens de pó de vidro que cintilam e dão a impressão de estar imóveis.

Em menos de um minuto, as chamas já engolfam a árvore toda. Ela é agora um gigantesco cone de fogo e exala um calor que faz os sobreviventes saírem correndo da praça e derrete os óculos, relógios e solados de borracha dos cadáveres que ficam para trás. Um cordão negro de fumaça se enrosca, além do alcance de qualquer edifício alto, formando uma imensa nuvem.

CAPÍTULO 30

Patrick estaciona o jipe e passa um bom tempo sentado com as mãos no volante e o motor ainda ligado. O pequeno centro comercial a sua frente tem uma loja de departamentos, um salão de beleza, uma pizzaria, uma loja de bebidas e o Centro de Recrutamento das Forças Armadas. É dezembro, seis dias depois de ele completar 18 anos, e quase um mês após os três emergirem das cavernas, imundos, ensanguentados e com os olhos congestionados. Desceram a montanha calados na caminhonete, Claire sentada no meio do banco da frente com a cabeça recostada em seu ombro. Patrick se lembra de como se sentiu durante esse trajeto: mais vivo do que nunca, trêmulo de alívio e animação.

Enquanto estavam nos túneis, o dia havia amanhecido. O ronco do motor, o estalo das cinzas vulcânicas nos para-lamas do carro, a neve caindo de um galho até formar um xale cristalino, o sol brilhando na cúpula azul do céu com pequenas nuvens a flutuar logo abaixo e o peso e o calor da cabeça de Claire sobre seu ombro... Tudo isso se uniu para lhe causar uma avassaladora sensação de paz e alívio. O pior tinha passado e coisas novas estavam por vir. Um nó dentro dele pareceu afrouxar e se soltar.

Até eles chegarem à sua casa e toparem com o sedã de placa militar parado na entrada de automóveis. Patrick não disse nada. Não pensou nada. Uma premonição ruim o fez pular do carro e disparar em direção à porta da frente. Ele a empurrou e ficou parado na soleira às escuras. Chamou pela mãe, mas logo a viu sentada no sofá com dois homens acomodados à frente, o chefe de operações navais e o capelão, ambos de farda, de chapéu na mão e com os bíceps cingidos por braçadeiras pretas.

A mãe se levantou ao vê-lo.

– O que aconteceu? – perguntaram os dois ao mesmo tempo.

Ela se referia ao olho roxo do filho, e ele, ao que realmente importava, o motivo pelo qual as lágrimas haviam borrado sua maquiagem. Como a mãe não respondeu, Patrick desviou os olhos dela e os dirigiu para a rua. Através do para-brisa traseiro da Ramcharger, pôde ver a débil imagem de Claire encarando-o.

E ele agora encara a porta de vidro do posto de recrutamento. Coberta por uma cascata de gelo, não permitiria que ninguém visse a silhueta – de menino ou de homem, seria difícil dizer – se aproximar do balcão de recepção e apertar a mão do oficial sentado atrás.

CAPÍTULO 31

O Homem Alto está parado no sopé de uma montanha cujo cume desaparece entre as nuvens. Um comprido rastro de pegadas vai da floresta à entrada da caverna; o chão da trilha está compacto com o peso de tantos homens. A cortina endurecida de gelo foi rasgada e jogada no chão. Três agentes de gorros de lã e coletes à prova de balas estão posicionados ali na clareira, e três outros na estação de energia elétrica mais embaixo na encosta. O resto da equipe, 24 homens, invadiu os túneis mais de uma hora antes e manteve contato pelo rádio. “Liberado”, informam eles. “Tem sangue à beça, mas não achamos ninguém. Câmbio.”

Ele aproxima o walkie-talkie da boca.

– Ninguém – repete. Não é uma pergunta.

Há um chiado de estática, e então alguém informa:

– Eles foram embora, sumiram antes de a gente chegar.

– Ninguém some. Eles só fugiram para outro lugar. – Sua voz é suave, reflexiva; ele não falou para o walkie-talkie, que já está preso à cintura. – Vamos encontrá-los – diz para si mesmo.

Algo atrai seu olhar e ele se agacha para recolher o objeto da neve pisoteada e lisa do chão. Uma mecha de cabelos descoloridos até um tom de branco nada natural. Massageia os fios entre os dedos. Há pedacinhos de pele presos às raízes. O Homem Alto leva os fios ao nariz para cheirá-los, guarda-os no bolso do casaco e dá alguns tapinhas nele.

– E quando os encontrarmos, vão morrer.

PARTE II



CAPÍTULO 32

Seu nome – ou melhor, o nome pelo qual ela é agora conhecida, Hope Robinson – está escrito em letras maiúsculas pretas e grossas no envelope pardo amarfanhado dobrado ao meio para caber na caixa de correio do alojamento. Não há endereço de remetente. Como da última vez, o carimbo dos correios é de Seattle e seu nome está entre aspas.

Ela sabe que muita gente comete erros de pontuação. Alguns banheiros exibem a frase “Funcionários devem lavar as mãos” entre aspas, como se estivessem citando alguém, quem sabe o gerente com fobia de germes. Mas um nome próprio entre aspas? É diferente, estranho demais para não ser proposital.

Da última vez, encontrou um envelope grande de carta e, ao rasgá-lo para abrir, encontrou e desdobrou uma folha de papel pautado na qual estava escrito “Bu!”. Nada mais.

E agora aquilo. Claire segura o envelope com as pontas dos dedos. Quando o vira para ver se há algo escrito do outro lado, ouve um objeto sólido deslizar lá dentro com um ruído rascante.

Está parada em frente aos milhares de caixas de correio, todas numeradas e decoradas com uma janelinha e pequenas maçanetas de latão lustrosas após muitos anos de dedos girando segredos. Em geral, a sala de correspondência vive cheia de pessoas se acotovelando e barraquinhas de organizações estudantis pedindo assinaturas e voluntários, mas a essa hora da noite o recinto está escuro e vazio. Ela ouve vozes e música vindas de outro lugar do grêmio, depois dos arcos de mármore e no fim de um corredor, onde o café Stomping Grounds fica aberto até a meia-noite.

Pensa em rasgar o envelope para abri-lo, mas sente-se demasiado exposta. Enfia-o dentro da mochila onde já estão o laptop e um caderno de espiral. Suas botas de caubói – pretas e lustrosas, presente especial de Miriam antes de ela se mudar para Montana – fazem barulho no chão de lajotas. Os quadros de avisos que ocupam as paredes estão cheios de filipetas com anúncios de bandas, apresentações de esquetes cômicos, candidatos ao conselho estudantil, grupos de apoio para licanos. Os papéis farfalham quando ela passa a caminho das portas de vidro. Sacode uma delas, já trancada, e sai apressada pela outra.

A noite está fria; insetos voejam ao redor dos postes e fazem as poças de luz parecerem água revolta. Ela sobe o zíper do casaco de *fleece* para se aquecer melhor. Vários canhões de luz acesos estão voltados para o grêmio. Em frente a ele, há um chafariz rodeado por quatro estátuas de lobo soltando pela boca jatos que vão cair dentro de um espelho d’água colorido por uma luz verde. Durante a semana de orientação para calouros, ela ficou sabendo que a agremiação existia desde a criação

da universidade, desde 1875, e aparecia na página principal do site e na capa do catálogo: várias colunas, janelas paladianas e frontões triangulares. Um estilo clássico bem diferente do resto do campus, que tinha uma arquitetura típica da era Nixon, os prédios quadrados sem ornamento e à prova de manifestações, com paredes feitas de blocos de concreto e janelas que não abrem.

Claire atravessa o gramado central até o alojamento onde mora. Mantém a mão fechada ao redor do canivete que carrega no bolso e os olhos cravados nos arbustos e pinheiros aglomerados aqui e ali, envoltos em sombras. Uma luz azul brilha não muito distante, indicando um ponto com telefone de emergência, um de várias dezenas espalhados pelo campus. Tudo que ela precisa fazer é largar a mão no botão vermelho de chamada, e um dos guardas que patrulham o campus virá ajudá-la. Os seguranças são equipados com redes, pistolas de choque, tranquilizantes e pistolas de verdade. Aquilo deveria fazê-la se sentir melhor, mas não faz. Toda semana aparecem cachorros mortos no campus. Ela já viu pentagramas pichados nas laterais dos prédios, coleiras dentadas penduradas em árvores como enfeites brilhantes. Dizem que sempre foi assim, mas desde os ataques aos aviões e o atentado a bomba na praça do tribunal, o sentimento antilicano atingiu o auge e o campus está mais do que nunca sob escrutínio. Pouco antes, a edição vespertina do noticiário da Fox News exibiu um bloco questionando se o estabelecimento não seria um campo de treinamento para terroristas.

Engraçado isso, levando em conta o que a fez se matricular ali. “Lá você vai estar mais segura”, garantiu Miriam. Segura com um novo nome. Segura com uma nova vida. Segura entre os seus. Miriam devia isso ao irmão. Conhecia uma rede de licanos e simpatizantes que a ajudou a abrir uma conta bancária para Claire em uma cooperativa de crédito e conseguiu obter todos os documentos necessários, histórico escolar, carteira de habilitação, certidão de nascimento e registro de licano. “Não é suficiente para fazer você entrar em um avião, mas é o bastante para fazer você entrar na William Archer.” A tia lhe tingiu os cabelos de castanho-escuro. Comprou para ela os óculos de armação preta. Durante os anos seguintes, Claire – ou melhor, Hope – precisaria se manter discreta e se dedicar de corpo e alma aos estudos. “Esquece o garoto”, orientou Miriam. Raramente se referia a ele pelo nome, Patrick. Para Miriam, era sempre “o garoto”. E o garoto os traiu. Alistou-se depois de o pai sumir na República. Claire queria odiá-lo por isso como Miriam o odiava, mas não conseguia mobilizar energia para tal.

Miriam entraria em contato. Tinha assuntos a resolver. Claire perguntou se estavam relacionados com a captura de Jeremy após o atentado a bomba da Pioneer Square, mas a tia nada respondeu. Aliás, ela não falava nada desde agosto, quando se viram pela última vez na estação de trem em Portland e Miriam lhe deu um abraço rígido e disse até breve.

– Espero que seja mesmo em breve – afirmou Claire.

Agora já é outubro. O frio logo irá chegar e os insetos, folhas e gramados irão murchar, escurecer e ficar brancos e cobertos de neve. Perto de Missoula, o campus se encontra em um vale em forma de cuia na base das Montanhas Rochosas. Aliada à arquitetura, a localização dá à área o aspecto de um complexo militar.

Uma meia-lua brilha. O céu é um festival de estrelas; um avião passa piscando entre elas e faz Claire pensar em lugares distantes e em Patrick. Dane-se Patrick. De vez em quando, eles trocam e-mails. Às vezes, ela busca na internet o número de seu batalhão e pesquisa as baixas, mas só nos momentos em que não consegue se conter. Sua respiração enche o ar à frente com um vapor espectral que ela atravessa. O alojamento onde mora é um de cinco dispostos em formato de pentágono ao redor de um átrio margeado de bancos.

Os óculos de Claire embaçam quando ela entra no prédio. Em vez de limpá-los, ergue-os até o topo da cabeça. As lentes não têm grau – sua visão é ótima –, mas ela sabe que deveria tomar mais cuidado, que, se continuar se distraindo, vai acabar tendo problemas. Sobe a escada e olha para os dois lados do corredor vazio antes de abrir o quarto com a chave. Encontra a luz acesa, mas não há ninguém lá dentro. Andrea deve ter ido a algum lugar, talvez beber com amigos no andar de cima, apesar de estarem no meio da semana. Claire tem uma sensação mesclada de alívio e vazio, e o vazio a incomoda tanto que, depois de fechar a porta e tirar a mochila das costas, ela se sente uma carapaça oca capaz de se esfarelar com o mais leve toque.

Uma faixa de luar clareia a parede. Ela aperta os olhos em direção à luz enquanto baixa as persianas para manter a noite lá fora.

A parede junto à cama de Claire está nua, apenas com furos de tachinhas e marcas de massa adesiva nos lugares em que antigamente havia cartazes pregados. Os livros em suas prateleiras estão arrumados por ordem alfabética. As roupas estão dobradas nas gavetas, as meias, enroladas e dispostas em listras coloridas: branca, marrom, cinza, preta. Ela não era assim antes. Depois de tudo o que lhe aconteceu, porém, decidiu que, se a vida vai ser um caos, precisa de todo o resto na mais perfeita ordem. Sabe que isso não passa de um gesto bobo para tentar ter alguma estabilidade, mas pouco lhe importa: sente-se melhor assim.

Por esse mesmo motivo, mal consegue suportar Andrea, a colega de quarto. Uma linha clara divide o quarto ao meio, e o chão da outra metade mal aparece por baixo de sacos de batata frita, sutiãs rendados, calças de moletom e camisetas, latas amassadas de refrigerante. Andrea nunca fez a cama desde que as duas começaram a morar juntas, há dois meses. A parede de seu lado é uma colagem de recortes da revista *US Weekly* e fotos das amigas na praia, ao redor de fogueiras ou em festinhas em casa, sempre fazendo biquinho, com os braços ao redor dos ombros umas das

outras e garrafas de cerveja erguidas para a câmera. Mais do que todo o resto, é aquela parede que faz Claire se sentir sozinha.

Ela não tem foto nenhuma. História nenhuma. Sempre que pensa nos pais e se compadece de si mesma, toma a decisão de não ficar mais assim.

Vasculha a mochila e abre o envelope com um rasgão. O interior é um buraco escuro que a princípio não parece conter nada. Mete a mão lá dentro e seus dedos se fecham em volta de um DVD que resplandece quando ela o puxa para a luz.

Claire o insere na fenda lateral da televisão. A tela fica preta. Ouve-se um clique e o disco começa a girar, emitindo um leve ronco. Ela não faz a menor ideia do que esperar; tem a mente tão vazia quanto o envelope que joga no chão bagunçado. Cruza os braços, dá um passo para trás e quase tropeça em um monte de roupas.

A tela se acende. Um prédio aparece. O exterior parece o de um motel, mas ela não vê nenhum letreiro. A filmagem treme: foi feita com a câmera na mão. Claire não ouve nenhum barulho a não ser o vento que assobia no microfone. Consegue ver bem pouca coisa, exceto o motel e o estacionamento em péssimo estado. Então, com um arquejo, reconhece a frente de uma Ramcharger prata e preta. O carro está parado antes do último quarto do motel, na esquina do prédio marrom de um andar só. Acima do telhado, ela pode distinguir de forma imprecisa o borrão verde de algumas árvores. A imagem se aproxima de uma porta. Nela, está pendurado um número sete prateado. A gravação continua por muito tempo – na verdade por cinco minutos, mas dá a impressão de ser bem mais – até a porta se abrir e Miriam sair do quarto. Seus cabelos estão mais compridos, presos em um rabo de cavalo, e ela usa óculos escuros, mas Claire reconhece a postura rígida e o maxilar retesado. Sua tia gira a cabeça para um lado e para o outro, examinando o estacionamento, e tranca a porta, sobe na caminhonete e sai a toda. Ainda se passam mais trinta segundos mostrando a vaga vazia. E a filmagem termina.

CAPÍTULO 33

Existem muitas formas de se manter acordado, disse o cabo a Patrick. Ele podia tomar café e comprimidos de cafeína esmigalhados. Concentrar-se nos músculos, contraí-los um de cada vez e manter a contração por trinta segundos. Recitar mentalmente o hino dos Fuzileiros Navais: “Dos salões de Montezuma às costas de Trípoli, travamos as batalhas de nossa pátria no ar, em terra e no mar.” Rememorar suas atribuições como sentinela, decoradas do manual: assumir responsabilidade por aquele posto e todos os bens do governo que estivessem à vista, reportar imediatamente ao cabo qualquer ocorrência fora do normal ou suspeita observada, abordar e deter quaisquer pessoas no posto ou próximo a ele que deem margem a suspeita. Porém, por maior que seja seu cansaço, não corre o menor risco de pegar no sono enquanto estiver com Trevor.

Trevor é um soldado raso de 19 anos, um ruivo de cabelos crespos de Tuscaloosa, Alabama, que nunca para de falar, e tem a pele escurecida por sardas, sempre mascando fumo. Diz que era *kicker* no time de futebol americano de sua escola de ensino médio em Tuscaloosa e que ninguém respeita um *kicker*, mas que deveriam respeitar o *kicker* porque o *kicker* muitas vezes faz a diferença entre uma vitória e uma derrota. Fala sobre o restaurante Archibald's, que, na sua opinião, serve o melhor churrasco do mundo, mas que não se podia encontrar na lista telefônica e que não tinha nem placa na frente porque na verdade era uma casa, apenas uma casa, com todo tipo de gente fazendo fila para entrar, gente ao volante de um Buick de duas décadas e gente ao volante de um Lexus último modelo tinindo de novo, todos esperando na fila por uma cesta de pão e umas costelinhas que provocam um verdadeiro orgasmo na boca. Conta sobre o tufão de quase 2 quilômetros de largura que varreu Tuscaloosa não faz muito tempo e sobre como ele costumava brincar dizendo que a cidade tinha uma igreja em cada esquina, mas, meu Deus, como as igrejas mostraram a que vieram quando providenciaram toda a comida e todo o abrigo de que todos os sem-teto e famintos precisavam, e como ele estava trabalhando na loja de conveniência no momento em que o tufão chegou e como o estabelecimento inteiro desmoronou à sua volta e ele se escondeu debaixo da caixa registradora e conseguiu engatinhar para fora dos escombros e passou o resto do dia resgatando outras pessoas de suas casas e apartamentos destruídos. Tinha sido mesmo incrível.

Patrick só escuta pela metade o fluxo incessante de palavras. Sua atenção está voltada para a noite. A noite que vai ficando cada vez mais comprida, muito mais horas de escuridão do que de claridade. A noite espalhada além de sua torre de vigia que se ergue a 10 metros do chão. Seu posto não tem iluminação, mas, no perímetro

da base, refletores lançam um brilho ofuscante que faz a neve reluzir e o arame farpado espiralado cintilar.

Seus fuzis de assalto M4 repousam sobre uma prateleira de concreto com vários sacos de areia empilhados em cima. As armas são mantidas no lugar por suportes que lhes permitem girá-las em um ângulo de 45 graus. Entre os dois, há três caixas de munição, um walkie-talkie e um saco de sementes de girassol congeladas. Patrick às vezes aperta os olhos para fixar a escuridão, às vezes a percorre com o binóculo. A base fica na encosta de um morro desprovida de árvores ou vegetação rasteira, coberta apenas por neve. É uma vastidão branca que se estende por 2,5 quilômetros quadrados antes de esbarrar com a floresta de pinheiros estendida feito um canal entre as duas cristas que delimitam o vale.

Depois das luzes dos refletores, a escuridão do vale é rompida pela meia-lua que espia por cima da linha de uma crista, pelo débil cintilar de janelas iluminadas na cidade de Hiisi e pela resplandecência infernal da mina de urânio de Tuonela. Dali, a vários quilômetros de distância, ela parece envolta em um globo de luz. A mina funciona dia e noite; é uma cidade feita de gigantescos barracões metálicos. Luzes vermelhas piscam e chaminés cospem nuvens negras. Patrick não quer forçar muito a vista, mas, se olhasse para a mina com o binóculo, poderia distinguir os vagões e carros-pipa, os elevadores de carga e as esteiras rolantes. Além disso, se o vento soprasse na direção certa, poderia ouvir os bipes e roncões dos caminhões de entulho, os grandes estrondos das cargas largadas, o guincho do metal batendo em pedra, o trovejar distante da dinamite. Um trem sai da mina e ganha velocidade aos sacolejos, soltando um apito triste que se mistura com os uivos dos lobos ao longe.

A base só está ali por causa da mina. Aquela mina – e outras iguais a ela, mais ou menos uma dezena espalhada por toda a República, todas controladas e operadas pela Alliance Energy – é o motivo da presença americana, segundo alguns. Há quem fale em guerra. Outros falam em conflito, outros ainda em ocupação. Alguns dizem que é um erro, outros que é necessário. Alguns o qualificam de interminável. Porém, Patrick sabe que todos os rótulos e opiniões do mundo nada significam, porque a República continuará sendo o que é desde 1948, quando foi criada como um Estado paramilitar de maioria lícana. A República precisa dos Estados Unidos, e vice-versa. Nenhum dos dois consegue mais existir sem o outro, como um tumor inoperável que penetrou um cérebro.

A população é estimada em 5.507.300 pessoas, todas infectadas, número que não inclui os 64 mil membros das Forças Armadas americanas alocados nos 52 mil quilômetros quadrados limitados por Finlândia, Rússia, mar Branco e mar de Barents, um local que ninguém queria. Durante os curtos verões, o país fica cheio de lagos e rios prateados e coberto de florestas de pinheiros e abetos que, durante os longos invernos, permanecem invisíveis sob a neve, o gelo e a mortalha de muitos

dias sem sol. Um lugar de temperaturas baixíssimas e ventos capazes de enegrecer a pele com poucos segundos de exposição. Um manto invernal de ruínas com um núcleo quente e venenoso.

Um aquecedor portátil no canto da torre emite uma luz alaranjada e produz algum calor, mas não o suficiente. O termostato na parede indica 9 graus negativos, que o vento decerto reduz a 15. Não estão muito longe de uma enseada e, em seus primeiros meses ali, quando o tempo estava quente e o vento soprava na direção certa, Patrick podia sentir o cheiro das algas e dos bancos de lama, ouvir as gaivotas guincharem no céu. Muitas vezes, a neve lhe parece insuportável, seus lábios racham e o nariz sangra durante os turnos de serviço e ele tem que derrubar pingentes de gelo do chuveiro antes de entrar sob o jato. Mas ele se obriga a recordar que dali a poucos meses o tempo vai esquentar: nada parecerá tão intimidador. Imagina-se em pé numa praia de seixos, vendo o vento encrespar a água até formar coroas brancas, entrando no meio das ondas vagarosas, respirando o ar salgado e avançando a nado mar adentro.

Agora está usando um gorro de lã por baixo do capacete e um suéter de lã junto com a farda de inverno. De vez em quando, flexiona os joelhos e bate com a sola das botas no chão para obrigar o sangue a circular outra vez até os pés. No canto, há uma pilha de revistas pornográficas amassadas. Alguns homens usam as mulheres de papel para se aquecer.

Sempre que se imagina com alguma mulher, é em Claire que Patrick pensa. Ela o odiou por ter se alistado. Chamou-o de hipócrita. Disse que sentia nojo. Ele tentou lhe explicar, falar sobre o pai, mas nada do que dissesse conseguiu diminuir sua raiva. Tudo que existia era a verdade impossível de negar: ele havia se alistado. Aquilo era uma traição – a ela, à própria mãe. Claire passou vários meses ignorando seus e-mails, até que um dia respondeu.

Em alguns dias, os dois trocam dezenas de mensagens – e em outros há longos silêncios pontuados por algum motivo de discórdia, muitas vezes relacionado às diferenças entre infectados e não infectados. Ela não conseguia abandonar a discussão. Quando ele pensava que o assunto estava encerrado, Claire respondia com outro e-mail sobre o tal cara que tinha matado o casal de velhos e roubado seus cheques da previdência, ou aquele experimento em que as pessoas eletrocutavam alegremente outras, ou as máfias de prostituição infantil da Tailândia. “Mas os transtornos psicóticos não são contagiosos”, escrevia Patrick. “O que isso tem a ver com o assunto?”, retrucava a garota, e ele respondia: “Tudo.” Claire insistia: “Estou só dizendo que não existe diferença entre mim e você”, e ele retrucava: “Eu não mordo os outros!”

Os dois passavam muitas vezes por fases assim. Um deles ficava mesquinho demais ou dava alguma avançada de sinal, e o outro dizia: eu preciso de um tempo,

isto é demais para mim. Às vezes uma semana transcorria; às vezes um dia apenas e Claire enviava um e-mail que começava assim: “Tá bom, eu sou fraca.”

Patrick agora tenta afastá-la do pensamento, mas nem sempre isso é possível tarde da noite, quando está acordado em seu beliche, só que de olhos fechados, brincando com as imagens em sua mente: mil vaga-lumes a piscar, uma pedra jogada em um lago roxo que cria ondas concêntricas, a boca vermelha de Claire se abrindo para ele.

Trevor segue falando, sentado no chão de pernas cruzadas e cuspidando sementes de girassol dentro de uma lata vazia de refrigerante. O vento geme, os flocos de neve se agitam. Nos momentos em que Patrick fixa os olhos por tempo demais, a noite se alonga e a exaustão o domina, ele vê coisas. O escuro pode ter o mesmo efeito do sol, parecendo queimar. Formas enegrecidas se deslocam por sua retina. Ele imagina rochas se transformando em licanos, imagina poças de sangue, túneis e coisas horríveis a se mover lá dentro, escavando a terra em sua direção. E imagina o pai. Seu pai lá fora, no escuro, observando-o.

O pai foi um dos cinco soldados desaparecidos em combate, os outros sete de seu esquadrão todos mortos. Desaparecidos em uma emboscada. Desde novembro. Sete meses. Muito tempo. Tempo demais para seguir esperando. Aquela era sua base, o Posto Avançado de Combate Tuonela, o mesmo nome da mina, o mesmo do vale. Foi Patrick que pediu para ser lotado ali, em um dos cinco pelotões. Eles habitam o arsenal, o hangar, os alojamentos, as latrinas e a oficina de manutenção, a fossa sanitária e o barracão médico, a lavanderia e o refeitório. Além disso, há o Centro de Moral, Bem-Estar e Recreação, onde podem malhar, lutar boxe, jogar basquete e pôquer, andar quilômetros nas esteiras, falar no Skype e checar o e-mail. São todos prédios de concreto fechados atrás de muros também de concreto encimados por serpentinas de arame farpado afiadas o suficiente para cortar até o osso.

Alguns o chamam de Patrick, mas a maioria, de Menino-Milagre. Disso ele não poderia ter escapado, e com a cabeça raspada, a farda e aquela supervisão constante, sente-se perdido: conhecido por outro nome, usando as roupas de outro, cumprindo as ordens de outro. A única coisa que o mantém centrado é o pai.

Movimento.

Ele se tensiona ao distinguir algo depois dos refletores movendo-se em direção à base. Manda Trevor calar a boca e ele obedece.

– O que foi? – questiona ele.

Como Patrick não responde, Trevor levanta-se cambaleando e quase arranca o fuzil do suporte ao assumir sua posição.

– O que foi? O que foi?

Há mais de um: uma pequena onda negra vem subindo o morro. Patrick está lá há quatro meses e, nesse intervalo, a base só foi atacada uma única vez por um licano

isolado que subiu o morro sorrindo e ficou parado em frente ao portão sem obedecer às suas ordens para se deter. Estava usando um cinto com bombas e a explosão rasgou um casaco todo forrado de bolas de aço inox que crivaram os muros de concreto. Não sobrou grande coisa dele.

Patrick posiciona o fuzil e tenta mirá-los, mas os licanos se movem depressa demais e ele não para de perdê-los de vista no escuro. Olha por cima da mira, ajusta um pouco a arma, e então os vê. São lobos. Uma alcateia. Pode ouvir seus barulhos agora que se aproximam de um cervo de cauda branca que tropeça pela neve, escorregando e endireitando-se com dificuldade.

Ouve o clique de Trevor soltando a trava de segurança do fuzil.

– Não – diz Patrick.

Mas já é tarde. Trevor dispara cinco tiros e solta um viva. Patrick fecha os olhos instintivamente e, quando torna a abri-los, o cervo salta para longe e os lobos se dispersam e deixam para trás um dos seus, que arqueja e sangra.

O rádio acorda com um chiado. “Posto Número Três. Ouvimos tiros. Qual é sua situação?” Outra voz fala por sobre a primeira: “Cabo da guarda, Posto Número Dois. Ouvimos tiros. Qual é sua situação?”

Patrick balança a cabeça, consciente de que o oficial responsável e metade da base estão agora sentados em beliches. Sabe que seu esquadrão será punido por aquilo e que, em vez de fazer o rodízio para a patrulha e atravessar os portões, eles terão de cumprir uma semana de trabalho ingrato, lavando pratos e queimando as fezes.

– Posto Número Um. Os tiros foram daqui. Fomos nós. Nada com que se preocupar. Eram só uns lobos. Lobos no portão.

CAPÍTULO 34

Claire já está dez minutos atrasada para a aula das nove. Em geral, acorda antes de o sol nascer sem precisar de despertador e vai dar uma corrida, depois passa na cantina para comer um *bagel* ou uma tigela de pêssegos com queijo cottage, mas na noite passada Andrea chegou cambaleando ao quarto após a meia-noite querendo falar sobre um tal menino e vomitou na cama. Quando Claire acabou de trocar os lençóis, limpar a colega e tirar o cheiro de bile e rum do ambiente usando um desodorizador, já passava das duas.

Ela empurra a porta para entrar no Carver Hall, uma estrutura de concreto com três andares e janelas altas e esguias, e tenta acalmar a respiração e caminhar sem fazer barulho enquanto se aproxima do auditório.

A turma tem trezentos alunos e a aula é de história licana, obrigatória para todos os calouros e ministrada no outono e na primavera pelo professor Alan Reprobis, que se refere a si mesmo como coroa hippie e se recusa a usar e-mail ou PowerPoint. Sobre o tablado, há uma cadeira e uma mesa, mas ele nunca se senta; fica andando de um lado para o outro com as mãos nas costas, como se estivesse algemado. Usa jeans, camisetas desbotadas e botas de motoqueiro. Tem ombros largos e barriga proeminente, uma barba branca comprida, e ralos tufo de cabelos circundam sua careca manchada. Nos últimos meses, consultando só de vez em quando as próprias anotações, ele vem ensinando sobre a origem do lobo, a interseção entre biologia e cultura, as primeiras comunidades, rituais e folclore, o genocídio e a quase extinção da raça durante as Cruzadas, o expansionismo rumo ao Ocidente e a Segunda Guerra Mundial.

O curso tem duas aulas por semana e, às sextas-feiras, os alunos se dividem em grupos de trabalho de trinta, comandados por um monitor, no caso de Claire, um aluno do último ano chamado Matthew Flanagan. Ele é alto, magro, usa cavanhaque e os cabelos espetados na frente. Durante a aula, exibe uma expressão séria e traja sempre calça e camisa social com as mangas arregaçadas, mas ela já o viu pelo campus com um visual menos formal. Certa vez, o garoto estava jogando frisbee no gramado central e, quando ele se esticou para pegar o disco no ar, sua camiseta levantou e deu para ver sua barriga, o jeito como ela terminava em um V musculoso entre os ossos do quadril.

Nesse dia, Matthew está parado junto à porta distribuindo cópias.

– Está atrasada – sussurra.

– Eu sei – retruca ela.

Claire o detesta um pouquinho por repreendê-la. Desde a primeira reunião do grupo de trabalho, ela resistiu à autoridade de um rapaz apenas três anos mais velho.

Nunca chegou a desafiá-lo abertamente, mas também não levantava a mão e só respondia às perguntas quando Matthew a chamava pelo nome, e mesmo assim com relutância.

Ela arranca a xerox de sua mão e o papel produz um farfalhar seco. O professor faz uma pausa na aula, ergue os olhos e a vê junto à porta.

– Srta. Robinson? – diz ele, fazendo a voz ecoar pela sala de pé-direito alto.

Claire congela nos degraus, não só porque não sabia que o Reprobos a conhecia pelo nome, mas também porque todos se viraram para encará-la. Ouve-se um roçar de casacos e as mesas gemem no momento em que os alunos mudam de posição; embora ela mantenha a cabeça baixa, pode sentir a pressão daqueles olhares.

– A senhorita poderia ficar depois da aula? – pergunta o professor.

Ela aquiesce e encontra o lugar vago mais próximo. Espera a aula ser retomada e os alunos voltarem a dirigir sua atenção para a frente da sala antes de abrir o zíper da mochila e pegar o caderno. Durante vários minutos, ainda está abalada demais – oscilando entre o desprezo pela colega de quarto, pelo monitor e pelo professor – para se concentrar na aula ou anotar qualquer coisa a não ser as tralhas pretas do que deve ser uma janela gradeada ou um jogo da velha que ninguém nunca irá jogar.

Seu rosto então se ergue de supetão e a caneta rasga o papel quando ela escuta um nome: Balor.

Não prestou atenção no contexto, mas o professor agora está falando sobre os licanos que viviam entre a população indígena americana no século XIX – peles-vivas, como eram conhecidos – e sobre como eles se recusaram a aceitar a ocupação do Oeste pelos americanos. Ataques a povoados e fortes, milhares de pessoas mortas ou mordidas, uso da imprensa para espalhar o terror, atos de brutalidade contra soldados e civis, escalpos costurados em mantas, uma jovem semidevorada e pendurada em uma árvore com um gancho de açougue.

– Sob muitos aspectos – diz Reprobos –, pouquíssima coisa mudou e as táticas de Geronimo se repetiram nas estratégias de revolucionários dos anos 1960 como Howard Forrester e defensores modernos da liberdade como Balor.

Howard Forrester. Seu pai. A caneta de Claire cai no chão, fazendo barulho. O professor se vira para ela e passa um bom tempo encarando-a. Claire levou a mão à frente da boca e tenta fingir um bocejo. Sente-se uma boba. O envolvimento do pai na Resistência não é nenhuma surpresa – só é surreal ouvir o nome dele na universidade. Ela precisa tomar mais cuidado. Sua única desculpa é o sono. Reprobos continua a observá-la, com a boca aberta. Parece prestes a lhe dizer algo, mas permanece em silêncio.

Alguém levanta a mão nas primeiras fileiras da sala e o distrai.

– Sim? – fala o professor. – Pois não?

Um rapaz de camisa oxford risca de giz e cabelos louros repartidos com esmero

se empertiga na cadeira. Diz que está interessado na escolha de palavras do professor.

– O senhor chamou Balor de defensor da liberdade.

Reprobus cofia a barba.

– Eu deveria ter dito *suposto* defensor da liberdade.

– Sei que o senhor esteve envolvido com a Resistência na...

Reprobus faz um gesto para que ele pare de falar.

– Meu histórico não vem ao caso nesta sala, só minhas credenciais acadêmicas.

Ele continua a aula como se não tivesse sido interrompido. O mesmo rapaz volta a levantar a mão, mas, depois de ser ignorado por um minuto, abaixa-a e afunda na cadeira.

Claire está com dor de cabeça e não consegue focar; é incapaz de tirar os olhos do relógio pendurado acima da saída de emergência à direita do tablado. O ponteiro grande avança em direção à hora cheia, o professor dispensa os alunos e todos se levantam depressa e encham a sala com o barulho dos zíperes das mochilas e os toques dos torpedos no celular. Ela espera os alunos se precipitarem escada acima e, então, desce até onde Reprobus está, ajeitando uma pilha de papel para guardar dentro da bolsa de couro a tiracolo. Nunca esteve tão perto dele, e fica espantada ao constatar que os dois têm a mesma altura.

– Ah, sim, Srta. Robinson. Eu constrangi você? Quando a chamei daquele jeito?

Ela dá de ombros e tenta manter uma expressão impassível.

– Você pareceu surpresa – diz ele, e Claire não sabe ao certo a que está se referindo, se ao momento em que assinalou seu atraso ou em que mencionou o nome de seu pai.

O professor sorri; tem a barba e os dentes amarelados por causa do café e do fumo de cachimbo, cujo cheiro emana de seu corpo. O casaco dele está pendurado no encosto de uma cadeira. Totalmente fora de moda, de camurça e franjado nos braços. Reprobus o veste com alguma dificuldade, pendura a bolsa no ombro e indaga:

– Imagino que vá ser pontual a partir de agora? – Claire assente e ele acrescenta:

– Que bom, que bom. Porque tem coisas sobre sua história que você não vai querer perder.



Jeremy Saber não tem ideia de quanto tempo se passou desde sua prisão. Não tem relógio nem calendário e sua cela de 5 por 5 metros não tem janelas, assim não consegue manter a conta das horas, dos dias, das semanas e dos meses. Tudo vira um borrão enlouquecedor pontuado pela ocasional ducha fria ou refeição de mingau de aveia grudento ou frango com arroz empapado com um molho cinza. Os

pensamentos enevoados e sua incapacidade de se transformar lhe dão a certeza de que uma alta dose de Volpexx deve estar sendo moída e misturada à comida. Já tentou não comer, tentou se segurar, mas a fome sempre o acaba vencendo. As luzes permanecem acesas dia e noite e uma música toca em volume máximo para não deixá-lo dormir nem pensar. A cela não tem mobília, com exceção de uma placa de aço inox presa à parede que faz as vezes de cama e de uma privada também de inox em um dos cantos. Não há pia, a tampa da privada só pode ser removida com chave de fenda, e em mais de uma ocasião ele levou as mãos em concha até dentro da cuba e bebeu com sofreguidão depois de aparentemente passar dias sem comida ou água, quando precisa preencher o buraco no estômago.

Seus pensamentos parecem nuvens. Não consegue defini-los nem se concentrar. Às vezes fala sozinho. Imagens flutuam à sua volta. A filha jogando pedras em um rio que cintila ao sol, colhendo um dente-de-leão e entregando-o ao pai, pintando no rosto uma barba vermelha com o molho de macarrão. Vê a esposa nua no chuveiro, sorrindo e olhando por cima do ombro quando ele afasta a cortina do box. Vê a mulher com vaga-lumes entrelaçados aos cabelos. Ela afastando uma mecha de cabelos com a mão coberta por terra após trabalhar no jardim. A esposa encolhida na cama em posição fetal com uma expressão fria e dura no rosto.

Não se lembra muito bem da própria captura. Estava no esconderijo em Sandy – uma fazenda bem afastada de uma estradinha rural, 4 hectares de carvalhos, abetos, arbustos de amora e cercas de arame farpado, barracões meio apodrecidos e campos de alfafa não cultivados. Durante os dois dias após o atentado na Pioneer Courthouse Square, ele e os outros quinze homens praticamente só tinham navegado na internet, assistido à cobertura na TV e bebido uísque em copos de papel brindando à memória de Thomas, que se sacrificara ao volante da van. Naquela noite, quem deveria estar de vigia era o gigante Magog, mas ele não dera alerta algum quando os agentes se aproximaram fazendo farfalhar o mato alto, cercaram a fazenda e arrombaram ao mesmo tempo as portas da frente e dos fundos. Eles jogaram Jeremy no chão, prenderam-no com algemas de plástico flexível e lhe injetaram tranquilizantes antes que ele conseguisse emergir dos próprios sonhos e se transformar.

Jeremy acordou nessa cela. Não sabe se alguma arma foi disparada naquela noite, se os outros foram mortos ou presos. Há muitas coisas que ele não sabe. Como, por exemplo, onde fica a prisão. E quem o mantém preso. E por que ninguém o interrogou. E se a imprensa está ciente da captura e, caso esteja, como ele é retratado na mídia.

Nada disso lhe importa nesse momento. Ele esvaziou a mente. Britney Spears passou as últimas horas cantando em loop nos alto-falantes e Jeremy desenvolveu diversas técnicas para não ser afetado pelo barulho e pela claridade excessiva da

cela, para evitar o alçapão da loucura que sente se abrir a seus pés. Um dos truques é recitar o alfabeto na ordem correta e de trás para a frente. Outro é formar desenhos e padrões com as bolhas de ar que marcam as paredes de concreto. Um terceiro é imaginar que está em uma trilha na floresta, se aproximar de um pinheiro todo retorcido e puxar o galho para baixo feito uma alavanca, fazendo uma porta se abrir. Ele adentra o interior escuro, desce uma escada em caracol até um recinto enlameado e cheio de raízes, onde fica um lago repleto de peixes cintilantes, tira a roupa e entra na água para nadar.

É lá que Jeremy se encontra agora, ao mesmo tempo que está sentado na cama de aço, com o corpo dobrado ao meio e as mãos tampando as orelhas. A fantasia se dissipa quando ele percebe que a música parou. Não sabe ao certo o instante em que isso aconteceu, talvez há cinco minutos, ou quem sabe há cinco segundos. Destampa os ouvidos.

Sobressalta-se ao notar que há alguém em pé dentro da cela. Não é um dos guardas de cabelo à escovinha e expressão morta que trazem sua comida, acompanham-no até o chuveiro e se recusam a responder às súplicas ou perguntas, que usam uniformes cujas cores combinam com os tons de concreto que o rodeiam. Aquele homem é diferente.

É tão alto que deve ter se abaixado para passar pela porta. Tem o rosto lustroso de queimaduras e o nariz ligeiramente arrebitado, o que dá a impressão de que a ponta foi cortada. Não tem sobrancelhas, mas os lugares onde elas deveriam estar formam ganchos parecidos com pontos de interrogação.

Atrás dele, a porta se abre e dois guardas entram trazendo duas cadeiras dobráveis de alumínio. Com um ruído metálico, posicionam uma de frente para a outra, como se no meio delas houvesse uma mesa de jogo invisível. O homem estende a mão indicando a Jeremy para sentar. Após alguns instantes, o licano obedece, e pouco se espanta quando os seguranças agarram seus braços e os puxam para trás até algemá-los na cadeira. Um dos homens se retira e o outro se posta junto à parede, com os olhos grudados em Jeremy.

O Homem Alto pousa a pasta executiva no chão e senta-se, embora não pareça nem um pouco acomodado. Dá um suspiro, cruza as pernas e une as mãos sobre o joelho, e Jeremy percebe que só lhe restam algumas das unhas cor de giz.

– Sinto muito não ter vindo visitá-lo mais cedo – diz ele. – Andei ocupado caçando, entende?

Jeremy sente uma coceira na bochecha, tenta erguer o braço para se coçar, se esquecendo de que está algemado, e a corrente chacoalha quando seu braço se detém no meio do caminho.

O Homem Alto sorri com empatia.

– Agora que o senhor teve algum tempo sozinho para pensar, acho que chegou a

hora de termos uma conversinha.

Ele descruza as pernas, inclina-se para a frente e vira a pasta de lado. Ela revela um interior acolchoado cheio de instrumentos reluzentes. O homem hesita, a mão pairando sobre eles, e acaba escolhendo um alicate.

Os dois passam a hora seguinte conversando. O Homem Alto lhe diz que ele nunca escreveu livro nenhum, que *A Revolução* na verdade era um conjunto de páginas em branco encadernadas. Que ele nunca comandou uma facção da Resistência, nunca teve mulher nem filha. Os aviões nunca caíram. A bomba na praça nunca explodiu. Tudo isso aconteceu em sua cabeça. A pessoa que ele pensava ser, a vida que acreditava ter construído e os seguidores que pensava estarem à sua espera não existiam.

– O senhor passou a vida inteira dentro deste cômodo e vai continuar aqui pelo resto da vida. Este recinto é seu universo. E eu sou seu deus. Como seu deus, eu decidi que seu objetivo é a dor. É essa sua existência. A única palavra de seu vocabulário, a única sensação que o senhor é capaz de experimentar. Dor.

Cinco de suas unhas já foram arrancadas pelo alicate. Jeremy acha que, após os dedos das mãos, o alicate passará aos dedos dos pés. Depois, quem sabe, perderá os dentes. Pensa que existem muitos outros lugares vulneráveis para se enfiar uma lâmina, aplicar choques. Talvez a dor não acabe nunca.



Claire sabe que a correspondência de fora do campus – ofertas de cartão de crédito, filipetas sobre as férias de primavera, catálogos de moda – em geral é depositada em sua caixa de correio por volta das duas da tarde. Chega alguns minutos depois da hora e a sala de correspondência está lotada de alunos digitando torpedos e chamando uns aos outros em voz alta, falando sobre resultados de testes e encontros marcados. Sente-se muito imóvel e silenciosa no meio deles. Abre sua caixa e encontra um catálogo da J. Crew, uma proposta da MasterCard e um envelope pardo de 23 por 30 centímetros.

Mais uma vez não há remetente, o carimbo do correio é de Seattle e o nome Hope Robinson está entre aspas. Ela só percebe que foi até a saída quando a porta se abre a sua frente e o vento entra como um enorme arquejo.

É o garoto daquela aula, de cabelos louros bem repartidos e de camisa oxford risca de giz impecavelmente bem passada. Claire acha que o nome dele é Francis. Ele está entrando na sala de correspondência, mas ela está saindo apressada, assim o rapaz dá um passo para o lado e segura a porta com educação. Tem o queixo coberto de acne. Permanece em silêncio e ela mal balbucia um obrigada ao passar.

Ao meio-dia, o sol já dissipou a névoa e o céu está muito azul; é possível ver as montanhas cobertas de neve não muito longe dali. Claire começa a caminhar para o

alojamento, mas lembra que Andrea ainda deve estar no quarto, cochilando para se recuperar, assistindo a vídeos na internet ou trocando mensagens no celular sobre algum cara por quem talvez esteja apaixonada, algum amor idealizado... Então, muda sua trajetória e segue para a biblioteca.

Depois do prédio do grêmio, aquele é o seu preferido no campus, uma mistura da arquitetura do Velho e do Novo Mundo, um anexo moderno com paredes de vidro junto a um edifício de colunas feito de arenito vermelho. Claire tem diversas aulas, a maior parte de disciplinas obrigatórias: cálculo, redação, ciência política e história licana. Ela passa o tempo livre na biblioteca. Evitando Andrea, evitando todo mundo. Conversar é impossível. Durante a semana de orientação aos calouros, quando teve que enfrentar a enxurrada de atividades socializantes com os outros novatos, ela descobriu que, depois de saber seu nome e sua área de estudos preferencial, todo mundo pergunta de onde você vem, quem é e quem vai se tornar. Claire não tem como responder a esses questionamentos. Sua história foi apagada; seu futuro é incerto. Portanto, se esconde na biblioteca, onde o silêncio é a norma.

Pega o elevador até o terceiro andar e desce por entre a fila de carrinhos até chegar a um canto escuro. Tira o laptop da mochila e, enquanto ele zumba e ganha vida, corre um dedo pela parte superior do envelope e o abre. Um segundo DVD cai lá de dentro. Ela o insere na fenda com gestos atabalhoados.

Na tela, vê um gramado cortado por uma trilha de asfalto. Um parque, percebe. Há um banco na margem do caminho. Uma mesa de piquenique junto à linha das árvores. Nuvens fervilham no céu e a lente da câmera tem respingos de chuva. A grama e os dentes-de-leão parecem estremecer à brisa leve.

Alguns minutos transcorrem e uma pessoa emerge da mata. Miriam usa uma camiseta sem manga e um short de corrida, ambos pretos, e corre depressa, golpeando o ar com os braços. Por um instante, Claire fica com medo de algo surgir atrás dela, em seu encalço. A tia diminui a velocidade, leva as mãos aos quadris e ofega com força, sacudindo as pernas para fazer circular o ácido láctico. Caminha em círculos lentos por alguns minutos, sai de cena e a imagem se desloca para a esquerda, seguindo-a até um parquinho vazio. Depois dele, Claire pode ver outra trilha de asfalto que serpenteia e desaparece dentro de um muro de salgueiros. Miriam estica os braços e salta para segurar a barra fixa. Executa dez flexões subindo a cabeça em perfeito alinhamento entre as barras, fazendo os músculos se contraírem. As asas tatuadas nas costas parecem bater e ajudar a erguer seu peso do chão.

Então, a mão de alguém entra em quadro, a mão de quem segura a câmera. Golpeia o ar como se arranhasse Miriam, depois some. Só fica visível por uma fração de segundo. Claire não tem certeza de que viu *aquilo*, por isso inclina o corpo, volta o vídeo e clica para pausá-lo. A mão fantasma está imobilizada no meio

do gesto, borrada mas suficientemente nítida. Daquele ângulo, parece ter o mesmo tamanho de Miriam e estar prestes a engoli-la. Tem três dedos e é retorcida feito um esporão.

Puck.

De hora em hora, das oito da manhã até as dez da noite, um micro-ônibus – cinza e roxo, as cores da universidade – sai do grêmio e faz o trajeto de dez minutos até Missoula. O campus fica em um lugar isolado e possui mercados, cafés, uma pista de boliche, uma livraria e um bar, mas isso não impede que o veículo esteja sempre lotado. São três paradas: o shopping, o supermercado e o centro da cidade.

Claire está se dirigindo para o centro, não por causa dos bares ou restaurantes, como a maioria dos alunos que ocupam os assentos à sua volta, todos recendendo a perfume e água-de-colônia. Ela quer ir ao Diablo, um café de paredes vermelhas decorado com lustres de ferro e correntes de couro preto rachado. O atrativo ali é o wi-fi gratuito. Miriam lhe avisou que todas as mensagens enviadas e recebidas no campus são monitoradas, logo ela só deveria entrar em contato por meio de um servidor remoto. Claire criou uma conta de e-mail especial para essa finalidade. Não é um endereço Gmail. Miriam não confia na forma como eles escaneiam as mensagens em busca de anúncios mais eficazes. As duas usavam o Yahoo. O endereço de Claire era garota.perdida76@yahoo.com. Quando ela o anotou em um pedaço de papel, Miriam revirou os olhos e perguntou se não poderia ser “rainha.do.drama”.

Elas só trocaram poucas mensagens desde o início do ano letivo. Não usam nomes. Não mencionam nada específico. “Está tudo bem”, escreveu Claire assim que chegou ao campus, as mãos hesitantes sobre o teclado, sem saber muito bem o que podia e o que não podia dizer. “Cheguei bem. O lugar é mais bonito do que imaginava.” Miriam orientou Claire a não fazer nenhuma referência à William Archer, às aulas ou a qualquer outra coisa que pudesse revelar sua identidade, para o caso de aquelas contas de e-mail serem descobertas. Ela também foi instruída a não usar o cartão de débito no café, só dinheiro vivo, para que ninguém pudesse associar sua presença ali com alguma mensagem que passasse por aquele IP específico. Claire disse que ela estava sendo paranoica.

– Pode ser – retrucou Miriam. – Mas eles estão atrás da gente. Somos invisíveis até a hora em que dermos a eles alguma pista.

Claire foi ao café na véspera e em todos os dias desde que recebeu o primeiro DVD. Leva agora rapidamente seu chá verde até uma mesa redonda, abre o laptop e bate com o pé no chão, nervosa, olhando em volta para os poucos clientes que leem jornais e livros ou jogam conversa fora diante de uma taça de vinho ou de uma caneca de cappuccino. Acessa o e-mail e vê que a caixa de entrada está vazia, com

exceção de uma mensagem de Patrick. “Ontem vi uma mulher com os cabelos cor de mel. Ela estava de costas. Pensei que fosse você. Quase chamei seu nome. Ficou com as orelhas quentes? Penso sempre em você.”

Em outra ocasião, ela teria sorrido, mas, nesse dia, só franziu a testa. Nada de Miriam. Quatro dias e nenhuma resposta a seus quatro e-mails.

Claire digita outra mensagem. “Hoje chegou outro vídeo. Você no parque. Correndo. É o homenzinho. Ele está vivo. POR FAVOR RESPONDE LOGO para eu saber que você está bem!!!” Lê o texto duas vezes para se certificar de não ter revelado nada crítico, então escreve apressada no final: “Com amor, C”. As duas nunca usaram aquela palavra antes, mas parece a coisa certa a escrever.

Ela tenta entender o que está acontecendo. Duvida que seja uma perseguição – que serventia poderia ter para eles? Aquilo é tortura psicológica, isso sim. Puck está fazendo um joguinho, quem sabe tentando atraí-la para o oeste. Pensa se seria o mesmo caso de Miriam. Talvez Puck ainda não a tenha capturado porque tem medo, porque estuda seus hábitos, esperando o melhor momento para atacar – ou talvez esteja adiando o ataque como se aquilo fossem preliminares, para intensificar o prazer.

Claire fica no café até logo antes de o último micro-ônibus chegar. Tenta adiantar os trabalhos da faculdade, mas passa a maior parte do tempo clicando diversas vezes para atualizar a página do navegador, à espera de uma resposta que nunca chega. Por fim, dispara um e-mail para Patrick: “Não estou bem”, é tudo o que diz.

Dois meses antes, Miriam lhe deu de presente uma Glock e duas caixas de munição. “Mantenha ela sempre por perto”, falou. Ao voltar para o quarto, Claire dá uma olhada em Andrea dormindo, com a respiração pesada e as pálpebras tremendo. Abre a gaveta da escrivaninha, pega a pistola e deita na cama com a trava de segurança ainda acionada, mas o dedo curvado em volta do gatilho.

CAPÍTULO 35

Certa noite, Patrick sonhou com o pai. Keith estava em pé em frente ao portão da base. As roupas camufladas lhe pendiam do corpo em frangalhos. Hematomas rodeavam seus pulsos e tornozelos, e os pés descalços estavam azuis ao luar. Havia um corvo empoleirado em seu ombro e a voz do pai era o grasnado agudo e rascante da ave.

O sonho foi mais ou menos na mesma época que a onda de frio chegou, quando o vento ártico entrou uivando pelo vale e fez a temperatura cair drasticamente em um intervalo de poucas horas. Vários canos congelaram e estouraram, deixando as latrinas interditadas. Desde então, uma equipe tentava resolver o problema. Todos foram obrigados a usar banheiros químicos, mas não há uma quantidade suficiente. São uns dez, para os adidos, engenheiros, funcionários médicos, mecânicos, cozinheiros e cinco pelotões de trinta fuzileiros navais que, a cada refeição, empilham quantidades fenomenais de comida em suas bandejas e se orgulham imensamente do tamanho e frequência de suas evacuações.

Alguém precisa queimar o conteúdo das privadas uma vez por semana, e dessa vez os encarregados são Patrick e o resto de seu esquadrão. Os pelotões se revezam a cada quinze dias para cumprir as tarefas que mantêm a base funcionando. A equipe de segurança pessoal escolta o comandante da companhia e qualquer outro visitante de alta patente até as cidades e a mina de Tuonela. A força de reação rápida – mais conhecida como FRR – vive sempre trancada e com as armas carregadas, pronta para agir e deixar a base com um minuto de sobreaviso em caso de ataque a alguma patrulha, base avançada, mina de urânio ou posto de combate. A patrulha presencial faz turnos de quatro horas, na tentativa de expor os inimigos ou criar um clima de amizade, distribuindo doces para as crianças. Em sua maioria, as pessoas ficam contentes ao ver os soldados, gostam da segurança e são felizes com seus empregos na mina.

Por fim, há a segurança da base e o trabalho ingrato. Sempre atribuídos aos não graduados. Ocupar os postos de sentinela. Lavar pratos, dobrar a roupa lavada, varrer, passar pano, esfregar, encerar, empilhar munição, transportar e abrir com facas o interminável desfile de contêineres cheios de papel higiênico, sacos de arroz, latas de feijão. E queimar as fezes.

Seu pelotão inteiro ainda vai ter que fazer a segurança e o trabalho de cão até o próximo rodízio, mas cada pelotão é formado por três esquadrões de doze soldados, e o sargento do seu garante que o de Patrick fique responsável pelas fezes. Graças a Trevor.

Eles amarram quatro banheiros químicos na caçamba do caminhão junto com

várias tenazes e uma barra de metal incrustada de sujeira, um monte de luvas de soldador e diversos galões de óleo diesel. Percorrem 8 quilômetros desde a base, no sentido contrário ao do vento, até uma bacia enegrecida e fedorenta com muitos anos de lixo e excremento queimados. Descarregam os sanitários, abrem as portas traseiras, removem os reservatórios com as tenazes, cobrem de diesel e acendem um fósforo. Afastam-se enquanto labaredas e fumaça preta emanam da imundície semicongelada dentro dos tambores. Um minuto depois se aproximam para remexer o conteúdo com a barra. Após dias de trabalho, ainda mais com os chuveiros sem funcionar, não adianta se esfregar: o cheiro continua entranhado na pele.

Patrick fica ali em pé, apoiado na barra como se fosse uma bengala, olhos lacrimejando, boca ardendo com o gosto da merda carbonizada. A seu lado, Trevor, alheio à situação, segue falando sem parar sobre como ele e os amigos costumavam pescar peixes-gato nos pântanos. Por cima do capacete, usa a pele do lobo que matou, com a cabeça do bicho por cima da sua e o corpo e o rabo dependurados nas costas feito uma segunda pele. A fumaça rodopia, as fezes silvam, borbulham e estalam, e a neve à sua volta derrete até expor um círculo marrom de grama com 3 metros de circunferência.

Não era assim que Patrick imaginava sua estadia na República.

Imaginava-se a bordo de um Humvee, na torre da metralhadora, passando por ruas sujas de lixo e atirando em qualquer coisa que se movesse. Em um posto avançado de combate, lançando uma granada e se abaixando para proteger os ouvidos com as mãos. Batendo com a coronha do fuzil na cara de um homem barbado, prendendo suas mãos nas costas com algemas de plástico e arrastando-o até a base para que ele revelasse, em uma confissão aos gritos, o paradeiro de seu pai. Imaginava-se, por fim, derrubando com um chute a porta de um esconderijo e pegando as pessoas dormindo ou vendo TV, e todos levantariam as mãos de surpresa quando ele fizesse seus corpos dançarem com as balas, e em um quarto dos fundos encontraria o pai vendado, pulsos e tornozelos amarrados com fita adesiva, faminto e espancado, mas vivo. Seria mais parecido com um videogame, com os filmes do cinema. Talvez encontrasse uma versão mais saudável e mais estável da comunhão que sentia com os Americanos.

Em vez disso, está em um país de gente assustada que só quer ser deixada em paz e cujo modo de viver é ameaçado pelos rebeldes extremistas, que os taxam de covardes e chamam os militares americanos de estupradores e saqueadores.

Em sua primeira noite na base, o sargento disse que ele era imortal, levou uma pistola à sua cabeça e puxou o gatilho com a câmara vazia, fazendo o alojamento se encher de risadas. O chefe se chamava Dave Decker e era o alistado responsável por seu pelotão. Tinha uma cabeça do mesmo formato de um ovo deitado e usava óculos quadrados de lentes grossas que faziam os olhos parecerem minúsculos. Era

musculoso, mas tinha uma bunda grande que parecia ainda mais proeminente devido a sua postura, sempre curvado para a frente. Andava de boca aberta como um tubarão. Naquela primeira noite, guardou a arma no coldre, deu um tapa bem forte nas costas de Patrick e falou que estava só brincando, claro, mas que ele não deveria esperar nenhum tratamento especial.

Nas primeiras semanas, Patrick tentou fazer perguntas sobre o pai, mas a base passara por um rodízio importante naquele verão, época em que terminavam os serviços obrigatórios de um ano. Poucos conheciam Keith Gamble, com exceção dos oficiais, para quem as unidades da Guarda Nacional ocupavam o mais baixo degrau da cadeia alimentar das Forças Armadas. Não conseguiam entender o que um boapinta queridinho da mídia como Patrick estava fazendo ali, nem o que ele queria provar, nem o quão vulnerável ele era ou por que, cacete, ele, um filho da puta de um novato cagão recém-chegado, achava que não tinha problema falar com um oficial como se fosse um amigo. De vez em quando, alguém lhe respondia, mas o que diziam não revelava nada: “Ele era um homem bom”, “Lamento sua perda”, “Ele fazia uma ótima cerveja, isso eu posso afirmar”.

Patrick logo aprendeu a distância obrigatória entre oficiais e não oficiais. Eram animais diferentes. O oficial responsável pela base, os artilheiros, tenentes e capitães nunca se arriscavam. Era raro saírem de seus aposentos. Suas atribuições eram a inteligência e a organização das missões que os praças executavam no terreno.

– Vocês entendem o que são agora? – indagou Decker ao pelotão certo dia, durante uma simulação. – Vocês fazem parte da máquina da morte.

A máquina da morte. Patrick não sabe ao certo o que o sargento quis dizer com isso. Se estava se referindo aos Fuzileiros Navais ou às Forças Armadas. À base ou à República. Ou quem sabe à vida. Talvez a máquina da morte fosse a vida, um grande pesadelo de engrenagens potentes e dentes cortantes como os de uma serra elétrica que nunca para de destroçar corpos.

Essa suposição parece possível agora, em pé ali junto aos resíduos carbonizados e à fumaça, que lhe dão a sensação de nunca ter estado mais próximo do inferno, de que o alçapão que conduz ao Hades está bem ali debaixo de seus pés. Amaldiçoa aquela situação e a si mesmo, enojado com a própria impotência, e dá mais uma remexida no tambor de detritos, dessa vez com força excessiva, e acaba derrubando o recipiente e fazendo a nojeira em chamas escorrer pelo chão. Solta outro palavrão e arremessa a barra como se fosse uma lança. O objeto aterrissa alguns metros adiante e desloca um pedaço de terra preta.

Ele olha de lado para ver se alguém reparou em seu pequeno piti. Trevor, porém, conseguiu atrair a atenção de outro soldado raso e os dois remexem seus tambores de detritos como se fossem caldeirões e debatem quem deve ser melhor de cama, Angelina Jolie ou Cameron Diaz.

Patrick vai até a barra e arranca-a, desenterrando sem querer um monte de ossos. Agacha-se para limpar com a luva o que poderia ser o crânio de um cachorro ou um lobo. Retira-o do chão fazendo soltar grandes torrões, sopra a poeira preta das órbitas oculares e então repara que a seu redor, brotando da terra e de trechos de neve como um jardim morto, há ossos, dezenas de ossos.

CAPÍTULO 36

Chase Williams está na sala de espera aguardando a hora de subir ao palco. O recinto, na realidade, é o escritório do treinador de basquete no vestiário masculino da escola de ensino médio Redmont Senior. Ele beberica um energético sentado diante de uma mesa entulhada com escalações de times e circulares sobre estratégias ofensivas. Usa um paletó, um jeans bem passado e botas de caubói lustrosas. Por toda a sala estão pendurados calendários, fotos de times, bandeiras e flâmulas do Panthers.

Chase já fora um Panther. Turma de 1985. Fazia um tempão, mas ainda tinha lembranças vívidas: de dirigir durante a semana aquela picape branca da Dodge para a escola, e nos fins de semana até o pasto; jogar um morteiro dentro de uma lixeira; lançar a bola de futebol americano em uma espiral perfeita com a ponta dos dedos e perdê-la por alguns instantes na luz ofuscante dos refletores do estádio; marcar, castrar, alimentar, vermifugar e vacinar as reses; levar o barco até a represa e tomar banho pelado com garotas bronzeadas.

Uma batida na porta o faz girar na cadeira. Antes de Chase conseguir falar algo, Búfalo já entrou na sala e avança em sua direção. O amigo abre um largo sorriso, formando covinhas nas bochechas. Sempre age assim quando adentra algum recinto, Chase já reparou. Começa sorrindo, mostrando todos os dentes, e em seguida a boca se contrai e o olhar se fixa, vidrado.

– Está pronto?

– Vamos lá.

Dali a poucos minutos, ele irá se juntar aos candidatos republicano e democrata à reeleição no segundo de três debates presidenciais marcados para antes do pleito de 6 de novembro. Como sempre, apelidou os concorrentes. O primeiro é Frankenstein, ex-governador do Massachusetts, com seus cabelos pretos duros e o rosto estranhamente retangular, e a defesa fraca da pena capital e da redução dos impostos e o combate ao aborto. O outro é o candidato à reeleição, o Incompetente, que vive em cima do muro. Mais do que nervoso em relação ao debate, Chase está farto, cansado. Deseja que todos pudessem parar com aquele falatório e testar uns aos outros de outra maneira, quem sabe uma corrida ou uma luta dentro de uma jaula.

Imagina-se pegando o Incompetente pela orelha e arrancando uma comprida tira de pele. Pergunta-se qual seria o gosto de seu sangue. Xarope para tosse sabor cereja. Passa a língua pelos dentes. Não consegue se conter. Aprendeu a parar de odiar aquilo em que se transformou. Seria como odiar as marcas de sua impressão digital, a rotação da Terra e da Lua. Algumas coisas são o que são, não podem ser mudadas.

Búfalo está apoiado na mesa com os braços cruzados.

– Leu aqueles livros sobre política externa que eu dei a você?

– Grande parte.

– Ou você leu ou não leu.

– Preciso ler isso só porque aqueles conselheiros caxias me brifaram? Li um pouco, dei alguns saltos. Livros. Cacilda. Queria que fossem todos tão bons quanto o *Freakonomics*. Aquele cara, sim, sabe contar uma história e dar uma aula ao mesmo tempo.

– Não quero entretê-lo. Quero instruí-lo.

Chase gira a cadeira em um círculo lento. Quando ele para, Búfalo usa o dedo médio para empurrar os óculos para cima.

– Você sabe que não pode controlar esses debates do mesmo jeito que controla uma reunião no palácio do governo. Sabe que está parecendo arrogante mas cabeça oca, um candidato de uma questão só. E que agora está em uma posição complicada demais como independente, dando a impressão de concordar e discordar de todo mundo em relação a tudo. Isso confunde as pessoas. A gente precisa de alguma coisa que caracterize você. Caubói e herói de guerra não vão levá-lo muito longe.

– Você trouxe minha balinha?

Búfalo o examina por alguns segundos antes de levar a mão ao bolso do terno e lhe jogar o Volpexx. A visão do remédio faz o corpo de Chase pulsar e ele sente uma dor imediata, uma necessidade fundamental como a sede. Agarra o frasco e despeja alguns comprimidos em cima da mesa. O conteúdo é uma mistura de Volpexx com o psicoestimulante Adderall, luas brancas e feijõezinhos azuis que irão ao mesmo tempo entorpecê-lo e aguçar o raciocínio. Usa uma caneca de café para esmigalhá-los, um cartão de crédito para formar as carreiras e uma nota de um dólar para cheirá-las.

Por alguns instantes, fica perdido no meio de um estranho zumbido cinzento. Então, sente as mãos de Búfalo. Elas encaixam o ponto eletrônico em seu ouvido até ele ficar invisível. Erguem as abas de seu paletó e prendem o transmissor no cós da calça junto à base de suas costas. Chase permanece curvado sobre a mesa, com os olhos fechados, até o assessor lhe dar alguns tapinhas nos ombros e dizer que está tudo pronto.

Depois do atentado a bomba, seu ouvido esquerdo se recuperou na mesma hora, mas ele ainda passou quinze dias escutando o zumbido no direito. Perguntava-se o que iria ouvir quando o ruído silenciasse, se é que alguma coisa. Não muito, acabou descobrindo. Vozes agudas são melhores do que as graves e todos os sons lhe chegam como se passassem por um filtro de algodão.

– Coloquei na orelha certa? – pergunta Augustus.

– Colocou – responde Chase, e leva a mão ao ouvido prejudicado.

O atentado à praça do tribunal foi o que garantiu a candidatura à presidência. Ele

teve traumatismo craniano, queimaduras de terceiro grau e um tímpano estourado e recebeu alta três dias após o ocorrido. Búfalo agendou a visita de um fotógrafo da Associated Press à mansão do governador para fotografá-lo ferido e enfaixado, mas vivinho da silva, sentado à escrivaninha com a caneta erguida acima do papel e um telefone junto à orelha, invencível. Além de agressor, Chase se tornou também uma vítima, alguém por quem as pessoas podiam ter empatia e em torno de quem podiam se unir. Encontrou-se com o reitor, o sub-reitor e o conselho administrativo da Universidade do Oregon. Pouco depois, o Centro de Estudos em Lobos virou uma realidade e, pela primeira vez desde meados do século XX, a vacina se tornou uma possibilidade. Em uma semana, dezenas de processos foram abertos e ele estava na capa da *Time*, de farda militar e com metade do rosto nas sombras. Os doadores não demoraram a aparecer. Entre eles estava a Alliance Energy, pois Chase era defensor da energia nuclear e da continuidade da ocupação da República.

Búfalo organizou o resto, inclusive seu candidato a vice, um senador do Arkansas de olhos brilhantes, fundamentalista apoiado pela Associação Nacional de Rifles, chamado Pinckney Arnold. Os dois, na realidade, mal se veem ou se falam, exceto em eventos de campanha, mas Arnold é uma boa escolha: voz suave, articulado, humilde e temente a Deus, um bom contraponto para Chase e sua personalidade arrogante. É o que Búfalo diz.

Chase toma outro gole de energético. A bebida tem gosto de giz. Ouviu em algum lugar que esse tipo de bebida tem sempre esse sabor, não por ser um ingrediente ativo, mas porque as pessoas esperam que qualquer coisa de alta octanagem vá ter um gosto um pouco ruim. Talvez isso tenha a ver com o motivo pelo qual os outros toleram seu comportamento e tão de repente surgiu como o candidato azarão àquela eleição. Não tenta se fazer passar por puritano como aqueles patetas. No palco, dá muxoxos, revira os olhos e uma vez se retirou batendo o pé de tão irritado. Interrompe os outros, diz que estão falando merda. Diz tantos palavrões que as redes nacionais de TV transmitem seus debates com um atraso de trinta segundos. Não hesita em contar histórias nojentas – por que ninguém deve ficar atrás de uma vaca que espirra, a vez em que seu pinto quase gangrenou quando ele foi mijar durante uma patrulha, sob uma temperatura abaixo de zero – e por causa disso as pessoas acreditam nele. “Ele é igual a nós”, falam. “É gente como a gente.”

Há uma batida, a porta se abre e um rapaz de suíças segurando uma prancheta avisa:

– Dez minutos!

Búfalo agradece e manda que Chase se levante, girando a mão no ar.

– Deixe-me dar uma olhada.

Chase obedece e Búfalo retira fiapos e alisa o amassado da roupa.

– Você vai ficar me escutando, não vai? – Ele cutuca a própria orelha. – Não vai?

– Sempre. Eu sempre escuto você.

– Ótimo. Então me escuta agora. A gente hoje vai surpreender as pessoas. Você vai anunciar uma visita à República. Daqui a quinze dias, logo antes da eleição. Um tour pelas bases e pelas minas, encontros com soldados para ouvir os problemas deles. O presidente está no mandato há quatro anos e não foi lá nenhuma vez.

– Ou seja, eu vou fazer ele parecer um covarde.

As covinhas tornam a surgir nas bochechas de Búfalo.

– Qualquer outra cagada que você fizer hoje não vai ter importância... É disso que as pessoas vão se lembrar. É isso que vai distinguir você.

– Gostei – aprova Chase.

Porém, na verdade, está com calafrios, trôpego. A República. Ele fala muito sobre o período que passou lá, mas foi há mais de dez anos, e agora o local se tornou mais uma lenda. Além disso, não pode evitar sentir repulsa pela ideia de andar entre as multidões de soldados que irão sorrir esperançosos e segurar sua mão sem saber que ele é um licano.

Há outra batida na porta e Chase sente algo aquecer seu lábio superior.

Búfalo franze a testa, preocupado.

– Vem cá – chama ele. – Deixe-me arrumar isso. – Ele saca um lenço de seda e o leva ao nariz de Chase antes de tornar a guardá-lo no bolso do paletó, sujo de sangue. – Perfeito.

CAPÍTULO 37

Em frente ao centro esportivo, um imenso bloco de concreto, a fila de alunos passa pela porta dupla aberta e se estende pela calçada. Não estão ali por causa de um jogo de basquete ou partida de vôlei. A William Archer não tem nenhum programa esportivo, só um interno, já que licanos não podem jogar em nenhuma liga universitária ou profissional, pois os riscos do sangue, da adrenalina e das brigas são grandes demais.

No ginásio, depois de mostrarem as identidades e preencherem um formulário, os alunos são conduzidos até um dos doze postos de enfermagem, onde sentam-se em uma cadeira dobrável junto a uma mesa forrada com plástico. A enfermeira, que usa um jaleco de mangas compridas e luvas de látex, pergunta como o aluno tem se sentido e ele responde “bem, obrigado”. Seu polegar é espetado e apertado para coletar uma amostra de sangue. A mulher lhe entrega um frasco de Volpexx e um caramelo ou um pirulito, dependendo da escolha do estudante. Toda segunda sexta-feira do mês é assim.

O ginásio está lotado de alunos. Os tênis chiam no piso de madeira das quadras de basquete e as vozes sobem até às vigas do telhado. Claire se sente em um dia de jogo.

Sua família lhe pediu para nunca contar a ninguém – *ninguém*, nunca, a menos que quisesse fazer todos eles serem presos – sobre o médico que falsificava os exames mensais. Ela só percebeu a sorte que tinha quando roubou um comprimido no banheiro da amiga Tracey, tomou-o com um copo d’água e sentiu-se tão tonta que nem conseguiu manter os olhos abertos para assistir a *American Idol*.

Assim como o álcool, o Volpexx afeta cada pessoa de um jeito diferente. Alguns passam a ver tudo enevoado. Outros rebatem a medicação com altas doses de cafeína ou psicoestimulantes à base de anfetamina como Adderall ou Dexedrine. Outros, com o tempo, desenvolvem tolerância, e alguns evitam a medicação por completo, lançando mão de subornos ou contatos influentes.

É uma melhora em relação ao que acontecia antigamente, pensa ela. Já ouviu histórias sobre lobotomias, as longas hastes de aço inseridas no cérebro para cortar e anular o que os médicos chamavam de aberrante circuito da mente de um licano. *Lobos* significa tanto o animal quanto os lóbulos cerebrais. E *tomos* significa cortar. Cortar o lobo, matar o lobo e tornar outra vez humano o paciente. Iniciada nos anos 1930, a psicocirurgia muitas vezes funcionava e foi amplamente receitada, não apenas para licanos criminosos, mas também para aqueles que sofriam de esquizofrenia ou transtorno bipolar. Na comunidade psiquiátrica, o lobos era discutido como uma doença mental, um id desgovernado com sintomas fisiológicos.

Foi só nos anos 1970 que se parou de efetuar o procedimento, substituindo-o pela metaqualona – o motivo nem tanto era a preocupação humanitária, mas o número crescente de incapazes que caíam sob a tutela do Estado e passavam a pesar sobre os contribuintes.

Claire não tem mais o luxo de um médico simpatizante da causa. Por meio de algum mercado negro, Miriam obteve uma coleção de blísteres cheios de sangue O positivo, mesmo tipo do de Claire, carregado de Volpexx. As “bolhas” são cor da pele e mais ou menos do tamanho de uma moeda de 25 *cents*. Depois que os cola no dedo com adesivo para próteses, ficam praticamente invisíveis. Mesmo assim, ela sempre vai ao ginásio no final do dia, quando as enfermeiras já estão com os olhos embotados de tantos alunos e tanto sangue.

Ela agradece à enfermeira e pega um pirulito, que chupa até o palito enquanto retorna ao alojamento.

O quarto é todo de Claire. Andrea vai passar a tarde fora trabalhando na Victoria's Secret do shopping, que é onde parece gastar metade do salário; sempre volta de lá com uma blusa, um delineador e sapatos de salto. A maioria dos shorts que usa é dessa loja.

Claire passa as quatro horas seguintes sentada diante da escrivaninha lendo uma pilha de livros. É difícil se concentrar – as imagens de Miriam no vídeo não param de passar em sua mente –, mas as provas trimestrais estão chegando e ela se força a assimilar as frases. Distrai-se e começa a pensar em Patrick.

Seus e-mails vão de filmes e livros preferidos, adivinhar letras de músicas ou debater os melhores hambúrgueres a questões mais sérias: a perda dos pais, a ocupação da República. Às vezes as mensagens são febris, disparadas a cada um ou dois minutos ao longo de três horas, e às vezes eles se acalmam, não por não terem nada a dizer, mas porque não precisam dizer nada, como um casal tomando chá gelado em uma varanda dos fundos de casa, olhando as estrelas, à vontade no silêncio e na sensação de proximidade e calor que os une.

Claire tira os óculos e os esfrega distraidamente entre o polegar e o indicador para limpar uma sujeira que não existe. Precisa parar com aquilo. Parar de pensar nele. Ele a distrai do presente. Ela não pode viver em dois mundos ao mesmo tempo. Tem que se concentrar no presente. *Foco*. Abaixa as persianas, curva-se sobre os estudos e vai assinalando as páginas com o marca-texto.

Reprobus passou um trabalho de sete a dez páginas para a aula seguinte. Ela decidiu escrever sobre o pai. Sobre seu legado na batalha pela igualdade de direitos. Sabe que é perigoso. Olhar para trás é um perigo. Imagina que, quando a maior parte das pessoas pensa na própria história, tem uma sensação de verticalidade, como uma escada que vai subindo até penetrar as nuvens, alguns degraus apodrecidos e sem

tinta, mas sólida o suficiente para suportar o peso. No seu caso, porém, tudo que existe é o degrau no qual está pendurada e as nuvens lá embaixo são escuras e riscadas por raios.

Claire passa por uma reportagem da internet que baixou em PDF, originalmente publicada no *Chicago Tribune*, sobre a Luta e os Dias de Fúria. A conhecida imagem do pai ilustra o texto. Seu pai, em pé na escada do fórum. Cabeça jogada para trás, uivando. Segurando uma bandeira americana já meio incendiada. Em vez de prosseguir a leitura, fica um tempão olhando para a foto e dá um duplo clique para ampliá-la. Tenta se colocar naquele momento, entrar na tela e voltar ao passado, e pela primeira vez repara em outros detalhes. Os três arcos de pedra que se abrem ao fundo. Os raios de sol oblíquos que fazem todas as superfícies refletoras brilharem com a mesma intensidade da bandeira em chamas. A porta de entrada de vidro que revela o reflexo difuso de centenas de pessoas reunidas na rua. O policial bigodudo com um dos braços estendido e o outro no coldre, avançando em direção a seu pai. E então, no primeiro plano, um corpo desfocado, fotografado de costas, visível apenas em parte: um punho erguido, duas longas tranças.

Ela continua a descer a barra de rolagem e se detém em outras imagens. Cadáveres na rua rodeados de entulho: a cena de um atentado a bomba. Uma mulher que pode estar suplicando ou lutando com os paramédicos que tentam ajudá-la, o tronco nu vermelho com o que parecem ser mordidas. Closes de cartazes de protesto, dois dedos erguidos para o céu formando um V, marcas de garras, um peito ferido a bala, uma fotografia do pai projetando o queixo em desafio e encarando a câmera bem de frente para a ficha policial.

Demora-se em cada uma das fotos. Na dos cadáveres, nota o sapato de salto alto arrancado do pé de uma mulher de tornozelo grosso, o jeito como sua meia-calça derreteu em alguns pontos até ficar parecida com uma teia de aranha podre. A ambulância fazendo a curva mais embaixo na rua. O homem em pé junto ao meio-fio segurando um lenço na testa ensanguentada. A caixa de correio na esquina, com um pombo empoleirado em cima, e o homem em pé ali perto observando aquele caos.

O homem das tranças compridas. Ela sobe o arquivo e examina a primeira foto do protesto apertando os olhos. Na época, muita gente devia ter cabelos longos, mas o comprimento parece o mesmo, assim como o físico atarracado.

Volta a olhar as demais matérias – outros protestos, outras cidades, outras datas – e torna a encontrá-lo algumas vezes, nunca em foco, sempre mais atrás ou no fundo da fotografia, algo visto de relance.

– Quem é você? – pergunta ela.

Decide arejar a cabeça com um passeio pelo campus. Lá fora, o céu tem o mesmo matiz dourado das folhas que se desprendem das árvores no gramado central. Uma

delas vai parar nos cabelos de uma menina sentada em um banco ali perto. Ela nem percebe: está entretida demais com o namorado, ambos de olhos fechados, bocas fundidas num beijo.

“O que você pensa sobre química?”, escreveu para Patrick em um e-mail não muito tempo antes.

A resposta foi: “Acho que de vez em quando a gente conhece alguém. E tudo se encaixa. Tudo parece estar certo. Sabe? Como se você se conectasse a uma corrente elétrica. É feito eletricidade.”

“Eu não entendo a eletricidade”, respondeu Claire.

As trilhas do campus estão cheias de folhas e ela ouve atrás de si passos que as fazem estalar. Não gosta da sensação de estar sendo seguida e começa a andar mais devagar para a pessoa ultrapassá-la. O ritmo dos passos diminui para se adequar ao seu. Ela se deixa seguir por um minuto e então se vira.

Matthew estaca no meio de um passo e cambaleia um pouco. Ergue a mão como se Claire fosse lhe bater. É o mais próximo que já chegaram um do outro.

– Oi – diz ele.

– Oi para você também.

Claire recomeça a andar e Matthew dá uma corridinha até emparelhar com ela. O garoto é bem mais alto. Mudou de roupa desde a manhã: tirou o uniforme de monitor e calçou sapatos desgastados, vestiu um jeans puído e um suéter de *fleece*.

– Para onde você está indo?

– Para casa. – Ela nunca pensou no alojamento como sua casa, mas supõe que seja a palavra certa, pois é a única casa que tem.

Os dois caminham em silêncio. Claire tenta focar em qualquer coisa que não seja ele. Um esquilo cinzento mexe em uma pinha. Um soprador de folhas zumbe ao longe. Uma bola de futebol americano rodopia pelo céu azul-claro e cai nas mãos de um menino. No caminho pelo qual estão andando, a sombra de Matthew cobre a sua.

– Não me pergunte nada relacionado à história licana – diz ela.

– Pode deixar.

– Ótimo. Estou de saco cheio disso.

Mais adiante, por entre o aglomerado de pinheiros, Claire vê o alojamento. Apressa o passo, Matthew fica para trás e ela sente que se livrou de uma coleira invisível. Então ele pergunta:

– Ei, você está metida em algum tipo de encenação?

Ela para à sombra de um pinheiro. Agulhas escurecidas chovem à sua volta. Vira-se e tenta decifrar a expressão dele: sobrancelhas arqueadas, lábio inferior preso entre os dentes.

– Como assim?

Matthew olha em volta como se temesse que alguém o escutasse.

– Fui à secretaria ontem. Para me inscrever nas matérias da primavera. Tinha um homem lá. Um cara de terno. Todo mundo atrás do balcão parecia nervoso com a presença dele. Ele estava conferindo uma lista de nomes. O seu era um deles.

– Não entendo.

– Nem eu. Só achei melhor avisar.

Seu quarto no alojamento está destrancado. Claire segura a maçaneta e olha para os dois lados do corredor. Nada. Uma lâmpada defeituosa chia, apaga-se e torna a se acender. Há várias portas abertas, e dos outros quartos sai música. Ela leva uma das mãos ao bolso e segura o canivete lá dentro. Empurra a porta devagar. Uma dobradiça enferrujada geme.

A luz já fraca do sol entra pela janela. Não há ninguém no quarto, nem debaixo das camas, nem dentro dos armários. Claire solta o canivete, fecha a porta e tira a mochila das costas.

Quase solta um grito quando, um segundo depois, a porta se abre e Andrea entra, chinelos de dedo estalando, corpo envolto em uma toalha, cheirando a xampu de hortelã. Pousa a bolsa salpicada de água, pega um palito de cabelo lá dentro, joga a cabeleira para a frente e começa a desfazer os nós molhados.

Por mais que Claire deteste admitir, precisa da colega de quarto. Seria fácil descartá-la como uma total idiota, mas Andrea tem um talento impressionante para computadores e design gráfico. Durante a semana dos calouros, ela falou “Me dá essa merda aqui”, pegou o laptop de Claire e passou as duas horas seguintes instalando programas e uma vasta coleção de músicas e vídeos, em grande parte pirateados. Assina um blog chamado *PinkGrrl*. Presta consultoria de internet para uma empresa de sua cidade natal, Chicago, faz programação para sua aula de ciências da computação ao mesmo tempo que troca mensagens instantâneas com amigos, e praticamente toda noite alguém bate na porta do quarto delas com alguma pergunta sobre Linux, Kerberos...

– Andrea?

– Fala.

A garota torce o corpo e olha para Claire de lado, fazendo uma careta enquanto tenta desfazer um ninho de rato.

– Lembra aquilo que você disse outro dia... que, se eu um dia precisasse de alguma coisa, era só falar?

– Claro.

– Estou precisando de ajuda.

Ela tem de arrumar a bagunça do chão para poder puxar a cadeira até junto da colega. As duas se sentam lado a lado diante da escrivaninha de Andrea, rostos

iluminados pelo brilho de seu iMac. Claire não entende muito de computadores – seus conhecimentos técnicos se limitam a Word, Internet Explorer e iTunes –, mas já ouviu a outra garota se gabar daquela máquina, do processador de quatro núcleos, da placa de vídeo HD avançada e da câmera de última geração. O nirvana, segundo ela.

Andrea transfere os arquivos do laptop de Claire para seu desktop com um pen drive e abre as reportagens em tantas janelas que a tela parece um monte de cartas de baralho. Recorta as imagens de cada PDF e as insere no Photoshop. Tudo isso com uma sequência de cliques ultrarrápida que Claire mal consegue acompanhar.

Andrea estreita os olhos, fitando as imagens.

– Por que você está interessada nessas porcarias velhas?

– Um trabalho de história – responde Claire.

Ela pergunta se a colega consegue melhorar a definição das fotos e dar zoom naquela figura ao fundo, aqui, aqui e aqui, diz, apontando na tela.

– Moleza.

Claire não entende muito bem o que Andrea faz depois disso – o mouse se mexe depressa demais, as janelas abrem e fecham como obturadores de câmeras fotográficas –, mas parece ter algo a ver com a resolução dos arquivos. Ela abre a foto dos corpos na rua.

– Que horror – comenta, e então, por duas vezes, dá zoom e melhora a definição.

– É o máximo que consigo. – O rosto está borrado e um pouco pixelado, como um jornal molhado de chuva, mas dá para ver que o sujeito tem barba.

O mesmo se repete com as outras fotos. Andrea abre as fotos do fórum e do pai de Claire, e juntas elas estudam as costas do homem ao fundo.

– Acho que nessa aí não dá para fazer nada – diz Claire.

Andrea dá de ombros como quem pede desculpas, em seguida responde a uma mensagem instantânea que salta na tela antes de voltar à foto.

– Quem sabe, quem sabe, quem sabe – fala entre os dentes.

Posiciona o cursor da lente em cima da porta do fórum. Uma porta giratória de vidro, iluminada pelo sol. Andrea vai aproximando mais e mais a imagem. Muda a cor para uma escala de cinza e modifica a iluminação para minimizar os reflexos. Melhora a definição outra vez. Os pixels se reorganizam até formar o reflexo do homem de tranças. A imagem não é perfeita, mas está suficientemente em foco para permitir uma visão nítida dele da cintura para cima. O rosto meio escondido pela barba. O casaco franjado. Professor Alan Reprobis.

CAPÍTULO 38

Miriam não tem aliados e esse é um jeito de viver complicado para qualquer um, que dirá para uma menina de 18 anos. Precisa proteger Claire. Era o que seu irmão queria, e isso significava mantê-la na ignorância e afastá-la de si, dizer adeus por mais difícil que fosse deixá-la partir. Quanto mais longe, melhor e mais seguro.

No estacionamento da estação de trem, Miriam fechou e trancou a porta da Ramcharger, deixou-se afundar no banco para ninguém poder vê-la e chorou, o corpo inteiro estremecendo. Permitiu-se cinco minutos de pranto antes de se endireitar, enxugar as lágrimas com um gesto brusco e ir embora com a picape sem nem ao menos prender o cinto de segurança.

Estava na hora de pôr mãos à obra.

Miriam pesquisara matérias sobre o ataque ao esconderijo logo após o atentado a bomba da praça. Elas sugeriam uma cooperação entre polícia local e autoridades federais. Nenhum nome foi divulgado. A localização foi descrita como arredores de Portland, mas ela sabia que era em Sandy.

Foi à Universidade Estadual de Portland e passeou pelo campus até ver uma menina parecida com ela mesma, aproximou-se com um sorriso largo e gritou:

– Cynthia! Que bom ver você!

A garota carregava uma mochila de caminhada que a fazia se vergar de tão grande e pesada.

– Meu nome não é Cynthia.

– Jura? Ai, desculpa. É que você é a cara dela. Vou ter que avisar que ela tem uma sócia. – Miriam soltou uma risada aguda, quase um guincho. – Qual é seu nome?

– Kirsten. Kirsten Packer.

– Vou dizer para ela procurar você. Vai ser feito olhar num espelho. Que coisa mais bizarra... Foi mal, Kirsten.

A menina deu um sorriso perplexo, ajeitou as alças da mochila e se afastou rumo a alguma aula. Miriam sacou o celular pré-pago, digitou um número de assistência aos alunos e disse, com uma voz apavorada, que tinha perdido a bolsa e queria comunicar a perda de sua carteira de estudante.

– Kirsten Packer – falou. – É o meu nome. Vocês podem me ajudar? – O serviço lhe garantiu que mandaria emitir outra carteira sem problema nenhum.

O prédio ficava a cinco minutos a pé. Miriam beliscou a pele em volta dos olhos para fazê-la inchar e deixá-la vermelha. Encarou o céu durante trinta segundos até os olhos lacrimejarem antes de empurrar a porta. Um garoto com um moicano curto

estava atrás do balcão.

– Que coisa mais chata – disse ele. – Espero que dê tudo certo.

Ela enfiou a carteira de estudante no bolso de trás do jeans.

– Vai dar, sim.

Passou na livraria do campus, comprou um moletom rosa da universidade e fez de carro o trajeto de vinte minutos até a delegacia de polícia de Sandy, onde falou que era aluna do último ano de criminologia na Universidade Estadual de Portland, estava fazendo uma pesquisa sobre batidas policiais e queria saber se era possível dar uma olhada em alguns relatórios.

Tentou parecer mais jovem prendendo os cabelos em um rabo de cavalo e fingindo mascar chiclete. Segurava um caderno espiral em uma das mãos e a carteira na outra. Uma mulher de bochechas flácidas e cabelos no formato de um capacete negro olhou para o documento, encarou Miriam e explicou que não havia problema, contanto que ela assinasse um registro e pagasse a taxa administrativa.

Em vinte minutos, ela obteve a informação de que precisava. Dez nomes. Todos da polícia local.

Deu telefonemas, navegou na internet e passou de carro por alguns bairros antes de restringir a lista de possibilidades a Ernest Hobbes, investigador em Sandy, e Dennis Hannah, soldado da SWAT no condado de Clackamas. Ambos solteiros.

Encontrou uma pilha alta de material pornô gay no escritório de Hobbes em sua casa, logo volta as atenções para Dennis, um sujeito de pescoço troncudo e bigode que usa shorts jeans, troca o óleo do carro sozinho e toda sexta-feira à noite vai beber no bar Tip-Top.

Miriam foi ao shopping, comprou sapatos de salto, um sutiã de renda, uma saia curta, uma blusa soltinha e decotada e um colar e brincos grandalhões. Na loja de departamentos, ficou rodeando o balcão de maquiagem. Todas as funcionárias usavam jalecos brancos como se fossem médicas e, ao olharem para seu rosto sem graça, franziram a testa com uma expressão de empatia como quem se prepara para dar um diagnóstico grave.

– Posso ajudá-la? – perguntou uma delas.

– Me dê qualquer batom, base, blush e delineador que a senhora achar que combine com meu tom de pele. E qualquer perfume de cheiro bom. Agora.

Em casa, arrumou tudo em cima da cama no formato do corpo de uma mulher, da mulher em quem planejava se transformar.

Aparentemente, Miriam tem uma cabeça pequena. Comprou uma peruca de cabelos louros na altura dos ombros em uma loja na região nordeste de Portland. Nem mesmo o menor dos tamanhos ficava bem preso. Assim, segurou a peruca com a

mão como se fosse um chapéu ao andar da picape até a rampa de acesso do bar Tip-Top. Apesar do frio, estava sem casaco.

Lá dentro, deixou de lado a postura rígida e começou a rebolar. A jukebox estava tocando Johnny Cash. Alguém jogava dardos em um canto. Na parede brilhava um relógio verde e dourado, cores do time da Universidade do Oregon, os Oregon Ducks. Ela viu Dennis sentado diante de uma mesa alta e redonda, bebendo uma jarra de cerveja na companhia de um amigo. Demorou-se para se aproximar do balcão, certificando-se de que todos conseguissem dar uma boa olhada. Pediu um uísque com *ginger ale*, sentou-se em um banco e cruzou as pernas.

Não demorou muito. Ela esperou tomando seu drinque e assistindo à partida de basquete do Trail Blazers no televisor pendurado acima do balcão. Sentiu sua presença antes de ouvi-lo, o homem de jaqueta de couro marrom com o decalque de uma bandeira americana costurado no ombro. Estava encostado no balcão a poucos centímetros de distância.

– Posso oferecer uma bebida? – perguntou ele.

Miriam ergueu o uísque e balançou o copo, fazendo o líquido girar.

– Posso oferecer outra bebida?

Ela fez que não com a cabeça.

O homem ainda disse algo mais, porém ela já estava se levantando do banco. Afastou-se do balcão e chegou perto de Dennis. Ele e o amigo tinham os olhos cravados nela e as canecas de cerveja erguidas a meio caminho da boca, congeladas por sua aproximação.

– Vocês se importam se eu sentar aqui? – perguntou ela. – Aquele chato não quer me deixar em paz.

– Pode ficar à vontade – respondeu o amigo. Era mais velho, mais quadrado. Camisa polo preta, calça jeans. Distintivo e pistola presos ao cinto.

– O que ele falou? – quis saber Dennis, olhando por cima do ombro com uma expressão dura. – Será que a gente precisa dar uma lição de boas maneiras no cara?

– Não, tudo bem – apaziguou Miriam. – Acho que ele não vai mais me incomodar agora que estou com vocês. Vocês parecem bem durões.

Dennis sorriu, revelando uns dentes separados.

Duas jarras e duas horas depois, Miriam está dentro do carro dele, parado embaixo de um carvalho esquelético no qual algumas folhas marrons ainda teimam em se prender aos galhos. Ela abriu o zíper e segura seu pau duro. No bar, eles falaram sobre os problemas econômicos, sobre o Trail Blazers, sobre a prima dela que morreu de câncer, sobre seu emprego de cabeleireira – e então Miriam perguntou o que ele e o amigo faziam.

A condensação escorria da jarra e empoçava na base, e Dennis passou o dedo no

líquido e usou-o para tocar as costas de sua mão.

– A gente é da polícia.

– Sério?

– Sério. É verdade.

– É tudo igual aos seriados? Igual ao *CSI*?

Os dois riram, sacudiram a cabeça e disseram que as séries eram divertidas, mas o verdadeiro trabalho da polícia era um pouco menos glamouroso e ela ficaria surpresa se soubesse quantos erros Hollywood cometia.

– Me contem alguma coisa bem irada que vocês fizeram. Bem perigosa e heroica – pediu, ao mesmo tempo zombando e demonstrando admiração.

Dennis limpou a espuma do bigode e sorriu para o amigo.

– Ah, a gente tem umas histórias para contar, não é, Paulie?

– Ah, tem.

Não demorou muito para Dennis mencionar a invasão ao esconderijo licano. Falou sobre trabalhar em parceria com os babacas da federal e contou como rastejaram na grama, derrubaram a porta, invadiram a casa e a encontraram vazia com exceção de um cara. Que descobriram ser O Cara, o tal que escrevera aquele livro proibido que deixava uma porção de gente puta da vida.

– Foi muito estranho – comentou. – Encontrar o cara sozinho daquele jeito. É como se ele tivesse sido deixado lá para a gente.

O queixo de Miriam caía mais e mais conforme o policial falava. Ela disse que não conseguia acreditar.

– Mas isso deu no noticiário.

– Eu sei – retrucou ele. – Foi uma parada bem séria.

Agora, no carro, Miriam percebe pela respiração dele e pelas leves arremetidas do quadril que ele está prestes a gozar. Ela chega mais perto, mordisca sua orelha e pergunta:

– Para onde eles levaram aquele cara? O do esconderijo que vocês invadiram?

– O quê? – Seus olhos estão semicerrados de prazer. – Por que você quer saber isso?

– Só estou curiosa.

– Não para. Por favor.

– Onde ele está? – Ela torna a movimentar a mão e o corpo inteiro de Dennis se arqueia. – Onde ele está?

As palavras jorram da boca dele: SeaTac, ele está no presídio federal de SeaTac.

Miriam solta seu pau e lhe dá um tapa na cara com a mesma mão.

– Que tipo de mulher você acha que eu sou?

Abre a rta do carro e o deixa ali, com a boca e a braguilha escancaradas.

CAPÍTULO 39

Augustus sabe tudo sobre os programas de eugenia. De 1907 a 1960, os americanos esterilizaram centenas de milhares de licanos, homossexuais, pobres, portadores de deficiências físicas e mentais. Nos anos 1930 e 1940, os alemães tentaram criar o *Übermensch*, uma raça ariana perfeita, ao mesmo tempo que brincavam de Deus com judeus, ciganos e todos aqueles que julgavam de sangue inferior. Às vezes exterminavam, outras vezes esterilizavam ou faziam experimentos: injetando em pacientes substâncias químicas e doenças, aspergindo-os com gás mostarda, costurando seus corpos uns nos outros, submergindo-os em água fria, forçando-os a ter relações sexuais com cachorros, martelando seus crânios para estudar o traumatismo craniano.

Sabe também que a União Americana de Liberdades Civas, um punhado de deputados e as pessoas que protestam em frente à Casa Branca o estão acusando da mesma coisa. Tenta não dar entrevistas – precisa que Chase continue a ser o porta-voz –, mas, no mês anterior, um jornalista surgiu do nada, enfiou um microfone na sua cara e ele não conseguiu se conter.

– Todo mundo precisa entender que o assunto aqui se resume a saúde pública, segurança pública. Todos os esforços médicos são para defender essas duas coisas. A aids não é uma pessoa. A doença da vaca louca não é uma pessoa. A gripe suína não é uma pessoa. E o lobos também não. É um patógeno perigoso.

Um determinado segmento da população parecia negar esse fato, como se o lobos fosse uma verdade perigosa na qual preferiam não acreditar, feito uma radiografia que revelava tumores.

Mas Augustus sabe que tem razão. Sabe sem sombra de dúvida. Considera essa uma de suas melhores qualidades. A certeza absoluta. Foi ela que lhe permitiu obter o apoio de doadores particulares e públicos, convencer a Universidade do Oregon a correr o risco de levar os processos que sabia que iriam surgir, apressar a aprovação das pesquisas de Neal Desai para obter uma vacina e, por fim, formar uma equipe de pesquisadores em apenas um semestre e nomear a si mesmo diretor do Centro de Estudos em Lobos.

E agora – a meros 100 metros de onde ele está – as escavadeiras, os caminhões de entulho, as betoneiras e os operários de capacete e coletes refletivos cor de laranja estão construindo o anexo de 5 milhões de dólares do campus de pesquisa patrocinado pela Pfizer.

A equipe de Neal ainda está em atividade em um antigo laboratório. O piso de lajotas tem o mesmo verde doentio de uma velha ala hospitalar e as bancadas são pretas, impermeáveis e cobertas por papel plastificado preso com fita adesiva

colorida, que serve para definir os espaços de trabalho. Sobre elas, há caixas com pipetas e suas ponteiras, canetas de ponta fina, centrífugas individuais, um espectrofotômetro, recipientes para banho-maria, luvas de látex, lenços de papel, microscópios invertidos, óculos de segurança. Jalecos de laboratório pendem de ganchos. Estações de computador brilham nos cantos. Uma geladeira industrial – de lateral dupla e frente de vidro – zumba ao lado de um cilindro de nitrogênio líquido que marca 170 graus negativos.

Augustus ajuda a ajeitar a cabeça de um cão decapitado – um pastor-alemão – em um torno sobre a bancada de aço inox. O pelo pinica sua mão através da luva.

– Obrigado – agradece Neal.

A serra oscilante ganha vida com um zumbido. A lâmina geme ao encostar no osso e dá a volta devagar no crânio, que ele destampa com o mesmo estalo suave de uma garrafa sendo aberta. Espia o cérebro escurecido pelos príons.

Imagina que Augustus esteja lá para dizer oi, dar um passeio pelo laboratório ou levar mais uma caixa de Volpexx. E de fato está. Mas também para convencer o bom doutor a acompanhar Chase até a República.

– Oficiosamente, como seu médico particular. Oficialmente, como enviado especial.

– Preciso estar aqui para ajudar minha família.

– Pelas últimas notícias que tive, sua filha licana se inscreveu em um programa de desintoxicação. Parece que já está recebendo toda a ajuda de que precisa.

– Não.

– O senhor vai posar para algumas fotos, fazer alguns discursos. Vai encontrar com representantes da Alliance Energy...

– Não.

– ... que, se me permite assinalar, é uma das empresas patrocinadoras do laboratório.

– Meu trabalho é aqui – retruca Neal.

Porém, sua voz já não tem a mesma determinação. Ambos sabem: ele não é mais necessário no laboratório. Tem funcionários mais do que suficientes para realizar todas as tarefas, trinta no total: secretárias, professores universitários, pós-doutorandos, pós-graduandos. Mas aquilo é o que ele mais ama: trabalhar, ter o olho pregado no microscópio, o cheiro do formol fazendo arder o nariz e o talco das luvas deixando brancos os nós dos dedos.

– Longe de mim querer dizer ao senhor qual é seu trabalho – prossegue Augustus.
– Mas, se for preciso, eu o farei.

Neal tenta resistir, mas Augustus sempre vence, e nesses últimos meses o médico muitas vezes se viu dentro de um avião ou em uma sala iluminada por lâmpadas frias reunido com políticos, doadores, docentes de outras universidades querendo se

informar sobre sua pesquisa.

Há também as entrevistas: ele sentado em um sofá ao lado de Chase, agradecendo ao governador pelo apoio e tentando explicar, em termos compreensíveis para um leigo, como se fabrica uma vacina.

Primeiro passo: identificar o transmissor da infecção. No caso da raiva, a saliva na boca do cachorro, o morcego que desce voando das vigas de um sótão e morde a mão que tenta acender a luz.

Segundo passo: isolar a bactéria ou o vírus. Matar o cachorro. Matar o morcego. Cortar sua cabeça. Encontrar os corpúsculos de Negri, os pontinhos pretos no cérebro que parecem grãos de arroz apodrecidos.

Terceiro passo: purificar e replicar o vírus. Você tem uma bala, mas precisa fabricar outras. A partir da replicação genética do DNA e do RNA do espécime infectado, é construído um arsenal.

Quarto passo: injetar o vírus em um animal sadio e ver se ocorrem os mesmos sintomas.

Quinto passo: uma vez confirmado o vírus, sabe-se que é nessa sequência genética, nesse par de DNA específico, que reside o assassino.

Mas apenas uma porção muito pequena dessa composição é de fato perigosa. O resto é apenas a casca, a cobra que circunda o veneno. Assim, em replicações sucessivas, você extrai o veneno e mantém a cobra. Obtém-se, então, o que se chama de vírus vivo modificado que, uma vez injetado no corpo de um espécime sadio, imita o vírus de forma inofensiva. O sistema imune dispara um ataque e conserva uma memória desse ataque, protegendo-se contra outros futuros.

As zoonoses afetam tanto animais quanto seres humanos. Ocorrem na forma de fungos, bactérias, vírus, parasitas e príons, e seus nomes aparecem com frequência nas manchetes dos jornais: aids, antraz, doença da vaca louca, infecção por *E. coli*. Há quase 1.500 patógenos capazes de atingir os humanos, sendo 61 por cento zoonóticos, entre eles o lobos.

O lobos é causado por príons, que são constituídos por proteínas defeituosas, tão parecidas com as proteínas normais que o sistema imunológico não as combate. Não contêm DNA nem RNA, logo o procedimento-padrão de isolamento e sequenciamento não é possível.

– Então, o que vocês estão fazendo?

Neal sorri.

– Isso é ultrassecreto. Digamos apenas que eu fiz uma descoberta importante alguns meses atrás.

Tudo que Augustus sabe é que aquilo está levando uma eternidade. Liga para Neal regularmente para obter informações atualizadas e pode ouvir a frustração na voz do médico. Ele isolou diferentes grupos de camundongos – com alta ou baixa

carga de anticorpos – até obter milhares de resultados. Depois, reelaborou a vacina para que pudesse ser usada em cães e lobos. Agora, está no meio de testes com milhares de outros indivíduos e, uma vez concluída essa etapa, precisará reformular a vacina para os humanos. Então perderá alguns meses, três no mínimo: o tempo de fabricar, embalar e distribuir.

– Por que não podemos simplesmente apressar esse troço? – pergunta Chase com frequência.

Contudo, uma pessoa pode levar de três a noventa dias para manifestar qualquer sintoma da doença, e o centro, por lei, precisa esperar quatrocentos dias para ter certeza de que o agente se manifestou. É claro que eles não têm todo o tempo do mundo: a eleição está próxima.

– Então está combinado – conclui Augustus. – O senhor vai. Vamos arrumar a passagem. Verifique a validade de seu passaporte.

Neal divide o laboratório com três pós-doutorandos de 30 e poucos anos, que continuam a chamá-lo de Dr. Desai por mais que ele diga que não tem problema nenhum chamá-lo de Neal. Estão todos reunidos em volta de um laptop em um canto da sala. Um deles se vira e olha para Neal. Seu nome é Adam. Tem cabelos cor de cenoura e uma barba falhada que cresce principalmente no pescoço.

– Aconteceu uma coisa – avisa ele.

– Só um minuto – pede Neal, e esfrega o osso do nariz. – Eu realmente não quero ir.

– Vamos lá – incentiva Augustus. – Vai ser demais.

– Lá faz frio. Eu detesto frio.

– Dr. Desai – torna a chamar Adam.

– Um instante – pede Neal.

O médico rabisca algo em um bloco de anotações em cima da bancada. Ele e Augustus retiram as luvas, ensaboam as mãos, tiram os óculos de proteção, passam pelas incubadoras, coifas exaustoras e centrífugas até chegar onde estão os pós-graduandos.

– Dr. Desai, o senhor precisa ver isto aqui.

– Ok, ok.

Adam se afasta do laptop, nervoso. Augustus aperta os olhos, fitando o retângulo preto no meio da tela brilhante.

– O que é isso?

– Está em todo lugar – explica Adam. – CNN, AOL, Facebook. Olhe.

Ele mexe no mouse e clica em um botão e Augustus percebe que o retângulo preto é um vídeo pausado que agora ganha vida.

Um rosto preenche a tela. O rosto de um velho. A cabeça não é raspada nem deformada. A pele não está coberta de cicatrizes nem tatuada com caveiras, cobras

ou arame farpado. A voz não é portentosa e cruel. Ele parece um velhinho bondoso. A luz é fraca e seus olhos estão quase ocultos nas sombras, o rosto coberto por cabelos grisalhos compridos e repartidos ao meio. Tirando isso, seu traço mais marcante é o nariz afiado feito uma adaga. Sua voz é calma e tem um sotaque estranho, misto de sueco e britânico. “Os Estados Unidos se alimentaram de nós por tempo suficiente”, diz. “Agora nós que nos alimentamos dos Estados Unidos.”

Augustus vê que um dos olhos do velho é descorado e que ele respira pesadamente, com um assobio entrecortado, como se estivesse prestes a sofrer um ataque de pânico. Não se ouve mais nada a não ser o leve zumbido da gravação. O homem sacode a cabeça. Sua boca treme. Ele se inclina para a frente e o rosto sai de foco por um instante.

O velho então se projeta para trás. A câmera estremece e se endireita. Agora a face está vincada de rugas. Os olhos piscam depressa e lacrimejam sangue. Ele exhibe os dentes em um sorriso cruel e sanguinolento. Afasta-se da câmera até a imagem ficar embaçada, mas depois volta a entrar em foco. Um recinto mal-iluminado. Uma parede de concreto toda marcada. Ao pé dela, está caído um soldado de roupa camuflada. Um rapaz com os cabelos à escovinha já meio crescidos e a pele escurecida por hematomas. Tem os pulsos e tornozelos algemados e a boca tampada com fita adesiva. Está se contorcendo para fugir daquilo que avança em sua direção: o velho, o licano, novamente visível no canto da tela.

Pode ser que haja um grunhido. Pode ser que haja um grito breve abafado pela fita adesiva, mas é difícil dizer. O soldado logo para de se debater e o único ruído que se ouve é de uma criatura se alimentando.

– Balor. – Adam segura o mouse com a mão trêmula e pausa o vídeo. – Estão dizendo que o nome dele é Balor.

CAPÍTULO 40

É a vez de Patrick de visitar e conversar com as famílias, em seguida ir para a patrulha. Às vezes eles saem para deixar caixotes de Volpexx nos chiqueiros. É assim que chamam os conjuntos habitacionais nos arredores da base; ali moram as pessoas sob tutela do Estado, em fileiras e mais fileiras de prédios de concreto com sacos de lixo empilhados no meio-fio, música pulsando atrás de janelas, silhuetas se escondendo em vãos de portas e cadáveres congelados jogados em becos. A cada quinze dias, nas esquinas das ruas, o comboio descarrega dezenas de caixas de papelão embaladas em filme plástico, cada uma com cem frascos de cem comprimidos. Segundo o comandante da base, os licanos têm opção: podem decidir se querem ou não controlar a doença. As Forças Armadas possibilitam essa alternativa. Para alguns, é esmigalhar e cheirar o remédio, depois sair vagando em meio a sonhos enevoados e se transformar em cascas vazias.

Pelo que Patrick sabe, pelo que lhe disseram sua mãe, Claire e muitos dos moradores ali da República, os licanos conseguem controlar muito bem os próprios sintomas sem o auxílio de remédios. De vez em quando, sua unidade passava pelas aldeias de pescadores e visitava as famílias. Eles se agachavam, estendiam barras de chocolate para crianças arredias e falavam “Venham, podem vir” como se elas fossem cachorros. Aceitavam convites para entrar nas casas e ficavam ali, suando, vendo mulheres com braços volumosos prepararem massa na cozinha, velhos fumarem cachimbo e remendarem redes de pesca, crianças pequenas jogarem dominó no chão das salas. Passavam o dia inteiro comendo sanduíches e tomando café. As casas são pequenas, às vezes um cômodo único e grande, com lenha, canos, trenós e esquis armazenados sobre as vigas do telhado. Um cheiro de gordura e peixe paira no ar. Ferramentas e cintos ficam pendurados perto da porta junto com os casacos de frio. Varas de pescar enfeitam paredes, como obras de arte, ao lado de melancólicas pinturas marítimas manchadas de cinza. As pessoas comiam biscoitos muito secos, que pareciam feitos apenas de manteiga e farinha. Falavam finlandês, francês, russo, alemão, chinês, espanhol e inglês. Diziam o quanto eram gratos pela presença das Forças Armadas e pela mina. “Vocês garantem nossa segurança.”

De vez em quando, sozinho ou com a ajuda de um intérprete, Patrick fazia alguma pergunta sobre o pai, mas ninguém conhecia Keith – apenas balançavam a cabeça, lhe ofereciam mais um biscoito e perguntavam se ele gostava da neve. Era raro os esquadrões cruzarem com algum homem jovem. Patrick perguntava por que isso acontecia e o sargento Decker lhe lançava um olhar distraído. “Porque é contra eles que a gente está lutando, seu burro”, respondia.

Durante alguma patrulha, acontecia de eles entrarem em combate. O céu da

República costumava ficar carregado de nuvens e o ar, espesso de neve. Assim, quando as metralhadoras ressoavam e os lança-granadas explodiam, os clarões amarelos e cor de laranja e as trovejantes detonações davam a impressão de que um temporal de verão havia desabado.

Patrick sentia saudades dos temporais de verão.

Depois de alguns rodízios de quinze dias na base, passa a ter a sensação de que os blocos de concreto e as serpentinas de arame farpado estão se contraindo, fechando-se a sua volta, e que ele logo não terá mais para onde ir; em breve, irão rasgar sua carne. Sente que está ficando mais flácido. Que seu tempo está desacelerando. Que perdeu mais um mês do que percebe ser uma busca fracassada pelo pai. Os licanos venceram. Seria melhor ele aceitar isso. Não há outro jeito.

Acabou de varrer e passar pano de chão no alojamento da Guarda Nacional. Põe o esfregão dentro do balde cheio de água marrom e fica parado junto à antiga cama do pai. Já esteve ali várias vezes, mas é a primeira em que está sozinho. Uma luz cinzenta entra pelas janelas. O ar tem cheiro de água sanitária. Uma aranha sai de baixo do colchão, passa por cima dos lençóis e se imobiliza sobre o travesseiro. Patrick se apressa em espantá-la com um peteleco. Deixa a mão pairar por alguns instantes acima do travesseiro, depois acaricia a depressão na qual uma cabeça um dia repousou.

Senta-se. A cama range. Aguarda um minuto em silêncio, põe as pernas sobre o colchão e se deita. Pensa se uma parte de Keith continua ali, dissolvida nos lençóis, pisos e paredes daquele alojamento, observando-o.

Fica olhando as ripas de madeira do beliche de cima. Estão dispostas em um desenho de colmeia. É então que repara em uma coisa. No início, pensa que é uma etiqueta. Mas a textura parece mais esfarelada e amarelada nas bordas.

Patrick toca o objeto, que desliza para o meio das ripas. Um pedaço de papel dobrado duas vezes. Ele se senta tão depressa que sua bota chuta o balde do esfregão, que rola alguns metros para longe, molhando o chão. Patrick olha em volta para se certificar de que continua sozinho.

Não sabe o que esperar. Com certeza não aquilo. Não um papel coberto de hieróglifos. Reconhece a caligrafia enviesada em letras maiúsculas, mas não consegue dar sentido às anotações sobre concentração celular, viabilidade, vitalidade, cepa de levedura, propagador de levedura, hemacitômetro, azul de metileno, pH, pasta de levedura, floculação, oxigênio dissolvido, nutriente de levedura. Ou à palavra que ocorre com mais frequência: metalotioneína.

Então lê uma frase que o faz piscar com força e se lembrar da vala cheia de ossos carbonizados. *Paciente de lobos n. 14: dois dias de melhora seguidos de morte.*

O pelotão faz um novo rodízio e Patrick vai para a força de reação rápida. Logo

estará na linha de ação. Finalmente. Vem trabalhando sem parar com o limpa-vidros e a cera de pisos. Depois de um turno de oito horas, por mais que se esfregue debaixo do chuveiro, não consegue se livrar do cheiro de amônia e água sanitária. Ninguém sabe quando – a agenda é mantida em sigilo por motivos de segurança –, mas o candidato a presidente Chase Williams irá visitar a base em breve e o comandante quer tudo pronto para sair nas fotos.

Só que isso não é mais problema de Patrick. Na véspera, ele participou de um briefing. Em uma clareira perto do arsenal, o tenente-coronel Steve Bennington, um homem grisalho formado pela academia militar de West Point, postou-se diante de uma imensa maquete feita de neve, moldada e esculpida para imitar a paisagem em volta da base. O modelo tinha 20 metros de circunferência e representava 100 quilômetros de terreno. Bennington usou corantes – azul para indicar água, verde para as instalações militares, vermelho para o inimigo – e foi percorrendo morros e vales enquanto apontava as diversas áreas problemáticas que eles deveriam visitar. A principal delas: Ukko, um posto avançado de combate a 70 quilômetros da base que abrigava uma companhia de soldados do 167º Batalhão. O posto havia sofrido repetidos ataques de morteiro e esperava novas investidas na semana seguinte.

– A pressão vai mudar hoje à noite. Vem vindo uma frente quente – afirmou Bennington. – E tempo quente significa problemas.

Nessa manhã, Patrick acorda com o barulho da água pingando nos beirais. Veste uma calça camuflada, camisa verde-oliva, suéter de lã com reforço no ombro. Prende no cinto um rádio, obrigatório para os homens destacados para a FRR, assim todos podem vir correndo quando o chamado for feito.

Patrick caminha até o Centro de Moral, Bem-Estar e Recreação, que ele chama de CMBR. O chão é uma mistura pegajosa de neve e lama. A fila para os computadores é sempre grande e, nessa manhã, ele leva mais de meia hora até conseguir se sentar diante de um Dell com a ventoinha engasgada. O barulho dos homens teclando ressoa à toda sua volta, assim como seus gritos, choros e gracinhas ao falar com os parentes no Skype. Às vezes, olham em volta encabulados, imaginando que estão sendo ouvidos. Na verdade, eles têm certeza disso, pensa Patrick. Um dia, ele falou com a mãe e, na mesma tarde, recebeu uma visita do tenente. Ela era registrada como licana e comunicar-se livremente com ela comprometia a segurança da base. Pouco importava que fosse sua mãe. Ele podia escrever cartas.

Patrick verifica sua caixa de entrada e abre um e-mail de Claire: “Só queria que você soubesse: suas mensagens são importantes para mim. Elas significam que sou importante para alguém. Que eu de fato existo.”

Lê o texto duas vezes. Então, começa a digitar uma resposta dizendo que se lembra do dia em que contou a ela que iria para a República. Estavam na varanda do chalé, e ele gostaria muito mesmo de poder retornar àquele instante. Não viveu

tempo suficiente para ter certeza, mas acredita que, no fim das contas, a vida não passa de uma longa sucessão de arrependimentos como aquele. Lembranças de coisas que se deveria ter feito, que poderiam ter sido, que irão acometê-lo sem aviso quando ele menos esperar, tomando banho ou dirigindo à noite. Não há volta possível. O segredo é olhar para a frente, tentar antecipar os acontecimentos e remediar o erro antes que ele ocorra.

Escreve que faria *o seguinte* se pudesse voltar atrás: no momento em que Claire se levantou do banco, cruzou a varanda a passos firmes e bateu a porta na sua cara, deseja ardentemente ter lhe pedido para não ir adiante. Quando ela se virasse, teria segurado seu rosto com as mãos. Para beijá-la, sim, mas primeiro para gravá-la na memória. Já pensou nisso muitas vezes. Assim os dois teriam tido um vínculo físico que os prenderia um ao outro durante todo aquele tempo.

Agora entende isso. Agora vê o erro que cometeu ao deixá-la partir. “Se você me oferecesse agora um milhão de dólares ou um beijo, eu escolheria o beijo.” Não sabe muito bem se é uma frase boa ou não, mas é sincera. Ele de fato sente isso.

Clica em enviar, dá um suspiro, e então tira o papel do bolso, desdobra e põe em cima da mesa ao lado. Busca na internet a palavra usada várias vezes pelo pai: *metalotioneínas*.

Cada página leva um tempo enlouquecedor para carregar. Segundo um site, as metalotioneínas estão presentes em quase todas as formas de vida. Sua função não é totalmente compreendida, “mas dados experimentais sugerem que elas têm uma função na regulação do zinco e do cobre, na anulação dos efeitos tóxicos de metais como cádmio, prata, cobre e mercúrio, e na proteção das células contra espécies de oxigênio reativo e agentes alquilantes”.

Lê a definição três vezes, depois afunda na cadeira. Não sabe qual o sentido daquilo, mas algum significado tem. Clica em imprimir e torna a guardar o papel dobrado no bolso.



As visitas do Homem Alto são frequentes. Às vezes ele faz perguntas a Jeremy – sobre a Resistência, sobre endereços, e-mails e chamadas telefônicas, sobre dinheiro, administração e infraestrutura, sobre Puck, Miriam, Claire e centenas de outros nomes –, às vezes tira um caderninho preto do bolso do paletó e rabisca algumas anotações.

Porém, o que ele mais faz é machucar Jeremy. Essa é sua principal forma de comunicação: o sofrimento. O Homem Alto o eletrocuta com fios desencapados. Com um alicate, arranca tufo de sua barba, depois das axilas e do púbis. Obriga-o a comer um escorpião vivo. Queima-o com cigarros. Esfrega sal em seus olhos e feridas abertas. Afoga-o em água fria e o queima com água quente.

A princípio, Jeremy aguentou firme. Deixou o próprio corpo para trás, refugiou-se na mente e se pegou, dia após dia, caminhando pela mesma trilha de terra batida na floresta até chegar ao pinheiro retorcido, acionar o galho-alavanca e cruzar o escuro limiar que o conduz até debaixo do chão. Aquele era seu lugar seguro.

Então aquilo se tornou excessivo, as vastas e intrincadas redes de dor que foram se apoderando de cada nervo até seus sentidos e o tormento que lhe varava o corpo se tornarem uma coisa só. Não era como nos programas de TV. O Homem Alto não fazia uma pergunta para depois pressionar Jeremy até ele responder. Em vez disso, torturava Jeremy por muitas horas em silêncio, apenas observando, nunca parecendo piscar, deleitando-se com os gritos, o brilho e a curva de suas muitas ferramentas. Então se recostava em uma cadeira dobrável, abria uma garrafa d'água, tomava um gole, estalava os lábios queimados e indagava: “Acha que está pronto para um intervalo?”

O intervalo só dura enquanto ele fala. Ultimamente, Jeremy está sempre pronto para falar, sempre pronto para um intervalo. Embora outrora tenha se aferrado teimosamente ao silêncio, essa fase agora passou. Sua antiga vida e suas antigas lealdades estão tão distantes da situação atual que parecem uma história que ele um dia leu. Ao falar com o Homem Alto, está apenas narrando um enredo, algo imaginado por outra pessoa, uma informação inofensiva e insignificante.

Às vezes fala sobre a filha e a forma como a bomba a estraçalhou e ele recolheu os pedaços dentro de um saco de lixo. Outras vezes, conta que, quando estudava na William Archer, foi convocado à sala de Alan Reprobis para conversar a respeito de um trabalho que escreveu sobre a violência como forma de protesto, que o professor qualificou de brilhante e incendiário, e que acabaria virando o primeiro capítulo de seu livro *A Revolução*. Às vezes diz que Reprobis organizava encontros tarde da noite na própria casa para discutir questões políticas, planejar protestos e projetar filipetas, a maioria inofensiva. De vez em quando, o professor chamava alguns deles de lado – os “dignos de confiança” – para organizar um ato terrorista: enviar uma bomba pelo correio, danificar freios de veículos, destruir um canteiro de obras. Às vezes fala sobre o semestre que passou na República Lupina construindo casas e lecionando inglês, e sobre como o Mestre o procurou nessa época. É assim que se refere a Balor, e o Homem Alto demonstra grande interesse pelo Mestre.

E às vezes, quando não tem mais nenhuma história para contar, Jeremy inventa outras, qualquer coisa para impedir o Homem Alto de se entediar.



Se seu pai fabricava cerveja, deveria ter um espaço de trabalho em algum lugar da base. Patrick se acha um idiota por não ter percebido isso mais cedo. Meses antes, quando um dos tenentes mencionou de forma casual que seu pai produzia uma ótima

cerveja, Patrick imaginou que ele fosse fã da Anchor Steam. Tem algumas horas de folga e aproveita para fazer buscas.

Olha atrás do refeitório, pensando que os cozinheiros talvez possam ter ajudado o pai com espaço e mantimentos. Verifica os depósitos atrás do CMBR, a oficina, o hangar, o arsenal.

Perto das latrinas, faz uma curva e vê o sargento Decker caminhando meio encurvado como de hábito. Patrick se esconde, abaixa o volume do walkie-talkie e espera os passos se afastarem. Então, seus olhos se fixam em um lugar à frente, depois da maquete de neve arruinada do tenente-coronel Bennington, onde ele avista um antigo barracão de ferramentas próximo à torre de vigia leste.

Já viu aquele lugar dezenas de vezes sem realmente prestar atenção. E agora ali está ele, como um livro velho em uma prateleira abarrotada que de repente se destaca quando seus dedos alisam a lombada de couro. É feito de madeira escura e envelhecida. Está coberto por trepadeiras que o inverno acinzentou e deixou parecidas com veias mortas. Um cadeado mantém a porta fechada. Nenhuma de suas chaves o abre, mas uma pedra, sim. Ele arranca o cadeado da madeira podre.

A lâmpada estala ao se acender e sua fraca luz laranja parece projetar mais sombras do que claridade. Patrick fecha a porta atrás de si. Sente um cheiro de levedura vindo de tambores de 100 litros empilhados no canto. Uma bancada na altura da cintura foi instalada na parede. Sobre ela, Patrick encontra uma bagunça muito parecida com a do espaço de trabalho do pai em casa. Béqueres, pipetas, conta-gotas, jarras e potes de vidro. Placas de Petri. Um microscópio enferrujado. A lâmpada solta um chiado e se apaga. Agora ele só tem a luz inercial que entra pela janela.

Em cima de uma prateleira alta, há fichários pretos e cadernos cheios de uma caligrafia quadrada e miúda feita a lápis, desbotada e borrada. Ele folheia as páginas e lê registros que não consegue entender sobre células de levedura, células azuis, regiões, fatores de diluição e pasta de levedura. Descobre entre os papéis uma correspondência por e-mail impressa. Dá só uma olhada rápida; o conteúdo é impessoal, uma algaravia de termos de química. Dobra os papéis e os enfia no bolso para estudar mais tarde.

Vê uma mariposa pousada em uma mesa e, quando a toca, ela se esfarela. Pega um recipiente de vidro ao lado de onde o inseto estava, cheio de um pó branco já há muito endurecido. Em um pedaço de fita crepe pregado nele lê-se “Metallo”, escrito a caneta preta. Ele o larga e pega um frasco de plástico com tampa de segurança e o conteúdo chacoalha. Gira o objeto na mão até conseguir ler a etiqueta: Volpexx.

Algo se parte sob sua bota com um estalo seco. Ele se afasta da bancada e espia o vão escuro abaixo dela, e ali descobre o cadáver ressequido de um lobo ou cão; é difícil dizer qual dos dois: o corpo está chupado, o pelo se desprende em vários

trechos, o osso da pata traseira se partiu sob seu peso. Há uma focinheira presa à cara e, em volta do pescoço, uma coleira de metal, chumbada à parede atrás do corpo.

Uma coisa é certa: seu pai não fabricava apenas cerveja.

Então, Patrick ouve algo. Um barulho mastigado, cuspidor. Seu olhar recai sobre o walkie-talkie preso à calça. Em pânico, ele aumenta o volume e a voz do sargento Decker, falhada pela estática, lhe enche os ouvidos.

– Chamando todos os esquadrões da FRR, chamando todos os esquadrões da FRR para partida imediata!

Ele não tem mais tempo de pensar no pai. Tudo o que pode fazer é correr. Ziguezagueando pelo labirinto de barracões e fazendo a água do chão espirrar para todos os lados, ele se junta a outros soldados que emergem de becos e portas e disparam em direção ao comboio de quatro caminhões que já os aguarda.

Conforme previsto, a missão é em Ukko. Os tiros e foguetes começaram de madrugada e ainda não pararam. O posto precisa de reforço.

Patrick veste seu equipamento. Verifica os sistemas de armamento operados por equipes: metralhadoras médias e pesadas, foguetes e lança-mísseis. Verifica o encaixe do cartucho na câmara e o ajuste do mecanismo de disparo da metralhadora calibre 50 para se certificar de que a temperatura não a dilatou nem encolheu e deslocou a mira em alguns quilômetros.

Todos se enfileiram junto aos veículos – quatro esquadrões de artilharia, dois Humvees, dois caminhões blindados – e Decker passa à frente deles, batendo no capacete de cada um.

– A Morte montada em um cavalo amarelo, senhores. Vamos lá.



Nesse dia, o Homem Alto se aproxima de Jeremy até seu rosto se tornar a única coisa que existe no mundo. É um rosto inexpressivo, morto, com a pele lustrosa em tons de vermelho, rosa, amarelo e pardo.

– Você quer saber. Mas tem medo de perguntar. Quer saber por que eu sou assim?

O Homem Alto questiona e Jeremy responde – essa é sua rotina –, mas nesse caso ele não sabe o que falar. Será que vai ser punido caso diga algo errado?

O Homem Alto expira pelas narinas que parecem duas fendas, um silvo comprido como um balão que se esvazia.

– Foi há muito tempo. Você ainda nem tinha nascido. Eu era policial em Chicago. Estava no primeiro ano de trabalho e fui destacado para uma patrulha a pé durante os Dias de Fúria. Você sabe tudo sobre os Dias de Fúria, não é, Sr. Saber? Já li seu livro. Acho que é um panfleto muito interessante. Eu sou o outro lado dessa propaganda. Sou um asterisco em um de seus capítulos. Eu sou o que acontece

quando um animal tenta participar de jogos humanos e arruma encrenca. Como você sabe, no dia 9 de outubro de 1969, uma bomba explodiu em frente ao capitólio. Feriu e matou muita gente e atraiu vários outros policiais e curiosos para o local. Nisso eu tiro o chapéu para os licanos. Foi uma isca bem esperta. Eu estava lá, retirando uma mulher ferida do carro, no momento em que a segunda bomba estourou. A gente estava no meio de um lago de gasolina. – Ele abre a boca e sopra na cara de Jeremy. – Puf!

Ele se recosta na cadeira e cruza as pernas. Os joelhos parecem suficientemente afiados para furar o pano preto da calça. Talvez esteja sorrindo, mas é difícil dizer. Fala em um tom casual. Os dois poderiam ser apenas amigos relembrando com nostalgia algo ocorrido anos antes.

– Talvez você não acredite, mas já fui um homem bonito – continua. – E disso você vai gostar. Vai gostar bastante. O responsável por minha condição é seu falecido cunhado, com quem você não estava mais falando. Foi ele o responsável pelas bombas. Isso mesmo. Nunca chegou a ser processado, mas ainda assim a justiça foi feita. Eu mesmo garanti que fosse.

Ele parece prestes a dizer algo mais quando os dois ouvem duas batidas fortes. Antes de o Homem Alto poder se virar na cadeira, o trinco desliza, a porta se abre e um guarda a segura.

– Augustus Remington está aqui para falar com o senhor.

O Homem Alto não tem nem tempo de reagir: um sujeito baixinho com o corpo em formato de pera passa pelo guarda e entra na cela. Usa um terno cinza-claro e uma gravata vermelha. Os óculos e a cabeça calva reluzem sob as lâmpadas fluorescentes do teto.

– Olhe aqui o nosso garoto – diz ele, meneando a cabeça para Jeremy.

O Homem Alto se levanta e, lado a lado, os dois homens parecem estar dentro de uma sala de espelhos de parque de diversão. Não se apertam as mãos, tampouco se cumprimentam. Jeremy não sabe se eles estão ou não à vontade na presença um do outro.

– O julgamento está organizado. Vai ser um tribunal militar.

– Militar? Isto aqui não tem nada a ver com as Forças Armadas.

– Ato de guerra. Estão dizendo que foi um ato de guerra. Vai ser daqui a uma semana. Fiz tudo o que pude para adiar, mas não teve jeito. Alguém aqui abriu o bico. Os jornalistas já farejaram a história. A UALC está protestando. Prisão injusta, confinamento solitário prolongado, suspeita de táticas de interrogatório abusivas, aquele blá-blá-blá de sempre. E toda aquela baboseira sobre violação de direitos humanos.

– O Ato Patriota existe por um motivo.

– Não precisa se defender comigo. Só estou dizendo que, sejam quais forem as

informações que conseguiu arrancar dele, serão consideradas provas inadmissíveis, já que nunca o deixou chamar um advogado.

– O objetivo aqui nunca foi constituir um caso.

Augustus se cala por um tempo e relanceia os olhos do Homem Alto para Jeremy, depois para a mala aberta no chão cheia de instrumentos polidos e reluzentes.

– Bom, então espero que você tenha se divertido. Mas agora a diversão acabou. Eles vão transformar o cara em mártir.

O Homem Alto vai até o outro lado da cela e fita a parede como se ali houvesse uma janela.

– Quem será que vazou para a imprensa?

Augustus não parece escutá-lo. Posta-se diante da cadeira vazia em frente a Jeremy, repuxa as pernas da calça e senta-se com um arquejo de esforço.

– Pelo que entendi, ele vai ser indiciado amanhã por onze crimes. Vai ser transferido para o presídio de segurança máxima no Colorado.

O Homem Alto continua a encarar a parede, de costas para eles, e permanece em silêncio por alguns minutos.

– E quem será que marcou o julgamento junto da eleição? Fico me perguntando...

– Pode se perguntar o quanto quiser.

Augustus espia dentro da mala aberta. Seus dedos se agitam no ar feito uma aranha. Ele acaba selecionando um bisturi e testa o peso do instrumento com a mão, sorrindo para Jeremy.

– Posso?

CAPÍTULO 41

A CNN é a página principal de seu navegador. Toda vez que Claire a abre, vasculha as manchetes em busca de notícias sobre a República ou a Resistência. De vez em quando, surge uma reportagem sobre alguma bomba caseira que explodiu no acostamento de uma estrada e destruiu um carro, ou sobre um ataque de morteiro a um posto avançado de combate. Seus dedos sempre hesitam antes de descer a barra de rolagem. Ela verifica o número do batalhão e expira fundo, sem nem perceber que estava prendendo a respiração.

Nesse dia, Claire não hesita. Escondida em sua mesa reservada na biblioteca, ela não tem dúvida. Sabe qual vai ser o conteúdo da matéria antes mesmo de ler. Está na seção de últimas notícias, um texto escrito em branco sobre um banner vermelho no alto do site: “Líder da Resistência indiciado por onze crimes”.

DENVER – *Jeremy Saber, suposto mandante dos ataques aos aviões em 3 de agosto e do atentado a bomba da Pioneer Courthouse Square, foi indiciado hoje por onze crimes, entre os quais uso de armas de destruição em massa, conspiração para uso destas, ataque com explosivos e homicídio qualificado. Desde novembro do ano passado, Saber está detido em um estabelecimento federal de Seattle, Washington, onde vem sendo interrogado. O sigilo quanto à sua prisão, defendido sob a égide do Ato Patriota, foi recentemente questionado quando uma fonte anônima vazou para a imprensa informações relativas a supostas torturas, entre as quais afogamento, privação de alimentos e meses de confinamento solitário. A UALC abriu um processo contra o FBI e o Departamento da Justiça por violações aos direitos humanos que incluem prisão injusta sem direito a julgamento.*

Saber foi transferido para o Colorado, onde será julgado por um tribunal militar em Fort Collins, decisão surpreendente e amplamente criticada que impossibilitará quaisquer recursos ou adiamentos caso se decida pela pena capital. As autoridades federais se negaram a comentar o assunto e declararam apenas que as Forças Armadas qualificaram os ataques aos aviões e o atentado na praça de atos de guerra.

Voltando da biblioteca, Claire mantém o capuz erguido e a cabeça baixa, entretida nos próprios pensamentos. Após o bombardeio na praça do tribunal, a imprensa publicou várias matérias sobre invasão a esconderijos e prisões, mas, por supostos motivos de segurança, o FBI não divulgou nomes ou quaisquer outros detalhes que pudessem comprometer a investigação. Houvera outros ataques: um carro-bomba tinha explodido durante um desfile de Natal; um galão plástico de 40 litros de diesel e detergente detonado dentro de uma igreja metodista se incendiara e seus pedaços

flamejantes grudaram em tudo ao redor. O atentado à praça do fórum, porém, fora o mais dramático e produziu o maior número de vítimas. Diversas câmeras o filmaram do início ao fim e o resto do país sofrera em primeira mão o impacto da van sendo destruída, da árvore de Natal pegando fogo.

Na época, Claire e Miriam saíram do chalé e se mudaram para um quarto em cima de um bar chamado O Viajante Cansado, onde, semanalmente, pagavam o aluguel em dinheiro vivo. Alegando que precisava fazer umas pesquisas, Miriam abandonou Claire por vários dias com ordens para permanecer no quarto. Claire assistia a especiais natalinos e contemplava a neve pela janela, ouvindo as batidas da música no bar logo abaixo, preocupada com Patrick.

Quando enfim voltou, Miriam ficou parada no vão da porta, a neve derretendo nos cabelos, e falou que Jeremy fora preso.

– Só Jeremy?

– Só ele.

– Como isso é possível?

– Os federais receberam uma denúncia anônima de um celular encriptado. Ele estava sozinho no esconderijo quando a polícia chegou.

– Foi Puck – assegurou Claire. – Só pode ter sido ele.

– Puck morreu. – Miriam fechou a porta atrás de si e se apoiou nela.

Claire perguntou o que ela pretendia fazer e sua tia respondeu que não havia nada a ser feito, pois o próprio Jeremy se metera naquela enrascada. Em seguida, trancou a porta com decisão.

Aquilo fora o início da relutância de Miriam em compartilhar informações. Antes, Claire se sentia uma discípula; agora, Miriam a tratava como uma sobrinha mimada. Nos meses seguintes, elas visitaram várias cooperativas de crédito e bancos para sacar e depositar dinheiro; se mudaram para um apartamento em Hawthorne, Portland; Miriam organizou a matrícula da sobrinha na William Archer; visitaram uma livraria, fizeram compras em uma loja de material esportivo e comeram kebab de porco na brasa nas barraquinhas coreanas; caminharam por Forest Park e ficaram paradas na chuva diante do monumento comemorativo construído na Pioneer Courthouse Square. Toda vez que Claire fazia perguntas, a tia dava de ombros e respondia: “Não se preocupa com isso.” Claire às vezes acordava no meio da noite e flagrava Miriam olhando pela janela ou navegando por sites sobre o atentado da praça. Sabia, pela rigidez de suas costas, que o rapto havia modificado algo no relacionamento das duas.

Aqueles meses foram o presente da normalidade, que sumiria no exato momento em que elas se despedissem na estação de trem. Então, Miriam começaria a caçar.

Mal sabia ela que iria se transformar na presa.

Claire não está preocupada com Jeremy, mas com Miriam. O indiciamento do tio,

assim como a descoberta de Reprobis nas velhas fotos de jornal, veio simplesmente se somar ao pânico cada vez maior que ela agora sente. A sensação de que as coisas estão se encaixando e ao mesmo tempo fugindo ao controle.

Chega de lenga-lenga. Ela precisa de respostas.

A noite caiu. As nuvens estão baixas. Ao longe, Claire pode ver as luzes amarelas de Missoula refletidas no céu nublado. Reprobis costuma ficar em sua sala até tarde. Ela vai até o Carver Hall, localiza a janela da sala do professor e fica esperando até as luzes se apagarem.

Um minuto depois, vê Reprobis passar pela porta, descer a escadaria e seguir encurvado pela calçada com o passo tranquilo de um homem velho a quem ainda resta bastante vigor. Muitos dos docentes e funcionários moram em Missoula, mas o professor sempre menciona seu passeio matinal até o campus, ou seja, sua casa se situa no Campustown, o pequeno conjunto de imóveis pertencentes à universidade.

Tenta manter uns 50 metros entre os dois, mas entra em pânico toda vez que ele desaparece atrás de alguma construção ou em meio às árvores. Tira as botas e caminha apressada segurando-as. Os passos dele fazem ruído ao bater no chão, mas os seus mal sussurram. Claire dobra uma esquina e o encontra parado no caminho 10 metros adiante. Entra em pânico e então vê a centelha de uma chama, uma lufada de fumaça. Reprobis recomeça a andar e ela o segue, deliciando-se com o aroma do tabaco do cachimbo dele. Lâmpadas de emergência e postes projetam poças de luz que ela evita, atendo-se às sombras.

Poderia chamá-lo e pronto. Mas o que iria dizer? Iria perguntar se ele conhecia seu pai? Precisa ter certeza. Uma imagem pixelada de muitas décadas atrás fornece apenas informações limitadas.

A casa dele é igual a todas as outras do local, com dois andares, quadrada e marrom, construída nos anos 1970, com um pequeno quadrado de grama nos fundos e outro menor ainda na frente. Claire se esconde atrás de algumas sebes do outro lado da rua e observa as janelas da residência dele se acenderem, depois aguarda uma hora até escurecerem. Passada mais uma hora, testa a porta dos fundos e constata que está destrancada.

Na parede, há um relógio antigo cujo tique-taque a faz pensar em uma bomba, e ela tem a sensação de que precisa correr para desativá-la, as mãos cautelosas mas o coração aos pulos, enquanto abre e fecha as gavetas da escrivaninha dele, folheia os papéis e tenta lê-los à luz fraca da lua que se derrama pelas janelas.

Uma hora mais tarde, está muito inquieta e prestes a desistir. Como não sabe o que procura, obriga-se a examinar tudo. Recibos, declarações de imposto de renda com vinte anos de idade, manuais de instruções de cortador de grama, micro-ondas, fax, laptop.

Laptop. Reprobis era um ludista confesso que se recusava a trocar e-mails com os alunos, logo ela se espantara ao ver uma velha máquina de escrever sobre sua escrivaninha. Mas ali estava o manual de instruções de um HP Pavilion e um recibo de dois anos atrás. Ela torna a vasculhar o escritório e depois a sala, mas não acha nada. Deve estar na sala dele na universidade ou no andar de cima.

Durante esse tempo todo, manteve a mochila nas costas, sem querer largá-la em algum lugar e acabar esquecendo. O peso, combinado com o cheiro de fumo de cachimbo velho e naftalina, começa a lhe dar dor de cabeça. Ela vai até o pé da escada de madeira, que fica ao lado da cozinha. Com o canto do olho, vê uma luz azul tremeluzente. É o laptop, ligado na tomada, em cima da bancada. Um fio de telefone vai da parede até a máquina. Conexão discada.

Claire abre o aparelho devagar, o processador ronrona e a tela pisca duas vezes e se acende. Ele é ingênuo, preguiçoso ou incompetente demais para usar uma senha de proteção. Ela imagina, porém, que não terá a mesma sorte com seu e-mail. Na barra de ferramenta, clica no ícone do servidor. Uma janela surge, pedindo senha. A frustração logo se evapora ao ver todas as mensagens acumuladas na caixa de entrada e as três mil listadas na lixeira. Os parâmetros de segurança dele são mínimos. Ao ignorar o pedido, Claire não pode baixar nenhum e-mail novo, mas tem acesso a tudo o que está arquivado.

Passa meia hora analisando mensagens e clicando sem encontrar nada de extraordinário. Congela ao ouvir passos no andar de cima e o piso de tábuas ranger. Fecha o computador depressa e se prepara para sair correndo quando ouve o professor usando a privada, o barulho da descarga, mais passos e o gemido distante das molas de um colchão. Aguarda em silêncio por um tempo até os roncos descenderem pela escada outra vez.

Abre o laptop e olha a caixa de itens enviados. Está nas mensagens de julho, já quase desistindo, mas vê um endereço conhecido: mairimiriam@yahoo.com.

Clica para abrir a mensagem. “Eu prometo”, diz o texto. No início pensa que Miriam escreveu aquilo, depois se dá conta de que foi Reprobis que o enviou. Ele lhe prometeu... o quê?

Desce e lê o que Miriam escreveu: “Me promete que não vai deixar ela se envolver.”

Continua escutando os roncos de Reprobis. Poderia se aproximar da cama e cutucá-lo com o canivete até ele acordar. Vai até o pé da escada, que faz uma curva até desaparecer nas sombras. Não confia nela. Não tem a menor ideia da planta do andar de cima e, em uma casa antiga como aquela, qualquer degrau pode ranger.

Não sente qualquer indecisão, nenhum desejo temeroso de fugir. Isso para ela acabou. Está cansada de não saber as coisas, de ser tratada feito criança.

Vai até a sala e tira uma das meias. Bem devagar, desenrosca a lâmpada de uma

luminária e a põe dentro da meia. Usa as mãos para esmigalhar a lâmpada.

No pé da escada, aguarda outro ronco para despejar o vidro com cuidado sobre o piso de linóleo. O luar faz os cacos cintilarem.

Na copa, há uma mesa redonda de madeira com um *The New York Times* em cima. O mais silenciosamente possível, Claire rasga a primeira página e olha para cima, na direção do detector de fumaça, seu olho vermelho piscando.

Vai até a cozinha, acende uma das bocas do fogão e leva o jornal à chama. Hesita por um instante, com o papel já queimando na mão. Não havia reparado na manchete sobre Jeremy – “O soldado do infortúnio” – ilustrada por uma fotografia tirada de longe que o mostra vestido com um macacão laranja-fosforescente e sendo arrastado de um carro por homens de terno preto. Não o teria reconhecido. Estava careca, pálido como um verme e tão magro que os joelhos pareciam prestes a se partir. Reconhece, porém, o homem ao lado que o segura pelo braço: é o Homem Alto. Embora o rosto esteja borrado e irreconhecível, sabe que é ele. As chamas a amedrontam e a fazem voltar à realidade; o fogo se espalha por cima de Jeremy e do Homem Alto, deformando e enegrecendo seus corpos. Claire corre até a copa, sobe em uma cadeira e segura o jornal até queimar as pontas dos dedos e o alarme de incêndio disparar.

Os restos em chamas do papel flutuam até o chão, onde se carbonizam, se curvam e se apagam. Ela se esconde atrás da bancada da cozinha e tenta ouvir por sobre a sirene aguda do alarme. Aposta que ele vai se levantar da cama atordoado e em pânico. Que todos aqueles anos morando e lecionando no campus o deixaram mole. A porta destrancada lhe dá confiança de que isso é verdade.

Bem acima de sua cabeça, ouve um baque quando Reprobis sai da cama. Ele desce a escada sem tomar cuidado, apressado na casa escura, ainda não de todo desperto. Ela queria ter levado sua Glock, mas a faca serrilhada que sacou do bolso terá de bastar.

Ouve os passos ficarem mais altos – ele está quase no térreo – e então um grito, um latido de dor. Pula de trás da bancada a tempo de vê-lo cair na escada e se encolher no chão, gemendo. Ele veste camiseta e cueca brancas. Está segurando os pés e seu sangue parece negro ao luar.

Claire aciona o interruptor e, com a faca em punho e o alarme tocando, aproxima-se dele.

Reprobis ergue um braço para se proteger da súbita claridade. A dor e a incompreensão no rosto se transformam em um prazer perverso quando ele a vê em pé do seu lado.

– Claire. Como posso ajudá-la?

Claire limpa a própria bagunça. Pinça, folhas de papel-toalha sujas de sangue.

Ataduras. Uma vassoura tirada do armário, uma pá despejando cacos na lata de lixo com um tilintar. Reprobis fica sentado na copa observando-a, ri e diz que ela com certeza sabe o que fazer para chamar atenção. Ainda está de cueca e camiseta, com uma garrafa e um copo de uísque pela metade sobre a mesa.

Claire sente vergonha e alívio. Alguém que a conhece, que a chama pelo nome. Parece ser um fantasma que vive atravessando paredes, infeliz, e subitamente se assombra com a resistência da carne. Ela existe.

– Você sabia quem eu era esse tempo todo.

– Como você acha que conseguiu se matricular? Miriam foi minha aluna, sabia?

– Não, não sabia. Tem muita coisa que eu não sei. As pessoas parecem gostar disso. De eu não saber das coisas.

Ele une a ponta dos dedos e sorri.

– Eu estava cumprindo ordens, sabia? Parece que era o que seu pai queria. Que você não soubesse. – A voz dele passa de brincalhona a zombeteira no espaço de uma frase.

Ela pode lhe perguntar sobre isso depois. Por ora, precisa falar sobre Miriam e os vídeos. O sorriso do professor desaparece ao escutá-la. Ele passa uma das mãos pela barba.

– Você não pode entrar em contato sem ser por e-mail? Não tem ideia de onde ela esteja?

Claire faz que não com a cabeça.

– Sua tia sabe se cuidar. Eu acredito nisso. Mesmo assim, é uma notícia perturbadora.

O professor lhe diz para pegar um copo no armário. Ela obedece e ele lhe serve dois dedos de uísque, erguendo o copo para um brinde. Claire hesita um instante antes de fazer o esperado. Bebe e franze o rosto.

– Tem gosto de fumaça.

– É por causa do fogo que acende dentro da gente.

Os olhos dele são bondosos, mas úmidos. A barriga se avoluma sob a camiseta. Os braços são finos, cheios de manchas; as pernas, brancas e sem pelos, coxas gordas e cambitos. O poder de Reprobis é a voz, grave, ribombante, rascante por causa da fumaça do cachimbo; é o que controla um auditório cheio de alunos e intimida Claire mesmo agora, apesar de sua aparência frágil.

– Eu preciso saber o que vocês estão me escondendo – diz ela.

Ele faz um gesto de cabeça para indicar a faca no bolso de Claire.

– Se eu não disser, você vai me cortar?

– Talvez.

– Eu quase acredito. Você é que nem sua tia: sabe meter medo.

Reprobis termina o uísque. Algumas gotas ficam presas na barba e ele estica a

língua para lambê-las.

– Fale.

Ele olha para o relógio do forno e vê que já passa da meia-noite.

– Está disposta a dar uma volta? Eles ainda devem estar lá.

A lâmpada estilhaçada cortou seus pés, o direito mais do que o esquerdo, onde um caco maior abriu um corte fundo no centro. Claire o ajudou a calçar dois pares de meias, mas ainda assim o professor manca durante o curto trajeto até o centro recreativo.

– Sinto muito – diz ela.

– E deve sentir mesmo – retruca ele. – Maltratar um velho desse jeito.

Uma lua crescente corta o céu como uma foice. Os dois passam por árvores de galhos desfolhados e sebes de agulhas negras. O campus está silencioso, exceto pelo zumbido de uma ou outra lâmpada. Reprobis aponta para duas corças que pastam junto à borda do gramado.

– É a época em que elas migram. Sentem que o inverno está chegando.

Eles dão a volta no centro recreativo, que fica bem ao lado de um morro cheio de árvores, e o chão desce até os andares inferiores do prédio. As árvores se adensam ao redor, escondendo o céu, e no início Claire não vê o caminho de cascalho curvo que sai da calçada. Segue Reprobis a uma curta distância até uma porta de manutenção de aço, uma entrada lateral. O professor tira um molho do bolso e procura a chave certa. Enfia-a na fechadura e abre a porta.

– Chegamos.

O cheiro entra nas narinas antes de seus olhos se adaptarem à luz. Um covil. Por uma fração de segundo, receia ter se metido em algo perigoso, se abrindo com Reprobis com demasiada facilidade. Anseia tanto por confiar em alguém que nem lhe ocorreu questionar as motivações dele ao levá-la até aquele lugar. Detém-se na soleira, meio dentro, meio fora, mas ele a segura pelo pulso e a puxa para a frente.

– Anda logo.

Um aparelho de som que não está à vista toca música. Thrash metal. Uma voz berra, uma guitarra uiva, uma batida forte pulsa. Não há janelas e o piso é de concreto. O pé-direito tem mais de 5 metros. Das vigas de aço pendem grossas cordas de escalada e as correntes de pesados sacos de boxe rasgados e remendados com fita adesiva. Velhos aparelhos de ginástica – traves, cavaletes, cavalos para salto, barras fixas e paralelas – foram dispostos de um jeito esquisito pelo espaço. Claire vê o que pensa ser um tronco de árvore estraçalhado em pé no canto. O chão parece manchado de sangue seco e fresco.

Assimila tudo isso em apenas alguns segundos, e então sente os olhos fitando-a. E

vê os licanos. São todos homens nus. Estão em pé junto a um saco de pancada que oscila e range, preso a uma corrente. Pendurados na metade de uma corda por um só braço. Agachados em cima de um cavalete. Têm as bocas vermelhas e escancaradas. Os corpos cheios de pelos e músculos. Estão olhando para ela. Bem devagar, enquanto a música prossegue furiosa ao fundo, o que está perto do saco começa a se aproximar.

Seu abdômen encolhe e se expande como se ele a estivesse farejando. Os olhos se fecham e o corpo treme. Ele solta um grito de dor evidente, cai de quatro no chão e começa a arquear as costas e abaixar a cabeça. Quando ergue o rosto para Claire, ela o reconhece: Matthew. Ele leva um minuto para se levantar, endireitar o corpo comprido e soltar uma expiração trêmula.

Perto de onde estão, há um tanque industrial, uma mangueira enrolada e uma pilha de toalhas. Matthew joga água no rosto e limpa o sangue e o suor. Alguém desliga a música e, no súbito silêncio, ele a encara e cumprimenta:

– Oi.

Claire tenta se concentrar não em seu corpo, mas no rosto.

– Que lugar é este?

Ele enrola a toalha na cintura.

– Basicamente, é onde a gente solta os bichos.

– Ou vira bicho – acrescenta Reprobis.

Claire se esquecera dele. O professor pousa uma das mãos em seu ombro.

– Você está entre amigos, Claire.

CAPÍTULO 42

O comboio desce o morro. Os caminhões blindados são lentos, capazes de resistir a minas e emboscadas, mas Patrick está a bordo de um Humvee. O veículo recebeu blindagem dos mecânicos e foi incrementado com uma suspensão mais potente e vidro à prova de balas, porém ele já viu carcaças serem rebocadas por caminhões até a base e sabe que uma bomba caseira pode amassar e cortar metal como se fosse papel.

Passou tanto tempo confinado à base que o campo bordejado de neve do outro lado da janela o faz se sentir livre, como se o jipe pudesse sair flutuando pelo espaço. Em um piscar de olhos, a floresta surge e os engolfa, e as árvores ocultam a maior parte do céu, com exceção de alguns finos fachos de luz, proporcionando-lhe um estranho reconforto.

Eles vão até o fundo do vale e passam pela cidade de Hiisi, primeiro pelos bairros onde os mineiros e pescadores vivem em casas quadradas e modestas, depois por um estreito labirinto irregular de prédios em ruínas, muitos deles meras pilhas de madeira e pedra desmoronadas, todos colados e despencando uns por sobre os outros, a não ser nos pontos em que um incêndio abriu um buraco. Passam por uma moto com pneus cravejados de tachinhas metálicas para o inverno, por um grupo de crianças que não acena, por um carrinho sacolejante de cores vivas que transporta produtos até um mercado.

Nas janelas e portas, Patrick sente os olhos observando-os. Sombras se movem. O interior do Humvee embaça toda hora, então eles abrem uma fresta das janelas, por onde entra o cheiro agri-doce da decomposição, assim como de esgoto e lixo.

No final da cidade, passam por um cemitério superlotado. Apenas alguns túmulos estão assinalados. Alguns corpos estão enterrados; outros, cobertos por pedras ou montinhos de neve, largados ao relento. Cadáveres enegrecidos já meio putrefatos. Esqueletos cor de gelo velho. Um cachorro passa trotando, segurando um fêmur na boca como se fosse um graveto. Às vezes, um, dois ou três homens enfiam uma pá no solo pedregoso e congelado para cavar um túmulo. Mas nem sempre conseguem acompanhar o ritmo da morte e, quando a primavera chegar, o tempo esquentar e começar a chover, a carne podre irá enlamear o chão e as moscas irão se juntar feito nuvens de tempestade.

Patrick observa tudo com um interesse passageiro, a atenção voltada para dentro. Não consegue parar de pensar no pai e em seu barracão, nas anotações deixadas por ele e no que poderiam significar. Por causa disso, da agitação da mente, não se sente tão nervoso quanto deveria. Trevor está sentado ao lado, ainda com a pele de lobo presa ao capacete e pendurada nas costas exalando um cheiro de carne. Sempre que

ele tenta falar, o líder do esquadrão o manda calar a boca. Patrick agradece por isso.

Eles saem do vale em direção ao norte, depois viram para o leste entre dois morros baixos de cume plano; as estradas pioram a cada quilômetro. Margeiam um fiorde e, por um breve instante, um bando de gaivotas rodeia o comboio, guinchando mais alto do que os motores e batendo as asas junto às janelas antes de voar para longe. Em seguida, as paredes listradas de um cânion os cercam e eles começam a subir rumo a um estreito e sinuoso desfiladeiro que irá levá-los até o vale seguinte, onde fica o posto avançado de combate.

O sol está bem na sua frente, em perfeito alinhamento com a fenda do cânion, e os ofusca ao refletir na neve. Apesar dos óculos escuros, Patrick estreita os olhos. Aquela paisagem parece se gravar em suas retinas e a brancura dá a impressão de infectá-lo de tal modo que tudo que ele vê é o branco; nada se destaca, todos os objetos se fundem em uma imagem informe.

Decker está na frente do comboio e Patrick ouve sua voz grasnar no rádio.

– Devagar. Problemas logo adiante.

O cânion se abre em uma clareira em forma de U com 500 metros de comprimento e 250 de largura. No fim da clareira, onde a estrada torna a se estreitar entre as paredes do cânion, um deslizamento impede a passagem.

Trevor solta um palavrão ao tentar beber água do cantil justo no momento em que o Humvee freia de repente.

– Cacete, que azar – comenta, e tenta inutilmente enxugar a água que lhe molhou o peito.

Ouve-se um tilintar de vidro quando a bala o rasga. A cabeça de Trevor dá um tranco para o lado. No lugar do olho, há agora um buraco que verte sangue. O cantil cai no chão e a água esguicha e gorgoleja ao escorrer entre suas botas. Ele treme como se sofresse de epilepsia, então cai para o lado, a cabeça repousando sobre o ombro de Patrick.

Não sabe ao certo quanto tempo se passa. Talvez poucos segundos, talvez um minuto. Está absorvido demais pela sensação do sangue lhe aquecendo o ombro e da cabeça do colega pesando. É despertado do torpor por uma explosão tão forte que o para-brisa do carro estoura e o veículo balança. Junto à dianteira do comboio, Patrick vê uma nuvem preta de fumaça rodopiar em direção ao céu até encobrir o sol. Prestes a perguntar ao líder do esquadrão o que fazer, percebe que é o único que sobrou dentro do Humvee. As portas do motorista e do carona estão abertas e tiros ecoam do lado de fora. Homens gritam.

Patrick se precipita para agarrar a maçaneta da porta quando outra bala passa chispando por sua janela e atinge o banco perto. Ele se dá conta de que está do lado do veículo voltado para o combate e que, se sair, vai acabar crivado de tiros. Ouve mais uma bala ricochetear na porta, solta um palavrão, segura o M4 com força e

passa por cima do corpo de Trevor até chegar ao canto oposto do Humvee, onde se deixa cair pela porta e gruda o corpo no chão de neve.

Ouve uma voz gritar: “Esquadrão em V, esquadrão em V!” Duas equipes atiram para a frente, uma para trás. De alguma forma, os motoristas dos veículos tiveram a reação certa e os carros e caminhões blindados estão parados em uma diagonal estratégica, em vez de em linha reta em relação à zona de ataque.

Patrick espia de trás de um pneu e vê um dos Humvees carbonizado e destruído, não sabe se por uma bomba caseira ou por um tiro de bazuca. Vê os corpos esparramados de três soldados cujo sangue se destaca sobre o branco da neve. Outro soldado está dependurado para trás na torre rotatória de um caminhão.

Os licanos se posicionam de costas para o sol. Patrick não consegue enxergá-los direito. Tenta proteger os olhos com uma das mãos, mas tudo o que consegue distinguir são os tiros estourando como pontinhos de luz. Parecem estar por toda parte e ele não consegue calcular quantos são.

Estão em um beco sem saída.

Reconhece Decker mais para a frente do comboio. O sargento põe um lança-foguetes sobre o ombro, dá a volta em um caminhão e dispara a arma. Ela cospe chamas e emite um silvo de fogos de artifício em sua trajetória de 50 metros até acertar a parede do cânion.

Ouve-se um estrondo ensurdecedor. Uma gigantesca labareda se forma. Pedras chovem em cima dos licanos. Patrick tenta se lembrar do treinamento. Disparar do meio de destroços, de uma barricada, de bruços. Alternar fogo lento e rápido para poder analisar cada tiro e determinar se acertou ou errou o alvo. Localizar o alvo com uma busca ultrarrápida e, caso ela fracasse, efetuar um exame sistemático do terreno usando um método de faixas sobrepostas: varredura de 50 metros, de 100 metros, de 150 metros. Tudo isso e muito mais embota seu raciocínio e o deixa paralisado durante alguns segundos.

Não, aquilo não. De novo não. O mesmo medo que sentiu no avião. Congelando os braços, paralisando as pernas, sufocando a respiração. Transformando cada parcela do corpo em um emaranhado de nervos que ele é incapaz de controlar. Patrick se agacha atrás do Humvee, petrificado e ao mesmo tempo desesperado com a própria inação.

Escuta o barulho de algo pingando, olha para baixo e vê sangue empoçando no chão junto à porta aberta. O sangue de Trevor, derretendo a neve e a transformando em desenhos de lama vermelha que o fazem lembrar testes de Rorschach. O que ele vê? O destino que o aguarda se ele não agir.

De repente, sente-se aliviado da tensão que o dominou, sobe a bandoleira do M4 mais para cima no braço, solta a trava de segurança, escora a coronha no ombro, levanta-se e dispara vinte vezes na direção do deslizamento de terra. Torna a se

abaixar atrás do carro e lembra a si mesmo de respirar; as golfadas de ar que agora sorve estão quentes e empesteadas de fumaça.

Sente uma granada sacudir as paredes do cânion e reverberar em seus ossos. Ouve uma saraivada de tiros, primeiro de um lado, depois do outro. Escuta as balas ricocheteando em metal. Decker chama seu nome e lhe diz para se juntar aos outros mais adiante. Aguarda a respiração se estabilizar e irrompe de trás do Humvee. Mexe as pernas o mais depressa que pode, mas não consegue correr na neve e seus passos são incertos, os pés escorregam.

No alto do cânion, perto do céu, observa o que parece um raio. Dá mais três passos antes de o raio o alcançar. O chão se abre com uma explosão vulcânica que transforma a neve em vapor. Patrick é lançado para cima e seu capacete e uma de suas botas são arrancados. O mundo fica preto quando ele acerta o chão a 3 metros de distância, depois volta a embranquecer.

Ele passa um bom tempo ali deitado, sem forças nos braços ou nas pernas, incapaz de se mexer. Vê o céu, uma montanha coberta por um manto de neve, e em cima dela o que de início pensa ser uma árvore, uma mancha preta contra todo aquele azul. Pergunta-se distraidamente como ela conseguiu sobreviver em um solo tão árido.

A árvore se mexe. Ergue não um galho, mas um braço, fazendo sinal para os que estão lá embaixo, sai da borda e desaparece. É um licano vestido de preto.

O tiroteio prossegue; Patrick não sabe por quanto tempo. Mas tudo irá terminar em breve. Se ainda estiver vivo dali a alguns minutos e os licanos resolverem examinar os corpos para revirar os bolsos e se apropriar de armas e apetrechos, ele irá morrer. Seu fuzil está ali perto, mas ele não consegue esticar o braço para pegá-lo; nem sequer sente as próprias mãos, não tem energia ou força de vontade suficientes para arrastar o braço na direção da arma. Há alguma coisa errada com seu ombro, algo quente e vermelho. Imagina que seja um planeta, uma bola rodopiante de gás tóxico.

Em instantes desconexos, registra o frio que lhe penetra a pele, o cheiro de sangue, a fumaça de armas ao redor. Está em choque. É assim que se diz, mas reconhecer a palavra não funciona como antídoto. Seu campo de visão ondula. Ele acha que pode ter tido uma concussão, só que as letras não se juntam da maneira correta na sua cabeça: concessão, comoção, concepção? Será que teve uma concepção?

Seus pensamentos se embaralham mais e mais a cada minuto, como gelo a embaçar uma vidraça. Ele quer dizer para alguém, para qualquer pessoa: “Está vendo, *está vendo*, eu não sou mais tão milagroso assim, sou?” Mas não há plateia. Em determinado momento, percebe que o cânion está envolto em sombras e o sol mais baixo no céu. A noite se aproxima. De noite é quando ele dorme. No limiar entre a vigília e o sonho, a última coisa em que ele pensa é como a neve é macia

feito um travesseiro e o quanto ele gostaria de descansar um pouco.

CAPÍTULO 43

No oeste do estado de Washington, tudo é coberto de musgo e tem cheiro de minhoca. Chove quase sempre. Há manchas de ferrugem nos carros por causa da maresia. Em setembro, Miriam encontrou um motel na periferia de Tacoma cujos responsáveis não faziam perguntas e a deixavam pagar em dinheiro vivo uma vez por semana. O quarto tinha paredes revestidas de pinho, um carpete manchado e luminárias no teto, escuras de tantos insetos mortos. Podia-se fumar dentro do prédio. Em frente a três dos sete quartos, havia espreguiçadeiras e churrasqueiras portáteis. Outras pessoas moravam ali, entre elas um sujeito desdentado que ela desconfiava ser fabricante de metanfetamina e uma puta de cabelos louros sujos que usava a mesma minissaia roxa todos os dias.

O centro de detenção federal fica 20 quilômetros ao sul de Seattle. Não há cercas ao redor. Nenhuma torre de vigia margeia o perímetro. O entorno é estranhamente público, perto de uma locadora de carros usados, um pub chamado Curral de Touros e uma mercearia, em frente à qual sempre estaciona a Ramcharger. Fica sentada dentro da caminhonete olhando para o centro, um prédio cinza de ar institucional que mais parece um castelo medieval impenetrável.

Há uma Starbucks em cada esquina da cidade e ela aproveita o wi-fi gratuito para fazer buscas. O edifício foi construído em 1997 e tem capacidade para 677 prisioneiros. Alguns já foram condenados, outros aguardam sentença. Seus crimes vão de criptoanarquia a terrorismo, passando por fraude eletrônica, roubo de aeronave e assalto a banco. Uma ligação feita de um telefone público revelou que Jeremy não constava na lista de presos, mas isso não queria dizer nada.

Miriam não tem confiança nem paciência para toda a burocracia que terá de enfrentar para solicitar a planta do presídio, logo pesquisa quem é o arquiteto e o encontra com facilidade na internet. Uma noite, arromba seu escritório e rouba as plantas junto com três computadores para fazer parecer um assalto normal.

Desenrola os papéis com os desenhos sobre a colcha estampada com borboletas de sua cama e, para que fiquem abertos, coloca em cima os tênis sujos de lama e livros de bolso comprados em mercearias. Não gosta do que descobre. Todos os corredores e escadas têm portas de segurança acionadas por alarmes. Os dutos de calefação são equipados com grades de tanto em tanto para evitar que alguém rasteje por eles. Cada andar tem um posto de controle na entrada, inclusive os dois subterrâneos. Não há janelas nas celas, que seguem as especificações de segurança máxima. É lá que ele deve estar.

Miriam repassa uma infinidade de alternativas possíveis. Imagina-se entrando pela porta da frente com uma espingarda encostada no pescoço de um refém. Provocando

um curto-circuito para fazer a energia cair e um incêndio nos dutos das fornalhas, em seguida entrando com os bombeiros. Seguindo uma das agentes penitenciárias até em casa, prendendo-a a uma cadeira com fita adesiva e interrogando-a sobre a planta e os procedimentos do centro, depois vestindo seu uniforme e torcendo para conseguir entrar sem ninguém perceber.

Exercita-se diariamente, embora não saiba ao certo para que está se preparando. Sabe apenas que deve aquilo ao marido, com quem já não concorda mas por quem, é claro, ainda sente amor. É necessário tentar libertá-lo. Não tem a menor dúvida de que ele é torturado e de que será executado. Pensa nele ao correr pelas trilhas que cortam a floresta, ao vestir a roupa de mergulho para nadar no estuário de Puget Sound e ao fazer barra fixa – braços afastados, pegada estreita, supinada – e abdominais erguendo as pernas unidas, em um parque próximo.

Não consegue se livrar da sensação de ser vigiada e carrega sempre uma faca ou uma arma de fogo, parando várias vezes em vãos de porta e esquinas. À noite, a janela de seu quarto de motel parece um olho negro a espiá-la, por isso ela fecha as cortinas e dorme com uma espingarda ao lado na cama como se fosse um amante cheirando a óleo.

Um dia, o viciado em cristal a chama de meu bem, Miriam lhe mostra o dedo médio e ele a xinga de piranha. Na manhã seguinte, ela encontra o pneu dianteiro esquerdo da Ramcharger rasgado, vai direto até o quarto dele e abre a porta com um chute. Encontra-o se drogando, enfia a cara dele no espelho, bate com a tampa do reservatório da descarga nas costas dele e diz que, se ele mexer com ela outra vez, vai morrer.

Estaciona à frente da mercearia, abaixa a janela e fica perscrutando o centro de detenção, sem saber o que procura mas sem ter ideia do que mais pode fazer. Imagina o marido em algum lugar no interior daquele prédio. A primeira coisa que ele lhe disse na vida foi que gostava de seu cheiro. Não era uma cantada barata. Ele realmente o sentia; suas narinas chegavam a inflar. Jeremy sempre foi assim, direto, agressivo, ávido e insistente. Era isso que o tornava um líder tão bom e um marido tão ruim. Miriam o seguiu por muitos anos. Até mesmo agora continua a segui-lo e as prioridades dele são suas também.

Uma vez, quando os dois ainda eram namorados e estudavam na William Archer, estavam enroscados em cima de um futon e ele lhe disse que iria transar com ela e não havia nada que ela pudesse fazer a respeito. “Você sempre consegue o que quer?”, perguntou ela, e Jeremy respondeu: “Quase sempre.” Ela falou “Eu também”, agarrou-o pela camisa e o puxou em sua direção.

Quando ele discursava em comícios ou dava palestras, Miriam sentia o mesmo que durante o sexo, como se uma bola de energia incandescente inchasse dentro dela – e pela expressão de êxtase nos olhos dos outros sabia que eles também sentiam o

mesmo. Às vezes, porém, ficava cansada de tanta ideologia. Às vezes ansiava por uma vida normal, conversas normais: pintar a varanda, aparar a grama, jogar futebol, marcar de brincar com outras crianças no parquinho, fazer churrascos no quintal com algum vizinho. Quando a filha morreu, essa bola de luz dentro de Miriam, o brilho que por tantos anos a sustentara, se desfez em vários fios muito finos que enegreceram como os filamentos de uma lâmpada queimada.

Nesse dia, ela sai para correr 15 quilômetros. Uma leve bruma de chuva enche o ar. O vento vem do estuário e traz um cheiro de alga e peixe morto. Corvos pousados em uma árvore sem folhas fazem os galhos parecerem repletos de frutos negros e venenosos. As aves partem em revoada no momento em que ela passa correndo, agitando o ar e fazendo sombras rodopiarem a seu redor.

Quando volta para o motel, pulmões quentes e pernas pesadas, enfia a chave na fechadura e verifica a camada de talco do chão. Tem sempre um frasco de talco ao lado da porta e, toda vez que sai do quarto, despeja um pouquinho no piso para ver se alguém entrou. Nada.

Tira a calça de corrida e o suéter de moletom e se alonga nua por alguns instantes antes de ir até o banheiro e fitar no espelho o próprio reflexo de nariz avermelhado. Uma ducha quente vai espantar o frio. A cortina do boxe tem a mesma cor laranja-escura do carpete. Ela a afasta para abrir a torneira e lá dentro surge a silhueta gigante e agachada de Morris Magog à sua espera.



É uma velha, uma licana, embora seja difícil constatar isso por baixo da cobertura cinza do sobretudo comprido e do lenço na cabeça; ela mais parece um galho retorcido ou uma pilha torta de pedras. Alguns cabelos brancos escaparam dos panos e se agitam ao redor de seu rosto. A mulher se move devagar, deslizando de vez em quando, fazendo a neve estalar. Carrega um cesto cheio de flechas e um arco de freixo na horizontal sobre os ombros. Um grande cão a acompanha – pescoço grosso, pernas compridas, focinho pontudo como o de um lobo – e arrasta um trenó onde estão empilhados vários coelhos alvos cujos corpos logo serão esfolados, limpos e cozidos, cada ligamento e cada tirinha de carne aproveitados. Os animais foram mortos por flechas ou armadilhas e suas pelagens sujas de sangue são uma réplica do campo de batalha que faz a mulher parar de caminhar e o cão ganir.

Ela sai de um canal lateral que vai dar no cânion e fica parada por um bom tempo na saída, avaliando a destruição à frente. Os Humvees e caminhões blindados ainda fumegam e ela percebe que o que aconteceu ali foi há pouco tempo. As paredes do cânion exibem buracos de bala e de foguetes. A direção do vento muda e o cachorro gane ao sentir o cheiro de carne e borracha queimadas. São muitos corpos mutilados.

A mulher vai até eles. As cápsulas das balas usadas cintilam na neve. Retira uma

faca de alguma dobra secreta do sobretudo. Não se dá o trabalho de abrir botões ou fechos. Passa a lâmina afiada pelo náilon e pela lona e vasculha, apressada, bolsos e cintos, descartando alguns objetos e pondo outros no trenó. Balas, fósforos, facas, kits de primeiros socorros, lenços umedecidos, cintos, cantis, binóculos. Falta metade da cabeça de um dos soldados. Outro parece sorrir, com o ventre e o peito estraçalhados por balas. Outro ainda tentou rastejar para um lugar seguro e um rastro grosso e viscoso de sangue parecido com o de uma lesma marca sua trajetória até onde ele repousa, quase 30 metros adiante.

Um dos mortos está deitado de costas. O cão gane, bufa e bate com as patas na neve junto a sua cabeça. O rosto do combatente está coberto por sangue, fuligem e óculos escuros. Um menino, o ombro todo rasgado, ela não sabe dizer se por uma bala ou por estilhaços. O capacete sumiu. Uma das botas também. A mulher se agacha, tira a luva de couro sem dedos, forrada com pelo de coelho, e expõe a mão esquelética e toda manchada como a de um leproso. Tira os óculos escuros do garoto. Os olhos semicerrados nada lhe revelam.

Ela enfia a mão sob a gola alta do uniforme e toca o pescoço do soldado para ver se encontra a pulsação. Nesse exato momento, os olhos dele se abrem de chofre e tornam a se fechar tão depressa que a mulher nem teria notado caso não estivesse à procura de algum sinal de vida. Ela se levanta e olha em volta para verificar se está sendo observada. O sol cintila em sua faca.

CAPÍTULO 44

Neal se encontra na soleira da porta aberta do barracão. Todos vivem dizendo que o dia está mais quente do que o normal para essa época, que ele deveria estar grato por isso, que os ventos na República podem ser tão frios que um minuto de exposição bastaria para congelar um dedo e deixá-lo quebradiço. Para ele, 2 graus é frio o suficiente. Seus olhos espiam por baixo de um gorro de lã. Todo o resto do corpo é coberto por cachecóis, luvas sem dedos, botas e uma parca forrada de plumas. Segundo Chase, ele parece o boneco da Michelin.

Chase vive chamando-o de alguma coisa. Bujãozinho. Dotô. Capitão Curry. Neal bem que gostaria de enfiar no olho do idiota a seringa que carrega sempre no bolso – tampada, mas preparada com uma dose de 30 centímetros cúbicos de tiopental forte o bastante para derrubar Chase. Só para o caso de ele ser dominado pelas emoções e os comprimidos não darem conta de segurar o animal. É para isso que Neal está ali: para cuidar de um homem incapaz de cuidar de si mesmo. Todos o chamam de doutor, mas na verdade não passa de um enfermeiro. É uma afronta, e ele não teria ido não fossem dois homens aos quais muito deve: Augustus, seu dissimulado benfeitor, e Keith Gamble, seu colaborador de longa data, seu amigo.

Já faz vários dias que chegaram e ele ainda não conseguiu ajustar a mente à mudança de fuso. Seus dias parecem noites; suas noites, dias. Verifica o relógio de pulso – vive fazendo isso, como se não conseguisse acreditar na posição do sol no céu. Dali a uma hora, seu comboio sairá da base e seguirá na direção da mina de Tuonela, onde ele e Chase se encontrarão com diplomatas e executivos antes de dar uma coletiva de imprensa.

Neal adentra a penumbra do barracão, escapando do vento. Uma lâmpada pende do teto, mas nada acontece quando ele puxa a cordinha do interruptor. Seus olhos se adaptam à falta de luz e ele distingue a carcaça ressequida do lobo que dá à bancada de trabalho acima do animal o aspecto de um altar quadrado.

As condições do laboratório são risíveis. O valor do trabalho de Keith, porém, sempre foi mais conceitual do que prático. Muitas de suas conversas com ele começavam com suposições. Kirk e Spock. Era assim que as pessoas os chamavam e foi disso que os dois se fantasiaram em um Halloween. Keith era o rebelde ousado; Neal, o chato maçante. Chatos maçantes se dão bem no campo da bioquímica. Conseguem suportar o fluxo incessante de dados, a pilha interminável de candidaturas a bolsas, os obstáculos políticos, a loucura pomposa dos membros da academia – tudo aquilo que Keith qualificava de babaquice. Quando o amigo começou a fabricar cerveja, Neal disse que era um desperdício de seu enorme talento. Só que ele estava errado. O desperdício era aquilo: Keith ter morrido ali, na

República.

O barracão não tem nada que lhe possa ser útil. Ele foi lá dar adeus. Retira as luvas e passa os dedos lentamente por béqueres e pipetas, folheia os cadernos e fichários de páginas amareladas nos cantos. Tudo está coberto por uma poeira que seus dedos marcam.

– É bem como você dizia, meu velho amigo.



Outro vídeo circula na internet. O segundo divulgado por Balor. Augustus clica com avidez no *play*. Já assistiu ao outro mais de trinta vezes, com a porta da sala fechada e o volume baixo, como quem se entrega a algum fetiche pornográfico. É capaz de reproduzi-lo na mente ainda agora – pode ver o cacoete no canto do olho de Balor, o subir e descer dos ombros ao ritmo da respiração pesada; pode ouvir os gritos e os ruídos de uma boca devorando carne – como se estivesse acontecendo consigo mesmo.

Não sabe dizer o que tanto o fascina, mas, enquanto encara a tela do computador, segura o mouse com força, e uma sensação ardente parece se irradiar por seu braço, penetrar seu peito e fazer o sangue correr pelo corpo. Aquele é seu inimigo. Foi para erradicar aquilo que Augustus dedicou milhares de horas. Balor acha que o vídeo aumenta seu poder, mas Augustus pensa o contrário: cada nova visualização, cada novo post pode muito bem corresponder a mais um voto para Chase Williams. O vídeo fortalece o posicionamento deles.

Parte de Augustus não para de pensar no soldado que Balor esfaqueou. Aquele homem não era uma pessoa: era alimento, embora nem isso fosse, pois a fome era um fator secundário. O soldado era apenas um instrumento. Augustus não vê Chase exatamente sob o mesmo viés – afinal de contas, eles são amigos íntimos –, mas a conexão não lhe escapa e tampouco o incomoda.

A parede atrás de Balor parece ser de painéis de madeira. Não há luz no teto e algo que deve ser uma luminária de mesa lança sombras enviesadas sobre o rosto. Um zumbido parecido com o de um inseto, quem sabe um gerador, mal permite que se ouça a voz do licano. Um esboço de sorriso ameaça surgir nos cantos da boca. Ele sorri para Augustus. Sorri para todas as pessoas que estiverem em seu caminho, como se estivesse prestes a abatê-las com uma foice. “Vocês sabem quanto custaria para destruir os Estados Unidos? Não digo para interromper ou prejudicar a economia. Não digo para explodir uma ponte, fazendo com que as pessoas tenham pena dos que morreram, construam um monumento e se exaltem de fervor patriótico. Quero dizer destruir. Sabem quanto custaria?” Nesse ponto, ele corre a língua pelos lábios. “Trinta mil dólares. Vou mostrar a vocês. Em breve. Em breve.”

– Veremos – diz Augustus, e reinicia o vídeo.



Chase não come muito no almoço, nem tanto porque o refeitório está servindo gelatina, vagem e cubos de frango empapados e cinzentos, mas devido ao nervosismo que lhe revira o estômago. Pede licença e vai esperar lá fora, junto ao comboio de Humvees parados sobre a lama com os motores ligados, como besouros pré-históricos. O ar frio o revigora e espanta a náusea.

Sabe que a imprensa está cobrindo sua visita. A emenda constitucional ao Ato Patriota, as audiências sobre vacina. A retórica linha-dura, sem compromissos. O julgamento iminente de Jeremy Saber. A campanha carola e primitiva de seu companheiro de chapa Pinckney Arnold, que vai de uma cidadezinha a outra para proferir discursos genéricos, beijar bebês, apertar mãos e cantar “God Bless America” com a mão no coração. As fotos publicitárias de Chase e Neal sobrevoando o Atlântico a bordo de um avião militar Curtiss Commando com centenas de soldados recém-convocados. Tudo isso funcionou. Exatamente como Búfalo havia prometido.

Todas as campanhas para difamá-lo fracassaram, pois Chase admite tudo – a promiscuidade, a bebida, as brigas, nada disso é ilegal e tudo está vinculado a sua plataforma: uma brutal honestidade. Falta uma semana para a eleição e todas as pesquisas o apontam como favorito. Chase não reage quando os soldados o chamam de Sr. Presidente, não sente a empolgação que deveria. A República o distrai de qualquer outra emoção que não seja o medo, às vezes alternado com remorso e uma sensação desafiadora que a absolve da própria culpa.

Nessa manhã, ao chegar à base de Tuonela, o comandante o convidou a entrar em sua sala. Ele é um homem grisalho com o aspecto de um sapo, sem pescoço e dotado de uma boca larga e carnuda. Chase fez um comentário casual sobre o tempo, falando como estava agradável e quente, e o militar disse preferir 40 graus negativos, quaisquer que fossem as circunstâncias.

– Assim os vira-latas não saem do canil. – Dois dias antes, uma emboscada tinha eliminado um pelotão inteiro. – Um pau inteiro no meu cu. E agora essa sua visita. – Ele tomou um gole de café e deu uma leve engasgada. – Não pense que eles não sabem. Alguma merda vai acontecer.

O comandante mencionou Balor. Chase perguntou o que eles sabiam a seu respeito. Vira os vídeos, lera as matérias e fora brifado por Búfalo, mas o que o militar sabia que talvez ele não soubesse?

– O que tem para saber que a gente já não saiba? Pode-se dizer que ele é o macho alfa da matilha. Está no radar há anos, mais de duas décadas. Já trabalhou para a gente... Aposto que isso você não sabia, mas talvez fique sabendo em breve. Algum escroto do *The New York Times* andou farejando sobre as armas que a gente forneceu para ele e outros vira-latas nos anos 1980 para expulsar os russos. Ele

agora virou a mira para a gente. Passou do nível mais baixo às grandes operações. Ele diz uma coisa e o resto faz. Quem espetar a cabeça dele em um pedaço de pau vai ganhar tantas medalhas que o peito vai cair.

– O que ele tem no olho?

– Porra, isso é importante? Como é que eu vou saber?

– Só curiosidade.

Chase recolhe um punhado de neve já meio derretida e forma com ela uma bola que lança em direção ao muro alto da base, mas erra o alvo. Um minuto depois, chega o tenente que ficará encarregado de sua segurança pessoal na visita à mina. Chama-se Nathan Streep, tem 24 anos e um rosto de menino que parece nunca ter precisado de gilete. Uma cicatriz parte de seu lábio superior feito uma minhoca. Ele saca um maço de cigarro, tira dois e oferece um a Chase. Fumam em um silêncio cúmplice.

Apesar do dia claro, o sol não parece proporcionar nenhum calor. Uma sombra desliza pelo chão e, segundos depois, Chase escuta o ronco de um jato passando no céu. Sabe que eles estão sempre lá em cima, fáceis de ouvir e difíceis de ver, cinzentos como os morros ao redor, às vezes denunciados pelos mísseis cujas pontas o sol pinta de prata. Mas não consegue evitar: cobre a cabeça com as mãos e deixa escapar um choramingo. Sabe que a maioria das pessoas é incapaz de imaginar a própria morte. Preocupam-se com a possibilidade de um idoso engasgar com um pedaço de sanduíche de presunto ou escorregar no chuveiro e quebrar a bacia. Ou de uma menininha de rabo de cavalo ser atropelada por um carro ao correr atrás de sua bola, deixando o asfalto pintado com a risca de sangue do pneu até a chuva seguinte. A própria morte, porém, permanece negada para depois se transformar em algo vagamente provável e, por fim, nos últimos anos de olhar esgazeado, em um fato inevitável. Chase não sabe muito bem como aquilo aconteceu, porém, desde que foi mordido, sentiu a idade se abater sobre ele qual um cobertor negro e, pela primeira vez, a morte não lhe parece apenas previsível, mas também iminente.

Endireita-se o mais rápido possível, grato porque os fotógrafos não estão ali. O tenente o observa com um ar intrigado. Chase não tem certeza se aquilo é um sorriso de ironia ou se a cicatriz deixa seu lábio naturalmente virado para cima.

– Tudo bem?

– Tudo.

– Quanto tempo faz?

– Quase onze anos.

No bolso, Chase carrega o canivete que o pai lhe deu, o mesmo que carregou durante todo o serviço militar. Ele o aperta de leve.

– Não é tanto assim.

É tempo suficiente para a tatuagem de âncora e águia em seu ombro ter desbotado

até ficar da cor de um hematoma, mas não para eliminar lembranças tão vívidas quanto o pesadelo da véspera. Ele recorda as balas traçantes e as explosões dos morteiros, a estrondosa pulsação que fazia os ouvidos estalarem, os lustres de luzes brancas, amarelas e vermelhas que o admiravam com sua beleza. O ratatá da metralhadora, a hélice de um Blackhawk passando, o ar imóvel que parecia pairar em volta dos corpos fechados em sacos pretos. Lembra-se de atacar uma rede de cavernas – a colmeia, como dizia o comandante – e dos licanos que saíram do escuro correndo para cima dele. De incendiar uma mulher com um lança-chamas, a mesma que o visita à noite às vezes, e de como ela continuou a correr mesmo depois de os globos oculares estourarem e a pele virar cinza, de forma que ele teve de sacar a pistola e abatê-la com um tiro na cabeça.

Chase traga fundo, ouve a brasa do cigarro crepitar, atira-o longe formando um arco de centelhas e quase sufoca com a fumaça.

Quando o comboio começa a descer o morro, ele se dá conta de que não conhece o nome de nada ali. Sabe que o vale, a mina e a base têm todos o mesmo nome que agora lhe foge. Olha para um arbusto atrofiado ainda verde que quase reluz de tantas frutinhas vermelhas e vê um cervo do tamanho de um alce passar correndo entre as árvores. Gosta de saber os nomes das coisas. Sem eles, sente-se perdido, como se mal soubesse quem ele próprio é.

Dez minutos mais tarde, eles saem da mata, entram na cidade e freiam ao lado de um complexo de apartamentos em obras. Uma empilhadeira deixa cair um palete de barras de aço com um estrondo. A chama azul de uma solda reluz. Uma serra geme. Os operários, todos de capacete laranja, encaram o comboio até ele sumir. Alguns quarteirões adiante, passam por um prédio destruído por uma bomba. Tudo igual à época em que Chase serviu ali: a missão nunca era clara; eles construíam e destruíam.

Passam por um beco todo pintado com murais em homenagem a uma batalha da Segunda Guerra Mundial em que centenas de nazistas foram mortos por licanos, e então o comboio para em uma praça próxima onde está reunida uma multidão.

– Olhe só para isso – comenta o tenente. – Uns inimigos fazendo uma festinha.

Uma árvore retorcida e desfolhada se ergue no meio da praça e dela pende um boneco de palha envolto em uma bandeira americana. Um grupo de rapazes barbados espeta a figura com forcados, depois a solta da árvore e por fim a joga na fogueira acesa ali perto. A fumaça escurece, as chamas sobem lambendo o boneco e todos os presentes soltam vivas. À luz débil do sol, um cordeiro é posto em um espeto e dois adolescentes começam a girá-lo acima das labaredas. Homens enrolam cigarros e bebem cidra forte em jarros e mulheres arrumam travessas de linguiça sobre uma mesa dobrável. Crianças correm entre as pernas dos adultos, brincando de pique e

fingindo que são lobos.

Com um sorriso, Chase tenta não dar importância aos forçados, mas pode sentir, a cada estocada, um dente imaginário penetrá-lo entre as costelas até o coração. Neal viaja sentado no banco atrás dele. Inclinando-se para a frente, sacode uma caixinha de Tic Tac junto à sua orelha.

– Acho que você precisa disto.

Na verdade, não são balas, mas Volpexx. O médico está ali para garantir que Chase tome os comprimidos quando for preciso. Ele deposita alguns na palma da mão e os engole a seco.

– Ah, estou com um baita mau hálito – comenta o tenente. – Posso filar uma?

– Não – responde Neal, guardando a caixinha no bolso. – São nossas.

Chase vai precisar de cada um daqueles comprimidos. Assim como precisa que Neal os distribua com parcimônia. Porque o primeiro conduz a um segundo, depois a um terceiro, e ele tende a perder a conta e às vezes se entrega à névoa negra daquelas orgias de cerveja que definiram seus vinte anos, das quais acordava com o corpo todo dolorido.

A mina vai ficando cada vez maior conforme eles se aproximam; as chaminés e o metal enegrecido a fazem parecer uma fábrica de pesadelos. A linha da cerca começa bem antes e se estende por muitos, muitos e muitos quilômetros em volta de uma mina a céu aberto tão profunda que os caminhões de entulho que se moviam pelo fundo parecem de brinquedo. Chase imagina os milhões de toneladas extraídos daquela cratera, perfurados por brocas ou mastigados pela dinamite, e não consegue evitar pensar nos túneis dentro do próprio corpo, cheios de metal venenoso.

Eles passam por um posto de controle de segurança com espelhos para examinar a parte inferior das carrocerias, barreiras de rasgar pneus e um portão de aço reforçado, e após um breve interrogatório percorrem várias centenas de metros antes de chegarem a um estacionamento. A cerca distante é necessária para que nenhum foguete ou bomba lançado no posto de controle possa danificar as instalações.

A escolta dos jornalistas ainda passa mais dez minutos no posto de controle para os guardas vasculharem e testarem suas bolsas e equipamentos de filmagem com reagentes químicos. Chase pode sentir o entorpecimento provocado pelo Volpexx – equivalente à ingestão de três cervejas – e fecha os olhos, apoia o queixo no peito e, em sua mente, formam-se nuvens de cores que se agitam.

Quando outro Humvee estaciona ao lado do seu, trazendo os jornalistas, Chase sorve uma inspiração profunda e purificadora, desce do carro e vai andando até os representantes da Alliance Energy à espera na calçada que margeia o estacionamento, com sorrisos no rosto e mãos estendidas para um cumprimento.

CAPÍTULO 45

A primeira coisa de que Patrick toma consciência é a dor no ombro direito. Se fica parado, o calor permanece concentrado, mas, caso se mexa – basta um suspiro mais fundo –, ondas quentes e nauseantes de dor se irradiam por seu peito e braço.

Está deitado no chão de uma casa de madeira cinzenta de um cômodo só. O vento geme nas frestas. O telhado range sob o peso da neve. As tábuas do piso estão moles e chiam sob seu corpo. A lenha do fogão se desfaz em brasas. O lugar todo luta para permanecer em pé. O ar recende a peixe e cebola. Ervas e charque pendem das vigas do telhado. Velhas teias de aranha empoeiradas enfeitam os cantos, coalhadas de cascas ocas de insetos. Panelas borbulham sobre o fogão a lenha.

Patrick não percebe isso tudo de uma vez só, mas em espiadelas com apenas um olho, ao despertar de forma intermitente de um sono que não passa. Sente-se fora de foco, externo a si mesmo. Não sabe dizer se fica dormindo e acordando por causa dos ferimentos ou se a licana o drogou.

Ela tem as costas vergadas e seios murchos pela idade. Pescoço fino como um pulso. Um punhado de compridos pelos brancos desponta do queixo e estremece quando ela suga a gengiva banguela. A mulher não reage ao inglês nem ao pouco de finlandês e russo que Patrick usa para lhe falar, contentando-se em encará-lo com o rosto mumificado e os olhos baços de catarata desprovidos de qualquer curiosidade, de qualquer emoção que seja. Ele imagina que ela seja surda ou esteja gagá. Ou vai ver ele nem verbalizou nada, apenas na própria mente, a língua incapaz de articular palavras.

Sonha com o próprio fuzil sacudindo-se em seus braços. Com um licano cambaleando para trás, batendo em uma parede de pedra e manchando-a de sangue. Com a velha em pé junto à janela, a pele pálida e manchada que parece translúcida e lhe permite ver o sangue e os tendões correndo e pulsando. Com a licana tragando um cachimbo e a fumaça se enroscando à sua volta enquanto o examina atentamente, olhos enevoados e desconfiados. Sonha – ou quem sabe está desperto? – com um lobo a espiá-lo de um canto escuro.

A mulher se agacha a seu lado com uma pilha de trapos, uma panela com água fervente e um alicate de ponta fina.

– Sua febre não quer baixar e sua pele está ficando preta. – Sua voz parece uma dobradiça enferrujada. – Vamos ter que tirar esse metal de você.

Ela ergue uma faca. Patrick não concorda nem discorda. Apenas vira a cabeça para o outro lado para não ter de vê-la trabalhar. Imagina que, caso estivesse sobre uma mesa de operação, estaria amarrado. Mas ele não tem energia para arquear o corpo nem para se retrair quando sente a ardência penetrante que se transforma em

um intenso choque de dor. Ele ouve o *ploc* e o *tic* dos estilhaços caindo no chão e sente um alívio oco no ombro – e, no clarão antes de desfalecer por causa da dor, pensa no pai e enfim faz a conexão.

Acorda atordoadado, sem saber por quanto tempo dormiu mas consciente de que foi muito. Está escuro lá fora, mas ali fica escuro com tanta frequência que poderiam ser quatro da tarde ou quatro da manhã. Ouve ruídos e uivos de lobos vindos de fora, mas não sabe ao certo se naturais ou licanos.

Sente-se melhor, de certa forma mais leve, como se, antes, os estilhaços pesassem tanto que o estivessem pressionando contra o chão. Senta-se pela primeira vez ali e só percebe que está nu quando a pele que o cobre escorrega de seu peito e vai se embolar no colo.

Um emplastro com cheiro de fungo deixa seu ombro grudento. Um fogão a lenha ruge no canto e o aquece, mas o resto do ar é frio o suficiente para cristalizar seu hálito. Sobre uma mesa de três pernas, pequena o suficiente para servir de banquinho, uma vela bruxuleia; a luz fraca é a única dentro do chalé. Ele se encontra sozinho. A alguns metros, sua farda está dobrada meticulosamente junto às botas.

Patrick se levanta, nu. O cômodo gira e depois sossega. Seus músculos estão rígidos, desacostumados com o movimento. Ele mantém o braço machucado bem colado à lateral do corpo enquanto cambaleia até as roupas. Estão limpas, com cheiro de sabão de pinho. Prestes a vesti-las, ele se lembra da última coisa que pensou antes de desmaiar.

Vasculha os bolsos com os dedos até encontrá-las: as folhas de papel – algumas impressas no CMBR, outras roubadas do barracão. Desdobra-as desajeitadamente com uma só mão e as leva até a vela.

Patrick estava sendo envenenado, infectado pelo metal. A velha o salvou removendo-o de seu corpo.

À luz tremeluzente da vela, ele alisa os vincos do papel. Um pouco da tinta borrou e se deformou, mas ainda é possível ler as palavras. Proteção de células, regulação e anulação dos efeitos tóxicos de metais como prata. Prata. Um dos principais componentes do Volpexx. Parte da antiga mitologia era verdade: o metal era prejudicial para os licanos. Lembrou-se de ter lido que os dois maiores fornecedores do país eram do Alasca: as minas de Red Dog e Greens Creek produziam algo em torno de 300 toneladas de prata por ano e a Pfizer era sua principal acionista.

Keith Gamble perdera a mulher mais de quinze anos antes, mas durante todo esse tempo continuara tentando salvá-la. Sabia que não conseguiria matar o lobo, mas achava que conseguiria vencer o remédio. As metalotioneínas deviam de alguma

forma anular a toxicidade do Volpexx, imaginou Patrick, possibilitando um exame de sangue positivo sem os efeitos colaterais emocionalmente incapacitantes.

Pergunta-se de quantas maneiras diferentes e por quantos anos o pai havia perseguido alguma espécie de cura. Em casa, ele muitas vezes trabalhava no ateliê que tinha montado na garagem: um cômodo com piso inclinado, um ralo no meio e bancadas de aço inox repletas de pipetas, tubos e decantadores, como o laboratório de um cientista maluco de filme de terror. Mantinha o espaço sempre trancado, exceto quando estava trabalhando, e só permitia que Patrick o observasse caso o menino não dissesse nada e ficasse sentado em um banquinho no canto. Dizia que trabalhava em umas receitas de cerveja caseira. Mas Patrick se lembra muito bem do brilho das seringas sobre a bancada – e também dos muitos cachorros que tivera na infância e que morriam com tanta frequência de “câncer” que ele havia parado de inventar nomes novos e simplesmente chamava todos de Ranger.

Examina os outros papéis. E-mails da Universidade do Oregon. Ndesai. Ndesai. Ndesai. O nome aparecia várias vezes. A correspondência parecia durar dois anos. Neal. Era Neal, o tal ex-colega de faculdade sobre quem o pai vivia falando, com quem vivia conversando ao telefone, que vivia dizendo a Patrick para visitar. A assinatura no pé dos e-mails identifica Desai como professor universitário e diretor do Laboratório de Biocontenção Regional do Noroeste do Pacífico, no Centro de Pesquisas de Moléstias Infecciosas. Patrick lhe escreveria assim que tivesse acesso a um computador.

Nessa hora, a porta se abre com um rangido e faz surgir um retângulo preto. Um animal coberto de neve que poderia ser um cão ou um lobo entra trotando seguido pela velha. Um vento frio invade o ambiente, faz tremeluzir a vela e congela Patrick no lugar. O cachorro se sacode formando uma nuvem de neve, abaixa a cabeça e o rabo e rosna. A mulher fecha a porta com o ombro e passa o trinco. Carrega os coelhos brancos ensanguentados pelas orelhas. Usa a mão livre para tirar o xale. Encara Patrick por um tempo e depois fita seu corpo – só então ele lembra que está nu. Tenta cobrir as partes íntimas com os papéis. O vento lá fora aumenta e assobia. O rosto dela se abre em um sorriso desdentado.

Ela vira as costas, tira as luvas e as botas e despe o que mais parece um roupão do que um casaco, arrumando tudo junto ao fogo para derreter a neve. Estranha dança: ela se despindo, ele se vestindo. Os dois se movimentam devagar: a velha, por causa da idade; Patrick, devido ao ferimento. Ambos terminam mais ou menos ao mesmo tempo e se entreolham de cantos opostos do cômodo, indagando-se em silêncio: e agora?

– Você está com fome.

Não é uma pergunta: sabe que ele está com fome. Uma fome negra que faz seu corpo doer por dentro como se alguém houvesse cavado um buraco ali.

Patrick a observa esfolar o coelho. Arrancar as vísceras e jogá-las no chão para o cachorro comer. Retirar a pelagem até expor a musculatura vermelho-viva. Destacar a carne do osso com os dedos, cortá-la em cubos e jogá-la dentro de uma panela em cima do fogão a lenha na qual fervilha um ensopado de neve, raízes e ossos. Os dois se sentam juntos à mesa, ela deposita uma tigela fumegante a sua frente com um baque e ele agradece.



Não há outro adjetivo possível: Claire está feliz. Sente-se quase flutuar. Como se, caso abrisse a janela e os braços, o vento pudesse levá-la embora. Pela primeira vez desde que chegou ao campus, as pessoas a conhecem por outro nome que não Hope e ela tem a sensação de pertencer a uma comunidade. Pela primeira vez, tem amigos, se é que essa é a palavra certa para descrevê-los: alguém com quem se sentar na cantina, para quem acenar do outro lado do gramado. Aquelas pessoas eram suas amigas? Será que diriam o mesmo a seu respeito? Ela acha que sim.

Mal repara nos cartazes eleitorais que começam a pipocar por todo o campus dizendo VOTE EM NADER ou IMPEACHMENT DE WILLIAMS. Nem nota as conversas sobre o programa de vacinação em curso ou a escalada do governador do Oregon na aprovação dos eleitores agora que ele viajou para a República.

Sabe que é uma irresponsabilidade, mas, após meses de ansiedade e tensão, entregou-se momentaneamente ao prazer. Sente-se como muitos anos antes, durante uma viagem pela autoestrada à noite com os pais. Em um minuto estavam avançando por um túnel negro escutando rádio e, no minuto seguinte, o pai deu uma guinada no volante e gritou: “Filho da puta!” Bicicletas surgiram da escuridão. Dezenas. Na época, Claire não sabia, mas, a sua frente, um reboque acoplado a uma van a caminho de Northwoods se soltara a 120 quilômetros por hora. Quando o reboque capotou e caiu de lado no asfalto, bicicletas saíram voando para todo lado. Seu pai girou o volante com força para a direita, depois para a esquerda, esquivando-se de duas bicicletas; algumas deslizavam pela estrada com um rastro de faíscas cor de laranja, outras davam cambalhotas, cercadas pelo halo dos faróis de seu carro um segundo antes de sumir. Seus gritos se transformaram em risadas enquanto eles seguiam ziguezagueando pela rodovia, empolgados, encantados e inacreditavelmente intactos – vivos!

Na semana anterior, Claire os encontrou todas as noites no ginásio. Os três rapazes, todos monitores de Reprobis. A Alcateia: é assim que os chama. No início, ficaram todos de roupa, sem saber muito bem como ela iria reagir, porém, após duas noites, ela perguntou:

– Posso confiar em vocês?

– Se não tivermos confiança, somos iguais aos defensores da pureza racial –

respondeu Matthew.

Claire tinha quase certeza de que ele roubara essa frase de Reprobis: o professor vivia resmungando lugares-comuns e profecias que soavam ao mesmo tempo requentadas e devastadoramente verdadeiras. De qualquer forma, era uma boa frase, que valia a pena repetir, pois aquilo era uma das coisas que mais faziam falta em sua vida: confiança.

Ela tirou a roupa e os rapazes fizeram o mesmo. Um ronco gutural encheu suas gargantas. Claire sabia que, se levasse os livros universitários ao pé da letra, consideraria o pudor um subproduto da inteligência humana; quando o animal assumia o controle, ele se tornava irrelevante. Transformar-se era ser dominada pelo impulso e esquecer tudo o que existia fora de si. Ela sabia disso. Ainda assim, com as roupas empilhadas junto aos pés, achou que fosse passar mal.

As horas foram passando no relógio de parede enquanto Claire esmurrava os sacos de boxe, pulava cavaletes e se pendurava em cordas. Ela ia embora do ginásio cambaleando, sentindo-se lânguida, esgotada e vazia, como se houvesse acabado de se esgoelar durante o maior orgasmo da história. Havia se esquecido de como era bom perder o controle, deixar-se levar. De como a adrenalina correndo por suas veias parecia o barato de uma deliciosa droga. De como cada sensação se tornava coordenada. Lembra-se de ter lido, em um curso de anatomia e fisiologia, que os sentidos operam em diferentes velocidades: a mente processa a luz mais devagar do que o som, e os sabores e cheiros, mais devagar ainda. Isso não parece ser verdade agora: a impressão é que todos os sinais disparam no cérebro ao mesmo tempo.

Ela pensa em Patrick? Sim. Mas agora não tanto. Ele faz parte de outro mundo, e o seu mundo é aquele ali. Matthew é a dimensão atual. Quando ela pensa em Patrick, pergunta a si mesma se por acaso estaria apenas faminta, pois sabe que os famintos, sem qualquer referência de sabor, sentem fome por qualquer coisa: terra, uma banana podre, um resto de sanduíche roubado de uma lata de lixo.

Acordar é difícil. Terminar os trabalhos de faculdade também. Suas articulações parecem cheias de vidro moído. A escova de dentes sempre sai suja de sangue, logo ela se contenta em bochechar. Diz a Andrea que conheceu um cara. Todo dia de manhã, alguns minutos antes da aula, levanta da cama e cobre a cara com maquiagem para esconder os hematomas, depois sai correndo.

É por isso que não sabe da notícia sobre a proposta de lei.

Claire caminha por cima da fina camada de neve caída durante a noite que faz o campus cintilar, tira as botas e entra no auditório, procura por Matthew e o avista conversando com Reprobis na frente da sala. Ela percebe o burburinho de conversas exaltadas ao redor. Senta-se, abre a mochila e vê Reprobis subir ao tablado, cruzar as mãos por cima da pança e se dirigir à sala com uma voz solene. Algo terrível aconteceu.

– Estamos vivendo um momento interessante – diz o professor, e então aguarda o silêncio tomar conta da sala. – A história está sendo escrita. História que, um dia, será ensinada neste mesmo curso aqui, se esta universidade continuar a existir... Torço muito para que isso aconteça, mas, ao mesmo tempo, duvido muito. Ontem, o Congresso apressou a votação da proposta, uma emenda ao Ato Patriota, usando um truque em geral reservado a leis não controversas. Foram feitas mudanças significativas em relação a uma versão anterior e a nova minuta não foi apresentada ao público para ser avaliada antes da votação. Somente dois representantes foram contra. A proposta agora segue para o Senado, e é bem provável que seja aprovada.

A neve nos cabelos de Claire derrete e pinga em seus ombros e em seu colo. Ela pega a caneta, mas não há nada para anotar, logo a segura como se fosse uma faca.

Reprobus explica que a proposta é uma consequência do desmantelamento de uma célula terrorista na Flórida na semana anterior, quando um condomínio inteiro cheio de licanos foi invadido e dezenas deles foram presos. Além disso, encontraram um grande arsenal. Com a segurança em alerta vermelho há dois anos e novas ameaças descobertas a cada semana, o governo decidiu que novas providências precisavam ser tomadas para garantir a segurança do país.

Claire escreve no caderno a palavra *segurança*, depois a risca.

O professor expõe o que a nova emenda significa. A partir da virada do ano, a condição de licano será incluída em todos os documentos de identidade. A proibição de licanos em aviões continuará em vigor por tempo indeterminado. Uma base de dados acessível na internet para qualquer interessado irá listar todos os licanos registrados, seus endereços e fotos. As leis antidiscriminação serão suspensas: qualquer estabelecimento comercial poderá se negar a atender ou contratar um licano, pois o governo determinou que, à luz dos repetidos ataques recentes, o lobos é agora uma ameaça gravíssima à saúde e segurança públicas.

Essa é a porta de entrada para o empobrecimento, a ridicularização e os ataques, afirma Reprobus. Para as vacinas propostas por aquele caubói imbecil candidato a presidente.

– Eu me recuso a aceitar essa emenda. Talvez isso me renda uma multa, talvez eu seja preso, perca o emprego. Não sei. Não me importa. Quando eu tinha a idade de vocês, fiz muito barulho. Já reparei que a geração atual não faz tanto barulho assim. Acho vocês repulsivos de tão educados. Meu conselho é: saiam às ruas. Sejam grosseiros, ofensivos. Façam-se ouvir. Uivem.

E então, ele dispensou os alunos.

CAPÍTULO 46

Pedaços de gelo caem do céu, espetam sua pele e ricocheteiam em sua roupa camuflada. Seu walkie-talkie quebrou, destruído por estilhaços ou por uma bala, mas o GPS ainda funciona. Patrick entra em pânico ao perceber que o aparelho ainda está ligado, com um botão pressionado por engano e a bateria quase descarregada. As coordenadas da base estão gravadas e, ao acessá-las, ele vê que ainda precisa percorrer uns 65 quilômetros. Para poupar bateria, terá que verificar a posição de tantas em tantas horas e torcer para conseguir avaliar bem as direções e não se afastar demais da rota.

Uma hora antes, quando Patrick abriu a porta para ir embora, a velha o agarrou com os dedos fortes e ossudos e deu um apertão dolorido na parte carnuda de seu braço. Devolveu-lhe a pistola que mantivera escondida dele. Patrick agradeceu e pôs a arma no coldre, mas a mulher não o soltou. Em seu rosto trêmulo, ele pôde ver que ela queria dizer algo. Aguardou, pensando que a licana fosse fazer um alerta ou desejar boa sorte, mas as palavras não vieram. Ela o largou, deu-lhe um empurrão e fechou a porta. Ele ficou parado, encarando a paisagem vazia à frente, sentindo o frio crescente se esgueirar por baixo de suas roupas.

Patrick tinha sido criado na zona rural e, muitas vezes, sentava-se na varanda à noite com uma Coca para tentar ver estrelas cadentes. Sabe o que é a escuridão sem a interferência da luz de uma cidade. Porém, nessa noite iluminada por uma meia-lua, com espessas nuvens escondendo a maioria das estrelas, sente-se perdido. Tão perdido que, ao ouvir um helicóptero – o barulho da hélice parece uma serra elétrica sincopada – e calcular que ele deve estar a mais de 30 quilômetros de distância, nem se dá o trabalho de tentar encontrá-lo no céu, de acender um sinalizador e acenar com os braços. Não haverá mais nenhuma ajuda ali, mais nenhum milagre: ele esgotou toda sua sorte com a velha.

Vai avançando pela neve e cada passo produz um barulho alto de esmigalhamento. Ficaria preocupado com o barulho caso tudo não lhe parecesse tão ermo. Olha para trás, vê os sulcos que seus passos cavaram na neve e sabe que, se alguém ou algo vier procurá-lo, não terá muita dificuldade.

Sente o coração bater no ombro e tenta se concentrar em outra coisa. Um grupo de estrelas. Uma saliência na neve. A floresta de pinheiros que se derrama dos morros e que precisa atravessar, a leste dali, onde a aurora já vem chegando há um bom tempo. Um débil brilho verde se espalha pelo céu. Está percorrendo um aclave quando o sol enfim surge com um clarão branco. Fica ofuscado por um instante, dá um passo errado e desliza velozmente por uma encosta. Bate em algumas pedras, mas sente-se leve como se flutuasse, como se tivesse saltado e deixado para trás

qualquer sensação de vertigem.

O ombro dói e Patrick teme que a casca da ferida tenha se rompido. Flexiona os dedos das mãos e dos pés para se certificar de que não se feriu em outras partes, e então, aos chutes, se desvencilha da neve que o cobre, berrando de animação e alívio.

Os gritos são interrompidos pelos rastros que vê ao redor. Botas. As pegadas são recentes, os detalhes das solas ainda não apagados pelo vento e pela neve. Agacha-se para estudar as marcas. São iguais às das suas solas. Primeiro estão separadas, depois se unem, entrelaçadas, e seguem na direção de um bosque de pinheiros a uns 100 metros de onde ele está.

Patrick quer sair correndo pela neve, seguir aquelas pegadas e gritar por socorro, mas algo o prende no lugar por um minuto que não parece ter fim. Não entende o que um grupo de soldados – seis, pelas suas contas – estaria fazendo ali, longe de qualquer estrada, longe de tudo. Talvez sejam agentes especiais, talvez tenham vindo de helicóptero ou paraquedas, quem sabe para destruir um acampamento terrorista. Ou talvez por outro motivo.

Nesse exato instante, um uivo agudo e melancólico irrompe da mata. Os lobos parecem alvoroçados. Algo os alvoroçou.

Patrick mal tem tempo de sacar a pistola, mal tem consciência de percorrer depressa o último trecho aberto de neve e mergulhar na proteção das árvores tentando não tropeçar nas raízes e galhos caídos que tomam o chão.

É fácil encontrá-los por causa do barulho que fazem – primeiro uivos, depois latidos, estalos de dentes, ruídos na vegetação rasteira; a algazarra é tamanha que eles não percebem quando Patrick se aproxima. Porém, não é fácil distinguir o que está à frente: uma clareira cheia de homens, todos vestidos com roupas camufladas, dançando em volta de um alce que se esforça debilmente para se levantar. A neve está pisoteada e salpicada de poças brilhantes de sangue.

O animal sacode a galhada de um lado para o outro enquanto os soldados correm em sua direção e lhe espetam os flancos e o ventre com lanças – sim, lanças – de 3 metros de comprimento, afiadas na ponta. As patas do alce não parecem funcionar direito; uma delas está dobrada em um ângulo fechado. O animal revira os olhos de medo e solta um gemido fundo interrompido por uma lança que lhe perfura o pescoço.

Os homens jogam a cabeça para trás e emitem latidos entrecortados e, antes de Patrick conseguir se conter, ergue a pistola e dispara em direção ao céu rosa cada vez mais claro. O sol incendeia o topo das árvores.

Alguns dos homens se viram, outros caem deitados no chão e alguns correm para o meio das árvores. Um silêncio sagrado se abate sobre a mata. Patrick deixa o

braço cair devagar até a arma apontar para o chão.

Um dos soldados se afasta dos outros e começa a andar até ele. Parece deformado – corcunda e com duas cabeças –, um daqueles monstros que perseguem criancinhas na floresta em contos de fadas. O barulho de seus passos é muito alto, como dentes mastigando gelo.

Patrick sente uma pressão em volta do coração. Percebe que aquilo não é apenas um homem, mas dois, o segundo montado nas costas do primeiro. Ele não tem pernas. Uma má-formação ou um ferimento de guerra.

O homem que o carrega fica parado meio de lado para ambos poderem observar Patrick. Os dois usam roupas camufladas rasgadas, enlameadas, remendadas e incrustadas de neve como as de um espantalho. Suas barbas não conseguem esconder o focinho achatado de licano e os olhos debruados de sangue da mesma cor da aurora. Eles são muito parecidos.

O que está nas costas começa a falar. O que de início parece um rosnado se abrandando até virar uma sequência de palavras reconhecíveis.

– Patrick – diz o licano. – É você? É você, Patrick? É você mesmo?

É difícil ver direito por causa do sol ainda nascendo e da floresta encharcada de sombras, e difícil acreditar por causa do longo tempo e dos muitos quilômetros que os separavam, mas aos poucos Patrick entende que aquele homem é seu pai.



Chase vive muito cansado. Durante o dia, consegue mais ou menos lidar com o estresse que lhe revira as entranhas mastigando mais um comprimido, telefonando a Búfalo para se aconselhar sobre como se vestir ou agir, estudando um discurso até mais ou menos decorá-lo, decidindo saborear ou ignorar a chance de ser, muito em breve, eleito presidente. À noite, porém, quando o sono o domina, não consegue conter nenhuma de suas aflições, que tomam seu corpo de assalto. Ele não dorme, portanto, não tanto quanto deveria.

Seu sono costumava ser pesado. Tirava um cochilo todas as tardes e acordava com um pequeno sorriso e o pau muito duro, pronto para tudo o que precisasse conquistar. Não mais.

E agora a falta de sono já o afeta e faz com que ele só se lembre das coisas aos pedaços. Às vezes começa a contar uma piada ou uma história – a do padre e da ovelha, ou da vez em que deu um soco em um urso-pardo que farejava sua barraca quando ele estava acampado em um lugar remoto perto das geleiras do Oregon – e a plateia sorri, mas ele percebe pelos olhares esquivos e pesarosos que está se repetindo.

É assim que se sente agora, na mina de Tuonela, onde o ar é uma mistura de enxofre e da fumaça preta do cano de descarga de uma carreta. Tem a sensação de

que já esteve ali antes. De que deve ter usado as mesmas roupas na véspera. De que não para de dizer “ótimo, ótimo”, mas não consegue deixar de fazer isso.

O guia do grupo se chama Mason, um americano atarracado com cabelos pretos e duros que fala com gestos amplos e usa uma camisa cinza amarrotada sobre as costas largas.

Mason os conduz primeiro pela central de escritórios, uma colmeia de corredores estreitos e salas quadradas de concreto sem portas. Dentro, há homens de aspecto macilento e gravatas pretas que martelam teclados, amontoam pilhas de papel e bebem chá em copinhos descartáveis. Ele lhes fala sobre mineração e refino de urânio, explicando que o minério em geral é encontrado em baixa concentração e, conseqüentemente, precisa ser extraído em grandes quantidades. Informa-lhes, batendo com o punho na mão espalmada, que vinte por cento do urânio do mundo vem da República Lupina.

– Vinte por cento – repete ele. – Dez mil toneladas. Grande parte delas foi extraída do chão que vocês estão pisando. É muita coisa.

Fala que o minério é processado e moído em partículas e tratado por lixiviação química para extrair o urânio. O resultado desse processo é o óxido de urânio: um pó seco vendido no mercado como U_3O_8 .

– E é isso que vocês veem sendo transportado daqui a toda velocidade em incontáveis trens.

Chase já sabe a maior parte disso: recebeu informações detalhadas sobre as minas e foi obrigado a decorar todos os tópicos que fazem da energia nuclear a chave para o poderio dos Estados Unidos ao longo do século seguinte. Por isso, presta mais atenção à própria postura, para garantir que não está curvando as costas e que está encolhendo a barriga enquanto os jornalistas tiram tantas fotos dele que, mesmo de olhos fechados, ele continua a ver as fortes explosões dos flashes.

O corredor revestido de ladrilhos está molhado e Mason lhes diz para tomar cuidado. Após uma curva, eles deparam com um zelador de cabelos pretos com um tumor no pescoço. O homem está debruçado por cima do esfregão trajando um macacão cinza e, quando os demais passam, exclama, recua até junto da parede e pede mil desculpas, olhando alternadamente para Mason e para Chase.

Eles saem do prédio e o sol lá fora é tão forte que os faz tapar os olhos. Seguem até uma plataforma de observação da qual a neve foi removida e de lá observam as valas abertas da mina. Uma delas está cheia de gelo amarelo até a metade e outra, escavada camada por camada, com as paredes se inclinando aos poucos para dentro. A dinamite explode, trovejando. Empilhadeiras e escavadoras chacoalham e apitam, conduzidas por motoristas paramentados com macacões de mangas à prova de radiação, sentados em cabines fechadas com os mais sofisticados sistemas de filtragem que os protegem em grande parte da radiação e poeira.

De novo lá dentro, eles batem com os pés no chão para espantar o frio e põem óculos de segurança e capacetes de plástico amarelo. Percorrem a seção de refino, transitando por passarelas de ferro e escadas e passando por máquinas de beneficiamento manchadas com rios de ferrugem laranja. Contadores Geiger e detectores de gás radônio pendem de todas as paredes, como uma série de relógios contando os segundos até o dia do juízo final.

Pegam um elevador sacolejante com as paredes cobertas de pichações e chicletes grudados no piso até um subsolo mal-iluminado cheio de dutos de acesso dos quais emana um ar frio e bolorento. Há ventiladores protegidos por grades espalhados por toda parte para sugar o ar envenenado por radônio e fazer entrar o ar filtrado vindo de fora, e Mason tem de gritar mais alto do que o seu ronco para se fazer ouvir. Fala sobre dutos enterrados, veios de minério, galerias transversais, túneis escavados para a extração.

Um homem com capacete de mineração passa andando pelo grupo e sorri com uns dentes sujos de partículas pretas, falando em russo para Chase. Estende a mão e o governador a aperta e sacode ao mesmo tempo que os agentes de segurança se aproximam e os cercam. Sabe que todos os funcionários da mina são obrigados a fazer um exame de sangue mensal, que qualquer um reprovado no teste de Volpexx é imediatamente exterminado.

– Não se preocupem – diz Chase aos seguranças, e posiciona o corpo até ficar de frente para uma câmera. – Vocês se preocupam demais.

Ele torna a subir no elevador e Mason chega ao pé de seu ouvido e dá uma risadinha sarcástica.

– É verdade que o senhor já tacou uma bola de hambúrguer em uma manifestante vegana depois de visitar uma fábrica de embalar carne?

– Não é verdade. Ela era vegetariana, não vegana.

Chase tenta rir junto com Mason, mas a risada em sua boca lhe parece rançosa e a lembrança de arremessar o punhado de carne crua parece a recordação de outra pessoa. Não consegue evitar pensar, e não pela primeira vez, que é um bobão. As portas do elevador se abrem e a passarela vazada pela qual eles avançam corre por cima de muitas outras. Quando Chase abaixa a cabeça, sente uma incerteza momentânea em relação a onde está pisando.

Em determinado momento, Neal lhe passa um telefone, ele se afasta até um canto tranquilo e ouve Búfalo do outro lado da linha já falando, contando sobre Jeremy Saber: o *60 Minutes* estava fazendo pressão para conseguir uma entrevista no corredor da morte e a imprensa queria ter acesso à execução.

– A gente não quer esse cara na frente de nenhuma câmera nem perto de nenhum microfone. Não quer que ele faça mais estragos do que já fez e, se a imprensa puder filmar a execução, o resultado vão ser mais estragos. Câmeras produzem mártires,

mobilizam malucos. Os distúrbios de Los Angeles não teriam acontecido sem as imagens de Rodney King.

Tudo bem, tudo bem, diz Chase, e pergunta se pode fazer alguma coisa.

– Pode enfiar uma toalha dentro da boca dele e despejar o rio Mississippi inteiro por cima. Depois, pode cortar a língua e o pau dele com a mesma tesoura, quebrar seu pescoço, jogar ele dentro de um caixão, encher de concreto, dar um tiro de canhão e ver o concreto se espatifar em um milhão de pedacinhos.

– Búfalo, você me ligou para quê?

– Preciso de um áudio seu até amanhã. Sobre como é perigoso permitir que um terrorista tenha uma plataforma de mídia. Sobre como um cão precisa ser sacrificado atrás de portas fechadas. – Ele solta um suspiro, que se transforma em estática. – Além disso, liguei para saber como estão as coisas.

– Está com saudades de mim?

– Vá se foder. Estou.

– Sua voz parece preocupada.

– É que tem muita coisa em jogo nesta situação. Talvez eu seja o único a perceber isso.

A coletiva de imprensa será realizada em uma sala com telhado oblíquo e três paredes de concreto; a quarta consiste em janelões de vidro sob a luz fraca do inverno, dando vista para um campo nevado que se estende até a cerca de arame que margeia o perímetro da base. Um ficus de plástico orna cada canto e cinco filas de cadeiras dobráveis de alumínio foram posicionadas em frente a um púlpito.

Os microfones são checados; as bandeiras da República e dos Estados Unidos, hasteadas; os tripés nos fundos da sala, posicionados. Os diplomatas e dignitários começam a chegar, cheios de laquê nos cabelos, encharcados de água-de-colônia e vestindo ternos azul-escuros. Quinze minutos antes de a coletiva começar, Chase diz que volta já. Precisa ir ao banheiro.

Um dos executivos, um homem de ombros largos cuja barba parece um porco-espinho, fala:

– Eu mostro ao senhor.

– Não precisa. Eu sei segurar meu próprio pau.

Às vezes Chase só percebe que fez uma piada quando alguém ri, dessa vez uma risada desconfortável que o segue para fora da sala e pelo corredor. Empurra a porta e entra no banheiro ladrilhado de amarelo com duas lâmpadas nuas enroscadas no teto. Há uma pia, um cubículo e um mictório, todos riscados com veios de mofo. Abre a braguilha e esguicha um pungente jato laranja de urina. Para ele, o Volpexx tem um efeito pior do que aspargos.

O discurso vai passar no teleprompter, mas ele nunca foi muito bom de

acompanhar as legendas, então sempre tenta se lembrar do máximo que consegue. Põe-se a rememorar algumas das frases principais – *planejamento energético estratégico, o urânio é o novo ouro* –, portanto mal repara quando a porta se abre atrás dele com um rangido. Sacode o pinto, torna a guardá-lo dentro da calça e observa refletida no ladrilho a imagem de um homem avançando em sua direção com os braços estendidos.

Vira-se de supetão a tempo de o homem se chocar contra seu peito. O que vê em seguida é uma série de fragmentos. Cabelos pretos. Dentes que mordem, borbulhando de sangue. O teto se inclinando para trás, a lâmpada cintilando. Dedos de unhas afiadas tentando arranhá-lo. Um tumor despontando de um pescoço. Em algum lugar no meio dessas imagens entrevistadas, lembra-se do piso molhado sobre o qual eles escorregaram mais cedo naquela mesma tarde, do zelador agarrado ao esfregão se encolhendo junto à parede para deixá-los passar. Durante a queda aparentemente interminável, consegue gritar, não sabe como, “Eu sou um de vocês!”. Logo em seguida, é arremessado no piso de concreto, onde bate com a cabeça, e fica com o raciocínio embotado.

O licano está em cima dele. Chase vê nos olhos da criatura o próprio reflexo apavorado, sente o cheiro de seu hálito sanguinolento, os dedos rodearem seu pescoço e começarem a apertar. O ar começa a faltar. Seu campo de visão vai diminuindo; logo antes de ele se escurecer por completo, a porta do banheiro se abre e o tenente entra com a mão já na braguilha.

Mantém a mão ali e continua a se aproximar, avança depressa e desfere um chute que acerta o licano nas costelas. Ouve-se um barulho como o de gravetos se partindo. O monstro solta um ganido e afrouxa os dedos e Chase consegue inspirar com dificuldade.

O militar chuta o licano na têmpora. Dessa vez, não há ganido. Apenas um baque úmido. A criatura sai de cima de Chase e passa um instante deitada, imóvel, antes de rastejar até o canto e lá se encolher, chorosa.

O tenente agora está do seu lado e o toca pelo corpo todo como se suas mãos tivessem o poder da cura.

– Ele pegou o senhor?

Chase tenta falar e não consegue. Engole em seco, com força.

– Não. – Sua voz parece um coaxar. – Tudo bem.

O homem não diz nada. Tem a testa franzida em rugas profundas. Está olhando para a mão de Chase. Há sangue ali. A ardência de uma picada de vespa. O governador ergue a mão para perto do rosto. Entre o polegar e o indicador, encontra a nítida marca de dentes, como se ele fosse uma bala macia que alguém só tivesse provado.

Não há como contradizer o tenente. Ele foi mordido. Terá de ser tratado e testado.

E quando o exame de sangue der positivo, tudo vai ser diferente; será o fim daquilo tudo. Passa um bom tempo sentado encarando o ferimento antes de ficar em pé devagar. Seu pescoço parece cingido por um colar de ferro quente. Um ruído ecoa em sua cabeça, um zumbido engasgado.

– A pistola – diz ele, e estica o braço.

– O quê?

Chase faz um gesto impaciente.

– Sua pistola!

O tenente tira a arma do coldre e a estende pela coronha. Chase a segura na mão por alguns instantes e observa, no cano preto, uma impressão digital sumir aos poucos.

Pensa em como seria fácil levar a pistola à boca, expirar com força, puxar o gatilho e terminar com tudo. Com o segredo da infecção, a estática que enevoa seus pensamentos e a inquietante sensação de que, quanto mais poderoso se torna, menos controle e desejo ele tem. Deveria se matar e pronto.

A ideia tem vida curta.

Chase ergue a arma, dá um tiro na cara do tenente e observa a cicatriz que margeia seu lábio superior se contrair de surpresa antes de a metade superior de seu crânio estourar e o sangue começar a se derramar e escorrer pelo rosto e pescoço até ele desabar no chão.

Ele agora só tem alguns segundos. Os outros devem ter ouvido o disparo. Já devem estar chegando. Estão quase lá.

Chase vai até o licano que, repleto de adrenalina, continua transformado. Uma mistura rosada de sangue e lágrimas molha suas faces. A criatura ergue a mão trêmula, que parece descontrolada. Como parece frágil, com o pulso fino e os dedos magros. É difícil imaginar agora que aquela mão apertou com tanta força seu pescoço segundos antes. Chase olha mais de perto e repara na unha amarela e comprida.

Mantém a pistola firme e pensa como ele deve parecer visto de baixo, da perspectiva do licano, com o corpo avançando um passo e tapando a luz da lâmpada no teto. A pistola aparece imensa na sua frente; a câmara é uma bocarra negra escancarada. Chase aperta o gatilho, que cede com um estalo. A arma dá um coice e uma bala é disparada, mas o licano não a vê, pois já está em outra dimensão.

CAPÍTULO 47

O vídeo viraliza na mesma hora. Não se sabe como, mas alguém conseguiu contrabandear um smartphone até a solitária e Jeremy Saber gravou e fez o upload de um protesto de cinco minutos. Está quase irreconhecível: além da imagem granulada, seus cabelos foram raspados bem rente à cabeça e o rosto tem um aspecto encovado, oco e negro; parece mais um espectro do que um homem. “Eu não tenho nada a perder. Nenhum cargo político a conquistar, nenhum dinheiro a ganhar, nenhum poder a alcançar.” Sua voz, quase um sussurro, é interrompida por um tossido, mas tem um tom decidido. “Então, por favor me escutem quando digo que vocês têm que resistir. Precisam fazer isso. Não podem se render. Não podem obedecer. Não podem fazer o papel do cãozinho mau que eles querem que façam. Sabem quantos ataques de licanos acontecem no país anualmente? Onze. Menos de uma dúzia. Mais pessoas são atacadas por tubarões. Mas não é assim que eles estão nos tratando. Vamos corresponder a suas expectativas. Vamos revidar. Vamos morder de volta. O registro público compulsório e a abolição das leis antidiscriminação equivalem a crimes de racismo. São crimes contra a humanidade. Os licanos são seres humanos. Nós somos *seres humanos*.”

Logo em seguida, aparecem as camisetas. São distribuídas em centros comerciais, em esquinas e em escolas e universidades como a William Archer – na agência de correios e na cantina. Elas têm a expressão SER HUMANO escrita em letras pretas no peito. Cartazes, convites eletrônicos e avisos escritos nas calçadas com giz anunciam que todos devem se reunir no gramado ao meio-dia. Claire não tem Facebook, pois Miriam a proibiu, mas Andrea lhe mostra como todo mundo trocou a foto de perfil por um punho erguido e postou uma única palavra: *solidariedade*.

No horizonte, nuvens escuras passam depressa e deixam o ar borrado com o que deve ser neve ou granizo. Mas o céu acima do campus está limpo quando Claire e Matthew se unem a centenas de alunos no gramado.

Há algo diferente em Matthew. Nem tanto em sua aparência, mas no modo como se porta: ele é menos imaturo, mais homem do que a maioria dos outros rapazes. O coração de Claire dá pulos sempre que ele a toca, como faz agora, ao guiá-la pelo cotovelo para o meio da multidão. Sente-se protegida. Com toda a vigilância sobre si – os envelopes ameaçadores que chegam à caixa de correio e os estranhos visitantes fazendo perguntas a seu respeito no campus –, proteção é justamente o que ela quer.

O dia está frio e as pessoas soltam vapor pela boca ao respirar. A imprensa está à sua espera. Há protestos semelhantes ocorrendo por todo o país, em parques e praças de cidade, mas o foco é ali: os organizadores da William Archer mandaram

um anúncio para todos os principais veículos de imprensa, que responderam. Dezenas de jornalistas cercam os universitários. As câmeras e microfones exibem os logos NBC, CBS, ABC, Fox News, CNN, MSNBC.

Não há palavras de ordem, músicas nem discursos. Não há passeata. Os alunos simplesmente ficam parados, em relativo silêncio, enquanto os repórteres ajeitam os fones de ouvido e dizem coisas nos microfones. Claire pode ouvir as câmeras tirando fotos em sequência, pessoas tossindo e batendo com os pés no chão para espantar o frio. Um menino que reconhece de sua turma de cálculo – cabelos compridos, sandálias abertas, cruz egípcia tatuada na nuca – conversa com um jornalista que tem uma câmera apontada para ele.

– A gente só quer ser o que a gente é, sabe? Só quer ser normal e ser tratado como todo mundo. Não dá para deixar poucas pessoas definirem o coletivo. Não dá para generalizar por causa de alguns indivíduos violentos. Não somos terroristas... Somos pessoas, só isso.

– Você não se considera perigoso?

– Eu considero *seres humanos* perigosos, ponto final. Não vou morder ninguém. Não quero morder ninguém. Por que eu faria uma coisa dessas? Não tem nada a ver. A pessoa precisa ser maluca para fazer isso, assim como para fuzilar os alunos de uma escola ou pôr uma bomba em um prédio. É uma questão de ser humano, só isso. Alguns de nós são maus. É como o meu professor estava dizendo outro dia: a humanidade é uma criação falha. Todos nós somos meio fodidos, cada um à nossa maneira.

– Quem é seu professor?

– Reprobis. Ele é o cara.

– Ele teve algum envolvimento com a organização disto aqui?

O aluno se cala por um instante antes de responder baixinho:

– Não.

As massas de nuvens escuras se adensam no céu e, do outro lado da parede de jornalistas, nos degraus do grêmio, Claire vê o menino louro da sua turma. Francis. Embora ele esteja a uns 60 metros, é fácil reconhecê-lo por causa de seu uniforme-padrão: camisa de colarinho e calça social. Ele está olhando em sua direção com um celular encostado na orelha. Sua boca se move enquanto ele conta a alguém sobre eles.



Em um protesto em Berkeley, no gramado central do campus, os policiais formam uma longa fila. Estão vestidos com roupas de choque, armaduras corporais pretas que exageram e acentuam o formato quadrado de sua musculatura, e seguram os cassetetes com as duas mãos apontadas para a frente, como as lanças de um antigo

exército. Um deles leva à boca um megafone. O aparelho chia. Ele diz, a voz rimbombante, que todos devem se dispersar imediatamente, que aqueles que ficarem serão presos e qualquer um que resistir à prisão será tratado de forma condizente. Abaixa o megafone e aguarda. Uma pessoa pega a mochila do chão e sai correndo. O resto dos cerca de vinte manifestantes fica onde está. Seguram cartazes feitos com caixas de papelão e um papel grosso meio molengo que dizem BASTA! e TODOS OS HOMENS NASCEM IGUAIS e ESSA PORRA É MUITO ESCROTA. Eles cruzam os braços. E permanecem nessa postura mesmo quando os policiais ainda enfileirados começam a marchar em sua direção.

Em um protesto em Nova York, no Central Park, perto do zoológico, cem pessoas montaram acampamento. São licanas e não licanas, muitas de 20 e poucos anos com barbas falhadas, gorros de lã e mochilas militares; irão ocupar o parque até suas exigências serem atendidas. “Quais são suas exigências?”, pergunta um repórter. “O fim da cidadania de segunda classe”, respondem. O jornalista lhes pede que sejam mais específicos e um deles diz: “Eu não vejo minha família há sete meses porque não posso andar de avião.” E outro: “Me disseram para procurar outro emprego depois do ano-novo.” E um terceiro: “Eu pedi um hambúrguer e uma cerveja em um bar outro dia e, quando eles viram minha identidade, me pediram para sair.” As viaturas começam a chegar, com suas luzes vermelhas e azuis piscando, e os manifestantes sentam-se em círculo ao redor do camping e seguram os braços uns dos outros. Os policiais lhes dão meia hora para irem embora. Como nada acontece, colocam os óculos de segurança, agitam os frascos de spray de pimenta, dão a volta calmamente no acampamento e encharcam o rosto dos que estão sentados nas bordas, um a um, até seus corpos murcharem e o ar ser tomado por gritos.

Em um protesto em Oxford, Mississippi, à sombra da prefeitura, dois grupos se reúnem: manifestantes que defendem cada um dos lados da questão. Eles gritam, cospem e empurram uns aos outros. Apesar de ter posto cones de trânsito entre os dois grupos, a polícia se mantém afastada, os agentes encostados em seus carros, só observando. E continuam a observar mesmo quando alguém atira um tijolo, uma garrafa, uma briga começa e a multidão se desloca em uma direção e depois na outra, um homem cai no chão, sangue é derramado.

Num canal a cabo, um deputado democrata da Califórnia discursa no plenário da Câmara sobre os precedentes. “Houve ataques não provocados de licanos? Sim, houve. A cada ano acontecem alguns. Em geral perpetrados por indivíduos desequilibrados. Que não estão tomando os remédios. Eles mordem alguém. E daí? Por acaso essa pessoa, depois de mordida, enlouquece e morde outra, que morde outra, e assim por diante? É claro que não. Não vivemos em um mundo em que algum lobisomem enlouquecido vai pular do meio dos arbustos. Os infectados procuram ajuda. Eles resolvem seu problema. Controlam a doença que pode

conduzir a impulsos nefastos. Nada precisa mudar. O sistema não está falido. Alguns terroristas nos levaram a acreditar que está. O problema são eles. Precisamos caçá-los e obrigá-los a responder criminalmente. Esse deveria ser o nosso foco. Não essas medidas que estamos tomando, que não vão aumentar nossa segurança, mas, sim, provocar pessoas que não são beligerantes e costumavam respeitar a lei.” Ele faz uma pausa e aguarda aplausos que não vêm.

Em Tulsa, Oklahoma, uma senhora chamada Mattie Spencer rabisca uma lista de compras em um pedacinho de papel, veste seu casaco roxo preferido, pega a bolsa, aperta o controle para abrir a porta da garagem, e então os vê. Uns vinte, talvez. Ela segura as chaves com força. As silhuetas usam balaclavas pretas e estão espalhadas, imóveis, pelo acesso da garagem, pelo gramado, pelas calçadas e pela rua.

Mattie sente incompreensão, em seguida reconhecimento, e por fim horror. Um tremor percorre seu corpo e sua voz quando ela pergunta:

– O que vocês querem?

Um dos homens responde:

– A gente viu você no site. No registro.

Ela pensa reconhecer a voz e a corpulência do homem.

– Joel? Joel Rawlings, é você? Você me viu praticamente todos os dias da sua vida e nunca teve nenhum problema com isso.

O homem dá um passo para trás e olha para um lado e outro da rua.

Mattie sacode as chaves para eles.

– Vocês vêm atrás de mim para me ameaçar, e o que isso muda? – Por fim, ela arremata com uma pergunta. – Então?

Eles não sabem o que foram fazer lá a não ser descontar em alguém, mas agora que a estão vendo, com seu rosto redondo e sua covinha trêmula no queixo, percebem que, no fim das contas, Mattie não é o que estão procurando.

– Bando de idiotas – diz ela.

Bem devagar, recua até os fundos da garagem, aperta o botão e a porta começa a descer. Nenhuma das silhuetas mascaradas faz qualquer movimento para detê-la.



Na William Archer, os alunos já se dispersaram, o noticiário das seis da tarde foi ao ar e os jornais enrolados e presos por elásticos foram jogados nas varandas em frente às casas. É então que uma longa fila de picapes sobe o morro a toda a velocidade e atravessa o campus fazendo rugir os motores, buzinando e piscando os faróis. Eles atiram ovos e latas de cerveja pelas janelas. Nas curvas, os pneus soltam uma fumaça azul. Atravessam meios-fios e dão giros pelo gramado. Espantam alunos das calçadas antes de tornar a descer o morro em disparada, deixando o ar carregado com o cheiro dos escapamentos.

Claire assiste a tudo isso do pátio do grêmio. As mesas estão vazias e cobertas por placas de gelo, com um buraco preto no meio deixado pelos guarda-sóis há muito amarrados e guardados. Atraídos para fora pelo barulho dos motores, ela e Matthew seguram copos de papel fumegantes cheios de café. Ficam assistindo à frota de picapes sofisticadas até o café esfriar e ficar mais amargo.

Tornam a entrar no grêmio para pegar suas coisas e voltar aos alojamentos. Claire fala que primeiro quer passar no correio. Passam por alguns alunos usando camisetas com os dizeres “ser humano” e conversando entre si com sussurros ásperos, mas, fora isso, estão sozinhos e seus passos ecoam pelo corredor de mármore.

Claire se ajoelha diante das caixas de correio, gira os números e ouve as engrenagens do cadeado engatarem. Abre a porta de sua caixa com um puxão. Acima dela, uma luz pisca com um zumbido de inseto. Ela está pensando em outra coisa, por isso leva alguns segundos para seu cérebro processar que há um envelope pardo ali. O papel se prende e se rasga ao ser retirado. Aquilo tem um peso esquisito e uma protuberância no centro. Enfia o dedo sob a aba enquanto repara no carimbo e no nome “Hope Robinson” escrito em letras que parecem traçadas a fio de espada. Abre o envelope com um rasgão e põe a mão dentro. A princípio, não entende o que está segurando: um saco plástico pequeno enrolado contendo algo vermelho e conhecido.

Então, ela compreende. E começa a gritar.

CAPÍTULO 48

Patrick não tem outra opção a não ser fazer o que eles mandam. No presente momento, isso significa avançar aos chutes sobre uma neve coberta por uma crosta de gelo que às vezes fica mole e afunda em valas que chegam à altura da barriga. Já faz mais de uma hora que estão andando. O sol pinta tudo de um branco ofuscante. As pernas e o ombro latejam. Apesar do frio, ele se sente febril. De vez em quando, leva um punhado de neve à boca e o mastiga até que vire água.

Nessa manhã, o sol riscava o céu com espigões rosados. Depois que o pai chamou seu nome, os licanos arrancaram sua pistola e o revistaram. Eles o deixaram parado feito um pateta enquanto evisceravam, esquartejavam e esfolavam o alce, cortavam a cabeça e a descartavam. A operação levou mais de uma hora e, durante esse tempo, ele e o pai ficaram sentados em um tronco de árvore se olhando, apenas se olhando. No início, seu pai sorriu, maravilhado com aquele reencontro, mas em seguida o sorriso morreu e ele adotou a expressão espantada e resignada de um homem inclinado sobre o caixão do próprio filho.

– Passei esse tempo todo desejando ver você – disse ele. – E agora preferia não ter visto.

Na clareira, a carcaça fumegava e o sangue manchava a neve, dando a impressão de que todos chapinhavam em um lago rubro. A pilha fumegante de vísceras roxas, vermelhas e verdes atraiu corvos que crocitavam e faziam suas sombras rodopiantes se agitarem no chão.

Os licanos agora arrastam dois trenós feitos de galhos e amarrados com cordas e tendões. Usam as lanças como bengalas. Um deles carrega no ombro um fuzil M57. Outro, o pai de Patrick. Eles não andam em formação, mas em um amontoado, com Patrick no meio.

Depois de algum tempo, próximo a uma encosta coberta de vegetação coroada por um morro de granito e gnaisse, eles adentram um vilarejo bombardeado formado sobretudo por casas de pedra e cimento com telhados desmoronados. A neve ali está compacta, cheia de pegadas, manchada de urina, sangue e fezes.

No sopé do morro, ergue-se uma igreja quadrada feita de blocos de granito. Uma cruz quebrada encima o telhado. Um corvo crocita trepado nela e sai voando quando eles se aproximam. Uma porta de madeira quebrada repousa em frente à entrada, já sem dobradiças, e eles a arrastam para o lado, empilham neve sobre a carne do alce e suspendem os trenós para levá-los para dentro da igreja.

Uma pia de água benta está caída no chão, rachada. Não há mais bancos – foram destruídos para fazer fogo, supõe Patrick – e o telhado desabou em alguns pontos pelos quais a neve caiu, deixando o chão de ardósia escorregadio. Raízes despontam

das paredes e se agarram à pedra.

Eles passam pelo púlpito e por uma porta que conduz a uma sacristia com nichos para velas nas paredes e, no canto, um esqueleto com uma Bíblia bolorenta no colo. A luz é fraca e o licano que carrega seu pai acende uma tocha de ferro forjado com um isqueiro e segue por um corredor. Patrick fica para trás e vê a luz se afastar rodopiando como um curso d'água em um ralo. Alguém lhe dá um cutucão e ele recomeça a andar.

Passam por uma cripta cheia de crânios e fêmures cobertos por teias de aranha e um tecido cinza podre. O túnel se abre para um corredor mais largo e eles atravessam um vão por uma ponte de madeira com armação de ferro de 3 metros de comprimento que Patrick pode sentir se vergar no meio.

Do outro lado, adentram uma câmara de pé-direito alto com uma pequena claraboia bem lá em cima, no centro algum tipo de altar pagão, e no chão locais para dormir feitos com peles de animal e galhos de pinheiro. Um fogo reluz dentro de uma vala com brasas cor de laranja e os licanos jogam lá dentro mais lenha, recolhida de uma pilha alta encostada na parede. Em pouco tempo, as chamas aumentam de tamanho e salpicam seus rostos de sombras, fazendo as expressões parecerem mudar mesmo quando estão inalteradas.

Eles tiram os xales. Todos têm a pele queimada pelo vento, com pontos escurecidos pelo enregelamento e outros clareados por rodela de capilares estourados. As chamas vão ficando cada vez mais altas e a caverna ao redor ganha uma vida bruxuleante. O teto está negro devido às muitas fogueiras acesas para preparar comida e às centenas de morcegos empoleirados. Nas paredes, desenhos representam homens matando animais, e vice-versa, batalhas travadas ontem, hoje e amanhã, que nunca irão cessar: os atos de matar por fome e por sede, aquele tipo especial de sede só saciada com sangue.

O chão de areia preta está coberto por fezes de morcego. Há pedras para se sentar em volta da vala do fogo e também o crânio embranquecido de algum animal gigante que Patrick não reconhece; senta-se sobre seu cocuruto. O pai é depositado a seu lado. As pernas que terminam em cotos na altura dos joelhos o fazem parecer meio enterrado, meio perdido no mundo inferior.

Patrick estuda o rosto de cada um dos presentes. Um negro chamado Jessie a quem falta metade dos dentes. Um mexicano chamado Pablo com um furo na testa como se alguém tivesse pressionado o polegar em uma superfície de lama. Um branco de barba, cara amassada e olhos esbugalhados que nunca parecem se deter em lugar nenhum por mais de um segundo. Seu nome é Austin. Foi ele que tirou a pistola de Patrick e riu quando Patrick abraçou o pai e disse “Vejam só que fofura do caralho”.

Na clareira, o pai lhe explicou o que havia acontecido com eles. Uma patrulha de

rotina sofreu uma emboscada. Uma bombacaseira explodiu no meio do comboio e, antes de eles conseguirem processar o que ocorrera, surgiram da fumaça revolta dez, vinte ou trinta licanos.

– Disparamos toda nossa munição – contou o pai. – Transformamos a rua em uma nuvem de tempestade, mas eles eram muitos. Queriam morder... Era isso que eles queriam. Morder a gente. E morderam, uns mais do que outros. – Ele arregaçou a manga e estendeu um antebraço marcado pelas queloides de uma cicatriz. – Missão cumprida.

Cinco deles tinham conseguido escapar com vida, todos mordidos. A explosão estraçalhou as pernas de Keith e os homens cortaram as partes que sobraram e cauterizaram a carne destruída com uma calota de roda que punham dentro de uma fogueira alta até o metal ficar laranja e reluzente.

Austin se intrometeu na conversa:

– Todo mundo vive falando “e se”. E se um cachorro morder você? Me mato com um tiro na cabeça, dizem alguns. Aceito viver infectado, dizem outros. Todos nós temos mulheres, filhos. Se desaparecemos ou morrermos em combate, nossas famílias continuam a receber o soldo. Mas e se voltarmos para casa licanos? Que porra vai acontecer? Vamos ser dispensados. Nossas mulheres vão pedir o divórcio. Vamos acabar drogados, na sarjeta.

Atrás de Austin, na clareira, o alce soluçou e tentou mais uma vez se levantar com grande esforço. Ele usou a pistola de Patrick para desferir dois tiros no animal, que desabou como se uma cordinha houvesse sido cortada.

– Que se foda esse bicho.

Agora, na caverna, Patrick não diz nada, mas fica observando os licanos e escutando suas vozes ecoarem, os passos ressoarem pela areia e as facas serem amoladas em pedras. Eles descarregam a carne dos trenós, empilham-na sobre o altar e começam a cortá-la com as facas que cintilam nas mãos de cada um. Comem parte da carne crua mesmo, e parte cortam em bifes que picam e socam junto com neve em um nicho da parede da caverna. O ar recende a sangue e um cheiro de suor azedo.

Patrick quer perguntar por quê. *Por que* seu pai não fugiu daqueles homens, por que não tentou entrar em contato com ele para avisar que estava vivo? Embora já saiba a resposta – Keith não é mais seu sargento, é agora seu prisioneiro, igual a Patrick –, considera-a a resposta errada.

Pablo se ajoelha junto à fogueira e estende a mão em direção ao fogo para acender um cigarro. Tem as mãos cobertas por uma luva de sangue e a boca toda suja de vermelho. Uma sombra preta cobre o buraco em sua testa. Ele cruza olhares com Patrick, dá um trago no cigarro, exala uma nuvem de fumaça azulada e comenta que seu pai é um homem bom.

O rapaz tem uma voz aguda e Patrick percebe como é jovem, como todos eles são jovens, só uns poucos anos mais velhos do que ele. Mas o clima deixou seus rostos envelhecidos.

– Que péssimo você ficar sabendo sobre ele assim. Mas olha, pelo menos ele está vivo, né?

Em pé junto ao altar, Austin golpeia e corta com a faca. Joga uma tripa de carne na boca.

– Se isto aqui é viver, eu preferiria morrer.

Pablo dá mais um trago e joga o cigarro em Austin com um piparote. A brasa ricocheteia na bochecha e Austin passa a mão na queimadura, arregalando os olhos. Anda a passos firmes até onde o fuzil está apoiado na parede, aciona o ferrolho para pôr uma bala na câmara e o aponta para a cabeça de Pablo.

– Faz isso de novo.

– Só sobraram poucos cigarros, senão eu faria.

Austin mantém a mira em Pablo, bem em cima do buraco em sua testa.

– Vai se foder.

Abaixa a arma, coloca-a de volta no lugar, pega a faca e recomeça a cortar uma anca estriada com tiras de gordura.

Patrick fita o pai, que o encara e em seguida baixa os olhos, derrotado. Não tem mais qualquer poder sobre aqueles homens, não consegue manter a paz, propor uma saída, salvar o filho.

Um dos trenós está perto de Pablo, que se inclina, pega um pedaço de carne, espeta-o na ponta de uma lança e a move na direção de Patrick.

– Tá com fome, cara?

– Não dá isso para ele – ordena Austin.

– É o filho do Keith, cara.

– Não dá essa lança para ele.

– Nós somos quatro, ele é um só. Acha que o garoto tem colhões?

Austin olha para Patrick e fala com Pablo.

– Comer ele pode. Pegar a lança, não.

Pablo deixa a lança suspensa no ar por mais alguns segundos – para Patrick poder estender a mão e pegar, se quiser –, em seguida torna a puxá-la para junto de si. Apoia-a na coxa e aproxima a carne das brasas. O sangue pinga e chia no fogo.

– Seu velho conta umas histórias bem loucas, sabia?

– Ah, é?

– Ele contou para a gente daquela vez em que tomou um ácido em Yosemite e foi fazer uma caminhada pela reserva. Estava doidaço e achou que fosse uma boa ideia ficar pelado. Então ficou. Começou a andar pelado, só de bota. Aí topou com uma mulher usando uma roupa toda vaporosa. A mulher mais linda do mundo, segundo

ele. Quando a tocou, ela se transformou em cinzas e foi levada pelo vento.

– É verdade, pai?

O pai não responde. Tem a cabeça baixa e esfrega as mãos pelas coxas até os cotos arredondados.

Patrick sorri, pois isso lhe parece a coisa certa a fazer. Mesmo que não esteja feliz, tampouco está triste. Não sente praticamente nada a não ser que está encurralado. Não acha que haja lugar em sua cabeça para qualquer outra coisa que não a fuga. Estuda os nós arroxeados dos dedos e as veias azuladas nas costas das mãos como se pudessem lhe dar uma resposta.

Então, Jessie pergunta:

– Por que está contando isso para ele?

– Estou só tentando puxar conversa.

– Deveria estar contando alguma coisa heroica, porra. Não uma história de doideira. Ninguém quer ouvir isso sobre o próprio pai.

Ele fala que precisa dormir um pouco, acomoda-se sobre uma das peles e vira as costas para os outros.

A carne começa a queimar e soltar fumaça e Patrick olha para o M57 encostado na parede da caverna, a apenas 3 metros de onde se encontra, mas do outro lado da fogueira. Não sabe quantas balas o fuzil tem, mas imagina que sejam suficientes. Move os olhos para Austin, ainda curvado sobre o altar e agora sem camisa, os braços cobertos de sangue até os cotovelos. Seus olhares se cruzam. Com ele não há negociação possível. Tampouco escapatória. Se Patrick tentar ir embora, estará morto ou infectado. Pode ver a intensidade no olhar de Austin e sabe que é apenas uma questão de tempo para ele mandar os outros o segurarem e morder sua coxa ou comer seu cu.



Claire reconhece os dois dedos cortados bem rente ao osso. Deixa o plástico cair no chão, recua até bater com as costas na parede e começa a gritar. A princípio, Matthew tenta reconfortá-la, sussurrando que tudo ficará bem, mas depois tapa sua boca com a mão e a arrasta até o lado de fora, onde o choque do frio a faz calar.

Ela não pode ficar sozinha nem encarar Andrea, que faria perguntas demais, portanto iria para o quarto de Matthew.

– Tudo bem? – pergunta ele. Claire aquiesce até ele segurar seu queixo com o dedo e afirmar: – Tudo bem.

Vai buscar o envelope do chão da sala de correio e o enfia dentro da mochila dela; Claire sente-se enjoada por carregar aquilo. Os dois saem para a penumbra do crepúsculo.

Em seu quarto, Matthew se desculpa pela bagunça e chuta uma pilha de roupa

suja para dentro do closet. As prateleiras e a escrivaninha transbordam com livros de estudo, trabalhos da faculdade, xícaras de café, uma bola de meia, um saco de biscoito pela metade, um boneco troll de cabelos revoltos. Acima da cama estão pendurados dois cartazes, um de *Star Wars*, outro de Che Guevara. Um frigobar ronrona no canto e de lá ele tira uma garrafa de água mineral para ela beber, pois está seca de tanto chorar.

No peitoril da janela, há um suporte para iPod e um globo que se acende por dentro. Claire vai até lá, aciona o interruptor e o globo projeta seu desenho colorido na janela, nas paredes, em seus rostos. Ela o faz girar e as cores rodopiam pelo quarto.

– Para onde você quer ir? – pergunta ele.

Claire deixa o dedo pender aleatoriamente sobre a esfera; o lugar apontado os decepciona: República Lupina.

Ela se inclina para junto de Matthew, que a abraça. Fica encarando o reflexo dos dois na janela. Seus olhos se esforçam para focar a imagem dele. Não consegue ver muito bem se ele está olhando para ela ou para trás de si. Permanecem assim por algum tempo e, mais tarde na cama, mantêm a posição.

No dia seguinte, a aurora inflama o céu. Claire precisa ir embora dali. É impossível não ir sabendo o que ela sabe. Sai da cama, põe a mochila nas costas, fecha a porta com um clique e, cinco minutos depois, entra de fininho em seu quarto, onde Andrea ainda dorme.

Claire põe sua mala em cima da cama, abre-a e começa a esvaziar as gavetas. Vai pegar o próximo trem para Seattle. Sem despedidas. Sem remorso. Antes, repreendia a si mesma por se preocupar com o passado, pois considerava isso uma fraqueza. Agora, está uma fera por ter sido tão negligente. Seu passado é tudo o que importa – e Miriam é a única parte dele que sobrou.

Ela verifica a cômoda e a escrivaninha para se certificar de que pegou tudo de que precisa e acaba encontrando um trabalho seu corrigido por Reprobis. O trabalho sobre seu pai. Tirou B+ e, nos comentários finais, o professor escreveu: “Mais fontes da próxima vez. Seria interessante saber a opinião dos outros além da sua própria. Lembre que a força do lobo vem da alcateia.”

Claire deixa a mala escancarada em cima da cama.

A essa altura, já conhece os hábitos dele. Todos os dias de manhã, às sete, ele já fez o passeio matinal, buscou café no grêmio, e agora deve estar em sua sala lendo jornal ou corrigindo trabalhos e preparando a próxima aula.

A porta está entreaberta e Claire pode vê-lo sentado à mesa, antiga e toda riscada de tinta. Certa vez, Reprobis lhe contou que ela vem de uma biblioteca. Em cima,

nunca pode faltar sua máquina de escrever Smith-Corona. O professor tem um jornal aberto à sua frente e um cachimbo apagado na boca. As paredes se perdem atrás de estantes e velhos cartazes de protesto rasgados e enrolados nos cantos. A luz do teto está apagada, mas uma luminária de mesa verde-jade acesa a seu lado enche a sala de sombras e faz seus óculos cintilarem.

Claire hesita, o estômago sendo corroído pelo nervosismo. Ela bate na porta ao mesmo tempo que entra. Reprobis baixa o jornal até o colo.

– Miriam – é tudo o que ela tem a dizer.

Ele leva um dedo aos lábios, pega um lápis dentro de uma caneca de café e rabisca em um pedaço de papel: *Aqui não. Não é seguro.*

– Vamos dar uma volta – diz.

A manhã ainda está escura; o sol não conquistou o céu. Os prédios do campus exibem o mesmo cinza lavado de lápides. Alguns alunos e professores passam, a maioria segurando cafés fumegantes, os únicos transeuntes àquela hora. O chão está salpicado de neve e a grama, congelada em folhas brancas que estalam sob suas botas quando ela sai da trilha, esforçando-se para acompanhar os passos largos de Reprobis.

Minutos antes, Claire lhe entregou o envelope e ele examinou os dedos e o pedacinho de osso despontando na extremidade inferior. Pensou se o professor iria chorar, gritar ou socar o ar com o punho em um gesto de impotência – era difícil ler sua expressão por baixo da barba –, mas ele apenas devolveu o envelope, levou um fósforo aceso ao cachimbo e soltou uma baforada.

– Eu vou embora – avisou ela. – Vou encontrar minha tia.

– Por que acha que ela está viva?

Claire não sabe ao certo. Um instinto. Puck passou muito tempo desejando Miriam, e agora finalmente ela é sua. Ele deve querer prolongar sua satisfação.

Reprobis olha em frente.

– E depois?

Mais uma vez, ele a obriga a sair do caminho, mas ela o empurra de volta com o ombro.

– Ainda não pensei nessa parte.

O fumo do cachimbo dele chia a cada respiração. O sol passa entre algumas nuvens e suas sombras surgem e desaparecem adiante.

– Tem alguma coisa acontecendo – diz ele. – Não sei muito bem o quê. O escrutínio e a desconfiança em relação à William Archer não são nenhuma novidade. Mas carros do governo foram vistos no estacionamento leste e homens de terno andaram perambulando pelos setores de matrícula, contabilidade, informática e pela sala do reitor.

Lá está ele outra vez: o impulso de fugir. Há uma luta a ser travada ali e onde se encontra Miriam e ela não pode se deixar encurralar entre as duas.

– Desculpe, mas neste momento é difícil para mim me importar com qualquer uma dessas coisas.

– Eu entendo. Mas lembre-se: este momento é maior do que você e maior do que Miriam. Nós estamos sendo atacados. Nós, a universidade. E nós, você e eu. Nós, licanos.

Luzes começam a piscar nos prédios ao redor à medida que alunos se arrastam para fora das camas, professores ligam os computadores das salas e faxineiros recolhem o lixo da véspera.

– O que você acha que eu deveria fazer?

– Você não sabe onde Miriam está?

– Acho que na região de Seattle. Por causa dos carimbos do correio. Fora isso, tudo que eu tenho são os vídeos.

– E o e-mail? Você comentou que vocês trocaram e-mails.

– Eles não dizem nada sobre onde ela está.

– Outro dia de noite eu estava assistindo a um programa. Um daqueles sobre inquéritos policiais. Eles conseguiram encontrar uma fugitiva por causa de um e-mail que ela mandou. Tem alguma coisa a ver com hackear códigos. – Ele faz o gesto de quem digita, como seu pai fazia: o código universal dos velhos para se referir ao computador. – Você conhece alguém que entenda alguma coisa desses assuntos?

Claire acorda Andrea abrindo uma lata de Coca Diet bem junto a seu ouvido e lhe entrega o refrigerante enquanto a colega se senta com dificuldade na cama, um olho ainda fechado e as bochechas borradas de rímel. Por cinco minutos, dá respostas incompletas às perguntas da colega – “Onde você dormiu ontem?”, “Que mala é essa?” – e, por fim, consegue explicar o que precisa.

– Problema nenhum – diz Andrea, com o cabelo todo embaraçado. Ela amassa a lata vazia e a deixa cair para se juntar à bagunça espalhada pelo chão.

Claire abre seu laptop, encontra o e-mail e o encaminha para Andrea. Lembra-se da hesitação de Reprobus em conversar dentro de sua sala e do que Miriam falou sobre a rede sem fio do campus, mas àquela altura, na sua opinião, não há mais nada a perder.

Andrea já ligou o próprio computador e prendeu os cabelos em um rabo de cavalo. Franze os lábios quando Claire pergunta o que ela vai fazer.

– Vamos imaginar que eu esteja num restaurante usando o wi-fi deles. Isso significa que o meu IP é igual ao deles. Aí eu mando um e-mail e você recebe. Para descobrir de onde veio meu e-mail, é só descer até o fim da mensagem para encontrar o primeiro *received*. É o que está mais embaixo. Posso olhar esse primeiro

endereço IP, neste caso 75.402.157.195, e ele vai corresponder à localização.

– Pode fazer, então.

– Já estou fazendo.

As mãos dela se imobilizam acima do teclado.

– O que foi?

Sua língua estala com um som hesitante contra o palato.

– É claro que, se a pessoa não quiser ser encontrada, pode facilmente mascarar o IP sem fazer muito esforço. Dá para fazer uma analogia com os telefones públicos. A empresa de telefonia pode passar o número que chamou e onde fica o aparelho correspondente a esse número, até onde informam os seus registros. Isso não quer dizer que eu não possa arrancar o telefone do chão e ligar de outro ponto da cidade.

– Como a gente sabe se o IP está mascarado?

– Eu posso descobrir para você se esse IP existe ou não. Se ele existir, você pode me dizer se a localização faz sentido.

Andrea abre um site chamado IP2Location, digita o IP, e o endereço de uma loja da Starbucks em Tacoma surge na tela.

– Isso – fala Claire. – É essa a localização.

– Você tem mais alguma informação.

– Não muita. Só um vídeo.

– Deixa eu ver.

Andrea copia os dois discos para a própria máquina, converte os arquivos e os comprime. Abre-os em duas janelinhas e os assiste ao mesmo tempo, arrastando o cursor entre um e outro para pausar, voltar, avançar.

Quando a mão de Puck aparece no primeiro plano do vídeo e arranha o ar, ela comenta: “Caralho, que medo.” Pede informações várias vezes e Claire responde que não pode dar. Não por não confiar nela, mas porque, caso compartilhe algo mais, ambas passariam a correr perigo.

– Até agora, você só está me ajudando a decifrar um vídeo. Não tem nada de ilegal nisso.

Andrea a encara por um tempo.

– Olha só que onda... Parece até uma operação secreta. – Ela ajeita o elástico dos cabelos. – Tudo bem.

Andrea busca “Tacoma, motéis” na internet. Dezenas de nomes aparecem. Ela passa para os mapas. Metade da tela fica azul com o estuário de Puget Sound e a área metropolitana de Tacoma avançando água adentro, entrecortada por estradas brancas e pretas. Pontinhos cor de laranja indicam os vários motéis espalhados pela cidade.

– Ela está perto de água doce. Então a gente pode eliminar a maioria destes aqui.

– Como você sabe que ela está perto de água?

Andrea arrasta a barra na parte inferior do vídeo até uma cena de Miriam se exercitando no parquinho. Triplica o zoom e usa o cursor para focar uma massa de galhos verdes pendentes, um dos muitos chorões que margeiam o local.

– Dã.

Andrea comenta que a tia de Claire parece bem malhada, mas que, ainda assim, não deve correr mais de 15 quilômetros por vez. Não naquele clima.

Claire diz que não tem certeza, pois Miriam é uma mulher fora do normal.

– Vamos começar por esta região, de qualquer forma – fala Andrea.

Com base na proximidade em relação a rios e lagos, quase todos perto de parques, ela reduz a lista de hotéis para onze. Há um chamado Dew Drop Inn, com varanda de concreto na frente e paredes de tijolo amarelo. Há o Tacoma Inn. O Rainier Inn. O Motel Cascade. Não, diz ela. Não. Não. Nada. Velozmente, sobe até as nuvens e desce para uma calçada muito depressa, pulando de endereço em endereço.

No fim, sobram apenas três hotéis, que não têm imagem por satélite.

– Acho que vamos ter que usar o método antigo.

Andrea põe o iPhone no viva-voz, digita um telefone, depois outro, e pergunta ao funcionário que atende quantos quartos seu hotel tem – está procurando o número sete, que viu em um vídeo de Miriam – e se existe mais de um bloco.

Claire percebe que seus dentes estão doendo de tanto pressionar o maxilar. Está prestes a desistir quando Andrea liga para o último, o Motel Bigfoot.

Uma voz arruinada pelo tabaco atende e Andrea repete o questionamento feito aos outros lugares.

– Quartos disponíveis ou no total? – indaga a pessoa.

– No total.

– Sete.

Nessa hora, Claire sente algo ganhar vida dentro de si, feito as nuvens negras de tempestade que ficavam paradas acima do Wisconsin e se moviam até formar alguma imagem conhecida ou se dispersavam em um rastro de filamentos cinzentos.

– Como é o seu motel?

– Como assim? É um motel.

– É marrom?

– É, é marrom. Que diferença isso faz?

– É que eu adoro hotéis marrons, entendeu? Acho incríveis. E vocês ficam perto de alguma floresta?

– Ficamos. A senhora também adora florestas?

– Adoro. Por acaso poderia me listar quem está hospedado aí? Por favor?

– Não.

Claire se inclina até junto do telefone e pergunta:

– Alguém apareceu para se hospedar aí de repente? Tipo, na semana passada ou na anterior?

– Isso acontece tanto que eu nem sei dizer. Vocês vão querer um quarto ou não?

Andrea encerra a ligação e realça o endereço na tela.

– É isso. Motel Bigfoot.

Claire estende uma das mãos espalmada e Andrea lhe dá um tapa com a sua. O estalo fica suspenso no ar e as duas falam “Obrigada” e “De nada” ao mesmo tempo.

– Sabia que antes eu achava você burra? – Claire.

– Sabia que antes eu achava você uma piranha reprimida e esnobe?

Claire abre um sorriso, que logo morre, e todo o bom humor é dispersado por uma explosão dentro de si, não muito diferente de um raio. De repente, tudo parece se resumir ao número dois: os dois dedos, os dois vídeos, os dois nomes pelos quais ela é conhecida, o sol e a lua, os infectados e os não infectados, os Estados Unidos e a República, o presidente e seu adversário, Matthew e Patrick, Reprobis e Miriam. Claire sente que está partida ao meio – o mundo inteiro está.

CAPÍTULO 49

Peter dirige caminhões. Na maior parte do tempo, trabalha para a Amazon, transportando contêineres abarrotados de livros, DVDs, roupas e todas as outras quinquilharias que as pessoas comprem pela internet, mas às vezes faz serviços independentes, e isso pode significar levar mercadorias dos trens ou das docas. Alguns anos atrás, comprou por 44 mil seu próprio caminhão, um Freightliner 2007 modelo Columbia 120, um imenso dinossauro branco – sua casa parece de brinquedo diante dele – com filamentos de fumaça cinza gravados a estêncil nas laterais. Transmissão com dez velocidades, suspensão pneumática, compartimento com dois beliches, 515 cavalos de força e um eixo traseiro capaz de carregar 18 toneladas. O hodômetro já marca mais de 800 mil quilômetros, a maioria dentro do estado, mas o veículo parece novinho em folha. Ele mesmo faz o polimento na carroceria e até fala com a máquina enquanto passa um pano pela grade dianteira monstruosa e remove os insetos de seus dentes.

Eles o chamaram. Disseram que acharam seu telefone no site dos caminhoneiros independentes. Queriam que Peter transportasse um contêiner que deveria estar nas docas em 1º de novembro, um dia depois de os festejos de Halloween fazerem as pessoas emporcalharem as ruas com papéis de bala e de as abóboras nas varandas afundarem para dentro como velhos desdentados. O ponto de entrega era um endereço em Olympia, pouco menos de 200 quilômetros ida e volta. Sim, ele podia fazer o serviço, sem problemas.

Era um serviço fácil, foi o que falaram, e estavam certos. O engraçado era que eles não lhe pagavam como algo fácil. Três mil por três horas de trabalho. Ele ficou calado depois de escutar isso. “Ficariamos gratos por sua discrição”, disse a voz do outro lado da linha, muito aguda.

Peter sabia quando não devia fazer perguntas. O dinheiro viria a calhar. Fora por isso que começara a aceitar serviços independentes, afinal, e às vezes trabalhava sessenta horas por semana ou mais. Estava de olho em uma daquelas televisões de LCD de alta definição. A imagem naqueles troços era melhor do que a vida real.

Peter prende ao caminhão o contêiner laranja enferrujado ainda com cheiro de mar, ergue uma das mãos pela janela aberta para acenar para o controlador, acelera e passa pelos carros de polícia sempre parados do outro lado do posto de controle para revistas aleatórias. Ele se pergunta se não está dando um passo maior do que as pernas. O peso bruto do reboque é inferior a 4,5 toneladas, uma carga leve. Poderia estar transportando uma bomba ou cem tijolos de heroína, até mesmo putas. E se levasse uma dura? Ele que se foderia.

Peter desliga o rádio para poder pensar e pisa fundo, torcendo para terminar o

serviço e entregar a carga antes do futebol de segunda à noite na TV. O dia já está no fim e o sol mergulhou no horizonte. Passa um pouco das cinco, logo depois de o cais fechar e de os sindicalistas encherem os bares com canecas de cerveja e doses de uísque para rebater. Ele pode sentir que o vento é ascendente, porque o caminhão é sacudido pelas rajadas mais fortes e seus pulsos começam a doer por ter de reajustar o volante o tempo todo.

Ele tem um GPS, mas já pesquisou o endereço no Google Maps mais cedo: um estacionamento de cascalho perto de um ferro-velho no meio da roça. Há um alambrado delimitando o espaço, com lixo preso, e o portão está destrancado. O lugar deve ter uns mil metros quadrados, rodeado por uma floresta densa, e agora contém apenas mato e uns poucos caminhões e carros. Peter sacoleja por algumas poças do temporal da véspera e conclui que aquele é um lugar como qualquer outro.

Desliga o motor, salta da boleia, pressiona a base das costas com os punhos fechados e massageia a parte dolorida, que piora a cada ano, às vezes transformando em tortura o ato de se levantar pela manhã. Uma lâmpada de vapor de sódio zumbe mais para o lado do ferro-velho. Faz calor para a época: dá para ficar de camiseta e talvez o ar esteja até um pouco grudento. O sistema de pressão mudou; o vento agora sopra com força, o que em geral significa problemas.

É então que Peter ouve – ou pensa ouvir – um movimento dentro do contêiner. É difícil ter certeza por causa das rajadas do vento, do mato farfalhando e do cascalho estalando sob suas botas. Ele para onde está, inclina-se em direção à caixa e aguarda um minuto que parece não ter fim.

Escuta outra vez: um arranhão, como uma lixa esfregada em metal.

Já leu histórias nos jornais sobre prostitutas despachadas da Rússia e mortas asfixiadas até virarem um emaranhado de corpos azuis e inchados. Torce para não estar envolvido em algo desse tipo, para não ter se metido em alguma merda.

Sabe que deveria sair dali rapidinho e deixar aquele contêiner para trás, mas a curiosidade vence. Ele vai até a traseira e abre a tranca. Fica segurando a barra por uns trinta segundos, com força, então fala um foda-se, abre a porta, e lá dentro encontra pilhas bem altas de caixas de papelão.

As etiquetas são de uma empresa de material médico e dizem IODO. Há um corredor estreito e escuro entre as caixas.

– Alguém aí? – chama.

Sente-se um daqueles idiotas nos filmes de terror, que sempre descem para o porão sinistro quando deveriam correr até o carro e enfiar o pé no acelerador.

Peter acende a lanterninha que sempre carrega presa no chaveiro. O aparelho emite uma luz branca fraca. Ele sobe no contêiner e começa a avançar. Anda de lado, encolhendo a barriga, e mesmo assim mal cabe na passagem. Como imaginou, o contêiner tem uma parede falsa menos de 5 metros antes do final. Ele bate na

parede com o punho fechado e ouve um som oco.

– Alguém aí? – repete.

Não gosta de sua voz ali dentro, alta e metálica, como se pertencesse a outra pessoa. Percorre a parede com a lanterna e espia atrás das caixas até distinguir, à esquerda, uma leve depressão quadrada que acredita ser uma porta de correr.

Peter sente medo, mas também está convencido de que do outro lado daquela parede vai encontrar um compartimento cheio de vadias iguais àquelas com quem ele conversa na internet de vez em quando, todas tatuadas, de lingerie roxa rendada, cabelos oxigenados e estrias nos peitos de silicone tamanho 48. Isso basta para motivá-lo nos cinco minutos seguintes a mover caixas, cada uma com pelo menos 10 quilos e um chacoalhar que parece ser de comprimidos. Por fim, tem acesso aos fundos do contêiner. Sua respiração está ofegante, a camisa já encharcada de suor. Repreende a si mesmo, como faz diariamente, por não se exercitar mais. Quem sabe com o resto do dinheiro possa comprar um daqueles aparelhos de ginástica vendidos pela TV, instalar em frente ao televisor novo e fazer umas séries enquanto assiste ao programa esportivo. Imagina-se com o físico definido e cheio de veias saltadas de um daqueles atores da televisão e, ao lado, olhando com admiração para seu novo corpo, uma daquelas vadias russas de rendinha roxa que talvez estejam à sua espera atrás daqueles poucos centímetros de metal.

É possível ver agora uma porta na altura da cintura. Peter ouve a própria expiração sibilante, aguda, e tenta se acalmar. Bate na porta duas vezes com a mão espalmada e aguarda. Como não ouve resposta, agacha-se e encosta o ouvido nela. Sente o metal frio contra a face. Pensa ter escutado algo, mas quem sabe é só o vento soprando lá fora.

Empurra a porta para testá-la. Ela cede e se abre com um rangido. Sente um cheiro de bicho, como excrementos de cervo, pelo de cachorro molhado ou água parada de fosso. No início, tudo o que consegue discernir é um quadrado preto. Estende a lanterna para tentar vencer as sombras. Ouve um arrastar quando algo se aproxima, um vulto que sai da escuridão para a luz.

– Meu Deus! – exclama ele. É a última coisa que diz na vida.

A luz vacila e morre. O trovão ruge. O vento assobia, trazendo o cheiro do estuário de Puget Sound, o fedor das algas acumuladas nas docas e espalhadas pelas rochas. Em algum lugar, uma dobradiça enferrujada geme, uma porta bate. Um saco plástico passa rodopiando, corre rente ao cascalho e é arremessado em direção ao céu cheio de nuvens revoltas. O mundo parece vibrar.

Um Ford Expedition preto entrou no estacionamento de cascalho e dele desceram Jonathan Puck e Morris Magog. Puck está parado, de braços cruzados, e Morris segura pelo cabide um terno feito sob medida que, a seu lado, parece do tamanho

infantil. Seus cabelos ruivos compridos e o sobretudo de couro preto ondulam ao vento que sopra.

Eles ouvem o barulho de algo se mexendo dentro do contêiner. Passos que, no piso de metal, parecem cascos batendo. E então a silhueta surge: um homem mais velho, nu e coberto de sangue. Mas ele não grunhe como um animal selvagem nem cobre as partes íntimas, envergonhado. Parece perfeitamente controlado ao saltar do contêiner e andar na direção deles com a postura ereta e um sorriso que começa a se formar no rosto. Um de seus olhos é cego e o outro, desacostumado com a claridade, tem a pupila dilatada e negra.

– Até que enfim – diz ele.

Puck faz uma pequena reverência.

– Mestre.

CAPÍTULO 50

Patrick está sentado no crânio sólido feito pedra. Alguns minutos antes, terminou de comer a carne de sabor forte quase carbonizada por Pablo, e agora consegue pensar melhor. Não percorreu meio mundo e entregou quatro anos da própria vida para morrer ou virar escravo de um vira-lata como Austin. Seu pai é incapaz de ajudá-lo; é um homem arruinado. Isso está claro para Patrick, e por enquanto seus papéis foram trocados: quem vai tomar as decisões é ele.

O que mais quer é encolher até virar um pontinho desprovido de qualquer raciocínio ou força de vontade e deixar o vento levá-lo embora para algum outro lugar onde possa fincar raízes e começar de novo. Porém, ele sabe que precisa agir. Pensa em sair correndo, levantar-se com um pulo e ver até onde consegue chegar, mas percebe que além do alcance do fogo, dentro da caverna, onde os dias se transformam em uma noite sem fim, outros sentidos prevalecem – olfato, tato e, sobretudo, audição. E aqueles homens conhecem a escuridão e aquele espaço; irão pegá-lo na hora. Logo, ele terá que arrumar outro jeito.

– Pai?

– Hum. – Keith não desprega os olhos do fogo.

– Eu sei sobre a mamãe.

– Imaginei que isso fosse acontecer.

– E sei o que você estava fazendo.

Nessa hora, o pai o encara e seus olhos parecem ficar mais brilhantes, mas talvez seja apenas o reflexo do fogo.

– A que distância de Tuonela a gente está, pai?

A voz de Keith não chega a ser nem um sussurro e Patrick não sabe ao certo se ele responde “Bem pouco” ou “Espere um pouco”. O pai leva a mão ao bolso da frente da roupa e pega um caderninho preto.

– Toma. Fica com isto aqui.

Patrick guarda o objeto no mesmo bolso que contém as folhas de papel impressas e dobradas que trouxe da base.

– Pai, se eu puder ajudar... O que mais eu poderia fazer? O que devo fazer? Para ajudar?

O pai se inclina para junto dele, mas recua com um tranco quando Austin questiona:

– Sobre o que vocês estão falando?

Ele está sentado longe do fogo, com as costas apoiadas na parede e uma jarra de cerâmica pousada ao lado.

– Nada de segredos. – Tem a boca aberta, e um filete de baba une seus lábios. –

Nada de segredos, não aqui.

Patrick fita o fogo e sente algo dentro de si entrar em combustão. O peito logo estará em chamas.

Austin pigarreia. Está imundo, mas ainda assim alisa os vincos da manga e retira do tecido um pelo ou agulha de pinheiro.

– Você não vai a lugar nenhum. Sabe disso, não sabe?

– Eu não vou falar nada.

– Pode ser que não, pode ser que sim. Não dá para arriscar.

– Não vou falar nada.

– Dizer duas vezes não faz disso uma verdade.

– Eu posso levar meu pai e aliviar vocês dessa responsabilidade. Posso mandar avisar a suas famílias que vocês estão vivos. Podem confiar em mim.

Austin usa as mãos para segurar uma jarra cheia de líquido e dar um longo gole. Alguma bebida alcoólica, decerto roubada de um barracão ou varanda dos fundos de alguma casa.

– Não se pode confiar em ninguém. O mundo é um esgoto de mentiras. Já estamos todos enterrados até o pescoço nesta merda. – Ele ergue o indicador e sua voz adquire um tom agudo e entrecortado, imitando o atual presidente. – Estamos reconstruindo uma estrada... Estamos bombardeando um complexo. Licanos podem levar uma vida responsável se tiverem uma chance... Licanos devem ser presos com coleiras, medicados e tratados como os cães que de fato são. Todos os homens nascem iguais... mas licanos não são homens. São da mesma espécie, mas ao mesmo tempo não são, por isso os mesmos direitos não se aplicam.

– Deixar eu ir embora seria a decisão certa.

– Seu pai sempre disse que você nunca soube escutar. O que precisa enfiar na cabeça é o seguinte: a gente agora está no mesmo buraco. Eu não convidei você para vir aqui. Foi você que apareceu.

Patrick pensa em uma centena de coisas impróprias de se falar, mas acaba ficando em silêncio. Durante um minuto, o único barulho é o fogo estalando e os bolsões de resina estourando. As cinzas rodopiam em direção ao teto e Patrick as acompanha com o olhar e vê que ainda há luz atravessando a claraboia. Pode ser que esteja ali há uma hora ou cem; não saberia dizer.

– Vai ficar prendendo esse troço o dia inteiro? – pergunta Pablo. – Passa essa jarra, mostra que tem bons modos.

Austin toma outro gole e se levanta fazendo estalar os dois joelhos. Tenta disfarçar, mas Patrick repara que ele cambaleia ao andar até o fogo. As roupas pendem de seu corpo como se ele fosse um cabide. Os fundilhos de sua calça foram remendados com um pedaço largo de pele animal e ele parece estar de fralda.

Patrick avalia rapidamente o entorno. Seu pai o observa. O peito de Jessie sobe e

desce ao ritmo do sono. O M57 está apoiado na parede, sem ser vigiado. Austin deixa a jarra cair no colo de Pablo, anuncia que vai dar uma mijada e tropeça duas vezes no caminho até a borda do vão atravessado pela ponte. Instantes depois, ouve-se o barulho do mijo despencando no vazio.

– Patrick? – chama Keith.

– Oi.

Pablo bebe da jarra, franze o rosto e estremece.

– Você quer ajudar?

– Como?

– Faça o que eu sempre disse para você fazer. Encontre o Neal.

Pablo limpa a boca com o pulso e estende a jarra para Patrick. É uma peça de cerâmica em dois tons de marrom, toda suja de cocô de morcego. Tem a boca tão larga quanto a sua e exala um cheiro de batata podre. Patrick fica enjoado. Sente como se a escuridão da caverna combatesse a luz do fogo e infectasse sua visão, e fosse aberta a porta para o mundo dos mortos.

Com a voz mais calma de que é capaz, Patrick pergunta se pode filar um cigarro.

Pablo toca o maço no bolso.

– Sei lá, cara. Tenho poucos – responde, mas lhe entrega um.

Patrick acende a ponta na fogueira, enfia o cigarro entre os lábios e suga até a brasa acender, tomando cuidado para não tragar nenhuma fumaça, pois sabe que vai tossir.

Olha para o pai, que aquiesce, leva as mãos até o chão e enterra os dedos na areia preta.

– Ei, olha só isto aqui – chama ele.

Quando Pablo se vira para ele, curioso, Keith joga dois punhados de areia na sua cara.

Pablo leva as mãos aos olhos e Patrick segura a jarra, pula por cima das pedras e cambaleia dez passos até onde o M57 o aguarda.

Seu pai está se arrastando em volta da fogueira na direção de Pablo, tentando alcançá-lo antes que seja tarde demais. Em vão. Pablo tateia às cegas para pegar sua lança e começa a desferir golpes com ela, atingindo Keith no rosto, na base do pescoço e no peito. O pai, que durante todo aquele tempo parecera um espectro, agora sangra e grita, terrivelmente vivo nesse último instante.

Contudo, Patrick não consegue parar; pode ouvir os passos ribombando até ele. Quando consegue erguer o fuzil até o ombro, vê o rosto de Austin em um rictus de fúria espantada, os dentes expostos e já sangrando. Seus movimentos não são fluidos: a transformação percorre o corpo fazendo-o estremeecer, como se ele sucumbisse a alguma toxina. Os braços estão estendidos para envolver Patrick, lhe quebrar as costelas e perfurar os pulmões.

Se a trava de segurança estivesse acionada, Patrick teria morrido. Porém, Austin tinha se descuidado. O gatilho estala. O fuzil dá um coice. O cano cospe uma luz laranja. Dois tiros derrubam o licano. A caverna se enche com um estouro trovejante que diminui até virar um trêmulo farfalhar que Patrick confunde com o sangue sendo bombeado para suas orelhas.

Mas ele está enganado. São os morcegos.

Despertados da modorra, os animais agora escurecem e agitam o ar. Seus guinchos agudos ecoam por toda parte. Patrick tenta abrir caminho entre eles. Os bichos lhe fustigam o corpo e arranham a pele e ele se encolhe e avança depressa. Em pânico, quase atira a jarra e dispara a esmo com o fuzil no meio deles. Pensa estar seguindo na direção da ponte, mas sente-se perdido em uma corrente negra. O piso da caverna é irregular, coalhado de ossos, peles de animais usadas para dormir e, de vez em quando, uma pedra capaz de torcer o tornozelo. Ele ouve o arrastar de passos e os gritos roucos dos outros e imagina que o estejam perseguindo. Tem certeza de que eles já se transformaram.

Quase cai na abertura. Nas duas extremidades da ponte, dois postes de ferro despontam da rocha para mantê-la no lugar. Patrick tromba com um deles e o impacto é como um soco na barriga que o faz oscilar para o lado. Ali está a borda, e além dela a escuridão sem fim. Ele recupera o equilíbrio, sobe na ponte aos tropeços e, embora o gesto faça seu ombro doer, atira a jarra que se estilhaça e espalha pelas tábuas o conteúdo nojento.

Não sabe como, mas durante esse tempo todo conseguiu manter o cigarro preso entre os lábios. Recua um passo até a metade sacolejante da ponte e, com os morcegos agora aglomerados a toda sua volta, joga o cigarro e reza, reza, reza pela centelha e pelo *pluft* que finalmente ecoa e se alastra com um grande arquejo de chamas azuis que o faz cambalear para trás. Os morcegos se afastam com um guincho coletivo, alguns tarde demais, com o corpo aceso já se transformando em cinzas.

Do outro lado da ponte, Patrick se vira bem a tempo de ver que a madeira e as cordas se incendiaram e as chamas se ergueram até se transformar em uma porta de fogo que chega à altura do peito. Por ali, irrompe Austin. Uma das mãos está apertada junto ao peito, por onde o sangue flui, e a outra o ajuda a se equilibrar nas cordas inflamadas, que não parecem lhe afetar. O fogo sobe por suas pernas, pelo tronco, mas a raiva ou a adrenalina mascara a dor e ele continua a seguir em frente até Patrick desferir um tiro na sua cara. Austin desaba, as tábuas carbonizadas se esfarelam sob seu peso e seu corpo flamejante continua a cair dentro do vão, que se revela bastante profundo.



Nessa noite, uma pilha de cachorros mortos queima no gramado central do campus. Três homens com as cabeças cobertas por fronhas descarregaram as carcaças, encharcaram-nas com gasolina e puseram fogo, depois foram embora em uma picape sem placa.

Claire vê o monte de restos mortais carbonizados e os zeladores da universidade reunidos à sua volta. Ela está na lavanderia do alojamento, um cômodo térreo com seis máquinas de lavar encostadas nas paredes, um piso de ladrilho escorregadio por causa do sabão derramado e duas janelas que dão para a escuridão e a neve.

Com fones nos ouvidos, ela escuta um podcast da rádio pública sobre como os protestos dos licanos irão influenciar a eleição presidencial do dia seguinte. O analista político Darrell West prevê um comparecimento maciço e uma vitória esmagadora de Chase Williams. “Ele vai saber segurar as rédeas desta situação. Acho que precisamos tomar muito, muito cuidado com as reações que os acontecimentos podem gerar, de ambos os lados. *Alguns* licanos talvez sejam levados a ter um comportamento agressivo... e *alguns* não licanos talvez se sintam autorizados a, a, a... digamos, se comportar de forma pouco cortês.”

Claire não entende a capacidade e o apetite pela violência que as pessoas têm, sejam elas infectadas ou não. Tirando os vírus, nenhum outro organismo parece tão ávido para destruir tudo o que encontra pelo caminho. A violência é o que define a humanidade, é ela que determina manchetes, decide eleições e estabelece fronteiras; o mundo inteiro se reduz à questão de quem bate em quem com mais força.

Ela detesta o rumo venenoso que seus pensamentos tomaram. Nos últimos dois dias, porém, desde que recebeu o envelope, sentiu em alguns momentos a própria visão escurecer. Tudo lhe parece assombrosamente escuro, como se o lado do mundo em que ela está houvesse virado as costas para o sol e a Terra tivesse interrompido a rotação. Não fosse por Matthew, ela poderia enlouquecer.

Ele só a deixa ir embora se puder ir junto. Claire concordou, relutante, mas também com o delicioso alívio de um faminto que abocanha uma torta. Ele precisa desse dia para organizar suas coisas. Partirão na manhã seguinte. Ela agora está lavando suas roupas. São apenas cinco e meia da tarde, mas a noite já caiu por completo, como costuma acontecer nessa época. Claire sente falta do sol. Apesar das circunstâncias terríveis em que se encontra, pega-se sorrindo de leve quando olha para suas roupas coloridas misturadas na máquina com sabão em pó.

Abaixa a tampa da máquina com um baque e, nessa hora, uma sombra passa pela janela. Ela só a vê de relance e de lado, mas isso basta para assustá-la.

Bem devagar, aproxima-se da janela. Atrás dela, a máquina de lavar chia ao se encher de água, gorgoleja e ganha vida com um tranco. Através da neve fraca que cai, ela o vê, talvez a dez passos de distância, de costas para ela, destacado por um cone de claridade amarela lançado por uma luz de emergência. Está observando os

zeladores que remexem e recolhem os cachorros com pás para pôr seus restos dentro de sacos pretos.

É ele. Claire sabe que é. Não entende por quê, não consegue entender o que ela tem que ele possa querer, mas depois de tanto tempo ele a encontrou. Em sua imaginação, ela o vê como está agora – de japonsa preta na altura dos joelhos salpicada de neve nos ombros, a cabeça sem chapéu muito rosada por causa do frio – e como estava mais de um ano antes, um contorno preto e esguio destacado contra a noite, quando seus pais morreram.

Ele está imóvel como o poste a seu lado e Claire tem certeza de que a qualquer momento o homem irá girar nos calcanhares e vê-la emoldurada pela janela, levar a mão ao bolso do agasalho e sacar uma pistola. Partirão balas que irão varar o ar negro com riscas de luz feito fios dourados.

Ele leva a mão ao chão, pega um punhado de neve e forma uma bola. Em vez de jogá-la, lhe dá uma mordida, como se fosse uma maçã. Então, prossegue seu caminho pela trilha do gramado em direção ao centro do campus.

Claire pisca e respira pela primeira vez em muito tempo. Talvez, no final das contas, ele não esteja ali por sua causa. Quem sabe está ali por causa de todos eles. De toda forma, ela precisa fugir.

Recua até a lavadora, pousa a mão em cima da máquina para se reconfortar e sente o chapinhar e os sussurros do aparelho subirem por seu braço e por todo seu corpo. E o sussurro dos pais dilacerados por tiros; de Miriam estendendo a mão com dois dedos faltando; de Jeremy andando de um lado para o outro da cela pronto para receber uma injeção de veneno; de todos aqueles que se amontoaram no gramado central para encarar as câmeras e desafiar o governo a violar seus direitos. Os sussurros dizem para ela perseguir o Homem Alto e lhe dar uma facada nas costas ou no pescoço. Para abri-lo ao meio e espalhá-lo por toda parte.

Só que ele tem o dobro do seu tamanho, além de uma arma.

Mesmo assim, não pode ficar ali, não pode simplesmente se esconder. Todos os nervos de seu corpo lhe dizem não, mas Claire ignora o bom senso. Precisa saber por que ele está ali. Se for por sua causa, e deve ser por isso mesmo, então pelo menos ela vai saber. E isso lhe dará mais poder do que se refugiar no quarto.

Claire sai da lavanderia e empurra a porta principal, ficando sem ar por causa do frio; quase dá meia-volta para ir buscar o casaco lá em cima. Sabe que não tem tempo para isso, logo segue apressada, de tênis e casaco e calça de moletom, puxando o capuz para se aquecer e se disfarçar. Mantém a cabeça baixa e finge encarar os próprios pés, mas seus olhos não perdem de vista o Homem Alto, esperando o momento em que ele vai se sentir observado e se virar para trás. Imagina-o apontando para ela, um alarme soando lá de dentro, e dezenas de homens vindo de todas as direções do campus para cercá-la.

Não há estrelas. O céu fervilha de nuvens pretas. Como é o começo da noite, as trilhas estão cheias de universitários a caminho do jantar. Quando o Homem Alto passa no meio dos alunos, Claire imagina que eles vão se virar, fitá-lo e reconhecer o inimigo, mas ninguém parece notar. Um adulto de terno em um campus é quase invisível: um professor, um funcionário, uma irrelevância.

Claire tem a impressão de que ele está assobiando. Quanto mais longe os dois vão, mais se arrepende de o ter seguido. Ela sente como se estivesse debaixo d'água, dentro de um rio escuro cuja correnteza a arrasta cada vez mais para baixo, uma força que irá empurrá-la contra o chão lodoso e segurá-la ali até morrer. O que uma garota desarmada poderia fazer, afinal?

No morro acima do campus, alguém espetou um moinho de vento. Claire o vê agora, as luzes vermelhas piscando na neve. O moinho pertence à William Archer e ela se lembra, durante a semana dos calouros, de ter ouvido algo sobre como ele gerava 6 milhões de quilowatts-hora de energia, quase um terço do que o campus necessitava em um ano. Subiu até lá uma vez só pelo prazer da caminhada e, na base do moinho, pôde ouvir a eletricidade correndo pelo pilar de sustentação.

Diminui o passo quando o Homem Alto faz uma curva abrupta para a esquerda e pega o caminho que conduz ao prédio administrativo, um retângulo de pedra calcária encimado por uma cúpula. Ele sobe os curtos degraus de pedra de dois em dois e abre a pesada porta de carvalho, fechando-a com um barulho seco.

Claire se aproxima da escada. Na neve do chão, vê as pegadas dele seguirem até a porta e fica parada no mesmo lugar em que ele esteve segundos antes. A ponta do sapato dele ultrapassa a sua em uns 10 centímetros. Não sabe até onde está disposta a ir. Então, uma das janelas se escurece por um segundo com uma silhueta.

Ela verifica que as trilhas do gramado estão vazias, assim passa por cima das sebes e tenta ignorar a neve que congela e deixa dormentes seus tornozelos. Esgueira-se até a janela iluminada por uma luz laranja e descobre que tem altura suficiente para espiar entre as duas cortinas vermelho-sangue que emolduram o vidro.

Vê uma estante de madeira alta bem-arrumada, com volumes encadernados em couro e antiguidades como um velho trenzinho de brinquedo, um relógio de bronze e uma lupa cujo cabo parece feito de osso polido. De súbito, um rosto surge na sua frente e ela quase dá um grito.

É Francis, o menino louro de sua turma. Claire está prestes a sair correndo quando se dá conta de que ele não pode vê-la, de que a luz interna se reflete no vidro e o transforma em um espelho. Ele examina o próprio reflexo. Ela fica totalmente imóvel enquanto Francis se aproxima e começa a apertar uma espinha no queixo. Teimoso, não para de mexer até estourá-la e fazê-la sangrar. Com um ar de contentamento no rosto, ele limpa o local e espalha o sangue.

Então, se sobressalta e se vira. Ouviu uma batida em uma porta que ela não vê. Some de onde está junto à janela, e Claire consegue ver o resto do cômodo e uma larga escrivaninha de madeira posicionada no canto mais afastado e virada para o outro lado. Diante dela, está sentado um homem, um dos sub-reitores, percebe, um senhor baixinho de cabelos brancos sempre vestido com ternos marrons amarfanhados nos tornozelos e largos no tronco. Ele se levanta e estende a mão.

O Homem Alto entra em seu campo de visão e os dois se saúdam com o que não é propriamente um cumprimento, mas um violento apertão. O sub-reitor enfia a mão no bolso. Os dois começam a conversar. Claire não consegue distinguir o que dizem, mas pode adivinhar – pela expressão pétrea de ambos os rostos e pela forma como o sub-reitor parece encolher dentro da própria pele – que as notícias não são boas.

Francis torna a passar em frente à janela, ainda mexendo na espinha estourada e agora falando ao celular. Sua presença ali não a deixa particularmente surpresa: ela sempre desconfiou que fosse um delator. Claire agora pode ouvir sua voz com mais clareza e consegue decifrar as palavras *iminente* e *interdição do campus*.

Isso basta para fazê-la sair em disparada noite adentro. No meio da travessia, ela olha para o moinho. Mesmo ali, a várias centenas de metros, pode ouvir o zumbido e o *vrum-vrum-vrum* das hélices cortando o ar. Uma luz vermelha pisca seu alerta.

CAPÍTULO 51

A execução está marcada para as oito da noite – horário exato em que se encerra a votação para presidente.

O tribunal que condenou Saber deliberou durante menos de uma hora antes de resolver pela pena de morte. Durante o julgamento, o réu questionou quem era o verdadeiro monstro e instou os licanos a se revoltarem contra a máquina de guerra americana. O monólogo sem remorso só fez convencer os membros do júri de que haviam tomado a decisão certa. O juiz foi autorizado a reduzir a punição para prisão perpétua sem condicional, mas não o fez. Agora, nessa noite de novembro, em que a neve cai e o céu está repleto de estrelas, a sentença será cumprida, sem possibilidade de recurso ou adiamento da execução.

Uma vez decretado o veredicto, Jeremy foi transferido para o centro de detenção de segurança máxima, cerca de 50 quilômetros ao sul de Denver, uma estrutura de telhado branco e muros de tijolo cercada por um lago de asfalto que se estende até as planícies de mato marrom.

A multidão começou a se juntar mais cedo nesse dia, logo após o presidente emitir um pronunciamento: “Saber teve o destino que escolheu para si mesmo quase um ano atrás. A questão logo estará concluída e nosso país poderá seguir seu caminho.” No início, apareceram poucas pessoas, mas depois esse número dobrou e, em seguida, quadruplicou. Toda hora chegava um veículo, até o estacionamento de visitantes lotar e os carros e picapes começarem a estacionar no acostamento da estrada vizinha. Alguns vestiam suéteres de moletom da William Archer com as palavras RESISTÊNCIAJÁ e ANTES MORTO DO QUE DROGADO.

Quando a hora do almoço chega, os guardas já formam um bloqueio entre os manifestantes e o presídio. Usam roupas de tropa de choque e seguram os fuzis na diagonal em frente ao peito. No horário do jantar, uma longa fila de viaturas de luzes piscantes abre caminho entre as pessoas e estaciona em uma linha de defesa. Com um megafone, um policial pede a todos que se dispersem. Ninguém se mexe.

Às sete e meia, as pessoas começam a bater com os pés no chão. Como se tentassem furar o asfalto e rachar a terra. Sabem que o barulho poderá ser ouvido em um raio de muitos quilômetros, através das paredes de cimento, que poderá ser ouvido por Jeremy Saber quando ele for escoltado pelo padre e pelos dois agentes penitenciários ao longo do corredor até a sala de execução com paredes de vidro, tornozelos e pulsos algemados. Os pés batem em cadência regular feito tambores de guerra. Alguns minutos depois, Jeremy será amarrado à cadeira, recebendo uma injeção na perna direita, e o barulho ainda ressoará em seu coração.



Ele os encontrou na internet. Ou talvez tenham sido eles que o encontraram. Estava jogando conversa fora em uma sala de bate-papo quando recebeu um pedido de chat privado, uma coisa levou a outra, e agora ali está ele, muitos meses depois, pilotando um Skyhawk da Cessna por um céu chuvoso.

Seu nome é Marvin. Ninguém nunca recordava seu nome. Ele odiava isso. Odiava ser esquecido com tanta facilidade. “Você parece a pessoa mais comum do mundo”, disse-lhe certa vez uma garota chamada Tiffany. Ainda lembrava o nome dela. Sentia ódio dela e passara muito tempo bolando diferentes formas de matá-la: estrangulando-a, empurrando-a na frente de um ônibus, batendo com sua cabeça várias vezes no escaninho do colégio. Também odiava a escola: os professores idiotas, os alunos idiotas e os livros idiotas nos quais as letras não paravam de se mexer, trepando umas em cima das outras feito formigas.

Porém, *eles* se lembravam do seu nome. Tratavam-no como se ele fosse alguém. Davam-lhe coisas: um Xbox, uma pistola Hardballer calibre 45. No seu aniversário de 18 anos, o presente tinha sido uma mulher. Foi bem legal. Ela não quis beijá-lo, mas o deixou fazer todo o resto. Então, ele encostou a boca na sua e respirou lá para dentro. Houve muitas depois, mais recentemente uma de cabelos pretos cujo rosto anguloso lhe recorda um pássaro. Eles a mantêm algemada a uma cama de metal pelos pulsos e tornozelos. Marvin não se importa que a mulher cuspa ou tente mordê-lo quando se deita com ela. Não se incomoda com isso nem um pouco.

Passou dois meses treinando – exame médico, quarenta horas de voo – e ficou sabendo que o custo era de 3 mil dólares. Disse que não tinha como pagar esse dinheiro, mas lhe garantiram que não era preciso se preocupar. Iriam cuidar de tudo. Marvin nunca mais teria que pagar por nada. Era bem legal. Achava difícil ler, por isso liam para ele. Isso também era legal. Dava-lhe a sensação de que era filho deles. Lembrava-se de tudo que precisava se lembrar – verificações em solo, acelerar até 2 mil rotações por minuto, verificar os magnetos, a sucção, a pressão do óleo e tal –, mas tinha dificuldade para escrever. Eles possuíam uma cópia da prova e o fizeram treinar inúmeras vezes até ele aprender. Quando aprendeu, elogiaram a inteligência de Marvin e ele gostou. Foi bem legal. Nunca havia aberto um sorriso tão grande na vida.

Todo mundo vive falando em Balor. Balor isso, Balor aquilo. Ele não sabe muito bem em que acreditar, mas gosta de acreditar em tudo. Que Balor abriu um rombo no peito de uma pessoa com um soco, arrancou o coração e o mordeu feito uma maçã. Que Balor é capaz de arrancar uma árvore pela raiz. Que Balor consegue ver com seu olho morto coisas que os outros não veem, que consegue ver bem dentro da sua alma e saber se você acredita ou não, por isso é melhor acreditar. E Marvin acredita.

O motor geme e a hélice gira em um borrão cinza. Ele voa com as mãos bem

apertadas no manche, tentando segurar firme e corrigindo o curso devido à leve turbulência, sempre de olho na estabilidade direcional e na altitude, tudo modificado pela carga pesada que está transportando. Na véspera, eles removeram o assento e encheram a aeronave com o explosivo C-4. Um pós-doutorando em química fabricou a ciclonita em seu laboratório subterrâneo, onde eles misturaram o pó com água até formar uma pasta, acrescentando poli-isobutileno para dar liga. Depois, passaram a substância por secagem e filtragem, juntaram com um plasticizante para dar elasticidade e o resultado final não era muito diferente de massinha de modelar cinza. Marvin viu tudo isso e entendeu, pois entende muito melhor ciências do que aqueles romances, poemas e peças idiotas que seu professor de inglês idiota vive passando e debatendo, ofegante, como se fossem importantes e as pessoas na realidade não passassem o tempo todo vendo TV.

No momento da ignição, o C-4 libera nitrogênio e óxidos de carbono que se expandem a mais de 28 mil quilômetros por segundo, derrubando e estraçalhando toda e qualquer coisa que estiver ao alcance. Menos de meio quilo de C-4 pode dilacerar muitas pessoas. Um pouco mais de meio quilo pode abrir uma carreta como se fosse uma lata de sopa. Na fuselagem atrás dele, há quase 230 quilos. É coisa à beça. O suficiente para abrir um rombo no universo.

Foram eles que lhe ensinaram tudo isso. Ensinaram-lhe muitas coisas. A se desviar da rota planejada – de Sea-Tac para a área metropolitana de Tri-Cities – após cerca de vinte minutos de voo, ao se aproximar do rio Columbia, calculando o tempo para que a explosão ocorresse mais ou menos junto com a execução. A apagar os faróis, a ignorar o tráfego aéreo e a desligar o rádio. A descer a aeronave até 10 mil pés, depois a 5 mil, a 2 mil, e a virar o nariz para baixo e voar direto para cima da boca negra da Estação Geradora de Columbia, no polo nuclear de Hanford.

Ensinaram-lhe a ignorar o medo que talvez se apoderasse dele – coração desembestado, corpo latejante – e lembrar que tudo iria acabar logo. E aí ele sairia no jornal e seria um herói. Todo mundo saberia seu nome. Inclusive Tiffany.

A explosão terá duas fases distintas. Primeiro, os gases irão se expandir como um vento terrível, criando um vácuo no centro da massa. Após a primeira detonação, tudo voltará para dentro depressa e criará outra onda de energia. Ele gosta de pensar que tudo virá rapidamente em sua direção. Toda aquela energia canalizada para dentro. Durante os próximos dias, meses, anos, o centro do mundo será ele.

Perguntou se muita gente iria morrer e eles responderam que sim. Perguntou se até bebês e eles confirmaram. “Às vezes coisas horríveis precisam ser feitas.” Ele entendia isso? Sim, entendia.

Inclina o avião para a esquerda, gira um pouco o leme para o lado e tenta mirar nas luzes vermelhas piscantes da estação de energia, logo acima do nariz da aeronave. A leste dos Cascades, a chuva parou e Marvin pode distinguir com nitidez

o Columbia, uma grande cobra preta, a estrutura elétrica de metal ao lado, a aglomeração de Tri-Cities e, mais próximos a cada segundo, os prédios de vários andares e os seis cones fumegantes dos reatores atarracados como cogumelos gigantes. Vira o avião para baixo, reduz a potência e estabiliza o acelerador enquanto avança em sua direção.



Eles estão a caminho da escuridão. Uma parede negra de nuvens se acumula sobre os Cascades. Apesar de não haver luar, Claire consegue distinguir as montanhas porque seu vulto esconde um pedaço do céu. É dia 6 de novembro, dia da eleição, e são 19h50. Junto a seus pés, há um saco amassado do Burger King, e ela e Matthew estão a algumas horas de Spokane, logo ao norte de Yakima, atravessando as chapadas desérticas do leste do estado de Washington a caminho de Seattle. Quando ela pensa no que tem pela frente e no que deixou para trás, quando pensa na execução de Jeremy, Claire sente vontade de vomitar.

– Por que está fazendo isso?

– Você está encrocada. Eu quero ajudar.

– É disso que você gosta? De uma donzela em perigo?

– Talvez.

Claire revira os olhos com exagero, embora Matthew não consiga vê-la, exceto no reflexo do painel.

Recorda agora uma viagem de carro ao norte do Minnesota com os pais pelas margens do Lago Superior. Ela se agachou atrás de umas dunas para fazer xixi e, ao fechar o zíper, reparou que três lindas borboletas brancas bebiam com avidez da pequena poça que deixara na areia. Claire se perguntou se suas asas estariam estremecendo devido ao prazer ou ao veneno. Não pode evitar pensar o mesmo a respeito do relacionamento entre eles dois, algo absolutamente impossível de sustentar. Ela é tóxica. Nada de bom acontece com quem se aproxima dela.

Matthew segue passando de uma estação de rádio a outra, a maioria das quais transmite sermões e música country, em busca de notícias sobre a eleição ou a execução. Claire se sente dilacerada e só consegue se concentrar na estrada, em Miriam, na possibilidade de encontrá-la. Ouve um som mais alto do que o do rádio, o zumbido de uma mutuca. O inseto, não se sabe como, sobreviveu ao frio e se agarra à vida com teimosia. Passa zumbindo por sua cabeça, um borrão verde, e vai bater no vidro à procura de uma saída. Matthew se inclina para a frente, dá um tapa no para-brisa, erra e faz a mosca sair voando apavorada com um barulho ainda mais intenso.

– Deixa – diz Claire.

Do lado de fora, pode distinguir uma vala coberta de relva marrom, depois

quilômetros de trigais já ceifados pontuados pelas luzinhas aglomeradas de fazendas. O estado tem a mesma divisão marcada do Oregon: o deserto de altitude logo cede lugar a uma floresta úmida em que cogumelos e samambaias brotam da terra coberta de musgo. Ela anseia por chegar, pelo verdor de um mundo que está se tornando marrom e cinza. Estende o braço e segura a mão grandona dele.

– Me fala que tudo vai acabar bem.

– Tudo vai acabar bem.

Ele aperta sua mão, e a pressão parece fazer todo o sangue de Claire fluir para o peito.

É então que o horizonte explode com um clarão branco.

PARTE III



CAPÍTULO 52

Patrick está procurando uma mulher chamada Strawhacker. Seus olhos são cobertos por cataratas, parecendo tecidos por aranhas. Porém, dizem que ela consegue ver. Consegue ver coisas que os outros não conseguem.

É o mês de março. Patrick passou as últimas semanas na divisa entre Idaho e Oregon, lotado em uma base avançada de operações destinada à descontaminação. Quase cinco meses já se passaram desde que, na República, ele voltou cambaleando para Tuonela com as botas cheias de neve e os pés anestesiados e descobriu que a maioria dos soldados já fora embora.

– Arrume suas coisas – falou o guarda. – A gente vai para casa.

– Ahn?

– A guerra agora é lá.

Sua primeira missão: um acampamento nos arredores de Omaha, no Nebraska. É apenas um de centenas montados para acomodar os recém-desabrigados e deixar em quarentena os infectados recentemente, muitos cobertos de pústulas e vomitando sangue.

Então, os cadáveres começaram a se acumular e se iniciaram as revoltas. Por motivos óbvios, Patrick detestou esse lugar, mas o que o incomodava mais do que tudo era o céu. Sem montanhas para interromper o horizonte, ele se sentia esmagado pela imensidão.

Requisitou uma transferência para a descontaminação e conseguiu. Era a missão que ninguém queria. Mandaram-no para casa, no Oregon, o lugar do qual todos tinham fugido, para se juntar a mais de cem mil faxineiros que já estavam lá. Era assim que as Forças Armadas chamavam os microbiologistas, médicos, botânicos e equipes de limpeza e construção: faxineiros. Desde então, uns dez mil morreram por excesso de radiação, pois a intensidade dos raios gama e a exposição prolongada tinham o mesmo efeito de uma injeção de mercúrio na jugular. Muitos outros desapareceram fora do perímetro, supostamente mortos em ataques de licanos.

É ali que Patrick precisa estar. É ali que vai encontrar o que ele e o pai estão procurando.

Nessa noite, no meio do deserto, a temperatura está um pouco acima de zero grau. Chove. A lama engole suas botas quando ele percorre as ruas da base. O complexo de 12 mil metros quadrados foi construído em volta de um centro comunitário abandonado na periferia de Ontário, reforçado com gabiões e cercado por alambrados. Patrick vai a um bar chamado Dirty Shame; é onde encontrará Strawhacker, a tal mulher que aparece lá todas as noites para tomar uísque e ver o futuro de quem quiser.

Patrick se sente um idiota, mas não consegue se conter. Na Interestadual 84, perto do posto de controle, há um celeiro de ripas cinzentas que se tornou um quadro de avisos para os desaparecidos. Milhares de fotos desbotadas pelo sol foram pregadas ali. A tinta escorre com a chuva, as fotos esvoaçam e se rasgam com o vento. As pessoas escreveram frases em cima das imagens com maiúsculas caprichadas – *Preciso encontrar minha filha* ou *Você me viu?* ou *Trabalhava na Nike* –, junto a e-mails e telefones. Patrick também pregou um bilhete ali. *Desaparecidas*, dizia. Abaixo, há dois nomes: Susan Gamble e Claire Forrester.

Correu os olhos pelo rosto de cada sobrevivente, muitos licanos, doentes por causa da radiação ou desencantados com a Resistência depois de vários meses vivendo na clandestinidade. Dia após dia, eles passam cambaleando pelo posto de controle. Tentou ligar para a mãe, mas sempre ouve uma gravação: “Este número foi desativado.” Tentou mandar e-mails para as duas, mas não obteve resposta. Isso não o espanta. Com poucas exceções, quando se entra na Terra Fantasma – é como a mídia a batizou –, não se pode mais contar com energia elétrica ou telefonia.

O vento sopra com mais força, a chuva cai na diagonal e Patrick se abriga sob os beirais que pingam água de vinte estruturas de compensado com o mesmo formato quadrado, locais de trabalho dos escreventes, agentes de comunicação, funcionários do batalhão e da companhia. Barracões e tendas militares para proteção contra radiação e agentes químicos e biológicos. Passa pelo refeitório grande como um celeiro, uma extensão da cozinha do centro comunitário. Pode escutar os funcionários contratados mexendo em panelas e batendo com facas em tábuas de cortar, preparando-se para o café da manhã do dia seguinte. Prende a respiração ao passar em frente a uma longa fileira de banheiros químicos, que ficam ao lado de um barracão bege do tamanho de um trailer, iluminado por dentro e animado com muitas risadas. Ele ouve o barulho de cartas sendo embaralhadas. A maioria dos alojamentos é assim, de lona, com filas e mais filas de camas, mochilas e armas espalhadas por toda parte. Geradores roncam. Luzes bruxuleiam no centro comunitário, onde ficam os laboratórios e escritórios de planejamento tático.

Patrick assina seu nome para sair pelo portão e chapinha quase meio quilômetro por uma estrada rural esburacada pela erosão. Chega ao Dirty Shame, um bar construído no flanco de um morro, comprida caixa retangular sem janelas feita com dormentes de ferrovia, com o chão coberto de serragem e um espelho furado a bala atrás do balcão. Não se pode mais confiar na energia elétrica ali, por isso a parca iluminação enfumaçada vem de lamparinas e velas que tremeluzem quando ele abre a porta com um rangido, tira o poncho, sacode a água da chuva e o pendura em um gancho de ferro.

Lascas de madeira se prendem à lama de suas botas. O ambiente parece um forno e recende ao creosoto e ao formol usados para tratar os dormentes. O cheiro é forte

o bastante para deixar todo mundo tonto, ainda mais combinado à cerveja cuja espuma transborda de canecas e escorre pelos pulsos, às doses de uísque alinhadas em cima do balcão e sorvidas de uma vez só com um arquejo. Há umas trinta pessoas bebendo nessa noite, entre soldados e civis, o espaço apertado tomado pelo calor e pelo ruído. Patrick vai até o balcão, onde pede uma cerveja e paga sem qualquer problema. Ninguém liga para identidade em um lugar e em uma época dessas.

São muitas as regras que não se aplicam mais.

Não muito longe dali, começa a cerca de perímetro, quase 500 quilômetros de alambrado erguido às pressas. Ela é praticamente inútil e engloba a maior parte dos estados de Oregon e Washington, além de pedaços de Idaho e Montana, pontuada por postos de controle e bases avançadas. Do outro lado, o barulho do tráfego, os televisores aos berros, os celulares tocando, as transmissões que estremecem os sistemas de som dos shoppings, tudo isso cessou e deixou para trás um silêncio de dar medo.

Coiotes vagam pelos corredores dos supermercados. Alces passeiam pelas ruas de Portland. Nos campos, nas ruas, carretas, tanques e aviões, arrombados por crateras de ferrugem com grama crescendo ao redor, parecem dinossauros mortos em decomposição.

Os licanos conquistaram à força o próprio território, abandonaram o Volpexx e renegaram as leis xenófobas que tolhiam-nos mais do que todas as prisões do mundo, ou assim eles afirmavam.

Patrick se encosta no balcão e bebe, torcendo para a cerveja aquecer seu corpo. O barman parece não ter pescoço e sua cabeça se equilibra sobre ombros arredondados. Está usando um suéter de tricô trançado roído por traças com as mangas arregaçadas para deixar livres os antebraços carnudos. Recolhe dois copos vazios de cerveja e enxuga a bancada com um trapo imundo.

Patrick olha para o espelho atrás do barman. Às vezes, mal reconhece a si mesmo. Tem a cabeça totalmente raspada. Sua pele é tão escura quanto o solo do deserto, e o corpo esguio, com músculos esculpidos feito pedra. Tem o aspecto de um homem, ainda que se sinta um menino. Estuda os rostos a sua volta por meio dos reflexos. Uma mulher com brincões indígenas pendurados e uma risada alta e aguda. Um homem quase sem queixo vestido como um civil, mas com os cabelos cortados bem rente à cabeça. Um mexicano de bigode retorcido e bochechas devastadas pela acne. Vê um grupo de homens em pé ao redor de uma mesa reservada, rindo, falando com a pessoa ali sentada.

Patrick pergunta se é lá que poderá encontrar a tal Strawhacker e recebe uma resposta afirmativa do barman. Limpa a espuma da boca antes de ir olhar mais de perto.

A luz é tão fraca que, a princípio, ele não consegue ver nada no reservado. Então, a mulher se inclina para a frente. Tem o rosto bem enrugado e um nariz marcado por minúsculos vasinhos vermelhos e roxos. Os cabelos grisalhos estão cortados na altura das orelhas ao estilo joãozinho. Seu traço mais marcante são os olhos: duas poças leitosas que, a cada piscada, parecem prestes a lhe escorrer pelas faces. Sobre a mesa a sua frente, há um copinho de uísque e uma pilha de cartas de tarô.

Ela está participando de algum tipo de jogo com os homens a sua volta. Um deles tira 5 dólares da carteira e deposita a nota sobre a mesa. Em seguida, puxa uma carta, bem no meio do baralho, e a ergue para os outros verem. Strawhacker retesa o corpo, passa a língua pelos lábios e anuncia:

– O Mago.

Os homens arquejam, dão risada, balançam a cabeça e dizem alguns palavrões sem maldade. Strawhacker pega o dinheiro, deseja-lhes boa noite e eles vão embora.

A mulher dá um gole no uísque e olha para Patrick. Estão a 3 metros um do outro e a velha é cega, mas, ainda assim, ele pode sentir aquele olhar morto. Sua pele se contrai e os pelos se eriçam e ele dá um passo para trás.

– Aonde você vai? – pergunta Strawhacker. – Por favor. Vem cá. Fica aqui um pouco.

Patrick se aproxima da mesa com a caneca em riste como se fosse uma pistola. A porta se abre com um rangido e os quatro homens saem do bar. O barulho o sobressalta e ele derrama um pouco da cerveja sobre o braço. Uma rajada de vento entra no recinto e faz as chamas das velas dançarem antes de a porta se fechar com uma batida.

– Como a senhora sabia qual era a carta?

– Sorte, nada mais do que sorte – responde Strawhacker, embaralhando as cartas com um estalo antes de arrumá-las em uma pilha. – Ou, quem sabe, algo mais.

A mesa também é feita com dormentes de ferrovia e cada centímetro da madeira foi marcado a faca por pessoas que gravaram seus nomes e os daqueles que amam. Do outro lado da mesa, há uma cadeira; a velha gesticula para Patrick se sentar e ele obedece.

– Algumas pessoas vêm me procurar por brincadeira, outras por motivos mais profundos. Eu tento dar a elas o que desejam. – Strawhacker empurra o tarô para o lado. – Você não veio atrás de brincadeiras.

– Devo mesmo acreditar que a senhora vê coisas?

– Veio até aqui, não veio? Uma parte de você deve acreditar.

– Eu não sei em que acreditar.

– Hoje em dia é difícil saber em que acreditar. Vivemos tempos estranhos. O que eu descobri sobre mim mesma é o seguinte: existe no meu cérebro um músculo que se estica e se abre, mais ou menos como uma íris, um tipo de diafragma ou músculo,

e as imagens passam voando por ele. Não existe nenhuma lógica realmente palpável nisso... mas é a melhor explicação que posso dar. Já é um começo.

– A senhora parece uma professora maluca falando.

– E você um menino insolente. – Ela ergue o rosto em desafio, empinando o queixo. Quando torna a falar, baixa a voz: – Quer saber se eu consigo ver? Consigo, sim. Vejo você trombando com outro menino no meio de campo depois de correr atrás de uma bola alta e a inflamação que deixou você mancando por três semanas. Vejo você acariciando o sexo de uma menina atrás da sua escola de ensino médio e ficando sem lavar a mão durante um dia inteiro para conservar aquele cheiro misterioso e inebriante. Vejo você matando um cervo pela primeira vez, enfiando o polegar dentro do buraco da bala para provar o sangue. Vejo seu pai correndo para o meio de uma tempestade de raios para pegar seu ursinho de pelúcia esquecido no quintal enquanto você assiste da janela. E vejo ele agora, um homem morto em uma caverna distante, com morcegos empoleirados sobre os ossos. – Perdigotos voam de sua boca. – Se quiser mais do que isso de mim, vai ter que pagar, igual a todos os outros babacas.

– Meu Deus.

– Deus não vai poder salvar você. Não onde você está indo. – Sua expressão se suaviza e ela inclina a cabeça, como se houvesse escutado algo. – Que livro é esse no seu bolso?

Patrick sente, então, junto ao peito, o peso do caderno que conseguiu salvar da República. O caderno do pai. Carrega-o sempre no bolso da frente, onde fica o coração, para poder tocá-lo de vez em quando. O volume parece pulsar como se fosse feito de nervos e músculo. Ele sempre recorreu ao pai para saber o que fazer. Agora é o caderno que lhe diz.

– Tem alguma coisa nesse livro, mas eu não entendo o que é. – Strawhacker estende a mão, dedos longos e ossudos, unhas orladas de sujeira. – O que tem nesse livro?

– Cala a boca, esquece o livro. Vim perguntar sobre duas pessoas.

– Me diz o que tem nesse livro e eu digo o que você quer saber.

Patrick saca uma nota amarfanhada de 5 dólares e a deposita sobre a mesa. A cédula desaparece na mão de Strawhacker.

– Essas duas pessoas. Você quer saber se estão vivas ou mortas. Uma delas está, outra não. É só o que eu sei.

– Que previsão mais mixuruca.

– Você está tramando alguma coisa. Vai fazer alguma coisa extraordinariamente burra, não vai? – Ela estende uma das mãos para Patrick. – O que você acha que o espera lá? Do outro lado da cerca? Me diz. Por favor.

A mão da velha rasteja mais para perto e é acertada por um soco de Patrick.

Strawhacker dá um grito e o bar silencia. Vários rostos se viram em sua direção e o barman berra: “Ei!” Antes de alguém conseguir fazer qualquer pergunta, Patrick se levanta, pega o poncho, sai desabalado pela porta e deixa entrar um vento que apaga todas as velas com uma só rajada.

O temporal agora está mais forte. A chuva o fustiga, molha seu poncho e lhe pinica a pele. Ele olha por cima do ombro várias vezes para ver se alguém o segue e quase espera avistar a silhueta comprida da cega em seu encalço, a passos largos, as ameaçadoras esferas dos olhos abertas.

Leva a mão ao caderno duas vezes, reconfortado com seu peso e sua pressão, como se quisesse se assegurar de que ele não fora roubado. Aprendeu muito com aquele caderno. Em primeiro lugar, aprendeu que o pai fazia experimentos com mais de um neurobloqueador do Volpexx. Há pedacinhos de papel impressos de sites cheios de trechos sobre distúrbios neurodegenerativos associados aos príons – são vários, entre eles a doença de Creutzfeldt-Jakob, a insônia familiar fatal e o lobos – e sobre como seu contágio ocorre: consumo de carne, administração de hormônio do crescimento humano, relação sexual. Não existe cura para uma infecção por príons e o patógeno é difícil de destruir, resistente ao calor e às enzimas.

Há páginas em que se espreme sua caligrafia miúda e quadrada, percorrendo sobre culturas de arranque, agentes de risco, CCD, hipoclorito de sódio etc., etc., como um idioma que Patrick não domina.

A última folha está quase toda rasgada; resta apenas uma parte em frangalhos. Ali, aparece metade do endereço eletrônico de Patrick. O pai, ele sabe, era um homem paranoico. Não queria se corresponder com o filho pela conta de e-mail do Exército porque achava que alguém leria suas mensagens. E vivia mudando as senhas dos cartões de crédito, dos programas de milhagem aérea e de outras contas, pois tinha certeza de que alguém iria cloná-los.

No início, Patrick não deu a menor importância àquilo, mas algo o atraiu de volta para o endereço. Um dia, depois de tirar as roupas encharcadas de chuva, reparou que as meias haviam deixado a marca vermelha da costura em seus pés muito brancos. Passou um tempão olhando para os próprios pés antes de pegar um lápis, abrir o caderno na penúltima folha e esfregar o grafite suavemente no papel. Além das palavras já escritas ali, agora havia também outras gravadas por cima, os restos do que o pai escrevera na última folha. A princípio, Patrick pensou que não seria capaz de entender aquelas letras emaranhadas, mas então conseguiu identificar uma sequência de palavras riscadas com X: cerveja, levedo, Califórnia. Eram senhas. O pai não conseguia se lembrar das próprias senhas, logo as anotava. A última palavra da coluna, a única não riscada, era o seu nome: Patrick. A senha era Patrick.

Ele tinha tentado mandar um e-mail para Neal Desai após voltar ao Oregon, sem

sucesso: o médico estava desaparecido, provavelmente morto. Tentara também fazer com que as Forças Armadas e o Google liberassem as contas de e-mail do pai, mas eles afirmaram que só fariam isso se o óbito fosse confirmado e Patrick, nomeado herdeiro.

Agora ele tinha a senha – e a senha lhe dizia o que precisava saber, fazer.

Vira-se de novo para verificar a estrada atrás de si. Vê faróis cortarem a chuva e sai da estrada para não ser atropelado. Uma van, do tipo que os enfermeiros e paramédicos têm usado para evacuar os pacientes, diminui a velocidade ao se aproximar e Patrick faz um gesto para pedir carona, com o polegar erguido.

Um relâmpago clareia o céu e colore o mundo de azul-claro. Com sua imagem ainda gravada na retina e a chuva a castigar seu rosto, ele mal consegue enxergar no momento em que abre a porta.

– Entra logo! – ouve uma voz de mulher gritar. Quando ele tira o poncho e baixa o capuz, a mesma pessoa exclama: – Ah!

Patrick leva alguns segundos. Por causa do escuro. Do uniforme folgado que ela usa. Da confusão chuvosa da noite. Então, repara nos cabelos ruivos da cor de uma maçã envenenada, cortados na altura do queixo e presos atrás das orelhas. Ela sorri e ele a reconhece: Malerie.

– Você – diz simplesmente. Já está meio dentro da van, com o pé sobre o estribo, a mão no painel. Recua e volta para debaixo da chuva. – Pensando bem, prefiro ir a pé.

Ela o persegue, se desculpa profusamente e fala que foi uma idiota, a pessoa mais idiota do mundo. Cai uma chuva torrencial e os trovões roncam. Ele sente uma solidão muito grade e um misto de náusea e medo, que o acompanham desde que saiu do bar. Não sabe bem por quê, mas acaba dizendo “Tá bom, *tá bom*” e deixa ela lhe dar uma carona de volta à base. Uma hora depois, Patrick a põe sentada em cima de uma pia de banheiro e a fode enquanto encara o próprio reflexo no espelho.

CAPÍTULO 53

Claire ficou com as roupas encharcadas de suor ao cavar a cova dele. Agora está sentada de pernas cruzadas encostada em um carvalho, olhando para o montinho de terra com a pá cravada no meio. A sombra não alivia o calor. Tampouco o cantil de água que ela bebe e com a qual molha o rosto. Uma nuvem de umidade paira sobre tudo como se fosse o hálito do reator. Uma mosca varejeira zumbe lânguida pelo ar e gira em volta de sua cabeça antes de pousar em seu pulso para beber o suor que lhe brota da pele. Ela observa o inseto por alguns instantes e em seguida o esmaga com um tapa, deixando uma manchinha de sangue e patas pretas se remexendo.

Poderia ter enterrado Matthew em qualquer lugar, um parque, um quintal, mas escolheu um cemitério. Com toda a desordem do mundo – helicópteros pairando por todo lado, carros enferrujando nas ruas, bairros inteiros em chamas, pássaros caindo mortos do céu –, a ordem daquele lugar e o ato em si lhe agradam. Enterrá-lo ali, no meio de outros mortos e das caprichadas lápides de granito, proporciona-lhe uma sensação boa, adequada.

Encontrou um lugar no alto de um morro, um pedaço de gramado vazio, e ali enfiou a ponta da pá. Não se apressou: foi empurrando com o pé, apoiando o peso do corpo no cabo, enterrando o metal na terra. O suor que lhe escorria pela testa fazia arder seus olhos e embaçava sua visão. O cheiro da terra argilosa revirada se misturou ao do cadáver putrefato de Matthew. Primeiro, suas mãos criaram bolhas, em seguida verteram água, sangue. Três horas depois, o buraco estava com um metro de profundidade. Claire tentou não fitar o corpo quando o arrastou até a borda e o fez rolar para dentro com um baque. Pôde ver com o canto do olho, porém, que ele caiu de bruços, o braço dobrado em um ângulo esquisito nas costas. Não podia deixá-lo assim por toda a eternidade. Entrou na cova e, com alguma dificuldade, virou-o de barriga para cima e dobrou os braços por sobre o coração. Apesar do dia quente, Matthew estava tão frio quanto a terra escavada e ela lutou contra a tentação de enfiar uma arma na boca e se deitar ao lado. Reparou na pele já meio cinza e inchada nas bordas, em metade do rosto faltando, como se alguém tivesse lhe dado uma mordida, e o impulso passou e tudo o que ela quis foi cobri-lo de terra e esquecer.

Às vezes, helicópteros militares passam zumbindo pelo céu feito vespas. Às vezes soltam caixas de Volpexx; outras, bombas. De vez em quando, soldados saltam aos montes de Humvees e pregam cartazes nos postes, vitrines de lojas e portas de garagem, cartazes sobre anistia e contaminação, sobre o que vai acontecer com quem decidir ficar ali: prisão, morte lenta por radiação ou morte rápida por execução, caso

a pessoa enfrente algum membro das Forças Armadas.

Claire não precisa que um cartaz lhe avise isso. Há lembretes por toda parte. Cadáveres sentados em bancos de parque, encolhidos nas calçadas, presos a cintos de segurança. Alguns com uma pele enegrecida que o vento esfarela, as carcaças nada além de cascas ressequidas ao redor de um monte de ossos. Outros, mortos mais recentemente, baleados, estraçalhados por garras, cheios de pústulas vermelhas ou com chumaços de cabelos faltando, fedem tanto que ela quase nunca passa um dia sem vomitar.

É graças a Matthew que ela está viva, e por causa dela que Matthew está morto. Cinco meses antes, quando o céu se acendeu com um clarão, ele dirigiu o carro direto até uma loja de material esportivo em Seattle e jogou uma pedra na vitrine. Os dois ignoraram o alarme que disparou, pegando mochilas de trekking e as enchendo com tabletes de iodo, barras de cereal, facas, fósforos, barracas, sacos de dormir, cobertores térmicos, equipamento para chuva. Apoderaram-se até de um rack de bicicleta e duas Treks. Matthew questionou esse roubo e Claire explicou: “Para quando a gasolina acabar.” Ele entendia tudo com muita clareza, como se a própria história fosse um romance e ele tivesse folheado as páginas até o fim para ver o que ia acontecer.

Deveriam ter ido embora com os milhões que fugiram de um mundo em ruínas em busca de tratamento para seus corpos arruinados, mas hesitaram. Em um dia, os postos de gasolina ficaram sem combustível e o sistema rodoviário travou por causa do excesso de carros, muitos deles abandonados. Por toda parte, havia sirenes, buzinas e tiros ensurdecedores. Em pouco tempo, já era tarde demais: ela não teria conseguido passar pelos postos de controle montados pelos militares. Matthew poderia ter ido embora sem ela, mas não foi.

Agora Claire está sozinha. Agora ele está morto, enterrado debaixo de um monte de terra preta com uma pá cravada em cima. Ela não chora. O suor, contudo, é como uma espécie de pranto: a roupa dela está encharcada, os cabelos grudados na testa em cachos úmidos. Quando seus cabelos tinham começado a crescer louros outra vez, Matthew tocara as raízes e perguntara: “Por que escondeu isso de mim?” Chamava aquela cor de ouro batido, e ela o chamava de aluno de letras. Os cabelos de Claire ficaram compridos e ele a ajudou a cortar as partes tingidas, para que ela parecesse uma pessoa só, não duas.

Aconteceu na véspera. Ali mesmo, em Monmouth. Eles estavam vindo da costa quando Matthew teve a ideia de roubar um barco e ir para o norte pelo mar até a Colúmbia Britânica. As praias estavam coalhadas com as carcaças fétidas de caranguejos, halibutes, tubarões, baleias cobertas por grossas redes de moscas, todos envenenados pela água vinda do rio Columbia. Claire viu, flutuando a quilômetros da costa, os barcos da Guarda Costeira e os navios militares que poderiam

interceptá-los.

Na estrada, encontraram outro casal: Ella e Sam, que eram iguais a eles, como muitos outros, licanos que não queriam problemas, que só queriam ser deixados em paz. Passaram a última semana juntos, dormindo em uma casa abandonada, uma fazenda de tijolos, nada vistosa. Fumaram, beberam gim e conversaram sobre livros e política. Um dia de manhã, enquanto Claire dormia para curar uma ressaca, Matthew e os outros estavam sentados na varanda da frente tomando café e lendo revistas velhas. E um helicóptero passou.

Helicópteros viviam aparecendo e eles os ignoravam. Mas aquele não os ignorou. Viu os três e os alvejou com uma metralhadora. Um treino de tiro ao alvo. Ela acordou com o *ratatá* e o vento provocado pela hélice, que fez a porta da frente bater.

Culpa a si mesma por não ter estado ao lado dele. Culpa Matthew por ser tão descuidado e arrogante. Culpa o soldado que manejava a arma, o piloto que fez o Blackhawk pairar acima da casa, os oficiais que despacharam esquadrões para uma terra de ninguém irrecuperável, a máquina de guerra americana inteira, por isolar os licanos, ali e no exterior, e achar que eles vão pôr o rabo entre as pernas. Mas culpa sobretudo a Resistência. Culpa Balor. Por causa dele, todo mundo passou a acreditar que licanos eram feras, capazes apenas de atos animais e instintivos. E o mundo de Claire se transformou em um imenso tumulto.

Ela engole algumas pílulas de iodo com um longo trago do cantil. Sabe que o remédio só poderá protegê-la e combater a radiação até certo ponto. Se tiver tempo suficiente para penetrar seu organismo, a radiação irá florescer em tumores amarelos.

Há no cemitério outros túmulos recentes sem lápide. E também cadáveres expostos, talvez os restos mortais daqueles que se arrastaram até ali para morrer. Mais uma vez, Claire cogita se juntar a eles, arrombar a própria cabeça com um tiro. Esse impulso não é novidade. Ela pensa com frequência em se matar. Enforcar-se. Pular do alto de um prédio. Nadar no mar até não mais poder. Após um desconforto momentâneo, não haveria mais fome, nem medo, nem fuga, aquela fuga sem fim.

Uma etiqueta de preço amarelo-fosforescente ainda pende da pá que Claire usou. Ela não estava raciocinando direito ao percorrer a loja no fim do quarteirão e não procurou nada exceto aquilo de que precisava: um carrinho de mão para transportar o corpo, uma pá para enterrá-lo. Deixou Ella e Sam onde estavam, na varanda. Só conseguia reunir energia para um único funeral. Agora tudo terminou e ela tem que voltar à loja, supõe. Tem precisado encher o pneu traseiro da bicicleta várias vezes ao dia e necessita de um remendo para o furo; munição, se conseguir encontrar; castanhas, barras de granola; um casaco novo, já que o que roubou está todo esburacado por causa da chuva tóxica.

Finalmente se levanta. Passa muito tempo imóvel antes de cambalear morro abaixo. É bom ter uma tarefa a cumprir. Um objetivo. Isso tira o suicídio de seus pensamentos, ajuda a clareá-los, a impulsionar seu corpo. Ela vai sair do cemitério. Vai juntar o material de que precisa. E, então, vai se esforçar ao máximo para encontrar Balor e dar um tiro na cabeça dele.

Está perto do portão principal do cemitério quando escuta o barulho distante de cães latindo, acompanhado por um grito agudo e inconfundivelmente humano.

Jogou fora a Glock depois de a pistola travar duas vezes. Prefere a confiabilidade, o peso e a potência do Smith & Wesson calibre 357 que pegou de um cadáver diante de uma mesa de cozinha, um suicida nos arredores de Portland, cuja mão apertava tanto a coronha que ela teve de quebrar seus dedos. Aonde quer que vá, leva sempre o revólver em um coldre de cinto que criou um calo amarelo em seu quadril. Saca a arma nesse instante.

Os túmulos sobem a encosta do morro, assinalados em sua maioria por cruzeiros e lápides arredondadas e quadradas, às vezes pontuadas por uma cripta. Lá no alto, Claire distingue um movimento. Alguém correndo. Uma menina, que usa uma camiseta grande demais, dando-lhe o aspecto de um fantasma esvoaçante. Ela corre entre as tumbas e desce em zigue-zague.

Os latidos ficam mais altos. Então, Claire vê um mar de cães – brancos, cinzentos, marrons – vindo pela encosta em disparada, no encalço da garota. A distância que os separa diminui: 30, 20, 10 metros. A menina está quase no pé do morro quando arrisca uma olhada por cima do ombro. Os cachorros estão quase em cima dela e seus latidos são agora mais frenéticos, atiçados pelo sabor e cheiro cada vez mais próximos.

A garota percebe que é inútil continuar a correr e sobe atabalhoadamente pela lateral de uma cripta de mármore. Um dobermann salta e abocanha o ar junto a seus pés. Mas ela é muito rápida. A lápide de quase 2 metros de altura é encimada por um anjo agachado e a menina escala seus ombros alados.

Durante todo esse tempo, Claire se manteve parada feito uma estátua, como se sua exaustão ou apatia tivesse criado uma barreira intransponível entre ela e a garota. Foi até ali para se despedir. Não para aquilo. Não para encontrar mais problemas. Mas ela é afetada pela visão daquela menina, que devia ter 10 anos, de seus longos cabelos pretos, cercada por cães ruidosos que retesam os traseiros, abaixam as orelhas e uivam querendo seu sangue. As entranhas de Claire fervem de raiva. Ela não consegue se conter. Precipita-se na direção da cripta, já engatilhando o revólver.

Agora que está fora de alcance, a garota observa os cães com calma como se fossem bichos de pelúcia, e não algo que ela devesse temer – até um deles, um

poodle standard grande, ficar em pé sobre as patas traseiras, dando a impressão de que irá fazer tombar a cripta. Ela grita.

Isso faz os cães se convulsionarem e ficarem ainda mais excitados. Eles se remexem, andam de um lado para o outro, sacodem o corpo inteiro e uivam. Claire conta vinte cães ao todo: rottweilers, dobermanns, pastores-alemães, labradores, até um dachshund. Todos têm o pelo emaranhado, imundo, cheio de nós.

Claire para a uns 10 metros de distância e grita:

– Ei! Ei, cachorros!

Na mesma hora, a matilha se vira para ela, aos arquejos, e todos abanam o rabo sem muita convicção. Claire pensa se dois instintos, a lealdade e a fome, estarão se digladiando dentro dos animais feito dois monstros siameses. Não sabe o que dizer.

– Seus cachorros maus – é o que acaba falando.

Ao ouvir isso, alguns dos cães arreganham os dentes e outros ganem e avançam com passos curtos, como se ela fosse uma velha amiga que eles não reconhecem direito.

Há mais cachorros do que balas no seu revólver, raciocina Claire. Pensa se conseguirá reunir força e desejo suficientes para se transformar. Duvida muito. Com o suor já seco na pele, as costas tomadas por espasmos, as unhas incrustadas de sujeira e Matthew debaixo da terra há apenas uma hora, sente um vazio inimaginável.

O poodle avança em sua direção, uma confusão desgrenhada toda suja de lama, ao mesmo tempo ridícula e aterrorizante.

– Senta – ordena ela. – Senta. Fica. Rola. – Mas o cachorro segue em frente.

Claire ergue o revólver, que parece incrivelmente pesado em sua mão. O poodle abaixa a cabeça e a ataca. Ele abre a boca para mordê-la, escorrendo saliva. Ela lhe dá um tiro na pata e o cão solta um grito terrível e quase humano antes de desabar. Ele se levanta outra vez e se afasta correndo e mancando para bem longe, deixando atrás de si um rastro de sangue.

Ao ouvir o tiro, os outros cachorros se dispersam e mergulham entre as fileiras de tumbas. Voltam a subir a encosta com latidos e ganidos até sumirem no meio das árvores que se adensam no alto.

O único a ficar é o dachshund, que espia por trás da cripta. Claire guarda o revólver no coldre, ergue os braços e grita: “Iáááá!” O cachorro deixa escapar um filete de urina antes de sair trotando para se juntar à matilha.

Claire encara a menina, que desvia os olhos, mas depois reúne coragem para fitá-la. Tem olhos castanhos, malares largos e pele morena. Usa um short jeans por baixo da camiseta gigante e calça tênis de velcro. Claire ergue a mão – gesto universal para dizer *oi* – e a garota também. Ambas conseguem esboçar um pequeno sorriso.

– Você fala inglês? – pergunta Claire.

A expressão da menina não muda e Claire vê ali o mesmo que viu no dachshund:

um misto de medo e solidão que a faz querer, simultaneamente, se jogar nos seus braços e recuar.

– Desce daí – pede Claire. – *Abajo*. – Ou seria *arriba*? Não se lembra mais. O ensino médio parece ter sido há séculos. – Descer. *Descer*. – Ela faz um gesto para enfatizar. – Antes de eles criarem coragem e voltarem.

A menina não se mexe, mas suas sobrancelhas se unem para formar uma pergunta muda: será que Claire é perigosa?

– *No estoy peligroso* – diz Claire. – Sério. Eu sou do bem. *Yo estoy su amiga*.

– Eu não sou burra – retruca a garota com um leve sotaque. – Sei falar inglês.

– Você é licana?

A menina revira os olhos de forma teatral.

– Eu sou latina.

É por *isso* que eu odeio crianças, pensa Claire.

– A gente precisa sair daqui.

A garota não se move, exceto para abafar um espirro.

Seria muito mais fácil ir embora e abandonar aquela criança. Por que ela deveria se importar? Por que deveria continuar respirando? Parte dela deseja chamar os cães de volta com um assobio e esticar o pescoço para eles destroçarem.

– Cadê seus pais?

Claire se arrepende na mesma hora de ter perguntado e sente no peito uma pontada de terror quando a menina franze o rosto e começa a respirar pesadamente como fazem as crianças antes de abrirem o berreiro.

– Esquece. – Claire estende as mãos e agita os dedos. – Vamos. Vai, vem logo.

Depois de hesitar por um tempo, a menina se arrasta até a borda, dependura as pernas para fora e se deixa cair nos braços de Claire.

CAPÍTULO 54

O avião explodiu bem no centro da usina nuclear de Hanford. A placa de circuitos elétricos estourou e pôs-se a cuspir fogo. As turbinas pararam de girar, a água de refrigeração parou de correr. A temperatura subiu vertiginosamente. Um pico de energia causou uma explosão de vapor que destruiu as tampas dos recipientes de contenção. As varas de controle e blocos isolantes de grafite derreteram. E o núcleo radioativo entrou em ignição, dando origem a uma explosão tão potente quanto duas bombas nucleares, que subiu em forma de cogumelo, projetou carros pelos ares, reduziu a cinzas qualquer organismo vivo em um raio de 160 quilômetros e fez a lua brilhar com um vermelho furioso.

O presidente declarou estado de emergência no noroeste da costa do Pacífico, depois na costa oeste, em seguida na região das Grandes Planícies. Ordenou aos habitantes dos estados de Oregon, Washington e Idaho e do oeste de Montana que abandonassem suas casas. Não se deu conta de que as urnas haviam acabado de fechar, que a imprensa já decretara o vencedor horas antes. Que ele tinha perdido. Por enquanto, com as autoestradas congestionadas de gente indo o mais depressa e o mais longe possível, isso era irrelevante.

Nuvens fervilharam acima do reator aberto. Hélices de fogo rodopiaram pelo céu. Raios se desfraldaram e castigaram a terra como grandes açoites brancos. Um vento quente soprou do leste e espalhou a radiação atmosférica até o estado de Michigan.

Na mesma noite da explosão, um vídeo foi divulgado na internet. Nele, Balor e a Resistência reivindicaram a autoria da explosão e declararam o noroeste do Pacífico seu território soberano. Licânia, foi como ele o chamou. Pediu aos demais que fossem para lá se juntar a eles. E pediu a todos os licanos que já estivessem na região para atacarem seus vizinhos e, assim, fazer deles concidadãos – e para, apesar da radiação, ficarem no Oregon em nome de um bem maior.

Cinco meses depois, estima-se que cinco milhões de pessoas tenham morrido.

Tudo correu de forma esplêndida. Exatamente conforme o planejado. Tudo por causa dele. Por sua causa, uma nova nação foi criada e 6 de novembro será seu dia da independência. Pouco lhe importa estar cercado. As cercas pontuadas por bases militares fecham as divisas de Washington e do Oregon. Navios de guerra patrulham a costa. Aviões teleguiados riscam o céu com um sussurro que lembra papel rasgado. Bombas ecoam como longínquas trovoadas e reduzem a crateras fumegantes caixas d'água e estações de energia. Era de se esperar. Assim como era previsível a crise econômica – o duplo rebaixamento pela agência S&P, a queda da bolsa em mais de quatro mil pontos –, que logo irá obrigar as Forças Armadas a se retirarem. Eles precisam entender que a Terra Fantasma é uma causa perdida. Que

ela já é sua.

Balor ponderou por muito tempo onde instalar o quartel-general. O prédio do capitólio do estado seria óbvio demais; um shopping ou arranha-céu, difícil demais de defender. Pensaram no complexo Rajneesh, no centro do Oregon, mas julgaram-no muito distante para ser abastecido. Pensaram em um centro correcional em Salém, um prédio atarracado cor de mostarda, porém ele não queria que nenhum de seus homens considerasse essa escolha uma metáfora daquilo em que suas vidas tinham se transformado. Precisava deles felizes e de uma cidade para saquear. E também necessitava de um local defensável. Foi por isso que optaram pela Mansão Pittock.

Esse castelo de 23 quartos construído em 1914 por Henry Pittock, editor do *Oregonian*, fica no bairro de West Hills, em Portland. Os quase 20 hectares cercados por grades de ferro forjado contêm ovelhas, cabras e bois. As paredes de arenito são à prova de bala. As lareiras os manterão aquecidos no inverno, os pés-direitos altos os refrescarão no verão. As construções anexas servem de armazém para a gasolina que eles acumularam, para os tablets de iodo que moem e misturam à comida e à água, a fim de combater a radiação que abre pústulas em sua pele.

Balor agora está descendo o morro no meio de um comboio – três Expeditons pretos equipados com protetores de cárter e janelas blindadas seguidos por uma carreta com um reboque tipo baú. Apesar do calor, usa um terno grafite sob medida, sem gravata. Os cabelos compridos e prateados estão cuidadosamente repartidos no meio e presos atrás das orelhas. A seu lado, espremido atrás do volante, está sentado o gigante Morris Magog. Os bancos traseiros foram recolhidos e, em seu lugar, há engradados rasos cheios de feijão, arroz, molho de tomate, balas, barras de granola, sacos de batata chips e pilhas de melões-cantalupo a serem distribuídos para todos os que comparecerem à reunião dessa tarde na Pioneer Courthouse Square.

Ele sabe o que dizem em relação a seu olho. Que ele foi ferido por estilhaços, mordido por uma cobra, envenenado pelos militares. Que levou um tiro e a bala atravessou sua córnea e foi parar dentro do cérebro. A verdade é que, na infância, sua vista começou a embaçar. Balor tinha dores de cabeça diárias. Sua mãe o levou a um médico da aldeia que o examinou e disse que era um tumor e que ele não tinha condições de operá-lo. A mãe o conduziu a um hospital militar e implorou ajuda. Os militares negaram e, quando ela se recusou a ir embora, acertaram-na no rosto com a coronha de um fuzil e a chutaram no chão. “Mas ele vai morrer”, alegou ela, recebendo como resposta: “Nós sabemos.” Então, sua mãe começou a rezar. Rezava ao amanhecer e ao anoitecer. Rezava antes das refeições. Unia as mãos e às vezes o apertava junto ao peito enquanto sussurrava palavras que Balor não conseguia decifrar, alguma fórmula mágica desesperada para combater as hemorragias nasais e, em seguida, o breu em sua visão. Certa noite, ele acordou e viu uma silhueta alta e branca em pé ao lado de sua cama. O rosto era apenas um borrão, os dedos eram

filamentos. A silhueta os estendeu em sua direção, penetrou bem fundo dentro dele, de seu rosto, e ele sentiu a fisgada de uma dor prazerosa. Ao se retirar, a mão segurava algo preto que se remexia. Balor achou que fosse um pesadelo extraordinário até acordar na manhã seguinte e constatar que conseguia ver. Não de forma perfeita, mas ainda assim conseguia: seu olho esquerdo parecia uma janela suja. O médico disse que o tumor tinha sumido. “Não entendo. Devo ter me enganado.”

“Foi a vontade de Deus”, afirmou sua mãe. Pela vontade de Deus, ele havia sobrevivido. Ele *era* a vontade de Deus. Não compartilha isso com ninguém. Guarda segredo como se o fato fosse a estátua de um santo enterrada de cabeça para baixo no quintal. Pouco lhe importa se seus homens acreditam ou não em Deus – o importante é que acreditem nele.

O carro desce a estrada morro abaixo, sai pelos portões e atravessa bairros ocupados por chalés bem próximos uns dos outros, com quintais cheios de ervas daninhas até a cintura e gramados estragados. Vê cobras tomando sol no asfalto, um enxame de abelhas saindo de uma caixa de correio, um gavião estraçalhando os restos arroxeados de um gato. Ele ajudou a fazer aquilo acontecer: fazer o mundo voltar ao estado natural.

Um cervo surge saltando por entre duas casas e para com passinhos miúdos em um acesso de garagem. Balor pousa a mão no pulso de Magog e lhe diz para parar.

– Devagar.

Saca a 9 milímetros que carrega no coldre do cinto. A janela zumba ao ser aberta. Ele apoia os cotovelos na moldura e fecha o olho morto. O cervo, um macho com dois cornos aveludados apenas começando a despontar, encara-o de volta, mexe uma orelha e cambaleia para trás quando ele dispara. Avança 3 metros antes de ir ao chão. As patas continuam a se debater como se estivessem sonhando em fugir. Balor observa até o animal se imobilizar.

– Joga na traseira – ordena. – Vamos assá-lo no espeto.

O gigante abre a porta e desce, fazendo o carro estremecer com a diferença de peso.

Balor guarda a pistola no coldre, fecha a janela e liga o ar-condicionado. Sente um calor agradável se espalhar pelo corpo, uma corrente de endorfinas que faz sua mente zumbir e sua pele se arrepiar. Imagina que o sexo deva dar mais ou menos essa sensação. Não anseia por sexo da mesma forma que os outros. Nunca fez nada com a mulher que eles mantêm presa no porão, embora goste que ela esteja lá para satisfazer os outros. Gratifica seu apetite de outras formas. Para Balor, derramar sangue é como expelir sêmen. Um impulso que sacia sua fome e sua necessidade de dominar e infectar, de se multiplicar.

Várias centenas de filhos seus comparecerão ao encontro de hoje. Ele sabe que

existem mais milhares deles espalhados pelo noroeste do Pacífico e outros ainda tentando se esgueirar pelas fronteiras todos os dias. Tem certeza de que eles estão com medo. Sabe que alguns estão doentes, que estão sofrendo desconfortos e incômodos com a falta de energia elétrica e água corrente. Falará que seu desconforto é apenas temporário. Contará os planos. Apertará a mão de todos, olhará cada um deles nos olhos e lhes dirá para não se preocuparem, pois aquilo é só o começo.

CAPÍTULO 55

Daquele lado das montanhas, no meio do deserto da parte leste do Oregon, cães vagueiam livremente, estilhaços de vidro cintilam nas ruas, portas de casas abrem e fecham com o vento, filetes de sangue escorrem de freezers, cadáveres jazem pelo chão em diversos estágios de decomposição, rígidos como os próprios caixões. Vestidos com um macacão antirradioativo digno de um filme de ficção científica, Patrick e seu esquadrão de faxineiros retiram das ruas carros abandonados, arrastam corpos para formar pilhas que incendeiam com lança-chamas. Não sabem por que precisam fazer isso, já que a região é inabitável. Mas ordens são ordens.

Como acontecera em Chernobil, um sarcófago de concreto agora cerca a central de Hanford, mas o estrago já foi feito. Durante milhares de anos, haverá radiação no noroeste do Pacífico. Pouco importa se vão ser cem, mil ou um milhão de anos, diz o presidente: os Estados Unidos irão recuperar os estados de Oregon e Washington, cidade por cidade.

Ninguém quer se arriscar. Todos querem turnos de sentinela no posto de controle de Ontário. Manter afastados os curiosos, malucos e simpatizantes dos licanos, lançar duchas químicas em todos os que entrarem lá. Alambrados se estendem até perder de vista. A interestadual que leva ao posto está fechada por blocos de concreto que obrigam os carros a ziguezaguearem, diminuindo a velocidade até quase parar, antes de chegarem à primeira guarita, 20 metros depois do alambrado. Sair da Terra Fantasma requer passar por um processo demorado. Revistam-se todos os veículos e passageiros, que são fotografados e interrogados e têm suas impressões digitais colhidas. Depois, são mandados até uma equipe de dosimetria, sendo submetidos a testes de radiação e exames de sangue. Por fim, ficam várias horas detidos em um curralzinho de alambrado enquanto seu caso é analisado.

Houve um tempo em que a fila de carros se estendia até se perder na névoa do deserto, mas ultimamente quase todo mundo que queria sair já o fez, a não ser um ou outro licano que se desencanta após passar tempo demais sem restaurantes, internet ou energia elétrica. Às vezes, dois ou três dias passam sem nenhum civil cruzar o posto de controle.

Todos preferem assim: a paz e a previsibilidade que o trabalho de sentinela adquiriu, com tempo de sobra para falar bobagens e ler revistas, jogar dardos ou baralho, quase umas férias. O mundo ali é ermo e as planícies ocupadas por arbustos de artemísia se prolongam a perder de vista. Uma paisagem dura e bela, que não é perturbadora, pois, em grande parte, não há simplesmente nada.

Isso tornou os soldados da sentinela preguiçosos, então Patrick tem certeza de que vai conseguir levar a cabo seu plano. E Malerie vai ajudá-lo, embora ainda não

saiba.

Depois de entrar na conta de e-mail do pai, ele reuniu centenas de páginas de correspondência com Neal Desai. Já sabia que os dois tinham estudado juntos na Universidade da Califórnia em Davis, ambos na bioquímica, mas era só. Ficou sabendo que o pai se alistara mais ou menos ao mesmo tempo que Neal começara a se candidatar a programas de pós-graduação, que iniciara seu trabalho na cervejaria mais ou menos na mesma época em que Neal recebera uma bolsa de pós-doutorado. Seu pai fazia experiências com cães na garagem enquanto Neal ensinava técnicos de laboratório a injetar príons no cérebro de um rato. Os filhos dos dois – Patrick e uma menina chamada Sridavi – tinham mais ou menos a mesma idade. E os dois homens tinham um interesse pessoal na pesquisa: ambos amavam infectados.

Em um dos e-mails, de quase dois anos atrás, seu pai escreveu: “Estava pensando naquela vez em que tentamos comprar cerveja. Lembra? A gente colocou duas barbas postiças da loja de Halloween. O vendedor da loja de bebidas nos olhou e, na mesma hora, nos mandou dar o fora. Ficamos tão deprimidos... Tínhamos certeza de que iríamos conseguir. Não consigo parar de pensar naquelas barbas idiotas. E se o corpo não tiver o mesmo olhar atento do vendedor da loja de bebidas? A gente sabe que não tem.”

Para estimular uma reação imunológica, para fazer o corpo reconhecer o lobos como uma infecção, o plano de Keith era desenvolver uma vacina que associasse os príons a um modificador vivo, uma cepa alterada e atenuada de salmonela.

Neal havia assumido a partir daí e Patrick viu que a mensagem “Sucesso!”, que o pai lhe mandara havia muito tempo, correspondia perfeitamente à primeira inoculação bem-sucedida de um cão infectado.

A vacina está pronta. Não foi testada em humanos, mas está pronta. Está à sua espera na Terra Fantasma.

Malerie tem aquele tom de cabelos especial, às vezes ruivo e às vezes castanho, dependendo da luz. Na escola era uma garota bonita; ali, onde não há nada a não ser homens e cães selvagens como companhia, ela é linda. Pediu-lhe perdão inúmeras vezes ao longo dos últimos dias. “Eu amadureci muito”, alega. Patrick também. Eram outros tempos e ele se sente inclinado a perdoá-la e a saborear seu corpo jovem e rijo, seu delicioso sotaque do leste do Oregon, suas conversas sobre tudo.

– Eu pensei que amasse Max, mas estava errada – disse ela. – Na verdade acho que nunca me apaixonei. Não como nos filmes, sabe? Não daquele jeito em que não se consegue raciocinar direito.

Malerie não vê Max desde a formatura, e é melhor assim. Depois do atentado à praça, conta, ele se tornou ainda mais perigoso e obcecado.

– E você? Já se apaixonou alguma vez? – perguntou ela.

– Não sei – respondeu ele. – Talvez.

No alojamento, nos aposentos privativos de Malerie – uma pequena cela de concreto com pia, cama e estante –, ela se deita por cima de Patrick, nua. Ele está maior agora, todo musculoso, e brinca que poderia pô-la na boca feito uma bala. Ela passa o dedo na cicatriz em seu ombro. Encosta um ouvido em seu peito para escutar seu coração.

– Todo mundo diz que quer que a vida seja igual aos filmes – fala Malerie, passando os dedos nos pelos de seu peitoral. – Agora é. Agora a vida é como um filme. Só que é o filme *errado*.

– Tem razão – responde Patrick

Contudo, na realidade não está prestando atenção. Está ocupado demais com os próprios pensamentos, todos embaralhados em sua cabeça. Sobe um dedo pelas costas dela, pelo meio dos cabelos, depois torna a descer até as vértebras cervicais, onde os ombros se estreitam em direção ao pescoço. Faz círculos ali e ela suspira.

– Que gostoso.

A vontade que ele tem é de dizer “Você não deveria achar gostoso”, mas fica em silêncio. O círculo que está traçando é uma espécie de alvo. É ali que se enfia uma faca quando se quer paralisar alguém. Por mais que isso o deixe horrorizado, considera cada parte do corpo dela algo macio, curvo e perfumado, e ao mesmo tempo um alvo. Isso lhe causa uma sensação de náusea, um dos primeiros sinais de afeto por ela – ou de desafeto.

– Às vezes... – Ele se interrompe. – Às vezes parece que eu tenho um filtro. Esse filtro não deixa nem tudo do mundo entrar, nem tudo de mim sair.

Nunca revelou isso a ninguém. Não sabe se foi a morte do pai, a temporada na República, a devastação inconcebível da explosão de Hanford ou uma combinação de todos esses elementos, mas não sente emoção alguma há muito tempo. Nada o afeta, nem uma canção no rádio que poderia fazê-lo menear a cabeça e bater com o pé, nem uma cena de filme que poderia acelerar seus batimentos cardíacos. A comida o preenche e o sexo o esvazia.

Malerie passa um dedo em volta de seu mamilo até ele ficar rígido.

– Preciso que você faça uma coisa por mim – diz ele.

Ela belisca o mamilo e Patrick afasta sua mão com um tapa.

– Qualquer coisa – fala Malerie.

Geralmente, em uma zona de combate, ele só tem as noites e os fins de semana livres, mas, para levantar o moral, os oficiais estão distribuindo folgas.

– Vou ter uns dias livres em breve. Quero que você me faça entrar na Terra Fantasma sem ninguém saber.

Malerie se senta na cama e seus seios balançam.

- Para quê?
- Isso é problema meu.
- Problema seu porra nenhuma.
- Você me deve, lembra?
- Não devo tanto assim.
- Deve, sim. Você mesma disse. Você me deve.
- Você vai acabar morto, ou nós dois vamos parar na prisão militar.
- Você me deve.

CAPÍTULO 56

É claro que há outros jeitos de entrar na Terra Fantasma que não os postos de controle do perímetro. Saqueadores cortaram a cerca de arame. Mexicanos sem documentos também. Como desbravadores seguindo uma trilha rumo ao oeste para começar uma nova vida e tirar de lá o que houver para tirar: minerar o solo, cultivar a terra, construir estruturas para se proteger das intempéries e se abrigar quando vierem os filhos.

E há também os defensores da liberdade – como Max e os Americanos –, que cavaram túneis por baixo do perímetro para poderem caçar. Max assina um blog chamado Americanos Furiosos, em que posta clipes de música country e discussões tediosas sobre fechamento de fronteiras, a eficácia da tortura, a necessidade de campos de concentração para licanos, a desvalorização do dólar em relação ao euro. Sua biografia informa: “Estou puto da vida.” O blog inclui informações de contato e, de vez em quando, ele recebe um e-mail chamando-o de vilão ou de herói. Alguns querem saber como entrar para a luta. Outros querem mostrar que Max está errado, convertê-lo. Ele adora ver a violência verbal dos liberais. “Quero você enforcado junto com o presidente”, escreveu um deles. “E quando as suas caras ficarem azuis e os seus globos oculares explodirem e escorrerem por suas caras, eu vou rir.”

Então, chega a mensagem de um homem que prefere se manter no anonimato, que trabalha para o governo e quer ajudar Max no que puder. “Eu sei que você odeia o governo por causa da interferência e dos inúmeros atos ineficazes”, fala a pessoa. “Eu também. Não sou político nem burocrata. Sou mais como um míssil ou um revólver. Vim procurá-lo como arma. E como amigo.”

Agora, algumas semanas e dezenas de e-mails depois, ali estão eles, em uma igreja metodista abandonada na cidadezinha de Dorris, na divisa entre Oregon e Califórnia. Foi ali que montaram seu quartel-general nos últimos dois meses. Houve um tempo em que Max acreditava que escrever uma carta, distribuir filipetas, discursar em feiras de produtores rurais e fazer passeatas em Washington fizesse diferença, mas ele não pensa mais assim. Acredita é na ação. Em fazer algo.

Com ele, há dez homens que acham o mesmo. Estão todos sentados nos bancos da igreja à sua volta. Têm as cabeças raspadas. Usam camisetas brancas, calças de lona cáqui, botas pretas engraxadas. Não falam palavrão. Não bebem, não fumam e não conspurcam o próprio corpo. Passam várias horas por semana malhando para ficar musculosos e se preparar para as corridas de longa distância e os duelos às vezes necessários na Terra Fantasma. Todos têm balas de prata tatuadas nas costas das mãos.

Na parede, pende um estandarte caseiro com a palavra FRATERNIDADE. Os vitrais

reluzem debilmente ao luar e todas as suas cores fragmentadas se reduziram ao azul. Um lampião a querosene arde sobre o altar. Os candelabros acesos espalhados pelo recinto bruxuleiam.

No porão da igreja, através da parede de blocos de concreto, eles cavaram um túnel de 15 metros de comprimento, 2 de largura e 2 de altura, com as paredes escoradas por tábuas, passando por baixo da cerca de perímetro. É grande o suficiente para passarem até o outro lado em suas bicicletas.

Antes da entrada da passagem, há uma mesa de pingue-pongue, onde eles alinharam seus instrumentos: espingardas, facões, serras elétricas, gasolina e fósforos, tacos de beisebol cravejados de pregos. Na parede bem ao lado, onde outrora pendia uma colcha de retalhos, pregaram escalpos. Na última contagem, eram cinquenta. De todas as cores imagináveis, mas todos avermelhados nas bordas. Um artesanato de sua própria lavra.

O Homem Alto está agora em pé à frente dos Americanos, de terno preto, com os braços abertos feito um monstruoso pregador. Trouxe-lhes suprimentos: granadas, Glockes, fuzis M4 e M16, um fuzil de precisão PSG1 da Heckler & Kock e vários caixotes de munição. Havia mais de onde aquilo viera. E obviamente há condições para aquele seu pequeno arranjo, como ele chama. Eles não vão alardear sua presença na Terra Fantasma nem mencionar qualquer ajuda governamental. Sua descrição, é claro, é importantíssima. E se o Homem Alto um dia os convocar, farão o que ele mandar. Talvez tenha um alvo traçado em um mapa, que que queira destruir. Só o tempo dirá.

A voz dele é um barítono lento, cada palavra destacada e enunciada com clareza.

– Por enquanto, não precisam se preocupar se o que estão fazendo se encontra dentro da lei. Só precisam se preocupar se é correto. E é. Se não fosse, eu não estaria aqui.

Max está sentado na primeira fila, cotovelos apoiados nos joelhos e mãos entrelaçadas diante do rosto, em postura de oração.

– De vez em quando, recebemos um chamado – explica ele. – Tirando isso, continuamos a fazer o que estamos fazendo. E o senhor nos dá suporte.

– Vocês estão fazendo um bom trabalho. Quero ajudá-los a continuar assim.

– Sem interferência do governo?

– Nestes tempos obscuros e pouco civilizados, fazemos nossas próprias escolhas, mostramos nossas verdadeiras caras.

E ele tem uma cara e tanto, como um chiclete pisado em uma calçada escaldante, um rosto que Max acha perturbador. Mas também reconfortante, pois ali não há máscaras. Como ele diz, está mostrando sua verdadeira cara. A vida seria muito mais fácil se todo mundo fizesse o mesmo. É por isso que Max gosta dos filmes de John Wayne. O preto e o branco sempre identificam o bandido e o mocinho. Mas

qualquer pessoa pode ser um licano. Seu vizinho, seu primo, o garçom que atende sua mesa, aquela garota que fica espiando você na agência dos correios. Eles enganam os outros. Agora, pelo menos, estão enjaulados. Sob essa ótica, talvez a Terra Fantasma tenha sido a melhor coisa que já aconteceu àquele país. Os soldados estão impedindo as pessoas de entrarem, mas, na opinião de Max, é preciso deixar todas elas entrarem e depois fuzilá-las ali mesmo, queimá-las e espalhar seus ossos.

O Homem Alto agora parece estar sorrindo, mas é difícil ter certeza. Max quer que ele vá embora e deixe as armas. Mas isso não acontece. O estranho passa um bom tempo estudando Max com seus olhos fundos.

– Estamos acertados, então? – indaga Max.

Ao ouvir isso, o Homem Alto enfia as mãos nos bolsos e os fita com um último olhar avaliador.

– Toquem o terror.

CAPÍTULO 57

Neal Desai confere a hora no relógio de pulso: 3h20. Faz sete horas que o gerador parou de funcionar. O mostrador verde-fosforescente do relógio se apaga. Ele tenta imaginar até quando a pilha ainda vai durar, em que momento o tempo vai parar, como já parou para tantos outros. Pergunta-se quantos relógios pararam na hora da explosão e quantos derreteram até os números ficarem indecifráveis. Torce para a mulher e a filha terem morrido assim, bem rápido, em um clarão que parou o tempo, em vez de definharem lentamente como ele.

Sente muita fome. Não sabe ao certo a última vez em que comeu. Dois, três dias antes? Quando deixou os últimos farelos de mantimentos se dissolverem na língua. Seu corpo parece devorar a si mesmo. O relógio e o cinto estão afivelados no último buraco e sua barriga tem uma concavidade funda.

Neal não está sozinho. Pode sentir a coisa em cima da bancada, como se fosse um ser vivo. A ampola. Odeia aquela ampola. Ela é o motivo para ter passado tantas e tantas horas no laboratório. A razão pela qual ele não enfiou uma arma na boca e apertou o gatilho quando o chão tremeu, o céu se acendeu e os alarmes dispararam, quando entendeu o que havia acontecido. Por causa dela, ficou escondido debaixo da terra, esperando, esperando – não sabe mais esperando o quê –, sem conseguir mais concatenar os pensamentos, corroído pela fome e pelo isolamento.

Passou a vida inteira ouvindo elogios a sua inteligência, mas agora se sente burro, burro demais para fazer o que é preciso, para acabar com tudo. Durante muito tempo, Sridavi foi sua razão de viver – dedicava seu trabalho a ela, não à humanidade, não ao suposto bem-estar da nação, nem a qualquer causa política. Ou pelo menos é isso que ele diz a si mesmo agora que ela se foi. Agora, sua motivação é a ampola, a vacina.



Estava vendo televisão na hora. Cansado devido ao fuso horário depois da estadia na República. Cansado de falar com jornalistas sobre a tentativa de assassinato sofrida por Chase Williams. Tudo o que queria era esvaziar a mente. Porém, todos os canais transmitiam notícias sobre a eleição e, por mais que ele zapeasse, via apenas o mesmo sorrisinho idiota, ouvia apenas o mesmo discurso de comemoração. Aquele imbecil fora eleito.

A vitória era boa para Neal e para sua pesquisa, ele sabia disso, mas se sentia cúmplice do truque de magia de um bobo, um participante da ilusão em que todos queriam acreditar. O povo americano havia mandado um recado – era isso o que os repórteres diziam. As pessoas queriam mudanças, desejavam segurança. Chase Williams significava proteção e...

Lá fora, houve um grande clarão, como se um caminhão tivesse acendido o farol. A imagem na TV vacilou, congelou e sumiu. Três lâmpadas chiaram e estouraram. Uma xícara de chá estremeceu até a beira da bancada e se espatifou no chão de ladrilhos.

Neal correu até o quintal a tempo de ver a lua ficar vermelha como um segundo sol. Ao norte, o céu estava revolto com o que podiam ser nuvens ou fumaça. Seu primeiro instinto foi gritar pela mulher e pela filha, mas elas não estão em casa, e sim em Washington. Bem na direção da explosão. Onde Sridavi supostamente iria ficar segura e curada. Ele estava sozinho.

Depois de descobrir o que havia acontecido, ele enfiou o revólver no cós da calça, pôs alguns mantimentos dentro de uma bolsa de viagem, arrancou os fios do computador da tomada e jogou a bagagem e a máquina dentro do carro. Mas já era tarde demais.

Os carros abarrotavam as estradas. A noite era um caos de buzinas e gritos. Neal ouviu tiros. Viu colunas de fumaça subirem de labaredas provocadas por incêndios criminosos e curtos-circuitos. Não precisava ir muito longe – o laboratório ficava a apenas 8 quilômetros –, mas as ruas estavam intransitáveis e ele não havia posto gasolina como pretendia fazer alguns dias antes, logo ficou com medo de o quarto de tanque não bastar para fazê-lo atravessar o engarrafamento. Luzes de freio coloriam a noite de vermelho. Embora soubesse que era inútil, Neal enfiou a mão na buzina para tentar fazer o tráfego andar com o barulho. Foi quando viu o primeiro licano.

Demorou um pouco para identificar o que era. O andar curvo e desengonçado fazia o homem parecer bêbado, louco ou ferido. Os postes haviam se apagado, por isso Neal só reparou nos pelos, no focinho achatado e nos dentes ensanguentados no momento em que a criatura foi para o meio da rua, à frente dos fachos dos faróis. O licano arrancou a porta de um Fusca amarelo-canário e entrou no carro. Os passageiros começaram a agitar os braços e a tentar tirar os cintos de segurança, em vão.

Neal trancou as portas do próprio automóvel e olhou em volta. Estava em um bairro comercial de calçadas e estacionamentos movimentados, com grupos apressados, expressões fechadas e inescrutáveis. Mais adiante, havia um beco que passava entre uma sanduicheria e uma livraria. Ele girou o volante com força e subiu com o carro na calçada. Pessoas saltaram para não ser atropeladas e algumas o xingaram e fizeram menção de socar seu para-brisa. Neal alcançou o beco, passou a toda pelos latões de lixo e esguichou água das poças deixadas pela chuva da véspera. Seu retrovisor direito bateu em um cano e foi arrancado.

Ao chegar do outro lado, uma rua cheia de casas e alambrados, viu um licano de cabelos compridos – não soube dizer se era homem ou mulher – abaixado junto a uma garota, alimentando-se do conteúdo de seu ventre. Tirou o pé do freio, pisou

fundo no acelerador e cerrou os dentes em preparação para o forte impacto, para o subir e descer da roda dianteira esquerda ao passar por cima deles e esmagar os dois corpos.

No caminho labiríntico que teve de fazer para chegar ao laboratório, viu muitos outros licanos arrancando as roupas, correndo de quatro pelo chão e derrubando transeuntes. Foi passando pelas estações de rádio e, nas poucas que conseguiu sintonizar, lhe informaram o que ele já sabia: aquilo era um levante. Mais tarde, todos viriam a tomar conhecimento de que muitos licanos estavam tão assustados e tão loucos para fugir quanto Neal, mas naquele exato instante a sensação dominante era de que o mundo inteiro havia se tornado animalesco.

Pelo rádio, soube que a explosão começara na região metropolitana de Tri-Cities e que, aparentemente, os reatores estavam derretendo. Ele dava como certo que a mulher e a filha tinham morrido, mas não teve tempo de lamentar a perda, pois toda sua energia se concentrava na estrada logo à frente.

O Centro de Estudos em Lobos era uma galáxia de luz. Os geradores de emergência haviam sido acionados pela queda de energia. O estacionamento, como esperado, estava deserto. Até mesmo os seguranças tinham abandonado seu posto e a guarita da entrada se encontrava vazia e toda acesa, com apenas um livro de bolso aberto. Neal passou pela cancela, entrou no acesso principal e desligou o motor. No súbito silêncio, reparou que ofegava bastante.

Nos últimos meses, houve protestos naquele estacionamento. Quase todo dia os seguranças acabavam levando embora à força alguém com uma arma ou uma faca. Mais de uma vez, Neal teve que sair do laboratório por causa de um alerta de bomba. Alguns manifestantes eram defensores dos direitos dos animais; outros, simpatizantes dos licanos; outros ainda, licanos mesmo. Se aquilo fosse de fato um levante, o centro seria o alvo principal. Neal não achava que teria muito tempo.

Vinha trabalhando no antigo laboratório havia alguns meses, enquanto as obras do anexo de 5 milhões de dólares da Pfizer não terminavam. O anexo era um imenso prédio de telhado redondo que parecia o dorso de uma baleia emergindo da terra. Pelas últimas notícias que teve, iriam começar a levar seus equipamentos para lá na semana seguinte; o exterior estava pronto e a rede elétrica, o revestimento de ladrilhos e a pintura internos, em curso. Uma das características do laboratório era um quarto do pânico no porão com trancas codificadas, unidades de refrigeração, um poço separado, ar filtrado e geradores com combustível suficiente para durar seis meses.

Neal correu os 180 metros que o separavam do prédio, carregando a bolsa e o computador, e sentiu uma pontada no flanco tão forte que parecia que uma faca lhe havia atravessado as costelas. Usou sua chave para abrir a porta da frente, desceu correndo a escada e fez uma curva até uma porta, discreta como um armário, a não

ser pelo teclado de aço. Ele digitou o código – sua data de aniversário – e ela se abriu; um ar congelante escapou lá de dentro.

Ele largou tudo o que estava levando, tornou a subir correndo a escada, saiu do prédio e cambaleou até seu laboratório. Lá, destrancou um armário de material e pegou o máximo de ampolas de vacina que conseguiu enfiar nos bolsos. Quase as tirou da geladeira, mas concluiu que não poderia confiar na energia elétrica. Acabou optando pelas ampolas cheias de pó liofilizado, estéreis, que precisavam ser reconstituídas com diluente antes da injeção. Eram estáveis o bastante para sobreviver a condições árdias.

Tornou a sair às pressas. Enquanto avançava pelas trilhas que serpenteavam entre os prédios, as ampolas chacoalhavam. Notou que, apesar da noite fria, suave em bicas. Não conseguia respirar direito e sentia pontadas de dor no peito com a mesma regularidade de sua pulsação. Apoiou-se em um dos prédios pelo máximo de tempo que se atreveu.

Sua vontade era deitar na relva e descansar. A grama parecia muito macia e ele estava exausto. Mas o brilho rosado no céu lembrou-lhe que não podia.

Com as pernas bambas, retomou seu rumo, agora caminhando, pois sabia que iria desmoronar se não tomasse cuidado. Um vento frio soprava e as árvores sem folhas davam a impressão de algo vivo. Estava a uns 20 metros do laboratório da Pfizer quando escutou o ronco de motores e viu faróis riscarem o vidro da porta de entrada. Ao se virar bruscamente, seu joelho estalou e cedeu. Ele caiu encolhido no chão.

Sentiu uma picada e ouviu um tilintar junto ao corpo. Esmagara algumas ampolas. Ficou deitado por um tempo tentando se forçar a prosseguir, engolindo o ar em grandes golfadas pela garganta que ardia. Havia algo errado com o joelho. Sentia a articulação frouxa. Ao tentar movê-la, uma fisgada o atacou, como se houvesse uma vespa alojada na junta. Esforçou-se para ficar sentado e, por fim, conseguiu se levantar. O joelho quase sucumbiu, mas Neal não teve outra escolha senão ignorar a dor. Seguiu se arrastando poucos metros de cada vez, avançando e descansando, avançando e descansando.

Ouviu um barulho de vidro explodindo, madeira rachando, metal batendo, plástico se quebrando – e pôde imaginar com nitidez as mesas viradas, os armários derrubados, os computadores arremessados nas paredes. Passos se aproximavam pelo caminho de concreto.

Levou a mão ao revólver que trazia na cintura. A arma estava escorregadia de suor e enterrada nas dobras de sua barriga. Quando conseguiu pegá-la, o licano já estava quase em cima dele. Era uma mulher. Tinha dreads nos cabelos e a única coisa que usava era um colar de cânhamo. De resto, só via um borrão de pelos e músculos. Ele atirou. A criatura soltou um ganido e desabou.

O barulho do disparo se dissipou, sendo substituído por uivos. Os outros logo iriam alcançá-lo.

De alguma forma, Neal conseguiu avançar até o prédio, descer a escada aos trancos e arrastar a porta até fechá-la atrás de si antes de eles o encontrarem. Mas eles o acharam. Ele cobriu as orelhas com as mãos no momento em que começaram a arremeter os corpos contra a porta vezes sem conta, produzindo um estrondo que parecia interminável. Até que teve fim.

Fazia cinco meses que isso tinha acontecido. Às vezes ele não sabe se está acordado ou sonhando. Às vezes fala sozinho, caga e mijá no chão sem se importar. Certa vez, despertou e pensou ter visto um licano agachado ao lado, a cara a poucos centímetros da sua e os dentes à mostra. Neal soltou um grito desvairado e rastejou até o canto da sala.

– Não chega perto de mim! – berrou. – Não chega perto de mim! – Mas é claro que estava sozinho.

Mesmo assim, não consegue ficar longe do revólver; deixa-o sempre enfiado na calça, tanto que a pele das costas criou um calo grosso. Os geradores continuam a zumbir, mas as lâmpadas queimaram na semana anterior e ele passa os dias solitário, no escuro.

Só uma das ampolas sobreviveu; todas as outras quebraram durante a fuga. Está em cima da bancada ao lado de seu laptop e seus documentos. À espera.

Há um tanque no canto. Neal o usa como privada, pia e bebedouro. Tenta ocupar o estômago com água da torneira. Suas mãos tremem quando ele tenta alcançar seu copo, um béquer. Enche-o até a borda, leva-o às cegas até a boca e começa com um golinho. Mas um golinho só não basta. Ele vira o recipiente inteiro. Seu pescoço se convulsiona enquanto ele bebe, até engasgar, tossir e vomitar, e depois bebe mais um pouco.

Muitos anos antes, fez um regime sem carboidratos e perdeu 23 quilos em um mês. A pele pendia de seu corpo como se ele tivesse derretido. “Você está irreconhecível”, diziam. Isso porque Neal não era mais a mesma pessoa. O natural para ele era ser gordo. E agora está se afastando cada vez mais do que lhe é natural: toda gordura desapareceu e os ossos pressionam a pele flácida. Ele agora está no ponto em que não tem mais nada a perder.

Lembra-se de ter assistido a um programa sobre identidade no Discovery Channel; a recordação parece remontar, ao mesmo tempo, a dez minutos e a dez anos atrás. Em determinado momento do episódio, um cientista questionava o que fazia uma pessoa se sentir ela mesma. Digamos, por exemplo, que ela comesse a substituir progressivamente todas as células do seu corpo por células de Ronald Reagan. Em que momento você deixava de ser você e virava Ronald Reagan? Será que uma

única célula, em algum ponto no meio do processo, podia fazer toda a diferença? E se você conservasse o corpo, mas seu cérebro fosse transplantado? E se entrasse em coma ou sucumbisse à demência... Quando deixava de ser você? Qual é a linha que separa o você do não você? No caso da filha, Neal podia identificar o instante preciso em que tudo havia mudado, em que ela continuara e deixara de ser a sua menininha. Mas e ele? Acima do tanque, há um suporte de papel-toalha de aço inox. Antes de as lâmpadas queimarem, Neal ficava observando ali o próprio reflexo espectral. Por fim, já não se reconhecia mais de tão ossudo e amarelado, mas imagina se o desconhecido que via poderia ter ganhado vida algum tempo antes, muito antes do dia em que o mundo explodiu.

Abriu a porta uma vez. O corredor era um breu e ele tossiu por causa do cheiro da fumaça. Pensou ter escutado algo avançar em sua direção e bateu a porta de novo, encostando-se nela.

Que chance teria lá fora? Como poderia se manter vivo, manter a ampola segura? Seu joelho estava em frangalhos – ele mal conseguia se arrastar pela sala. Sua única alternativa era esperar. Alguém apareceria. Tinha que aparecer.

Se ninguém aparecesse, ele iria morrer. Já está morrendo. Seu corpo devora a si mesmo. E se ele morrer tudo terá sido em vão. Os anos no laboratório. O sofrimento da filha. Todo aquele tempo enterrado debaixo do chão, aquela sala feito um buraco negro à espera dos mortos. Não pode deixar que isso aconteça. Precisa viver. Para viver, precisa comer.

Às vezes, pensa ouvir coisas do outro lado da porta. Sussurros. Garras arranhando suavemente a superfície de aço. Mas agora, quando encosta o ouvido ali, tudo o que consegue ouvir é o próprio estômago agonizante, faminto. Dobra o corpo até a cãibra passar, segura na maçaneta e diz para a escuridão, para a ampola:

– Volto já. Você vai ver só. Vou sair e arrumar alguma coisa para a gente comer.

CAPÍTULO 58

Chase Williams manda as mulheres tirarem a roupa. São duas, uma asiática e uma loura, ambas com cinturas finas de vespa, e elas obedecem. A oriental usa um suéter vermelho comprido com cinto de couro preto e botas que vão até os joelhos. Quando se dobra para abrir o zíper dos calçados, vira-se de costas e faz saltar por baixo da roupa as nádegas separadas pelo fio dental roxo. A loura está com um vestido preto na altura das coxas, que se desmancha aos seus pés quando é solto. Ela o chuta para longe junto com os sapatos de salto.

Chase manda as mulheres se tocarem, fazerem um show para ele. Elas se movem como se tocasse uma música, jogando os cabelos e rebolando; as mãos passeiam por coxas, seios, barriga. Fazem estalar o elástico das calcinhas. Olham-no com desejo através do véu dos cílios carregados de rímel.

Nas paredes de sua suíte, há dois retratos pendurados em molduras folheadas a ouro: de Andrew Jackson e Teddy Roosevelt. A decoração muda a cada presidente. Ele requisitou aqueles homens especificamente, os que citara com mais frequência durante a campanha, nem Lincoln, nem Reagan, nenhum dos habituais. Ambos parecem observar sem paixão Chase e as mulheres. Os dois eram, como ele sempre disse, o tipo certo de babaca. Todos chamam aquele lugar de Casa do Povo em vez de Casa Branca; agrada-lhe a forma como a expressão ignora as esculturas, as madeiras polidas, o silêncio de museu, e enfatiza o caráter comum e a possibilidade de fraqueza, de segredinhos sujos.

Mesmo sem Chase pedir, as mulheres vão devagar em direção à cama, pois sabem que esse é seu desejo. Não podem simplesmente cair na cama; precisam subir. É uma king-size, com um metro de altura do chão e postes de madeira nos cantos que sobem se retorcendo até virarem cobras. Quando a decoradora perguntou se Chase preferiria uma queen-size, ele lhe lançou um olhar furioso e respondeu que *não*, só uma king serviria.

Não vai se juntar às mulheres na cama. Fica sentado na poltrona do canto, de pernas cruzadas. Está usando um dos muitos ternos azul-marinho que surgem no seu armário como em um passe de magia, todos cortados perfeitamente sob medida. Uma mesa redonda de madeira ao lado sustenta uma luminária de latão e uma pilha de documentos presos por cliques de papel da reunião à qual compareceu nessa manhã. Ele jamais os lerá. Quanto mais lê, mais sente que não sabe.

As mulheres começam a gemer e se contorcer. Abrem os sutiãs e os seios se derramam. Abrem as bocas e suas línguas se esticam para saborear uma à outra. Não param de olhar para Chase, esperando receber ordens. Ele apaga a luminária para ficar no escuro. Quer olhar, não ser olhado.

Ouviu alguém dizer que presidentes envelhecem mais rápido, que ficam grisalhos e enrugados de repente depois da posse. Isso é uma verdade. Seus cabelos estão rareando, as entradas se pronunciando. A pele está manchada e da cor de uma folha morta. Os músculos estão moles; a barriga, inchada. Quando sai do chuveiro, ele não desembaça o espelho com a toalha. Seu reflexo lhe causa repulsa. Não tem mais energia para se exercitar: só quer comer e dormir. É estranho pensar que já foi jovem um dia – um bebê no seio da mãe, um adolescente lançando uma bola, um garoto de 20 e poucos anos com uma ereção latejante – e que essa pessoa continua a existir em algum lugar dentro dele, feito um verme.

Houve um tempo em que a visão de duas mulheres rolando na cama teria provocado nele um estado próximo à convulsão. É claro que agora Chase sente curiosidade, mas não excitação. Tenta forçar todo o sangue do corpo a ir para as partes íntimas e se acaricia para tentar se excitar. Talvez hoje vá ser diferente, vá ser um bom dia. Porque ele tem duas mulheres que farão tudo o que quiser. E porque até agora nada de ruim aconteceu. Como ele se tornou patético. Desafivela o cinto e massageia o que parece uma lesma morta. Em vão.

Os retratos na parede parecem encará-lo com uma expressão mais amarga, severa. Chase os decepcionou.

– Quando você vai vir aqui comer a gente? – pergunta a loura. Deita-se de costas com as pernas abertas e as mãos unidas no meio.

– Tive um dia longo – responde ele.

– Ahn?

– Podem ir. As duas. Estou cansado.

As mulheres se sentam, batom borrado, cabelos despenteados. A asiática desce da cama e se aproxima dele.

– A gente quer ficar. Quer fazer você se sentir bem. – Ela estende a mão.

Chase quer recuar para longe, mas não tem para onde ir.

– Saiam daqui. – Ele fecha a braguilha e faz um gesto de enxotar, cobrindo o rosto com a outra mão trêmula. – Me deixem em paz!

Certa vez ouviu a história de um sujeito que trabalhava em uma fábrica de projéteis. Nos últimos dez anos, o homem calculava ter revestido milhões de balas dum-dum. Tiras de latão prensadas em fôrmas; 185 *grains*. Banho de níquel, banho de cobre. Passava o dia inteiro junto à prensa e, à noite, assistia ao noticiário e via um policial do Arkansas ser baleado em uma abordagem de rotina e uma menina de Nova Jersey levar um tiro no olho quando o irmão brincava com uma arma que pegara escondida em uma mesinha de cabeceira. Ele aciona uma alavanca em uma fábrica em Billings e, dois meses depois, a 5 mil quilômetros dali, alguém perde a vida. Uma coisa leva à outra.

Há muitos exemplos disso. Você vira à esquerda em vez de à direita e escapa de uma batida frontal que teria danificado seu cérebro para o resto da vida. Chateia um amigo porque sua mão está tremendo, ele fica com vergonha, vai ao médico e descobre um tumor no cérebro logo antes da metástase. Decide passar no mercado e estende a mão para pegar uma garrafa de vinho ao mesmo tempo que uma mulher com um sorriso irresistível, que terá dois filhos seus antes de fugir com um barman. Se pensar demais, nunca vai querer sair de casa. Uma decisão pode provocar um efeito dominó e influenciar o resto de sua vida.

Um avião lotado de C-4 desce do céu em espiral. E o que acontece?

A Administração de Energia Bonneville, que comercializa a energia gerada na central elétrica de Hanford e em outras 31 represas federais, sai do ar. O território atendido por ela inclui os estados de Washington, Oregon e Idaho, o oeste de Montana e pequenas regiões contíguas de Califórnia, Nevada, Utah, Wyoming e leste de Montana. Os clientes empresariais da AEB incluem concessionárias e distritos de serviços públicos, municipalidades, cooperativas públicas, algumas concessionárias privatizadas e algumas grandes indústrias, como fábricas de alumínio. Além da rede de transmissão no noroeste do Pacífico, a AEB opera linhas de transmissão inter-regionais importantes que atendem o Canadá, a Califórnia e o Sudoeste. A explosão provoca quedas de energia parciais e totais, seguidas pelo colapso da rede ocidental. A radiação atinge o nível máximo e o noroeste do Pacífico se esvazia em poucos dias.

A perda da Boeing e da fabricante de peças metálicas Precision Castparts interrompe o funcionamento da indústria aérea.

A perda da mais importante fábrica da Intel, onde é projetada e produzida a maior parte dos chips de computador do mundo, causa uma grave perturbação no mercado de computadores e chips.

O supermercado Costco fecha as portas. Outras empresas perdem as matrizes e quase vão à falência: Nike, Columbia Sportswear, Microsoft, Starbucks, Cray Computers, Amazon, Safeco e PEMCO, Nordstrom, REI, Alaska Airlines, MSNBC, Nintendo, T-Mobile, Eddie Bauer, Expedia, Greenbier e Daimler Trucks.

O porto de Seattle, e em menor medida o de Portland, traz muitos dos produtos exportados da Ásia para os Estados Unidos, papel que não pode ser desempenhado por outros portos.

Até o Facebook é afetado, pois um de seus principais centros de armazenamento de dados em Prineville sai do ar em um segundo.

Tudo isso causa um pânico que faz a bolsa de valores despencar, e a queda acarreta uma depressão mundial. No dia 20 de janeiro, Chase é empossado em meio a uma tempestade de neve, sabendo que foi escolhido para carregar a culpa. Não tem quase nenhum apoio do povo nem do Congresso. Desavenças intrapartidárias

ameaçam duas vezes paralisar parcialmente o governo e chegam perto de impossibilitá-lo de pagar a dívida pública.

É demais para suportar.

As mulheres recolhem suas roupas, apressam uma à outra com sussurros ásperos e a porta se fecha com um clique. Chase se levanta da poltrona, derruba a luminária da mesa, joga os documentos no chão. Antes de todos os papéis atingirem o chão, marcha até os retratos de Roosevelt e Jackson, arranca-os dos ganchos e os atira pelo quarto; um deles cai em cima de um globo antigo, que rasga a tela. Ele joga longe um travesseiro, tira o edredom da cama e fica enjoado com o cheiro de perfume entranhado no lençol. Arranca as cortinas, e o luar que entra pelas janelas dá a impressão de que a suíte está debaixo d'água. Chase soca a parede, solta um palavrão por causa da dor e leva a mão ao sovaco. Cambaleia até o banheiro, pega um frasco de Volpexx no armário e gira a tampa como se estivesse quebrando o pescoço de um passarinho.

O banheiro é uma cela de mármore sem janelas. Ele observa seu reflexo escuro no espelho. Parece um fantasma. Já esteve perto da morte antes, mas sempre achou possível evitá-la; era algo que irradiava uma força quase repelente. Agora, tudo parece diferente e a morte é uma boca escura sugando-o para dentro de si.

Uma coisa leva à outra. Causa e efeito. Se a decisão de uma pessoa de encher um avião com C-4 podia abrir uma cratera que havia engolfado um país inteiro, quem sabe Chase também pudesse fazer uma escolha igualmente impactante. A escolha de se curar. Imagina algo começando ali, naquele instante, e depois se espalhando e afetando todo mundo.

Com a respiração pesada, ele se posta de pé junto à privada, esvazia o frasco e dá a descarga sabendo que, se ficar ali mais um segundo, talvez acabe enfiando a cabeça no vaso para levar à boca os comprimidos que já estão se dissolvendo.

Ouve alguém bater na porta. Sempre há alguém batendo na porta. É esse o problema daquele lugar: ele nunca consegue ficar sozinho. Mesmo ali no primeiro andar, em sua suíte, há sempre alguém de guarda no corredor, à espreita, querendo saber se o presidente precisa de alguma coisa, como se Chase fosse um doente ou uma criança com ar perdido. Ele prefere a residência de campo em Camp David.

Uma batida na porta nunca é boa coisa. Sempre significa mais notícias ruins sobre a estagnação da economia, a subida vertiginosa dos preços da gasolina e dos alimentos, a ineficácia do aumento e do subsequente corte da taxa de juros, o duplo rebaixamento pela Standard & Poor's, a inflação, o desemprego, os desabrigados. As pessoas vêm lhe dizer que todo mundo está furioso e sua taxa de aprovação é de trinta por cento. Aquilo é tudo culpa sua, atacam. Violência gera violência. Se ele tivesse se dedicado mais a promover a integração, a Resistência não teria nada a que

resistir. E agora é tarde demais. Agora, uma parte do país e da população foi limada. Seus esforços para recuperar a Terra Fantasma são inúteis, um desperdício de dinheiro e recursos. Dias antes, o *The New York Times* publicou uma coluna que qualificava as atividades de limpeza e antiterrorismo no noroeste do Pacífico como “uma batalha perdida. Como varrer folhas em um dia de muito vento”.

Tornam a bater na porta. Na verdade, é mais um baque. Como se alguém tivesse largado o braço contra a porta para exigir entrar. Em vez de ir atender, Chase fica em pé olhando pela janela. Um guarda com um pastor-alemão na coleira patrulha o gramado. Uma cerejeira exibe botões embranquecidos pelo luar. Por causa das luzes da cidade a sua volta, ele não vê nenhuma estrela, mas consegue distinguir uma luz vermelha que deve ser Marte.

Talvez a batida na porta não seja uma notícia tão ruim assim, afinal. Quem sabe é uma das putas que voltou porque esqueceu um brinco. Ou um agente que ouviu Chase destruindo o quarto e quer confirmar que o presidente está bem e perguntar se ele deseja um sanduíche ou o auxílio de uma camareira.

A porta se abre e Búfalo se imobiliza por um instante no limiar da suíte. A luz do corredor, que projeta sua sombra por toda a extensão do quarto escuro, o faz parecer momentaneamente alto como um gigante.

– Chase? – chama, tateando em busca do interruptor.

– Deixa apagada.

Búfalo abaixa a mão e a porta se fecha atrás de si. Ele aperta os olhos, sem conseguir enxergar direito.

– Tem alguma coisa errada?

– Nada – responde Chase. – Tudo.

Búfalo tropeça no montinho indistinto do edredom.

– Não estou vendo porra nenhuma, sabia?

Ele acende uma luminária de pedestal e balança a cabeça ao ver as pastas caídas no chão. Abaixa-se, depois desiste de catá-las, recolhe a outra luminária caída, a recoloca sobre a mesa e tenta endireitar a cúpula quebrada antes de acendê-la. Seus olhos irradiam uma luz dourada.

– Talvez tenhamos novidades sobre Balor.

– Pode falar.

– A Mansão Pittock. Em Portland. Não temos certeza absoluta, mas os satélites detectaram bastante atividade lá. – Ele explica a necessidade de agir e repete pela milésima vez que, depois da contenção dos territórios e do dismantelamento de toda a infraestrutura, *aquela* é a hora de fazer pressão máxima sobre os licanos. – Eles estão botando os bofes para fora. Se continuarmos a pressionar, podemos vencer.

Não é a primeira vez que eles conversam sobre isso. A necessidade de priorizar Balor, de cortar a cabeça da cobra. Segundo Búfalo, a Resistência iria se

convulsionar por um tempo, mas depois se imobilizar.

Agora que Jeremy Saber saiu de cena, informa ele, aparentemente o número dois do movimento é Jonathan Puck. Inglês. Duas deportações. Condenado 27 vezes, por roubo, agressão física, estupro, posse de entorpecentes, intimidação criminosa, porte de arma ilegal.

– E escuta só: ele tem 1,57 metro. Um pequeno grande homem. Não há a menor chance de alguém com essa estatura ou esse temperamento conseguir liderar ou instigar tantas engrenagens.

Búfalo é capaz de passar a noite inteira falando. Chase o interrompe:

– Manda o nosso cara.

– Eu ia sugerir um ataque com míssil.

– Esquece as Forças Armadas. Eles já pisaram na bola duas vezes: explodiram aquela escola atulhada de mexicanos, bombardearam aquela represa e inundaram a porra de uma cidade inteira cheia de gente.

– Eles não são gente. Não dá para pensar nos rebeldes desse jeito.

– A porra do helicóptero da imprensa lá em cima e todos aqueles cadáveres flutuando feito pedaços de madeira. Discreta e limpa. É assim que vai ser nossa ação.

– Ah, é?

– Manda o cara. Fim de papo. Quero uma cabeça cortada para desfilar pela Pennsylvania Avenue. – Com um olhar penetrante, Chase silencia qualquer argumentação.

Cada um dá um passo para trás, se afastando e fazendo as tábuas do piso ranger. Búfalo o observa com um ar preocupado, tira uma caneta do bolso e morde a ponta como se fosse a piteira de um cachimbo.

– Está tudo bem?

Chase se lembra do rugido da descarga, do redemoinho cheio de comprimidos desaparecendo no vaso. Pensa em contar para Búfalo que quer ficar limpo, só por um tempo. Desintoxicar o organismo. Ver se o velho Chase surge do meio da névoa. Mas não pode. É isso que Búfalo vai lhe dizer: que não pode fazer isso. E ele está cansado de receber advertências.

– Caralho, está tudo uma maravilha. Não dá para notar?

Chase não consegue encará-lo. Fica examinando o piso, onde as luminárias espalhadas pelo quarto embaralham suas sombras.

– Você deveria estar feliz. Fique feliz. Foi por isto aqui que a gente batalhou. Durante tantos anos. – Quase não se ouve a voz de Búfalo.

– Por isto aqui? – retruca Chase. – Foi por isto aqui que a gente batalhou? – Ele move o braço em direção à bagunça do quarto, às ruínas à sua volta. – Pode ficar para você.

CAPÍTULO 59

Nessa manhã, antes de o sol irromper no céu, Patrick se levanta de fininho de seu beliche e põe a mochila nas costas. Lá dentro, há um poncho, um cantil, algumas refeições prontas e barrinhas de chocolate, um GPS, um telefone por satélite, fósforos à prova d'água, tabletes de iodo. Ele segue depressa para o estacionamento. Na véspera, em frente ao refeitório, Malerie confirmou sua missão e a placa do seu veículo. Ela e outra enfermeira estariam em uma van de material médico junto a diversos Humvees e veículos táticos, formando um comboio de limpeza com destino à Terra Fantasma. Segundo ela, essas vans têm um espaço sob o banco de trás para aumentar a capacidade de carga, grande o suficiente para Patrick se espremer dentro.

Ele lhe agradeceu, Malerie disse que era melhor ele não fazer merda e Patrick a tranquilizou.

Os dois ficaram calados por um tempo.

– Bom, acho que é isso – disse ele. Era o mais perto de uma despedida a que conseguia chegar. Soprou-lhe um beijo.

– Errou – gritou ela, como se Patrick estivesse bem longe, e, sem sorrir, cruzou os braços e foi embora.

Ele passa a hora seguinte imprensado debaixo do banco, com uma trave pressionando a testa, até o sol nascer. É então que a sirene toca e todo mundo sai da cama, as vozes enchem o ar e as portas abrem e fecham. Alguém se senta acima dele e os veículos ganham vida por todo o estacionamento. O espaço é tão apertado que Patrick não consegue encher os pulmões até o fim e já sente câibras no pescoço por ter passado tempo demais com a cabeça virada para a direita.

A van faz uma série de curvas, para no posto de controle e em seguida ganha velocidade ao seguir em direção à Terra Fantasma. Patrick não consegue ver o lado de fora, mas conhece a estrada e pode imaginá-la com nitidez enquanto eles cruzam as planícies cobertas de artemísia, o asfalto margeado por terra vermelha, os arbustos de flores amarelas brotando dos trechos arenosos. Nuvens esgarçadas passeiam no céu. Abutres pegam correntes de ar quente. Juníperos estendem seus galhos retorcidos na tormenta. Cones de cinzas pretas e vermelhas pontuam o deserto. Os cânions margeados por colunas de basalto parecem antigas igrejas.

Patrick vai contando os segundos e imagina uma bomba-relógio dentro de si. Queria que eles se apressassem. Já sente que chegou tarde demais.

O comboio para em Prineville, onde recebeu ordens para vasculhar o lado leste da cidade em busca de cadáveres, matar insurgentes, prender clandestinos e incendiar todos os supermercados e mercearias. “Vai, vai, vai”, articula ele sem som, e espera um tempo interminável até as vans pararem, os motores serem desligados, as

enfermeiras saltarem e Malerie dar duas batidinhas na porta avisando que a barra está limpa. Então, levanta o banco feito a tampa de um caixão e estala o pescoço.

Patrick atira um tijolo na vitrine de uma concessionária da Harley e fica ali parado, cercado pelos cacos de vidro, como as milhares de possibilidades tortuosas que o aguardam na Terra Fantasma.

A Night Train é uma moto grande, com 63 cavalos de força. Ele quer se apressar, mas não pode evitar parar alguns instantes e correr as mãos por suas curvas, marcá-la com suas digitais e embaçar o metal com o hálito. Pega as chaves em um gancho no escritório trancado. Há um gerador no canto. Ele o liga. A loja tem sua própria bomba de gasolina e ele enche o tanque e mais os quatro cantos que guarda nos alforjes.

Patrick deixou sua roupa de proteção lá na base. Apesar de defendê-lo dos raios gama e das partículas de radiação, o macacão de corpo inteiro, as luvas e botas – todos feitos com um nanocompósito chamado Demron – atrapalham seus movimentos e o fazem suar. Ele vai ficar apenas dois dias ali, ingerindo tabletes de iodo regularmente e mantendo distância da metade norte do estado. Com sorte, o efeito geral não será mais severo do que se tivesse passado algumas horas em frente a um micro-ondas.

Patrick empurra a Night Train até o estacionamento, abre a válvula do combustível, puxa o afogador, pressiona a ignição, coloca o botão corta-corrente na posição desligado e solta a embreagem. O ronco do motor é forte o suficiente para atrair a atenção de toda a cidade. Os faxineiros saberão que há alguém ali. Ele só tem alguns minutos antes de alguém começar a caçá-lo.

Avança pela rua em primeira, quase deixa a moto morrer e, então, acelera. Quando chega à Rodovia 126, vai aumentando a velocidade para 110, 130, 150 quilômetros por hora. O mundo se dissipa em um borrão de cores e, por um segundo, ele esquece quem é e onde está.

Fora da cidade, vê mato brotando pelas frestas no asfalto e cervos morando em um campo de golfe abandonado. A natureza prospera. Patrick já viu de tudo. À noite, as cataratas de Multnomah adquirem um brilho avermelhado, como se a terra sangrasse. Guaxinins carecas derrubam latas de lixo e invadem armários. Pumas vagueiam com presas que parecem sabres. Pássaros parecidos com pterodátilos se destacam contra as crateras da lua. Um urso albino do tamanho de um caminhão de lixo afia as garras em um poste.

E há também os cachorros. Agora só andam em matilhas. Vivem nas florestas e casas abandonadas, aninhados nos sofás e camas que durante tanto tempo foram proibidos de sujar. Eles vêm atrás de Patrick, nos arredores de Prineville, no fundo

de um cânion, onde o barulho da moto os faz sair da mata de juníperos. Suas orelhas estão em riste e as cabeças, inclinadas. Começam a persegui-lo, uivando feito demônios, e o cercam. Estalam os dentes e ele os chuta e quase perde o controle da moto. Os cães não param de surgir da floresta – são quase quarenta. Patrick se esquiva e vai subindo a rodovia de curvas fechadas que escala o cânion até chegar ao platô com vista para a bacia seca de Crook County. Para a moto e desce. Centenas de metros abaixo, cinzentos, pretos e marrons, os cachorros sobem correndo a rodovia, seguindo seu cheiro.

A última vez que viu a mãe foi no Natal. Foi antes de ser mandado para a República, e ele passou boa parte do feriado mastigando. Comeu de brioches de canela a bolo de carne e caçarola de aspargos, tudo que estivesse ao alcance da mão. Sabia que passaria um bom tempo sem provar aquilo tudo fora de um refeitório.

“Volta para mim”, não parava de dizer sua mãe. Um dia antes de Patrick embarcar em um avião para Los Alamitos, na Califórnia, ela apertou sua mão furiosamente, como se quisesse distanciar seu afeto, depois não conseguiu mais aguentar e o puxou para um abraço. Quando se separaram, sorriu e tocou o rosto dele.

– Você não está com medo? – perguntou.

– É claro que estou.

Estava. Agora, não mais. O medo parece ter sido extirpado de seu corpo. Ele também não consegue se lembrar de nenhum momento de tristeza ou empolgação desde que voltou da República. Na verdade, depois do retorno, não sentiu praticamente nada: seu entorpecimento parece uma armadura.

É por isso que fica tão surpreso com o nó no estômago ao chegar de moto à casa da mãe, jogando cascalho para todo lado. Está com medo: não há outra palavra possível. Passa um tempão em pé diante da porta, sem saber o que fazer, examinando a madeira em busca de pistas. Por fim, entra com cautela, por respeito à imobilidade sepulcral da casa e para não levantar a poeira.

Percorre cada cômodo, certo de que irá encontrar a mãe em um deles, porém nada acha. Não consegue sentir alívio, só a confirmação de seu sofrimento prolongado, como um paciente cuja enfermeira não consegue descobrir a veia e não para de espetar uma agulha no braço. Sobe na moto e percorre Old Mountain, passa pelo aterro de lixo e pelo bairro arborizado, onde enfim a encontra.

Os dois foram enforcados, o médico e a mãe, e só é possível reconhecê-la pelas roupas, pois o resto de sua pele está preta ou foi bicada até o osso pelos pássaros. A corda em volta de seu pescoço sobe mais de 2 metros até o galho grosso de um junípero. Ela oscila ao vento ao lado da cabeça do médico. O corpo dele já apodreceu faz tempo, separou-se do pescoço e caiu no chão; agora é uma pilha angulosa de ossos envolta em tecido cáqui surrado. O cheiro de putrefação ainda

paira no ar.

Na porta da garagem, em maiúsculas pretas, alguém pichou *Licanos, vão para o inferno*. E, mais abaixo, em letras menores: *Sinceramente, os Americanos*.

Patrick tenta soluçar, mas não consegue, e o que lhe escapa é mais uma tosse. Seu rosto se contrai e ele começa a chorar. Toca o canto dos olhos como se quisesse obrigar as lágrimas a voltarem para dentro. Odeia se sentir assim tão fraco e indefeso. Odeia tanto que arremete contra o junípero e o chuta até um galho solto cair e acertá-lo no ombro com força suficiente para deixar um hematoma.

CAPÍTULO 60

Os licanos não estão sozinhos. Outros também vivem na Terra Fantasma – em sua maioria mexicanos. Como Claire, muitos estão ali porque sentem que não têm para onde ir. No perímetro, quando os militares descobrissem que eles não possuem documentos, seriam presos e deportados. Sempre poderiam voltar aos Estados Unidos clandestinamente por um túnel sob o deserto. Mas por quê? A ameaça invisível da radiação, as feridas infectadas em sua pele não são nada em comparação com a superpopulação, o desemprego e a economia anêmica que grassam em todos os outros lugares.

Eles não têm acesso ao iodo. Seus cabelos caem. Estão cobertos de queimaduras por radiação. Mas também dirigem Mercedes, BMWs e Land Rovers. Fazem compras em lojas de grife que estão abandonadas. Alguns moram em loteamentos fechados, em casas de cinco quartos decoradas com móveis luxuosos, mas a maioria ficou nas fazendas em que antes trabalhavam, onde conhecem a terra na qual podem cultivar suas maçãs, avelãs, alfaces, uvas, framboesas, cenouras, berinjelas, batatas-doces. Uma vida sustentável.

Uma semana antes, Claire e Matthew haviam encontrado cinquenta pessoas arando e semeando. Pelo modo como estavam vestidas, parecia uma festa. Nos limites do campo, um velho de smoking oscilava em uma cadeira de balanço, a barba cor de palha de milho. Quando os dois saíram da rodovia e desceram de bicicleta uma comprida estrada de terra, o homem se levantou com dificuldade da cadeira, ergueu o que parecia ser uma bengala e atirou. Um clarão amarelo surgiu na ponta do cano da espingarda, seguido pelo rugido e pela chuva de chumbo grosso que, disparada a 50 metros de distância, só fez pinicar sua pele. Eles deram meia-volta e partiram.

É de lá que a menina vem – de uma fazenda na periferia de Salém. Seu nome é Roxana.

– Roxana Primavera Rivera – apresenta-se ela com uma voz cuidadosa e cheia de orgulho que talvez tenha usado outrora em sala de aula.

Tem quase 10 anos e estava no terceiro ano antes de o céu se incendiar e todo mundo ir embora dali. Odeia matemática, mas adora ler. É só isso que tem para fazer agora, além de trabalhar. Tem a biblioteca inteira só para si e seus livros preferidos são os sexy de vampiro. Seus pais morreram baleados por soldados quando tentavam obter mantimentos. Quem toma conta dela agora é o tio. Um homem bem assustador, segundo ela. Todo mundo tem medo dele.

– Mas comigo ele é legal – completa ela.

A menina fala com sofreguidão enquanto as duas pedalam pelas estradinhas secundárias, Claire em sua Trek de dezoito marchas, Roxana em uma Huffy

enfeitada com fitinhas cor-de-rosa que farfalham ao vento. Acharam a bicicleta da garota em um supermercado, junto com um canivete, uma caixa de balas e chocolate. Depois de pedalar cerca de 15 quilômetros, Roxana pergunta por que não podem ir de carro e Claire responde o mesmo que Matthew um dia disse:

– Porque gasolina é difícil de achar. E de carro a gente não ouve o que está chegando.

Sua voz é repreensiva, impaciente. Preferiria não ter encontrado a menina. Roxana é só uma coisa a mais para gerenciar, com que se preocupar. Se ela houvesse morrido no cemitério, ficaria por isso mesmo. Teria sido apenas mais um cadáver. Simples assim. Mas agora, se algo acontecer, a morte dela repousará sobre as costas de Claire. Portanto, ela precisa devolver a menina sã e salva à família, mesmo que esteja com a mente ocupada por outras coisas. Na grama espetada do chão, nas nuvens que se adensam, em um nó de madeira, Claire vê a imagem de Balor e imagina como conseguirá chegar perto o suficiente para baleá-lo ou degolá-lo.

Sabe que ele está ali – no Oregon, em Portland – alimentando e abastecendo seus leais seguidores, tentando montar um exército, declarando aquela região seu território soberano. Já viu os grafites com a frase DEUS ABENÇOE A RESISTÊNCIA no prédio do capitólio, já viu cartazes chamando aquele lugar de Licânia. Sabe que é por isso que aviões teleguiados e helicópteros zumbem no céu e mísseis às vezes destroem a terra. Ele está sendo caçado.

Naquele inverno, Claire e Matthew conheceram um homem de barba desgrenhada e casaco imundo, que emergiu da noite para acampar com eles. Ergueu as mãos e alegou que só queria companhia.

– Eu sou do bem. Sou um dos mocinhos.

E era mesmo. Havia muitas pessoas na Terra Fantasma que, Claire sabia, iriam cortar seu pescoço, arrancar suas roupas; por isso, ela e Matthew andavam sempre de arma na cintura. Porém, os criminosos eram compensados por homens como aquele: idealistas políticos e andarilhos pacíficos, mais interessados em se manter discretos e cuidar da própria vida do que se envolver em uma guerra contra a humanidade.

Apresentou-se como Robbie e dividiu com eles um pouco de uísque, que os três beberam em canecas de metal. Depois de passarem um bom tempo encarando o fogo e jogando conversa fora sobre seus passados, o nome de Balor veio à baila. Robbie falou que o tinha visto. Houvera uma reunião no centro de convenções de Salém e Balor lhes dera comida antes de subir ao palco e discorrer sobre seu país com a voz exaltada como a de um pastor evangélico. Fora isso que ele dissera: seu país. E seu país iria crescer.

Mais alguns quilômetros e a bicicleta de Roxana começou a bambear.

– Minha perna está doendo.

O sol está se pondo e se esconde atrás de algumas nuvens. Parte de Claire quer mandar a menina calar a boca e seguir pedalando. Sente que precisa se afastar o máximo possível do montinho de terra fresca no cemitério, da cidade que engoliu Matthew. Mas outra parte de si sabe que precisa parar, e logo, e encontrar um lugar para se abrigar durante a noite. Sozinha, poderia pedalar até ficar com câibras ou um pneu furar, pouco ligando para onde fosse parar, querendo apenas avançar, purgar a tristeza. Porém, agora ela tem outra pessoa com quem se preocupar além de si mesma.

Pouco depois, Roxana diz:

– Minha perna e minha bunda estão doendo.

Elas encontram uma casa de fazenda uns 400 metros fora da estrada, largam as bicicletas atrás dela e percorrem os cômodos em busca de pessoas, mortas ou vivas. Por fim, sentam-se no balanço da varanda e ficam vendo o céu escurecer.

Claire pega um chocolate na mochila e pergunta se Roxana quer uma mordida. A menina estende a mão.

– Por favor.

Claire parte um pedaço do doce e joga para ela. Roxana mastiga de boca aberta e estala os lábios. Sorri, mostrando os dentes levemente saltados, e Claire tenta tornar o próprio sorriso tão genuíno quanto o seu, mas não consegue.

De uma garrafa plástica, Claire toma uma água amarga por causa do iodo. A menina joga a cabeça para trás e começa a beber com vontade, e então Claire repara na mancha vermelha e irritada em volta de seu pescoço, como a marca de uma coleira.

– O que houve?

Roxana fecha a garrafa, toca o próprio pescoço e não diz nada. Da mesma forma que ficou em silêncio quando Claire perguntou logo no início como fora separada de sua família: apenas balançou a cabeça e se escondeu atrás dos cabelos.

Uma grossa camada de poeira recobre toda a casa e as faz espirrar. Claire acende a lanterna. A decoração da cozinha, toda temática – papel de parede de maçã, pano de prato de maçã, descanso de panela de maçã – a faz imaginar uma mulher com um capacete de cabelos prateados limpando farinha das mãos e cantarolando hinos religiosos. Na pia, ainda há pratos com borda de florzinha sujos de restos bolorentos. Elas seguem um corredor curto que vai dar na sala de estar, onde o fecho de luz revela a tela de um antigo televisor e desliza por uma mesa de centro de carvalho, uma espreguiçadeira antiquada, um sofá com uma manta de crochê vermelha e amarela.

– Você dorme ali – ordena Claire.

– Por quê? Por que não em uma cama?

– Os quartos são todos lá em cima.

– E daí?

– Só se deve dormir no térreo. É melhor para fugir. Só por garantia.

O chão não é muito confortável, mas não é isso que impede Claire de dormir. Matthew não sai de sua cabeça. Pensa no tom cinza de sua pele no momento em que ela despejou por cima dele aquela primeira pá de terra. Pensa nos vermes escavando a terra em sua direção, como uma profusão de línguas ávidas. Pensa em seu corpo nos degraus da frente da casa, com olhos arregalados e expressão de surpresa. Tenta imaginar qual foi a sensação da onda quente de metal quando as balas perfuraram sua pele, do sangue brotando lá dentro no instante em que a carne cedeu, os ossos se estilhaçaram e a parte de trás de sua cabeça se abriu e projetou o que parecia um punhado de melão podre. Será que ele teve tempo de sentir dor? Será que sentiu o vento assobiar por aquelas cavidades recém-abertas antes de perder os sentidos?

Sempre que começa a sonhar, Matthew surge da escuridão e ela acorda com um arquejo de asmática, cerrando os punhos com tanta força que as unhas talham pequenas meias-luas de sangue nas palmas. Reconhece em Roxana um tormento parecido. A menina grita durante o sono, às vezes baixinho, às vezes a plenos pulmões.

Claire passa algum tempo deitada escutando. Então, manda: “Cala a boca.” Sua voz é quase inaudível, um protesto mudo. Ela se ergue, cambaleia até o banheiro e faz xixi na privada vazia. Verifica as trancas das portas e espia pelas janelas. Posta-se ao lado de Roxana, aperta o ombro da menina e sussurra: “Tudo bem aí?” Mas a menina não responde e continua a gemer. Claire recomeça a andar pela casa.

Depois de mais uma hora desse suplício, quer tanto fazer calar e reconfortar a garota que a pega do sofá e a abraça bem apertado contra o peito, ninando-a e dizendo *shhh*. Não sabe se Roxana acorda ou não, mas os lamentos se abrandam até virar uma espécie de ronronar, os músculos relaxam. Depois de uns quinze minutos, Claire torna a deitá-la no sofá, cobre-a com a manta e adormece ajoelhada a seu lado.

No dia seguinte, no meio da tarde, elas encontram a fazenda sem muita dificuldade. Roxana sabe que fica próxima a um rio, colada a uma floresta que ela chama de Eiquini. Claire consulta o mapa até encontrar a reserva de Ankeny e as duas percorrem as estradas ao redor dela até a menina gritar: “*Ali!*”

Um acesso de cascalho atravessa um muro de carvalhos. Além dele, há campos recém-revirados com um arado, de terra preta e porosa. O caminho é margeado por objetos que inicialmente parecem colunas decorativas de cercas, de 3 em 3 metros, sem arame farpado no meio. Mais de perto, pode-se ver que são estacas com cabeças cortadas espetadas, todas de boca aberta. Às vezes, a ponta afiada da

madeira sai pelas órbitas ou fura o topo do crânio e desponta como um chifre. Moscas zumbem e pousam na carne podre.

Claire freia.

– Que diabo é isso?

– É para afastar gente má – responde Roxana. – Gente lobo.

– Foi isso que seu tio falou?

– *Sí*.

Ela não pediu aquilo. Não quis ajudar a menina. E agora olhem onde tinha ido se meter. Tudo em seu corpo lhe diz para sair correndo dali, mas seus pés e sua mente giram na mesma intensidade quando a bicicleta a faz subir uma encosta gramada. No alto, a casa encarapitada parece uma caveira: dois andares, venezianas pretas, acabamento branco com a tinta descascando. Há um celeiro vermelho desbotado, um casebre de tijolos de concreto caiados, um barracão aberto para equipamentos, uma pilha de lenha, três latões de cereal. Claire vê pessoas trabalhando a terra, pouco mais de vinte espalhadas por 4 hectares, e dois caminhões estão parados em frente à casa. Roxana larga a bicicleta ao seu lado e sai correndo na direção de uma horta onde estão agachados dois homens e uma mulher.

Ela os chama e os três se levantam e protegem os olhos com as mãos. Soltam um grito de alegria e a abraçam um por um. Roxana aponta para Claire. Eles a estudam, erguem as mãos para acenos hesitantes e reúnem-se para confabular. Enfim, decidem se aproximar dela devagar, aquiescendo exageradamente e com sorrisos largos demais, como se tentassem convencer a si mesmos de que ela não constitui uma ameaça.

Estão armados, e Claire também. O metal reflete a luz da manhã ensolarada, alertando para a possibilidade de violência, mas eles só querem conversar e agradecem a ela por lhes ter devolvido sua menina.

– Como é possível? – indaga a mulher, ombros e quadris largos, dentes da frente separados. – *Tú eres un fantasma*.

Passam mais um tempo em um silêncio constrangido antes de perguntar a Claire, com seu inglês capenga, que notícias ela tem lá de fora, se é que alguma.

– *No sé nada* – responde.

É verdade. Não sabe nada. Não há internet, televisão ou rádio, os jornais mofam nas varandas e nas bancas, todos com a mesma data de 6 de novembro. O que às vezes torna difícil acreditar que o mundo continue girando, que a mais de 1.500 quilômetros dali alguém talvez esteja tomando um *latte* em uma cafeteria e postando algo no Facebook pelo smartphone.

Ao perceberem que ela entende espanhol, começam todos a falar ao mesmo tempo, gesticulando.

– *Lento, por favor. Lento* – pede.

Estão falando muito depressa e o que dizem é complicado demais para Claire compreender. Porém, quando diminuem o ritmo, ela consegue entender as perguntas entrecortadas sobre onde encontrar comida e combustível, se os militares irão caçá-los ou não.

Aquelas pessoas não parecem capazes de maldade. Parecem apenas arruinadas. Uma delas é um velho de rosto encarquilhado, cuja mão repousa sobre o revólver como se a arma o reconfortasse. A outra é um adolescente, Jorge, com largas costeletas e lesões no rosto provocadas pela radiação. Tem o braço em uma tala e uma gaze encharcada de sangue presa em volta do bíceps com fita adesiva. Claire pergunta o que houve e um silêncio recai. Jorge leva uma das mãos ao curativo e diz:

– Tentei salvar Roxana. Quando os lobos levaram ela.

Roxana baixa os olhos. A mulher dos dentes separados estala a língua e afaga a menina. Agora Claire entende. Os hematomas no pescoço. Os gemidos e pesadelos.

– Você não é lobo, é? – pergunta a mulher. – *No es posible*.

Antes de Claire conseguir responder, um rugido soa no céu e todos erguem os olhos para um azul cheio de nuvens finas. Veem um caça. O som que ele emite parece triste. Pouco depois, a aeronave desaparece atrás das montanhas costeiras e o rastro que deixa começa a se dissipar.

Como tudo deve parecer seguro e lindo lá de cima, pensa Claire, ainda que não seja.

– Você não é lobo – repete a mulher. – Não é lobo, é?

Depois da casa, atrás do celeiro, ao lado de um latão de cereal e sobre um trecho de pasto, há uma capela de ossos. As paredes são feitas de crânios empilhados e aglutinados com cimento, algumas das mandíbulas abertas. Fêmures foram usados para fabricar bancos, cobertos com uma grossa camada de verniz amarelo. Caninos, molares e falanges ornaram colunas e vigas do telhado. Nos cantos, candelabros feitos com tíbias e fíbulas. Há um púlpito só de vértebras, encaixadas como em um mórbido quebra-cabeça. Sobre ele, um cesto feito com uma caixa torácica.

Mandaram Claire esperar ali. Não pediram. Mandaram.

Ela tentou dizer que precisava ir embora, tentou andar na direção da bicicleta e sair pedalando antes que a pudessem deter. Mas o sorriso desapareceu de seus rostos, eles seguraram os revólveres e negaram. Ela não podia ir embora. Tinha que falar com Tio.

Pegaram sua mochila e todas as suas armas, menos a faca escondida dentro da bota. Claire deveria ter deixado a menina em cima daquela cripta em vez de fazer uma boa ação e acreditar que algum código moral se aplicaria a um mundo virado de pernas para o ar. Agora está esperando dentro de uma gaiola de ossos e tenta não se

imaginar esquartejada, polida e transformada em cadeira.

Ouve Tio muito antes de vê-lo.

No início, acha que é o barulho de outro caça, um rasgo seco. Então, o ruído se aproxima e ela percebe que são pedras estalando, terra sendo raspada – um forçado arrastado na terra. Tio surge no vão da porta e esconde o retângulo de sol. Tem a cabeça raspada e uma testa marcada por rugas. Dois olhos negros a fitam. Ele entra e o forçado emite um som que faz Claire se reter.

Ela está em pé no meio do corredor. Ele dá a volta na capela, circundando os bancos ao redor de Claire. Usa botas e jeans, mas está sem camisa e suado, com pedaços de feno grudados na pele. É parrudo, mas pouco musculoso. Não tem pelo nenhum, exceto uma listra que sobe pela barriga. A tatuagem de uma cruz cheia de farpas lhe cobre as costas. A pele do ombro está saltada e mais clara: uma cicatriz no formato de uma boca. Em sua barriga, há marcas de garras. Por causa do forçado arranhando o chão, mal consegue ouvir a voz de Tio:

– Sou grato a você.

– Que jeito engraçado de mostrar isso.

– Você não morreu. Ainda. – Os arranhões prosseguem até ele chegar ao púlpito, se deter e se recostar no forçado. – Também deveria estar grata por isso.

– Por que vocês me matariam?

– Porque você é um deles.

Ela meneia a cabeça para a cicatriz em seu ombro.

– Você também.

Ele passa o dedo pela marca como se desejasse arrancá-la.

– Não tem tanto tempo, e não por escolha própria. Eu estou apenas doente.

– Muitos de nós não acreditam no que Balor acredita. Até mesmo aqui, na Terra Fantasma. Nem todo mundo deixa o cachorro se soltar da coleira.

– Nesse caso, por que não ir embora?

– Pela mesma razão que você. Estou presa neste curral.

Tio avança na direção de Claire sem pressa. Há espaço suficiente no corredor para ele rodeá-la e os dentes do instrumento traçam em volta dela o desenho de uma forca. Ela pode farejá-lo, sentir o cheiro almiscarado de seu suor. Imagina-o cravando nela o forçado. Já desejou a morte, mas sempre imaginou que ela fosse ser rápida, o pescoço partido por uma corda, o corpo pulverizado por um míssil. Não vai morrer ali, não daquele jeito.

– Eu vou matar Balor – afirma ela, quase berrando. Dizer em voz alta pela primeira faz aquilo parecer real, e não uma fantasia delirante.

Tio agora está atrás dela. Quando ele se inclina mais para perto, Claire pode sentir no pescoço seu hálito.

– Você sabe onde ele está?

- Não exatamente.
- Eu sei onde ele está.
- Então vai me ajudar.

Tio torna a rodeá-la, percorrendo seu corpo com os olhos, e se aproxima de supetão. Sua barriga bate no braço dela. Ele segura uma mecha de cabelos entre dois dedos e a cheira. Sussurra em seu ouvido:

- Quem é você para me dizer o que fazer?
- Sou aquela que salvou sua sobrinha, babaca.

Claire ouve o estalido úmido da boca dele se abrindo e o clique dos dentes mordendo seus cabelos. Tio suga os fios por um instante, sentindo o gosto dela. Recua, ergue o forcado e o espeta no chão de terra batida. A ferramenta estremece entre os dois.

– Sabe no que eu reparei outro dia? – pergunta ele. – Que eu não presto mais atenção nas coisas em que costumava prestar. Quando andava por uma rua, sabe o que eu via? Casas ou carros. Pensava: *cara*, olha só aquela casa. Com uma varanda que dá a volta na fachada inteira, vitrais e todos aqueles beirais e tal. Adoraria morar lá. Pensava: olha só que carro bacana, olha só os frisos, o estrondo que fazem os seis cilindros. Eu quero um desses. – Ele enfia um dedo no umbigo. – Sabe o que eu procuro agora? Movimento. Meus olhos vivem à caça de movimento. De vida animal. Nenhuma dessas coisas que eu valorizava tem mais importância. O importante é a fome. O apetite. Foi assim que eu me transformei naquilo que valorizo. Não me chame de humano. Me chame de animal. Eu não vivo mais em um mundo em que as pessoas ficam sentadas em volta da TV como se ela fosse uma lareira fria produzindo imagens do que eu supostamente preciso. Eu preciso é de comida, de garras para rasgá-la e dentes para mastigá-la.

Claire está convencida de que aquela é sua única chance, de que ela só tem alguns segundos antes de ele se cansar de falar.

- Eu vou matar Balor. Vai me ajudar ou não?
- É isso que você pensa quando é um animal: eu sou predador ou presa? Vou entrar em uma boca ou escancarar os dentes?
- Sua sobrinha...

Tio arranca o forcado do chão, segura-o em frente ao rosto e a encara por entre os dentes prateados.

- Vou escancarar os dentes.

CAPÍTULO 61

Miriam sabe que está em um porão, mas não a localização dele. O quarto tem doze passos por doze. As paredes são de concreto. Quando chove, a água escorre por uma rachadura no canto. O chão nesse canto fica pegajoso de mofo. A luz entra por uma janela rasa feita com tijolos de vidro.

Houve um período curto em que eles apenas a mantiveram trancada ali. Ela mexeu na janela até uma das unhas quebrar e a outra virar para trás. Então, tirou o colchão da cama, levantou a armação e bateu com uma das colunas quatro vezes na janela, fazendo-a soltar lascas e rachar, mas nessa hora dois licanos entraram correndo, imobilizaram-na e lhe deram uma lição. É assim que eles falam: dar uma lição.

Miriam nunca parece aprender. Mordeu o globo ocular de um dos guardas e o deixou cego. Esmagou a traqueia de outro com o cotovelo. Foi então que começaram a algemá-la na cama. Primeiro as mãos. Depois, ela usou as pernas para quebrar o nariz de alguém e também prenderam os tornozelos.

Ela arqueou o corpo e sacudiu a cama, puxando as algemas até cortar os pulsos. Os homens entravam, um após o outro, e lhe davam uma lição. Meses transcorreram assim. Ela é um buraco, dentro do qual cabe uma faca.

Agora, sente que seu corpo está em ruínas. Parou de cuspir e gritar com eles. Tem os olhos secos, mas as escaras vertem água. Eles a alimentam com um canudo ou uma colher e Miriam mijá e caga dentro de uma comadre. Fica deitada imóvel feito um cadáver, a visão desfocada fixa no teto rebaixado. Às vezes, ouve o barulho agudo de um camundongo, o estremecer de um cano ou um passo no andar de cima. Fora isso, não há nada para ocupá-la, a não ser divagar sobre o que existe fora dessa cela, sobre uma forma de escapar, e como sua vida depende de fugir daquele quarto, o futuro bem mais fácil de vislumbrar do que um passado no qual se encolhem as sombras da filha e do marido.

Miriam escuta alguém entrar no quarto, mas não vira a cabeça. Pode sentir seu cheiro: a colônia usada com exagero, como para mascarar um fedor. Ouve o estalo de um chiclete. Puck se inclina acima dela. Ela mantém o olhar desfocado mesmo quando ele se aproxima e a fareja.

Puck pega sua mão e a deixa cair. A mão da qual cortou os dedos. Para que ficassem quites. Faz mais de um mês que ele plugou um ferro de passar na parede. Sacou um podão de jardim e o abriu e fechou repetidamente, produzindo uma cantilena enferrujada. Estava observando o ferro. Ele começou a sibilar e borbulhar com vapor e a luz laranja da alça se apagou para indicar que estava bem quente. Puck pegou a mão dela e cortou dois dedos, bem na articulação, um de cada vez. O

sangue chiou e a carne cozinhou no momento em que ele pressionou o ferro nos cotos para cauterizá-los. A ferida sarou, mas continua vermelho-viva.

Ele torna a pegar sua mão e leva o polegar à boca. Chupa-o um pouco, depois dá uma mordida. Ela não reage, embora sua vontade seja gritar e se afastar dele. Com sangue nos lábios, Puck avisa:

– Isso é só uma provinha do que está por vir.

Miriam é inútil para a Resistência. Não fez nada que os prejudique tanto assim. Sua captura e punição têm a ver com esse único homenzinho, cujo maldito desejo o tornou grande. Puck lhe diz que ela é imunda. Nojenta. Que é tão vil que ele não consegue manter o pau duro. Fala que é por culpa dela e de sua maldita sobrinha que está todo marcado de cicatrizes. Tesouras, balas, facas. Tantos instrumentos de tortura que ele anseia por lhe apresentar.

– Não pense que eu vou matar você – continua, com a voz mais suave. – Seria muita bondade. Você ainda vai durar muito tempo, minha coisinha.

O rosto dele paira acima dela por um bom tempo, examinando-a, esperando alguma resposta.

– Sei que está me escutando – diz ele.

Parte dela não escuta, aquela que não se sente mais viva. Mas existe um pedaço dela que permanece teso e pronto para dar o bote à menor oportunidade.



Chase está se sentindo ótimo. Melhor do que em muitos anos. Passou muito tempo se sentindo fora do próprio corpo, como se assistisse a um programa na televisão do outro lado da sala e só tivesse uma vaga noção de que era ele o ator principal tropeçando nas próprias falas. Agora, está muito *consciente*, hiperconectado à textura colorida da parede, à pedrinha presa na sola de seu sapato, à nuvem rançosa de perfume deixada por uma mulher em um corredor. Sua barriga encolheu e ficou dura. As veias recomeçam a saltar em sua pele. Apesar de Búfalo pedir que se barbeie, dizendo que o público acha que um homem barbado é um homem com algo a esconder, ele deixa crescer a barba. Não consegue ficar sentado sem fazer nada: anda de um lado para o outro, simula uma luta de boxe ou faz flexões no chão.

Dias antes, na Ala Oeste, encontrou-se com a secretária da Agricultura para conversar sobre segurança alimentar. Estava com aquela aura sonhadora causada por duas cervejas tomadas de barriga vazia, e cruzou os pés em cima da mesa. Ela se sentou a sua frente exalando um cheiro de mel e usando um terninho de saia azul-bebê, com um sutiã de renda preto aparecendo por baixo da blusa.

– Até agora, todas as conversas foram sobre petróleo e urânio. Comida e água precisam entrar na pauta. Nós perdemos milhares de hectares de terras agrícolas no Oregon e em Washington.

Chase estava com uma caneta-tinteiro bem grossa na mão, e a girava e rolava entre os dedos. Sabia que ela o achava um idiota. Mesmo sentada, de alguma forma a secretária parecia olhá-lo de cima. Explicava políticas e probabilidades com a voz de uma professora de jardim de infância: disse-lhe que a China tinha vinte por cento da população mundial mas só sete por cento das terras cultiváveis, e que sua população superava sua capacidade de autossuficiência na produção de cereais. Os chineses haviam salvado o Bank of America e o Northwestern Mutual. Agora, estavam aumentando seus esforços na aquisição de terras no exterior. Já tinham comprado milhares de hectares na África e queriam fazer o mesmo nos Estados Unidos.

– Não deixe – recomendou ela. – Imponha restrições.

Além disso, o presidente precisava propor uma lei de conservação que detivesse a expansão dos subúrbios e preservasse as terras agrícolas. Com o preço do combustível fora de controle, alimentos cultivados perto de casa não eram mais um luxo, e sim uma necessidade.

Chase aquiesceu, sorriu e deu um jeito de manter uma conversa sensata, muito embora estivesse a ponto de propor ao Congresso uma revisão da Lei de Investimentos Estrangeiros e Segurança Nacional de 2007, que diminuiria o controle sobre fusões, aquisições e encampações em seu apoio específico à compra de terras por empresas agrícolas estrangeiras. Ele também pensava qual seria o gosto do brinco de pérola da secretária se ele pusesse a orelha dela na boca.

A caneta continuava a girar, do polegar até o mindinho, e vice-versa.

– Obrigado. Muito obrigado – agradeceu ele.

Precisava do dinheiro, não sabia mais o que fazer; 4 mil metros quadrados de terras cultiváveis no Iowa podiam valer até 20 mil dólares. E precisava trepar: não conseguia pensar em outra coisa. Durante um comício de operários e sindicalistas da indústria automobilística em Dearborn, Michigan, fala ao público sobre o pacote de empregos de 447 bilhões, sobre apressar a aprovação de projetos de lei para aquecer a economia, sobre a execução de projetos de infraestrutura, o corte de encargos incidentes na folha de pagamento e na previdência social, a taxaço dos ganhos de capital, a limitação das deduções para os ricos. Em meio ao discurso, só consegue se concentrar na ruiva sentada na primeira fila usando uma camiseta sem manga da Harley-Davidson. Quando ela se destaca do bolinho de fotógrafos e bajuladores, Chase deixa que a mulher chegue mais perto do que permitem os agentes do Serviço Secreto e ponha a mão em seu pescoço, aproxime a boca de seu ouvido.

Búfalo o acompanhou até Michigan. Eles ainda têm mais três paradas nos próximos dois dias, em Flint, Ann Arbor e Kalamazoo. Após o comício, na limusine, o assistente acende uma luz no teto, abre um exemplar do *The Wall Street Journal* e, por trás do papel, pergunta:

– O que aquela mulher falou?

Chase afrouxa a gravata, desabotoa a camisa de manga comprida e as joga para o lado. Está usando por baixo uma velha camiseta branca com manchas de desodorante nas axilas e um furo na barriga. Ao chegar à capital, seu guarda-roupa deixou de lhe pertencer: o closet e a cômoda se encheram de camisas de abotoadura e cuecas dobradas em triângulos perfeitos. Depois de muito tempo, ele usou uma de suas roupas antigas, e o cheiro da camiseta, de suor bolorento, lhe recorda o hálito de algum lugar profundo e escuro. Ele gosta disso.

– Que eu era um bobo. Um cavaleiro audaz. Dom Quixote. Que bastava alguém apelar para a exagerada noção do meu próprio valor e importância para eu fazer tudo o que me mandassem, mesmo que fosse espetar moinhos com lanças e chamá-los de dragões.

As páginas do jornal se amassam até virar um bolo de papel.

– E você ficou ali parado aquele tempo todo? Deixou ela falar isso?

– Bom, para dizer a verdade, era um insulto bem interessante, então achei que valia a pena ficar para ver como terminava.

– E como terminou?

O comício tinha sido na sede da Ford Motor Company, e a limusine agora sai pelo portão e passa pela multidão de manifestantes do lado de fora. Seus gritos podem ser ouvidos através do vidro e acima do silvo do ar-condicionado. As pessoas cerram os punhos. Seus cartazes dizem IMPEACHMENT DE WILLIAMS e A MORTE DA AMÉRICA. Pendurado em um poste, enforcado, há um boneco de terno azul.

Chase sente a velha e conhecida raiva aumentar dentro de si. Quer abrir a porta com um chute, quebrar as placas sobre o joelho, mijar na boca daquela gente. Em vez disso, segura a maçaneta da porta, como se isso fosse necessário para que ela continuasse fechada, e dispara para Búfalo:

– Ela falou que eu poderia fazer o que quisesse, contanto que me livrasse daquele gordo sanguessuga grudado na minha bunda.

Deixam os manifestantes para trás e atravessam as ruas vazias e esburacadas de Dearborn; o céu está cinza como o concreto empilhado à toda volta. Chase se vira para Búfalo e vê que os olhos dele se estreitaram em fendas e sua boca se contraiu.

– Sei.

A raiva de Chase se dissipa. Ver Búfalo assim é demais. Seu velho amigo. Talvez seu único amigo, que apenas quer ajudar.

Na última semana, tem sido difícil manter a calma, controlar a pulsação e a adrenalina. Chase quase destruiu um telefone que tocava. Durante uma reunião de briefing, quase derrubou a cadeira, arrancou as roupas e pulou por uma janela. Por pouco, não imprensou uma das estagiárias contra a parede ao vê-la usando uma saia justa. Ele olha para a placa de parada obrigatória na esquina, para a mancha de

sujeira no próprio sapato, para uma mosca que bate no vidro. E encara Búfalo, que o está estudando.

Desde que jogou o Volpexx fora e deu a descarga, Chase vive com medo de que seu segredo seja revelado, a traição venha à tona, expondo o risco de que ele se descontrole a qualquer instante e chame a atenção do mundo para sua condição.

– Desculpa – diz ele.



No meio do chafariz, há uma plataforma elevada sobre a qual se ergue a estátua de um casal de mãos dadas. Ambos têm uma expressão severa mas determinada, queixos erguidos, bocas contraídas. Seus olhos vazios normalmente estariam jorrando lágrimas para encher a bacia logo abaixo, mas o monumento secou tempos antes. Aquela é a Pioneer Courthouse Square, onde a árvore de Natal outrora ficava acesa, onde dezenas de pessoas perderam a vida e centenas de licanos estão agora reunidos.

Magog despeja sacos de carvão dentro do chafariz até ele ficar abarrotado. Derrama sobre o carvão três frascos de fluido de isqueiro e acende um fósforo. Um círculo de chamas irrompe. As labaredas altas lambem e escurecem as pernas do casal de pedra antes de baixarem até virar um brilho alaranjado entre os carvões cada vez mais brancos. Magog usa uma pá para revirá-los e arruma várias grelhas sobre as quais dispõe carne de cervo, carneiro e vaca, bifés e costeletas, tudo bastante temperado com uma salmoura seca que ele pega de uma tigela de metal. A carne chia. A fumaça perfuma o ar.

A praça está cercada por uma longa fila de mesas dobráveis. Há pilhas de pratos, copos cheios de talheres, tigelas de batata chips, pretzels e chocolate. Refrigerante. Cerveja. Maçãs. Melões-cantalupo. Alguns licanos estão sentados sozinhos em bancos ou nos degraus da praça; outros, reunidos em grupos. A maioria é homem, de camiseta e calça jeans, cabelos e barbas compridos, a pele áspera e dura. Carregam mochilas nos ombros. Talvez por causa do sol a pino, talvez devido à aglomeração de corpos ou ao carvão que arde no chafariz, a praça parece ficar mais quente a cada segundo. As roupas dos licanos ficam encharcadas de suor. Eles bebem muito. Suas conversas se tornam mais exaltadas e permeadas de risos. Faz muito tempo que não se sentem normais, que não se reúnem ao ar livre sem se preocupar com um avião passando no céu ou com uma flecha disparada de um prédio.

Ao redor, se estende o centro de Portland; as ruas são cânions silenciosos e vazios cercados por arranha-céus. Os peitoris das janelas estão ocupados por ninhos de andorinhas e as calçadas, respingadas de cocô de passarinho. As vidraças exibem uma camada de pólen. Quando o vento sopra, a sujeira se ergue em abundância dos parapeitos e toldos.

Alguém derrama uma bebida e começa um bate-boca. Dois homens se encaram, movendo-se em círculos, com os braços esticados e as costas curvas. Estremecem até se transformar. Pulam e arrastam um ao outro para o chão, se socando, mordendo e arranhando. Ninguém faz menção de intervir. Tudo termina em pouco tempo: o vencedor crava os dentes no pescoço do outro e mastiga até o osso, fazendo o corpo agonizante tremer sob o seu. Os risos e conversas recomeçam. O corpo permanece entre eles, espalhando sangue pelo chão de tijolos.

Balor sabe que a Terra Fantasma tem muitas fazendas e comunidades administradas por pessoas de bem, que não querem ter qualquer participação naquilo que ele construiu. E sabe que essas pessoas não estão ali hoje. Ele está cercado por criminosos, por animais. Aqueles homens estão ali para comer e procurar confusão. É por isso que ele não sente o menor remorso pelo que vai acontecer com eles. Em breve.

Quando a carne fica pronta, os licanos já estão bêbados, quase ensandecidos de fome. Balor caminha entre eles apertando mãos, segurando ombros, tocando rostos com a mão espalmada. Não vai comer, perguntam? E ele responde “daqui a pouco, daqui a pouco”, mas primeiro quer ter certeza de que todos estão satisfeitos.

Após algum tempo, Balor se posiciona no centro do anfiteatro e aguarda, com as mãos sobre o coração, até todos se calarem. Agradece a eles. Não apenas por terem comparecido, mas por fazerem tantos sacrifícios, por servirem a uma causa maior do que eles próprios.

Uma formação de gansos desliza por entre os arranha-céus que os rodeiam. Seus reflexos cintilam nas janelas e as sombras correm pela praça. Balor aperta os olhos para ver as aves passarem e sorri, depois diz que aquilo o faz lembrar de uma história. É sobre uma mamãe ganso e seus filhotes. Certo dia, todos nadavam por um lago, quando uma águia-pesqueira pôs-se a voar em círculos acima deles. Em seguida, começou a descer. Nessa hora, a mãe se separou dos gansinhos. Espirrou água para todo lado e grasnou bem alto, torcendo o pescoço e batendo as asas de forma pouco natural, parecendo ferida. A predadora mudou de rumo, foi para cima da mãe e a estraçalhou. A água ficou toda vermelha. Os filhotes sobreviveram por causa do sacrifício.

Balor fala lentamente, deixando cada palavra pairar no ar antes de passar à seguinte. Ao término, o carvão do chafariz já se reduziu a cinzas e quase todos os licanos jazem mortos. Estão com as mãos sobre as próprias barrigas, seguram os talheres ou os ossos ainda com restos da carne que mastigavam segundos antes.

– Obrigado – agradece Balor, tão baixo que ele mesmo mal consegue ouvir. – Por seu sacrifício.

Magog abre a porta do baú da carreta com estardalhaço, revelando o compartimento preto e vazio, e eles começam a recolher os corpos e colocá-los lá

dentro.

CAPÍTULO 62

Patrick segue em disparada pelo meio da rodovia, passando por Bend, Redmond, Sisters. Desvia bruscamente de um cavalo morto, de carros abandonados, galhos caídos, lama e detritos que as chuvas de primavera fizeram deslizar das encostas.

Sobe e atravessa a cordilheira dos Cascades com a moto até a estrada ficar plana no vale de Willamette. Riachos cortam florestas e empoçam em pântanos baixos que dão lugar a arbustos de amora, bosques de bétula, campos aráveis, nos quais brota alfafa e vinhedos cheios de ervas daninhas rodeados de passarinhos que se deliciam com as uvas.

Vê milho crescendo em fileiras retas, homens com arados, uma mulher montada a cavalo, um trator passar pesado soltando fumaça. No perímetro, conversou com licanos que falavam sobre viver da terra e diziam não ter qualquer lealdade a Balor, mas é a primeira vez que vê isso com os próprios olhos.

A princípio, viaja tenso, mas depois aprende a ceder à estrada e a sentir o asfalto, a dobrar o corpo nas curvas, a tratar o guidom como se fosse uma extensão do corpo. A moto é uma bela máquina: metal negro lustroso, estrutura arredondada e robusta, o leve ronco do motor entre suas pernas, o forte cheiro de gasolina a se misturar com as terras úmidas e férteis do oeste do Oregon.

Patrick solta um pouco o acelerador ao entrar em Eugene. Vê o rosto de Chase Williams por toda parte – em outdoors e cartazes, em árvores e postes, nas laterais dos prédios –, desbotado pelo sol, rasgado pelo vento e manchado pela chuva. Pedacos de seu sorriso flutuam pelas sarjetas. Ele percorre as ruas projetando atrás de si lama, folhas e gravetos que agora coalham o asfalto.

Consulta o GPS mais uma vez antes de encontrar o centro da cidade e parar a moto do lado errado da rua, em frente a um hidrante. Às vezes é bom não agir corretamente. Desliga o motor. No estacionamento, vê as trouxas em frangalhos de alguns cadáveres que não consegue dizer se são homens ou mulheres, meros esqueletos de pele cinza.

Depois do portão, estão os destroços de um prédio comercial, que parece ter sido explodido. De onde está, ele enxerga o interior do prédio, cinzento e esburacado. Pássaros entram e saem, papéis, mesas e cadeiras transbordam de nichos e cavernas irregulares.

Ouve um *ping*. A batida de algo metálico. Não vê nada e calcula que seja um pássaro ou o vento, uma pedrinha caída sobre o capô de um carro. Então, ouve outra vez. E de novo. Os ruídos se juntam até formar uma canção que Patrick reconhece. Há um homem sentado ao pé de um carvalho a 15 metros de distância; a impressão que se tem é que ele brota das raízes emaranhadas. Segura no colo um violão velho,

com cordas enferrujadas que rangem. Ele toca por mais um minuto algum country, talvez Johnny Cash. Para de dedilhar, as notas ainda flutuando no ar, e põe-se de pé.

– Você não parece um de nós.

– Pareço o quê?

– Um grande herói americano.

– Também não sou isso.

Patrick se recorda da mãe, de Claire, da velha que teve pena dele na República. Lembra-se que ser licano não quer necessariamente dizer que uma pessoa é uma ameaça. Mas o sorriso daquele homem atravessa sua barba como uma navalha. O violão cai no chão com um ruído seco. Ele começa a tremer, joga a cabeça para trás e solta um grunhido.

Patrick não espera ver o homem se transformar. Tira a pistola do cinto e o acerta no pescoço. O licano ergue a mão para conter o sangue que bombeia. Um jorro espirra por entre os dedos. Patrick volta a atirar, dessa vez no peito. O corpo do homem desaba embolado junto ao violão.

Não é o primeiro de Patrick, nem vai ser o último. É assim que as coisas são agora.

Ele passa pelos portões, segue as trilhas repletas de lixo e põe a cabeça para dentro dos prédios queimados e bombardeados. Sua urgência e decisão se esvaem. Chegou tarde demais. O ar recende a carvão. Com o calor do cano de escapamento da Harley ainda preso ao seu corpo, ele tem a sensação de estar queimando junto com o resto daquele lugar.

Inútil. Percorreu aquele caminho todo, arriscou a vida e a corte marcial, tudo isso por nada. Não é de espantar que a vacina, outrora manchete importante, agora não apareça mais no noticiário nem seja incluída em qualquer debate político. Eles perderam tudo, decerto devido à retenção de informações por alguma instituição, para poder garantir uma patente. Seu corpo dói por causa da longa viagem, as pernas tremem e a base das costas se contrai. Uma gorda mosca preta voa em torno de sua cabeça e Patrick a espanta, irritado. Não sabe o que esperava encontrar. Não um cofre com uma seringa pronta para a aplicação. Mas tampouco aquilo ali. Ruínas.

Outra mosca aparece e aterrissa no canto de sua boca; ele a cospe para longe. Dezenas surgem e põem-se a zumbir preguiçosamente ao redor. Uma delas pousa em sua pele e ele a esmaga com um tapa. Torna a olhar na direção de onde veio: prédios de tijolo, grama alta cortada por um caminho estreito margeado de bordos: nada que fosse atrair tantas moscas assim.

Os insetos zumbem a sua volta e abafam qualquer outro ruído. Patrick sente a vibração das asas da mesma forma que o motor de quatro tempos estremecia seus ossos. O dia está claro, de sol forte, ofuscando a visão. Ele ergue uma das mãos para proteger os olhos. Dobra a quina de um prédio e vê o corpo ao mesmo tempo

que lhe chega o fedor.

Cerca de 20 metros à frente, em meio à grama na altura do joelho, à sombra de um edifício de telhado redondo, Patrick vê uma poça de sangue seco do tamanho de uma colcha. No meio, está o corpo mutilado, morto recentemente. Ele se aproxima e sente o cheiro do sangue e da matéria podre dos intestinos, a bile subindo pela garganta, e cobre o nariz com a camiseta.

Os pássaros se refestelaram no corpo. No lugar onde estaria o rosto, o osso brilha. A garganta foi estraçalhada e os ligamentos permanecem tesos. A camisa de botão está aberta como um par de asas a emoldurar o rombo abaixo das costelas no qual algo enterrou o focinho ou as garras. Patrick não espanta as moscas que pousaram no cadáver e agora pousam nele, nem mesmo quando elas passeiam por sua pele e o pinicam com as patas. Ele chuta o cadáver.

As moscas se afastam em um enxame irado. Nessa hora, Patrick pode ver perfeitamente o nome no crachá pendurado no pescoço do cadáver: Neal Desai.

Tenta se mover sem fazer barulho. Desai morreu há pouco tempo. Talvez o licano do violão o tenha matado, talvez não. Por mais que ele tente pisar macio, suas botas ainda fazem estalar os milhares de cacos da entrada de vidro do prédio da Pfizer. O interior é fresco, tem um pé-direito alto e está envolto em sombras.

Patrick verifica todas as salas do térreo: vazias. Nenhuma cadeira ou mesa, nenhum equipamento, material sobre as bancadas ou dentro dos armários. O laboratório é tão novo que não chegou a ser ocupado. Em suas pesquisas sobre Desai, Patrick se lembra vagamente de ter visto uma foto dele sorrindo apoiado em uma pá, alguma cerimônia de início de obras que devia ter ocorrido naquele local.

Desce a escadaria central com cautela. A luz do sol enfraquece. Ele tira do bolso da calça cargo uma minilanterna e acende-a. Um corredor se estende para os dois lados. Ele sente um cheiro mais adiante, algo diferente do ar permeado de fumaça.

Ilumina as paredes e as portas. Sombras se movem e avançam e Patrick sempre espera que uma delas vá ganhar vida.

À frente, vê uma porta aberta. Observa o teclado, a moldura de aço: uma espécie de quarto do pânico. O cheiro é tão horrível que ele precisa respirar pela boca.

Percorre o recinto com a lanterna e vê uma jaqueta embolada em um canto, um laptop, uma pasta, uma pilha de envelopes pardos e algumas folhas de papel soltas sobre a bancada. Folheia os papéis, que contêm informações sobre dosagem, gráficos de progressão, composições químicas.

Então, o facho é refletido por um recipiente de vidro com tampa de metal, algo que cintila como uma pequena estrela.

Patrick voa pela estrada que serpenteia pelo vale de Willamette em direção aos

Cascades. A moto zumba e o vento desliza por seus cabelos, trazendo um cheiro de resina de pinheiro, terra úmida e argila. Ele está eufórico. Tudo o que encontrou no laboratório se encontra dentro de sua mochila, inclusive uma ampola cheia de pó, agora enrolada em seu gorro. A etiqueta diz: VACINA PARA LOBOS AMOSTRA N. 342, 5 ML, 10 DOSES.

Repara que uma nuvem de fumaça se ergue ao longe. É grande demais para ser de um acampamento, difusa demais para ser de uma casa ou campo incendiado. Ela vem em sua direção.

Patrick freia e entra no acostamento de cascalho.

– Alguma coisa está vindo – diz para si mesmo.

À frente, a estrada dobra para o meio das árvores. Ele concentra o olhar nesse ponto e o resto do mundo desaparece.

O ar e o asfalto vibram: são motores. Muitos motores.

Sua garganta se contrai, uma onda de sangue escaldante faz seu coração dar um pinote e Patrick fica nauseado. Ele passou muito tempo entorpecido. Mas agora sente medo. Inconfundível, palpável.

Não por si, mas pelo que está carregando.

Afasta-se da estrada a toda, desce e torna a subir a vala de escoamento de águas pluviais cujo fundo lodoso e escorregadio quase faz a moto escapar. Começa a ziguezaguear por entre as árvores. O mato duro e tufo de arbustos agarram na máquina e arranham o metal. Uns 10 metros depois da estrada – que ainda parece próxima demais –, ele leva a moto para trás de um abeto-de-douglas caído, deita-a no chão e cobre-a com galhos.

A árvore tem agulhas bem marrons e casca marcada por um veio negro e irregular causado por um raio. Quando ele se enfia no ninho de galhos, aproximando-se até ficar encostado no tronco, os pelos de seu corpo se eriçam e suas veias se contraem. É como se ele pudesse *sentir* a eletricidade residual.

Uma débil reverberação é agora audível e ele ouve o barulho ficar cada vez mais alto, até que, bem perto, um comboio passa: motos, picapes turbinadas, Cadillacs com chamas vermelhas pintadas na lateral. Todos cospem fumaça e seus amortecedores estragados, silenciadores rachados e freios que chiam se unem para produzir um ruído musical.

Em cima de um dos Cadillacs há corpos amarrados como cervos prestes a virar troféus de caça. Se não mortos, quase. O sangue escorre do teto do carro pelo para-brisa, onde os limpadores o afastam. Patrick pode ver o homem ao volante, curvado, olhos semicerrados, com um sorriso nos lábios. Um terço balança em seu retrovisor.

Apenas cinco minutos antes, o mundo parecia estranhamente limpo e calmo. Agora, no nevoeiro agitado de toda aquela fumaça, motores roncam, buzinas gritam, um heavy metal sai aos berros dos aparelhos de som e homens tatuados sorriem ao

vento. Por um segundo, parece que o acidente nuclear nunca aconteceu.

Fechando aquele pesadelo macabro, vem um caminhão com uma carreta aberta a reboque. Em cima dela, sofás e cadeiras arrumados de qualquer maneira, com muitos homens e mulheres esparramados em cima. Latas de cerveja rolam a seus pés. Um som portátil ligado no máximo com uma banda de metal – Pantera ou Slayer, talvez – quase supera o barulho do motor a diesel. Cinco homens rodeiam uma mulher de biquíni verde, dançando, levemente trôpegos por causa da bebida ou do movimento da carreta. Estão sujos, excitados. Vários estão transformados.

No final da carreta, um homem sem camisa gira correntes grossas acima da cabeça. Patrick mira em seu peito.

O coração de Patrick bate furiosamente e ele se sente nervoso e alheio à estupidez temerária do que está prestes a fazer. Por puro reflexo, seus dedos apertam o gatilho, mas antes de ele conseguir disparar e a arma pular em sua mão, o tempo parece congelar.

A música diminui de volume, substituída por vários estalos trovejantes que fazem Patrick olhar primeiro para a própria pistola e depois para o céu cheio de nuvens, sem saber de onde vêm. Em cima da carreta, um buraco vermelho se abre abaixo do mamilo esquerdo do grandalhão. Então, surge outro em sua têmpora. Ele não grita nem segura o peito: simplesmente cai. Deixa de viver. O corpo é arremessado e vai cozinhar sobre o asfalto quente.

Um dos pneus traseiros se rasga e a roda abre um sulco no asfalto, soltando centelhas. O caminhão para. Um dos sofás cai lá de cima e derruba seus ocupantes na estrada. A mulher de biquíni dá um jeito de manter o equilíbrio. Está gritando, pintada de sangue. Um dos homens perto dela oscila no mesmo lugar por alguns instantes antes de desabar junto a seus pés descalços. Um segundo se junta a ele. Os outros percebem, tarde demais, que estão sendo atacados.

O inimigo vem de trás: uma dúzia de motos de cross-country correndo pela estrada, os motores tão agudos quanto uma serra elétrica. São pilotadas por homens de calça camuflada, camisetas com a bandeira americana e mochilas nas costas. Todos têm a cabeça raspada. Seus braços esticados seguram pistolas e espingardas. Lufadas de fumaça escapam a cada tiro.

Patrick não fica tão surpreso quanto deveria. Deveria ter previsto no que eles, os Americanos, eram capazes de se transformar. Uma milícia.

Eles não diminuem a velocidade ao se aproximar do caminhão. Sua formação se divide e eles disparam de ambos os lados da carreta. Corpos caem. Uma bruma de sangue enche o ar. Um licano pula em cima de uma das motos, derruba o piloto no asfalto e os dois deslizam e rodopiam juntos por quase 20 metros antes de se imobilizarem.

Logo estão todos mortos, exceto a mulher de biquíni: transformada, ela está de

quatro soltando gritos guturais. Um dos Americanos tem a cabeça em forma de bala e a estatura baixa e arredondada, e Patrick se dá conta de que é Max. O garoto sobe na carreta e se aproxima da licana. Com uma faca, corta seu pescoço e seu couro cabeludo. Guarda o escalpo dentro de um saco de lixo.

Patrick tem certeza de que as nuvens vão se abrir, o sol vai se refletir no silenciador exposto da Night Train e um dos Americanos vai apontar um dedo em sua direção e gritar: “Ali!” Assim, ele será morto, a vacina estará perdida. Os Americanos irão cercá-lo e terminar o serviço que começaram naquele dia na floresta.

Contudo, eles sobem nas motos e vão embora rugindo.

Perto dali, um grito de pássaro assinala o cessar-fogo e a mata retorna à normalidade, com seus pios e arrulhos. Patrick solta uma golfada de ar e percebe que estava prendendo a respiração.

Não sabe ao certo o que esperava encontrar nos laboratórios. Respostas. Talvez o que encontrou seja uma resposta. Mas o que irá advir dela faz mais perguntas ainda encherem sua cabeça. Seu primeiro impulso é fugir. Escapar para um lugar seguro. Quando cruzar a fronteira, porém, ele sofrerá as consequências. E se as Forças Armadas conseguirem extrair da ampola algo de valor, haverá consequências de ordem muito maior. Para todos os licanos. Difícil ter noção se a questão é erradicar uma doença ou uma identidade, algo que se tornou praticamente uma raça, uma espécie em si. Embora no início Patrick tenha ficado empolgado, como se houvesse encontrado algo dado por perdido, seu corpo agora experimenta um estranho choque, uma descarga de medo seguida por uma sensação de esgotamento.

O vento ganha força e ele sente cheiro de sangue e de pólvora. Pestes não matam apenas pessoas – e é isso que o lobos é, uma peste –, mas toda a humanidade.

Patrick guarda a pistola no coldre, levanta sua moto e a empurra até a estrada. Ao subir nela, tenta não olhar para os cadáveres espalhados pela rodovia, com sangue empoçando a sua volta. Deixa o motor ligado por um minuto, aciona o acelerador e espalha poeira por toda parte. Ele tem olheiras enormes e seu olhar está assombrado por perguntas, como se fosse um soldado voltando para casa depois de perder a guerra. Precisa pensar. Precisa encontrar um lugar onde possa se esconder e refletir sobre tudo aquilo.

CAPÍTULO 63

Uma tempestade se arma, mas a chuva não cai. Há trovões e raios, o céu fica anormalmente escuro, o ar carregado de umidade. Cata-ventos, torres de celular, caixas de correio, maçanetas e mastros de bandeira estão tomados por eletricidade estática. O vento se intensifica. Na varanda da casa da fazenda, uma cadeira de balanço oscila sozinha. Um carrilhão ressoa, o ruído de suas hastes de bambu parecendo o chacoalhar de um esqueleto.

A noite já caiu e Tio reúne os homens na capela. Velas bruxuleiam. O vento uiva pelas frestas das paredes. Tio anda de um lado para o outro em frente aos homens acomodados nos bancos, parando apenas para falar em saraivadas rápidas de espanhol. Os outros seguram ossos como se fossem baquetas e as batem toda vez que Tio diz algo veemente, da mesma forma que poderiam entoar um *Amém*.

Claire assiste a isso do lado de fora. De vez em quando, o céu é iluminado por um relâmpago. Ouve passos leves na grama e vê que Roxana está ali perto, com um cobertor em volta dos ombros. Tem os olhos molhados de lágrimas. Sua boca abre e fecha sem emitir qualquer som, o rosto tomado por uma expressão terrível de medo e ódio.

- Você vai matar uns lobos com meu tio.
- Vou.
- Mas você é lobo.
- Sou.
- Mas vocês não são todos iguais.

Claire chega perto, estende a mão e retira pedacinhos de agulha de pinheiro dos cabelos dela.

- Não, não somos.
- Alguns são do bem e outros, do mal.
- Como as pessoas.
- E você é do bem, não é?
- Acho que sim.

– Eu fugi quando eles estavam bêbados, dormindo. Mas não queria ter fugido. Queria ter ficado e matado eles. – As velas se refletem nos olhos da menina, pequenos clarões dourados misturados às poças castanhas. – Tomara que vocês explodam eles todinhos. – Roxana fala em um tom casual, sem qualquer vestígio de humor ou pena.

Recua alguns passos, como para fugir da lembrança vinculada às próprias palavras. Trovões rugem. Tio vocifera algo em espanhol e os homens batem os ossos.

O pai de Claire gostava de ler romances de faroeste, em que os heróis passam muito tempo buscando vingança. Se alguém, em geral um sujeito de bigode preto, mata um amigo ou parente seu, você é *obrigado* a retribuir com chumbo. É a coisa justa e corajosa a se fazer, a *única* coisa a se fazer. Nesse exato instante, é isso que ela sente em relação a Balor e à Resistência. Enchê-los de tiros e facadas parece o correto. Rasgá-los um por um para retribuir a dor que causaram. Mesmo que ela esteja em desvantagem numérica, mesmo que sua cabeça possa acabar espetada em uma estaca, Claire deve isso a Roxana, Matthew, Miriam, seus pais. Às centenas de milhares de pessoas que perderam as casas, tiveram as vidas arruinadas pelo acidente nuclear e buscam algum tipo de absolvição, inclusive ela própria.

Olha para o céu. As nuvens se abriram em alguns pontos e dá para ver as estrelas. Alguns contemplam o céu e veem desejos, possibilidades celestiais. Ela vê um necrotério iluminado pelo brilho branco de ossos. Está pronta para matar. Está com raiva, e isso é bom. Significa que algo ainda arde dentro dela. Que ela ainda não morreu.

Lá dentro, a voz de Tio fica mais alta e os homens batem os ossos cada vez mais depressa até o som virar um único e assustador grito de guerra.



O sol baixo irradia seu calor através das nuvens, tingindo-as de roxo e marrom. O crepúsculo se espalha lentamente pelo céu. Trovões ecoam. Raios brilham. Patrick ziguezagueia por estradas secundárias e descobre, ao fim de um longo acesso de carros, escondido no meio de um bosque, um chalé feito com toras de madeira descascadas. Um quarto, um banheiro. Apenas algumas janelas. Não é um lugar onde alguém iria querer morar. É seguro.

Há um riacho ali perto. A água é branca de tantos sais minerais e vem das velhas geleiras bem no alto dos Cascades. Ele tira a roupa, mergulha e cerra os dentes por causa do frio. Enquanto molha a cabeça e esfrega a pele com areia, enormes trutas se enroscam ao redor e sobem e descem na correnteza, fazendo as escamas furta-cor cintilarem. Às vezes os peixes mordiscam seus dedos dos pés ou das mãos e ele acha a sensação estranhamente prazerosa. Por um instante, preocupa-se, pensando se a água o está limpando ou sujando, se a radiação desce das montanhas direto para sua pele. Mas depois para de se importar, pois não faz diferença.

Antes de trancar a porta e baixar as persianas, observa a noite na varanda em frente ao chalé. A escuridão vai baixando e as cidades não se encontram mais iluminadas. As ruas estão destruídas; os prédios, vazios; os carros, arruinados e negros. Os morcegos voam, os sapos coaxam e os Cascades se destacam contra um céu retinto. Sobretudo a essa hora, é fácil acreditar que todos os humanos foram extintos, exceto ele.

Ilumina o chalé com lanternas que encontra dentro de gavetas e uma lamparina de propano que acha em um armário. Come uma refeição pronta e bebe um cantil inteiro de água. Na sala, há uma estante repleta de livros – faroestes, romances, ficção científica – e, embora ele nunca tenha gostado de ler, começa a folheá-los não apenas para se divertir, mas também pelo reconforto de acompanhar pessoas inteligentes que dizem todas as coisas certas e entendem tudo.

Quinze minutos depois, não leu mais do que poucas páginas. Sempre que tenta ler uma palavra, as letras se embaralham e fogem. Acaba deixando o livro de lado e põe-se a encarar a parede. Sua cabeça está cheia demais e um número excessivo de possibilidades se bifurcam à sua frente.

Muito tempo antes, todos os seus objetivos eram puramente materiais: quero um carro vermelho veloz, uma esposa gostosa, um bom emprego, uma casa com quintal nos fundos para jogar bola com meu filho. Agora, todas as necessidades se tornaram uma abstração e o que resta é uma dor difusa e oca que ele reconhece como saudade. Não só a vontade de voltar para a Califórnia, mas de voltar no tempo e redescobrir aquela época de sua vida.

A ampola contém essa possibilidade: cura para um mundo doente.

Qualquer ansiedade que Patrick pudesse sentir – quanto a enfrentar a corte marcial ou entregar a ampola – se acalma. O mundo precisa avançar, curar-se.

Ele se ajoelha ao lado da mochila, pega o telefone por satélite e hesita apenas um segundo antes de ligá-lo e digitar o número da base.

– Aqui é Patrick Gamble. Estou ligando de dentro do perímetro. E localizei o que acredito ser a vacina do lobos.

CAPÍTULO 64

Chase assiste às lutas das arquibancadas de concreto. Elas acontecem em um centro de convenções na periferia de Fredericksburg, Virgínia, uma construção aberta em geral usada para expor animais de fazenda. O teto é de aço; o chão, de terra batida. Alguns dos licanos deixam crescer os cabelos e fazem penteados moicanos. Outros os cortam curtos e desenharam raios nas laterais da cabeça com máquina. Há os que pintam o rosto com graxa para ficarem iguais a caveiras ou demônios. Todos usam roupas de couro, elastano ou poliéster enfeitados com cristais que reluzem. Eles irrompem pelas portas e caminham depressa sob os aplausos e as vaias, por entre as arquibancadas e as cadeiras dobráveis de alumínio, em direção a um ringue iluminado por luzes frias.

É mais um fosso do que um ringue. Não há cordas nem estacas. Apenas um perímetro de concreto e uma parede de 3 metros ao redor de 16 metros quadrados de terra batida arranhada, esburacada e enlameada de sangue. Cinco alto-falantes pretos transmitem a voz ribombante do apresentador.

As lutas são organizadas pela Zona de Combate, circuito independente que promete demonstrações excessivas de violência. Cadeiras, escadas, tachinhas, navalhas, pedaços de cano e arame farpado são armas corriqueiras. Assim como dentes e garras.

Os licanos saltam no ar como se estivessem voando. Engalfinham-se em pé e de quatro. Esmagam traqueias com socos, quebram braços dobrando-os até as costas, arrancam tufo de cabelo, mordem nacos de carne e parecem se deliciar com a dor. Chase pensa que a dor é uma coisa boa, porque é um lembrete de que você está vivo. Ao contrário da névoa entorpecida do Volpexx.

Algumas semanas atrás, ele visitou um dos cerca de dez centros de detenção para licanos criados no país para os acusados ou suspeitos de atividades terroristas. Vozes ecoavam por corredores de cimento. Dentro das celas, homens esqueléticos de olhar vazio andavam de um lado para o outro. Pressionavam os rostos nas barras para implorar, cuspir e resmungar coisas ininteligíveis. Chase se sentiu mal por eles. Mas sente-se bem pelos licanos no fosso. Até os inveja.

Chase grita junto com os demais espectadores. Está de calça jeans, suéter de capuz e boné bem enterrado por cima do rosto. A barba que não aparou há muitos dias tem um aspecto musguento. Está ladeado por dois agentes do Serviço Secreto que fazem o possível para parecer civis – estão usando casacos de times de futebol americano –, mas sua rigidez e atenção é tão evidente que Chase precisa cutucá-los com o cotovelo de tantos em tantos minutos e dizer a eles para relaxar. Não queriam levá-lo até lá. Mas ele exigiu e ameaçou demiti-los caso não obedecessem. Agentes

especiais Trice e Houston. Porém, ele os chama de Tico e Teco. Se não inventar um apelido, mal consegue decorar o nome de quem quer que seja. Secretário do Interior, secretário do Comércio, diretor do Escritório de Administração e Orçamento, secretárias do gabinete, administrador da Nasa, membros do conselho de chefes de estado-maior, juizes da Suprema Corte. São rostos demais, nomes demais, todos unidos pelo desejo de conseguir que ele faça algo que não quer fazer.

Chase tem malhado três horas por dia. Seu corpo inteiro parece latejar de prazer toda vez que ele acrescenta 50 quilos no supino, toda vez que dá um murro no saco de boxe, fazendo o corpo inflar com uma sensação de poder.

Ver aqueles homens no fosso lhe provoca algo parecido. Suas mãos se abrem e se fecham em punhos cerrados. Chase ofega mais do que respira. Seus músculos saltam. Ele sente que está prestes a perder o controle, com um gosto metálico de sangue na boca, e inclina-se para perto de um dos agentes.

– Hora de ir embora.

– Sim, senhor presidente – respondem os dois seguranças.



O ponto de resgate fica ao sul de Salém: um trecho de pasto usado regularmente como ponto de desembarque para tropas terrestres. Uma estrada de condado o margeia. Durante a noite, a névoa se espalha a partir das florestas e valas até preencher o mundo e fazer o ar parecer cheio de fantasmas. O planejamento é que a força-tarefa chegue ao nascer do sol, o horário de interceptação agora adiado até a visibilidade melhorar.

Patrick passa horas esperando. A umidade se condensa na Night Train como suor. Suas roupas e cabelos ficam molhados. A animação e a certeza que sentiu durante a maior parte da noite deram lugar à paranoia. O som se propaga de forma estranha no nevoeiro e às vezes a brisa sopra em seu ouvido e o faz se virar. Uma pinha cai no chão. Um esquilo emite sons. Um graveto partido lhe lembra um fuzil sendo armado.

Mais cedo, quando atravessava lentamente de moto o nevoeiro, um cervo passou a sua frente e saltou no ar a uma altura quase impossível, cruzando uma cerca de arame farpado e desaparecendo.

– Viu isso? – gritou Patrick, então percebeu que ninguém o escutava. – Que lindo.

Estava se sentindo muito bem nessa hora. Confiante. Cheio de propósito. Queria poder engarrafar essa sensação. Não consegue mais encontrá-la agora, enquanto o relógio avança em direção ao meio-dia e a névoa se dispersa. Ontem à noite, falou com seu tenente, depois com o oficial responsável pela base. Não tentou negociar nenhum acordo. Não achou necessário. Eles o xingaram, chamaram-no de idiota, como ele já esperava. Nem tentaram compreender que porra ele estava pensando ao seguir um palpite, arriscar a própria vida e desobedecer a todas as regras.

– Comandante, com todo respeito e deferência, peço desculpas ao senhor.

Patrick explicou o que pensava ter em mãos e um longo silêncio se seguiu. Ele recebeu as coordenadas do local do encontro no dia seguinte. Eles o levariam de volta para casa.

Talvez seus esforços não sejam condizentes com suas recompensas, pensa. Talvez Patrick estivesse a ponto de ir parar na prisão militar. Quem sabe a ampola nada fosse além de um recipiente de vidro com cinzas dentro, nada de valor. Ele vasculha o horizonte com o binóculo. Nuvens pairam ali em tufo de algodão, mas, de resto, o céu está límpido. Morros se tornam montanhas e os picos afiados e brancos dos montes Hood e Jefferson perfuram o céu. Calcula que os helicópteros virão do leste, dois Blackhawks, talvez mais. Move o binóculo pelas linhas e cumes das montanhas. Nada.

Larga o binóculo. O vento corre pela floresta e sacode as árvores, soprando por entre troncos e galhos. E é então que ele sente: uma onda de calor que traz consigo pedrinhas e sopra para longe os últimos vestígios de névoa. Fecha os olhos e deixa esse ar bater em seu rosto. Torna a abri-los bem a tempo de ver a fila de picapes e jipes parar na estrada que margeia um dos lados do pasto, a uns 10 metros de distância.

O vento para e ele ouve os motores; parecem o ronco de um animal grande. As portas se abrem. Vinte homens de expressão feroz descem dos carros, todos mexicanos.

De nada adianta sacar a pistola. Eles já estão com várias espingardas apontadas em sua direção. Patrick encara os buracos negros dos canos e espera o chumbo vir. Pensa se ouvirá o tiro que vai matá-lo. Torce para que não, para a morte ser rápida e todas as sensações se extinguírem ao mesmo tempo: silêncio, escuridão, paz.

Sobressalta-se ao ouvir uma palavra, “Patrick”, como se fosse o estalo de um gatilho.

Ela abre caminho entre os homens. Ele a reconhece na hora, mas sua imagem em pé ali agora e a lembrança dela sentada a seu lado dentro do jipe Wrangler se fundem em seu cérebro como uma constelação que ele não consegue muito bem distinguir. Os dois conversam apenas com os olhos, que transmitem incompreensão e deleite. Um percebe que o outro envelheceu, como se o colapso do mundo lhes tivesse arrancado a juventude e os precipitado rumo à idade adulta. Seus olhos comunicam: *não acredito que é você*.

– É você – fala Claire.

– Sou eu.

Antes de conseguirem dizer qualquer outra coisa, o ar é tomado pelo zumbido sincopado de helicópteros e seus olhos se erguem para o céu.



Chase não tem tempo de estender a mão para o interruptor, a porta ainda nem se fechou com um clique atrás dele. Uma luminária se acende na outra ponta do recinto. Em sua aura alaranjada, está sentado Búfalo. O reflexo da luz incendeia seus óculos. Ele continua a segurar a cordinha da luminária por um bom tempo enquanto Chase permanece parado, com o casaco despido pela metade.

– Onde você estava?

– Na rua.

– Onde?

– Na rua.

Minutos antes, ao passar pelo detector de metais, o ajudante se aproximou e pediu seu casaco. Chase lhe disse para dar o fora: podia pendurar as próprias roupas. Agora, tira-o e o joga no chão.

– Tive que sair.

– Você é o presidente dos Estados Unidos, porra – replica Búfalo, sem erguer a voz. – Não pode sair e pronto.

Nesse momento, Chase o detesta. Detesta o jeito como sua expressão severa e seus olhos intimidadores combinam com os dos retratos pendurados na Ala Oeste, todos sempre observando-o, lhe dando apoio, contanto que se comporte de determinada maneira, que execute um trabalho específico da forma que eles julgam adequada. Não pode ir a lugar nenhum sozinho nem tomar nenhuma decisão por si mesmo. Não iria ser uma marionete de Búfalo; não era seu pau-mandado.

– Imagino que você não esteja aqui só para me passar um sermão.

– Aconteceu uma coisa. – A imobilidade dele é perturbadora. – Uma coisa importante.

Chase vai para o banheiro, mijá e faz Búfalo esperar por ele ao som do jato na privada. Lava as mãos sem pressa.

Quando volta para a sala, Búfalo continua sentado na poltrona, pernas cruzadas, mãos unidas em cima do joelho. Pergunta se Chase se lembra do Menino-Milagre, o garoto inexperiente, o único a sobreviver, o que foi parar nas manchetes por ter se fingido de morto e depois se alistado.

– Como poderia esquecer? Foi quando essa confusão toda começou.

– Ele acabou de fazer uma coisa que talvez seja um sonho de marketing. Ou um pesadelo.

Búfalo lhe conta o que ele já sabe. Ao mesmo tempo que a usina nuclear de Hanford explodiu, a Resistência incendiou os laboratórios de vacinas. Tudo foi perdido. Outras instituições privadas haviam retomado as pesquisas no ponto em que Desai as deixara, mas ainda estavam a um ano de conseguir uma vacina, que é justo aquilo de que sua presidência precisa. O Menino-Milagre afirma tê-la encontrado. Ele se ausentou sem permissão, entrou clandestinamente na Terra

Fantasma e descobriu um quarto do pânico no laboratório novo. Encontrou Desai, seus documentos, seu laptop e o que acreditava ser a vacina.

– E qual é o problema? Está parecendo um sonho erótico.

– O problema é que ele sumiu.



A princípio, eles não se mexem, como se os helicópteros não pudessem vê-los se ficassem imóveis. Os dois Blackhawks dão voltas no pasto. A grama se achata e as árvores tremem com o ar deslocado pelas hélices. Pedrinhas atingem seus rostos. Os helicópteros ficam parados no ar, corpos negros com caudas finas e compridas. Seu rugido gago é tão alto que Patrick mal consegue ouvir a voz que grita em seu ouvido: “Amigos seus, G.I. Joe?” Antes que consiga responder, alguém o segura por um tufo de cabelo, arranca sua pistola do coldre e a enfia por sua goela abaixo.

Ao redor, os mexicanos viram para o céu seus fuzis e espingardas, entre eles um AR-15, e começam a atirar. Balas tiram fagulhas do ventre dos helicópteros. Vidros se estilhaçam e chovem cacos. Uma das aeronaves se inclina bruscamente e sobe depressa. A pá da hélice esbarra no estabilizador traseiro do segundo Blackhawk. Ouve-se um barulho como o de um garfo preso em um triturador de pia. A hélice se quebra e uma das pás sai voando descontrolada até se cravar em uma picape com um guincho ensurdecedor.

Desgovernado, o Blackhawk emborca na direção da linha de árvores junto à estrada. As três pás remanescentes cortam galhos, cravam-se em troncos, em seguida se partem e se separam da aeronave. O helicóptero solta fumaça e chia ao despencar. Ouve-se um barulho terrível de metal se chocando contra pedra. O impacto não é sucedido por uma bola de fogo. O Blackhawk simplesmente derrapa de lado com grande estardalhaço. O motor se extingue. Fumaça e terra se erguem dos destroços.

O céu está vazio; o outro helicóptero sumiu. Patrick é solto e empurrado até a estrada, onde cai de joelhos no asfalto. Procura Claire e a encontra entre os mexicanos. Ela não parece horrorizada como ele imaginava. Não chora, nem grita, nem cobre a boca com a mão. Pelo contrário: está parada empunhando um revólver do tamanho de um canhão com o cano ainda a fumar. Sua boca é uma linha branca, como se ela houvesse engolido qualquer emoção.

Alguns mexicanos se aproximam da aeronave caída e tentam abrir a porta de carga, mas ela foi amassada e emperrou. Assim, eles atiram nas janelas, enfiam os braços pelos buracos abertos nos vidros e matam os que ainda estão presos pelos cintos de segurança.



Búfalo explica a tentativa de resgate abortada, o helicóptero derrubado, a suspeita de

rapto e o sinal rastreado do telefone do Menino-Milagre. Ele conta tudo de forma dramática, gesticulando muito e projetando no piso uma espécie de teatro de sombras. Chase se imagina no meio daquelas sombras que se contorcem, no meio da briga.

– *Uma* ampola? – indaga ele. – Ele tem *uma* ampola?

– Isso.

– Uma só.

– É.

– E quantas doses tem nessa ampola?

– Dez, eu acho. Talvez menos. Não tenho certeza.

– Se conseguirmos pegar a ampola, podemos replicar a vacina.

– Teoricamente, sim.

– Quanto tempo iria levar?

– Não sei dizer.

– Uma ampola.

– Sim.

– Nossa bala mágica.

Nas últimas semanas, Chase recomeçou a sonhar. Quando estava tomando Volpexx, seus sonhos eram vazios e, a cada noite, uma escuridão de morte o dominava. Agora, eles às vezes parecem mais vívidos do que a realidade. A mulher de pele cor de carvão e olhos em brasa voltou. Outros também retornaram. Na noite passada, ele sonhou com o homem que matou durante a patrulha de uma rodovia ao sul de Niflhel. Seu pelotão estava liberando a estrada para a passagem de um comboio de abastecimento. Chase estava lá outra vez, realmente lá, e cada quilômetro da rodovia e cada detalhe da cidade lhe pareciam conhecidos enquanto passava por um canal de esgoto, prédios abandonados, barracos de zinco, lama e neve, carrinhos de mão com jarras de leite semicongeladas. Perto, um homem rastejava pelo acostamento, transformado. Seus cabelos eram brancos feito a neve acumulada por toda parte. Descalço, ele vestia apenas uma calça esfarrapada e uma camiseta térmica de mangas compridas. Pareceu não reconhecer o ronco dos veículos ao seu lado. Tinha os olhos fixos à frente e babava e chorava sangue, avançando bem lentamente. Chase entrou na frequência do pelotão e ordenou que os outros caminhões parassem, em seguida passou para a do batalhão e informou sua localização, um comunicado de status. Às vezes, em um estágio avançado de desenvolvimento, os príons faziam o cérebro sangrar e causavam nos infectados sintomas parecidos com a demência.

– Acho que a gente encontrou um cão raivoso.

Segundos depois, veio a ordem para matar o licano.

Chase poderia ter mandado seus artilheiros atirarem, mas não quis sobrecarregá-

los com mais uma morte. Desceu do veículo, andou pela neve e mirou no licano seu fuzil M16, porém não conseguiu suportar a ideia de atirar nele por trás. Chamou duas vezes. Na segunda, o homem se virou, ergueu fracamente uma das mãos cobertas de neve para arranhar o ar ou lhe indicar que se afastasse. Tinha idade suficiente para ser avô de Chase. Ele o baleou uma vez, depois tornou a subir no caminhão e deixou o corpo caído sobre um banco de neve. Sentiu-se péssimo, mas pelo menos o sentimento era dele, e não de um dos rapazes de 19 anos, de bochechas vermelhas e tatuagens.

É isso que ele quer agora: uma oportunidade para bancar o caubói e assumir qualquer dor ou glória que venha junto com ela. E sabe que deve fazê-lo. Não há outro jeito de conseguir a vacina para seu uso imediato. Sem o auxílio dos remédios, não vai conseguir guardar segredo por muito tempo em relação à sua condição.

Búfalo está percorrendo sobre estratégia, sobre o que precisa acontecer nas próximas 24 horas. Ele passa a falar mais devagar quando Chase começa a tirar a roupa: os sapatos, a camisa, a calça, as meias e a cueca. Fica em pé no meio da pilha de roupas descartadas, nu.

– O que está fazendo? – pergunta Búfalo.

Não é hora de ir para a cama. Eles precisam convocar uma reunião, ir para a Sala de Crise, falar com o oficial responsável pela base no perímetro. Búfalo já pediu café no refeitório da Casa Branca.

– Eu vou para lá.

– Para lá onde?

– Para o Oregon.

Búfalo não parece saber para onde olhar. Cruza e descruza as pernas.

– Vai o quê?

Chase chega perto da cadeira e se posta a menos de meio metro de Búfalo.

– Vou para lá. Vou encontrar o garoto.

Seu abdômen é bem definido. Seus braços são um emaranhado de veias. Seu sexo pulsa.

Búfalo vira a cabeça para o outro lado até ficar de frente para a luminária.

– Não estou entendendo... O que você está... Por que acha que...

Chase passou os últimos dias pensando muito. Se ele mesmo fizesse as coisas, e não apenas dissesse aos outros o que fazer, aquela poderia ser uma boa profissão, um trabalho recompensador. Agora isso era possível. Lembra-se de toda aquela terra, das montanhas descendo até virarem morros e depois planícies com arbustos de artemísia sulcadas por canais de irrigação. Pensa no Oregon como uma colcha de retalhos feita de bromo marrom e alfafa verde-viva entrecortada por arame farpado, o palco de sua vida anterior com as costas vergadas e a pele curtida pelo sol, da vida de seu pai e de seu avô, onde haviam caçado antílopes, contado estrelas, criado

cavalos, gado e filhos. Tudo isso roubado pelos licanos, perdido, nada restando além de velhos tufos de artemísia e cercas derrubadas apodrecendo no chão. Se voltar lá, vê uma chance de recuperar essa parte de sua vida, essa parte de si. E de fazer jus àquilo em que o povo pensou ter votado. Chase prestou o juramento e invocou o nome de Deus, mas foram apenas palavras, ditas cedo demais, e palavras não transformam ninguém em líder. O povo precisa ser tranquilizado, precisa que seja instilada a confiança que ele próprio perdeu. É necessário que o vejam trabalhando para acreditar nele como presidente. Até agora, esse título parece apenas alegórico.

– Isso é uma piada? – pergunta Búfalo, ainda encarando a luminária.

– Não.

– Está falando sério?

– Seríssimo.

Búfalo comprime os lábios, abaixa a cabeça e algo parece se apoderar dele. Levanta-se da poltrona com um pulo. Quando Chase avança para ficar na sua frente, o conselheiro o empurra para trás.

– Você não vai, não. De jeito nenhum. Você se acha um valentão? Mas não é, não. Essa é uma ideia ridícula, inútil e perigosa. Você às vezes é mesmo um idiota. Um maldito idiota.

Chase o empurra. As costas de Búfalo batem na parede. Ele solta um ganido. Seus óculos pendem tortos sobre o nariz. Ele passa a mão pelo que lhe resta de cabelos.

– Não entendo qual é o problema com você. Tem algum problema com você.

Chase caminha até ele a passos largos. Sente como se seu coração tivesse sofrido um curto-circuito e ainda hesitasse entre parar ou pegar fogo.

– Eu vou encontrar esse garoto. Vou encontrar essa bala mágica. Vou sujar as mãos. A decisão é minha. Não sua.

– Você não está me escutando!

– Nem preciso escutar. O presidente sou eu, porra.

Então, Búfalo lhe dá um tapa. O barulho é o mesmo de uma bola de encher estourando.

A bochecha de Chase arde e ele leva uma das mãos até lá. Cambaleia para trás e se agacha no chão, como se tentasse conter a raiva que brota dentro de seu peito e se recusa a sumir. Não está conseguindo mais contê-la.

Búfalo estende dois braços frouxos.

– Ai, meu Deus. Ai, não. Eu sinto muito. Sinto muitíssimo, meu amigo. – A mesma mão que estapeou Chase agora afaga a pele nua de suas costas. – Eu sinto muito.

Ele retira a mão no momento em que os pelos começam a brotar. Tem tempo de correr, de gritar. Só que não faz nada. Parece confiar que Chase conseguirá se

controlar, mesmo quando ele se levanta devagar e parte para cima de Búfalo com a boca aberta.

CAPÍTULO 65

A noite cai. As sombras se adensam entre os troncos das árvores, pinheiros, cedros e abetos cujos galhos se entrelaçam lá em cima até formar um grosso toldo que faz Patrick se sentir a salvo de qualquer avião ou helicóptero que possa passar no céu. Os mexicanos cavam um buraco raso, catam lenha e montam uma fogueira em forma de pirâmide para afastar a noite. Morcegos e corujas passam voando por entre as fagulhas. Os mexicanos se sentam em pedras ou raízes deformadas que racham o solo. Comem charque e frutas desidratadas. Afiam suas facas e limpam seus fuzis e pistolas. O ar fica pungente de fumaça.

Claire acende a própria fogueira, menor e separada dos outros, a uns 20 metros de distância. Senta-se junto ao fogo toda encolhida, abraçando as pernas. Patrick passa um longo tempo fitando-a. Quer estar perto dela. Mais ainda, quer tomá-la nos braços, quis fazê-lo desde o primeiro instante em que a viu mais cedo, porém isso lhe pareceu impossível. Porque os dois estavam fugindo do local do acidente com o helicóptero, a bordo de veículos distintos e a uma velocidade alucinante, rumo ao labirinto de asfalto que é Portland. Depois, estacionaram em uma estradinha dentro do Arboreto de Hoyt, a menos de 10 quilômetros da mansão Pittock. O plano era atacar pela manhã. Por isso, nas últimas horas, sempre que Patrick chegava perto, ela se retesava e lhe dava respostas secas.

– Pensei que você tivesse morrido – disse ele.

– Talvez tivesse sido melhor – respondeu ela.

Patrick tentou fazê-la falar, mas Claire ou ficava em silêncio ou repetia uma pergunta diversas vezes: o que você está fazendo aqui exatamente?

E ele respondia apenas “missão de reconhecimento”. Sentia-se grato por ela não o pressionar. Contar-lhe mais do que isso confirmaria sua traição.

Dentro de sua mochila estava a vacina: a ampola que possibilitava o aniquilamento de Claire. Apenas 24 horas antes, Patrick se sentia muito seguro, certo de que havia tomado a decisão correta. Agora, pareciam ter se passado 24 anos, pois sua opinião mudou muito, a resolução infestada de questionamentos.

Acima de Claire, por entre as árvores, ele vê a lua: uma nesga prateada que contorna uma bola negra gigante. Ela deve ter ouvido Patrick se aproximar, os galhos se partindo e as pedras sendo chutadas, mas não se vira em sua direção. Permanece calada, imóvel, quando Patrick se senta a seu lado.

Sempre que ele a olha, a antiga atração começa a borbulhar dentro dele, deixando-o ao mesmo tempo empolgado e aflito. A imagem de Claire, com a pele e os cabelos avermelhados pelo fogo, tornou-o consciente de todas as sensações ocultas, de todas as coisas perdidas que não foram experimentadas.

– Oi – cumprimenta ele.

Ela não responde nada e os dois parecem ficar ainda mais distantes.

Pode imaginar como os últimos cinco meses foram difíceis para ela. É isso que Patrick quer dizer. Que compreende. Claire deve se achar deslocada no mundo. Deve estar cansada de passar a vida ameaçada, de batalhar por comida, de fugir, fugir, fugir. Provavelmente chegou ao limite, e é isso que o dia seguinte representa para ela: uma escolha entre revidar ou se deitar e fechar os olhos para sempre.

Os pensamentos de Patrick são interrompidos por Tio, que surge de trás de uma árvore lançando no ar uma faca de cabo de osso cuja lâmina tem o mesmo tamanho de seu antebraço. Ela dá cambalhotas e irradia um clarão prateado. Cada arco emite um assobio. Enquanto brinca com a faca, Tio encara Patrick.

– Você não está algemado. Nem amarrado a uma árvore. Sua boca não está amordaçada com fita adesiva. – Ele empunha a faca e golpeia um cedro ali perto, tirando lascas. – Talvez pense que isso significa que está livre para agir como quiser. – A faca talha o tronco da árvore e um desenho grosseiro começa a tomar forma, com a polpa amarela bem destacada contra a casca vermelha: um rosto com dois olhos compridos, um talho no lugar do nariz, um sorriso desdentado. – Hoje a gente matou uns soldados. Amanhã vamos matar lobos. E eu quero que saiba que, se fizer qualquer coisa para interferir, vou matar você.

Ele desenha a última curva do sorriso e vai embora; Patrick e Claire ficam encarando aquele rosto que sangra seiva.

– Vou ficar de olho – alerta Tio por cima do ombro.

Os dois passam mais alguns minutos sentados em silêncio.

– O fogo está morrendo – avisa Patrick, por fim.

Ele se levanta, limpa a terra dos fundilhos e vai buscar braçadas de gravetos para pôr sobre as chamas. As faíscas dançam. A resina estala.

Então, Patrick começa a falar. Conta-lhe sobre a guerra como se ela fosse uma coisa viva, com dentes de metal, hálito de enxofre e um sabre no lugar dos órgãos genitais. Descreve o céu cristalino e gelado da República e a neve que tudo cobre feito um lençol branco enrugado. Conta-lhe sobre o pai e sua missão idiota para encontrá-lo, e sobre o que descobriu ao encontrar o esquadrão condenado de licanos. Confessa que tem medo de ela tornar a desaparecer, como seu pai. Diz que sente muito. Que entende por que ela o odeia. Torce para existir outro universo em que nada daquilo tenha acontecido e sua única preocupação seja ficar deitado em uma praia passando bronzeador um no outro e tomando *piñas coladas* direto no coco.

A expressão de Claire se suaviza e ela sorri ao olhar para o céu. Patrick compreende que a garota está vendo ali a mesma coisa que ele: uma vida além dos muros daquele lugar, com rios em que corre água limpa e jardins que florescem na primavera, onde crianças jogam futebol e casais caminham de mãos dadas por

parques e pedem refrigerantes e baldes de pipoca quando vão ao cinema. Um lugar onde eles dois, Patrick e Claire, poderiam ficar juntos sem se preocupar com o passado, apenas com o futuro.

Claire ergue os braços. Ele se aconchega. E os dois se abraçam.

– Lembra aquilo que você falou sobre a eletricidade? – pergunta ele.

– Eu ainda não consigo entendê-la.

– Nem eu. Mas consigo sentir.

CAPÍTULO 66

Há um padrão no teto. As rachaduras e infiltrações se fundem para formar a imagem de um espectro de capuz negro. Miriam tenta desviar os olhos, organizar os elementos para formar outro desenho – um peixe irrompendo de um lago lamacento, digamos –, porém, por mais que tente, aquela imagem continua ali. Tem certeza de que está esperando ela desistir. E, quando isso acontecer, ele vai alçar voo para levá-la até alguma caverna bem no fundo da terra, onde seus ossos vão virar joias; seus dentes, dados; seus pulmões, rubros acordeões. Onde sua alma vai ser lacrada dentro de um medalhão pendurado no pescoço de um demônio.

É de manhã. Sabe disso por causa da luz rosada que vaza pela janela de tijolo de vidro. Nesse exato momento, talvez a poucas centenas de quilômetros dali, despertadores tocam e pessoas levantam da cama, fazem café e torradas. Para Miriam, não faz diferença se é manhã ou noite. Ela não tem rotina, seu dia não tem começo nem fim. Às vezes, eles lhe dão comida, às vezes aparecem para limpá-la ou para foder. Tirando isso, tudo permanece igual.

Um dia, Jeremy disse que era possível aplicar à vida uma espécie de equação, já que, quanto mais tempo se vivia, mais depressa a vida parecia passar. Miriam sempre atribuiu isso à familiaridade. Se você mantém os mesmos hábitos, mora na mesma casa e trabalha no mesmo lugar, não perde muito tempo reparando nas coisas e tentando lhes dar sentido. E é isso o que torna o tempo notável. Sem isso, a vida se torna um borrão, como agora, portanto ela não consegue muito bem medir o tempo e os dias se fundem uns nos outros.

Miriam acha que já faz uma semana ou mais desde a última vez que viu Puck. Curiosamente, ela anseia pelas visitas dele tanto quanto as receia. Ele conversa. Escuta o que ela fala, mesmo que tudo o que diga seja “vá se foder”, “vá para o inferno”. Ainda que seja apenas para vê-la sofrer, nutre por ela um forte interesse. Isso a faz se sentir importante, um adversário. Como se seu papel fosse mais essencial do que o de um móvel esquecido no porão. Miriam o odeia. Quer que Puck morra. Mas também quer que ele a morda e corte porque, se ela sangrar, significa que está viva, e esse dia então se distingue do anterior.

Nessa manhã, quem destranca a porta não é Puck, mas Caliban: cabelos claros, olhos puxados, costas curvadas. Não sabe se ele tem a mesma idade que ela ou se é velho o bastante para ser seu pai. Sua postura é diferente da dos demais e ele anda arrastando os pés e falando sozinho, mais serviçal do que soldado. Às vezes lhe traz comida, senta-se na beira da cama e estende a colher em direção a sua boca, e seus próprios lábios se entreabrem no mesmo instante em que ela morde. Caliban nunca lhe dirige a palavra, e raramente a olha, talvez encabulado com sua nudez. Mas

talvez ele nunca fale nem olhe para ninguém. Quem sabe sua mente seja treinada para se esquivar.

Ele veio asseá-la. Traz uma bacia de metal cheia de água fumegante com sabão. Pousa-a no chão, pega um pano lá dentro e espreme a água antes de passá-lo por seu rosto, barriga, coxas, canelas e pés. Não há sensualidade nem violência em seus gestos. Ele apenas a esfrega, como se fosse um piso, dedicando um tempo a mais às suas escaras, deixando a água se entranhar nelas e raspando a pele morta com a unha.

Termina limpando seu sexo, joga o pano na bacia e começa a tirar a roupa de cama. Suas algemas são frouxas o bastante para lhe permitir inclinar o corpo de lado e mover os braços e pernas o suficiente para que uma comadre possa entrar sob seu corpo. O lençol que cobre o colchão é de plástico, trocado a cada poucos dias. Caliban começa a retirá-lo de baixo dela. Quando ele se inclina, Miriam repara nas chaves que reluzem em sua cintura; ele não as enfiou completamente no bolso.

Lembra-se agora que, na infância, acreditava que, caso se concentrasse com força suficiente, conseguiria mover coisas com a mente. A mente seria um músculo carente de exercício. Assim, passava um bom tempo por dia fitando um seixo vermelho ou um lápis, tentando movimentá-los. Às vezes, fazia isso com tal empenho que chegava a ficar tonta e ver tudo preto. Presa ali naquele porão, ocorreu-lhe pensar o mesmo. Talvez consiga fugir dali. Pensa em seu chalé. No musgo verde que recobre as árvores, na casca branca dos amieiros reluzindo. Ela está lá. Caminha nua em meio à névoa por um prado de junça, capim-do-campo e grama úmidos de orvalho que beijam seus tornozelos. Seu marido também está lá. E sua filha.

Agora é o momento.

Seus pulsos têm braceletes de feridas que se abrem e sangram quando Miriam estende a mão o máximo que consegue para pegar as chaves. Ficam faltando menos de 3 centímetros. Ela se concentra, tentando pensar que seus dedos são ímãs. Concentra-se para que as articulações se soltem, os tendões arrebenhem feito elásticos podres, e lhe permitam se esticar só mais um pouquinho. As algemas a cortam fundo, fazendo a pele se soltar e o sangue escorrer pelo pulso. O sangue ajuda. Lubrifica.

Aos poucos, sua mão avança e Miriam consegue inserir um dedo no chaveiro. Bem nessa hora, Caliban muda de posição para alcançar o outro canto do colchão. As chaves saem de seu bolso com um tilintar que ela disfarça tossindo bem alto e sacudindo as algemas para fazê-las chacoalhar.

Sabe que tem menos de um minuto. Ele vai despejar a água suja no ralo, embolar os lençóis e pôr debaixo do braço, arrastar os pés até a porta, fechá-la e levar a mão ao bolso. E aí já será tarde demais.

Há apenas duas chaves, uma da porta, outra das algemas. Miriam segura a mais curta entre o mindinho e o polegar. Não tem tanta firmeza, mas é o melhor jeito de alcançar o próprio pulso e a fechadura. Espia rapidamente Caliban. O olhar dele está perdido ao longe, interessado em uma aranha que corre pela parede. Ele abandona os lençóis no meio da arrumação e vai atrás do inseto murmurando sozinho em uma linguagem que Miriam não consegue decifrar.

Ela deixa a chave cair duas vezes antes de conseguir enfiá-la na fechadura. Gira com força e solta a algaema no mesmo instante em que Caliban bate com a mão espalmada na parede e examina a mancha preta em sua palma. Ele limpa a mão na coxa e volta para junto da cama.

Miriam fica deitada, rígida feito uma tábua, até ele tornar a estender a mão por cima de seu corpo para arrumar o lençol. Seu rosto paira sobre o dela. Ela vê o interior de sua boca, sente seu hálito. Move a mão livre em um gesto certo até o pescoço dele e Caliban a encara, quem sabe pela primeira vez.

– Sinto muito – lamenta ela, e lhe dilacera a laringe com o mesmo ruído de alguém que abocanha uma maçã.



Patrick está aninhado junto às costas de Claire, em posição de conchinha, e acorda com um barulho que parece o chiado de um bolsão de resina. A fogueira, porém, já virou brasa. A floresta continua escura como a noite, mas, por entre os galhos, ele vê a aurora rosa que já se espalha pelo céu. Então, o som volta, inconfundível: tiros.

Ainda está semiadormecido e uma lógica de sonho o faz pensar: “Tudo certo, nós íamos atacar no raiar do dia.” Feito um pateta, encara o rosto no tronco da árvore, quando uma bala acerta o local e abre um talho esfacelado entre os dois olhos do desenho. É assim que percebe que *eles* estão sendo atacados.

Claire tira o imenso 357 do coldre no cinto. Patrick leva a mão a sua pistola, mas encontra o cinto vazio. Atravessa correndo o espaço que separa seu acampamento do agrupamento dos demais, com o raciocínio ainda lento, certo de que irá encontrar sua arma no mesmo lugar em que deixou a mochila. Os tiros se intensificam até virarem uma fuzilaria e Patrick mal consegue distinguir as vozes que gritam ao redor. Terra espirra, madeira se fende, pedras soltam faíscas, samambaias estremecem.

Tio grita ordens em espanhol. Um homem se ajoelha atrás de um toco sobre o qual está montado um fuzil. Outro está caído de bruços dentro do buraco da fogueira com um rombo atrás da cabeça. Patrick pega o rifle de alavanca do morto e se esconde atrás de uma árvore para verificar se está carregada. Olha para a floresta tomada por sombras, espera o brilho dos tiros e, então, alveja nessa direção, disparando e pondo balas na câmara até a arma ficar vazia e ele a descartar. Não sabe quem os está atacando, e é apenas quando um helicóptero escurece o céu acima que se dá conta

de que talvez esteja combatendo os próprios colegas.

Patrick encontra sua mochila e outro corpo, outra arma, dessa vez uma pistola, uma Ruger .22, boa apenas para atirar de 20 a 30 metros, que parece ser a distância dos soldados que avançam. Quase grita para cessarem fogo, quase recita sua patente e seu número de esquadrão, mas nessa hora seu olhar se cruza com o de Tio.

Ele está deitado atrás de um tronco, com uma espingarda aninhada no peito. Dá uns tapinhas na coronha e aponta para Patrick como quem diz *esta é para você*.

Seus olhares se desgrudam no momento em que algo é lançado de uma árvore próxima e cai no chão. Começa a soltar uma névoa sibilante: gás lacrimogêneo. Outra do tipo chacoalha por entre alguns galhos e vem parar entre eles. Um homem grita e leva as mãos aos olhos.

Uma bala zune entre os dedos de Patrick com o zumbido furioso de um marimbondo, queimando sua pele. Não terá a mesma sorte outra vez.

Seus olhos lacrimejam, sua garganta arde. Ele põe a mochila nas costas. Precisa fugir. Tenta localizar Claire, mas não consegue ver nada. Atira algumas vezes, abaixa-se e cambaleia para longe.



Miriam anda com dificuldade. Tropeça duas vezes ao sair da cela no porão. Precisa forçar as pernas a avançar, os pés a subir e descer. Sente as juntas enferrujadas e os ossos frágeis, ocos, como se um passo em falso pudesse parti-los. Seus tendões parecem ter encolhido. Os músculos da panturrilha se contraem e ela se senta para massageá-los, tentando não gritar. Levanta-se com esforço e se apoia em uma pilha de caixas que chacoalham. IODO, informa a etiqueta. Por todo o porão, vê diversas pilhas das mesmas caixas e pensa se terá ficado presa todo esse tempo em algum tipo de estabelecimento médico.

Essa ideia logo some quando ela sobe tropegamente a escada e entreabre a porta da maneira mais devagar e silenciosa possível. Distingue pendurados na parede uma tapeçaria e duas pinturas a óleo com moldura dourada. Abre mais a porta e faz um inventário rápido: mesa com tampo de mármore e luminária de porcelana; lareira com relógio ornamental de três faces; cadeira de madeira esculpida em forma de folhas e escurecida por muitos anos de cera; um tapete oriental que ocupa toda a largura do que parece ser uma sala de estar. Supõe estar em uma espécie de museu.

Apoia-se com força na maçaneta ao adentrar o cômodo de pé-direito alto. Os lambris são de madeira escura. Diante das janelas, pendem grossas cortinas e, através delas, à claridade cada vez mais forte da aurora, Miriam vê sebes sem aparar e mato na altura dos joelhos. Não tem tempo de se perguntar onde está. Tudo o que importa é fugir.

Tenta imaginar o tamanho da casa, cujos cômodos se estendem à toda sua volta

como uma imensa colmeia dentro da qual espreitam ferrões envenenados. A cada passo arrastado que dá, as tábuas corridas rangem e ameaçam denunciá-la. Está fraca, nua, desarmada, mas não vai deixar que ninguém a detenha depois de chegar tão longe. Alcança a lareira, sente o frio das lajotas sujas de fuligem sob os pés descalços e pega um atizador para fazer as vezes de arma e bengala.

Pode ver um corredor curto e, mais adiante, o que parece ser um saguão de entrada. A saída. Começa a avançar nessa direção mas, quando está no meio do cômodo, estaca. Agora, avista uma grande escadaria em espiral que sobe e ouve o que parecem ser passos descendo por ela. Seu primeiro impulso é se esconder junto ao vão da porta e erguer o atizador, pronta para enfiá-lo no crânio do primeiro que aparecer, porém sabe que seu corpo não tem o equilíbrio suficiente para lutar, os músculos fracos demais até para sustentar o instrumento acima da cabeça.

Ao lado da lareira, há uma porta de vaivém. Miriam a empurra com as costas e entra na cozinha com piso emborrachado preto e branco e paredes e armários pintados de branco ofuscante. Há algo no fogo. Carne. O cheiro a enche de ânsia – mas só por um instante.

No meio da cozinha, há uma bancada e, em cima, um corpo nu. Um homem magro, de pele branca, com as bochechas e o pescoço cobertos por uma barba falhada, a boca e os olhos abertos. Poderia até parecer vivo, se não fosse a pele cortada abaixo do esterno e o ventre esvaziado, sem vísceras. Uma tigela de metal grande – igual à que Caliban usou para limpá-la – está posicionada a seu lado, rodeada de moscas. Uma delas desaparece dentro da boca do cadáver.

Miriam ouve uma tábua rangendo na sala. Precisa se esconder. Vai primeiro até a despensa, mas, ao abrir a porta, depara com outro cadáver, um homem pendurado de cabeça para baixo que sangra dentro de um balde de faxina. Quase grita. Dá meia-volta e vê um espaço quadrado sob a bancada onde se poderia guardas panelas ou tigelas. Está vazio e ela entra lá no mesmo instante em que a porta da cozinha se abre.

Só consegue vê-lo até a cintura, mas reconhece na hora as pernas maciças, as botas grandes o suficiente para comportar uma criança: o gigante Magog. Ele nunca a visitou no porão – seu único ato de clemência, pois seu peso e tamanho teriam sido uma tortura inimaginável. Está usando uma calça jeans preta que desaparece por trás de um avental respingado de sangue. Miriam ouve um *toc-toc-toc-toc* que, de início, pensa ser o radiador do outro lado da cozinha. Então, percebe que o atizador está batendo na parede do seu esconderijo, movido pelos trancos de seu pulso.

Quer desviar os olhos, mas não consegue. Precisa saber a localização de Magog, o instante exato em que o corpo dele vai se reter ao vê-la, para poder emergir do esconderijo e enfiar o atizador em seu joelho ou seus órgãos genitais. Ele vai até a outra bancada, junto à pia. Abre a torneira e Miriam aproveita o barulho para mudar

de posição e observá-lo melhor. Os cabelos ruivos caem pelas costas largas. Ele pega um cutelo que afia – cinquenta vezes de um lado, cinquenta de outro. O arranhar da lâmina, o ruído de aço contra aço, penetra em seus ossos. Testa o fio com o polegar e a lâmina corta uma espiral de unha.

Magog vai até a bancada de Miriam. Chega tão perto que ela pode sentir seu cheiro, tocá-lo; até cogita atacá-lo agora. Segura o atizador com tanta força que os nós dos dedos embranquecem. Se ao menos ela não estivesse tão fraca...

Então, um *tchá* ecoa, tão forte que a bancada inteira treme. Magog desferiu o cutelo. Ela ouve a lâmina se soltar da carne quando ele a puxa. Em seguida, torna a golpear duas vezes. Ouve-se um barulho de tecido molhado se rasgando. Algo cai dentro de uma tigela. A poucos metros dali, há um latão de lixo de 40 litros. É lá que o gigante joga a cabeça do homem. O crânio foi fendido e o cérebro, raspado da cavidade.

A carnificina prossegue pelos dez minutos seguintes. Magog rodeia a bancada cortando, descascando e rasgando, e às vezes a lâmina guincha ao bater em algum osso. O sangue escorre para o chão e se acumula em uma poça, e ali Miriam vê o reflexo do gigante erguendo e baixando o cutelo. Quando os músculos de suas costas e pernas começam a repuxar e ter câibras, ela põe a mão na boca e morde para suportar a dor.

Em algum lugar da cozinha, um alarme soa. Magog larga o cutelo com um retinir metálico, vai até o forno e puxa lá de dentro três tabuleiros de carne, tiras compridas e finas tostadas até ficarem crocantes. Miriam consegue sentir o hálito quente do forno. Detesta achar aquele cheiro bom; seu estômago ronca com uma fome que deseja reprimir.

De um dos armários, Magog retira um multiprocessador. Mói a carne assada até o recipiente ficar cheio de flocos. Suas ações não fazem sentido para ela. Aliás, nada ali faz sentido: as pilhas de iodo, a velha mansão, os cadáveres sendo processados. Miriam imagina se a loucura finalmente a dominou e se ainda estará presa à cama no porão, perdida em algum pesadelo. Diante do comportamento incompreensível e medonho de seus companheiros licanos, ela se pergunta se eles serão de fato homens, como tanto gostam de alegar, ou apenas bestas-feras escondidas em roupas humanas.

A porta da cozinha se abre e Miriam torna a se encolher em seu buraco. Vê um par de tênis, uma calça jeans.

– Ela fugiu – diz uma voz.

Com a mesma rapidez com que surgiu, a figura desaparece, seguida pelos passos ribombantes de Magog. Eles podem voltar a qualquer segundo, ela sabe, mas seus músculos estão em tamanha petição de miséria que não tem outra escolha senão deslizar de imediato para longe da bancada e para o chão, com o corpo cheio de

cãibras. Estica uma perna de cada vez, lentamente, e esfrega os músculos com força. Respira por entre os dentes. Só depois de um bom tempo é que consegue se levantar. Olha para a pilha de carne e ossos sobre a mesa que não pode mais ser identificada como um homem; o corpo é um quebra-cabeça desfeito. Não sabe se deve fugir ou continuar escondida. Eles agora estão a sua procura e, se a encontrarem, não querem nem imaginar o que farão com ela.

Colado à bancada sobre a qual Magog estava trabalhando segundos antes, há um corredor curto. Miriam espia por ele e avista uma porta com uma janela quadrada que dá para um amplo gramado cercado por sebes e rododendros. Ali, ela vê – mas não é possível – uma corça, uma novilha, uma ovelha e várias cabras pastando. Pensa outra vez que a lógica irracional daquele lugar mais parece a de um pesadelo. Pega um casaco pendurado em um gancho, veste-o e fecha o zíper para cobrir a própria nudez. Precipita-se para girar a maçaneta e sair antes de poder questionar a decisão de fugir.

Não olha para trás. Isso não iria ajudar. Mantém os olhos cravados no muro de rododendros à frente e concentra neles toda sua atenção, fazendo o resto do mundo desaparecer. Folhas verdes lustrosas, explosões de flores muito vermelhas. Se ao menos conseguir chegar até lá, atravessar aqueles próximos 20 metros sem ser detida, estará fora do campo de visão da casa. Um passo de cada vez, uma resolução de cada vez. Primeiro alcançar os rododendros. Em seguida, a cerca de ferro, a mata do outro lado. Ela segue amparada pelo atizador. Correria se pudesse, mas o máximo que consegue é mancar.

Seus músculos gritam. A respiração sai rascante da garganta. Os olhos são marejados por lágrimas de dor, medo e alívio, prejudicando a visão.

Os rododendros estão a apenas dez passos de distância e tudo o que ela quer é mergulhar nas folhas que parecem facas enceradas, nos botões de flor grandes como punhos a socá-la. Um desconforto passageiro, igual ao dos últimos meses, que ela vai atravessar cerrando os dentes para suportar, emergindo depois do outro lado, toda arranhada e grudenta de pólen, mas viva. Aí tudo vai ficar bem.

Finalmente chega, conseguiu, e seu corpo desaba em meio ao emaranhado de galhos, fora de vista, seguro por ora. Não consegue prosseguir, apesar de as pernas continuarem a bombear, teimosas, como se quisessem seguir andando.

Ouve algo farfalhar e se partir. Levanta a cabeça, fraca. A 20 metros de onde está, vê uma pessoa atravessando os rododendros e pisando na grama. Depois outra. E mais outras. Todas com as cabeças raspadas e camisetas com a bandeira americana. Estão de mochila. Armados com espingardas. Sua presença ali não faz o menor sentido. Eles são como os móveis antigos, o corpo dissecado e as cabras que pastam a sua volta: alucinações, sonhos que Miriam pode dissipar beliscando-se e dizendo “acorda”.

No início, acha que eles a estão caçando. Não, pensa. Não. Não era esse o acordo. Se ela conseguisse chegar até ali, estaria segura. Não vai permitir que a peguem. Segura o atizador com as mãos, pronta para enfiá-lo em qualquer um que se aproxime.

Mas eles já estão correndo para longe, em direção à mansão.

Ela sorri. Por um segundo apenas. Seu rosto se contrai de felicidade. Não é uma expressão fácil e parece não se encaixar consigo mesma e com o horror das circunstâncias. Mas ela não consegue se conter. No fim das contas, vai conseguir. Vai viver.



Quando as balas chovem sobre o seu acampamento, Patrick dispara em uma direção e Claire, na outra. Ela leva o revólver em uma das mãos e a mochila em cima do ombro. Não sabe ao certo por quanto tempo e que distância corre, mas, ao parar, sente a garganta em chamas, uma pontada na lateral do corpo. Está sozinha. Ao longe, ainda pode ouvir os tiros e um helicóptero. Fica furiosa, o corpo trêmulo com a adrenalina do momento.

Não entende como podem ter encontrado o acampamento nem o motivo de estarem ali, mas deve ser por causa de Patrick. Se houvesse oportunidade, lhe daria um tiro. Ele a traiu outra vez. Não deveria ter confiado nele. Não deveria confiar em nada, nem em si mesma, já que parece ser uma pessoa fraca e propensa a perdoar.

Segue em frente sem saber para onde. Para longe. Por ora, tudo o que importa é continuar em movimento. Está acostumada com isso. É o que faz melhor: fugir. Tenta se apressar, mas o chão vai ficando mais íngreme até virar uma encosta coberta por emaranhados de trepadeiras e uma camada esponjosa de folhas mortas. A cada passo, sua raiva diminui e é substituída por preocupação. Ela começa a pensar se Patrick estará bem.

Escala parapeitos de basalto até chegar ao leito seco de um rio que começa a seguir, subindo sempre. Lembra-se da surpresa dele, do pânico. Quando o tiroteio começou e ambos se sentaram com um sobressalto e piscaram para espantar o sono, ele pôs uma das mãos no peito dela em um gesto protetor, do mesmo jeito que seu pai fazia no momento em que precisava dar uma fredda brusca. A mesma mão, áspera como um tronco de pinheiro, que passou a noite passada inteira a tocá-la, correndo os dedos por entre seus cabelos e acompanhando a linha de seu maxilar e pescoço. Patrick falou que adorava seu pescoço. Era seu traço mais delicado. Ela toca o mesmo lugar que ele tocou, logo acima da clavícula, e sente ali as batidas da própria pulsação.

Tenta torná-lo feio. Joelhos ossudos. Orelhas grandes. Bunda chata. Um rosto largo demais. Mas não adianta. A retidão de seu caráter, aquela sensação elétrica

submerge todo o resto. Claire o deseja. Nesse momento, deseja-o mais do que qualquer outra coisa.

De tanto correr, sente a boca seca e um pouco de dor de cabeça; está desidratada. Vai subindo o leito seco do rio até o fim, escala uma rocha e vê que está no alto do morro. Fica em pé sobre uma plataforma de pedra com uma descida de 30 metros logo à frente. Tem aquele sentimento suicida que lhe acomete às vezes. A queda seria longa e aterrorizante, seguida por serenidade.

Passa alguns instantes ali titubeando, com uma espécie de vertigem. Então, desce por outro caminho e por um trecho escorregadio de argila vermelha que acaba por conduzi-la a uma trilha de asfalto. O caminho está coberto de folhas e meio escondido pela lama, mas Claire ainda pode distinguir nele o que parecem pegadas de animal amarelas. Embora devesse ter reparado naquilo muito tempo antes, estava entretida demais com os próprios pensamentos e só agora observa as construções que se erguem do meio da mata, muitas delas cobertas de musgo e estranguladas por trepadeiras. O ar tem um cheiro curiosamente doce, de fertilidade. Acima de um portal de vidro, está pendurada uma placa em letras brancas que diz PISTA DE POUSO DAS ÁGUIAS.

O zoológico. Por mais improvável que seja, está no Jardim Zoológico de Portland. Na véspera, enquanto examinava o mapa com Tio, viu-o do outro lado do Arboreto de Hoyt. Está muito longe de onde pensava que estaria na véspera.

Enfia o .357 no coldre do quadril. Percorre as trilhas e passa por réplicas de geleiras e cavernas de neve, troncos de árvore cuidadosamente empilhados, um trem em miniatura enferrujando nos trilhos com sete vagões para transportar crianças de rosto corado e adultos com câmeras no pescoço. Do outro lado das cercas e fossos, vê a pelagem laranja descorada de um tigre morto, a protuberância murcha de um urso-pardo. Uma girafa morreu com o corpo de um lado da cerca e a cabeça do outro, tentando alcançar as folhas de uma árvore próxima; o pescoço comprido apodreceu e dele despontam vértebras brancas pontudas. Atrás de uma vitrine, vê um puma empalhado rugindo para todo o sempre, a única coisa ali que parece viva. Caminha até um laguinho e vê que está cheio de cores em movimento, carpas laranja e vermelhas que acorrem à superfície quando ela atira na água um punhado de seixos.

– Já viu isso? – pergunta alguém. – Deveria ver isso.

Durante dois anos, Claire o imaginou sempre atrás dela ou a seu lado, como uma sombra que não conseguisse afastar. Durante dois anos, estava sempre com uma arma ao alcance da mão, mesmo ao tomar banho. Sonhou com o que ele lhe faria quando enfim a encontrasse. Ela tentaria fugir, mas suas pernas não reagiriam. Ele bateria nela. Claire tropeçaria. Ele a golpearia de novo e ela cairia. “Você me deixou zangado”, diria ele. “Me deixou furioso.” Claire fecharia os olhos e choraria, e um

estouro ecoaria seguido por um cheiro de fumaça. Ela tornaria a olhar para ele e seu terrível rosto teria se incendiado de raiva, os olhos vulcânicos a encarando.

E agora ali está ele: o Homem Alto. Apesar da manhã quente, veste um terno preto. Segura uma Glock em uma das mãos com casualidade, como se fosse apenas um guarda-chuva. A arma está ali caso ele precise, para Claire ver. Gotas de suor brotam de sua careca cheia de cicatrizes. Ele tira um lenço de seda do bolso da frente e o passa na testa. Está parado a 10 metros dela, ao lado de uma cerca baixa. Além dela, o chão desce até um lago com uma ilha no meio, onde há uma estrutura de madeira caótica com cordas e pneus dependurados, e a grama logo abaixo está coalhada de ossos.

– Ele comeu os outros. – O Homem Alto guarda o lenço e acena para a ilha com a Glock. – E agora está comendo a si próprio.

Claire segue a direção para a qual a pistola aponta e vê o macaco agachado entre os ossos. Apesar da pelagem vermelha emaranhada, sua magreza é evidente. Ele tem o rosto enrugado de um velho. Está mordendo o próprio braço e, mesmo daquela distância, Claire pode ver o osso despontando por baixo dos pelos.

– Qualquer coisa para ficar vivo. Que força de vontade incrível. – O Homem Alto dá um sorriso medonho, a pele queimada tão esticada sobre o crânio que parece prestes a se rasgar. – Mas parece que não lhe resta muito tempo. Parece que é o fim da linha.

– Você me seguiu?

– Da mata? Segui. Que surpresa ver você lá. Mas é claro que eu venho seguindo você há muito tempo, Claire. – Ele toca o próprio rosto. – Para agradecer a seu pai pelo que ele fez comigo. Sabia que meus nervos ficaram tão afetados que parecem constantemente em chamas? Eu passei esse tempo todo queimando.

Claire deveria lhe dar um tiro. Sente-se instável da mesma forma que se sentiu minutos antes na beira do precipício, atraída para a borda. Caso se mova, pode morrer, mas ele também. Só que ela está vidrada no olhar dele e não consegue se mexer. De tão cinzentos, os olhos dele são quase pretos. Desprovidos de luz. Mas ela sabe que pouca coisa escapa àqueles olhos. No mesmo instante em que ela move a mão, o Homem Alto ergue a Glock e a observa pela linha comprida próprio do braço.

O macaco, até então silencioso, começa a gritar. Ele os viu. Vai até a beira do fosso e começa a golpear com o braço são, batendo e espirrando água para tentar chamar sua atenção. O Homem Alto se vira na direção do animal, que dá um salto curto, corre em círculos e volta à água para tornar a bater.

O Homem Alto vira as costas. Seu rosto some atrás dos rostos de Miriam, de seus pais, de Matthew, e pensar neles dá a Claire o equilíbrio que ela necessita.

O macaco grita e o Homem Alto leva um dedo aos lábios e faz *shh*. Ainda nessa

pose, ele se volta para Claire, como se quisesse silenciar seu revólver antes de disparar.

Ela se lembra da árvore atrás do chalé. De como suas balas a cortaram ao meio. De sua lenta queda. O Homem Alto cai de um jeito bem parecido.



São necessários cinco tiros para derrubar o gigante e, mesmo assim, ele continua vivo. Sua respiração assobia e borbulha pelos furos no peito e na garganta. Ele está caído no saguão da mansão e, ao redor, em pé, os Americanos comentam que pedaço de carne imenso ele é. Magog fica em silêncio quando lhe perguntam onde Balor está. Apenas ergue a mão para afastar a espingarda que Max aponta para sua cara, mas é tarde demais. Um segundo depois, um estrondo ecoa e o braço do gigante cai junto ao corpo.

Eles percorrem metodicamente cada cômodo térreo e matam dois outros antes de subir a escada. Alguém revida seus tiros e eles lançam uma granada no patamar acima e se abaixam. Uma nuvem de gesso deixa o ar enevoadado. O teto racha. No silêncio empoeirado que sucede à explosão, continuam a subir. No alto, há um portão de metal, depois outros na entrada de uma suíte principal no fim do corredor. Eles explodem os dois com cargas de C-4.

Encontram-no sentado em um sofá de nogueira com almofadas de veludo verde e o topo do encosto esculpido em um motivo floral. Está usando uma camisa de linho branco desabotoada no pescoço, da qual escapa um tufo de pelos grisalhos. Tem as pernas cruzadas, mãos unidas no colo. Ele deixa Max desapontado. Não corre para cima deles. Não se encolhe. Apenas fica sentado, encarando a lareira vazia, até eles o cercarem. Então, ergue o rosto com uma expressão desprovida de paixão, ignorando as espingardas apontadas, e encara cada um deles.

– Você é ele – diz Max.

– Ele quem?

– *Ele*.

– É. Acho que sou. – Ele expira e torna a olhar para a lareira. – É tarde demais, sabia?

– Tarde demais para quê? – indaga Max.

– Você vai ver. Em breve. Já está acontecendo. – Um de seus olhos tem o mesmo tom azul-prata da artemísia, outro é roxo como um velho hematoma.

– Antes, eu era igual a você, sabe? – comenta Max. – Mas depois aprendi que falar é uma coisa e fazer é outra. – Ele leva a mão à bota e retira uma faca. – Se quiser fazer um estrago de verdade, tem que falar menos.

Max repara que a faca reflete a luz do sol e projeta uma lâmina de luz sobre o sofá. Ele a vira e faz a luz deslizar pelas almofadas, pela coxa de Balor, subir por

seu peito e estremecer pelo rosto até ir parar no olho podre, que por um instante brilha feito uma estrela já quase morta.

Eles encontram estoques de gasolina no barracão. Despejam-na pelas paredes, encharcam os tapetes, fazem uma cascata descer pela escada. Seus olhos lacrimejam. O vapor os deixa tonto. Eles tosse e riem ao mesmo tempo.

Fazem uma trilha de gasolina até o saguão, descem pelos degraus da frente e pelo caminho de tijolos até a entrada de carros, onde Max acende um fósforo.

– Hora da faxina – anuncia.

O fósforo cai aceso de seus dedos e a gasolina se inflama com uma lufada. Uma língua de fogo azul e laranja vai lambendo bem depressa o combustível em direção à mansão.

As janelas não demoram a explodir; labaredas irrompem do interior e escurecem o tijolo em volta. Faíscas rodopiam. O telhado desaparece sob uma coroa viva de chamas. O calor é tremendo. Todos cambaleiam para trás. A fumaça esconde o sol. E um sorriso surge no rosto de Max quando ele passa os dedos pelo novo escalpo pendurado em seu cinto, acariciando os cabelos compridos, brilhantes e cinza-claros que parecem fios de prata.



Quantos morreram? O que aconteceu com Claire? Será que ele está sendo seguido? Patrick não sabe nada. Pode ver só até certo ponto dentro da floresta. O ar ainda é meio escuro àquela hora da manhã e tudo está cercado por emaranhados de plantas, envolto em musgo, fungos.

Ele ejeta o pente da Ruger para conferir quantas balas ainda tem. Uma só. Tenta não pensar no quanto está fodido. O chão pelo qual caminha desce até uma depressão em forma de cuia com o anel de uma fogueira há muito apagada no centro, decerto um lugar frequentado por adolescentes para beber cerveja, fumar cigarros e transar. Guimbas, sacos de batata frita desbotados, velhas camisinhas ressecadas. Patrick pisa em uma lata vazia de cerveja e se assusta com o ruído metálico.

Vê nomes, corações e promessas gravados na casca de uma árvore e, entre eles, em imensas letras maiúsculas, alguém escreveu VÃO SE FODER TODOS VOCÊS COM SEU AMOR E SUA FELICIDADE BABACA DE MÃOZINHAS DADAS. Escuta o tiroteio que ainda ecoa ao longe e sente uma breve mas potente onda de ódio pelas pessoas em geral e seus impulsos destrutivos.

É para essa gente que ele quer entregar a vacina, o mesmo tipo de criatura que alveja um acampamento com um fuzil de assalto M4, que abate um bando de licanos e depois arranca seus escalpos, que desfigura uma árvore toda enfeitada com juras de amor.

Em meio ao lixo espalhado pelo chão da floresta, vê um celular rosa estilhaçado.

Então, compreende: foi assim que o encontraram. Joga a mochila no chão e revira seu conteúdo até encontrar o telefone por satélite. Põe o aparelho em cima de um tronco caído e desencava uma pedra pontuda do buraco da fogueira. Passa um bom tempo segurando a pedra no ar. Aquele telefone é o que o prende ao outro mundo. Imagina o que o aguarda lá, a profusão de fotografos, a cela na qual será interrogado. Dá um grito quando abaixa a pedra e estilhaça o aparelho em centenas de pedaços cintilantes.

Por alguns instantes, cogita fazer o mesmo com a vacina. Desenrola o gorro de lã e estuda a ampola em sua mão.

É então que ouve um galho se partir. Atrás dele.

Quando se vira, a única coisa que vê é a árvore toda pichada. Está morta e apodreceu de dentro para fora, e tem uma base oca como uma órbita ocular vazia, que parece acompanhá-lo enquanto ele guarda a ampola na mochila, põe a mochila nas costas e se aproxima. Dá a volta no tronco com a Ruger em riste e o dedo fora da trava de segurança, já no gatilho.

De trás de uma árvore, surge um homem de capacete e uniforme de combate.

Patrick recua e ergue a pistola ao mesmo tempo que o homem leva ao ombro a culatra de um fuzil. Os dois se encaram pelas miras das armas antes de as abaixarem devagar.

– Você sabe quem eu sou? – pergunta o homem. – Olá?

Patrick demora um pouco para distinguir além da barba, para situá-lo naquele contexto. E tudo se encaixa: a voz, o rosto que viu tantas vezes na televisão e no jornal.

– Sim, senhor. – Pensa se deveria bater continência. – Olá, senhor.

Chase Williams. O presidente.

– A gente devia ter feito aquela sessão de fotos juntos lá na República, mas você não me esperou. Foi embora. Mais ou menos como ontem no ponto de encontro. E mais ou menos como dez minutos atrás, quanto tentamos resgatar você. Nunca está onde as pessoas precisam que esteja. – Ele dá um sorriso sem humor. – Está com a vacina?

Patrick leva um longo tempo para aquiescer.

– E com os documentos. Os documentos de Desai. E o laptop dele? Você disse que sim.

Patrick torna a assentir.

Chase abre um sorriso bem largo, estreitando os olhos.

– Eu sou grato a você. De verdade. E sei que não precisa que eu diga isso, não teria vindo até aqui se não soubesse, mas seu país logo vai ser grato a você, assim como toda a raça humana.

O tiroteio cessou. A floresta está em silêncio, e Patrick também.

– Você está preocupado – fala Chase. – Desrespeitou algumas regras. Mas sabe de uma coisa? Eu mesmo desrespeito as regras. E vou garantir que nada aconteça com você. Vou assegurar que só coisas boas aconteçam. Você vai ser recompensado. Vamos pôr você em frente às câmeras. Você e eu, juntos. É disso que as pessoas precisam agora. De alguém por quem torcer, e você é alguém por quem elas podem torcer.

A luz do sol entra pelo toldo das copas das árvores e ilumina aquele trecho de floresta. Patrick não grita nem sai correndo, embora essa seja sua vontade. Ele fecha os olhos e, em sua retina, vê um borrão vermelho entrecortado por raízes negras.

É isso, pensa. É assim que tudo termina. Com discrição. Sem tiros. Sem brigas. Sem gritos nem súplicas. Com muita clareza, vê a si mesmo entregando a vacina. Poderia acabar com tudo agora mesmo. Fácil assim.

– Que tal me deixar ver a vacina? – pergunta Chase com uma voz entrecortada. – Que tal entregar para mim?

Patrick repara que a pele do presidente estremece e seus músculos saltam. Ele parece um daqueles filmes antigos de *stop-motion*, os movimentos rápidos e bruscos demais. Uma gota de sangue se acumula no canto do seu olho e escorre pela bochecha até desaparecer no meio da barba.

– O senhor é um deles? – indaga, recuando e balançando a cabeça.

Chase não parece escutá-lo.

– Você já é um herói. – Tira da coronha do fuzil a mão tomada por convulsões e a estende na direção de Patrick. – Pode continuar assim.

– Não estou interessado – responde ele.

Patrick não sabe como, mas consegue encontrá-la. Vê a fumaça escurecer o céu e a nuvem escura cuspir cinzas e caminha até um morro para poder ter uma vista panorâmica. É ali que a avista. Ela está em pé junto à borda de basalto na beira de um precipício. Sua silhueta se destaca no céu e os cabelos soprados pelo vento ondulam em todas as direções, como se ela flutuasse em uma vasta superfície de água azul.

Ele examinou o caderno inteiro e todos os antigos e-mails. As pesquisas de seu pai e de Desai foram exaustivas e cada um deles ansiava por uma interpretação, acreditava à sua própria maneira que conseguiria encontrar alguma resposta para o impenetrável e endireitar o mundo. No entanto, ao olhar para Claire e sentir aquela necessidade tão forte, tudo lhe parece repentinamente equivocado, todas as fórmulas farmacêuticas e equações utilitárias, irrelevantes.

Claire não parece reparar sua aproximação. Está olhando para o precipício. As copas das árvores estendem os galhos em sua direção. O vento, que segundos antes não passava de uma brisa, agora sopra forte. Ela se inclina para o precipício, mas

então recupera o equilíbrio. Patrick a chama duas vezes antes de ela o fitar.

– Pode sair dessa beirada? Por favor? Você está me deixando nervoso.

Ela o encara com os olhos semicerrados por um bom tempo antes de obedecer e dar dois passos para longe do alto barranco.

Nesses últimos meses, o coração de Patrick praticamente desapareceu em um canto escuro de seu peito até virar uma minúscula partícula bruxuleante, mas ali, com Claire à frente, o vento parece atiçá-la e fazê-la soltar faíscas.

Claire lhe grita algo, mas o vento ganha força e leva embora suas palavras. Patrick pergunta:

– O quê?

– É melhor você ir embora.

– E se eu quiser ficar com você?

– A gente é diferente. Esqueceu? Foi isso que você me escreveu um dia. – Sua voz é um misto de agressividade e resignação. Ela desvia os olhos como se estivesse arrependida do que disse. – Você tinha razão.

– Não. Eu estava errado.

Ele estende a mão para ela. No antebraço, do mesmo formato e cor de um beijo de batom, há a marca de uma mordida.

Patrick só tinha uma bala. Matar Chase não adiantaria nada. O corpo do presidente iria desabar. Um minuto depois, atraídos pelo tiro, soldados iriam aparecer, cercá-lo, derrubá-lo no chão e algemar seus braços e suas pernas, transportá-lo para fora do perímetro como um assassino.

Por isso, ele ergueu a pistola e deu um tiro no pé de Chase. A bala perfurou o couro da bota e o sangue brotou na mesma hora. Chase arregalou os olhos e uivou, caiu para trás e segurou o pé.

– Não acredito que você fez isso – falou, inspirando entre cada palavra. – Não acredito que você foi capaz de fazer isso.

Seu corpo inteiro começou a tremer. Chase levou as mãos ao rosto e encarou Patrick por entre os dedos. Quando as afastou, foi como se tivesse tirado uma máscara: a cara desfigurada, a boca ensanguentada e com um número exagerado de dentes. Ele pareceu não dar importância ao pé baleado, rolando para a frente e se agachando. E então pulou em cima de Patrick.

Seus corpos se transformaram em uma confusão de pernas e braços e Patrick perdeu a noção de espaço. A mochila pressionava suas costas. De algum jeito, conseguiu desferir um soco no pescoço de Chase. O presidente tossiu, engasgou e perdeu o controle, permitindo que Patrick lhe desse um chute no saco. Seu corpo ficou flácido e Patrick o empurrou para longe e se afastou, engatinhando para trás a tempo de ouvir vozes e passos ribombarem pela floresta.

Viu a árvore podre e rastejou até a entrada escura. Com a mochila, mal cabia lá

dentro e se espremeu para cima sem ligar para as aranhas ou morcegos que talvez morassem ali, querendo apenas desaparecer.

Não sabe muito bem o que aconteceu depois disso. Ouviu os soldados gritarem e Chase rosnar em resposta. Escutou um único tiro seguido por um berro de dor que se transformou em ganido. Ouviu Chase se debater enquanto eles algemavam seus pulsos e tornozelos. Escutou o helicóptero pairar no céu e as árvores gemerem e despejarem pinhas.

Então, não ouviu mais nada. Esperou um bom tempo até se sentir seguro e saiu da árvore. Exceto por algumas gotas de sangue, nada parecia ter acontecido.

Tirou a mochila das costas e a vasculhou. Queria ter certeza de que ainda estava com a vacina, de que a ampola não tinha se quebrado e transformado o fundo em uma pasta de vidro e pó. Sua mão se fechou em volta da ampola – intacta –, mas, ao retirá-la do gorro, não sentiu qualquer tipo de alívio.

Estava distraído demais pela visão do próprio antebraço. Da marca de dentes na pele. Fora mordido. Ficou fitando aquilo por uns minutos.

Agora seu braço está esticado em direção a Claire e ela estende a mão para tocar a ferida com a ponta dos dedos, que ficam pegajosos de sangue.

Seu corpo inteiro está inclinado na direção dela. É como se estivesse pedindo uma bênção. Ela o encara. Patrick espera Claire dizer algo, mas ela simplesmente leva a boca até a ferida e a beija com ternura.

Ele diz que tem mais uma coisa para lhe mostrar e a expressão dela endurece, sentindo escapar a possibilidade de um final feliz.

Claire não faz nenhuma pergunta, não tem energia para nada a não ser segui-lo. Eles descem a encosta até entrar no zoológico, passam pelos animais mortos em suas jaulas, pelo cadáver do Homem Alto e chegam ao mapa colorido e coberto de trepadeiras. Patrick indica as instalações veterinárias e diz “Aqui”. Alguns minutos depois, chuta a porta e começa a abrir armários até encontrar o que procura: duas seringas e um frasco de diluente com a etiqueta ÁGUA DESTILADA.

Abre a mochila, pega a ampola prateada e a põe sobre a bancada entre eles dois como se fosse um desafio, uma bala, como se aquilo fosse uma roleta-russa. Bem devagar, Claire estende a mão e vira a ampola até conseguir ler a etiqueta.

– Era por isso que você estava aqui? Na Terra Fantasma?

– Sim.

– E foi isso que veio buscar? Uma vacina?

A mão de Claire se demora sobre a ampola e ela luta contra os desejos conflitantes de jogá-la na parede e engoli-la inteira.

– Acho que foi isso que vim buscar. E acabei encontrando não só isso. – Sua mão se junta à dela, ocultando a ampola, e ela sente um alívio passageiro. – Você sabe

como é ter algo incontrolável dentro de si.

– Sim, sei, de diversas formas.

– Aqui está sua chance de pôr um fim a isso.

Claire pensa durante um longo tempo, hesitante, então se lembra de uma coisa engraçada que o pai lhe disse muito tempo atrás, sobre como até mesmo os melhores casamentos são consequência de ignorar aquilo que se detesta e se concentrar naquilo que se ama. Ele falou isso logo antes de abraçar a esposa e sentir seu perfume. Era uma brincadeira e, ao mesmo tempo, não era. E agora, quando Claire olha para seu interior, além do cansaço, além da tentação e da conveniência de ser totalmente humana, entende quem é de fato e percebe que não pode trair esse casamento.

Desliza a ampola na direção de Patrick.

– Quero que você tome.

A mão dele empurra na direção contrária, mas Claire resiste e ele não insiste.

– Tem o suficiente para nós dois.

– Eu quero que *você* tome.

– Pensa em como tudo seria mais fácil. Você quer mesmo ficar do lado dessa gente?

– Eu mal reconheço essa gente. Mas sei quem sou.

Patrick demora bastante a aquiescer. Então, ela o ajuda a misturar o pó com os diluentes e a reconstituir a vacina, a dosar a seringa e a encontrar a veia. Limpa o sangue que brota da parte interna de seu cotovelo. E torna a beijá-lo, dessa vez na boca.

EPÍLOGO



Ele é um homem pequeno. Talvez por isso ninguém pareça reparar nele. Está usando óculos de proteção, um macacão branco com o logo da General Mills no peito e um boné da mesma cor que quase esconde seus cabelos fosforescentes. Segura uma prancheta e uma caneta e caminha por uma passarela de aço com corrimão de corrente, em uma indústria próxima a Des Moines. Ladeando aquele caminho, esteiras rolantes grunhem, pilões socam e fornos processam o milho até transformá-lo em flocos, farinha, polenta e fubá, que serão expedidos para outras fábricas.

Um pó amarelo enche o ar. Ventiladores de pás largas embutidos nas paredes sopram-no para o lado de fora. O rugido das pás, o estalo do milho e os ruídos metálicos das máquinas tornam quase impossível escutar qualquer coisa. O barulho não o incomoda. Ele se sente perfeitamente em casa ali, o que é natural, pois aquele é o vigésimo estabelecimento que visita nesse mês – fábricas de moagem seca ou úmida –, sob o falso pretexto de conduzir um controle de qualidade. A seu lado, uma cascata aparentemente interminável de grãos de milho desce chiando por um funil.

Apesar de lhe faltarem dois dedos na mão, ele não tem qualquer dificuldade para abrir o zíper de um compartimento especial embutido na manga do macacão, de onde cai um pó branco e flocado. Primeiro um braço, depois o outro. Como se estivesse se desmanchando em cinzas ou executando algum rito fúnebre. Consegue armazenar uma quantidade surpreendente em cada manga, o equivalente a 4 litros de semente. É assim que ele gosta de chamar aquilo: semente. Os restos processados dos infectados. Balor e Magog morreram, mas a missão, não: Puck havia partido semanas antes com uma picape cheia de sacos plásticos que eles lhe prepararam.

Quando as últimas sementes caem de suas mangas, ele limpa as mãos.

Conforme explicam as pesquisas amplamente lidas de Neal Desai, os príons são bastante resistentes a métodos de desativação-padrão, inclusive a fervura, irradiação, calor seco e tratamento químico. No melhor dos casos, os príons reduzem seu potencial infeccioso, mas permanecem vivos, só esperando para invadir um novo organismo e dominá-lo. São necessárias quatro horas e meia para matar o agente a uma temperatura de 132 graus – e mesmo assim ele precisa ser banhado com hidrócloro e hipoclorito. Em comparação com isso, as fábricas de moagem seca são como uma cabine de bronzeamento. A partir dali, o agente será transformado em todo tipo de coisa: pasta de dentes, iogurte, suco, cereal, batata chips, cream cracker, cerveja, carne, pão...

Puck sai da fábrica e o subgerente, homem de corpo atarracado e quadradão, vem atrás dele no estacionamento. O céu está roxo, quase preto. O licano destranca sua picape, tira o boné e o joga dentro da cabine. O homem pergunta se tudo parecia em ordem.

– Estava tudo ótimo – responde Puck, enquanto ajeita os cabelos fitando o retrovisor. – Uma maravilha.

– O senhor vai me mandar um relatório?

Puck entra na cabine, dá a partida e diz por sobre o barulho do motor:

– O senhor vai ter notícias minhas.

E vai, mesmo. Todos vão. Uma noite dessas, provavelmente quando a lua estiver cheia, eles irão desligar as televisões, pousar os garfos ou parar de transar um instante, inclinar a cabeça intrigados, andar até a janela para olhar os próprios reflexos deformados e se perguntar o motivo dos uivos que cada vez mais enchem a noite.

AGRADECIMENTOS

Obrigado a Katherine Fausset, Holly Frederick e toda a excelente equipe da Curtis Brown, Ltd.

À Equipe Lobisomem: Helen Atsma, Kirsten Reach, Oliver Johnson e todos os poderosos da Hachette, por sua potência editorial e de marketing.

A Lyric Bartholomay, Cory O'Neel, Jason Ryan Arment, Julie Babbit, Chris Herring, Michael Kimber, Peter Percy e Elizabeth Whitley, pela ajuda com as intensas pesquisas necessárias a este livro.

A Tyler Cabot, Rob Spillman, Kevin Larimer, Donovan Hohn e Radhika Jones, pelo apoio. A Dean Bakopoulos, pela amizade. A Peter Straub e John Irving, pela sabedoria e pelo incentivo.

A meus colegas e alunos de St. Olaf College, Pacific University e Iowa State University.

À agência americana de fomento National Endowment for the Arts.

E um obrigado especial a minha família e, sobretudo, a minha mulher: seu entusiasmo e sua tolerância e parceria não têm preço. Por você eu lançaria a própria lua, Chefe.



BENJAMIN PERCY é autor de duas coletâneas de contos, *The Language of Elk* e *Refresh, Refresh*, e do romance *The Wilding*, os dois últimos em fase de adaptação para o cinema. Ganhou os prêmios Whiting Writers, Pushcart e George Plimpton, além de uma bolsa da National Endowment for the Arts. Seus textos já foram publicados no *The Wall Street Journal* e nas revistas *Time*, *Esquire*, *GQ*, *Men's Journal* e *Outside*. Os direitos de *Lua vermelha* foram vendidos para dez países. Atualmente, Percy mora em Minnesota com a família.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim,
Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios,
Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo;
A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes e
Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

PARTE I

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

[CAPÍTULO 31](#)

[PARTE II](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)

[CAPÍTULO 50](#)

[CAPÍTULO 51](#)

[PARTE III](#)

[CAPÍTULO 52](#)

[CAPÍTULO 53](#)

[CAPÍTULO 54](#)

[CAPÍTULO 55](#)

[CAPÍTULO 56](#)

[CAPÍTULO 57](#)

[CAPÍTULO 58](#)

[CAPÍTULO 59](#)

[CAPÍTULO 60](#)

[CAPÍTULO 61](#)

[CAPÍTULO 62](#)

[CAPÍTULO 63](#)

[CAPÍTULO 64](#)

[CAPÍTULO 65](#)

[CAPÍTULO 66](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)